



DAVID
BALDACCI



A

VERDADE



PURA E SIMPLES





David Baldacci

A Verdade Pura e Simples
The Simple Truth

Tradução Ana Deiró

Editora Rocco

2000

Título original: *The Simple Truth*

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

Qualquer semelhança com acontecimentos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © 1998 por Columbus Rose Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Deiró

preparo de originais: Mônica Martins Figueiredo

revisão: Rogério Silva Maia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B145v

Baldacci, David

A Verdade Pura e Simples [recurso eletrônico]

/ David Baldacci [tradução de Ana Deiró] - Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Tradução de: The Simple Truth

ISBN 85-325-1094-9

1. Ficção norte-americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ana Deiró.

II. Título.

99-1645

CDD-813

CDU - 820(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Rocco Ltda.

Av. Pres. Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 Fax: (21) 3525-2001

e-mail: rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Para Michelle:

*A pura verdade é que minha vida não funciona sem
você.*

*Este livro é também carinhosamente dedicado à lembrança de
Brenda Gayle Jennings, uma criança especial.*

Sumário

Capa
Rosto
Ficha Técnica
Dedicatória
Agradecimentos
Epígrafe
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62

AGRADECIMENTOS

Para Jennifer Steinberg, mais uma vez pela magnífica pesquisa.

Para Lou Saccoccio, por sua assistência em questões de direito militar.

Para Lee Calligaro, cujas histórias sobre sua atuação como advogado auditor da Justiça Militar durante a Guerra do Vietnã me fascinaram, e que, além disso, é o mais admirável advogado criminal que já conheci.

Para Steve Jennings, por seus astutos comentários editoriais.

Para a família Warner Books - Larry, Maureen, Mel, Emi, Tina, Heather, Jackie J. e Jackie M. e todo o resto de um grupo, inacreditavelmente dedicado, de pessoas fantásticas, que tornam minha vida tão mais rica.

Para minha mãe, pelos detalhes mais requintados do sudoeste da Virgínia, que ela conhece tão bem.

Para Karen Spiegel, que trabalhou comigo um bocado de tempo nesta história.

Para o advogado Ed Vaughan, por ter-me ensinado algumas das particularidades da lei e da prática da advocacia na Virgínia.

Para aquelas outras fontes, pela ajuda no esclarecimento sobre aquele lugar fascinante, a Suprema Corte dos Estados Unidos.

Para meu amigo e agente, Aaron Priest, que me ofereceu, como sempre, muitos bons conselhos enquanto eu trabalhava neste livro.

Para Frances Jalet-Miller, por dedicar tanto tempo, esforço e energia ao me ajudar a perceber todo o potencial desta obra. Não a teria concluído sem sua ajuda.

A verdade raramente é pura e nunca é simples.

— *Oscar Wilde.*

1

NESSA PRISÃO AS PORTAS TÊM CENTÍMETROS de espessura, são de aço; outrora lisas como saíram da fábrica, elas agora ostentam múltiplas mossas. Marcas de rostos, joelhos, cotovelos, dentes humanos, resíduos de sangue são coletados em quantidades em suas superfícies cinzentas. Hieróglifos de prisão: dor, medo, morte — todos permanentemente registrados aqui, pelo menos até que uma outra chapa de metal chegue. As portas têm uma abertura quadrada na altura dos olhos. Os guardas espiam através dela, usam o pequeno espaço para lançar luzes fortes sobre o gado humano durante suas rondas. Sem aviso, cassetetes batem com violência no metal e provocam o ruído de armas disparando. Os veteranos suportam isso bem, olhando para o chão, observando coisa nenhuma — que significa sua vida —, um ato sutil de desafio, ainda que ninguém repare ou se importe. Os novatos ainda ficam tensos quando o barulho ou a luz chegam; alguns urinam nas calças de algodão e ficam observando o mijo escorrendo sobre os sapatos pretos vagabundos. Logo superam isso, batem de volta na porta, lutam contra o impulso infantil de derramar lágrimas e o gosto amargo de bile. Se querem sobreviver.

À noite, as celas da prisão encerram a escuridão de uma caverna exceto pelas formas estranhas aqui e ali. Nesta noite, uma tempestade com raios e trovões domina a área. Quando um raio despenca riscando o céu, derrama iluminação nas celas através das pequenas janelas de fibra de vidro. A cada explosão o padrão de colmeia das grades de arame bem esticadas sobre a fibra de vidro é reproduzido na parede defronte.

Durante a passagem de um desses clarões de luz, o rosto de um homem emerge da escuridão como se de repente tivesse aberto a superfície de água. Ao contrário dos outros, nas outras celas, ele está sentado sozinho, pensa sozinho, não vê ninguém aqui. Os outros prisioneiros têm medo dele; os guardas também, mesmo armados como estão, pois este é um homem de proporções intimidantes. Quando ele passa pelos outros condenados, homens endurecidos, violentos por direito próprio, eles rapidamente desviam o olhar.

O nome dele é Rufus Harms e sua reputação na Prisão Militar de Fort Jackson é a de um destruidor: ele esmigalha você se o atacar. Ele nunca dá o primeiro passo, mas dará o último. Vinte e cinco anos de prisão deixaram marcas consideráveis no homem. Como os anéis que marcam a idade numa árvore, os sulcos de cicatrizes na pele de Harms, as fraturas de ossos malcuidadas em seu esqueleto são uma crônica do tempo que passou aqui. Contudo, existe dano muito pior no interior dos tecidos macios de seu cérebro, no interior dos centros de sua humanidade: memória, pensamento, amor, ódio, medo, todos maculados, todos voltados contra si mesmo. Mas principalmente a memória, um tumor humilhante de ferro contra a ponta de sua coluna.

No entanto ainda existe força substancial na estrutura maciça; é evidente nos longos braços musculosos, na densidade dos ombros de Harms. Mesmo a cinta larga de seu tórax carrega a promessa de força excepcional. Mas Harms ainda é um carvalho querenado, derrubado quando crescia, alguns galhos mortos ou morrendo, além da cura de uma poda, as raízes arrancadas de um lado. Ele é a personificação do gigante bobalhão: um homem delicado, respeitoso com os outros, fiel a seu Deus, irreversivelmente escalado para o papel de assassino impiedoso. Por causa disso, os guardas e os outros presos o deixam em paz. E ele está contente com isso. Até este dia. O que seu irmão trouxe para ele? Um saco de ouro, um rasgo de esperança. Uma maneira de sair daquele lugar.

Um outro clarão de luz mostra seus olhos marejados de vermelho-escuro, como se sangrassem, até que se veem as lágrimas que mancham o rosto escuro e pesado. À medida que a luz desaparece, ele alisa o pedaço de papel, tomando cuidado para não fazer nenhum ruído, como convite para os guardas virem farejar. Agora, as luzes foram apagadas há muitas horas e ele não pode mudar isto. Como tem sido há um quarto de século, sua escuridão só terminará com o amanhecer. A ausência da luz tem pouca importância, contudo. Harms já leu a carta, absorveu cada palavra. Cada sílaba o corta como a lâmina rápida de um canivete. A insígnia do Exército dos Estados Unidos aparece em relevo no alto do papel. Ele conhece bem o símbolo. O Exército tem sido seu empregador, seu carcereiro há quase trinta anos.

O Exército estava pedindo informações de Rufus Harms, um soldado fracassado e esquecido da era do Vietnã. Informações detalhadas. Informações que Harms não teria nenhum meio de dar. O dedo navegando na direção certa, mesmo sem luz, Harms tocou o lugar na carta que, inicialmente, despertou fragmentos de memória que haviam estado vagando dentro dele durante todos aqueles anos. Essas partículas tinham gerado a incapacitação de infindáveis pesadelos, mas o núcleo sempre parecera estar além de sua compreensão. Depois da primeira leitura da carta, Harms havia baixado a cabeça, encostando-a no papel, como se tentando revelar para si mesmo os significados ocultos das pequeninas letras datilografadas, a fim de resolver o maior mistério de sua vida mortal. Nessa noite, aqueles fragmentos retorcidos, de repente, tinham se aglutinado transformando-se em firme lembrança, na verdade. Finalmente.

Até ler a carta do Exército, Harms tinha apenas duas lembranças distintas daquela noite, há vinte e cinco anos: a garotinha e a chuva. Fora uma tempestade violenta, muito semelhante à daquela noite. As feições da menina eram delicadas, o nariz apenas

um botão de cartilagem, o rosto ainda sem marcas de sol, idade ou preocupação; os fixos olhos azuis e inocentes, as ambições de uma vida longa pela frente ainda se formando no interior de sua profundidade simples. A pele dela era branca como açúcar e imaculada, exceto pelas marcas vermelhas que esmagavam um pescoço frágil, como uma haste de flor. As marcas tinham sido causadas pelas mãos do soldado Rufus Harms, as mesmas mãos que agora agarravam a carta, enquanto sua mente inclinava-se aproximando-se perigosamente daquela imagem, mais uma vez.

Sempre que pensava na menina morta, ele chorava, tinha de chorar, não conseguia controlar, mas o fazia silenciosamente, por bons motivos. Os guardas e presos eram aves de rapina, tubarões, farejavam sangue, fraqueza, o espaço para um golpe a quilômetros de distância; eles o viam num movimento de seus olhos, nos poros mais abertos de sua pele, até no fedor de seu suor. Aqui, cada sentido estava exacerbado. Aqui, ser forte, rápido, duro e ágil significava a vida. Ou não.

Ele estava ajoelhado junto dela quando os policiais os encontraram. O vestido fino colava-se ao corpo diminuto, que havia se afundado na terra saturada, como se ela tivesse sido jogada de uma grande altura para formar a mais rasa das sepulturas. Harms tinha levantado a cabeça para olhar para os policiais uma vez, mas sua mente não registrara nada além de uma confusão de silhuetas escuras. Ele nunca tinha sentido tamanha fúria em sua vida, mesmo quando a náusea se apoderara dele, seus olhos perdendo o foco, os batimentos de seu pulso, a respiração, a pressão sanguínea, todos se acelerando. Tinha agarrado a cabeça como se para impedir o cérebro latejante de irromper e rachar-se através dos ossos do crânio, através da pele e dos cabelos, e explodir no ar encharcado.

Quando olhara para baixo novamente, para a menina morta, e, então, para o par de mãos trêmulas que tinham acabado com a vida dela, a raiva se esvaziara, desaparecendo do corpo, como se alguém

tivesse arrancado uma tampa cravada em seu íntimo. As funções de seu corpo abandonando-o estranhamente, Harms conseguiu apenas permanecer ajoelhado, molhado e tremendo, os joelhos enterrados, fundo, na lama. Um grande chefe negro presidindo o sacrifício de uma pequenina cara pálida foi como uma testemunha atordoada o descreveria mais tarde.

No dia seguinte, ele viria a saber o nome da garotinha: Ruth Ann Mosley, dez anos de idade, de Columbia, na Carolina do Sul. Ela e a família tinham estado visitando o irmão dela, que estava aquartelado na base. Naquela noite Harms percebera apenas que Ruth Ann Mosley era um cadáver, pequeno — minúsculo, de fato — comparado com a imensidão de seu corpo de um metro e noventa e seis de altura, cento e trinta e seis quilos. A imagem borrada da coronha do rifle, que um dos policiais bateu violentamente contra seu crânio, representou apenas a última rachadura mental que Harms guardou daquela noite. A pancada o derrubara no chão bem ao lado dela. O rosto sem vida da menina virado para cima, acumulando gotas de chuva em cada fenda imóvel. O rosto afundado na lama, Harms não viu mais nada. Não se lembrou de mais nada.

Até hoje à noite. Ele encheu os pulmões com o ar saturado de chuva e olhou fixo pela janela entreaberta. Ele era repentinamente aquela fera ainda rara: um homem inocente na prisão.

Havia se convencido ao longo dos anos de que aquele mal estivera emboscado, como um câncer em seu íntimo. Ele até pensara em suicídio, para se penitenciar por ter roubado a vida de outrem, mais lamentavelmente ainda, a de uma criança. Mas era profundamente religioso e não um recém-convertido ao Senhor pela prisão. Portanto, não podia cometer o pecado de prematuramente induzir à força sua última exalação. Também sabia que a morte da menina o condenaria a uma vida posterior mil vezes pior do que a que estava suportando agora. Não estava disposto a apressar-se para

entregar-se a ela. Melhor aquele lugar, aquela prisão feita por homens, por enquanto.

Agora compreendia que sua decisão de viver tinha sido certa. Deus soubera, o mantivera vivo para este momento. Com uma clareza atordoante, ele se recordou dos homens que tinham vindo apanhá-lo naquela noite na prisão. Sua mente mais uma vez claramente continha cada rosto retorcido, as divisas nos uniformes que alguns deles vestiam — seus companheiros de armas. Lembrou-se da maneira como o cercaram, lobos em volta da presa, ousados apenas por serem em maior número; o ódio revelador de suas palavras. O que tinham feito naquela noite fora a causa que levava Ruth Ann Mosley a morrer. E, num sentido muito real, Harms também havia morrido.

Para aqueles homens, Harms era um soldado saudável que nunca havia lutado para defender seu país. Qualquer coisa que recebesse, merecia, eles sem dúvida acreditavam. Agora ele era um homem de meia-idade, morrendo lentamente numa jaula como punição por um crime de origem muito antiga. Ele não tinha nenhum poder para tomar providências para que qualquer arremedo de justiça fosse feito em seu benefício. E, no entanto, a despeito de tudo isso, Rufus Harms olhou fixo para a escuridão familiar de sua cripta, uma única paixão dando-lhe poderes: depois de vinte e cinco anos de terrível e despedaçadora culpa que o atormentara até que mal estivesse de posse de uma vida arruinada, sabia que agora seria a vez deles de sofrer. Ele agarrou a Bíblia velha, muito usada, que sua mãe lhe dera, e prometeu isso ao Deus que havia escolhido nunca abandoná-lo.

2

AS ESCADARIAS QUE LEVAVAM AO TRIBUNAL da Suprema Corte dos Estados Unidos eram amplas e pareciam infundáveis. Subi-las era um esforço semelhante a arrastar-se pelo Monte Olimpo para solicitar uma audiência com Zeus, coisa que num sentido verdadeiro era o que se estava fazendo. Entalhadas acima da porta de entrada principal estavam as palavras IGUALDADE DE JUSTIÇA DE ACORDO COM A LEI. As palavras não tinham saído de nenhum documento significativo ou decisão de tribunal, mas eram de Cass Gilbert, o arquiteto que projetara e construía o prédio do tribunal. Era uma questão de espaçamento: as palavras cabiam perfeitamente na área projetada por Gilbert para uma frase memorável relacionada ao direito.

O prédio majestoso erguia-se quatro andares acima do nível do chão. Ironicamente, o Congresso havia destinado fundos para construí-lo em 1929, o mesmo ano em que a bolsa de valores quebrou e ajudou a provocar a Grande Depressão. Quase um terço dos nove milhões de dólares de custos do prédio tinha sido gasto na compra de mármore. No exterior havia *Pure Vermont*, trazido por um exército de caminhões de frete; rochas cristalizadas da Geórgia revestiam as quatro cortes interiores; e a pedra leitosa do Alabama cobria a maior parte dos assoalhos e das paredes internas, exceto o grande salão. No chão ostentava um mármore italiano mais escuro, com pedra africana em outras partes. As colunas de pedra do grande salão tinham sido esculpidas em blocos de mármore italiano, extraídos da jazida de Montarrenti, e trazidos de navio para Knoxville, no Tennessee. Lá, homens comuns tinham transformado os blocos em formas de nove metros para ajudar a sustentar o prédio que tinha sido a residência profissional de nove homens desde 1935

e, desde 1981, de pelo menos uma mulher, todos pessoas de feitos extraordinários. Seus admiradores afirmavam que o prédio era um belo exemplo do estilo coríntio, da arquitetura grega. Seus detratores o depreciavam como um palácio feito para os prazeres insanos de reis, em vez de um lugar para a administração racional da justiça.

E, no entanto, desde os tempos de John Marshall, a Corte havia sido a defensora e a intérprete da Constituição. Ela podia declarar inconstitucional um ato do Congresso. Aquelas nove pessoas podiam forçar um presidente em exercício a entregar fitas gravadas e documentos que finalmente levariam à sua renúncia e desgraça. Criado juntamente com a autoridade legislativa do Congresso e com o poder executivo da presidência pelos Pais Fundadores, o judiciário americano, encabeçado pela Suprema Corte, era um poder com forças iguais aos outros no governo americano. E ele governava, à medida que a Suprema Corte dobrava e dava forma à vontade do povo americano por intermédio de suas decisões em uma variedade de questões significativas.

∞

O homem idoso andando pelo grande salão dava continuidade a essa honrada tradição. Era alto e magro, com olhos castanhos que não precisavam de óculos, sua visão ainda era excelente mesmo depois de décadas lendo letras pequeninas. Tinha perdido quase todos os cabelos; os ombros haviam se estreitado e se curvado com o passar dos anos e ele mancava ligeiramente. Apesar disso, o juiz-presidente Harold Ramsey tinha uma aura de energia nervosa e um intelecto sem par, que mais do que compensava qualquer deficiência física. Mesmo o som de seus passos parecia ter um propósito especial.

Ele era o jurista de mais alta posição hierárquica no país e aquela era a sua Corte, seu prédio. A Corte de Ramsey, como a

mídia há muito tempo a batizara, como fora a Corte de Warren e seus outros predecessores — seu legado para todos os tempos. Ramsey controlava seu tribunal com rédeas curtas e rigor, conseguindo obter uma maioria consistente que agora já se mantinha havia dez anos. Ele adorava as negociações e as tramas que se desenrolavam nos bastidores da Corte. Uma palavra cuidadosamente colocada ou um parágrafo aqui ou ali, fazer uma pequena concessão para ter o favor retribuído mais adiante. Esperava pacientemente para que exatamente o caso certo aparecesse para servir como veículo de mudança, às vezes de maneiras inesperadas por seus colegas. Selecionar e reunir os cinco votos necessários para obter maioria era uma obsessão absoluta para Ramsey.

Ele viera para a Corte como juiz-auxiliar e então fora elevado ao escalão mais alto, havia uma década. Meramente o primeiro entre iguais, em teoria, mas algo mais que isso, na realidade. Ramsey era um homem de intensas crenças e filosofias pessoais. Felizmente, para ele, havia sido indicado para a Corte quando o processo de seleção ainda não tinha nada da sofisticação política dos dias de hoje. Não houvera quaisquer perguntas incômodas sobre as posições de um candidato sobre questões legais específicas, como o aborto, a pena de morte e ação afirmativa, indagações que agora entravavam o processo altamente politizado de tornar-se um juiz da Suprema Corte. Naquela época, se o presidente o indicasse, se você possuísse o pedigree jurídico necessário e se não houvesse esqueletos particularmente escandalosos escondidos à espera, você era nomeado.

O Senado havia confirmado Ramsey por unanimidade. Na verdade, não tivera escolha. Sua formação, educacional e jurídica, era de primeira classe. Múltiplos diplomas, todos de escolas Ivy League e primeiro da turma em todas elas. Em seguida houvera um breve período que lhe valera um prêmio como professor de direito,

com teorias originais e abrangentes a respeito da direção que as leis e, por extensão, a humanidade deveriam seguir. Então ele fora indicado para o juízo de apelação federal, rapidamente tornando-se o juiz-presidente de sua circunscrição. Durante seu mandato no juízo de apelação, a Suprema Corte jamais revertera um de seus votos judiciais aprovados por maioria. Ao longo dos anos ele havia construído a rede certa de contatos, feito todas as coisas necessárias em busca da posição que agora detinha tão ferozmente quanto podia.

Ele merecera o cargo. Nada jamais lhe fora dado. Aquela era outra de suas firmes crenças. Se você trabalhasse com afinco, teria sucesso na América. Ninguém tinha o direito a concessões, nem os pobres, nem os ricos, nem a classe média. Os Estados Unidos eram a terra da oportunidade, mas você tinha de trabalhar para obtê-la, suar por ela, sacrificar-se para fazer jus a sua generosidade. Ramsey não tinha paciência com as desculpas das pessoas por não progredirem. Ele nascera numa pobreza abismal e tivera um pai bêbado e violento. Ramsey não havia encontrado refúgio com a mãe; o pai tinha destruído quaisquer instintos maternos que ela pudesse ter tido. Não fora um começo de vida promissor, e vejam onde estava agora. Se ele tinha podido sobreviver e florescer sob estas circunstâncias, os outros também podiam. E se não o fizessem era culpa deles e não queria ouvir outras opiniões.

Deixou escapar um suspiro de contentamento. Mais um período de sessão da Corte havia acabado de começar. As coisas estavam andando bem. Mas havia um impedimento. Uma corrente só tinha a força de seu elo mais fraco. E ele tinha um desses. Sua Waterloo em potencial. As coisas podiam estar correndo bem, agora, mas como estariam daqui a cinco anos? Era melhor lidar com esse tipo de problemas logo no início, antes que saíssem de controle.

Sabia que estava perto de encontrar um adversário à altura com Elizabeth Knight. Era tão esperta quanto ele, e igualmente dura,

talvez. Soubera disso no dia em que a nomeação dela fora aprovada. Uma mulher de sangue novo num tribunal só de homens velhos. Estivera marcando-a bem de perto desde o primeiro dia. Costumava designá-la para dar pareceres quando achava que ela estava em cima do muro, com a esperança de que a responsabilidade de ter de escrever uma minuta, que traria um voto majoritário, a pusesse firmemente em seu campo. Havia tentado colocá-la sob sua proteção, guiá-la através dos meandros do funcionamento do tribunal. Contudo, ela havia demonstrado uma tendência muito determinada para ser independente. Ele observara os outros juízes-presidentes se tornando complacentes, baixando a guarda, diante do resultado de que a liderança deles fora usurpada por outros mais diligentes. Ramsey estava determinado a nunca fazer parte daquele grupo.

∞

— Murphy está preocupado com o caso Chance — disse Michael Fiske para Sara Evans. Estavam no escritório dela, no segundo andar do prédio do tribunal. Michael tinha um metro e oitenta e cinco, e era bonito, com o corpo graciosamente bem-proporcionado do atleta que fora outrora. A maioria dos assistentes jurídicos cumpria um período de um ano na Suprema Corte antes de seguir adiante para cargos prestigiosos em escritórios particulares, no funcionalismo público ou na academia. Michael estava iniciando um terceiro ano, quase que sem precedentes ali, como assistente jurídico chefe do juiz Thomas Murphy, o lendário liberal da Suprema Corte.

Michael era o possuidor de uma mente realmente espantosa. Seu cérebro funcionava como uma máquina de separar dinheiro: dados eram despejados em sua cabeça e rapidamente separados, e enviados para o lugar apropriado. Ele conseguia montar

mentalmente dúzias de complexos cenários fatuais, testando cada um deles, para ver que impacto isso produziria nos outros. Na Corte, ele trabalhava alegremente em casos de importância nacional, rodeado por sabres mentais do mesmo quilate que o seu. E Michael havia descoberto que, mesmo no contexto de rigoroso discurso intelectual, havia uma hora e uma oportunidade para alguma coisa mais profunda que as palavras rigorosas de uma lei promulgada. Ele realmente não queria deixar a Suprema Corte. O mundo exterior não tinha nenhum atrativo para ele.

Sara parecia preocupada. No último período de funcionamento da Corte, Murphy havia votado a favor de julgar o caso Chance. A sustentação verbal estava marcada, o memorando do tribunal sendo preparado. Sara tinha vinte e poucos anos, em torno de vinte e cinco, era esguia, mas seu corpo possuía curvas sutis. O rosto tinha um contorno bonito, os olhos grandes e azuis. Seu cabelo era espesso e castanho-claro — ainda ficava alourado no verão — e parecia sempre ter um perfume fresco e agradável. Ela era a assistente jurídica chefe da juíza Elizabeth Knight.

— Não compreendo. Pensei que ele estivesse nos apoiando nesse caso. É bem do tipo que é a especialidade dele. Um pequeno indivíduo lutando contra uma grande burocracia.

— Ele também é um forte defensor de manter um precedente.

— Mesmo se estiver errado?

— Você está pregando para o coro da igreja, Sara, mas achei que devia avisá-la. Knight não vai conseguir cinco votos sem ele, você sabe disso. Mesmo com ele, pode ser que não consiga.

— Bem, o que ele quer?

E era assim que as coisas se passavam a maior parte do tempo. A famosa rede de informações dos assistentes jurídicos. Eles se esforçavam incansavelmente, debatiam e pediam votos para seus juízes como os mais descarados chefes de campanha publicitária política. Não se considerava à altura dos juízes fazer lobby,

abertamente, para obter os votos, por uma forma de redação específica num voto judicial, ou por um ângulo específico, o acréscimo ou a omissão de uma palavra, mas os assistentes jurídicos podiam. Na verdade, a maioria deles orgulhava-se muito de participar do processo. Era semelhante a uma enorme, interminável, coluna social com os interesses nacionais em jogo. Nas mãos de jovens de vinte e cinco anos, trabalhando em nada menos que seu primeiro emprego de verdade.

— Ele não discorda necessariamente da posição de Knight. Mas, se ela conseguir cinco votos numa sessão, o parecer terá de ser redigido com muita precisão. Ele não vai entregar a grana das Forças Armadas. Serviu como militar da ativa na Segunda Guerra Mundial. Tem profundo respeito por isso. Acredita que as Forças Armadas merecem uma consideração especial. Você precisa saber disso quando estiver redigindo a minuta do voto.

Ela balançou a cabeça em sinal de agradecimento. O histórico de vida dos juízes desempenhava um papel mais importante em suas tomadas de decisões do que a maioria das pessoas imaginaria.

— Obrigada. Mas primeiro Knight tem de ser indicada para dar o parecer.

— É claro que será indicada. Ramsey não está votando para derrubar Feres e Stanley, você sabe disso. Murphy provavelmente votará a favor de Chance na sessão inicial. Ele é o ministro mais antigo do tribunal, de maneira que é ele que determina quem vai ser o relator e redigir o parecer. Se ela conseguir seus cinco votos na sessão de deliberação ele dará uma oportunidade a Knight. Se ela fizer como ele quer — isto é, nada de linguagem ampla, abrangente ou genérica demais — estaremos bem.

Estados Unidos versus Chance era um dos casos mais importantes no rol das causas em julgamento naquele período de funcionamento do tribunal. Barbara Chance tinha sido soldado raso no Exército. Havia sido perseguida, assediada e induzida, à força de

ameaças, a repetidamente manter relações sexuais com vários de seus superiores homens. O caso havia sido julgado pelos canais internos do Exército e resultou no encaminhamento de um dos homens à Corte Marcial e na sua condenação à prisão. Barbara Chance, contudo, não havia se contentado com isso. Depois de deixar as Forças Armadas, havia processado o Exército pedindo uma indenização, alegando que o Exército havia permitido que aquele ambiente hostil existisse não só para ela, como para outras recrutas do sexo feminino.

Chance deixara o Exército voluntariamente e depois entrara com o processo. O caso havia passado lentamente por todos os canais jurídicos habituais, com Chance perdendo em todas as instâncias. A questão apresentava um número suficiente de áreas cinzentas na lei e finalmente acabara sendo atirada como um grande atum na porta daquele tribunal.

A lei em vigor dizia que Chance não tinha, ironicamente, nenhuma chance de vencer. As Forças Armadas eram virtualmente imunes a processos de indenização por parte de seu pessoal, qualquer que fosse a causa ou o elemento de culpa. Mas os juízes da Suprema Corte podiam mudar o que a lei dizia. E Knight e Sara Evans estavam trabalhando duro, nos bastidores, para fazer exatamente isso. O apoio de Thomas Murphy era crítico para o plano. Murphy poderia não apoiar revogar completamente a imunidade militar, claro, mas o caso Chance poderia pelo menos abrir um buraco na parede de invencibilidade do Exército.

Parecia prematuro estar discutindo a decisão de um caso que não havia sequer sido ouvido, mas, em muitos casos e para muitos dos juízes, a sustentação verbal era um anticlímax. Quando finalmente acontecia, a maioria já tinha se decidido. A fase de argumentação do processo era mais uma oportunidade para os juízes mostrarem suas posições e preocupações para os colegas, com frequência pelo uso de questões extremamente hipotéticas. Estas

eram semelhantes a táticas de intimidação mental, como se dizendo: Está vendo o que pode acontecer, Caro Irmão Juiz, se votar assim?

Michael se levantou e baixou o olhar para ela. Fora por insistência dele que Sara havia se apresentado para cumprir mais um período na Corte. Criada numa fazenda na Carolina do Norte e educada em Stanford, Sara tinha, como todos os assistentes jurídicos ali, um maravilhoso futuro profissional pela frente, depois que deixasse a Corte. Ter ocupado o posto de assistente jurídico na Suprema Corte no curriculum vitae era uma chave de ouro para entrar em praticamente qualquer lugar onde um advogado quisesse descansar a pasta. Aquilo havia afetado alguns assistentes jurídicos de maneira negativa, dando-lhes uma excessiva autoconfiança e arrogância que seus feitos reais não justificavam. Michael e Sara, contudo, tinham permanecido as mesmas pessoas que sempre haviam sido. O que era uma razão, além de sua inteligência, beleza e personalidade saudavelmente equilibradas, para que Michael lhe tivesse feito uma pergunta muito importante na semana anterior. Uma pergunta para a qual esperava receber uma resposta muito em breve. Talvez agora. Ele nunca havia sido um homem particularmente paciente.

Sara olhou para ele com expectativa.

— Você pensou a respeito de minha pergunta?

Ela imaginava que aquilo estivesse a caminho. Tinha evitado por tempo demais.

— Foi a única coisa em que consegui pensar.

— Dizem que quando demora todo esse tempo é mau sinal. —

Ele disse isto em tom de brincadeira, mas o humor era evidentemente forçado.

— Michael, eu gosto muito de você.

— Gosta? Puxa vida, outro mau sinal. — O rosto dele de repente ficou quente.

Ela sacudiu a cabeça.

— Sinto muito.

Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente nem a metade do que eu lamento. Nunca tinha pedido ninguém em casamento antes.

— Você também é o meu primeiro. E não posso lhe dizer o quanto fiquei lisonjeada. Você tem tudo.

— Exceto uma coisa. — Michael olhou para as suas mãos que estavam um pouco trêmulas. Sua pele parecia repentinamente justa demais para seu corpo. — Respeito sua decisão. Não sou um daqueles que pensa que se pode aprender a amar alguém com o tempo. O amor existe ou não existe.

— Você encontrará outra pessoa, Michael. E esta mulher será uma mulher de muita sorte. — Sara sentia-se muito desajeitada. — Espero que isto não signifique que estou perdendo meu melhor amigo aqui na Corte.

— Provavelmente. — Ele levantou a mão quando ela começou a protestar. — Eu estava brincando. — Suspirou. — Não que isto soe egocêntrico, mas é a primeira vez que sou rejeitado para alguma coisa.

— Gostaria que minha vida tivesse sido fácil assim. — Sara sorriu.

— Não, não gostaria. Faz com que uma rejeição seja muito mais difícil de aceitar. — Michael seguiu em direção à porta. — Ainda somos amigos, Sara. Você é uma companhia superdivertida. Sou esperto demais para perder isso. E você encontrará alguém também, e ele vai ser um homem de muita sorte. — Ele não olhou para ela quando acrescentou: — Você já o encontrou, por acaso, já que estamos falando no assunto?

Ela teve um ligeiro sobressalto.

— Por que pergunta isso?

Digamos que seja meu sexto sentido. Perder fica um pouco mais fácil de aceitar se você conhece para quem perdeu.

— Não existe mais ninguém — disse ela rapidamente.

Michael não pareceu convencido.

— Falo com você mais tarde.

Sara ficou olhando fixo, depois que ele se foi, sentindo-se muito perturbada.

∞

— Lembro-me de meus primeiros anos na Corte. — Ramsey estava olhando para fora, pela janela, um sorriso se esboçando no rosto.

Ele estava sentado defronte a Elizabeth Knight, a magistrada mais nova da Corte. Elizabeth Knight tinha quarenta e poucos anos, altura média, um corpo magro e longos cabelos negros puxados para trás e presos num coque severo que não lhe caía nada bem. O rosto dela possuía finas feições cinzeladas e a pele não tinha rugas, como se nunca houvesse passado nenhum tempo ao ar livre. Knight rapidamente estabelecera a reputação de uma das inquiridoras mais participantes na sustentação oral e de uma das trabalhadoras mais dedicadas entre todos os juízes.

— Tenho certeza de que eles ainda são vívidos. — Knight se reclinou na cadeira da mesa de trabalho enquanto mentalmente verificava sua agenda de trabalho para o resto do dia.

— Foi um processo de aprendizado e tanto.

Ela o encarou. Ele agora olhava diretamente para ela, as mãos grandes entrelaçadas atrás da cabeça.

— Levei cinco anos só para compreender as coisas, realmente.

— continuou Ramsey.

Knight conseguiu não sorrir.

— Harold, está sendo demasiadamente modesto. Tenho certeza de que você já tinha entendido tudo antes de entrar por aquela porta.

— Falando sério, de fato leva tempo. E eu tinha muitos bons exemplos com quem trabalhar. Felix Abernathy, o velho Tom Parks. Respeitar a experiência dos outros não é motivo para vergonha. É um processo de doutrinação pelo qual todos passamos. Embora você certamente tenha progredido mais depressa do que a maioria — acrescentou rapidamente. — A despeito disso, aqui, a paciência é uma virtude realmente muito apreciada. Você só está aqui há três anos. Chamo este lugar de minha casa há mais de vinte. Espero que compreenda meu ponto de vista.

Knight conseguiu engolir um sorriso.

— Compreendo que esteja um pouco preocupado com a maneira como encaminhei Estados Unidos versus Chance para o rol das causas, no final do último período.

Ramsey endireitou-se, sentando-se ereto.

— Não acredite em tudo o que ouve por aqui.

— Ao contrário, descobri que a rede de informações dos assistentes jurídicos é extraordinariamente acurada.

Ramsey recostou-se mais uma vez.

— Bem, tenho de admitir que fiquei um pouco surpreendido a respeito disso. O caso não apresenta nenhuma questão de interpretação da lei que não esteja esclarecida e que exija nossa intervenção. Preciso dizer mais? — Ele jogou as mãos para o alto.

— Em sua opinião?

Um ligeiro rubor começou a surgir no rosto de Ramsey.

— Em todos os votos judiciais publicados desta Corte durante os últimos cinquenta anos. Tudo o que peço é que atribua aos precedentes da Corte o respeito que eles merecem.

— Você não encontrará ninguém que tenha mais respeito por esta instituição do que eu.

— Fico muito contente em saber.

— E ficarei encantada em ouvir melhor suas opiniões sobre o caso Chance, depois que ouvirmos a sustentação oral.

Ramsey olhou para ela secamente.

— Será uma discussão muito curta, considerando que não se leva muito tempo para dizer sim ou não. Falando francamente, no final terei pelo menos cinco votos e você não.

— Bem, eu convenci três outros juízes a votarem para julgar o caso.

Ramsey parecia que ia rir.

— Aprenderá rapidamente que a diferença entre votos para julgar um caso e votos para decidir é enorme. Fique tranquila, eu terei a maioria.

Knight sorriu agradavelmente.

— Sua confiança é inspiradora. Isto é algo com que posso aprender.

Ramsey se levantou para ir embora.

— Então reflita sobre esta outra lição: pequenos erros tendem a levar a grandes erros. Nosso cargo é vitalício e tudo o que você tem é sua reputação. Isto, quando se perde, não se recupera. — Ramsey foi até a porta. — Desejo que tenha um dia produtivo, Beth — disse antes de sair.

3

— RUFUS? — SAMUEL RIDER PRESSIONOU O FONE contra a orelha cautelosamente. — Como conseguiu me encontrar?

— Não existem muitos advogados pelas suas bandas, Samuel — respondeu Rufus Harms.

— Não estou mais no Gabinete do Comissariado das Forças Armadas.

— Trabalhar para particulares paga melhor, imagino.

— De vez em quando sinto falta do uniforme — mentiu Rider. Ele havia ficado aterrorizado ao ser convocado para servir, felizmente tinha um diploma de direito nas mãos e havia escolhido um papel seguro no Gabinete do Comissário das Forças Armadas, ou GACEA, em vez de carregar uma arma em meio às selvas do Vietnã, como um soldado alistado assustado e atarracado, um alvo certo para o fogo inimigo.

— Preciso ver você. Não quero dizer por que no telefone.

— Tudo certo por aí, em Fort Jackson? Soube que você tinha sido transferido.

— Claro. A prisão é ótima.

— Não era isso que eu queria dizer, Rufus. Estava apenas me perguntando por que você me procurou depois de todo este tempo.

— Você ainda é o meu advogado, não é? Foi a única vez em que precisei de um.

— Minha agenda anda cheia e não costumo viajar para esses lados.

A mão de Rider apertou o fone ao ouvir as palavras seguintes de Harms.

— Realmente preciso ver você amanhã, Samuel. Você não acha que me deve isso?

— Fiz tudo o que podia por você naquela época.

— Você aceitou o acordo. Rápido e fácil.

— Não — argumentou Rider. — Fizemos o acordo antes do julgamento com a autoridade responsável pela ação, e o conselheiro-presidente responsável pelo julgamento o endossou, e isto era a coisa inteligente a fazer.

— Você não tentou realmente discutir o acordo na hora da sentença. A maioria tenta fazer assim.

— Quem lhe disse?

— A gente aprende muita coisa na prisão.

— Bem, você não pode renunciar à fase da sentença. Nós apresentamos nosso caso aos oficiais membros do conselho, você sabe disso.

— Mas você não chamou nenhuma testemunha, na verdade não fez muita coisa que eu pudesse ver.

Rider agora assumiu um tom muito defensivo.

— Fiz o melhor que podia. Lembre-se de uma coisa, Rufus, eles poderiam ter executado você. Uma garotinha branca e tudo mais. Eles poderiam ter pedido assassinato em primeiro grau, me disseram isso. Pelo menos você conseguiu prisão perpétua.

— Amanhã, Samuel. Pus seu nome na minha lista de visitantes. Por volta das nove da manhã. Obrigado. Muito obrigado. Ah, traga um rádio portátil quando vier. — Antes que Rider pudesse perguntar por que deveria levar um rádio, ou mesmo por que deveria ir vê-lo, Harms havia desligado o telefone.

Rider recostou-se na cadeira confortável e olhou em volta para seu espaçoso escritório, de paredes revestidas de madeira. Ele advogava numa pequena cidade rural a alguma distância de Blacksburg, na Virgínia. Vivia muito bem: tinha uma bela casa, um Buick novo a cada três anos, tirava férias duas vezes por ano. Tinha deixado o passado para trás, especialmente o caso mais terrível de que cuidara em sua breve carreira de advogado militar. Era o tipo de

caso que exercia o mesmo efeito no estômago que leite coalhado, só que nenhuma quantidade de Pepto-Bismol era capaz de curar o enjoo.

Rider encostou a mão no rosto enquanto seus pensamentos, agora, voltavam-se para o princípio da década de 1970, um período de caos nas Forças Armadas, no país e no mundo. Todo mundo culpando todo mundo por tudo que jamais dera errado na história do universo. Rufus Harms parecera amargo no telefone, mas ele tinha matado aquela garotinha. Brutalmente. Bem na frente da família dela. Esmagado seu pescoço em poucos segundos, antes que qualquer pessoa pudesse sequer tentar impedi-lo.

A favor de Harms, Rider havia negociado um acordo antes do julgamento, mas de fato, segundo as regras da legislação militar, ele tinha o direito de tentar desfazer aquele acordo na fase da sentença. O réu receberia a punição estipulada no acordo antes do julgamento, ou uma outra, imposta pelo juiz ou pelos oficiais membros da comissão, o correspondente militar do júri, qualquer delas que implicasse uma pena de prisão menor. As palavras de Harms torturaram o advogado, contudo, pois Rider havia sido persuadido, na ocasião, a não apresentar uma real defesa durante a fase de instrução. Tinha acertado com o promotor que não chamaria quaisquer testemunhas de fora da área que pudessem atestar quanto ao caráter de Harms e assim por diante. Havia também concordado em se basear no que estava consignado no registro oficial em vez de tentar encontrar novas provas e testemunhas.

Aquilo não era exatamente agir de acordo com as regras, porque o direito de um réu de discutir o acordo, a rigor, não deveria ser objeto de renúncia nem de qualquer negociação de qualquer maneira substancial. Mas sem Rider trabalhando nos bastidores como fizera, o promotor teria pedido pena de morte e, com aqueles fatos, provavelmente teria conseguido. Pouco importava que o homicídio tivesse acontecido tão depressa que houvesse sérias

dúvidas de que tivesse havido premeditação. O corpo frio de uma criança podia descarrilar a mais lógica das análises legais.

A verdade nua era que ninguém se importava com Rufus Harms. Ele era um homem negro que tinha passado a maior parte de sua carreira no Exército trancado na prisão. O homicídio sem sentido de uma criança certamente não havia melhorado sua posição aos olhos dos militares. Um homem daqueles não merecia justiça, era o que muitos haviam sentido, a menos que fosse rápida, dolorosa e letal. E talvez Rider fosse um daqueles que haviam sentido daquela maneira. Ele não havia, portanto, praticado exatamente uma política de terra arrasada em sua defesa do homem, mas Rider tinha conseguido prisão perpétua para Rufus Harms. Aquilo era o melhor que um advogado poderia ter feito.

Então, por que motivo Rufus queria vê-lo? — perguntou a si mesmo.

4

ENQUANTO JOHN FISKE SE LEVANTAVA da mesa da defesa lançou um olhar rápido a seu oponente, Paul Williams. O jovem procurador-adjunto da Commonwealth, ou PAC, tinha acabado de apresentar, confiante, os detalhes de sua moção. Fiske sussurrou:

— Você está frito, Paulie. Dançou.

Quando Fiske virou-se para encarar o juiz Walters, sua atitude era de excitação controlada. Fiske tinha ombros largos, embora, com um metro e oitenta e dois, fosse um pouco mais baixo que seu irmão mais moço. E, ao contrário de Michael Fiske, suas feições estavam longe de ser de uma beleza clássica. Tinha bochechas rechonchudas, um queixo pontudo demais e um nariz que fora quebrado duas vezes, uma vez no colégio, praticando luta romana, a outra uma lembrança de seus dias de policial. Contudo, os cabelos negros de Fiske caíam sobre a testa de uma maneira desalinhada, que de alguma forma conseguia ser atraente e particular, e os olhos castanhos abrigavam um fulgor intenso.

— Meritíssimo, com o objetivo de não desperdiçar o tempo deste tribunal, eu gostaria de fazer uma proposta na audiência pública à Procuradoria-Geral da Commonwealth com relação à sua denúncia. Se concordarem em desistir da ação com prejuízo do autor e contribuírem com mil dólares para o fundo da Defensoria Pública, eu retiro minha contestação e não entro com pedido de sanções, e todos nós podemos ir para casa.

Paul Williams levantou-se de um salto, tão rapidamente que seus óculos caíram sobre a mesa.

— Meritíssimo, isso é um ultraje!

O juiz Walters examinou a sala cheia de seu tribunal, silenciosamente contemplou seu rol de causas, igualmente entupido, e balançou a mão cansadamente para os dois homens.

— Aproximem-se.

Junto ao cancelo, Fiske disse:

— Senhor Juiz, estou apenas tentando fazer um favor à Commonwealth.

— A Commonwealth não precisa de favores seus, Sr. Fiske — declarou Williams de má vontade.

— Ora vamos, Paulie, mil dólares e terá tempo de tomar uma cerveja antes de voltar e explicar para o seu chefe a besteira que fez. Eu até pago a cerveja.

— Nem daqui a dez mil anos você vai receber um centavo de nós — disse Williams desdenhosamente.

— Bem, Sr. Williams, esta denúncia é um pouco insólita — disse o juiz Walters. Nos júizos penais de Richmond, as denúncias eram ouvidas antes ou durante o julgamento. E não havia longas petições anexadas a elas. A triste verdade era que a maioria dos casos e das questões penais estava bem determinada. Somente num caso extraordinário, em que o juiz estivesse inseguro com relação a uma decisão em vigor, depois de ter ouvido as sustentações orais dos advogados, ele pedia petições escritas para reexaminar o caso, antes de tomar sua decisão. Portanto, o juiz Walters estava um pouco perplexo com a petição longa e não solicitada apresentada pela Commonwealth.

— Eu sei, Meritíssimo — disse Williams. — Contudo, conforme afirmei, esta é uma situação incomum.

— Incomum? — retrucou Fiske. — Experimente maluca, Paulie.

O juiz Walters interrompeu com impaciência.

— Sr. Fiske, eu já o adverti antes com relação a seu comportamento pouco ortodoxo em meu tribunal e não hesitarei em

puni-lo por desacato, se suas ações justificarem. Apresente logo sua contestação.

Williams voltou à sua cadeira e Fiske subiu para o atril.

— Meritíssimo, a despeito do fato de a denúncia de emergência da Commonwealth ter sido enviada por fax para meu escritório no meio da noite e de não ter tido tempo de preparar uma contestação adequada, creio que se o senhor se reportar a cada um dos segundos parágrafos nas páginas quatro, seis e nove do processo da Commonwealth, concluirá que os fatos nela citados, especialmente no que diz respeito aos antecedentes criminais do réu, aos depoimentos dos policiais que efetuaram a prisão e aos relatos das duas testemunhas no local do crime supostamente cometido por meu cliente, são inaceitáveis diante dos fatos registrados neste processo. Além disso, o principal precedente citado pela Commonwealth, na página dez, recentemente foi derrubado por uma decisão da Suprema Corte da Virgínia. Anexe os materiais pertinentes à minha contestação e marquei as discrepâncias para facilitar seu exame.

Enquanto o juiz Walters examinava a pasta sobre sua mesa, Fiske inclinou-se para Williams e disse:

— Está vendo o que acontece quando você escreve essa merda no meio da noite? — Fiske largou as folhas com sua contestação diante de Williams. — Uma vez que tive apenas cinco minutos para ler sua petição, achei que devia retribuir o favor. Você pode ler junto com o juiz.

Walters acabou de ler a peça processual e lançou um olhar para Williams que gelou até o observador mais desatento na sala de audiências.

— Espero que a Commonwealth tenha uma resposta apropriada para isto, Sr. Williams, embora eu não consiga ver qual possivelmente poderia ser.

Williams levantou-se da cadeira. Quando tentou falar, descobriu de repente que sua voz, junto com sua húbris, o havia abandonado.

— Bem? — disse o juiz em tom de expectativa. — Por favor diga alguma coisa ou terei de conceder o pedido do Sr. Fiske, antes mesmo de tê-lo ouvido.

Quando Fiske olhou para Williams, a expressão de seu rosto se abrandou um pouco. Você nunca sabe quando vai precisar de um favor.

— Meritíssimo, tenho certeza de que os erros factuais e jurídicos na denúncia da Commonwealth devem-se ao excesso de trabalho dos advogados em vez de qualquer coisa intencional. Eu até reduzi minha oferta de acordo para quinhentos dólares, mas gostaria de um pedido formal de desculpas por parte da Commonwealth nos autos do processo. Eu realmente precisava ter dormido na noite passada. — Aquele último comentário provocou gargalhadas no tribunal.

De repente, uma voz soou muito alta do fundo da sala de audiências.

— Juiz Walters, se me permitir interceder, a Commonwealth aceitará a oferta.

Todo mundo olhou para a fonte da declaração, um homem baixo, quase careca, corpulento, vestido num terno de sarja, o pescoço cabeludo apertado pelo colarinho engomado.

— Nós aceitaremos a oferta — disse o homem de novo, numa voz áspera mesclada com o sotaque arrastado de um nativo da Virgínia e a rouquidão de um fumante contumaz. — E apresentamos nossas desculpas ao tribunal por termos desperdiçado seu tempo precioso.

— Fico satisfeito pelo fato de o senhor ter intervindo, Sr. Graham — disse o juiz.

Bobby Graham, procuradoria-geral da Commonwealth para a cidade de Richmond, balançou a cabeça cordialmente antes de sair pelas portas duplas de vidro. Ele não tinha apresentado desculpas a Fiske; contudo o advogado de defesa decidiu não insistir. Num tribunal de justiça, raramente se conseguia tudo o que se queria.

O juiz Walters disse:

— A moção da Commonwealth está negada com prejuízo do autor. — Ele olhou para Williams. — Sr. Williams, creio que deveria ir tomar aquela cerveja com o Sr. Fiske, mas creio que deveria pagar por ela.

Enquanto a petição seguinte era anunciada, Fiske fechou a maleta e saiu da sala de audiências, Williams logo atrás dele.

— Deveria ter aceito minha primeira oferta, Paulie.

— Não vou me esquecer disso, Fiske — disse Williams furioso.

— Não esqueça.

— Ainda vamos botar Jerome Hicks na cadeia — disse com desdém. — Não pense que não.

Para Paulie Williams e para a maioria dos advogados procuradores-adjuntos da Commonwealth com quem Fiske se confrontava, Fiske sabia que seus clientes eram como inimigos pessoais para o resto da vida, que não mereciam nada além das mais duras punições. Em alguns casos, Fiske sabia, eles tinham razão. Mas não em todos.

— Sabe em que estou pensando? — perguntou Fiske a Williams. Estou pensando em como dez mil anos podem passar depressa.

Enquanto Fiske deixava a sala de audiências do terceiro andar, passou por policiais com quem tinha trabalhado quando pertencera à polícia de Richmond. Um deles sorriu, balançou a cabeça num alô, mas os outros se recusaram a olhar para ele. Para eles, Fiske era um traidor da classe, que havia trocado sua insígnia e arma por um

terno e uma maleta. Porta-voz do outro lado. Apodreça no inferno, irmão Fiske.

Fiske olhou para um grupo de jovens negros, os cabelos cortados tão rente que pareciam carecas, com as calças puxadas para baixo na virilha, as cuecas aparecendo, vestindo jaquetas bufantes de gangues, tênis volumosos sem cadarço. Seu aberto desafio ao sistema criminal de justiça era claro, eram imperiosamente mal-humorados na falta de originalidade.

Aqueles jovens se aglomeraram em volta de seu advogado, um homem branco, gorducho, por passar tempo demais no escritório, suado, vestindo um terno caro, de risca de giz, sujo nos punhos, sapatos elegantes de couro fino, os óculos de tartaruga girando um pouco enquanto martelava algum ponto importante para sua tropa. Ele bateu com o punho na carnuda palma da mão enquanto os jovens negros, com os músculos abdominais trabalhados aparecendo debaixo das camisas de seda compradas com dinheiro de drogas, ouviam atentamente, a única vez, imaginavam, em que precisariam ou se dariam ao trabalho de olhar para ele senão com desdém, ou através da mira de uma arma. Até a próxima vez em que precisassem dele. E precisariam. Dentro daquele prédio ele era mágico. Ali, Michael Jordan não poderia tocar nesse homem. Eles eram Lewis e Clark. Ele era o Sacajewea deles, o grande guia índio. Grite as palavras mágicas, Sac. Não deixe que eles nos prendam.

Fiske sabia o que o homem estava dizendo, sabia como se pudesse ler os lábios daquele homem. Era especialista em defender membros de gangues por qualquer tipo de crime que cometessem. A melhor estratégia: silêncio absoluto. Não vi nada, não ouvi nada, não me lembro de nada. Tiros? A descarga de um automóvel, muito provavelmente. Lembrem-se disso rapazes: não matarás; mas se matarem, não denunciarão uns aos outros. Ele bateu a palma da mão na maleta para dar maior ênfase. A reunião terminou e o jogo começou.

Ao longo de uma outra parte do corredor, sentadas no banco forrado de carpete cinza embutido na parede, estavam três prostitutas, adolescentes trabalhadoras da noite. Um grupo variado: uma negra, uma oriental e uma branca, esperavam sua vez de se apresentar à justiça. A oriental parecia nervosa, provavelmente precisando de um cigarro para se acalmar ou da picada de uma agulha. As outras eram veteranas, Fiske sabia. Elas andavam um pouco, sentavam um pouco, mostravam um pouco as coxas, o balançar de um seio, ocasionalmente, quando alguns velhotes bem vestidos ou jovens bonitões passavam por elas. Por que perder uma oportunidade de trabalhar por causa de um negócio sem importância no tribunal? Afinal, aquilo era a América.

Fiske tomou o elevador para descer e estava passando pelo detector de metais e máquina de raios X, equipamento padrão em virtualmente todos os tribunais nos dias de hoje, quando Bobby Graham se aproximou dele, com um cigarro apagado na mão. Fiske não gostava do homem, nem pessoal, nem profissionalmente. Graham selecionava os casos para fazer a acusação baseado no tamanho das manchetes de jornal que eles lhe dariam. E nunca escolhia um caso em que fosse ter de trabalhar arduamente para ganhar. O público não gosta de promotores que perdem.

— Apenas uma pequena manifestação antes do julgamento, num caso sem importância. O grande homem tem coisas melhores para fazer com seu tempo, não é, Bobby? — disse Fiske.

— Talvez eu tenha tido um pressentimento do que você ia armar e aprontar com um de meus advogados calouros. Não teria sido tão fácil se você estivesse enfrentando um advogado de verdade.

— Quem, você?

Com um sorriso torto Graham enfiou o cigarro apagado na boca.

— Aqui estamos nós, vivendo indiscutivelmente na maldita capital mundial do tabaco, a maior indústria manufaturadora de cigarros do planeta fica logo ali, mais abaixo na rua e não se pode fumar nos tribunais de justiça. — Ele mastigou a ponta do Pall Mall sem filtro, ruidosamente sugando a nicotina. Na verdade, ainda havia áreas restritas para fumantes no prédio do tribunal, só que não onde Graham estava.

O promotor deixou escapar um sorriso triunfante.

— Ah, a propósito, Jerome Hicks foi preso esta manhã sob suspeita de ter assassinado um sujeito em Southside. Negro contra negro, drogas envolvidas. Puxa, que surpresa. Aparentemente ele queria aumentar suas reservas de cocaína e não queria passar pelos canais normais de compra. Só que seu homem não sabia que tínhamos o alvo dele sob vigilância.

Fiske se apoiou na parede, cansado. Vitórias no tribunal eram, com frequência, vazias, especialmente quando seu cliente não conseguia controlar os impulsos criminosos.

— É mesmo? Ainda não tinha ouvido falar nisso.

— Eu estava vindo aqui para uma conferência antes do julgamento, pensei em avisá-lo. Cortesia profissional.

— Certo — disse Fiske em tom seco. — Se é este o caso, por que deixou que apresentasse a denúncia? — Quando Graham não respondeu, Fiske respondeu à própria pergunta. — Só para me chatear?

— A gente precisa se divertir um pouco nesse trabalho.

Fiske cerrou um dos punhos e depois com a mesma rapidez o abriu. Graham não valia aquilo.

— Bem, como cortesia profissional, houve testemunhas?

— Ah, cerca de meia dúzia. A arma do crime foi encontrada no carro de Jerome, junto com Jerome. Ele quase atropelou dois policiais ao tentar fugir. Temos sangue, as drogas, a coisa inteira. Para começar, o sujeito não deveria ter sido solto sob fiança. De

qualquer maneira, estou pensando em abandonar esta idiota acusação de tráfico de drogas em que você o está defendendo e me concentrar somente nessa nova ocorrência. Tenho de maximizar meus poucos recursos. Hicks é um dos ruins, John. Acho que vamos ter de pedir pena de morte por homicídio desta vez.

— Pena de morte? Ora vamos, Bobby.

— O homicídio intencional, deliberado e premeditado de qualquer pessoa, concomitante com o cometimento de um assalto a mão armada é motivo de pena de morte. Pelo menos é o que meu código penal da Virgínia diz.

— Pouco me interessa o que a lei diz, ele só tem dezoito anos.

O rosto de Graham ficou tenso.

— Conversa estranha vinda de um advogado, um funcionário do tribunal.

— A lei é uma peneira através da qual tenho de fazer passar meus fatos, porque meus fatos sempre ficam presos nela.

— Eles são a escória. Saem do útero procurando machucar as pessoas. Deveríamos começar a construir prisões para bebês antes que os filhos-da-puta possam realmente fazer mal a alguém.

— A vida inteira de Jerome Hicks pode ser resumida...

— Certo, ponha a culpa em sua infância miserável — interrompeu Graham. — A mesma velha história.

— É isso mesmo, a mesma velha história.

Graham sorriu e sacudiu a cabeça.

— Olhe, eu não nasci em berço de ouro, sabe? Quer saber qual é o meu segredo? Trabalhei pra burro. Se eu posso fazer isso, porra, eles também podem. Caso encerrado.

Fiske começou a se afastar e então olhou para trás.

— Deixe-me dar uma olhada na ordem de prisão e ligarei para você depois.

— Não temos nada a respeito de que conversar.

— Matá-lo não vai lhe conseguir o posto de procurador-geral, Bobby, sabe disso. Pense grande. — Fiske deu-lhe as costas e foi se afastando.

Graham torceu o cigarro entre os dedos.

— Tente arranjar um emprego de verdade, Fiske.

∞

Meia hora depois, John Fiske estava numa cadeia de subúrbio se encontrando com um de seus clientes. Sua clientela com frequência o levava para fora de Richmond, para os condados de Henrico, Chesterfield, Hanover, até mesmo Goochland. Sua sempre crescente área de trabalho não era algo com que estivesse especialmente satisfeito, mas era como o sol nascendo. Continuaría acontecendo até o dia em que parasse definitivamente.

— Tenho uma proposta a respeito da qual preciso conversar com você, Derek.

Derek Brown — ou DB1, como era chamado nas ruas — era um negro de pele clara, com tatuagens de ódio, obscenidades e poesia cobrindo seus braços de cima a baixo. Tinha passado tempo suficiente na cadeia para estar em forma; veias gordas cortavam seu bíceps. Fiske certa vez o vira jogando basquete na quadra de recreação da prisão, sem camisa, cheio de músculos, mais tatuagens nas costas e nos ombros. Pareciam uma pauta musical, vistas de longe. Subindo no ar como um jato decolando, deslizando suavemente no ar, mantido ali por alguma coisa que Fiske não podia ver, os guardas e os outros presos virando-se para olhar com admiração, o rapaz enfiara a bola na cesta, concluindo a partida com a mão aberta e os cinco dedos estendidos no alto, numa saudação para todo mundo. Contudo, nunca havia sido suficientemente bom para jogar no time estudantil, muito menos na NBA. Assim sendo, ali estavam eles olhando um para o outro na cadeia do condado.

— A Procuradoria ofereceu agressão com lesão corporal dolosa, crime doloso Classe Três.

— Por que não Classe Seis?

Fiske olhou para ele. Aqueles sujeitos entravam e saíam do sistema penal com tanta frequência que conheciam o Código Penal melhor do que muitos advogados.

— Classe Seis é no calor do momento. Seu calor só apareceu no dia seguinte.

— Ele tinha uma arma. Não vou me meter a enfrentar Pack quando ele está com seu berro e eu não estou com o meu. Qual é, cara, você é otário?

Fiske queria estender a mão e apagar a postura do homem de seu rosto.

— Lamento, mas a Commonwealth não abre mão da Classe Três.

— Quanto tempo? — perguntou Derek impassível.

Pelas contas de Fiske, as orelhas dele tinham sido furadas doze vezes.

— Cinco, descontando o que já foi cumprido.

— Merda. Cinco anos por ter cortado alguém com uma porcaria de um canivete?

— Estilete, com uma lâmina de quinze centímetros. E você o esfaqueou dez vezes. Diante de testemunhas.

— Merda, ele estava passando a mão na minha gata. Isso não é defesa?

— Você tem sorte de não estar enfrentando uma acusação de assassinato em primeiro grau, Derek. Os médicos disseram que foi um milagre que o cara não tivesse sangrado até a morte, bem ali, no meio da rua. E se Pack não fosse um vagabundo tão perigoso, você também não estaria encarando só agressão com lesão corporal criminosa. Você poderia estar encarando agressão com lesão

corporal criminosa, com agravante. Isso é pena de vinte anos a prisão perpétua. Você sabe disso.

— Ele estava se metendo com a minha gata. — Derek se inclinou para a frente e estalou os dedos ossudos para enfatizar a lógica absoluta tanto de sua posição legal como moral.

Derek tinha um emprego que pagava bem, Fiske sabia, ainda que fosse ilegal. Ele era o primeiro-tenente da rede número dois de distribuição de drogas em Richmond, daí o nome pelo qual era conhecido nas ruas — DBI. Turbo era o chefe, de vinte e três anos de idade. Seu império era bem organizado, a disciplina era imposta e incluía uma fachada de legalidade com uma cadeia de tinturarias, um café, uma loja de penhores e um plantel de contadores e advogados para cuidar do dinheiro obtido com as drogas depois que fosse lavado. Turbo era um rapaz muito esperto, tinha uma boa cabeça para números e negócios. Fiske sempre desejara perguntar-lhe por que não experimentava administrar uma companhia Fortune 500. O dinheiro que rendia era quase o mesmo e a taxa de mortalidade consideravelmente menor.

Normalmente, Turbo teria mandado um de seus advogados de trezentos dólares por hora, com escritório na Rua Principal ou na Franklin para cuidar de Derek. Mas o crime cometido por Derek não estava relacionado aos negócios de Turbo, de maneira que essa providência não fora tomada. Deixá-lo por conta de alguém como Fiske era uma forma de punição por Derek ter feito uma besteira idiota como perder a cabeça por causa de uma mulher. Turbo não tinha nenhum motivo para temer que Derek se tornasse um informante. O promotor nem fizera qualquer proposta insinuando isso, sabendo que seria inútil. Se você fala, você morre — dentro ou fora da prisão, não faz diferença.

Derek havia crescido num bairro agradável de classe média, com pais decentes de classe média, antes de decidir largar o colégio e seguir pelo caminho fácil do tráfico de drogas, em vez de trabalhar

para ganhar a vida. Ele tivera todas as vantagens, poderia ter feito qualquer coisa com sua vida. Existia um número suficiente de Dereks Brown em circulação para tornar o mundo em grande medida apático às vidas horríveis de garotos que se voltavam para o elixir-açúcar fornecido por gente como Turbo. Aquilo fazia com que Fiske tivesse vontade de levar Derek para um beco, tarde da noite, com um bastão de beisebol na mão e ensinar ao rapaz alguns valores fora de moda.

— A Procuradoria está pouco se importando com o que ele estava fazendo com a sua namorada naquela noite.

— Não posso acreditar nessa merda. Um amigo meu cortou um cara no ano passado e pegou dois anos, metade com condicional. Saiu em três meses descontando o tempo já cumprido. E eu estou encarando cinco anos?

Seu amigo já tinha uma condenação anterior por crime doloso? Seu amigo era um dos principais homens de um dos maiores males de Richmond? — Fiske teve vontade de perguntar e teria perguntado, mas teria sido pura perda de tempo. — Vou lhe dizer o que vou fazer... vou propor três, descontando o tempo já cumprido.

Agora Derek pareceu ficar interessado.

— Acha que pode conseguir isso?

Fiske se levantou.

— Não sei. Eu sou apenas uma porcaria de advogado.

A caminho da saída, Fiske olhou para a janela com barras e observou enquanto um novo carregamento de internos saltava da camionete da prisão, agrupados bem perto uns dos outros, as correntes tilintando num cântico no asfalto. A maioria era de jovens negros ou latinos, já se medindo uns aos outros. Escravo para senhor. Quem leva uma, ou é comido antes. Os poucos brancos pareciam capazes de cair duros e morrer de puro pânico antes mesmo de serem levados para suas celas. Alguns daqueles rapazes eram provavelmente filhos de homens que o policial John Fiske tinha

prendido dez anos antes. Eles deviam ser apenas crianças naquela época, talvez sonhando com alguma coisa melhor do que salário-desemprego, sem o papai em casa, a mãe lutando em meio a uma vida de horror e sem saída à vista. Mas, também, talvez não. A realidade tinha uma tendência de punir o subconsciente da gente. Os sonhos não eram um adiamento, apenas a continuação do pesadelo.

Como policial, o diálogo que ele tivera com muitos presos costumava se repetir.

— Vou te matar, cara. Matar a porra da tua família inteira— alguns gritavam para ele, de cara cheia de drogas, enquanto ele punha-lhes as algemas.

— Hum-hum. Você tem o direito de permanecer em silêncio. Pense em usá-lo.

— Ora vamos, cara, não é minha culpa. Foi meu amigo que fez, me ferrou.

— Onde estará esse seu amigo? E o sangue em suas mãos? E a arma em suas calças? E a coca ainda em suas narinas? Foi o amigo quem fez tudo isso? Que amigo!

Então, eles às vezes olhavam para o corpo morto e amarelavam, dizendo entre soluços:

— Ai meu Deus! Jesus Cristo! Mamãe, onde está a minha mãe? Ligue para ela. Faça isso para mim, ah, que merda, você liga para ela? Mamãe! Ah, que merda!

— Você tem o direito de ter um advogado — ele dizia-lhe calmamente.

E agora esse era John Fiske.

Depois de mais duas audiências no tribunal, no centro da cidade, Fiske deixou o prédio de vidro e tijolos da John Marshall Courts, que tinha este nome em homenagem ao terceiro juiz-presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos. A casa ancestral de Marshall ainda estava bem ali, na porta ao lado, agora transformada em museu dedicado a preservar a memória do grande

virginiano e americano. O homem que teria se revirado no túmulo se soubesse dos atos vis debatidos e defendidos no prédio que levava seu nome.

Fiske seguiu pela Rua Nove em direção ao Rio James. Estivera quente e úmido naqueles últimos dias, mas a temperatura tinha esfriado com a chuva que se aproximava e ele apertou melhor a capa para se proteger. Quando a chuva começou, ele saiu correndo pela calçada, os sapatos encharcando-se nas poças de água imunda acumulada em buracos de asfalto e concreto.

Quando finalmente chegou ao escritório em Shockoe Slip, seus cabelos e a capa estavam encharcados, a água escorrendo em fios minúsculos por suas costas. Desistiu do elevador, subiu a escada, dois degraus de cada vez, e destrancou a porta do escritório. Ficava num prédio cavernoso, que outrora havia sido um armazém de tabaco, as entranhas das estruturas internas de carvalho e pinheiro que haviam recebido novas divisórias de compensado de madeira para fazer múltiplos escritórios. Contudo, o mau cheiro das folhas de tabaco permanecia eternamente. E aquele não era o único lugar onde podia ser sentido. Atravessando a Interstate 95 ao sul, passando pelos prédios da manufaturadora de cigarros Philip Morris, que Bobby Graham havia mencionado, podia-se quase ficar inebriado de nicotina sem sequer acender um cigarro. Fiske com frequência sentira-se tentado a atirar um fósforo aceso pela janela quando passava por ali de carro, para ver se o ar simplesmente explodiria.

O escritório de Fiske tinha uma sala com um pequeno banheiro, que era importante porque ele dormia ali com mais frequência do que em seu apartamento. Pendurou a capa para secar, e enxugou o rosto e os cabelos com uma toalha que tirou da alça no banheiro. Ligou a cafeteira, pôs a água e ficou olhando à medida que o café ia sendo feito, enquanto pensava em Jerome Hicks.

Se Fiske fizesse um trabalho soberbo, Jerome Hicks passaria o resto de seus dias atrás das grades, em vez de receber a picada da

injeção mortal na casa de execuções no condado Greene. Matar um garoto negro de dezoito anos não daria a Graham o cargo de procuradoria-geral que ele ambicionava. Um assassinato de negro por um negro, de criminoso por um criminoso, não valeria nem uma matéria de última página no jornal.

Como policial de Richmond, Fiske tinha sobrevivido, com dificuldade, à violência do combate. Estendia-se pelos bairros residenciais e pela cidade, crescendo enorme, como um aneurisma, do tamanho de um condado, deixando em seu rastro os guetos destruídos e as altas agulhas consumidas por dólares do centro, transbordando, por cima, em volta e através das barricadas mal concebidas dos subúrbios. E não era apenas na Commonwealth. As geleiras de atividade criminosa fluíam de todos os estados. Quando elas finalmente se encontrarem, então para onde iremos?, perguntou-se Fiske.

Abruptamente ele se sentou. O ardor havia começado devagar, inicialmente; como em geral acontecia. Ele sentiu sua marcha vindo da barriga, subindo para o peito, depois se espalhando. Finalmente, como lava numa trincheira, a sensação de calor impossível começou a descer por seus braços e se apoderou de seus dedos. Fiske se levantou com dificuldade, trancou a porta do escritório e tirou a camisa e a gravata. Ele estava com uma camiseta por baixo; sempre usava a droga da camiseta. Através do algodão, seus dedos tocaram o ponto inicial da cicatriz grossa, depois de todos aqueles anos, ainda áspera. Começava pouco abaixo do umbigo e seguia o caminho serpenteante da serra do cirurgião numa linha ininterrupta, até acabar na base do pescoço.

Fiske se deitou no chão e fez cinquenta flexões de braço sem interrupção, o calor no peito e nas extremidades aumentando e depois diminuindo com cada repetição. Uma gota de suor caiu de sua testa e bateu no chão de madeira. Ele achou que podia ver seu reflexo nela. Pelo menos não era sangue. As flexões foram seguidas

por um número igual de abdominais. A cicatriz ondulava e dobrava-se a cada flexão do corpo, como uma serpente enxertada a contragosto em seu torso. Ele prendeu uma barra ao batente da porta que dava para o banheiro e esforçou-se para se levantar nela uma dúzia de vezes. Costumava conseguir fazer o dobro daquela quantidade, mas sua força aos poucos diminuía. O que se escondia sob a pele fundida com o passar do tempo o dominaria, o mataria, mas, por agora, o calor foi desaparecendo, o exercício físico parecia assustá-lo fazendo com que se fosse, dando conhecimento ao invasor de que ainda havia alguém em casa.

Ele lavou-se no banheiro e tornou a vestir a camisa. Enquanto bebericava o café, olhou pela janela. Daquele ponto privilegiado ele mal podia distinguir a linha do Rio James. A água engrossaria e ficaria agitada à medida que a chuva se tornasse mais intensa. Ele e o irmão com frequência tinham saído de barco no rio, ou preguiçosamente descido flutuando em boias de câmara de ar, de pneu de caminhão, nos dias quentes de verão. Aquilo tinha sido anos atrás. Nos dias de hoje, essa era a única proximidade que Fiske tinha da água. O tempo de lazer havia acabado. Não tinha espaço para lazer em sua estrutura reduzida de vida. Gostava do que fazia, contudo, pelo menos a maior parte do tempo. Não era a vida de um superadvogado da Suprema Corte como a de seu irmão, mas tinha um certo orgulho de seu trabalho e da maneira como o fazia. Não teria dinheiro, nem uma grande reputação quando morresse, mas acreditava que morreria razoavelmente satisfeito, razoavelmente realizado. Virou-se de volta para o trabalho.

5

PARECENDO UM FALCÃO SOMBRIO, Fort Jackson ficava empoleirado na topografia desolada do sudoeste da Virgínia, mais ou menos equidistante das fronteiras do Tennessee, Kentucky e West Virgínia, e no meio de um pedacinho remoto de região carvoeira. Havia poucos presídios militares independentes nos Estados Unidos; eram geralmente anexos a um estabelecimento militar, devido tanto à tradição como à quantidade limitada de dólares destinados para a defesa. Fort Jackson realmente tinha uma base militar componente; contudo, a característica dominante do lugar sempre seria o presídio, onde os mais perigosos criminosos do Exército dos Estados Unidos silenciosamente contavam o resto de seus dias.

Nunca houvera uma fuga de Fort Jackson, e mesmo se um interno pudesse conseguir alcançar a liberdade, sem o benefício de uma decisão judicial, tal liberdade seria vazia e fugaz. O terreno da região que cercava Fort Jackson representava uma prisão ainda mais ameaçadora, com montanhas de escarpas íngremes e denteadas, carcomidas pela mineração de superfície, trilhas traiçoeiras com deslizamentos despencando em despenhadeiros, uma floresta densa e inóspita, cheia de cobras-corais e cascavéis. E ao longo dos cursos d'água poluídos esperavam suas primas mais agressivas, as mocassins aquáticas, ansiosas por pés assustados correndo pelas margens. E os independentes moradores da região, no dedo do pé esquecido da Virgínia — os equivalentes humanos a lâminas de gilete —, eram bem treinados no uso de armas de fogo e de facas, e não tinham medo de usar nenhuma das duas. Apesar disso, nos declives do terreno, na amplidão da floresta, arbustos e flores, o

perfume da vida silvestre e o silêncio de profundezas do oceano, havia muita beleza por ali.

O advogado Samuel Rider passou pelo portão principal do forte, recebeu o crachá e estacionou o carro na área reservada para visitantes. Foi andando nervosamente até a entrada plana, recoberta de pedras, do presídio, a maleta batendo de leve contra a perna da calça azul. Ele levou vinte minutos para passar pelos procedimentos de triagem e segurança, que incluíram a confecção de identificação pessoal, constatação de seu nome na lista de visitantes, uma revista de sua pessoa, passagem por um detector de metal e encerraram com uma revista de sua maleta. Os guardas examinaram desconfiados o pequeno rádio transistor, mas permitiram que ficasse com ele depois de confirmarem que não continha contrabando. Leram para ele as regras de procedimento padrão de visitação e a cada uma delas Rider respondeu afirmativamente, de forma audível, que ele compreendia. Rider sabia que caso deixasse de cumprir qualquer uma dessas regras, a fachada polida do guarda desapareceria rapidamente.

Ele olhou em volta, incapaz de se livrar da opressão do medo, do extremo nervosismo, como se o arquiteto da prisão tivesse conseguido embutir esses elementos na estrutura do lugar. Os intestinos de Rider se contraíram e as palmas de suas mãos ficaram molhadas de suor, como se estivesse prestes a embarcar num avião turbopropulsor de vinte lugares no meio de um furacão. Como membro das Forças Armadas, durante a Guerra do Vietnã, Rider jamais deixara o país, nunca chegara perto de combate, de um perigo mortal. Seria um bocado irônico se caísse morto de um ataque cardíaco enquanto estivesse em uma prisão militar, em solo americano. Respirou fundo, mentalmente sinalizou para que seu coração se acalmasse e se perguntou mais uma vez por que tinha vindo. Rufus Harms não estava em posição de obrigá-lo, ou a qualquer outra pessoa, a fazer qualquer coisa. Mas ali estava ele.

Rider respirou fundo novamente, colocou o crachá de visitante e agarrou a alça confortadora de sua maleta, seu amuleto de couro, enquanto o guarda o escoltava até a sala de visitantes.

Sozinho por alguns instantes, Rider examinou o tom marrom sombrio das paredes que parecia deliberadamente planejado para deprimir ainda mais aqueles que provavelmente já viviam o tormento de um desejo quase suicida. Perguntou a si mesmo quantos homens chamavam aquele lugar de casa, enterrados por seus companheiros e por excelente motivo. E, no entanto, todos tinham mãe, mesmo os piores deles; alguns, Rider presumia, até tinham pai, além da mancha do sêmen no óvulo. E, a despeito disso, tinham acabado ali. Nascidos para o mal? Talvez sim. Provavelmente um teste genético brevemente lhe dirá se seu filho pequenino é a segunda encarnação de Ted Bundy, pensou Rider. Mas, quando eles lhe derem a má notícia, que diabo você vai fazer?

Rider interrompeu suas reflexões quando Rufus Harms, imenso, muito mais alto do que os dois guardas que o acompanhavam, entrou na sala de visitantes. A imagem rápida era do senhor com seus dois servos, a realidade era o reverso disso. Harms era o maior homem que Rider já conhecera pessoalmente, um gigante possuidor de uma força verdadeiramente anormal. Mesmo agora ele parecia encher a sala com seu tamanho. Seu peito era como dois enormes blocos de concreto, reforçado com vergalhões de aço pendurados lado a lado, os braços mais grossos do que algumas árvores. Harms usava algemas com correntes nas mãos e nos pés e isso o obrigava a andar no passo da prisão. E era um mestre nisso, contudo; as passadas pequenas eram graciosas.

Ele deve estar com quase cinquenta anos, pensou Rider, mas na verdade parecia pelo menos uns dez anos mais velho; reparou nas cicatrizes faciais, na torção estranha do osso abaixo do olho direito de Harms. O homem jovem que Rider havia defendido possuía feições delicadas, até mesmo bonitas. Rider perguntou a si

mesmo com que frequência Rufus fora surrado ali, que outras evidências reveladoras de maus-tratos trazia sob as roupas.

Harms sentou de frente para Rider do outro lado de uma mesa de madeira marcada por milhares de unhas nervosas, desesperadas. Ele não olhou para Rider naquele momento, mas em vez disso encarou o guarda, que permaneceu na sala.

Rider percebeu o significado silencioso do olhar de Harms e disse para o guarda:

— Soldado, eu sou o advogado dele, de maneira que vai ter de nos dar algum espaço aqui.

A resposta foi automática.

— Este é um presídio de segurança máxima e todos os prisioneiros aqui são classificados como violentos e perigosos. Estou aqui para garantir sua segurança.

Os homens eram perigosos, tanto os presos como os guardas, e era assim simplesmente que as coisas eram, Rider sabia.

— Compreendo isso — respondeu o advogado. — Não estou lhe pedindo que me abandone, mas ficaria agradecido se pudesse ficar um pouco mais afastado. É uma questão de privilégio de advogado e cliente... compreende, não é?

O guarda não respondeu, mas afastou-se para o canto mais distante da sala, ostensivamente fora do alcance do ouvido. Finalmente, Rufus Harms olhou para Rider.

— Trouxe o rádio?

— Um pedido estranho, mas cumpri a promessa.

— Tire-o e ligue-o, por favor.

Rider fez isso. A sala imediatamente se encheu dos acordes melancólicos de música country, as letras soando artificiais, vazias diante do verdadeiro sofrimento que percebia naquele lugar, pensou Rider sentindo-se desconfortável.

Quando o advogado olhou para ele interrogativamente, Harms lançou um rápido olhar pela sala.

— Existem muitos ouvidos aqui nesse lugar, alguns que não se pode ver, certo?

— Gravar as conversas de um advogado e seu cliente é contra a lei.

Harms moveu as mãos ligeiramente, as correntes chocalhando.

— Um monte de coisas são contra a lei, mas as pessoas continuam fazendo. Tanto dentro como fora deste lugar. Certo?

Rider viu-se balançando a cabeça em sinal de acordo. Harms não era mais um rapaz jovem e assustado. Era um homem. Um homem no controle, a despeito de ser incapaz de controlar um único elemento de sua existência. Rider também observou que cada um dos movimentos físicos de Harms era medido, calculado, como se estivesse jogando xadrez, estendendo a mão lentamente para tocar numa peça e depois recuando com a mesma cautela. Ali movimentos rápidos podiam ser mortais.

O interno se inclinou para a frente e começou a falar num tom tão baixo que Rider teve de se esforçar para ouvir por causa da música.

— Eu lhe agradeço por ter vindo. Estou surpreso que tenha vindo.

— Também fiquei muito surpreso quando me ligou. Mas creio que despertou minha curiosidade.

— Você está com boa aparência. Os anos lhe têm feito bem.

Rider teve de rir.

— Perdi todo o meu cabelo e engordei vinte e dois quilos, mas, de qualquer maneira, obrigado.

— Não vou gastar seu tempo. Tenho uma coisa e quero que entre com uma apelação num tribunal para mim.

O espanto de Rider foi evidente.

— Que tribunal?

Harms falou em voz ainda mais baixa, a despeito da cobertura da música.

— No maior que existe. A Suprema Corte.

O queixo de Rider caiu.

— Você deve estar brincando. — A expressão nos olhos de Harms não acolhia essa conclusão. — Está bem, que apelo exatamente quer que eu faça?

Com aumentos quase que imperceptíveis de movimento, a despeito das algemas e correntes, Harms tirou um envelope de dentro da camisa e o estendeu. Num instante o guarda foi até junto deles e o arrancou de sua mão.

Rider protestou imediatamente.

— Soldado, esta é uma comunicação privilegiada e sigilosa entre advogado e cliente.

— Deixe-o ler, Samuel, não tenho nada a esconder — disse Harms calmamente, os olhos voltados para o espaço.

O guarda abriu o envelope e examinou rapidamente o conteúdo da carta. Satisfeito, devolveu-a para Harms e retomou sua posição do outro lado da sala.

Harms passou o envelope e a carta para Rider, que baixou o olhar para examinar o material. Quando voltou a levantar os olhos, Harms estava se inclinando para aproximar-se ainda mais dele e falou durante pelo menos dez minutos. Várias vezes os olhos de Rider se arregalaram, enquanto as palavras de Harms eram despejadas em cima dele. Quando terminou, o prisioneiro recostou-se na cadeira e olhou para ele.

— Vai me ajudar, não vai?

Rider não conseguiu responder, aparentemente ainda digerindo tudo o que tinha ouvido. Se a corrente na cintura não tivesse impedido um movimento assim, Harms teria estendido a mão e coberto a mão de Rider com a sua, não de maneira ameaçadora, mas como uma súplica sensível implorando ajuda, vinda de um homem que não tivera nenhuma experiência daquilo durante quase trinta anos.

— Não vai, Samuel?

Finalmente Rider balançou a cabeça.

— Vou ajudar você, Rufus.

Harms se levantou e seguiu em direção à porta.

Rider pôs o papel de volta no envelope e o enfiou junto com o rádio dentro da pasta. O advogado não tinha meios de saber que do outro lado de um grande espelho pendurado na parede da sala de visitantes alguém tinha observado toda a conversa entre o prisioneiro e o advogado. Esta pessoa agora esfregava o queixo, perdida em profundos e desagradáveis pensamentos.

6

ÀS DEZ DA MANHÃ, o oficial de justiça chefe e meirinho da Suprema Corte, Richard Perkins, usando capa cinza-grafite, também o traje tradicional da Suprema Corte para advogados do Gabinete da Procuradoria-Geral, levantou-se numa das extremidades da bancada maciça, atrás da qual ficavam nove cadeiras de encosto alto, estofadas de couro de vários estilos e tamanhos, e bateu com o martelo. A repleta sala de audiências ficou em silêncio.

— O Meritíssimo Senhor Juiz-Presidente e os Juízes Membros da Suprema Corte dos Estados Unidos — anunciou Perkins.

A longa cortina cor de vinho, atrás da bancada, abriu-se em nove lugares diferentes e um número igual de juízes surgiu, parecendo tensos e desconfortáveis em suas togas negras, como se tivessem sido acordados de repente e descoberto uma multidão ao lado de suas camas. Enquanto assumiam seus lugares, Perkins continuou.

— Silêncio no tribunal. Silêncio. Silêncio. Todas as pessoas que tiverem questões a apresentar diante da Egrégia Suprema Corte dos Estados Unidos estão advertidas para aproximar-se e dar sua atenção pois a Corte agora está reunida. Deus salve os Estados Unidos da América e esta honrada Corte.

Perkins sentou e olhou para a sala de audiências com metragem quadrada de uma mansão. O teto, de catorze metros de pé-direito, fazia com que o olhar buscasse nuvens passando. Depois de alguns assuntos preliminares e do ato público de prestação de juramento dos novos membros da Ordem da Suprema Corte, o primeiro dos dois casos daquela manhã seria chamado. Naquele dia, uma quarta-feira, somente dois casos seriam ouvidos, as sessões da tarde eram realizadas apenas às segundas e terças-feiras. Nenhuma

das sustentações orais seria realizada às quintas e sextas-feiras. E os trabalhos continuariam, três dias por semana, a cada duas semanas, até o fim de abril, aproximadamente cento e cinquenta sessões de sustentações orais depois, com os juízes assumindo o papel de Salomão dos dias atuais para o povo dos Estados Unidos.

Havia frisas impressionantes de cada um dos lados da sala de audiências. À direita havia imagens dos legisladores da era pré-cristã. À esquerda, seus correspondentes do período cristão. Dois exércitos prontos para atacar um ao outro. Talvez para determinar quem tinha acertado. Moisés contra Napoleão, Hamurábi contra Maomé. A lei, o fazer justiça, podia ser um bocado dolorosa — sangrenta até. Logo acima da bancada dos juízes havia duas figuras esculpidas em mármore, uma representando a majestade da lei, a outra o poder do governo. Entre os dois painéis existia um quadro dos Dez Mandamentos. Rodopiando em volta da vasta câmara como bandos de pombos havia esculturas entalhadas — Salvaguarda dos Direitos do Povo, Gênios da Sabedoria e da Arte do Governo, Defesa dos Direitos Humanos — representando o papel da Corte. Se algum dia houve um palco de perfeitas proporções para que fossem ouvidas questões supremas, parecia que aquela paisagem o representava. Contudo a topografia podia ser enganadora.

Ramsey estava sentado no meio da bancada dos magistrados, Elizabeth Knight na extrema direita. Um microfone portátil ficava suspenso do meio do teto. As mães e os pais na plateia tinham ficado perceptivelmente tensos quando os juízes apareceram. Até seus filhos magricelas e entediados sentaram-se um pouco melhor, mais eretos. Era bastante compreensível, mesmo para aqueles pouco familiarizados com a reputação daquele lugar. Havia uma discernível impressão de poder bruto, de importantes confrontações por vir.

Aqueles nove juízes de togas negras diziam a mulheres quando elas podiam abortar legalmente seus fetos; ditavam a

crianças em idade escolar onde iriam fazer seus estudos; proclamavam que discurso era obsceno ou não; decidiam que a polícia não podia fazer buscas e apreensões que não fossem razoáveis, ou obter confissões com o uso de força. Eram detentores vitalícios de seus cargos, virtualmente, contra qualquer desafio. E os juízes operavam em tais níveis de sigilo, em um tal buraco negro que faziam com que as pessoas públicas de outras veneráveis instituições federais parecessem arrogantes em comparação. Eles rotineiramente se confrontavam com questões que mantinham grupos ativistas por todo o país quebrando cabeças, lançando bombas contra clínicas de aborto, fazendo manifestações diante dos portões de prisões que executavam penas de morte. Eles julgavam as questões complexas que atormentariam a civilização humana até sua extinção. E pareciam muito calmos.

O primeiro caso foi chamado. Tratava-se de ação afirmativa em universidades públicas — ou, melhor, do que restava desse conceito. Frank Campbell, o advogado que atuava em defesa da ação afirmativa, mal concluiu sua primeira frase antes que Ramsey atacasse.

O juiz-presidente sublinhou que a Décima Quarta Emenda inequivocamente afirmava que ninguém deveria ser objeto de discriminação. Aquilo não significava que a ação afirmativa, de qualquer tipo, era inadmissível de acordo com a Constituição?

— Mas existem grandes erros que estão tentando ser...

— Por que a diversidade seria equivalente à igualdade? — Ramsey perguntou abruptamente a Campbell.

— Porque assegura que um amplo e diverso corpo de estudantes será capaz de manifestar ideias diferentes, representar culturas diferentes, que por sua vez servirão para quebrar a ignorância dos estereótipos.

— Não está fundamentando seu argumento inteiro no fato de que negros e brancos pensam de maneira diferente? De que um

negro, criado por pais que são professores universitários, num lar abastado em, digamos, San Francisco, trará um conjunto de valores e ideias diferentes a uma universidade do que uma pessoa branca que foi criada exatamente no mesmo meio ambiente abastado em San Francisco? — o tom de voz de Ramsey estava cheio de ceticismo.

— Creio que todo mundo tem diferenças — respondeu Campbell.

— Em vez de basear a questão em cor de pele, não parece que os mais pobres entre nós têm um direito maior de receber alguma ajuda? — perguntou a juíza Knight.

Ramsey olhou para ela curiosamente quando disse isso.

— E no entanto seu argumento não estabelece nenhuma distinção na riqueza ou falta de meios? — acrescentou Knight.

— Não — concordou Campbell.

Michael Fiske e Sara Evans estavam sentados numa área especial de assentos reservados, perpendicular à bancada dos juízes. Michael lançou um olhar para Sara enquanto ouvia aquela linha de interrogatório. Ela não olhou para ele.

— Não se pode desconsiderar a letra da lei, não é verdade? Isto faria com que virássemos a Constituição de cabeça para baixo — persistiu Ramsey, depois de finalmente tirar os olhos de Knight.

— Mas e quanto ao espírito por trás dessas palavras? — contrapôs Campbell.

— Espíritos são coisas tão amorfas, prefiro lidar com coisas concretas. — As palavras de Ramsey provocaram algumas risadas na plateia. O juiz-presidente retomou seu ataque verbal e, com precisão mortal, ridicularizou agressiva e eficazmente os precedentes e a linha de raciocínio de Campbell. Knight não disse mais nada, olhando fixo para a frente, os pensamentos obviamente muito distantes da sala de audiências. Quando a luz vermelha no atril do advogado se acendeu indicando que o tempo de Campbell se encerrara, ele quase correu de volta para sua cadeira. Quando o

advogado contrário à ação afirmativa assumiu seu lugar no atril e começou a ler seus argumentos, não parecia sequer que os juízes ainda estivessem ouvindo.

∞

— Puxa, Ramsey é eficiente! — comentou Sara. Ela e Michael estavam no restaurante do tribunal, os magistrados tendo se retirado para a sala de jantar para o tradicional almoço após a sustentação oral.

— Ele destroçou o advogado da universidade em cerca de cinco segundos.

Michael engoliu um pedaço de sanduíche.

— Ele tem estado à espera de um caso como esse, durante os últimos três anos, para realmente detonar a ação afirmativa pelos ares. Bem, encontrou. Eles deveriam ter feito um acordo antes que o caso chegasse aqui.

— Você realmente acha que Ramsey irá tão longe?

— Está brincando? Espere até ver o voto judicial. Provavelmente vai escrevê-lo ele próprio, só para poder se regozijar. A questão está morta.

— Em parte posso ver a lógica dele — disse Sara.

— É claro que pode. É evidente. Um grupo conservador trouxe o caso e escolheu o autor da ação a dedo. Branca, mão de obra não especializada, trabalhadora, nunca recebeu nada de graça. E, melhor ainda, uma mulher.

— A Constituição de fato diz que não deve haver discriminação.

— Sara, você sabe que a Décima Quarta Emenda foi aprovada logo depois da Guerra Civil para assegurar que os negros não fossem discriminados. Agora foi transformada numa arma forjada

para esmagar as pessoas que deveria ajudar. Bem, os esmagadores acabaram de garantir seu próprio Armagedom.

— Que quer dizer?

— Quero dizer que os pobres com esperança começam a empurrar os outros para trás. Os pobres sem esperança retribuem o ataque. Não é nada bonito.

— Ah. — Ela olhou para Michael, o temperamento dele era tão intenso, tão volátil. Sério demais para sua idade. Manifestava suas opiniões espontaneamente com regularidade, às vezes em um nível embaraçoso. Era uma das suas características que ela, ao mesmo tempo, admirava e temia.

— Meu irmão poderia lhe contar algumas histórias a respeito disso — acrescentou Michael.

— Tenho certeza de que poderia. Espero vir a conhecê-lo um dia.

Michael lançou-lhe um olhar rápido e depois o desviou.

— Ramsey vê o mundo diferente do que realmente é. Ele conseguiu se dar bem no mundo por si mesmo, por que todas as outras pessoas não podem? Contudo, eu admiro o sujeito. Ele marca igualmente duro os pobres e os ricos, o Estado e o indivíduo. Não elege favoritos. Tenho que lhe dar esse mérito.

— Você também teve de superar muita coisa.

— Tive. Não estou me gabando, mas tenho um Q.I. superior a cento e sessenta. Nem todo mundo tem.

— Eu sei — disse Sara melancolicamente. — Meu cérebro de advogada me diz que o que aconteceu hoje foi correto. Meu coração diz que é uma tragédia.

— Ei, esta é a Suprema Corte. Não é para se supor que seja fácil. E, a propósito, o que Knight estava tentando fazer lá hoje? — Michael estava perpetuamente a par de tudo que acontecia no tribunal, todos os segredos internos, as fofocas, as estratégias empregadas pelos magistrados e seus assistentes jurídicos para

promover filosofias e pontos de vista sobre os casos que tinham de decidir. Entretanto ele se sentia ignorante a respeito do que quer que Knight tivesse feito alusão naquela manhã no tribunal e aquilo o incomodava.

— Michael, foram apenas duas frases.

— E daí? Duas frases com uma tonelada de potencial. Direitos para os pobres? Você viu a maneira como Ramsey pegou na hora. Knight está se propondo a alguma coisa mais adiante? Um caso que estivesse tentando preparar ali?

— Não posso acreditar que você esteja me perguntando isso. É confidencial.

— Estamos todos jogando no mesmo time aqui, Sara.

— Exatamente! Com que frequência Knight e Murphy votam juntos? Não muitas vezes. E este lugar tem nove compartimentos separados, você sabe disso.

— Certo, nove pequenos reinos. Mas se Knight tem alguma coisa guardada na manga, gostaria de saber o que é.

— Você não tem de saber de tudo o que acontece neste lugar. Cristo, você já sabe mais do que todos os assistentes jurídicos juntos e a maioria dos magistrados. Quero dizer, quantos assistentes jurídicos descem até a sala de correspondência ao raiar do dia para dar uma lida nos apelos que chegaram?

— Não gosto de fazer nada pela metade.

Ela olhou para Michael, estava prestes a dizer alguma coisa, mas então se conteve. Por que complicar as coisas? Já havia dado a resposta a ele. Na verdade, embora também fosse uma pessoa dedicada, não conseguia imaginar-se casada com alguém com padrões tão elevados como os de Michael Fiske. Ela nunca os alcançaria, nunca os manteria. Seria pouco saudável até tentar.

— Bem, não estou traindo nenhuma confidência. Você sabe, tão bem quanto eu, que este lugar é como uma campanha militar.

Dar com a língua nos dentes afunda navios. E é preciso proteger a retaguarda.

— Não estou discordando de você com relação ao grande esquema das coisas, mas estou neste caso. Você conhece Murphy, ele é uma figura antiquada... uma adorável figura antiquada, mas é um liberal puro. Defenderia qualquer coisa para ajudar os pobres. Ele e Knight estariam alinhados nisso, não há dúvida quanto a isto. Ele sempre está à espreita, em busca de uma oportunidade de jogar uma chave inglesa na máquina de Ramsey. Tom Murphy liderava a Corte antes que Ramsey assumisse o controle. Não é divertido ser a opinião divergente nos últimos anos de vida.

Sara sacudiu a cabeça.

— Eu realmente não posso entrar em detalhes.

Ele suspirou e beliscou a comida.

— Estamos simplesmente nos afastando um do outro em todos os pontos, não é?

— Isto não é verdade. Você está apenas querendo fazer com que pareça isso. Sei que fiz você sofrer quando disse não e lamento muito.

De repente ele sorriu.

— Talvez seja melhor assim. Somos os dois teimosos, provavelmente acabaríamos nos matando.

— Um bom garoto da Virgínia e uma boa garota da Carolina — ela falou com o sotaque arrastado. — Provavelmente você tem razão.

Ele brincou com seu drinque e a encarou.

— Se você pensa que sou teimoso, realmente deveria conhecer meu irmão.

Ela não enfrentou o olhar dele.

— Tenho certeza que sim. Ele foi incrível durante aquele julgamento a que assistimos.

— Tenho muito orgulho dele.

Agora ela o encarou.

— Então por que tivemos de nos esgueirar quando entramos e saímos da sala de audiências para que ele não soubesse que estávamos lá?

— Você teria de perguntar a ele.

— Estou perguntando a você.

Michael encolheu os ombros.

— Ele tem um problema comigo. De certa maneira me baniu da vida dele.

— Por quê?

— Eu realmente não conheço todos os motivos. Talvez nem ele. A única coisa que sei é que isso não o tem deixado muito feliz.

— Pelo pouco que vi, não me pareceu esse tipo de pessoa. Deprimido ou coisa assim.

— É mesmo? E como lhe pareceu?

— Divertido, esperto, se identifica bem com as pessoas.

— Vejo que se identificou com você.

— Ele nem sabia que eu estava lá.

— Contudo, você teria gostado que soubesse, não teria?

— Que é que isto quer dizer?

— Apenas que não sou cego. E passei minha vida inteira andando atrás da sombra dele.

— Você é o jovem gênio com um futuro sem limites.

— E ele é um heroico ex-policia! que agora defende as mesmas pessoas que costumava prender. Também tem alguma espécie de aura de mártir que nunca consegui compreender. Ele é o bom sujeito que se esforça incrivelmente. — Michael sacudiu a cabeça. Todo aquele tempo que o irmão havia passado no hospital. Nenhum deles sabendo se iria sobreviver de um dia até o dia seguinte, minuto a minuto. Ele nunca conhecera tamanho medo, a ideia de perder o irmão. Mas o havia perdido de qualquer maneira, parecia, e não por causa da morte. Não por causa daquelas balas.

— Talvez ele sinta que vive à sua sombra.

— Duvido muito.

— Alguma vez já perguntou?

— Como já disse, não nos falamos mais. — Ele fez uma pausa e então acrescentou em voz baixa: — É ele o motivo por que você me rejeitou? — Ele a vigiara enquanto observava seu irmão. Estivera fascinada por John Fiske desde o momento em que o vira. Parecera uma ideia engraçada na ocasião, os dois indo observar o irmão dele. Agora Michael se amaldiçoava por tê-lo feito.

Sara corou.

— Eu nem sequer o conheço. Como poderia eu ter qualquer sentimento por ele?

— Você está me perguntando isso ou a si mesma?

— Não vou responder isso. — A voz dela tremeu. — E que dizer de você? Você o ama?

Ele abruptamente sentou-se bem ereto na cadeira e olhou para ela.

— Eu sempre amarei meu irmão, Sara. Sempre.

7

RIDER PASSOU POR SUA SECRETÁRIA SEM dizer uma palavra, fugiu para seu escritório, abriu a maleta e puxou o envelope para fora. Retirou a carta de dentro, mas mal olhou para ela antes de jogá-la na lata de lixo. Na carta, Rufus Harms havia escrito seu testamento, mas aquilo era apenas uma artimanha, algo inócuo para que o guarda lesse. Rider olhou para o envelope bem de perto enquanto apertava o interfone.

— Sheila, pode me trazer a chapa elétrica e o bule de chá? Encha de água, sim?

— Sr. Rider, posso preparar o chá para o senhor.

— Não quero chá, Sheila. Simplesmente traga a maldita chaleira e a chapa elétrica.

Sheila não discutiu aquele estranho pedido, nem o humor de seu chefe. Trouxe a chaleira e a chapa, depois retirou-se silenciosamente.

Rider ligou a chapa na tomada e pouco depois o vapor começou a sair da chaleira. Cuidadosamente, segurando o envelope pelas pontas, Rider o manteve sobre o vapor e observou enquanto o envelope começou a se descolar, exatamente como Rufus Harms lhe dissera que faria. Rider tomou cuidado ao ocupar-se das pontas e logo o tinha completamente aberto. Em vez de um envelope, ele agora estava com duas folhas de papel na mão: uma manuscrita; a outra uma cópia da carta que Harms havia recebido do Exército.

Enquanto desligava a chapa elétrica, Rider ficou maravilhado com a maneira como Rufus tinha conseguido montar aquele negócio — um envelope que era na verdade uma carta — e como ele tinha feito a cópia e depois escondido a carta do Exército dentro dele também. Então lembrou-se de que o pai de Harms tinha trabalhado

numa companhia gráfica e impressora. Teria sido melhor para Rufus se tivesse seguido seu pai, trabalhando na gráfica, em vez de se alistar no Exército, Rider resmungou para consigo mesmo.

Deixou as folhas de papel secarem durante alguns minutos e então sentou-se à mesa de trabalho, enquanto lia o que Rufus tinha escrito. Não levou muito tempo, os comentários eram bastante curtos, embora muitas palavras estivessem mal escritas e com erros de ortografia. Rider não teria como saber, mas Harms o escrevera quase na escuridão, parando a cada vez que ouvia os passos dos guardas se aproximando. Não restava um traço de saliva na garganta de Rider quando terminou de ler. Então obrigou a si mesmo a ler a notificação oficial do Exército. Um outro golpe que sentiu no corpo.

— Deus do céu! — Ele tornou a se afundar na cadeira, esfregou a mão trêmula na calva e então levantou-se cambaleando, correu e trancou a porta do escritório. O medo espalhava-se como um vírus mutante. Ele mal podia respirar. Cambaleou de volta para a mesa de trabalho.

— Sheila, traga-me um pouco de água e umas aspirinas, por favor. Um minuto depois Sheila bateu à porta.

— Sr. Rider — disse através da porta —, está trancada.

Ele rapidamente destrancou a porta, pegou o copo e as aspirinas, e já ia fechando a porta de novo quando Sheila perguntou:

— Está se sentindo bem?

— Estou, estou — respondeu, empurrando-a para fechar a porta. Baixou o olhar para o papel que Rufus queria que incluísse numa apelação à Suprema Corte dos Estados Unidos. Por acaso Rider era membro da bastante cerimoniosa Ordem da Suprema Corte, unicamente em virtude de uma indicação por parte de um antigo colega, das Forças Armadas, que fora transferido para o Departamento de Justiça. Se ele fizesse exatamente o que Rufus lhe pedira, seria o advogado principal na apelação de Harms. Rider só

conseguia imaginar uma catástrofe pessoal como resultado de tal situação. Mas tinha prometido a Rufus.

Rider se deitou no sofá de couro no canto do escritório, fechou os olhos e deu início a uma reflexão silenciosa. Muitas coisas não tinham se encaixado na noite em que Ruth Ann Mosley fora morta. Rufus não tinha um histórico de violência, apenas uma constante dificuldade para cumprir ordens que tinha enfurecido muito seus superiores e, de início, aquilo também deixara Rider perplexo. A incapacidade de Harms de processar até a mais simples das ordens finalmente fora explicada durante o período em que Rider o representara. Mas o fato de ter fugido do forte nunca fora explicado. Confrontado com uma situação sem defesa, Rider fizera barulho sobre entrar com uma alegação de insanidade mental, o que lhe dera apenas poder suficiente para salvar seu cliente de uma possível execução. E aquilo tinha sido o fim do caso. A justiça fora feita. Pelo menos, na medida em que se podia esperar neste mundo.

Rider olhou mais uma vez para a notificação do Exército, a mentira deslavada do passado estava firmemente revelada. Aquela informação deveria ter constado na ficha de serviço militar de Harms, na ocasião do assassinato, mas não constava. Teria constituído uma defesa completamente plausível. A ficha de serviço de Harms tinha sido adulterada e Rider agora compreendia porquê.

Harms queria a liberdade e ter seu nome limpo, e queria que isso fosse feito pela mais alta Corte do país. E recusava-se a confiar a perspectiva de liberdade ao Exército. Fora aquilo que Harms lhe dissera enquanto a música country encobria suas palavras. E quem poderia culpá-lo?

Todas as coisas boas estavam do lado de Rufus. Ele devia ser ouvido e devia ser libertado. Mas a despeito disso, Rider permaneceu imóvel em seu sofá de couro usado e com as tachas escurecidas. Não era nada muito complicado. Era medo — uma emoção muito mais forte, ao que parecia, do que quaisquer outras

concedidas à humanidade. Planejava se aposentar dentro de poucos anos e ir para o condomínio na Costa do Golfo, que ele e sua esposa já tinham comprado. Os filhos estavam crescidos. Rider estava cansado dos invernos gelados que costumavam ser longos ali por aquela área e estava cansado de estar sempre correndo atrás de novos negócios, de diligentemente registrar sua vida profissional em frações de quinze minutos. Contudo, por mais atraente que fosse a aposentadoria, não era exatamente o suficiente para impedir Rider de ajudar seu antigo cliente. Algumas coisas eram certas e outras erradas.

Rider se levantou do sofá e se acomodou atrás da mesa de trabalho. De início, tinha pensado que a maneira mais simples de ajudar Rufus seria enviar pelo correio o que tinha para um dos jornais e deixar o poder da imprensa assumir. Mas, pelo que sabia, o jornal ou jogaria a carta fora, considerando-a uma carta de um louco, ou, de alguma outra forma, faria alguma trapalhada que poderia pôr a vida de Rufus em perigo. O que realmente tinha feito com que Rider se decidisse por seguir aquele caminho era simples. Rufus era seu cliente e ele tinha pedido a seu advogado para entrar com sua apelação à Suprema Corte. E era isto o que Rider iria fazer. Ele já havia fracassado com Rufus uma vez; não iria fazê-lo de novo. O homem estava extremamente necessitado de um pouco de justiça, e que lugar melhor para isso do que a mais alta Corte do país? Se você não pudesse obter justiça lá, onde então poderia?, Rider se perguntou.

Enquanto pegava uma folha de papel na gaveta da escrivaninha, a luz do sol que entrava pela janela refletiu-se em suas abotoaduras quadradas de ouro, lançando pontos brilhantes por toda a sala desarrumada. Ele puxou para si uma velhíssima máquina de escrever, guardada por nostalgia. Rider não estava familiarizado com as exigências técnicas para dar entrada em uma apelação na Suprema Corte, mas presumiu que estaria descumprindo a maioria

delas. Aquilo não o incomodava. Queria apenas botar aquela história para fora — mandá-la para longe dele.

Quando terminou de datilografar, começou a colocar o que tinha escrito, juntamente com a carta de Harms e a carta do Exército, dentro de um envelope. Então parou. A paranoia que transbordava, de trinta anos de carreira, o fez correr até a pequena sala de trabalho que ficava nos fundos do conjunto de seu escritório e tirar cópias tanto da carta manuscrita de Harms, como daquela que Rider datilografara. Este mesmo desconfortável temor o fez decidir guardar, por enquanto, a carta do Exército. Quando a história viesse a público sempre poderia apresentá-la, mais uma vez anonimamente. Ele devolveu os originais ao envelope e procurou o endereço da Suprema Corte em seu catálogo, e em seguida datilografou uma etiqueta. Não incluiu um endereço de remetente no envelope. Isto feito, pôs o chapéu e o casaco, desceu e foi até a agência do correio que ficava na esquina.

Antes que tivesse tempo de mudar de ideia, preencheu o formulário para enviar o envelope por correio registrado de maneira que pudesse ter um recibo, entregou ao funcionário do correio, completou a simples transação e voltou para o escritório. Só então foi que lhe ocorreu. O recibo do registro da carta poderia ser uma maneira de a Corte identificar quem tinha enviado o envelope. Rider suspirou. Rufus estivera esperando a metade de sua vida por aquilo. E, de certa maneira, Rider o abandonara naquela ocasião. Durante o resto do dia Rider ficou deitado no sofá em seu escritório, no escuro, rezando silenciosamente para que tivesse feito a coisa certa e sabendo, em seu coração, que tinha feito.

8

— OS ASSISTENTES JURÍDICOS DE RAMSEY TÊM estado me infernizando a vida por causa do comentário que fez outro dia, juíza Knight, sobre os pobres terem o direito de ter certas preferências. — Sara olhou para a mulher, sentada tão calmamente atrás de sua mesa de trabalho.

Um sorriso iluminou por um instante o rosto de Knight enquanto examinava alguns documentos.

— Tenho certeza de que sim.

As duas sabiam que os assistentes jurídicos e escreventes de Ramsey eram uma unidade de comando bem treinada. Tinham tentáculos por todas as partes, em busca de qualquer coisa que pudesse interessar ao juiz-presidente e a suas agendas. Quase nada escapava à observação deles. Toda palavra, exclamação, reunião ou conversa de encontro casual no corredor era devidamente anotada, analisada e catalogada para uso futuro.

— Então era sua intenção que a reação ocorresse?

— Sara, por mais que você possa não gostar disso, existe um certo processo neste lugar pelo qual temos de nos esforçar para passar. Alguns chamam de jogo, eu não escolho fazer isso. Mas não posso ignorar sua presença. Não estou assim tão preocupada com o juiz-presidente. As posições que estou pensando em tomar numa série de casos nunca seriam apoiadas por Ramsey. Sei disso e ele sabe disso.

— Então estava soltando um balão experimental para os outros magistrados?

— Em parte, sim. A sustentação oral também é um fórum aberto, público.

— Então, era para o público. — Sara pensou rapidamente. — E a mídia?

Knight largou os papéis sobre a mesa e cruzou as mãos, enquanto olhava para a mulher mais jovem.

— Esta Corte é mais influenciada pela opinião pública do que muitos ousariam confessar. Algumas pessoas, aqui, gostariam de garantir, se certificar, que o status quo fosse preservado para sempre. Mas a Corte tem de seguir adiante.

— E isso está ligado aos casos que tem me pedido para pesquisar, sobre a equiparação dos direitos educacionais dos pobres?

— Tenho um interesse especial por essa questão. — Elizabeth Knight tinha sido criada no leste do Texas, no meio de lugar nenhum, mas seu pai tinha dinheiro. Assim sendo, sua educação fora de primeira classe e ela, com frequência, se perguntara como sua vida teria sido se seu pai tivesse sido pobre como o de muitas pessoas com quem tinha crescido. Todos os magistrados levavam sua bagagem psicológica para a Corte e Elizabeth Knight não era exceção. — E isto é tudo o que realmente vou dizer agora.

— E Blankley? — disse Sara, referindo-se ao caso de ação afirmativa que Ramsey havia dizimado completamente.

— Nós ainda não apresentamos nossos votos sobre isso, é claro, Sara, portanto não posso dizer coisa alguma a respeito de como acabará.

As conferências para a apresentação dos votos realizavam-se em sigilo completo, sem sequer uma estenógrafa ou um secretário presentes. Para aqueles, no entanto, que acompanhavam os trabalhos da Corte com alguma consistência e para os assistentes jurídicos e escreventes, que viviam no lugar todos os dias, não era muito difícil prever como os votos estavam se alinhando, embora os magistrados já tivessem surpreendido as pessoas no passado. A expressão deprimida da juíza Knight deixava claro, contudo, de que maneira os votos estavam alinhados no caso Blankley.

E Sara podia prever o futuro tão bem quanto qualquer outra pessoa. Michael Fiske estava certo. A única questão era que amplitude teria a decisão.

— Uma pena que não vou estar por aqui para ver os resultados de minha pesquisa darem frutos — comentou Sara.

— A gente nunca sabe. Você voltou para um segundo período. Michael Fiske já acertou com Tommy para um terceiro. Eu adoraria ter você de volta mais uma vez.

— Engraçado que tenha mencionado isso. Michael também estava perguntando sobre seus comentários à sustentação oral. Ele achou que Murphy talvez recebesse bem qualquer coisa que estivesse tentando organizar com relação aos direitos dos pobres.

Knight sorriu.

— Michael saberia. Ele e Tommy são tão unidos quanto um assistente jurídico e escrevente e um magistrado podem ser.

— Michael sabe mais a respeito da Corte do que qualquer outra pessoa. Na verdade, às vezes ele pode ser um pouco assustador.

Knight olhou para ela interessada.

— Pensei que você e Michael fossem próximos.

— Nós somos. Quero dizer, somos bons amigos. — Sara corou quando Knight continuou a observá-la.

— Não vamos receber anúncios e convites de vocês dois, vamos? — Knight sorriu carinhosamente.

— Quê? Não, não. Somos apenas amigos.

— Compreendo. Lamento, Sara, mas certamente não é de minha conta.

— Tudo bem. De fato passamos um bocado de tempo juntos. Tenho certeza de que algumas pessoas presumem que seja mais do que apenas uma amizade. Quero dizer, Michael é um homem muito atraente, obviamente muito inteligente. Tem um grande futuro.

— Sara, por favor, não me compreenda mal, mas você parece estar falando como se quisesse convencer a si mesma de alguma coisa.

Sara baixou o olhar.

— Imagino que pareço mesmo, não é?

— Aqui, quem fala, é alguém que tem duas filhas adultas. Não tenha pressa. Deixe que as coisas aconteçam naturalmente. Você tem muito tempo. E agora chega de conselhos maternos.

Sara sorriu.

— Obrigada.

— Agora, como está o processo no tribunal sobre Chance versus EUA?

— Sei que Steven tem trabalhado sem parar nele.

— Steven Wright não tem se saído muito bem por aqui.

— Bem, ele tem realmente se esforçado.

— Tem de ajudá-lo, Sara. Você é a assistente jurídica e escrevente-chefe aqui. Eu deveria ter recebido este processo há duas semanas. Ramsey está com a mala de munição cheia e os precedentes são completamente a favor dele. Preciso estar no mínimo em pé de igualdade se quiser ter uma chance.

— Vai ser minha principal prioridade.

— Ótimo.

Sara se levantou para sair.

— E creio que a senhora cuidará do juiz-presidente sem maiores problemas.

As duas mulheres trocaram sorrisos. Elizabeth Knight se tornara quase uma segunda mãe para Sara Evans, substituindo aquela que ela perdera quando ainda criança.

Enquanto Sara saía pela porta, Knight se reclinou na cadeira. O lugar onde estava agora era o ponto culminante de uma vida inteira de trabalho e de sacrifício, sorte e talento. Era casada com um senador americano muito respeitado, um homem a quem amava e

que a amava. Era uma das únicas três mulheres a ter vestido a toga de juíza da Suprema Corte. Sentia-se humilde e ao mesmo tempo cheia de autoridade e poder. O presidente que a nomeara ainda estava no governo. Ele a via como uma jurista moderada, digna de confiança. Nunca tinha sido muito ativa politicamente, de maneira que ele não podia justamente esperar que ela cumprisse à risca as linhas de seu partido, mas provavelmente esperava que ela fosse judicialmente passiva, deixando a solução das questões realmente importantes ficar com os representantes eleitos pelo povo.

Ela não tinha filosofias arraigadas, como Ramsey ou Murphy. Eles decidiam casos, não tanto com base nos fatos de cada um, mas de acordo com as posições amplas que cada caso representava. Murphy nunca votaria para manter ou reformar uma decisão em qualquer caso a favor de pena capital. Ramsey murcharia e morreria, antes de tomar o partido de um réu, num caso que envolvesse direito criminal. Knight não podia escolher lados dessa maneira. Ela examinava cada caso, cada parte, como e quando apareciam. Atormentava-se analisando os fatos. Embora pensasse no impacto mais amplo das decisões da Corte, também preocupava-se com a justiça para com as partes envolvidas. Com frequência isso significava que era dela o voto decisivo em muitos casos e realmente não se importava com isso. Não era um objeto decorativo e viera para ali para fazer uma diferença.

Somente agora via realmente que grande impacto poderia causar. E a responsabilidade que acompanhava esse tipo de poder era o que fazia com que se sentisse humilde. E a assustava. Fazia com que ficasse deitada olhando fixo para o teto, totalmente desperta, enquanto seu marido dormia profundamente a seu lado. Contudo, ela pensou com um sorriso, não havia nenhum outro lugar, nenhuma outra maneira que tivesse preferido estar passando a vida.

9

JOHN FISKE ENTROU NO PRÉDIO SITUADO NO West End, de Richmond. O lugar era oficialmente chamado de clínica de repouso, mas, pura e simplesmente, era um lugar para os idosos irem morrer. Fiske tentou ignorar os gritos e gemidos enquanto descia pelo corredor. Viu os corpos frágeis, as cabeças pendendo muito baixas, membros inúteis aprisionados em cadeiras de rodas, enfileiradas como carrinhos de compras contra a parede, esperando por um parceiro de dança que nunca iria aparecer.

Tinha sido necessário usar toda sua força de decisão e a de seu pai para trazer a mãe de John para este lugar. Michael Fiske nunca havia enfrentado o fato de que a mente de sua mãe estava destruída, consumida pelo mal de Alzheimer. Os bons momentos eram fáceis de apreciar. O verdadeiro valor de uma pessoa revelava-se na maneira como ela agia nos momentos difíceis. No que dizia respeito a John Fiske, seu irmão Michael tinha fracassado miseravelmente no momento em que isto fora posto à prova. Ele apresentou-se na recepção.

— Como está ela hoje? — perguntou à assistente de administração. Como visitante assíduo, ele conhecia todo o pessoal.

— Já teve dias melhores, John, mas o fato de você estar aqui a animará — respondeu a mulher.

— Certo — respondeu Fiske enquanto seguia para a sala de visitantes.

Sua mãe o esperava ali, usando, como sempre, um roupão e chinelos. Os olhos vagavam sem destino, a boca movia-se, mas sem emitir quaisquer palavras. Quando Fiske apareceu na porta, ela olhou para ele, um sorriso abrindo-se em seu rosto. John se aproximou dela e sentou-se à sua frente.

— Como vai o meu Mikey? — perguntou Gladys Fiske, acariciando com ternura o rosto dele. — Como vai o meu garotinho?

Fiske respirou fundo. Era sempre a mesma coisa desagradável. Na mente devastada de Gladys Fiske ele era Mike, ele sempre seria o irmão até o fim da vida de sua mãe. John Fiske, de alguma forma, havia desaparecido completamente de sua memória, como se nunca tivesse nascido.

Tocou delicadamente as mãos dela, fazendo o que podia para calar a absoluta frustração em seu íntimo.

— Estou bem. Tudo indo bem. Papai também está bem. — Então acrescentou baixinho. — Johnny também está bem, ele perguntou por você. Sempre pergunta.

O olhar dela foi de ignorância.

— Johnny?

Fiske tentava isso todas as vezes, e todas as vezes a resposta era a mesma. Por que ela o esquecera e não seu irmão? Tinha de haver alguma faceta profundamente arraigada nela que permitira que o mal de Alzheimer apagasse a identidade dele de sua vida. Seria o fato de que a existência de John nunca fora tão forte, nem tão importante para ela? E, no entanto, ele fora o filho que sempre estivera pronto para ajudar os pais. Ele os ajudara quando garoto e continuava ajudando agora, depois de adulto. Tudo, desde dar-lhes uma grande parte de sua renda a subir no telhado num dia sufocante de agosto, no meio de um julgamento infernal, para ajudar o pai no trabalho de cobrir com telhas de madeira, porque não tinha dinheiro para pagar alguém para fazê-lo. E Mike, sempre o favorito, sempre o que fazia o que queria, seguindo seu caminho egoísta, Fiske pensou... Mike, sempre elogiado como o melhor, aquele que traria orgulho para a família. Na verdade, seus pais nunca tinham sido tão exagerados na maneira como avaliavam seus filhos; Fiske sabia disso. Mas sua raiva punha de lado aquela verdade, que atribuía poder ao mau e subvertia o bom.

— Mikey? — Gladys disse ansiosamente. — Como vão as crianças?

— Estão ótimas, muito bem, crescendo depressa. Parecem com você. — Ter de fingir que era seu irmão e que tinha tido filhos fazia Fiske ter vontade de se atirar no chão chorando.

Ela sorriu e passou a mão no cabelo. Ele percebeu o gesto.

— Está bonito. Papai diz que está mais bonita do que nunca. Gladys Fiske fora uma mulher atraente a maior parte de sua vida e sua aparência tinha sido muito importante para ela. Os efeitos do mal de Alzheimer tinham, em seu caso, acelerado o processo de envelhecimento. Ela teria ficado terrivelmente infeliz com sua aparência atual, Fiske sabia. Esperava que sua mãe ainda se visse como quando tinha vinte anos e era muito bonita.

Estendeu um embrulho que havia trazido. Ela o segurou com o entusiasmo de uma criança e o abriu, lenços de papel, batom, um livro de fotografias. O mais lindo que ela jamais vira. Mike. Todas as vezes que ele vinha visitá-la, seu irmão marcava belos pontos. Fiske se obrigou a afastar esses pensamentos e passou uma hora muito agradável em companhia da mãe. Amava-a tanto. Se pudesse, ele arrancaria a doença que havia destruído seu cérebro. Uma vez que não podia, faria qualquer coisa para passar algum tempo com ela. Mesmo sob o nome de um outro.

∞

Fiske deixou a clínica de repouso e foi dirigindo até a casa do pai. Quando entrou na rua familiar, olhou em volta para os limites em processo de desintegração de seus primeiros dezoito anos de vida: casas dilapidadas com a tinta descascando e as varandas despencando, cercas de arame meio frouxas e sujeira nos gramados na frente das casas, ruas esburacadas onde fileiras duplas de velhíssimos e maltratados Fords e Chevys estavam estacionados.

Cinquenta anos antes, aquele bairro fora uma típica comunidade jovem para as massas do pós-Segunda Guerra Mundial, cheias de inabalável confiança de que a vida só poderia melhorar. Para aqueles que não tinham atravessado aquela ponte de prosperidade, a mudança mais visível em suas vidas cansadas era uma rampa para cadeira de rodas enxertada na varanda da frente. Enquanto olhava para uma das rampas, Fiske sabia que teria escolhido uma cadeira de rodas em vez da podridão do cérebro de sua mãe.

Estacionou na entrada para carros da bem cuidada casa de seu pai. Quanto mais a vizinhança se desintegrava à sua volta, mais duramente o velho trabalhava para mantê-la a distância. Talvez para manter o passado vivo por um pouco mais de tempo. Talvez na esperança de que sua esposa pudesse vir para casa novamente aos vinte anos, com uma mente saudável e jovem. O velho Buick estava na garagem, a lataria um pouquinho enferrujada, mas o motor em perfeitas condições, graças ao talento de seu dono como mestre mecânico. Fiske viu o pai na garagem, vestindo a roupa habitual: camiseta branca e calças de trabalho azuis, acorado mexendo em algum tipo de equipamento. Agora aposentado, Ed Fiske só estava realmente feliz quando tinha os dedos cheios de graxa, as entranhas de alguma máquina complicada espalhadas por toda parte diante de si.

— A cerveja gelada está na geladeira — disse Ed sem levantar a cabeça.

Fiske abriu a velha geladeira que seu pai mantinha na garagem e tirou uma Miller. Sentou-se numa velha cadeira de cozinha meio bamba e observou o pai trabalhar, exatamente como fazia quando era menino. Sempre fora fascinado pelo talento das mãos do pai, a maneira como ele sabia, com absoluta confiança, onde cada peça se encaixava.

— Visitei mamãe hoje.

Com um girar experiente da língua, Ed empurrou o cigarro que estava fumando para o canto direito da boca. Os antebraços musculosos se flexionaram e depois relaxaram enquanto ele apertava bem um parafuso.

— Vou amanhã. Pensei em me vestir bem, levar umas flores, uma comida, embalada para viagem, que Ida vai preparar. Fazer uma ocasião especial. Só eu e ela.

Ida German era a vizinha da casa ao lado. Vivia ali no bairro havia mais tempo que qualquer pessoa. Vinha sendo uma boa companhia para seu pai desde que Gladys se fora.

— Ela vai adorar. — Fiske tomou um gole de cerveja e sorriu do quadro que os dois formariam juntos.

Ed acabou o que estava fazendo e levou um minuto para se limpar, usando gasolina e um trapo de pano para tirar a graxa das mãos. Pegou uma cerveja e sentou-se numa velha caixa de ferramentas diante do filho.

— Falei com Mike ontem — disse.

— É mesmo? — falou Fiske desinteressado.

— Ele está indo bem lá na Corte. Sabe que pediram que ficasse para mais um ano? Ele deve ser bom.

— Tenho certeza de que é o melhor que já tiveram. — Fiske se levantou e foi até a porta aberta. Respirou fundo, deixando que seus pulmões se enchessem do cheiro de grama cortada. Todo sábado, quando eram garotos, ele e o irmão cortavam a grama, faziam a limpeza e depois a família se empilhava na gigantesca camionete para fazer a viagem semanal ao mercado A&P. Se tivessem se comportado bem, feito todas as tarefas corretamente, não cortado a grama curta demais, ganhavam um refrigerante da máquina ao lado do A&P. Para os garotos, era ouro líquido. Fiske e seu irmão ficavam pensando a semana inteira em ganhar aquele refrigerante gelado. Tinham sido tão amigos em criança. Distribuíam o jornal matutino Times Dispatch juntos, praticavam esportes juntos, embora John

fosse três anos mais velho que o irmão. Mike era tão talentoso fisicamente que tinha participado da representação desportiva da universidade como calouro. Os irmãos Fiske. Todo mundo os conhecia, os respeitava. Aqueles tinham sido tempos felizes. Aqueles tempos tinham acabado. Virou-se de volta e olhou para o pai.

Ed sacudiu a cabeça.

— Sabe que Mike recusou um emprego como professor numa das grandes universidades, Harvard ou coisa assim, para ficar na Suprema Corte? Ele recebeu um monte de propostas de grande firmas de advogados. Ele me mostrou. Jesus, estavam falando de dinheiro tão alto que não consigo nem imaginar. — O orgulho em sua voz era evidente.

— Bom para ele — disse Fiske secamente.

Ed de repente deu uma palmada na coxa.

— Que é que há de errado com você, Johnny? Que diabo você tem contra seu irmão?

— Não tenho nada contra ele.

— Então por que diabo vocês dois não se entendem como costumavam se entender? Já conversei com Mike. Não é por culpa dele.

— Olhe, papai, ele tem a vida dele e eu tenho a minha. Não me lembro de você ser muito ligado ao tio Ben.

— Meu irmão era um vagabundo e um bêbado. Seu irmão não é nenhuma dessas duas coisas.

— Ser um bêbado e um vagabundo não são os únicos vícios do mundo.

— Droga, eu simplesmente não consigo compreender você, meu filho.

— Junte-se aos bons.

Ed apagou o cigarro no chão de concreto, se levantou e se apoiou contra um dos suportes expostos na parede da garagem.

— Não é direito haver ciúme entre irmãos. Você devia se sentir feliz com o que ele conseguiu na vida.

— Ah, então acha que estou com ciúmes?

— Está?

Fiske tomou um outro gole de cerveja e olhou para a cerca de arame, na altura da cintura, que rodeava o pequeno quintal nos fundos da casa. Atualmente estava pintada de verde-escuro. Ao longo dos anos tinha visto muitas cores diferentes. John e Mike a pintavam todo verão, com a tinta que sobrasse, depois da pintura anual dos escritórios da firma de transportes de caminhão onde Ed trabalhava. Fiske olhou para a macieira que abria sua copa num dos cantos do quintal. Gesticulou na direção da árvore, com a cerveja na mão.

— Você está com lagartas. Arranje-me uma bomba incandescente.

— Deixe que eu tiro.

— Papai, você não gosta nem de subir numa cadeira.

Fiske tirou o paletó, apanhou uma escada na garagem e pegou a bomba que o pai lhe entregou. Acendeu-a, posicionou a escada debaixo do ninho volumoso e subiu. Demorou alguns minutos, mas o ninho lentamente se dissolveu sob o calor da chama. Fiske desceu e apagou a bomba enquanto seu pai varria os restos do ninho.

— E você acabou de ver meu problema com Mike.

— Quê? — Ed pareceu confuso.

— Quando foi a última vez que Mike esteve aqui para dar uma ajuda? Que diabo, só para ver você ou mamãe?

Ed coçou as pontas dos fios da barba e enfiou a mão no bolso para pegar outro cigarro.

— Ele é ocupado. Ele vem quando pode.

— Claro que vem.

— Ele tem um trabalho importante para fazer para o governo. Está lá ajudando os juízes. É a Corte mais alta do país, você sabe

disso.

— Bem, adivinhe só, pai. Eu também sou um bocado ocupado.

— Eu sei, filho. Mas...

— Mas, eu sei, é diferente. — Fiske jogou o paletó sobre o ombro, limpou o suor dos olhos. Os mosquitos estariam aparecendo em pouco tempo. Isto o fez pensar em água. Seu pai mantinha um trailer num camping às margens do rio Mattaponi. — Tem estado no trailer ultimamente?

Ed sacudiu a cabeça, aliviado com a mudança de assunto.

— Não, mas estou planejando ir brevemente. Sair com o barco antes que fique frio demais.

Fiske esfregou uma outra gota de suor da testa.

— Avise quando for, talvez eu possa ir com você.

Ed examinou o rosto do filho mais velho.

— Como você está?

— Profissionalmente? Perdi dois, ganhei dois essa semana. Creio que isto é uma média aceitável nos dias de hoje.

— Trate de se cuidar, filho. Sei que você acredita no que está fazendo e tudo mais, mas é um bando violento essa gente que você defende. Alguns deles poderiam até se lembrar de você da época em que era policial. Às vezes fico acordado à noite pensando nisso.

Fiske sorriu. Amava seu pai tanto quanto amava a mãe e, de algumas maneiras sutis, típicas de homem, talvez mais. A ideia de seu pai ainda passando noites acordado preocupado com ele era muito confortadora. Deu um tapinha nas costas do pai.

— Não se preocupe, pai. Eu nunca baixo a guarda.

— E aquele outro negócio?

Fiske inconscientemente tocou o peito.

— Está indo muito bem. Que diabo, sou capaz de viver até os cem anos.

— Espero que sim, filho — disse seu pai com grande convicção enquanto o observava ir embora.

Ed sacudiu a cabeça enquanto pensava em como seus filhos tinham se afastado um do outro e sua incapacidade de fazer qualquer coisa a respeito disso. "Que diabo", foi tudo o que conseguiu pensar antes de sentar na caixa de ferramentas para acabar a cerveja.

10

ERA DE MANHÃ BEM CEDO QUANDO MICHAEL FISKE, silenciosamente, seguia seu caminho, andando rapidamente pelo corredor amplo, de pé-direito alto, que levava à sala do serviço de correspondência dos assistentes jurídicos e escreventes. Quando entrou na sala, um funcionário levantou a cabeça.

— Escolheu uma boa hora, Michael. Acabamos de receber uma entrega.

— Alguma correspondência de presos? — perguntou Michael, referindo-se ao número sempre crescente de petições de prisioneiros. A maioria delas era informa pauperis, significando, literalmente, sob a forma de um pobre. Havia um rol de causas separado para essas petições e era tão grande que existia um funcionário especialmente designado para administrar as apelações. Os IFPs, como eram chamados pelo pessoal do tribunal, eram geralmente um lugar para descobrir e se divertir com algum apelo ridículo ou, ocasionalmente, encontrar um caso digno da atenção da Suprema Corte. Michael sabia que algumas das mais importantes decisões da Corte de todos os tempos tinham resultado de casos IFP, daí seu ritual matinal de peneirar a pilha em busca de boas apelações.

— Pelos escritos à mão que tentei decifrar até agora, diria que aquele promete — respondeu o funcionário.

Michael puxou uma caixa para um canto. Dentro dela havia uma variedade de queixas, sofrimentos escritos, uma procissão de reclamações contra injustiças, de conteúdo e descrição variados. Mas nenhuma delas podia ser simplesmente ignorada. Muitas eram de internos no corredor da morte; para eles a Suprema Corte representava a última esperança.

Durante as duas horas seguintes Michael ficou examinando os documentos na caixa. Agora já tinha experiência em fazer isso. Era como catar e separar o milho com maestria, sua mente examinando os longos documentos com facilidade, sem esforço decifrando o "legalês" para chegar aos pontos importantes, comparando-os com os casos pendentes, bem como com os precedentes de cinquenta anos atrás que retirava de sua memória enciclopédica; então arquivando-os e seguindo adiante. Contudo, ao final de duas horas não havia encontrado nada de grande interesse.

Estava pensando em voltar para o escritório quando sua mão segurou um envelope simples de papel pardo. A etiqueta de endereçamento estava datilografada, mas não havia endereço de remetente no envelope. Aquilo era estranho, pensou Michael. Pessoas que tentavam pleitear seu caso diante da Suprema Corte normalmente queriam que os magistrados soubessem onde encontrá-las, nos raros casos em que seu apelo fosse respondido. Havia, contudo, o lado esquerdo de um recibo de correspondência registrada colado no envelope. Michael abriu o envelope e tirou as duas folhas de papel. Uma das funções dos escreventes responsáveis pela sala de correspondência era se assegurar de que as petições cumpriam todos os requerimentos dos rígidos procedimentos da Corte. Para partes requerendo processo na justiça gratuita, se suas petições fossem aceitas, o tribunal abriria mão de certos requerimentos e custas para dar entrada na causa, e até mesmo contrataria e assumiria algumas das despesas do advogado, embora o advogado não cobrasse honorários. Era uma honra o simples fato de se apresentar diante da Corte como advogado. Duas das exigências formais, imprescindíveis, requeridas para se dar entrada numa apelação com justiça gratuita eram um pedido ao juiz para autorizar que se desse entrada no apelo in forma pauperis e uma declaração assinada pelo prisioneiro, basicamente jurando o seu

estado de pobreza pessoal. Nenhuma das duas estava no envelope, reparou rapidamente. A apelação teria que ser mandada de volta.

Quando Michael começou a ler o que estava dentro do envelope, todos os pensamentos com relação a quaisquer deficiências no cumprimento das exigências desapareceram. Depois que ele acabou, pôde ver o suor das palmas de suas mãos manchando o papel. De início, Michael teve vontade de pôr as páginas de volta no envelope e esquecer que um dia as tinha visto. Mas, como se agora ele próprio tivesse testemunhado um crime, sentiu que tinha de fazer alguma coisa.

— Hei, Michael, acabaram de ligar do gabinete de Murphy chamando você — disse o escrevente. Quando Fiske não respondeu, o funcionário disse de novo: — Michael? O juiz Murphy está procurando por você.

Michael balançou a cabeça, finalmente conseguindo se concentrar em outra coisa que não nos papéis que tinha na mão. Quando o funcionário virou-se e retomou seu trabalho, Michael pôs as folhas de volta no envelope de papel pardo. Hesitou por um instante. Sua carreira jurídica inteira, toda sua vida, podia ser decidida nos instantes seguintes. Finalmente, como se suas mãos estivessem agindo independentemente de seus pensamentos, ele enfiou o envelope na maleta. Ao fazê-lo, antes que a petição tivesse sido oficialmente processada pela Corte, tinha acabado de cometer, entre outros crimes, roubo de propriedade do governo federal, um crime qualificado.

Enquanto saía correndo da sala de correspondência, quase colidiu de frente com Sara Evans.

Ela de início sorriu, mas a expressão se alterou rapidamente quando viu o rosto dele.

— Michael, qual é o problema?

— Nada. Está tudo bem.

Ela agarrou o braço dele.

— Você não está bem. Está tremendo e seu rosto está branco como um papel.

— Acho que peguei alguma coisa.

— Bem, então deveria ir para casa.

— Vou pegar uma aspirina com a enfermeira. Vai passar.

— Tem certeza?

— Sara, eu realmente tenho de ir. — Ele se afastou, deixando-a olhando para ele preocupada.

O resto do dia foi passando num ritmo glacial para Michael, e repetidamente viu-se olhando fixo para a maleta, pensando em seu conteúdo. Tarde da noite, com o dia de trabalho no tribunal finalmente concluído, furiosamente pedalou a bicicleta de volta para seu apartamento em Capitol Hills. Trancou a porta atrás de si e tirou o envelope mais uma vez. Agarrou um bloco pautado amarelo na maleta e levou tudo para a pequena mesa de jantar.

Uma hora depois reclinou-se na cadeira e olhou fixo para as numerosas anotações que tinha feito. Abriu o laptop e reescreveu essas anotações no disco rígido, alterando, elaborando, repensando enquanto o fazia, um velho hábito seu. Decidiu atacar aquele problema como faria com qualquer outro. Verificaria as informações da petição tão cuidadosamente quanto pudesse. Mais importante, teria de confirmar se os nomes enumerados na petição eram de fato das pessoas que pensava que eram. Se parecesse legítimo, devolveria a apelação à sala de correspondência. Se fosse claramente uma bobagem, o trabalho de uma mente desequilibrada ou de um prisioneiro atirando cegamente, havia decidido que o destruiria.

Michael olhou para fora pela janela e para o outro lado da rua, para a fileira apertada de casas que tinham sido convertidas em apartamentos exatamente como o dele. Jovens discípulos do governo viviam em colmeia naquela área. Metade deles ainda estava no trabalho, o resto na cama tendo pesadelos com uma lista de tarefas incompletas de importância nacional, pelo menos até acordar às

cinco da manhã. A escuridão para dentro da qual Michael olhava só era interrompida pelo clarão de um poste de luz na esquina. O vento ganhara força e a temperatura tinha caído, como preâmbulo para uma tempestade que se aproximava. O boiler no prédio antigo não estava ligado ainda e uma friagem repentina atingiu Michael através da janela. Tirou um blusão de flanela do armário, vestiu e voltou a olhar para a rua.

Ele nunca tinha ouvido falar de Rufus Harms. De acordo com a carta, o homem tinha sido encarcerado quando Michael tinha apenas cinco anos. A ortografia da carta era terrível, o formato das letras e a maneira como as palavras estavam escritas eram desajeitados, parecendo as primeiras experiências de uma criança ao escrever. A carta datilografada explicava parte do histórico do caso e obviamente fora redigida por uma pessoa muito mais bem-educada. Um advogado, talvez, pensou Michael. O linguajar tinha algo de jurídico, embora a pessoa que a datilograra tivesse, intencionalmente, querido que sua profissão — bem como sua identidade pessoal — permanecesse desconhecida. A notificação do Exército, de acordo com o texto datilografado, havia solicitado certas informações de Rufus Harms. Contudo, Rufus Harms negava jamais ter participado no programa que os registros do Exército, aparentemente, indicavam que ele tinha participado. Aquilo havia sido um encobrimento, alegava Harms, que tentava esconder um crime que havia resultado num terrível erro judicial — um fiasco legal que fizera com que um quarto de século de sua vida desaparecesse.

De repente, sentindo calor, Michael encostou o rosto contra a superfície fria da janela e respirou fundo, o ar embaçando o vidro. O que ele estava fazendo significava uma escandalosa interferência no direito de uma parte buscar seu dia num tribunal. Toda sua vida Michael acreditara no direito inalienável de qualquer pessoa ter acesso à justiça, não importando se fosse pobre ou rica. Não era um

roteiro que pudesse ser revogado ou declarado sem valor. Ele se confortou um pouco com a certeza de que a apelação teria sido indeferida em virtude de uma variedade de deficiências técnicas.

Mas aquele caso era diferente. Mesmo se fosse falso, ainda poderia causar sérios danos às reputações de algumas pessoas muito importantes. E se fosse verdadeiro? Ele fechou os olhos. Por favor, meu Deus, permita que não seja, rezou.

Virou a cabeça e olhou para o telefone. De repente se perguntou se deveria telefonar e pedir ao irmão que o aconselhasse. John tinha conhecimento de muitas coisas que seu irmão caçula não sabia. Ele poderia saber como lidar melhor com a situação. Michael hesitou por mais um momento, relutando em admitir que precisava de ajuda, especialmente daquela fonte distante e perturbadora. Mas também poderia ser uma maneira de voltar a fazer parte da vida do irmão. A culpa não era inteiramente de um dos lados; Michael tinha amadurecido o suficiente para compreender como era fugidia a culpa.

Pegou o fone e discou. A secretária eletrônica respondeu, um resultado que agradou uma certa parte dele. Deixou um recado pedindo a ajuda do irmão, mas sem revelar nada. Desligou e voltou mais uma vez para a janela. Provavelmente era melhor que John não estivesse estado lá para atender. Seu irmão tinha a tendência de ver as coisas somente em linhas rígidas de preto ou branco, uma faceta reveladora da maneira como levava a sua vida.

Por volta das primeiras horas da manhã Michael adormeceu, ficando cada vez mais confiante de que poderia dar conta daquele pesadelo em potencial, não importa o que finalmente fosse.

11

TRÊS DIAS DEPOIS DE MICHAEL FISKE TER TIRADO O ENVELOPE da sala do serviço de correspondência dos escreventes, Rufus Harms fez uma outra chamada para o escritório de Samuel Rider, mas disseram-lhe que o advogado estava fora da cidade, a trabalho. Quando foi levado de volta para sua cela, Rufus passou por um homem no corredor.

— Muitos telefonemas ultimamente, Harms. O que há, abriu um negócio por encomenda postal ou coisa assim? — Os guardas riram alto das palavras do homem. Vic Tremaine tinha pouco menos de um metro e oitenta, cabelos louros esbranquiçados, cortados bem curtos, feições marcadas pelo tempo e pelo sol, e era moldado como uma torre blindada. Era o segundo no comando de Fort Jackson e assumira como missão pessoal infligir tanto sofrimento na vida de Harms quanto pudesse. Harms não disse nada, mas ficou parado ali, pacientemente, enquanto Tremaine olhava para ele dos pés à cabeça.

— O que seu advogado queria? Ele vai aparecer com alguma outra defesa por você ter matado aquela garotinha? É isso? — Tremaine chegou mais perto do prisioneiro. — Você ainda a vê quando dorme? Espero que veja. Ouço você chorar em sua cela, sabe? — O tom de Tremaine era abertamente provocador, os músculos em seus braços e ombros se tencionando a cada palavra, as veias do pescoço saltando rijas, como se ele tivesse a esperança de que Harms perdesse o controle, tentasse fazer alguma coisa e aquilo seria o fim da estadia vitalícia do prisioneiro ali. — Chorando como um droga de um bebê. Aposto que a mãe e o pai da garotinha também choraram. Aposto que queriam apertar os dedos em volta

de sua garganta. Como você fez com a filhinha deles. Já pensou nisso?

Harms não se moveu. Seus lábios continuaram numa linha reta, os olhos fitando para além de Tremaine. Harms já tinha passado por períodos de isolamento, solitária, provocações, abusos físicos e mentais; tudo que um homem poderia fazer com um outro por crueldade, medo e ódio ele já havia suportado. As palavras de Tremaine, independentemente de seu conteúdo ou de como eram ditas, não poderiam penetrar através da parede que o envolvia, que o mantinha vivo. Ao perceber isso, Tremaine deu um passo para trás.

— Tire-o da minha frente. — Enquanto o grupo se afastava, Tremaine gritou para eles: — Volte lá e continue a ler sua Bíblia, Harms. Isso é o mais perto que vai conseguir chegar do céu.

∞

John Fiske correu atrás de uma mulher que andava pelo corredor do prédio do tribunal.

— Hei, Janet, você tem um minuto?

Janet Ryan era uma promotora muito experiente, atualmente fazendo tudo o que podia para mandar um dos clientes de Fiske para a cadeia por muito tempo. Também era atraente e divorciada. Ela sorriu quando se virou para ele.

— Para você, dois minutos.

— A respeito de Rodney...

— Espere, refresque minha memória. Tenho uma porção de Rodneys.

— Assalto a uma loja de aparelhos eletrônicos à noite, do lado norte.

— Com uso de arma de fogo, perseguição pela polícia, com antecedentes... agora me lembro.

— Exato. De qualquer maneira, nenhum de nós quer levar esse cretino a julgamento.

— Tradução, John: Seu caso é mais do que fraco, e o meu, irrefutável.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Você poderia ter um problema de sucessão de custódia das provas.

— Poderia é uma palavra tão engraçada, não acha?

— E aquela confissão está cheia de furos.

— Elas sempre estão. Mas o fato é que seu cliente é um criminoso de carreira. E vou conseguir um júri que o porá na cadeia por muito tempo.

— Então por que gastar o dinheiro dos contribuintes?

— Qual é a sua proposta?

— Admitir o roubo noturno, posse de objetos roubados. E você esquece aquela acusação de uso de arma de fogo. Acabamos com cinco anos, com crédito por tempo já cumprido.

Janet começou a andar.

— Vejo você no tribunal.

— OK, OK, oito, mas preciso falar com o cara.

Ela fez meia-volta e começou a enumerar os pontos nos dedos:

— Ele admite todas as acusações, inclusive o uso de arma de fogo, e leva dez anos, esqueça o tempo já cumprido e ele cumpre os dez. Depois de cinco anos, condicional pelos outros cinco. Se ele cometer um deslize, volta para a cadeia por mais dez anos, sem direito a perguntas. Se for a julgamento você estará encarando uma goleada de vinte anos. E quero uma resposta agora.

— Puxa, Janet, cadê a paixão?

— Estou guardando para alguém que mereça. Como você provavelmente pode imaginar, minha lista é muito curta. Além disso, é uma bela proposta. Sim ou não?

Fiske tamborilou os dedos contra a maleta.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas — disse Ryan.

— OK, OK, negócio fechado.

— Bom fazer negócios com você, John. A propósito, por que não me liga uma hora dessas, sabe como é, fora do horário de expediente?

— Não acha que poderia haver um conflito, esperando de tocaia em algum lugar?

— De jeito nenhum. Sempre sou mais dura com os amigos.

Ela se afastou cantarolando enquanto Fiske se apoiava na parede e sacudia a cabeça.

Uma hora depois, voltou ao escritório e largou a maleta. Pegou o telefone e verificou as mensagens em casa, ouvindo as vozes gravadas, ao mesmo tempo que fazia anotações para uma audiência futura que se aproximava. Quando ouviu a voz do irmão, nem parou de escrever. Estendeu um dedo e apagou a mensagem. Era raro, mas não impossível que Mike ligasse. Fiske nunca ligava de volta. Agora achava que o irmão estava fazendo aquilo só para antagonizá-lo. Tão logo completou esse raciocínio, teve certeza de que não era verdade. Levantou-se e foi até uma estante cheia de blocos de anotações e livros de direito. Tirou uma fotografia emoldurada. Era uma velha fotografia. Ele estava com o uniforme de policial, Mike estava a seu lado. O irmãozinho caçula orgulhoso, começando a se tornar homem, e o irmão mais velho de rosto severo, que já tinha visto muita maldade na vida e esperava ver muito mais antes que acabasse. Na verdade, ele havia conhecido em primeira mão o lado feio da humanidade, e ainda o estava vendo, mas agora fazia isso sem o uniforme. Só com uma maleta, um terno barato e a língua afiada. Tinha trocado balas por palavras. Até o fim de seus dias. Colocou a foto de volta no lugar e sentou-se. Contudo, ficou olhando para a foto, de repente, sem conseguir se concentrar.

Poucos dias depois, Sara Evans bateu e depois abriu a porta do escritório de Michael Fiske. Estava vazio. Michael tinha tomado emprestado um livro e ela precisava pegá-lo de volta. Procurou o livro no escritório, mas não o viu em lugar nenhum. Então viu a maleta dele no canto, embaixo da escrivaninha. Pegou a maleta. Pelo peso, sabia que havia alguma coisa lá dentro. A maleta estava trancada, mas ela sabia o segredo pois já a havia pegado emprestada algumas vezes. Abriu a maleta e imediatamente viu dois livros e os papéis lá dentro. Nenhum dos livros era o que estava procurando. Ela ia tornar a fechá-la, mas então parou. Puxou os papéis e olhou para o envelope em que tinham vindo. Endereçado ao gabinete dos escreventes. Tinha apenas lançado um olhar rápido para a página manuscrita e depois para a carta datilografada quando ouviu passos. Colocou os papéis de volta na maleta e a enfiou de volta debaixo da escrivaninha. Um instante depois Michael entrou.

— Sara, que está fazendo aqui?

Sara fez o possível para aparentar normalidade.

— Eu só vim procurar aquele livro que lhe emprestei na semana passada.

— Está em minha casa.

— Bem, então talvez possa ir até lá para jantar e buscá-lo.

— Estou meio ocupado.

— Todos nós estamos ocupados, Michael. Mas você realmente anda sumido ultimamente. Tem certeza de que está tudo bem? Não está estressado demais por causa da pressão? — Ela sorriu para mostrar que estava brincando. Mas Michael de fato parecia estar muito estressado.

— Está tudo bem, verdade. Vou trazer o livro amanhã.

— Não é nada tão importante assim.

— Eu trago amanhã — repetiu ele num tom ligeiramente irritado, o rosto ficando enrubescido, mas se acalmou rapidamente.

— Realmente tenho muito trabalho para fazer. — Olhou para a porta.

Sara foi até a porta e pôs a mão na maçaneta, então olhou para trás.

— Michael, se precisar conversar a respeito de alguma coisa, estou aqui para ouvir.

— Está bem, obrigado. — Ele se aproximou dela e a acompanhou até que saísse, então tornou a entrar, fechou e trancou a porta. Depois foi até a escrivaninha e puxou a maleta. Olhou para o conteúdo e então para a porta.

∞

Mais tarde naquela noite, Sara entrou com o carro na entrada de cascalho e estacionou na frente do pequeno chalé, que ficava situado um pouco afastado da George Washington Parkway, realmente um belo trecho de estrada. O chalé era a primeira coisa de que ela fora dona na vida e tinha trabalhado muito para ajeitar o lugar. Uma escada levava até o Potomac, onde seu pequeno barco a vela estava atracado. Ela e Michael tinham passado os raros momentos de lazer velejando até o outro lado do rio, para a margem de Maryland e depois para o norte, passando embaixo da ponte Memorial e então até Georgetown. Era o porto seguro de calma para os dois, rodeados como viviam por um mar de crises no trabalho. Michael tinha recusado seu último convite para sair para velejar. Na verdade, ele havia recusado todas as sugestões dela para estarem juntos na semana anterior. Inicialmente, tinha pensado que fosse por ela ter rejeitado sua proposta de casamento, mas depois do encontro no escritório dele, sabia que não era aquilo. Esforçou-se para lembrar com exatidão do que tinha visto na maleta dele. Era uma petição para dar entrada em uma apelação, tinha certeza disso. E tinha visto um sobrenome na carta datilografada. Era Harms. Não se lembrava

do nome. Do pouco que conseguira ler, antes que Michael entrasse, aparentemente Harms estava entrando com algum tipo de apelo à Suprema Corte. Não sabia de que se tratava. Não havia uma assinatura no final da carta datilografada.

Sara tinha ido diretamente até o gabinete dos escreventes para ver se algum caso com o nome Harms havia sido registrado. Não havia. Ela não conseguia acreditar que estava pensando nisso, mas teria Michael retirado um apelo, antes que ele tivesse sido processado e posto no rol de causas? Se tivesse, aquilo era um crime muito sério. Poderia ser despedido da Suprema Corte — até mandado para a cadeia.

Ela entrou em casa, trocou de roupa, vestindo uma calça jeans e uma camiseta e tornou a sair. Já estava escuro. Os assistentes jurídicos da Suprema Corte raramente chegavam em casa enquanto ainda estava claro, a menos que fosse ao raiar do dia e estivessem voltando em casa para tomar um banho de chuveiro rápido e trocar de roupa antes de voltar ao trabalho. Foi andando até a escada que levava ao ancoradouro e sentou-se no barco. Se ao menos Michael confiasse nela, poderia ajudar. A despeito das palavras dele no sentido contrário, Michael tinha se afastado dela. Não havia recebido muito bem a rejeição. Quem receberia?, perguntou a si mesma.

Abruptamente levantou-se de um salto e correu para casa, pegou o telefone e começou a discar o número dele, mas então parou. Michael Fiske era um homem teimoso. Se ela o confrontasse com relação ao que vira, aquilo poderia muito bem tornar as coisas piores. Teria de deixar que ele viesse procurá-la. Voltou para fora e olhou para a água. Um jato passou voando e ela automaticamente acenou para o avião, um de seus hábitos. De fato, os aviões passavam tão baixo naquele ponto que, se ainda estivesse claro, um passageiro no avião poderia tê-la visto acenar. Quando a mão dela tornou a cair, sentiu-se mais deprimida do que tinha se sentido desde que seu pai morrera deixando-a sozinha.

Depois daquela perda, tinha começado uma vida nova. Fora para a costa oeste, para a faculdade de direito, onde se saíra muito bem, tinha feito estágio na Nona Comarca do Tribunal de Apelações e depois se empregado na Suprema Corte. Fora nessa ocasião que vendera a fazenda na Carolina do Norte e comprara aquela casa. Não estava fugindo de sua velha vida, nem da tristeza que a dominava sempre que pensava em seus pais não estarem mais vivos para verem suas conquistas, ou simplesmente para abraçá-la. Pelo menos não achava que estivesse. Quando chegasse seu dia de deixar a Suprema Corte, não tinha ideia do que faria. Na arena jurídica, podia ir para qualquer lugar. O problema era que não sabia nem se queria que o direito fizesse parte de sua vida. Três anos de faculdade de direito, um ano no tribunal de apelação, começando seu segundo ano aqui, estava muito perto da exaustão absoluta.

Pensou em seu pai, um fazendeiro e também o juiz de paz da cidade. Ele não tinha uma sala de audiências luxuosa. Com frequência, fazia cumprir as leis e julgava com justiça sentado no alto do banco de seu trator no campo ou enquanto se lavava para o jantar. Para Sara, aquilo era a lei — o direito e a justiça —, o que significava para a maioria das pessoas, ou pelo menos o que deveria significar. Uma busca da verdade e então fazer a justiça depois que a verdade fosse descoberta. Nada de agendas ocultas, nada de jogos de palavras, simplesmente bom senso aplicado aos fatos. Ela suspirou. Mas nunca era assim tão simples. Sabia disso melhor do que a maioria das pessoas.

Voltou para dentro de casa, subiu numa cadeira e apanhou um maço de cigarros escondido no alto do armário da cozinha. Sentou-se na cadeira de balanço, suspensa, pendurada numa viga, na varanda dos fundos, que dava para a água. Olhou para o céu claro e localizou a Ursa Maior. Seu pai fora um ávido astrônomo, ainda que amador, e lhe ensinara a conhecer muitas das constelações. Sara com frequência usava as estrelas para velejar, um hábito que adquirira

enquanto estava em Stanford. Numa noite de céu claro a gente nunca perdia as estrelas, e com as estrelas você nunca estava realmente perdida. Esse pensamento era confortador. Enquanto fumava o cigarro, desejou que Michael soubesse o que estava fazendo.

Seus pensamentos seguintes voltaram-se para um outro Fiske: John. O comentário de Michael sobre seu irmão estivera perto do alvo, a despeito das negativas dela. Desde o primeiro instante em que vira John Fiske alguma coisa tinha se ligado em todos os circuitos importantes de seu coração, cérebro e alma que ela simplesmente não tinha nenhum meio de explicar. Não acreditava que emoções significativas pudessem ser despertadas com tamanha intensidade, tão rapidamente. Aquilo simplesmente não acontecia. Mas era por causa daquilo que estava tão confusa, porque, de certa maneira, aquilo era exatamente o que tinha acontecido com ela. Cada movimento que John Fiske fazia, cada palavra que ele dizia, cada vez que fazia contato visual com alguém, ou simplesmente sorria ou franzia o cenho, Sara tinha a sensação de que poderia observá-lo para sempre, sem nunca se cansar de fazê-lo. Quase riu diante do absurdo.

Como poderia, no entanto, ser loucura se era exatamente como ela se sentia?

E aquela não fora a única vez que observara o homem. Sem que Michael soubesse, tinha verificado com uma amiga no tribunal, em Richmond, e descobrira qual era o calendário de julgamentos de Fiske durante um período de duas semanas. Tinha ficado surpreendida com a frequência com que o homem estava no tribunal. Fora até lá mais uma vez, durante o verão, quando as coisas estavam mais calmas na Suprema Corte, e observara John Fiske argumentando durante uma audiência para a pronúncia da sentença. Tinha usado uma echarpe e óculos, por precaução, caso ela

algum dia fosse apresentada a ele, mais tarde, ou caso ele a tivesse visto da primeira vez que viera observá-lo com Michael.

Ela o ouvira argumentar fervorosamente em favor de seu cliente. Tão logo acabara, o juiz havia condenado o réu à prisão perpétua. O cliente fora levado embora para começar a cumprir sua pena, Fiske tinha arrumado suas coisas na pasta e saído da sala de audiências. Do lado de fora, Sara tinha observado enquanto Fiske tentara consolar a família do condenado. A esposa era magra e de aspecto doentio, o rosto coberto de hematomas e marcas de espancamento.

Fiske disse algumas palavras para a mulher, a abraçou e depois se virou para o filho mais velho, um garoto de catorze anos que já parecia ser um escravo condenado à vida nas ruas.

— Você agora é o homem da casa, Lucas. Tem de cuidar de sua família — disse Fiske.

Sara observou o adolescente. A revolta em seu rosto era dolorosa de ver. Como podia alguém tão jovem ter toda aquela hostilidade dentro de si?

— Hum-hum — disse Lucas, olhando fixo para a parede. Estava vestido com o uniforme de trabalho de gangue, um lenço cobria-lhe a cabeça. Usava roupas que não se podia comprar preparando sanduíches no McDonald's.

Fiske se ajoelhou e olhou para o outro filho. Enis tinha seis anos, era uma criança bonita e, geralmente, alegre e falante.

— Hei, Enis, como vai? — perguntou Fiske estendendo a mão. Enis apertou a mão de Fiske com desconfiança.

— Onde está o meu pai?

— Ele teve de ir embora por algum tempo.

— Por quê?

— Porque ele matou — Lucas começou a dizer antes que Fiske pudesse interrompê-lo com um olhar penetrante. Lucas resmungou um palavrão, empurrou a mão trêmula da mãe e afastou-se.

Fiske olhou de volta para Enis.

— Seu pai fez uma coisa de que não está muito orgulhoso. Agora vai ter de ir embora para compensar isso.

— Cadeia? — Enis perguntou. Fiske balançou a cabeça.

Enquanto Sara observava essa conversa, ocorreu-lhe que nos dias de hoje Fiske e adultos em geral provavelmente se sentiam tolos e inadequados nessas situações, como personagens de comédias de situação dos anos 50, tentando lidar com uma criança do segundo milênio. Mesmo aos seis anos de idade, Enis provavelmente sabia muita coisa sobre o sistema de justiça penal. De fato, o garotinho provavelmente sabia muito mais sobre as partes más da vida do que muitos adultos.

— Quando ele vai sair? — perguntou Enis.

Fiske olhou para a mulher e depois de volta para o menino.

— Só daqui a muito tempo, Enis. Mas sua mãe vai estar aqui.

— Então tudo bem — disse Enis sem muita emoção. Ele segurou a mão da mãe e os dois se foram.

Sara ficou observando enquanto Fiske olhava para o par por um momento. De novo, ela podia quase sentir o que ele estava pensando. Um filho, talvez perdido para sempre, o outro deixando o pai para trás casualmente, como um cachorro vira-lata na rua.

Finalmente, Fiske afrouxou a gravata e foi embora.

Sara não tinha exatamente certeza do motivo, mas decidiu segui-lo. Fiske foi andando devagar e ela pôde mantê-lo à vista com facilidade. O bar em que ele entrou era uma portinha numa fenda na parede, as janelas escuras. Sara hesitou e entrou.

Fiske estava no balcão. Evidentemente já tinha feito o pedido porque o barman estava servindo-lhe uma cerveja. Ela rapidamente foi para uma mesa num canto e sentou-se. A despeito da aparência esquelética, o bar estava bastante cheio e eram apenas cinco horas. Havia uma mistura interessante de operários e funcionários de escritórios do centro da cidade. Fiske estava sentado entre dois

operários de construção, os chapéus amarelos em cima do balcão do bar diante deles. Fiske tirou o paletó e sentou-se em cima dele. Seus ombros eram tão largos quanto os dos dois homens corpulentos a seu lado. Sara notou que a camisa estava solta e caía sobre a parte de trás das calças. A maneira como o cabelo cobria-lhe a nuca e encostava na camisa branca atraiu seu olhar por bastante tempo.

Ele conversava com os homens que o ladeavam. Os operários deram boas gargalhadas de alguma coisa que Fiske havia dito e Sara se sentiu sorrir, mesmo sem ter ouvido. Uma garçonete finalmente aproximou-se e Sara pediu refrigerante de gengibre. Continuou observando Fiske sentado no bar. Ele não estava mais fazendo piadas. Olhava fixo para a parede, tão intensamente que Sara deu por si olhando para a parede também. Tudo o que viu ali foram garrafas de cerveja e bebida, cuidadosamente arrumadas; Fiske obviamente estava vendo mais que isso. Ele já tinha pedido uma segunda cerveja e quando chegou levou a garrafa aos lábios e bebeu até esvaziá-la. Ela reparou que as mãos dele eram grandes, os dedos grossos parecendo fortes. Não pareciam ser mãos de alguém que passava todo seu tempo usando um lápis ou sentado em frente a um computador.

Fiske pôs algum dinheiro sobre o balcão, pegou o paletó e virou-se. Por um instante Sara pensou ter sentido os olhos dele sobre si. Ele hesitou um momento e depois enfiou o paletó. O canto onde ela estava era escuro. Não acreditava que ele a tivesse visto, mas por que teria hesitado? Um pouco nervosa agora, ela esperou mais um minuto ou coisa assim antes de se levantar e sair, deixando um par de notas de um dólar para pagar a bebida.

Ela não o viu quando tornou a sair para a luz do sol. Assim, num piscar de olhos, como se num sonho, ele havia desaparecido. Cedendo a um impulso, tornou a entrar no bar e perguntou ao barman se conhecia John. Ele sacudiu a cabeça. Ela queria fazer mais

perguntas, mas a expressão do homem dava a entender que não estava disposto a responder se fizesse.

Os operários a olharam com muito interesse. Decidiu sair antes que as coisas se tornassem desconfortáveis para ela. Sara foi andando de volta para o carro e entrou. Metade dela tinha querido conhecer Fiske de alguma maneira, a outra parte estava feliz de não tê-lo feito. Que diria ela? Alô, eu trabalho com seu irmão e tenho estado seguindo você?

Havia dirigido de volta para o norte da Virgínia, naquela noite, tomado duas cervejas e adormecido na cadeira de balanço da varanda dos fundos. A mesma em que estava sentada agora, enquanto fumava um cigarro e olhava para o céu. Aquela havia sido a última vez que vira John Fiske, quase quatro meses antes.

Não podia estar apaixonada por ele, uma vez que sequer conhecia o homem; fascinada era muito mais provável. Talvez se algum dia de fato viesse a conhecer Fiske, isso destruísse a impressão que tinha dele.

Contudo, ela não acreditava em destino. Se alguma coisa fosse acontecer entre eles, provavelmente caberia a ela dar o primeiro passo. Só que estava totalmente confusa com relação a qual deveria ser aquele primeiro passo.

Sara apagou o cigarro e fixou os olhos no céu. Sentiu vontade de sair para velejar. Queria sentir o vento em seus cabelos, a água espirrando em sua pele, o ardor do cabo contra a palma da mão. Mas agora, naquele exato momento, não queria experimentar nenhuma dessas coisas sozinha. Queria fazê-las com alguém, alguém em particular. Mas, com o pouco que Michael lhe contara a respeito de John Fiske, e com o que tinha visto do homem por si mesma, duvidava que aquilo algum dia fosse acontecer.

Sessenta quilômetros ao sul, John Fiske também levantou os olhos para o céu, por um momento, enquanto saltava do carro. O Buick não estava na garagem, mas de qualquer maneira Fiske não viera para ver o pai. A vizinhança estava tranquila, exceto por um par de adolescentes duas portas mais adiante, trabalhando num Chevy com um motor tão grande que parecia ter irrompido através da capota do carro. Fiske tinha acabado de passar o dia inteiro num julgamento. Tinha apresentado sua defesa, o melhor que pudera, a despeito das imperfeições. O procurador-adjunto representara a Commonwealth vigorosamente. Tinham sido oito horas de intensa disputa e Fiske mal tivera tempo de ir ao banheiro para urinar antes que o júri voltasse com o veredicto. Era a terceira vez que aquele sujeito violava a lei. Ele sem dúvida pegaria prisão perpétua. A ironia era que Fiske realmente acreditava que fosse inocente daquela acusação em particular — o que não era algo que pudesse dizer da maioria de seus clientes. Mas o sujeito tinha conseguido se safar de várias outras acusações, talvez o júri estivesse apenas inconscientemente acertando as contas. Para completar, ele morreria de velhice esperando que seus honorários advocatícios fossem pagos. Presos condenados à prisão perpétua raramente se davam ao trabalho de saldar suas dívidas, especialmente dívidas com advogados derrotados.

Fiske foi para o quintal nos fundos da casa, abriu a porta lateral da garagem, entrou e tirou uma cerveja da geladeira. A umidade ainda pairava como um cobertor úmido e ele encostou a garrafa gelada sobre a têmpora, deixando o frio penetrar fundo. Bem lá no fundo, na extremidade do quintal, havia um pequeno grupo de árvores inclinadas e uma parreira, há muito tempo morta, que ainda se enroscava apertando estacas e arames enferrujados. Fiske foi até lá e se apoiou contra um dos olmos. Olhou para baixo para um pequeno espaço escondido na grama. Ali estava enterrado Bo, o cão pastor belga com quem os irmãos Fiske tinham crescido. O pai deles

trouxera o cachorro para casa, certo dia, quando Bo não chegava ao tamanho de seu punho. Em menos de um ano, aproximadamente, ele crescera tornando-se um belo animal preto e branco, de peito largo, com vinte e sete quilos, que os meninos adoravam, especialmente Mike. Bo os seguia durante os percursos matinais para entregar jornais, um dia com cada um dos garotos. Tinham apreciado quase nove anos de intenso prazer juntos quando Bo caíra fulminado por um ataque cardíaco, enquanto Mike brincava com ele. John nunca tinha visto alguém chorar tanto em sua vida. Nem sua mãe nem seu pai podiam consolar Mike. Ficara no chão do quintal em prantos, abraçando o corpo peludo do animal, tentando fazê-lo levantar-se novamente, para ir brincar com ele no sol. John tinha tomado o irmão nos braços, abraçando-o apertado naquele dia, chorado com ele, acariciado a cabeça imóvel do adorado pastor.

Quando Mike foi para a escola no dia seguinte, John tinha ficado com o pai para enterrar o cachorro ali. Quando Mike voltou para casa todos eles tinham assistido à pequena cerimônia no quintal, para Bo. Mike havia lido a Bíblia com grande convicção e os irmãos haviam colocado uma pequena lápide, na verdade um pedaço de carvão parcialmente queimado, com o nome de Bo escrito à caneta, na cabeceira da cova simples. O pedaço de carvão ainda estava lá, embora a tinta, havia muito tempo, já tivesse desaparecido.

Fiske se ajoelhou e passou a mão na grama, tão macia e fina naquele lugar de sombra. Droga, eles tinham amado tanto aquele cachorro. Por que o passado tinha de desaparecer tão rapidamente? Por que se recorda os bons momentos como sendo tão breves? Ele sacudiu a cabeça e então a voz o surpreendeu.

— Lembro-me daquele velho cachorro como se fosse ontem. — Levantou o olhar para Ida German, que estava do outro lado da cerca olhando para ele. Levantou-se parecendo um pouco constrangido.

— Foi há muito tempo, Sra. German.

A mulher cheirava perpetuamente a carne e cebola, da mesma forma que sua casa, Fiske sabia. Viúva, agora há quase trinta anos, ela movia-se lentamente, o corpo encolhido, atarracado e gordo. O vestido longo que usava em casa cobria pernas varicosas, cheias de manchas, e tornozelos inchados. Apesar dos quase noventa anos, sua mente ainda era clara, as palavras vigorosas.

— Tudo foi há muito tempo para mim. Não para você. Agora ainda não. Como vai sua mãe?

— Continua na mesma.

— Venho querendo ir lá visitá-la, mas este velho corpo simplesmente não tem mais a força de levantar e fazer as coisas como tinha antes.

— Tenho certeza de que ela adoraria vê-la.

— Seu pai saiu algum tempo atrás. Foi à Legião Americana ou ao clube dos Veteranos de Guerras Estrangeiras, acho.

— Bom, fico satisfeito por ver que ele tem saído. E agradeço que a senhora lhe faça companhia.

— Não tem graça nenhuma ficar sozinha. Sobrevivi a três de meus filhos. A coisa mais dura do mundo para um pai é enterrar seus filhos. Não é natural. Como vai Mike? Não o vejo muito.

— Ele anda muito ocupado.

— Quem diria que aquele garotinho louro, de bochechas gordas, teria chegado onde chegou e feito o que ele fez? Acho incrível, se quer saber.

— Ele mereceu. — Fiske calou-se por um momento. Aquilo havia escapulado. Mas seu irmão tinha merecido.

— Vocês dois mereceram.

— Creio que Mike conseguiu chegar um pouco mais alto do que eu.

— Hum. Não acredite nisso. Seu pai se gaba de você um quilômetro por minuto. Quero dizer, ele também fala de Mike, mas você é o rei do pedaço com ele.

— Bem, ele e mamãe nos criaram bem. Sacrificaram tudo por nós. Não se esqueça disso. — Talvez Mike tivesse se esquecido, mas ele jamais esqueceria, disse Fiske a si mesmo.

— Bem, Mike teve três bons exemplos para seguir. — Fiske olhou para ela curiosamente. — Aquele menino adorava o chão em que você pisava.

— As pessoas mudam.

— Acha mesmo que sim?

Umas poucas gotas de chuva começaram a cair.

— É melhor tornar a entrar, Sra. German, parece que vai cair um toró.

— Você sabe que pode me chamar de Ida, se quiser.

Fiske sorriu.

— Algumas coisas não mudam, Sra. German.

Ele a observou até ela chegar em casa e entrar. A vizinhança não era nem de perto tão segura como costumava ser antigamente. Ele e o pai tinham instalado trancas nas portas da casa dela, caixilhos nas janelas e um olho mágico na porta da frente. Os idosos eram o alvo principal, quando se tratava de criminosos.

Fiske olhou para baixo mais uma vez, para o túmulo de Bo, a visão do irmão chorando desesperadamente pelo cachorro morto marcada em sua mente.

12

— COMO VAI, MAMÃE? — Michael Fiske acariciou o rosto da mãe. Era de manhã cedo e Gladys não estava de bom humor. A expressão de seu rosto demonstrava que estava zangada e ela recuou se afastando do toque dele. Michael olhou para ela por um momento, uma tristeza profunda apoderando-se de seus olhos ao ver a franca hostilidade nos dela.

— Trouxe uma coisa para você. — Ele abriu a sacola que carregava tirou uma caixa embrulhada para presente. Quando ela não fez nenhum movimento para abri-la, ele o fez para ela. Mostrou-lhe a blusa, em seu tom favorito de lavanda. Estendeu-a para ela, mas Gladys não quis aceitar. Era assim todas as vezes que vinha fazer uma visita. Ela raramente falava com ele, seu humor sempre péssimo. E os presentes que trazia nunca eram aceitos. Repetidamente tentou instigá-la a conversar, mas ela se recusava.

Michael se recostou na cadeira e suspirou. Tinha contado ao pai que sua mãe se recusava absolutamente a ter qualquer comunicação com ele. Mas o velho não podia fazer nada para mudar as coisas. Ninguém podia controlar quem Gladys trataria bem. As visitas de Michael tinham-se tornado cada vez menos frequentes por causa disso. Ele tentara falar com o irmão sobre o assunto, mas John se recusara a discutir aquilo com ele. Sua mãe nunca trataria John daquela maneira, Michael sabia. Para ela, ele era o menino de ouro. Michael Fiske podia ser eleito presidente dos Estados Unidos ou ganhar o Prêmio Nobel, mas aos olhos dela sempre viria depois do irmão mais velho. Ele deixou a blusa sobre a mesa, deu um beijo rápido na mãe e foi embora.

Do lado de fora a chuva havia começado a cair. Michael levantou o colarinho do casaco impermeável e voltou para o carro.

Tinha uma longa viagem pela frente. A visita à mãe não fora a única razão por que viera para o sul. Agora, estava se dirigindo para o sudoeste da Virgínia. Para Fort Jackson. Para visitar Rufus Harms. Por um momento debateu se deveria parar e ir visitar seu irmão. John não tinha retornado seu telefonema, o que não era nenhuma surpresa. Mas a viagem que estava prestes a empreender incluía algum risco pessoal e Michael bem que teria gostado de ter o conselho do irmão e talvez sua presença. Mas então sacudiu a cabeça. John Fiske era um advogado muito ocupado e não tinha tempo para ficar rodando pelo estado atrás das estranhas teorias de seu irmão caçula. Simplesmente teria de cuidar daquilo sozinho.

∞

Conforme fazia com frequência, Elizabeth Knight se levantou cedo, fez alguns exercícios de alongamento no chão e depois correu na esteira no quarto extra do apartamento que ela e o marido, o senador Jordan Knight, mantinham em Watergate. Tomou um banho, vestiu-se, preparou um café com torradas e examinou alguns memorandos de magistratura, preparando-se para a sustentação oral da semana seguinte. Uma vez que era sexta-feira, os juízes passariam parte do dia em conferência, onde dariam seus votos sobre os casos que já tinham sido ouvidos em audiências. Ramsey mantinha as conferências agendadas em ritmo rígido. Para seu desapontamento, havia pouco a debater nessas reuniões. Ramsey faria o sumário dos pontos principais de cada caso, daria seu voto oralmente e esperaria enquanto os outros juízes fizessem o mesmo. Se o voto de Ramsey fosse majoritário, o que geralmente era, ele designaria alguém para escrever o parecer. Se não fosse, o juiz mais antigo com a maioria dos votos, geralmente Murphy — opostos ideológicos, ele e Ramsey raramente, se é que jamais, votavam da mesma maneira —, designaria quem escreveria o parecer.

Enquanto Knight acabava de tomar seu café, foi refletindo e repassando seus três anos na Suprema Corte. Tinham sido realmente um redemoinho. Por causa de seu sexo, ela era automaticamente vista como não somente uma defensora dos direitos das mulheres, mas também de causas que mulheres tradicionalmente apoiavam. As pessoas nunca consideravam isso estereotipagem, embora fosse uma forma evidente disso, Knight sabia. Ela era uma juíza, não uma política. Tinha de examinar cada caso separadamente, exatamente como fizera quando fora juíza de tribunal de justiça. Tinha de reconhecer, no entanto, que a Suprema Corte era diferente. O impacto de suas decisões era tão amplo em seu alcance que os juízes eram obrigados a ir além dos quatro cantos de cada caso e olhar para o efeito que a decisão teria para todas as outras pessoas. Aquela tinha sido uma das coisas mais difíceis para ela.

Olhou em volta para o apartamento luxuoso. Ela e seu marido viviam bem juntos. Rotineiramente eram indicados como o casal poderoso número um da capital. E de certa maneira eram. Ela vestia esse manto o melhor que podia, ao mesmo tempo que combatia o isolamento que cada juiz, era obrigado a suportar. Quando você era nomeada para a Suprema Corte, os amigos deixavam de telefonar, as pessoas passavam a tratá-la de maneira diferente, eram cautelosas, tomavam cuidado com o que diziam na sua frente. Knight sempre tinha sido sociável, aberta. Agora sentia-se muito menos assim. Amparava-se na vida profissional de seu marido de maneira a diminuir o impacto dessa mudança abrupta. De vez em quando sentia-se como uma freira com oito monges para companheiros pelo resto da vida.

Como se em resposta a seus pensamentos, Jordan Knight, ainda de pijamas, aproximou-se atrás dela e a abraçou.

— Você sabe, não existe nenhuma regra que diga que você tem de começar todos os dias ao amanhecer. Ficar aconchegada na cama faz bem à alma — disse ele.

Ela beijou sua mão e virou-se para retribuir o abraço.

— Não me lembro de você ter o hábito de dormir até tarde, senador.

— Nós dois deveríamos fazer um esforço concentrado para isso, em minha opinião. Quem sabe a que poderia levar? Ouvi dizer que o sexo é a melhor defesa contra o envelhecimento.

Jordan Knight era alto e corpulento, com cabelos grisalhos que começavam a escassear e um rosto queimado de sol marcado por rugas. De acordo com a maneira desigual com que o mundo considerava as aparências de homens e mulheres, ele podia ser considerado um homem bem apessoado, a despeito das rugas e dos quilos a mais. Fazia uma bela figura nas páginas do Post e das revistas locais, e nos programas de televisão de rede nacional, em que até os líderes políticos mais experientes eram com frequência sobrepujados por sua experiência e inteligência.

— Você certamente tem opiniões interessantes.

Ele se serviu de uma xícara de café enquanto ela lia seus papéis.

— Ramsey ainda está preparando você para se tornar um bom membro de seu grupo?

— Ah, ele está apertando todos os botões certos, dizendo todas as coisas certas. Contudo, receio que algumas de minhas ações mais recentes não o estejam agradando muito.

— Siga seu próprio caminho, Beth, exatamente como sempre fez. Você é mais esperta do que todos eles. Que diabo, você deveria ser juiz-presidente.

Ela passou um braço em volta dos ombros fortes dele.

— Como você talvez devesse ser presidente? Ele encolheu os ombros.

— Creio que o Senado dos Estados Unidos é um desafio suficiente para mim. Quem sabe, esta pode ser a última rodada, aqui para seu querido.

Ela afastou o braço.

— Na verdade não conversamos sobre isso.

— Eu sei. Estamos os dois ocupados. Há exigências demais sobre nosso tempo. Quando as coisas se acalmarem, conversaremos. Creio que temos de conversar.

— Você parece estar falando sério.

— Não posso continuar no posto para sempre, Beth.

Ela deixou escapar uma risada preocupada.

— Receio que eu tenha me comprometido pelo resto da vida.

— Isso é a coisa boa na política. Você sempre pode decidir quando não quer se candidatar de novo. Ou pode perder a eleição.

— Pensei que houvesse muito mais que você ainda quisesse fazer.

— Não vai acontecer. Há obstáculos demais. Jogadas demais. Para falar a verdade, estou ficando meio cansado.

Beth Knight começou a dizer alguma coisa e então calou-se. Ela tinha mergulhado firmemente no "jogo" da Suprema Corte.

Jordan Knight pegou seu café e a beijou no rosto.

— Vá acabar com eles, Sra. Magistrada.

Enquanto o senador se afastava, ela esfregou o rosto onde ele a beijara. Tentou estudar a papelada mais uma vez, mas descobriu que não conseguia. Ficou sentada ali, simplesmente, a mente de repente girando em muitas direções diferentes.

∞

John Fiske levantou a fotografia dele com o irmão. Estava sentado ali há quase vinte minutos com ela, sem a sequer olhar a maior parte daquele tempo. Finalmente colocou a foto de volta na estante, foi até o telefone e discou o número do irmão. Ninguém respondeu e Fiske não se deu ao trabalho de deixar um recado. Tinha telefonado para a Suprema Corte, mas disseram-lhe que

Michael ainda não havia chegado. Ele ligou trinta minutos depois e uma outra pessoa disse que Michael não iria trabalhar naquele dia. Faz sentido, pensou. Não conseguia encontrar o irmão quando finalmente conseguira reunir coragem para ligar para ele. Será que era disso que se tratava — coragem? Sentou-se à mesa de trabalho e tentou trabalhar, mas seus olhos continuavam voltando para a fotografia.

Finalmente, preparou sua maleta, grato pelo fato de ter de ir ao tribunal, agradecido por poder fugir de um sentimento importuno indefinível.

Durante aquela manhã, participou de duas audiências consecutivas. Uma ele venceu de maneira convincente; na outra foi arrasado pelo juiz que, aparentemente, aproveitou todas as oportunidades para ridicularizar seus argumentos jurídicos, enquanto o procurador-adjunto da Commonwealth mantinha-se polidamente calado, contendo os sorrisos; você tinha de manter a fachada profissional, porque poderia ser você a levar surra em público da próxima vez. Todo mundo ali compreendia isso. Ou pelo menos os que estavam para ficar.

Depois foi até o presídio da cidade de Richmond e então até o presídio do condado em Henrico para falar com clientes. Com um, discutiu a estratégia para o julgamento que se aproximava. Seu cliente preso se ofereceu para prestar testemunho e mentir. Desculpe, você não vai fazer isso, disse-lhe Fiske. Com um outro cliente a conversa foi sobre a onipresente negociação sobre pena. Meses, anos, décadas. Quanto tempo? Terei uma chance de liberdade condicional? Suspensão dos efeitos da sentença? Ajude-me, homem. Tenho mulher e filhos. Tenho negócios para cuidar. OK, certo. O que é um pequeno assassinato e um pouco de mutilação intencional comparados com isso?

Com o último cliente, as coisas seguiram um rumo muito diferente.

— Não estamos nada bem nessa história, Leon. Acho que deveria admitir a culpa e aceitar uma redução da pena — aconselhou Fiske.

— Não. Vamos a julgamento.

— Eles têm duas testemunhas.

— Tem certeza?

Leon havia sido acusado de ter atirado numa criança. Tinha acontecido durante uma briga entre duas gangues de skinheads, e a garotinha estivera no meio do tiroteio — uma tragédia bastante comum nos dias de hoje.

— Bem, eles não poderão me prejudicar se não testemunharem, não é?

— Por que não testemunhariam? — questionou Fiske em tom neutro. Já havia percorrido aquela estrada antes. Quantas vezes, quando era policial, os casos tinham desaparecido diante de seus olhos porque as testemunhas de repente se esqueciam do que antes tinham visto e se lembrado tão claramente?

Leon encolheu os ombros.

— Sabe como é, as coisas acontecem. As pessoas não comparecem, não cumprem seus compromissos.

— A polícia tomou os depoimentos.

Leon lançou um olhar penetrante para ele.

— Tudo bem, mas vou poder encarar as pessoas testemunhando contra mim, certo? Assim você pode confundi-las na hora do depoimento em juízo, certo?

— Você sem dúvida conhece a Constituição — disse Fiske em tom seco. Ele respirou fundo. Estava tão cansado daquele jogo de intimidação de testemunhas. — Vamos lá, Leon, conte-me... sou seu advogado, tudo o que me disser é comunicação privilegiada. Por que eles não testemunharão contra você?

Leon abriu um sorriso.

— Você não precisa saber.

— Sim, preciso. Não preciso de nenhuma surpresa. Você nunca sabe o que o promotor vai tentar. Acredite, já vi isso acontecer antes. Se alguma coisa não dá certo e eu não estou preparado para isso, você poderia se dar muito mal.

Agora Leon parecia um pouco preocupado. Ele obviamente não tinha pensado naquilo. Esfregou a suástica no antebraço.

— Segredo profissional, certo? Foi o que você disse.

— É isso mesmo. — Fiske se inclinou para a frente. — Entre você, eu e Deus.

Leon riu.

— Deus? Merda, essa é boa. — Ele se inclinou para a frente e encolheu os ombros. — Tenho dois amigos. Eles vão fazer uma visitinha àquelas testemunhas. Para ter certeza de que vão esquecer.

Fiske lançou o corpo para trás escorregando na cadeira.

— Ah, droga, agora você fez.

— Fiz o quê?

— Disse-me a única droga de coisa que sou obrigado a comunicar ao juiz.

— De que diabo você está falando?

— Legal e eticamente, não posso divulgar nenhuma informação que me é dada por um cliente.

— Então, qual é o problema? Eu sou seu cliente e acabei de lhe dar a droga da informação.

— Certo, mas você vê, existe uma importante exceção a esta regra. Você acabou de me contar sobre um crime que planejou para o futuro. Esta é a única coisa que tenho de contar em juízo. Não posso deixar você cometer o crime. Tenho que aconselhar você a não fazê-lo. Considere-se devidamente advertido. Se já o tivesse cometido, não haveria problema. Que diabo você tinha em mente ao me contar isso? — A expressão de Fiske era de aborrecimento.

— Não sabia que esta era a lei. Merda, não sou uma droga de um advogado.

— Vamos, Leon, você conhece a lei melhor do que muitos advogados. Agora apronta essa e estragou seu próprio caso. Agora vamos ter de admitir a culpa e aceitar uma redução da pena.

— Que diabo está querendo dizer?

— Se formos a julgamento e as testemunhas não aparecerem, terei de comunicar ao tribunal o que você me disse. Se as testemunhas aparecerem, você está frito.

— Bem, então não conte nada a ninguém.

— Esta não é uma opção, Leon. Se eu não contar e de alguma forma vier a ser revelado, eu perco minha licença para advogar. Embora eu goste muito de você, nenhum cliente vale isso. Sem minha licença, não tenho o que comer. E você foi quem pisou na bola, cara, não eu.

— Não acredito nessa merda. Pensei que você pudesse contar qualquer coisa a seu advogado.

— Vou ver o que consigo com a admissão de culpa. Você vai passar algum tempo na cadeia, Leon, não há como evitar isso. — Fiske se levantou e deu uma palmadinha nas costas do preso. — Não se preocupe, vou negociar o melhor para você.

Enquanto Fiske ia saindo da sala de visitantes, sorriu pela primeira vez naquele dia.

13

MICHAEL FISKE LEVANTOU O OLHAR PARA MAIS ADIANTE enquanto dirigia. A estrada onde estava era péssima, sem manutenção, e seus limpadores de para-brisa lutavam para manter a visibilidade sob a chuva torrencial. Seguindo em direção oeste, tinha passado por lugares com nomes como Pulaski, Bland e até mesmo alguma coisa chamada Parque Estadual das Mães Famintas, que evocara em sua mente uma visão perturbadora de massas de mulheres e crianças acotoveladas implorando por comida ao longo das trilhas do parque. Os ventos que sopravam rodopiantes nas proximidades de Big A Mountain esbofeteavam o carro. Apesar de ter nascido e sido criado na Virgínia, Fiske nunca antes estivera a oeste de Roanoke e só se aventurara a ir lá para fazer o exame da ordem. Até esta altura tinha vindo bem porque dirigira o tempo todo pela autoestrada. Depois que saiu da Interestadual 81 e seguiu em direção oeste aquilo havia mudado abruptamente. Agora o terreno era acidentado e irregular, as estradas estreitas e sinuosas.

Lançou um olhar rápido para a maleta a seu lado no banco da frente, suspirando profundamente enquanto o fazia. Tinha descoberto muita coisa depois de ler o pedido de socorro de Rufus Harms.

Harms havia assassinado uma garotinha, que estava visitando a base militar onde Harms estivera lotado no final da Guerra do Vietnã. Ele estivera na prisão, na ocasião, e de alguma forma havia fugido. Não havia nenhum motivo; parecia simplesmente um ato fortuito de violência cometido por um louco. Esses fatos eram incontestáveis. Na qualidade de funcionário da Suprema Corte, Michael tinha muitas fontes de informação que podia consultar e usara todas elas para compilar os fatos anteriores. Contudo, as

Forças Armadas sequer admitiam a existência de um programa conforme o descrito na petição de Harms. Michael deu um tapa na direção do carro. Se ao menos o advogado tivesse incluído a carta do Exército no apelo.

Michael finalmente havia decidido que precisava ouvir o relato de sua fonte: Rufus Harms. Tinha tentado fazê-lo por intermédio dos canais oficiais, para evitar confronto direto. Havia localizado Samuel Rider pelo recibo do correio, mas não obtivera resposta para seus telefonemas. Seria ele o autor do documento escrito? Michael acreditava que havia uma forte possibilidade que fosse. Tinha telefonado para o presídio para tentar falar com Harms, mas sua solicitação tinha sido negada. Aquilo apenas aumentara suas suspeitas. Se um homem inocente estava na prisão, era parte do trabalho de Michael — seu dever, corrigiu a si mesmo — tomar providências para que aquele homem fosse libertado.

E havia uma última razão para aquela viagem. Alguns dos nomes citados na lista da petição, as pessoas supostamente envolvidas na morte da garotinha, eram nomes muito conhecidos de Michael. Se acabasse se comprovando que Rufus Harms estava contando a verdade... ele estremeceu enquanto um cenário de pesadelo depois do outro se desenrolava em sua mente.

No banco do carro a seu lado havia um livro de mapas de estradas e uma folha com indicações escritas, que havia preparado para si mesmo, mostrando exatamente o caminho para chegar ao presídio. Tinha viajado por quilômetros de estradas secundárias e passado por pontes de madeira corroídas, escurecidas pelo tempo e pelas emanções de gases dos carros, atravessando cidades que não eram grandes o suficiente para justificar esse título e por trailers maltratados que serviam de casas, aninhados em fendas estreitas na rocha, nos contrafortes dos Apalaches. Tinha sido ultrapassado por caminhonetes enlameadas com miniaturas de bandeiras dos Confederados balançando em antenas de rádio, e espingardas e rifles

de caça pendurados em ganchos na janela traseira. À medida que foi se aproximando da prisão, os rostos sombrios, endurecidos pelo tempo, das poucas pessoas que viu tornaram-se mais taciturnos, os olhos cheios de uma constante e irreversível desconfiança.

Quando Michael completou uma curva, os prédios que faziam parte das instalações da prisão ergueram-se ameaçadores diante dele. As paredes de pedra eram grossas, altas e imensas, como um castelo medieval transportado para aquela extensão de solo rochoso miseravelmente pobre. Ele se perguntou por um momento se as pedras teriam sido extraídas pelos presidiários e levadas para a montagem de seus próprios túmulos.

Recebeu um cartão de visitante, passou pelo portão principal e depois foi encaminhado para o estacionamento de visitantes. Explicou sua intenção para o guarda na entrada.

— O senhor não está na lista de visitantes — disse o jovem guarda. Ele examinou o terno azul-marinho de Michael e suas feições inteligentes com desprezo. Um garotão bonito da cidade, rico, metido a esperto, Michael podia ler nos olhos do homem.

— Telefonei várias vezes, mas nunca consegui falar com alguém que pudesse me dizer qual é o procedimento para ser incluído na lista.

— Isso cabe ao prisioneiro. Falando de maneira geral, se ele quer que venha visitá-lo, pode vir. Se ele não quer, não pode. É o único tipo de controle que esses malandros têm. — O guarda deu um sorriso.

— Se disser a ele que um advogado está aqui para vê-lo, tenho certeza de que me colocará na lista de visitantes.

— É o advogado dele?

— Estou tratando de um apelo feito por ele neste momento Michael respondeu evasivamente.

O guarda baixou o olhar para seu livro de registro.

— Rufus Harms — disse evidentemente confuso. — Ele está aqui desde antes até que eu nascesse. Exatamente que tipo de apelo alguém como ele poderia ainda ter em andamento depois de todo esse tempo?

— Não tenho liberdade para discutir isso — disse Michael. — Meu trabalho é coberto pelo segredo profissional do advogado e é absolutamente confidencial.

— Eu sei disso. Qual é, acha que sou ignorante?

— Não, de jeito nenhum.

— Se eu deixar você entrar e depois descobrirem que não deveria ter deixado vai ser o meu que vai ficar na reta.

— Bem, estava apenas pensando que você poderia querer checar com seu superior. Assim, a decisão não vai ser sua e não terá problemas.

O guarda pegou o fone.

— Eu já ia fazer isso — disse em tom pouco amistoso. Ele falou ao telefone uns dois minutos e depois desligou.

— Tem alguém descendo. — Michael balançou a cabeça. — De onde você é? - perguntou o guarda.

— Washington, D.C.

— Quanto uma pessoa como você ganha? — Era evidente que qualquer quantia que Michael mencionasse seria demais.

Ele respirou fundo enquanto observava a aproximação de um oficial uniformizado.

— Na verdade, não o bastante.

O jovem guarda se levantou rapidamente e bateu continência para seu oficial superior. O oficial se virou para Michael.

— Por favor, venha comigo Sr. Fiske. — O homem tinha uns cinquenta anos, a constituição esguia, a postura calma mas séria, e os cabelos cortados bem curtos que ajudavam a distingui-lo como militar de carreira.

Michael seguiu os passos precisos do homem que seguia por um corredor até um pequeno escritório. Durante cinco minutos Michael explicou pacientemente o que estava fazendo ali sem realmente revelar nenhuma informação de substância. Era capaz de levar um papo de advogado, de enganar os mais espertos.

— Se disser ao Sr. Harms que estou aqui, ele me receberá.

O homem girou uma caneta entre os dedos, os olhos cravados no jovem advogado.

— Isto é bastante estranho. Rufus Harms acabou de receber uma visita de seu advogado, não faz muito tempo. E aquela pessoa não era o senhor.

— É mesmo? O nome dele era Samuel Rider? — O homem não respondeu, mas a surpresa momentânea em suas feições fez com que Michael sorrisse internamente. Seu palpite demonstrara estar correto. O antigo advogado militar de Harms havia incluído a folha de papel datilografada. — Uma pessoa pode ter mais de um advogado, senhor.

— Não alguém como Rufus Harms. Ele não teve ninguém durante os últimos vinte e quatro anos. Ah, o irmão vem visitá-lo com bastante regularidade, mas todo esse interesse no homem está nos deixando perplexos. Tenho certeza de que pode compreender isso.

Michael sorriu agradavelmente, mas suas palavras seguintes foram ditas com firmeza.

— Espero que o senhor possa compreender o fato de que um prisioneiro tem o direito de falar com um advogado.

O oficial o encarou durante alguns momentos, depois tirou o fone do gancho e falou ao telefone. Ele desligou e olhou de volta para Michael sem dizer nada. Cinco minutos se passaram antes que o telefone voltasse a tocar. Quando o homem tornou a desligá-lo, balançou a cabeça e disse rispidamente:

— Ele o receberá.

14

QUANDO RUFUS HARMS APARECEU na entrada da sala de visitantes, parecia confuso, enquanto seu olhar se fixava no homem jovem. Ele se aproximou arrastando os pés. Michael se levantou para cumprimentá-lo e foi recebido com um latido do guarda atrás de Rufus.

— Sente-se.

Michael o fez imediatamente.

O guarda observou atentamente até que Rufus se sentou defronte a Michael e se virou para o advogado.

— O senhor foi previamente instruído com relação às regras de conduta durante a visita. Caso tenha esquecido alguma delas, estão afixadas claramente bem aqui. — Apontou para um grande cartaz na parede. — Nenhum contato físico é permitido a qualquer tempo. E deve se manter sentado o tempo todo. Compreende?

— Sim. O senhor tem de permanecer na sala? Existe uma coisa chamada comunicação confidencial entre advogado e cliente. Além disso, ele tem de permanecer acorrentado assim? — perguntou Michael.

— Não perguntaria isso se tivesse visto o que ele fez com um monte de caras aqui dentro. Mesmo todo acorrentado ele poderia quebrar seu pescocinho magro em dois segundos. — O guarda chegou mais perto de Michael. — Talvez em outras prisões possa ter mais privacidade, mas isto aqui não é como outras prisões. Nós aqui só temos os maiores e os piores e temos nossas próprias regras operacionais. Esta é uma visita que não foi marcada, de maneira que tem vinte minutos antes que o grande lobo mau aqui tenha que ir trabalhar limpando as latrinas. E temos algumas realmente imundas hoje.

— Então eu apreciaria se nos deixasse começar — disse Michael. O guarda não disse mais nada e afastou-se seguindo para seu posto contra a porta.

Quando Michael olhou para Rufus encontrou os olhos do homem cravados nele.

— Bom-dia, Sr. Harms. Meu nome é Michael Fiske.

— Este nome não significa nada para mim.

— Eu sei, mas estou aqui para lhe fazer algumas perguntas.

— Eles disseram que era o meu advogado. Você não é meu advogado.

— Eu não disse que era. Eles apenas presumiram isso. Não tenho nenhuma ligação com o Sr. Rider.

Os olhos de Rufus se estreitaram.

— Como sabe a respeito de Samuel?

— Isto não é realmente relevante. Estou aqui para lhe fazer perguntas, porque recebi seu mandado para revisão de caso.

— Você o quê?

— Seu apelo. — Michael baixou a voz. — Trabalho na Suprema Corte dos Estados Unidos.

A boca de Rufus caiu aberta.

— Então que diabo está fazendo aqui?

Michael pigarreou nervosamente.

— Sei que isto não é de fato muito ortodoxo. Mas li seu apelo e queria lhe fazer algumas perguntas a respeito dele. A apelação faz uma série de acusações muito graves contra algumas pessoas muito proeminentes. — Enquanto encarava os olhos estarecidos de Rufus, Michael de repente se arrependeu de ter ido até ali. — Examinei os antecedentes de seu caso e algumas coisas não fazem sentido para mim. Queria lhe fazer algumas perguntas e, então, se as coisas se confirmarem, podemos dar andamento ao apelo.

— Por que não está em andamento ainda? Eu mandei para a maldita Suprema Corte, não foi?

— Sim, mas também tinha uma variedade de deficiências técnicas que teriam feito com que seu recurso fosse negado. Posso tentar ajudá-lo com isso. Mas o que quero evitar é um escândalo. O senhor tem de compreender, Sr. Harms, que todos os anos a Corte recebe malas de apelações de prisioneiros que não têm nenhum mérito.

Os olhos de Rufus se estreitaram.

— Está dizendo que estou mentindo? É isso que está dizendo? Por que não passa vinte e cinco anos neste lugar por alguma coisa que não era sua culpa e depois vem aqui para me dizer isso?

— Não estou dizendo que está mentindo. Eu na verdade acho que existe alguma coisa em tudo isso, caso contrário, creia-me, não teria vindo aqui. — Ele olhou em volta para a sala sombria. Nunca estivera perto de um lugar como aquele, sentado diante de um homem como Rufus. De repente sentiu-se como um aluno de primário saltando de um ônibus e se dando conta de que de alguma forma estava no colegial. — Creia-me — disse de novo. — Só preciso conversar com o senhor.

— Tem alguma identidade que prove que é quem diz que é? Não ando muito disposto a confiar em ninguém durante os últimos trinta anos.

Os funcionários da Suprema Corte não recebiam carteiras de identidade especiais. O pessoal da segurança no tribunal tinha obrigação de conhecê-los de vista. Contudo, a Suprema Corte publicava um diretório anual com os nomes e as fotografias. Aquilo era uma maneira de ajudar os guardas a conhecer o rosto deles. Michael tirou o diretório do bolso e o mostrou a Rufus. Rufus o examinou atentamente, lançou um olhar para o guarda, depois se virou de volta para Michael.

— Você tem um rádio na pasta?

— Um rádio? — Michael sacudiu a cabeça.

Rufus baixou a voz ainda mais.

— Então comece a cantarolar.

— Quê? — disse Michael, confuso. — Na verdade, não sei... quero dizer, não sou uma pessoa muito musical.

Rufus sacudiu a cabeça impacientemente.

— Então tem uma caneta?

Michael balançou a cabeça em silêncio.

— Então pegue a caneta e comece a batucar na mesa. De qualquer maneira, eles provavelmente já ouviram tudo de que precisam, a esta altura, mas vamos deixar algumas surpresas para eles.

Quando Michael começou a dizer alguma coisa, Rufus interrompeu.

— Nada de palavras, trate de batucar. E ouça.

Fiske começou a batucar na mesa com a caneta. O guarda lançou um olhar para eles mas não disse nada.

Rufus falou tão baixinho que Michael teve de se esforçar para ouvi-lo.

— Você não deveria ter vindo aqui de jeito nenhum. Não sabe o risco que corri para tirar aquele pedaço de papel daqui de dentro. Se você leu, sabe porquê. Matar um velho crioulo condenado que estrangulou uma menina branca, ninguém daria nenhuma bola. Não creio que dessem.

Michael parou de batucar.

— Tudo isso foi há muito tempo. As coisas mudaram.

Rufus deixou escapar um grunhido.

— É mesmo? Por que não vai bater no caixão de Medgar Evers ou de Martin Luther King e dizer isso a eles? As coisas mudaram, sim, senhor, tudo agora vai dar certo. O Senhor seja louvado.

— Não foi isso que quis dizer.

— Se as pessoas a respeito de quem falei naquela carta fossem negras e eu fosse branco... e eu não chamasse este lugar de minha residência... você estaria aqui agora, verificando minha história?

Michael baixou o olhar. Quando tornou a levantar os olhos, sua expressão era de pesar.

— Talvez não.

— É claro que não, que diabo! Comece a batucar e não pare.

Michael fez isso.

— Acredite se quiser, eu quero ajudá-lo. Se as coisas que descreveu em sua carta aconteceram, então quero que a justiça seja feita.

— Por que diabo se importa com alguém como eu?

— Porque me importo com a verdade — disse Michael com simplicidade. — Se está dizendo a verdade, então acredite em mim, vou fazer tudo o que estiver a meu alcance para tirá-lo deste lugar.

— Isso realmente é um bocado fácil de dizer, não é?

— Sr. Harms, eu gosto de usar meu cérebro, meus conhecimentos para ajudar pessoas menos afortunadas do que eu. Sinto que é meu dever.

— Bem, realmente é muito gentil de sua parte, filho, mas não venha passar a mão em minha cabeça. Eu poderia morder e arrancá-la fora.

Michael piscou, confuso, e depois entendeu.

— Sinto muito, não tive a intenção de ser condescendente. Olhe, se foi preso por erro da Justiça, então quero ajudar a obter sua liberdade. É só isso.

Rufus não disse mais nada durante um minuto, como se tentando medir a sinceridade das palavras do rapaz. Quando finalmente se inclinou para a frente de novo suas feições tinham se suavizado, mas a atitude permaneceu cautelosa.

— Não é seguro falar aqui a respeito desse negócio.

— Onde mais podemos conversar?

— Nenhum lugar que eu conheça. Eles não deixam pessoas como eu sair de férias. Mas tudo que eu disse é verdade.

— Fez referência a uma car...

— Cale a boca! — disse Rufus. Olhou em volta novamente, os olhos cravados por um momento no grande espelho. — Não estava junto com a apelação?

— Não.

— Certo, você sabe quem é meu advogado. Disse o nome dele antes.

Michael balançou a cabeça.

— Samuel Rider. Tentei ligar para ele, mas ele não me ligou de volta.

— Bataque mais alto. — Michael batucou mais forte.

Rufus olhou em volta e depois começou a falar.

— Vou dizer a ele para falar com você. Tudo o que precisar saber, ele lhe dirá.

— Sr. Harms, por que entrou com um apelo à Suprema Corte?

— Não tem nenhuma mais alta, não é?

— Não.

— Não pensei que houvesse. Nós recebemos jornais aqui. Um pouco de TV, rádio. Tenho observado aquelas pessoas ao longo dos anos. Aqui se pensa muito a respeito de tribunais e coisas assim. As caras mudam, mas os juízes podem fazer qualquer coisa. Qualquer coisa que quiserem. Eu já vi isso. O país inteiro viu.

— Mas de um ponto de vista puramente técnico-legal existem outros caminhos que realmente têm de percorrer nos tribunais de instâncias mais baixas antes que seu apelo possa ser ouvido lá. O senhor nem tem uma decisão de um tribunal de instância inferior da qual esteja apelando, por exemplo. Em resumo, sua apelação tem numerosos defeitos.

Rufus sacudiu a cabeça cansadamente.

— Estive neste lugar a metade de minha vida, não me resta mais muito tempo. Nunca fui casado, nunca vou ter filhos. A última coisa que vou fazer é passar anos de um lado para o outro com advogados e tribunais e coisas assim. Quero sair daqui e quero sair

tão rápido quanto puder. Quero ser livre. Eles, os grandes juízes, podem me tirar daqui, se acreditarem em fazer a coisa certa. Esta é a coisa certa, você tem de voltar lá e dizer isso a eles. São chamados de juízes, bem, isto é justiça.

Michael olhou para ele com curiosidade.

— Tem certeza de que não existe outro motivo para ter apelado à Suprema Corte?

Rufus olhou para ele sem compreender.

— O quê, por exemplo?

Michael deixou escapar a respiração que não havia percebido que tinha prendido. Certamente era possível que Rufus não tivesse conhecimento das posições atualmente ocupadas pelos homens que ele citava em seu apelo.

— Não tem importância.

Rufus se recostou na cadeira e encarou Michael.

— Então o que os juízes acham de tudo isso? Eles mandaram você aqui, não foi?

Michael parou de batucar e disse nervosamente.

— Na verdade, eles não sabem que estou aqui.

— Quê?

— Eu na verdade não mostrei seu apelo a ninguém, Sr. Harms. Queria ter certeza, sabe, de que tudo estava correto.

— Você foi o único que viu?

— Por enquanto, mas como eu disse...

Rufus olhou para a maleta de Michael.

— Você não trouxe minha carta aqui, trouxe?

Michael seguiu o olhar dele para a maleta.

— Bem, eu queria lhe fazer umas perguntas a respeito da carta. Sabe...

— Deus nos ajude — disse Rufus tão violentamente que o guarda preparou-se para atacar. — Eles tomaram sua maleta quando

entrou? Porque dois dos homens a respeito de quem escrevi estão nesta prisão. Um deles está no comando dessa droga inteira.

— Eles estão aqui? — Michael empalideceu. Tinha confirmado que os homens mencionados na apelação estavam no Exército nos anos 70. Conhecia o atual paradeiro de dois deles, mas não havia se dado ao trabalho de localizar os outros. Ficou paralisado, repentinamente se dando conta de que acabara de cometer um erro potencialmente fatal.

— Eles tomaram a maldita maleta?

Michael gaguejou:

— Só... só por uns dois minutos. Mas coloquei o documento num envelope selado e continua selado.

— O que você fez matou nós dois — gritou Rufus. Como um gêiser quente, ele explodiu para cima, virando a mesa pesada como se fosse feita de pau-de-balsa. Michael saltou para se desviar e escorregou no chão. O guarda soprou o apito e agarrou Rufus por trás numa gravata. Michael observou enquanto o prisioneiro gigante, apesar dos pés e das mãos acorrentados, lançou longe o guarda de noventa quilos, com um piparote, como se fosse um mosquito incômodo. Meia dúzia de outros guardas entraram correndo na sala e partiram para cima do homem, balançando os cassetetes. Rufus continuou atirando-os longe como um alce contra uma alcateia de lobos, durante uns bons cinco minutos, até que finalmente foi derrubado. Eles o arrastaram para fora da sala, primeiro berrando, depois arquejando, lutando para respirar, quando um cassetete foi apertado contra sua garganta. Pouco antes de Rufus desaparecer, ele encarou Michael, o horror e a traição estampados em seus olhos.

∞

Depois de uma luta exaustiva que continuou durante todo o caminho pelo corredor, os guardas conseguiram prender Rufus com

correias numa maca.

— Levem-no para a enfermaria — gritou alguém. — Acho que ele está tendo convulsões.

Mesmo com as correntes e as largas correias de couro prendendo-o, Rufus se revirava violentamente, a maca se sacudindo para trás e para a frente. Continuou gritando até que alguém enfiou um pano em sua boca.

— Andem logo, droga — disse o mesmo homem.

O grupo irrompeu pelas portas duplas e entrou na enfermaria.

— Deus do Céu! — O médico de plantão apontou para um espaço vazio. — Aqui, rapazes.

Eles viraram a maca ao contrário e a enfiaram no espaço vazio. Quando o médico se aproximou, um dos pés esperneando de Rufus quase o acertou na barriga.

— Tire aquilo da boca do homem — ordenou o médico, apontando para o lenço amassado enfiado na boca de Rufus. O rosto do prisioneiro estava ficando vermelho-escuro arroxeadado.

Um dos guardas olhou para ele cautelosamente.

— É melhor ter cuidado doutor, ele ficou maluco. Se conseguir atingir o senhor, vai machucá-lo. Ele já derrubou três dos meus homens. Filho-da-puta maluco. — O guarda olhou ameaçadoramente para Rufus. Tão logo o pano foi tirado de sua boca, os berros de Rufus encheram a enfermaria.

— Ponham um monitor nele — disse o médico para um dos enfermeiros-auxiliares. Segundos depois eles conseguiram prender os sensores em Rufus, o médico estava observando atentamente o subir e descer irregular da pressão sanguínea e do pulso de Rufus. Olhou para um dos enfermeiros. — Traga uma IV até aqui. — Para outro disse: — Uma ampola de lidocaína, imediatamente, antes que ele tenha uma parada cardíaca ou um enfarte.

Os dois guardas e o pessoal médico se acotovelavam em volta da maca.

— Você pode tirar seus homens daqui? — gritou o médico no ouvido de um dos guardas.

O homem sacudiu a cabeça.

— Ele é forte o bastante para arrebentar as correias e se o fizer e não estivermos aqui, poderia matar todo mundo nesta sala em um minuto. Acredite. Ele é capaz.

O médico examinou o pedestal IV portátil enquanto era colocado ao lado da maca. O outro enfermeiro veio correndo com a ampola de lidocaína. O médico balançou a cabeça para os guardas.

— Vamos precisar de sua ajuda para segurá-lo. Precisamos pegar uma boa veia para enfiar a agulha para entrar com a IV, e pelo aspecto das coisas só vamos ter uma oportunidade.

Os homens se reuniram em volta de Rufus, segurando-o para imobilizá-lo. A despeito do peso combinado deles, por pouco não conseguiram.

Rufus olhava para eles, tão enfurecido, tão aterrorizado, que mal conseguia se manter de posse de seus sentidos. Exatamente como na noite quando Ruth Ann Mosley tinha morrido. Eles rasgaram a manga de sua camisa, expondo o antebraço musculoso, as veias eram fortes e salientes. Ele fechou os olhos, depois os abriu de novo quando viu a agulha reluzente vindo em sua direção. Fechou os olhos mais uma vez. Quando os abriu de novo, não estava mais na enfermaria de Fort Jackson. Estava no forte da Carolina do Sul, um quarto de século antes. A porta se abriu explosivamente e um grupo de homens entrou como se fossem donos do lugar, como se fossem donos dele. Havia somente um que não conhecia de vista. Tinha esperado ver os cassetetes serem empunhados, sentir as pancadas violentas nas costelas, nas nádegas e nos antebraços. Havia se tornado um ritual, de manhã e ao entardecer. Enquanto absorvia os golpes em silêncio, sua mente recitava uma prece da Bíblia, seu lado espiritual transportando-o para fora do alcance da tortura física.

Em vez disso, uma arma foi colocada contra sua cabeça. Disseram-lhe que se ajoelhasse no chão e que fechasse os olhos. Foi então que aconteceu. Lembrava-se da surpresa, do choque que tinha sentido, enquanto levantava o olhar para encarar o grupo sorridente e triunfante. Os sorrisos desapareceram quando, poucos minutos depois, Harms levantou-se, atirou longe os homens como se não tivessem peso, irrompeu pela porta da cela, deixando o sentinela de plantão perplexo, e saiu da área cercada dentro do forte, correndo enlouquecido.

Rufus piscou novamente e estava de volta à enfermaria, olhando para os rostos, os corpos fazendo pressão em cima dele. Viu a agulha se aproximando mais de seu antebraço. Estava olhando para cima, a única pessoa fazendo isso. Foi então que viu a segunda agulha perfurar a bolsa IV, o fluido da hipodérmica fluindo para dentro da solução de lidocaína.

Vic Tremaine tinha realizado sua tarefa calma e eficientemente, como se estivesse regando flores em vez de cometendo um assassinato. Nem sequer olhou para sua vítima. Rufus arqueou bruscamente a cabeça para o lado e encarou a agulha IV na mão do médico. Estava prestes a penetrar em sua pele, descarregando dentro de seu corpo qualquer veneno que Tremaine tivesse escolhido para matá-lo. Eles já tinham lhe tirado metade da vida. Não estava disposto a deixá-los tirar o resto, ainda não.

Rufus calculou sua oportunidade o melhor que pôde.

— Merda! — gritou o médico, quando Rufus arrebitou as correias libertando-se, agarrou a mão dele e a chicoteou contra seu corpo. O pedestal de IV veio junto, despencando, a bolsa IV bateu no chão e explodiu. Tremaine, furioso, aproveitou a oportunidade para deixar a enfermaria rapidamente. O peito de Rufus de repente se contraiu como se comprimido e sua respiração ficou constricta. Quando o médico conseguiu se levantar cambaleante, olhou para Rufus. O prisioneiro estava tão imóvel que o médico teve de checar o

monitor para se assegurar de que ainda estava vivo. Enquanto examinava os sinais vitais, que tinham caído para níveis perigosamente baixos, declarou:

— Ninguém suporta essa quantidade de variações extremas. Ele poderia estar entrando em choque. — Virou-se para um enfermeiro. — Mande vir um helicóptero Medi-Vac para cá. — Olhou para o chefe dos guardas. — Não estamos equipados para tratar este tipo de quadro. Vamos estabilizá-lo e depois mandá-lo de helicóptero para o hospital em Roanoke. Mas precisamos andar depressa. Presumo que vá mandar um guarda com ele.

O guarda esfregou o queixo machucado e olhou para o dócil Rufus.

— Eu mandaria um pelotão inteiro se coubesse na droga do helicóptero.

ESCOLTADO POR UM GUARDA ARMADO, Michael Fiske caminhou trôpego pelo corredor. Esperando ao final do corredor estava o oficial uniformizado que o interrogara ao chegar. Michael podia ver que ele segurava duas folhas de papel.

— Sr. Fiske, eu não me identifiquei quando nos encontramos. Meu nome é coronel Frank Rayfield. Sou o oficial no comando aqui.

Michael passou a língua nos lábios. Frank Rayfield era um dos homens que Rufus havia citado em sua apelação. O nome não significava nada para Michael na ocasião. Dentro daquela prisão, significava que ele ia morrer. Quem poderia ter imaginado que dois dos homens que Rufus havia acusado de, essencialmente, assassinato em sua apelação estariam ali entre todos os lugares? Mas agora que pensava no assunto, aquele seria um lugar perfeito para eles vigiarem Rufus de perto.

Concentrando-se em Rayfield mais uma vez, Michael se perguntou onde eles iriam largar seu corpo. Como fazia quando era criança, de repente viu-se desejando que seu irmão mais velho aparecesse para ajudá-lo. Ficou olhando em silêncio enquanto Rayfield lhe entregava os papéis fazendo sinal para que o guarda se retirasse. Enquanto Michael segurava os papéis, Rayfield pareceu pesaroso.

— Receio que meus homens tenham sido um pouco zelosos demais — disse Rayfield. — Nós geralmente não fotocopiamos documentos em envelopes selados. — Na verdade, Rayfield tinha aberto o envelope e fotocopiado os documentos ele mesmo. Nenhum de seus homens tinha visto os documentos.

Michael olhou para os papéis.

— Não compreendo. O envelope ainda estava selado.

— O envelope é de um tipo muito comum. Eles simplesmente puseram de volta em um novo e o selaram.

Michael amaldiçoou-se silenciosamente por ter deixado de reparar numa coisa tão óbvia.

Rayfield deu uma risadinha.

— Qual é a graça? — perguntou Michael.

— Esta é a quinta vez que Rufus Harms me cita em uma ação judicial inventada, Sr. Fiske. Que mais devo fazer senão rir?

— Como assim?

— Ele nunca foi a uma instância tão alta como a Suprema Corte dos Estados Unidos antes... é onde trabalha, não é?

— Eu não tenho que responder isso.

— Está bem. Mas, se é, então sua presença aqui é um pouco estranha.

— Isso é problema meu.

— E meu problema é administrar esta prisão de maneira precisa, militar — retrucou Rayfield. Mas então a voz dele se suavizou. — Não o culpo. Harms é esperto. Parece que convenceu seu antigo advogado militar a ajudá-lo desta vez, e Samuel Rider deveria saber que não adianta.

— Está dizendo que Rufus Harms tem o hábito de entrar com ações judiciais frívolas?

— Acha que isso é incomum entre prisioneiros? Têm tempo demais nas mãos. De qualquer maneira, no ano passado ele acusou o presidente dos Estados Unidos, o secretário de Defesa e este que vos fala de conspirar para culpá-lo falsamente de um crime que ele cometeu e que foi testemunhado por, pelo menos, uma meia dúzia de pessoas.

— É mesmo? — Michael pareceu cético.

— É mesmo. Finalmente foi arquivado, mas custou alguns milhares de dólares ao governo em honorários advocatícios para fazê-lo. Sei que os tribunais estão abertos para todo mundo, Sr.

Fiske. Mas um processo sem fundamento é um processo sem fundamento, e, muito francamente, estou ficando cansado deles.

— Mas ele disse na petição...

— Certo, eu li. Há dois anos ele alegou que o agente Laranja, ao contaminá-lo em combate, o levou a fazê-lo. E sabe de uma coisa? Rufus Harms jamais foi exposto ao agente Laranja, porque ele nunca participou de combate. Passou a maior parte de seus dois anos no Exército na área de isolamento no forte por insubordinação, entre outras coisas. Não é nenhum segredo... pode pesquisar isso se quiser. Isto é, se já não o tiver feito. — Ele observou Michael, que estava olhando para baixo. — Agora leve seus papezinhos, volte para Washington e deixe que o processo siga pelos trâmites normais. Será negado como todos os outros. Algumas pessoas inocentes sofrerão constrangimentos terríveis, mas esse é o costume americano. Creio que seja por isso que combati por este país: para sustentar todas essas liberdades. Mesmo quando abusam delas.

— Está simplesmente deixando que eu vá embora?

— O senhor não é um prisioneiro aqui. Tenho uma porção de internos de verdade com quem me preocupar, inclusive um que acabou de espancar três de meus guardas. O senhor vai ter de responder a algumas perguntas que um de meus homens, que estará aqui, dentro de muito pouco tempo, irá fazer. Relatarão o que aconteceu na sala de visitantes. Precisamos disso para o relatório do incidente.

— Mas isto significa que entrará no registro oficial. O fato de eu estar aqui, tudo.

— Exatamente, entrará. Vir aqui foi escolha sua, não minha. Vai ter de viver com as consequências.

— Eu sei. Mas eu não estava contando com nada disso.

— Bem, a vida é cheia de pequenas surpresas.

— Olhe, o senhor realmente tem de registrar qualquer coisa?

— Sua presença aqui é uma questão de registro oficial, de qualquer maneira, Sr. Fiske, mesmo não se levando em conta o que aconteceu naquela sala de visitantes. Seu nome está no livro de visitantes com o número do crachá que lhe foi dado.

— Creio que não havia pensado direito em tudo isso.

— Imagino que não. Pelo que estou entendendo o senhor não tem realmente muita experiência em assuntos militares. — Enquanto Mike ficava parado ali com uma expressão infeliz, Rayfield pensou por um instante. — Olhe, nós temos de fazer o relatório, mas se não fizer diferença, posso não registrá-lo oficialmente. Talvez sua presença aqui na prisão possa ser excluída também.

Michael deixou escapar um suspiro de alívio.

— Poderia fazer isso?

— Talvez. O senhor é um advogado. Que tal quid pro quo?

— Como assim?

— Eu jogo fora o relatório e o senhor joga fora aquela apelação.

— Ele fez uma pausa olhando para o rapaz. — Isto faria o governo economizar mais uma conta de advogado. Quero dizer, Deus abençoe os direitos de qualquer pessoa de ter seu dia no tribunal, mas isto está ficando meio ultrapassado.

Michael desviou o olhar.

— Tenho que pensar no assunto. De qualquer maneira tem algumas deficiências técnicas. Talvez tenha razão.

— Eu tenho razão. Não estou querendo arruinar sua carreira. Simplesmente esqueceremos que isso aconteceu. E espero não vir a ler histórias sobre este caso nos jornais. Se acontecer, então talvez o fato de o senhor ter vindo aqui também tenha de ser revelado. Agora, se me der licença. — Rayfield girou nos calcanhares e se afastou, deixando para trás um Michael visivelmente perturbado.

Rayfield seguiu diretamente para seu escritório. As suspeitas de Rufus tinham tido bons fundamentos; um aparelho de escuta, projetado para ficar invisível no desenho da madeira, tinha sido instalado debaixo do tampo da mesa na sala de visitantes. Rayfield ouviu mais uma vez a conversa entre Michael e Rufus. Parte dela havia ficado encoberta pela interferência do batucar da caneta de Michael. O rádio havia encoberto toda a conversa anterior de Rufus com Rider. Rufus não era nenhum idiota. Mas Rayfield tinha ouvido e lido o bastante para saber que eles tinham um grande problema em potencial. Pegou o telefone e fez uma ligação. Em frases concisas Rayfield relatou os eventos para a pessoa do outro lado da linha.

— Mas que merda, não consigo acreditar nisso.

— Eu sei.

— E tudo isso aconteceu hoje?

— Bem, eu lhe contei sobre a vinda de Rider antes, mas, sim, todos esses eventos aconteceram ainda há pouco.

— Por que diabo o deixou entrar para falar com Harms?

— Se eu não deixasse, não acha que ele teria ficado mais desconfiado? Depois de ter lido o que Harms tinha escrito na maldita carta para a Suprema Corte, que escolha eu tinha?

— Deveria ter cuidado do filho-da-mãe antes disso. Você teve vinte e cinco anos para fazê-lo, Frank.

— Este era o plano há vinte e cinco anos, matá-lo — Rayfield disparou de volta. — E olhe o que aconteceu. Tremaine e eu passamos a metade de nossa vida tendo de vigiá-lo.

— Vocês dois não estão exatamente trabalhando de graça. Em quanto está seu pequeno fundo de reserva a esta altura? Um milhão? A aposentadoria vai ser tremendamente agradável. Mas não será, para nenhum de nós, se esta história vier à tona.

— Não é que não tenhamos tentado matar o cara. Droga, Tremaine tentou acabar com ele hoje, na enfermaria, mas, merda, parece que o sujeito tem um sexto sentido. Rufus Harms é duro

como uma serpente venenosa quando está contra a parede. Os guardas só podem chegar até certo ponto e temos gente espiando por sobre nosso ombro, inspeções de surpresa, a maldita ACLU. O babaca simplesmente não morre. Por que você não vem até aqui e tenta?

— Está bem, está bem, não adianta ficarmos discutindo a respeito disso. Você tem certeza de que todos nós fomos citados na carta? Como isto é possível? Ele nem sabia quem eu era.

Rayfield não hesitou. A pessoa com quem estava falando não tinha sido citada na carta de Rufus, mas Rayfield não iria lhe dizer isso. Todo mundo estava correndo risco naquela história.

— Como posso saber? Ele teve vinte e cinco anos para pensar no assunto.

— Então como conseguiu fazer a carta sair?

— Isto está além de minha compreensão. O guarda viu a maldita coisa; era o testamento dele, era isso.

— Mas ele a fez sair de alguma maneira.

— Samuel Rider está envolvido. Isto é absolutamente certo. Ele trouxe um rádio quando veio e o barulho interferiu no aparelho de escuta que instalamos, não consegui ouvir o que disseram um para o outro. Aquilo deveria ter me alertado de que havia algum plano.

— Eu nunca confiei naquele sujeito. Não fosse pela alegação de insanidade de Rider, Harms estaria morto há muito tempo, cortesia do Exército.

— A segunda carta que encontramos na maleta de Fiske tinha sido escrita numa máquina de escrever. Não havia iniciais no final da página, sabe, como quando é datilografada por uma secretária, de maneira que Rider provavelmente a escreveu ele mesmo. A propósito, eram ambos documentos originais.

— Droga, por que agora? Tanto tempo depois?

— Harms recebeu uma carta do Exército. Ele faz referência a ela no recurso. Talvez tenha despertado sua memória. Posso lhe

dizer que até agora ele ou não se lembrava do que aconteceu, ou tem guardado isso sem dizer nada durante vinte e cinco anos.

— Por que faria isso? E por que diabo o Exército haveria de mandar alguma coisa para ele depois de todo esse tempo?

— Eu não sei — respondeu Rayfield nervosamente. Na verdade, ele sabia. O motivo fora mencionado na petição de Rufus à Corte. Mas Rayfield iria guardar aquela carta escondida na manga por enquanto.

— E é claro que você não tem esta misteriosa carta do Exército, tem?

— Não. Quero dizer, ainda não.

— Deve estar na cela dele, embora não consiga imaginar como conseguiu escondê-la. — O tom de voz estava novamente acusador.

— Às vezes penso que o sujeito é um mágico — disse Rayfield.

— Ele teve outros visitantes?

— Só o irmão dele, Josh Harms. Ele vem cerca de uma vez por mês.

— E como está Rufus?

— Parece que vai bater as botas. Teve um derrame ou um ataque cardíaco. Mesmo se sobreviver, provavelmente não será o mesmo.

— Onde está?

— A caminho do hospital em Roanoke.

— Por que diabo o deixou sair?

— O médico mandou. Ele tem a obrigação de salvar a vida do homem, quer seja prisioneiro ou não. Se eu o impedisse, não acha que levantaria suspeitas?

— Bem, mantenha-se informado e reze para que o coração dele exploda. E se não explodir, faça acontecer.

— Ora vamos, quem acreditaria nele?

— Você poderia se surpreender. Esse Michael Fiske? Ele é o único outro que sabe, além de Rider?

— Exato. Pelo menos acho que sim. Ele veio aqui para checar a história de Harms. Não contou a ninguém... pelo menos foi o que disse a Harms. Demos uma grande sorte nisso — disse Rayfield. Inventei uma história para ele sobre Harms ser um advogado crônico de cadeia. Acho que ele acreditou. Temos algum poder de pressão, porque ele poderia ficar seriamente encarcerado por ter estado aqui. Não creio que vá deixar o apelo seguir adiante. A voz do outro lado subiu alguns decibéis.

— Você está louco? Fiske não terá escolha nesse caso.

— Ele é um funcionário da Suprema Corte, pelo amor de Deus. Eu o ouvi dizer isso a Harms.

— Eu sei disso. Merda, sei disso muito bem. Mas deixe-me explicar-lhe exatamente o que vai fazer. Você vai cuidar de Fiske e de Rider. E vai fazer isso já.

Rayfield empalideceu.

— Quer que eu mate um funcionário da Suprema Corte e um advogado local? Ora vamos, eles não têm nenhuma prova disso. Não podem nos prejudicar.

— Você não pode ter certeza disso. Não sabe o que estava na carta do Exército. Não sabe que novas informações Fiske ou Rider podem ter descoberto nesse meio tempo. E Rider tem trinta anos de prática de advocacia. Ele não entraria com uma apelação se a considerasse sem fundamentos, não na maldita Suprema Corte. E talvez você não tenha conhecimento disso, mas os funcionários da Suprema Corte não são exatamente bobalhões. Fiske não se deu ao trabalho de dirigir essa distância toda até chegar aí porque achava que Harms era um lunático. Pelo que me disse, o conteúdo das cartas era muito específico com relação ao que aconteceu na área de isolamento da prisão.

— Era sim — concordou Rayfield.

— Então é isso, caso encerrado. Mas este não é o maior furo em toda esta história. Lembre-se, Harms não é um advogado de cadeia.

Ele nunca entrou com nenhuma outra petição. Se Fiske checar o que você disse, vai descobrir que mentiu. E quando Fiske fizer isso... e tenho de acreditar que fará... então tudo irá pelos ares.

— É que não tive muito tempo para pensar num plano — retrucou Rayfield irritado.

— Não estou afirmando o contrário. Mas, ao mentir para ele, você o transformou num grande risco. E temos um outro problema.

— Qual é?

— Tudo o que Harms disse na apelação é verdade. Você esqueceu disso? A verdade é engraçada. Você começa a olhar aqui e ali, e, de repente, a parede de mentiras começa a ruir. Adivinhe em cima de quem vai cair? Você realmente quer correr esse risco? Porque quando a parede cair, o único lugar para onde você irá para se aposentar é Fort Jackson. E dessa vez do outro lado da porta da cela da prisão. Isso lhe soa bem, Frank?

Rayfield respirou fundo, cansadamente, e olhou para o relógio.

— Merda, preferiria o Vietnã a isso em qualquer dia.

— Acho que nós todos nos acomodamos confortavelmente demais. Bem, está na hora de fazer jus a seu dinheiro, Frank. Você e Tremaine tratem de cuidar disso. E, enquanto estiver cuidando do negócio, lembre-se do seguinte: ou todos nós sobrevivemos a esta história juntos ou todos nós vamos para o espaço juntos.

∞

Trinta minutos mais tarde, depois de fazer seu relato ao assistente de Rayfield, Michael deixou o prédio da prisão e foi caminhando sob a chuva leve até o carro. Que idiota ele tinha sido. Tinha vontade de rasgar os papéis do recurso, mas não o faria. Talvez os pusesse de volta para serem processados. A despeito disso, sentia pena de Rufus Harms. Todos aqueles anos na prisão tinham deixado marcas. Enquanto Michael saía do estacionamento, não

tinha como saber que a maior parte do fluido de seu radiador tinha sido retirada num balde e jogada na floresta das vizinhanças.

Cinco minutos depois ele olhou com consternação para o vapor saindo do capô de seu carro. Saltou, rapidamente abriu o capô e depois pulou para trás, quando uma nuvem de vapor momentaneamente o engoliu. Praguejando furioso, olhou em torno — nenhum carro ou ser humano à vista. Pensou por um momento. Podia andar de volta para a prisão, usar o telefone e chamar um reboque. Como se respondendo à deixa, a chuva ganhou intensidade.

Enquanto olhava para mais adiante de onde estava, seu espírito se animou. Uma caminhonete estava se aproximando vindo da direção da prisão. Ele levantou os braços e acenou para que parasse. Enquanto o fazia olhou para trás para o carro, onde o vapor ainda jorrava. Engraçado — tinha acabado de fazer uma revisão no carro preparando-se para a viagem. Quando olhou novamente para a caminhonete, seu coração começou a bater rapidamente. Olhou em volta e então virou-se, e correu afastando-se da caminhonete. Ela acelerou e rapidamente o ultrapassou, bloqueando seu caminho. Estava prestes a correr para dentro da floresta quando a janela foi aberta e uma arma apontada para ele.

— Entre — ordenou Victor Tremaine.

ERA SÁBADO À TARDE QUANDO SARA EVANS FOI DE CARRO até o apartamento de Michael e observou os carros estacionados na rua. O Honda de Michael não estava lá. Ele havia telefonado dizendo que iria faltar por motivo de doença na sexta-feira, algo que ela nunca o vira fazer antes. Tinha telefonado para o apartamento dele, mas ninguém atendera o telefone. Sara estacionou, foi até o prédio e bateu na porta. Não houve resposta. Ela não tinha a chave. Deu a volta até os fundos do prédio e subiu pela escada de incêndio. Olhou pela janela da pequena cozinha. Nada. Tentou a porta, mas estava trancada. Pegou o carro e seguiu de volta para a Suprema Corte, suas preocupações multiplicadas por dez. Michael não estava doente, ela sabia disso. Tudo aquilo tinha alguma coisa a ver com os papéis que ela tinha visto na maleta dele, tinha certeza disso. Silenciosamente rezou para que ele estivesse em segurança e que voltasse ao trabalho na segunda-feira.

Voltou a trabalhar durante o resto do dia e depois saiu para um jantar tardio com alguns dos outros funcionários, num restaurante perto da Union Station. Todos eles queriam conversar sobre trabalho, exceto Sara. Geralmente uma fã devotada daquele ritual, ela simplesmente não conseguia prestar atenção na conversa. A certo ponto teve vontade de sair gritando do restaurante, farta dos intermináveis planos sobre estratégias, previsões, seleções de casos, as nuances mais sutis analisadas até a morte; nuvens de cogumelos formadas por meros cogumelos.

Mais tarde, naquela noite, Sara deixou-se ficar no deque nos fundos de sua casa. Então tomou uma decisão e saiu com o barco para velejar tarde da noite pelo rio. Contou as estrelas, fez engraçadas imagens mentais com elas. Pensou na proposta de

casamento de Michael e nos motivos por que a recusara. Seus colegas ficariam surpreendidos com a recusa. Seriam um casal brilhante, diriam.

Teriam uma vida maravilhosa, dinâmica, juntos, com a certeza quase absoluta de que seus filhos seriam extremamente inteligentes, ambiciosos e talentosos em atletismo. A própria Sara havia ganho uma bolsa de estudos na faculdade como jogadora de lacrosse, embora Michael fosse o melhor atleta dos dois.

Ela se perguntou com quem ele finalmente acabaria se casando. Ou se até mesmo se casaria. Sua rejeição poderia fazer com que ficasse solteiro para o resto da vida. Enquanto ia velejando, teve de sorrir. Estava se atribuindo crédito demais. Dali a um ano Michael estaria partindo para fazer alguma coisa incrivelmente fantástica. Ela teria sorte se ele sequer se lembrasse de quem era dali a cinco anos.

Enquanto punha as amarras do barco e enrolava as velas, parou por um momento, para apreciar um último sopro da brisa que vinha da água, antes de seguir de volta para casa. Uma viagem que mal levava vinte minutos, fora da hora do rush em direção ao norte, a deixaria na cidade mais poderosa da Terra, em seu posto entre os mais brilhantes e respeitados juristas de sua época. E no entanto tudo o que queria realmente fazer agora era aconchegar-se debaixo do cobertor com as luzes apagadas e fingir que nunca mais teria de voltar lá. Razoavelmente ambiciosa durante toda sua vida, ela, de repente, não sentia nenhum ímpeto de realizar coisa alguma digna de nota em sua vida profissional. Casar e tornar-se mãe? Seria aquilo tudo o que queria? Não tinha irmãos e havia sido bastante mimada na fase de crescimento. Não estava muito habituada a conviver com crianças, mas alguma coisa a atraía naquela direção. Alguma coisa muito forte. Mas, mesmo assim, não tinha certeza. E não deveria ter àquela altura?

Enquanto entrava em casa, se despia e se enfiava na cama, Sara se deu conta de que o fato de ter uma família requeria uma outra coisa para começar: encontrar alguém para amar. Tinha acabado de recusar uma oportunidade de fazê-lo com um homem verdadeiramente excepcional. Será que uma outra chance surgiria? Será que queria um homem em sua vida agora, naquele momento? Contudo, às vezes, uma oportunidade era o que se tinha. Aquele foi seu último pensamento antes de adormecer.

ERA SEGUNDA-FEIRA e John Fiske estava sentado à sua mesa de trabalho, digerindo mais um relatório de prisão de um de seus clientes. Àquela altura, ele já conhecia extremamente bem aquele tipo de processo. Tinha lido somente a metade do relatório e já podia dizer que tipo de acordo o sujeito poderia esperar conseguir. Bem, era agradável ser bom em alguma coisa.

A batida na porta do escritório o sobressaltou. A mão direita abriu a gaveta superior da escrivaninha. Dentro estava uma nove milímetros, uma herança de seus dias de policial. Sua clientela não era das mais dignas de confiança. Portanto, embora os representasse com o devido empenho, não era ingênuo o bastante para deixar sua retaguarda desprotegida deles, tampouco. Alguns de seus clientes já tinham aparecido batendo à sua porta, drogados ou bêbados, com algum ressentimento contra ele por alguma ofensa ou dano que acreditavam ter sido de sua responsabilidade. Assim, seu ânimo melhorou consideravelmente ao sentir o aço duro contra a palma da mão.

— Entre, a porta está destrancada.

O policial uniformizado que entrou pela porta trouxe um sorriso aos lábios de Fiske e ele fechou a gaveta da escrivaninha.

— Hei, Billy, como vai?

— Já estive melhor, John — respondeu o policial Billy Hawkins. Enquanto Hawkins se aproximava e sentava, Fiske viu os hematomas multicoloridos no rosto do amigo.

— Que diabo aconteceu com você?

Hawkins tocou um dos hematomas.

— Um cara pirou num bar na noite passada e me acertou umas duas das boas. — E acrescentou rapidamente: — Não é por isso que

estou aqui, John.

Fiske sabia que Hawkins era um sujeito de bom temperamento e boa índole, que não permitia que as pressões constantes de seu trabalho o dominassem. Era sempre tão digno de confiança e sério com relação ao trabalho quanto descontraído e simpático quando estava de folga.

Hawkins lançou um olhar rápido e nervoso para Fiske.

— Não se trata de alguma coisa com Bonnie ou as crianças, não é? — perguntou Fiske.

— Não é a respeito de minha família, John.

— É mesmo? — Enquanto olhava para os olhos aflitos de Hawkins, o estômago de Fiske se contraiu.

— Que droga, John, você sabe como detestávamos ter de fazer a visita para comunicar a morte ao parente mais próximo, e sequer conhecíamos as pessoas.

Fiske se levantou lentamente, a boca ficando instantaneamente seca.

— Parente mais próximo? Ah, meu Deus, não minha mãe? Meu pai?

— Não, John, não são eles.

— Então simplesmente diga que diabo precisa me dizer, Billy.

Hawkins lambeu os lábios e depois começou a falar rapidamente:

— Recebemos uma chamada da polícia de D.C.

Fiske ficou confuso por um instante.

— D.C.? — Tão logo o disse, seu corpo ficou gelado. — Mike?

Hawkins balançou a cabeça.

— Foi um acidente de carro?

— Não foi acidente. — Hawkins fez uma pausa por um momento e pigarreou. — Foi um homicídio, John. Parece um assalto que desandou. Eles encontraram o carro dele num beco. No lado ruim da cidade, pelo que soube.

Fiske deixou que aquela notícia horrenda fosse absorvida por um momento. Como policial e agora como advogado, tinha visto os resultados de muitos homicídios referentes a outras pessoas, outras famílias. Mas o que estava acontecendo agora era território desconhecido.

— Você não contou a meu pai, contou? — disse baixinho.

Hawkins sacudiu a cabeça.

— Imaginei que você fosse querer fazer isso. Por causa do problema de sua mãe e a maneira como ela está.

— Eu cuido disso — disse Fiske.

Seus pensamentos foram interrompidos pelas palavras seguintes de Hawkins.

— O detetive encarregado do caso solicitou uma identificação por parte do parente mais próximo, John.

Como policial, quantas vezes Fiske dissera a mesma coisa a um pai enlutado?

— Eu vou lá.

— Sinto muitíssimo, John.

— Eu sei, Billy, eu sei.

Depois que Hawkins foi embora, Fiske andou até onde estava a fotografia dele e do irmão, e a pegou. Suas mãos tremiam. Não era possível o que Hawkins acabara de lhe contar. Ele tinha sobrevivido a dois ferimentos a bala e passado quase um mês no hospital, com a mãe e o irmão caçula a seu lado durante a maior parte do tempo. Se John Fiske podia sobreviver àquilo, se ele podia estar vivo agora, como podia seu irmão estar morto? Colocou a foto de volta no lugar. Tentou se mover para pegar o casaco, mas suas pernas estavam paralisadas. Simplesmente ficou parado ali.

18

RUFUS HARMS ABRIU OS OLHOS LENTAMENTE. O quarto estava em semiobscuridade, cheio de sombras. Contudo, estava acostumado a ver sem o auxílio de luz, tendo se tornado, com o passar dos anos, uma espécie de especialista. Os anos de prisão também tinham ampliado a acuidade de sua audição a tal ponto que quase podia ouvir alguém pensando. Fazia-se muito isso na prisão: ouvir e pensar.

Ele se mexeu lentamente na cama de hospital. Seus braços e suas pernas ainda estava presos com correias de couro. Sabia que havia um guarda bem ali, do lado de fora da porta de seu quarto. Rufus o tinha visto várias vezes agora, enquanto pessoas entravam e saíam de seu quarto. O guarda não era um policial, vestia uniforme de combate e estava armado. Do Exército regular ou talvez reservista, Harms não tinha certeza. Inspirou ligeiramente. No curso dos últimos dois dias, Harms tinha ouvido os médicos que o examinaram. Não tinha sofrido um ataque do coração, embora aparentemente tivesse chegado perto disso. Não conseguia se lembrar do nome que os médicos haviam dado, mas seus batimentos cardíacos tinham estado irregulares o bastante para que fosse mantido na unidade de tratamento intensivo por algum tempo.

Ele rememorou a última hora que havia passado na prisão. Perguntou-se se Michael Fiske tinha sequer conseguido sair da prisão antes que o matassem. Ironicamente, o quase ataque cardíaco de Rufus salvara sua vida. Pelo menos estava fora de Fort Jackson. Por enquanto. Mas quando seu estado melhorasse, eles o mandariam de volta. E então ele morreria. A menos que o matassem ali antes.

Tinha examinado com cuidado cada um dos médicos e das enfermeiras que o tratavam. Qualquer um que estivesse lhe

administrando drogas recebia atenção especial. Estava confiante de que, se imaginasse que estava em perigo, poderia arrancar os lados da cama de hospital. Por enquanto, tudo o que podia fazer era recuperar a força, esperar, vigiar e ter esperança. Se não pudesse recuperar a liberdade por intermédio do sistema judiciário, então a obteria de outra forma. Não voltaria a Fort Jackson. Não enquanto ainda estivesse respirando.

Durante as duas horas seguintes observou pessoas indo e vindo. Cada vez que a porta de seu quarto era aberta, olhava para o guarda do lado de fora. Um garoto jovem, parecendo muito convencido em seu uniforme e portando uma arma. Dois guardas tinham vindo com ele no helicóptero, mas nenhum deles estava de sentinela do lado de fora, agora. Talvez estivessem fazendo rodízio. Quando a porta abria, o guarda balançava a cabeça e sorria para a pessoa que entrava ou saía, especialmente se fosse jovem e do sexo feminino. Quando o guarda ocasionalmente olhara para dentro do quarto, Rufus tinha visto duas emoções em seus olhos: ódio e medo. Aquilo era bom. Aquilo significava que tinha uma chance. Ambas poderiam conduzir à única coisa que Rufus precisava desesperadamente que o guarda cometesse: um erro.

Deixar um único guarda, eles deviam achar que estava realmente muito incapacitado, calculou Rufus; só que não estava. Os monitores com seus números e linhas saltando não significavam nada para ele. Eram aves de rapina envoltas em metal esperando que ele desaparecesse para avançar em cima dele. Mas podia sentir sua força voltando; aquilo era algo tangível. Fechou e abriu as mãos na expectativa de finalmente poder mover totalmente os braços.

Duas horas depois, ouviu a porta girar para dentro e então uma luz se acendeu. A enfermeira trazia uma prancheta de metal e sorriu para ele enquanto examinava o monitor. Tinha uns quarenta e poucos anos, calculou. Bonita, com um corpo generoso. Olhando

para os quadris largos, ele imaginou que tivesse passado por muitos partos.

— Está indo melhor hoje — comentou ela, quando reparou que a estava observando.

— Lamento ouvir isso.

Ela o encarou boquiaberta.

— É melhor que acredite que uma porção de gente neste lugar adoraria ouvir esse tipo de prognóstico.

— Onde estou exatamente?

— Roanoke, Virgínia.

— Nunca estive em Roanoke.

— É uma cidade bonita.

— Não tão bonita quanto a senhora — disse Rufus com um sorriso embaraçado, as palavras escapulindo de seus lábios. Há quase três décadas ele não ficava próximo de uma mulher. A última mulher que vira em pessoa fora sua mãe, chorando a seu lado, enquanto o carregavam para cumprir a sentença de prisão perpétua. Ela havia morrido naquela semana. Alguma coisa explodira em seu cérebro, seu irmão lhe havia contado. Mas ele sabia que sua mãe morreria devido a um coração partido.

O nariz dele se franziu quando o perfume o tocou. Parecia fora de lugar num hospital. De início, Harms não percebeu que estava simplesmente sentindo o cheiro da enfermeira, uma leve mistura de perfume, loção hidratante e mulher. Droga. Que mais havia esquecido sobre a vida real? Uma lágrima começou a tremer no canto de seu olho direito enquanto pensava nisso.

Ela baixou o olhar para ele, as sobrancelhas erguidas, uma das mãos no quadril.

— Disseram-me para ser cuidadosa quando estivesse perto de você.

Harms olhou para ela.

— Eu nunca lhe faria mal, senhora. — O tom dele era solene, sincero. Ela viu a lágrima quase escorrendo de seu olho. Realmente ficou sem saber o que dizer a seguir. — Não pode escrever nesse relatório que estou morrendo ou coisa assim?

— Está maluco? Não posso fazer isso. Você não quer melhorar?

— Assim que melhorar, volto direto para Fort Jackson.

— Não é um lugar agradável, imagino.

— Estou na mesma cela na prisão há mais de vinte anos. É um bocado agradável ver alguma outra coisa para variar. Não há muito o que fazer, exceto contar os batimentos do coração e olhar para o concreto.

Ela pareceu surpreendida.

— Vinte anos? Quantos anos você tem?

Rufus pensou por um momento.

— Não sei exatamente, para dizer a verdade. Não mais de cinquenta.

— Ora vamos, você não sabe que idade tem?

Ele a fitou com o olhar firme.

— Os únicos condenados que mantêm um calendário são os que vão sair algum dia. Estou cumprindo uma pena de prisão perpétua, minha senhora. Não vou sair nunca. Assim, que interessa que idade tenho? — Rufus disse isso de maneira tão casual que a enfermeira sentiu o rosto enrubescer.

— Ah. — A voz dela ficou trêmula. — Creio que compreendo seu ponto de vista.

Ele moveu o corpo ligeiramente. As correntes tilintaram contra os lados de metal da cama. Ela recuou.

— A senhora poderia ligar para uma pessoa para mim?

— Quem? Sua esposa?

— Eu não tenho esposa. Meu irmão. Ele não sabe onde estou. Queria que soubesse.

— Acho que tenho que checar antes com o guarda.

Rufus olhou para além dela.

— Aquele garotinho branco lá fora? O que ele tem a ver com meu irmão? Não parece ser capaz de fazer pipi sozinho.

Ela deu uma gargalhada.

— Bem, eles o mandaram para vigiar você, seu velho grandalhão, não mandaram?

— O nome de meu irmão é Joshua. Joshua Harms. O apelido é Josh. Posso lhe dizer o número do telefone dele se tiver um lápis. Apenas ligue para ele e diga onde estou. Aqui a gente fica solitário. Ele não mora muito longe daqui. Quem sabe, poderia vir e me visitar.

— De fato aqui se fica solitário — ela disse um pouco melancolicamente. Olhou para ele, para seu corpo alto, forte, todo coberto de tubos e curativos. E os grillhões... eles capturaram sua atenção.

Rufus reparou o olhar fixo dela. Correntes num homem geralmente tinham aquele efeito nas pessoas, havia descoberto.

— Então o que você fez afinal? Para estar na prisão.

— Como é seu nome?

— Por quê?

— Só queria saber. Meu nome é Rufus, Rufus Harms.

— Eu sabia disso. Está em sua papeleta.

— Bem, não tenho nenhuma papeleta para procurar seu nome. Ela hesitou por um momento, olhou em volta para a porta e depois de volta para ele.

— Meu nome é Cassandra — disse.

— É um nome realmente bonito. — Os olhos dele a examinaram de alto a baixo. — Combina com a senhora.

— Obrigada. Então não vai me contar o que fez?

— Por que quer saber?

— Só estou curiosa.

— Eu matei alguém. Muito tempo atrás.

— Por que fez isso? Estavam querendo feri-lo?

— Não me fez nada.

— Então por que matou?

— Eu não sabia o que estava fazendo. Estava fora de mim.

— É verdade? — Ela recuou, afastando-se mais um pouco quando ele disse isso. — Não é o que todos dizem?

— Por acaso é verdade comigo. A senhora vai ligar para meu irmão?

— Não sei. Talvez.

— Deixe eu lhe dizer, vou lhe dar o número. Se não ligar, não ligou. Se ligar, então eu lhe agradeço muito.

Ela olhou para ele curiosamente.

— Você não age como um assassino.

— A senhora deveria ter cuidado com isso. São os que falam macio que acabam machucando a gente. Vi um bocado desses tipos.

— Então eu não deveria confiar em você?

Os olhos dele se cravaram nos dela.

— A senhora tem que decidir isso por si mesma.

Ela refletiu a respeito daquilo por um momento.

— Então, qual é o número de seu irmão?

Ela anotou o número do telefone, enfiou no bolso e se virou para sair.

— Hei, Dona Cassandra? — Ela se virou de volta. — A senhora tem razão, não sou um assassino. Se a senhora quiser voltar e conversar comigo mais um pouco... se quiser, é claro. — Rufus conseguiu dar um sorriso fraco e sacudiu as correntes. — Não vou a lugar nenhum.

Ela o olhou do outro lado do quarto e Rufus pensou ter visto a sombra de um sorriso em seus lábios. Então virou-se e saiu pela porta. Rufus espichou o pescoço para ver se iria falar com o guarda, mas ela passou direto por ele. Rufus tornou a se recostar e olhou fixo

para o teto. Respirou fundo, deixando o que restava de seu perfume penetrar nele. Alguns momentos depois um largo sorriso se apoderou do rosto dele. Como depois, finalmente, as lágrimas.

ERA UMA REUNIÃO INCOMUM de todos os assistentes jurídicos, escreventes e juízes. O oficial de justiça da Corte, Richard Perkins, e o chefe de polícia da Suprema Corte, Leo Dellasandro, também estavam lá, olhando imóveis em volta para a mesa da grande sala. Os olhos de Elizabeth Knight estavam úmidos e ela os secava continuamente com um lenço.

Quando Sara Evans examinou os rostos sombrios dos juízes, seus olhos se detiveram em Thomas Murphy. Murphy era baixo e flácido, com cabelos brancos e sobrancelhas que cresciam em tufos. O rosto largo exibia maçãs com formato de amêndoas. Ele ainda preferia vestir ternos de três peças e usava abotoaduras grandes e vistosas. A maneira como se vestia, contudo, não atraiu a atenção de Sara; o surpreendente era sua expressão de completo pesar e luto. Ela acabou de examinar os outros ocupantes da sala rapidamente: Michael Fiske não estava ali. Sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Quando Harold Ramsey se levantou na cabeceira da mesa, sua voz grave sonora estava estranhamente baixa; ela não conseguia realmente ouvi-lo muito bem, mas sabia exatamente o que estava dizendo, como se lesse seus lábios.

— Esta é uma terrível, terrível notícia. De fato, não consigo me lembrar de nada semelhante. — Ramsey observou a sala, as mãos cerradas em punhos revelando a ansiedade, o corpo alto tremendo.

Ele respirou fundo.

— Michael Fiske está morto.

Os juízes obviamente já sabiam. Todos os assistentes jurídicos e funcionários, contudo, coletivamente perderam o fôlego.

Ramsey começou a dizer alguma outra coisa, mas parou. Fez um gesto para Leo Dellasandro, que balançou a cabeça e deu um

passo à frente, enquanto o juiz-presidente deixava-se cair pesadamente na cadeira.

Dellasandro tinha cerca de um metro e sessenta e sete de altura, o rosto largo, bochechas achatadas e um nariz arrebitado, com uma camada de gordura sobre um físico musculoso. Tinha a compleição morena, com cabelos crespos negros e grisalhos. Emanando de seus poros havia o cheiro de charuto. Vestia seu uniforme com uma postura orgulhosa, os dedos grossos enfiados no cinturão da arma. O outro homem de uniforme, de pé, imediatamente atrás dele, era Ron Klaus, seu comandante-auxiliar. Klaus era esguio e de aparência profissional, a atividade de seus olhos azuis sugerindo uma mente ágil. Ele e Dellasandro eram os cães de guarda daquele lugar. Pareciam se movimentar pelo prédio sempre juntos. A maioria das pessoas que trabalhavam na Suprema Corte não conseguia pensar em um homem sem pensar no outro.

— Os detalhes são poucos, por enquanto, mas aparentemente Michael foi vítima de um assalto à mão armada. Foi encontrado em seu carro, em uma viela em Southeast, próxima do rio Anacostia.

Um assistente jurídico de expressão nervosa levantou a mão.

— Eles têm certeza de que foi assalto? Não teve nada a ver com o trabalho dele aqui?

Sara o examinou com a expressão zangada. Não era exatamente a pergunta que se queria ouvir cinco segundos depois de descobrir que alguém com quem se trabalhava, a quem se queria bem, estava morto. Por outro lado, no entanto, ela supunha que uma morte violenta fizesse isso com as pessoas: fizesse com que, instintivamente, ficassem temerosas com relação a própria vida.

Dellasandro levantou as mãos grandes num gesto tranquilizador.

— Não ouvimos nada que pudesse nos levar a acreditar que sua morte tivesse qualquer coisa a ver com a Suprema Corte. Contudo, por uma questão de excesso de cautela, estamos

aumentando a segurança em volta de nossa área, e se alguém reparar em alguma coisa suspeita ou fora do comum, por favor, entre em contato comigo ou com o Sr. Klaus. Nós os poremos ao corrente de quaisquer outros detalhes futuros sobre esta situação, quando for adequado. — Ele lançou um olhar para Ramsey, que tinha abaixado a cabeça encostando-a nas mãos e não estava fazendo nenhum movimento para se levantar. Dellasandro ficou parado ali desajeitadamente, até que Elizabeth Knight se levantou.

— Eu sei que isso foi um choque terrível para todos nós. Michael era uma das pessoas mais queridas que trabalhou aqui. Sua perda toca a todos nós, especialmente àqueles que tinham se tornado próximos dele. — Ela fez uma pausa e olhou para Sara por um momento. — Se qualquer um de vocês quiser falar sobre qualquer coisa, por favor, sintam-se à vontade para fazê-lo com o juiz com quem trabalham. Ou podem passar em minha sala e falar comigo. Não tenho certeza de como poderemos continuar funcionando, mas os trabalhos da Corte devem prosseguir, a despeito dessa terrível, terrível... — Knight parou mais uma vez e agarrou o tampo da mesa para se impedir de desabar no chão. Dellasandro rapidamente a segurou pelo braço, mas ela fez um gesto para que se afastasse.

Knight reanimou-se o bastante para encerrar a reunião e a sala rapidamente esvaziou-se. Exceto por Sara Evans. Ela permaneceu sentada ali, como que anestesiada, olhando fixo para o lugar onde Knight estivera. As lágrimas escorriam livremente por seu rosto. Michael estava morto. Ele tinha pego um recurso, agido de maneira muito estranha durante uma semana e agora estava morto. Assassinado. Um assalto à mão armada, diziam. Ela não acreditava que a resposta fosse tão simples. Mas agora, naquele momento, não importava. Tudo o que importava era que havia perdido uma pessoa muito próxima. Alguém com quem, sob diferentes circunstâncias, talvez, ela pudesse ter passado o resto de sua vida satisfeita. Ela

abaixou a cabeça sobre o tampo da mesa enquanto os soluços explodiam. Da porta, Elizabeth Knight a observava.

POUCO MAIS DE TRÊS HORAS DEPOIS DE BILLY HAWKINS ter lhe comunicado a morte de seu irmão, John Fiske estava andando pelos corredores do Instituto Médico Legal de D.C., um especialista de jaleco branco responsável pela recepção indicando o caminho. Fiske tivera de apresentar documentos de identidade comprovando que era, de fato, irmão de Michael Fiske. Estivera preparado para aquilo e havia trazido fotografias dos dois juntos. Tinha tentado falar com seu pai antes de sair da cidade, mas ninguém respondia. Fiske passara de carro pela casa dele, mas não havia ninguém em casa. Deixara um bilhete para o pai, sem mencionar nenhum detalhe. Tinha de ter certeza de que era seu irmão e a única maneira de obtê-la era ir para onde estava se dirigindo.

Fiske ficou surpreendido quando entraram num escritório, e ainda mais perplexo quando o funcionário do necrotério puxou uma foto Polaroid de um arquivo e a estendeu para ele.

— Eu não vou identificar uma foto. Quero ver o corpo.

— Este não é o procedimento que seguimos aqui, senhor. Estamos no processo de instalação de um sistema de vídeo para que as identificações possam ser feitas por televisão, mas ainda não está em funcionamento. Até lá, é feita com uma Polaroid.

— Não desta vez.

O homem bateu com a foto na palma da mão, como se tentando despertar a curiosidade de Fiske por ela.

— A maioria das pessoas prefere sempre fazê-lo com uma fotografia. Isto é muito incomum.

— Eu não sou a "maioria das pessoas", e ter um irmão assassinado é incomum. Pelo menos para mim.

O assistente pegou o telefone e transmitiu instruções para que o corpo fosse preparado para ser visto. Então abriu a porta de seu escritório, fazendo sinal para que Fiske o acompanhasse. Depois de uma curta caminhada, entraram numa pequena sala que tinha um cheiro de medicamentos muito mais forte do que um hospital. No centro da sala, havia uma maca. Sob o lençol branco erguia-se uma variedade de pontas representando a cabeça, o nariz, os ombros, joelhos e pés do corpo. Enquanto Fiske se dirigia para a maca, ele agarrou-se à mesma esperança irracional a que todo mundo em sua posição se agarraria: que a pessoa sob o lençol não fosse seu irmão, que sua família ainda estivesse razoavelmente intacta.

Enquanto o funcionário segurava a ponta do lençol, Fiske deslizou e enfiou uma das mãos na alça lateral da maca e apertou-a com força. À medida que o lençol foi se levantando, expondo a cabeça e a parte superior do torso do morto, Fiske fechou os olhos, olhou para cima e balbuciou uma prece silenciosa. Ele respirou fundo, prendeu a respiração, abriu os olhos e então olhou para baixo. Antes que tivesse consciência estava balançando a cabeça.

Tentou afastar os olhos mas não conseguiu. Mesmo um estranho poderia ter olhado para a inclinação da testa, o desenho dos olhos e da boca, as linhas do queixo e concluído que os dois homens tinham algum laço de parentesco muito próximo.

— É meu irmão.

O lençol foi recolocado e o funcionário deu a Fiske o cartão de identificação para assinar.

— Exceto pelos objetos que a polícia apreendeu, entregaremos os objetos pessoais ao senhor. — O funcionário lançou um olhar rápido para a maca. — Tivemos uma semana movimentada e estamos com uma porção de corpos, mas deveremos ter os resultados da necropsia bastante rapidamente. Este aqui, de qualquer maneira, parece muito simples.

A raiva enrubesceu o rosto de Fiske, mas rapidamente se apagou. O homem não era pago para ter tato.

— Eles encontraram a bala que o matou?

— Só a necropsia pode determinar a causa da morte.

— Não me venha com conversa fiada. — O assistente pareceu espantado. — Eu vi o orifício de saída do lado esquerdo da cabeça. Eles encontraram?

— Não. Pelo menos não por enquanto.

— Ouvi dizer que foi assalto à mão armada — disse Fiske. O funcionário balançou a cabeça. — Ele foi encontrado dentro do carro?

— Exato, a carteira tinha sumido. Tivemos de procurar a identidade pela placa do carro.

— Então se foi assalto, por que não levaram o carro? Sequestrar a pessoa com o carro está na moda agora. Espancar a vítima até que revele a senha do cartão do banco eletrônico, sacar todo o dinheiro, abandonar o carro e ir procurar a próxima. Por que não com esta?

— Não sei nada a respeito disso.

— Quem está cuidando do caso?

— Aconteceu em D.C. Deve ser a Divisão de Homicídios de D.C.

— Meu irmão era funcionário do governo federal. Da Suprema Corte dos Estados Unidos. Talvez o FBI também seja envolvido.

— Mais uma vez, não sei nada a respeito disso.

— Eu gostaria de ter o nome do detetive na Divisão de Homicídios em D.C.

O atendente não respondeu, mas fez algumas anotações na ficha de arquivo, talvez esperando que se ele se mantivesse calado Fiske simplesmente fosse embora.

— Eu realmente gostaria de ter esse nome, por favor — disse Fiske se aproximando um passo.

O atendente finalmente suspirou, puxou um cartão de visitas do arquivo e entregou a Fiske.

— Buford Chandler. Ele provavelmente também quer falar com você. É um bom sujeito. Provavelmente vai apanhar a pessoa que fez isso.

Fiske examinou rapidamente o cartão antes de guardá-lo no bolso do paletó. Cravou um olhar límpido no assistente.

— Ah, nós vamos apanhar quem quer que tenha feito isto. — O tom estranho em sua voz fez o atendente levantar os olhos de suas fichas. — Agora, eu gostaria de passar alguns momentos a sós com meu irmão.

O assistente olhou rapidamente para a maca.

— Claro, estarei lá fora. É só me avisar quando estiver pronto. Depois que o homem saiu, Fiske puxou uma cadeira para junto da maca e sentou. Ele não tinha derramado uma lágrima desde que soubera da morte do irmão. Disse a si mesmo que era porque a identificação positiva ainda não havia sido feita, mas agora tinha sido feita e ainda não havia lágrimas. Durante o percurso de carro até ali, ele se apanhara contando placas de carros de fora do estado, uma brincadeira que os irmãos costumavam fazer quando crianças. Um jogo que Michael Fiske geralmente ganhava.

Levantou o lado do lençol e segurou uma das mãos do irmão. Estava fria, mas os dedos estavam flexíveis. Ele os apertou delicadamente. Fiske olhou para o chão de concreto e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, alguns minutos depois, apenas duas lágrimas tinham caído no concreto. Rapidamente olhou para o alto e um jato de ar escapou de seus pulmões. Parecia forçado, tudo aquilo, e de repente sentiu que não era digno de estar ali.

Obrigou-se a pensar a respeito de seus pais. Como exatamente iria dizer ao seu pai que seu menino de ouro estava morto? E à sua mãe? Pelo menos havia uma resposta fácil para aquela pergunta. Ele não podia e não devia dizer a ela.

Católico por criação, mas não sendo um homem religioso, Fiske escolheu conversar com o irmão em vez de falar com Deus. Apertou sua mão contra o peito e contou-lhe sobre as coisas que lamentava ter feito, o quanto o amava, o quanto queria que ele não estivesse morto, caso seu espírito tivesse permanecido um pouco mais, esperando por aquela comunicação, aquela explosão silenciosa de culpa e de remorso do irmão mais velho. Então Fiske caiu em silêncio, os olhos se fecharam de novo. Ele podia ouvir cada batida sólida de seu coração, um som que de alguma forma se tornava menor comparado com a imobilidade do corpo a seu lado.

Fiske se levantou e passou pelo atendente sem dizer uma palavra. O corpo de seu irmão iria para um lugar aterrador, onde estranhos vasculhariam suas entranhas em busca de pistas de quem o matara. Enquanto levavam embora a maca, Fiske seguiu de volta à saída para a luz do sol e deixou para trás seu irmãozinho.

21

— TEM CERTEZA DE QUE NÃO DEIXOU RASTROS?

Rayfield balançou a cabeça para o telefone.

— Todos os registros da sua passagem por aqui foram apagados. Eu já transferi todo o pessoal que viu Fiske para outras instalações. Mesmo se alguém descobrir, de alguma maneira, que ele veio aqui, não haverá ninguém capaz de lhes dizer coisa alguma.

— E ninguém viu você desovar o corpo?

— Vic dirigiu o carro dele de volta. Eu o segui. Escolhemos um bom lugar. A polícia vai pensar que foi assalto. Ninguém nos viu. E mesmo se alguém tiver visto, não é o tipo de lugar onde as pessoas cooperem com a polícia.

— Não ficou nada no carro?

— Tiramos a carteira de notas dele para reforçar a impressão de assalto. A maleta também. Um mapa. E não havia mais nada. É claro que tornamos a encher o radiador.

— E Harms?

— Ainda está no hospital. Parece que vai sobreviver.

— Droga. Que falta de sorte nossa.

— Não se preocupe. Quando voltar para cá, cuidaremos dele. Coração fraco e coisa e tal, nunca se sabe o que pode acontecer.

— Não espere tempo demais. Não pode acabar com ele no hospital?

— É perigoso demais. Tem gente demais em volta.

— E ele está bem guardado?

— Está acorrentado à cama com um guarda de plantão vinte e quatro horas na porta do quarto. Vai receber alta amanhã de manhã. Amanhã à noite estará morto. Vic já está cuidando dos detalhes.

— E não há ninguém por lá que possa ajudá-lo? Você tem certeza?

Ramsey deu uma gargalhada.

— Que diabo, ninguém sabe que ele está lá. Ele não tem ninguém. Nunca teve, nunca terá.

— Nada de erros, Frank.

— Telefonarei quando ele estiver morto.

∞

Fiske ficou sentado no carro e aumentou o ar-refrigerado, que, em seu Ford de catorze anos, apenas fez com que o ar úmido se movesse da esquerda para a direita. O suor escorrendo pelo rosto e manchando o colarinho da camisa, Fiske finalmente abriu a janela enquanto observava o prédio. De aspecto comum no exterior, não era nada comum no interior. Ali, as pessoas passavam todo seu tempo buscando aqueles que matavam outras pessoas. E Fiske estava tentando decidir se deveria se unir a eles na busca ou seguir de volta para casa. Tinha identificado os restos mortais do irmão, seu dever oficial como parente mais próximo estava cumprido. Podia ir para casa, contar ao pai, tomar as providências para o funeral, cuidar das últimas questões envolvendo o irmão, enterrá-lo e depois seguir adiante com sua vida. Isso era o que todo mundo mais fazia.

Em vez disso, Fiske se obrigou a saltar do carro para a atmosfera úmida e entrou no prédio situado na Avenida Indiana, 300, que abrigava a Divisão de Homicídios da Polícia de Washington D.C. Depois de passar pela segurança e ser encaminhado para um policial uniformizado, parou diante de uma mesa. Tinha tentado o número de telefone de seu pai mais uma vez, antes de sair do necrotério, mas continuava não respondendo. Frustrado, ele agora também estava preocupado com a possibilidade de que o pai tivesse de alguma forma descoberto e estivesse a caminho dali.

Olhou para o cartão que o funcionário do necrotério lhe dera.

— Detetive Buford Chandler, por favor — disse, olhando para a mulher jovem atrás do balcão.

— E o senhor é? — O ângulo pronunciado de seu pescoço e o tom de superioridade imediatamente fizeram com que Fiske tivesse vontade de enfiá-la numa das gavetas de sua escrivaninha.

— John Fiske. O detetive Chandler está investigando o assassinato... o assassinato de meu irmão. O nome dele era Michael Fiske. Ela o encarou sem nenhum sinal de reconhecimento no rosto. Ele era assistente jurídico na Suprema Corte — acrescentou.

Ela olhou de relance para alguns papéis sobre a mesa.

— E alguém o matou?

— Isto aqui é a Divisão de Homicídios, não é? — Ela voltou a dirigir o olhar para ele, a expressão de aborrecimento pronunciada. Fiske prosseguiu. — Sim, alguém o matou — ele baixou o olhar para a placa com o nome dela — Srta. Baxter.

— Bem, o que exatamente posso fazer pelo senhor?

— Gostaria de ver o detetive Chandler.

— Ele está esperando o senhor?

Fiske se inclinou para a frente e falou em voz baixa. — Não exatamente, mas...

— Então receio que ele não esteja aqui — disse ela interrompendo.

— Eu acho que se ligar para... — Fiske parou e observou enquanto ela lhe dava as costas e começava a teclar no computador.

— Olhe, eu realmente preciso ver o detetive Chandler.

Ela continuou teclando enquanto respondia.

— Permita-me esclarecê-lo com relação à situação aqui, OK? Temos muitos casos e não temos muitos detetives. Não temos tempo para todo mundo que aparece vindo da rua. Temos que ter prioridades. Tenho certeza de que pode compreender isso. — A voz dela foi sumindo enquanto olhava para a tela do computador.

Fiske se inclinou para a frente até seu rosto ficar a apenas uns dois centímetros do rosto da mulher. Quando ela virou a cabeça, estavam olho no olho.

— Permita-me fazer com que compreenda uma coisa. Vim de Richmond para identificar o corpo de meu irmão a pedido do detetive Chandler. Eu fiz isso. Meu irmão está morto. E agora nesse instante o médico-legista está fazendo uma incisão em Y no peito dele para que possa tirar suas vísceras, órgão por órgão. Então ele vai pegar um serrote e fazer uma incisão intermastoide como um pedaço de torta através do crânio dele, mais ou menos por aqui. — Fiske fez um corte imaginário ao longo da cabeça da Srta. Baxter com o dedo, dominando um impulso muito forte de arrancar um punhado dos cabelos louros ondulados por permanente da mulher. — Isto é para que ele possa retirar o cérebro dele e traçar a trajetória da bala que o matou e talvez recuperar alguns fragmentos do projétil. Agora, pensei em vir aqui e bater um papo com o detetive Chandler e ver se ele e eu podemos descobrir algumas pistas sobre quem poderia tê-lo matado.

Ela disse friamente:

— Bem, isto não é seu trabalho, é? Temos problemas suficientes sem que membros da família se envolvam nas investigações policiais. Tenho certeza de que o detetive Chandler vai entrar em contato se precisar do senhor.

Fiske agarrou a ponta da mesa e respirou fundo, tentando o melhor que podia não perder o controle.

— Olhe, posso compreender o problema do excesso de casos que devem ter aqui e o fato de que não me conhece...

— Eu realmente estou ocupada agora, senhor. De maneira que se tiver um problema, sugiro que o apresente por escrito.

— Tudo o que quero é falar com o homem!

— Vou ter que chamar um guarda, ou o quê?

Fiske bateu com a mão no tampo da escrivaninha.

— Meu irmão está morto! E eu realmente apreciaria muito se pegasse essa sua atitude de insultuosa indiferença e a substituísse demonstrando apenas um pingo de compaixão. E se não conseguir se obrigar a fazê-lo com sinceridade, minha senhora, finja.

— Eu sou Buford Chandler.

Tanto Fiske como Baxter se viraram. Chandler era negro, tinha cinquenta e poucos anos, cabelos brancos crespos, um bigode combinando e um corpo alto e corpulento que conseguia conservar um certo porte e força atlética de sua juventude. Usava um coldre de ombro vazio, tinha uma mancha de óleo de pistola na camisa, onde a coronha encostava nela. Olhou para Fiske dos pés à cabeça através de um par de óculos bifocais.

— Eu sou John Fiske.

— Eu ouvi. Na verdade estive parado ali ouvindo a conversa toda.

— Então o senhor sabe o que ele me disse, detetive Chandler?

— disse Baxter.

— Cada palavra.

— E não tem alguma coisa a dizer?

— Tenho sim.

Baxter olhou para Fiske com uma expressão de satisfação no rosto.

— Bem?

— Creio que este rapaz lhe deu alguns conselhos muito bons. Chandler fez sinal com o dedo para Fiske. — Vamos conversar.

Chandler e Fiske seguiram pelos corredores movimentados até um escritório pequenino e atravancado.

— Sente-se. — Chandler apontou para a única cadeira na sala, exceto pela que estava atrás de sua escrivaninha. Havia pastas empilhadas na cadeira. — Simplesmente ponha isso no chão. — Chandler levantou o dedo em sinal de advertência. — Tome cuidado para não contaminar alguma prova. Ultimamente tenho a sensação

de que se eu arrotar enquanto estou olhando para amostras de tecido, tudo o que vou ouvir é "Inadmissível! Liberte meu cliente filho-da-mãe, assassino em massa".

Fiske removeu as pastas com muito cuidado enquanto Chandler se acomodava atrás da escrivaninha.

— Agora, não quero que você lamente o que disse para Judy Baxter.

— Não estava planejando isso.

Chandler conteve um sorriso.

— OK, primeiro as coisas mais importantes. Eu sinto muito por seu irmão.

— Obrigado — disse Fiske em tom contido.

— Provavelmente é a primeira vez que ouve isso desde que chegou aqui, não é?

— Na verdade é.

— Então você trabalhava na polícia? — Chandler comentou em tom casual, depois sorriu diante da surpresa de Fiske. — O cidadão comum geralmente não sabe sobre incisões em Y e cortes do intermastoide. Isso somado à maneira como enfrentou a Srta. Baxter, seu porte, seu jeito de andar e o seu tamanho, eu diria que foi um policial.

— O verbo no passado?

— Se ainda estivesse na polícia a turma de Richmond teria me dito quando entramos em contato com eles. E, além disso, conheço muito poucos policiais que usam terno quando não estão de serviço.

— Acertou todas. Estou satisfeito que tenha sido designado para este caso, detetive Chandler.

— Você e quarenta e dois outros casos em aberto. — Fiske sacudiu a cabeça e Chandler continuou: — Cortes de orçamento e coisa e tal. Eu nem tenho mais um parceiro.

— De maneira que, em outras palavras, não devo esperar milagres?

— Eu farei tudo o que puder para apanhar quem quer que tenha matado seu irmão. Mas não posso lhe dar garantias.

— Então que tal um pouco de ajuda extraoficial?

— Como assim?

— Trabalhei em muitos homicídios com os detetives lá em Richmond. Aprendi muito, me lembro de muita coisa. Talvez eu possa ser seu novo parceiro.

— Oficialmente, isto é absolutamente impossível.

— Oficialmente, eu compreendo absolutamente.

— Que você faz agora?

— Sou advogado de defesa, criminalista — disse Fiske. Chandler revirou os olhos. — E me orgulho de meu trabalho, detetive Chandler.

Chandler balançou a cabeça indicando a porta lá atrás por sobre o ombro de Fiske.

— Feche aquilo, por favor. — Ele ficou em silêncio até que Fiske o fizesse e retornasse à cadeira.

— Bem, agora, a despeito de minhas restrições, aceitarei sua oferta de auxílio sob supervisão.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Estou aqui agora. Considerando-se que depois de quarenta e oito horas a taxa de sucesso na solução de assassinatos vai para a China, assim não vai funcionar. — Chandler permaneceu calmo.

— Você tem um cartão de visitas com os números de onde pode ser contatado? — perguntou Chandler.

Fiske passou adiante seu cartão depois de escrever no verso o número de telefone de sua casa.

Em troca, Chandler lhe entregou um cartão com uma série de números de telefone.

— Escritório, casa, bip, fax e celular... quando me lembro de levá-lo, o que nunca faço.

Chandler abriu uma pasta sobre a escrivaninha e a examinou. Lendo de cabeça para baixo, Fiske viu o nome de seu irmão na etiqueta.

— Disseram-me que ele foi morto durante um assalto a mão armada.

— Isso foi o que o exame preliminar indicou. — Fiske percebeu o tom estranho na voz de Chandler.

— E esta opinião se modificou?

— Era apenas uma investigação preliminar, para começar. — Ele fechou o arquivo e olhou para Fiske. — Os fatos desse caso, pelo menos o que sabemos até agora, são bastante simples. Seu irmão foi encontrado no banco da frente do carro dele, numa viela próxima do rio Anacostia, com um ferimento de bala à queima-roupa do lado direito da cabeça e um ferimento de saída do lado esquerdo. Parecia ser de calibre bastante alto. Não encontramos o projétil, mas a busca continua. O assassino poderia tê-lo encontrado e levado com ele, para que não pudéssemos fazer um teste de balística, se algum dia encontrarmos a arma para comparar.

— Seria preciso um sujeito um bocado frio para ficar circulando numa viela procurando um projétil enquanto o corpo do morto está a poucos metros de distância.

— Concordo. Mas, mesmo assim, a bala ainda pode ser encontrada.

— Pelo que entendi, a carteira de notas dele tinha sumido.

— Vamos colocar isso de uma outra maneira. Nenhuma carteira foi encontrada com ele. Ele tinha o hábito de não usar a carteira?

Fiske desviou o olhar por um instante.

— Nós não nos víamos muito nesses últimos anos, mas creio que pode presumir que ele estivesse com a carteira. Então, não a encontrou no apartamento dele?

— Me dê um pouco de tempo, John. O corpo de seu irmão foi encontrado ontem. — Chandler abriu o bloco de anotações e pegou uma caneta. — A viela onde foi encontrado é um ponto que fica numa área muito frequentada por usuários de drogas, entre outras coisas. Que seja de seu conhecimento, ele era um usuário de drogas? De vez em quando ou com frequência?

— Não. Ele não usava drogas.

— Mas você não pode ter certeza, pode? Acabou de dizer que não se viam muito. Certo?

— Meu irmão estabelecia os padrões mais altos de desempenho para si mesmo em tudo o que fazia e habitualmente ultrapassava esses objetivos. Drogas não faziam parte da equação.

— Alguma ideia do que ele estaria fazendo naquela área?

— Não, mas ele pode ter sido sequestrado em algum outro lugar e levado de carro para lá.

— Algum motivo para que alguém o quisesse morto?

— Não consigo pensar em nenhum.

— Nenhum inimigo? Namorados ciumentos? Problemas de dinheiro?

— Não. Mas mais uma vez eu provavelmente não sou a melhor fonte para esse tipo de informações. Vocês têm uma estimativa preliminar para a hora da morte?

— Bastante vaga. Estou esperando a comunicação oficial. Por quê?

— Digamos que ele tenha ficado por lá durante algum tempo. Pelo que disse, não é uma área isolada.

— Verdade, mas naquela área corpos de gente morta não são muito incomuns. Mas, também, cerca de noventa por cento dos homicídios naquela área envolvem vítimas negras pelo simples fato de que os brancos simplesmente não frequentam aquele lugar.

— Então meu irmão deve ter chamado atenção, pelo que está dizendo. Alguma retirada com cartão em caixa eletrônico. Compras

com cartão de crédito?

— Estamos checando tudo isso. Quando falou com seu irmão pela última vez?

— Ele me ligou uma semana atrás.

— O que disse?

— Eu não estava. Ele deixou um recado. Disse que precisava de um conselho meu a respeito de uma coisa.

— Você ligou de volta para ele?

— Só recentemente.

— Por que esperou?

— Não estava no topo de minha lista de prioridades.

— É mesmo? — Chandler girou a caneta entre os dedos. — Diga-me uma coisa. Você por acaso sequer gostava de seu irmão?

Fiske o encarou abertamente.

— Alguém matou meu irmão. Eu quero apanhar quem quer que tenha feito isso. E isto é realmente tudo o que direi a respeito do assunto.

A expressão nos olhos de Fiske fizeram Chandler decidir seguir adiante.

— Talvez ele quisesse falar com você a respeito de alguma coisa relacionada ao trabalho? Você vê, o que torna este caso intrigante é a ocupação de seu irmão.

— A propósito, estará o assassinato dele relacionado com alguma coisa na Suprema Corte?

— É uma possibilidade distante, sem dúvida, mas o que acabou de me dizer sobre o telefonema de seu irmão poderia torná-la ligeiramente menos distante do que parecia um minuto atrás.

— Duvido que quisesse minha opinião sobre o último caso de aborto.

— Então o quê? Como ganhar uma mulher?

— Você deve ter visto uma fotografia dele. Ele nunca precisou de ajuda nessa área.

— Eu vi uma foto dele, mas os mortos não fotografam muito bem. Mas ele disse que queria um conselho. Talvez fosse na área legal.

— Bem, você sempre pode ir até a Corte e ver se há conspirações em curso por lá.

— Nós temos que andar com cuidado, sabe.

— Nós?

— Tenho certeza de que seu irmão tem objetos pessoais por lá e não seria nada estranho que o parente mais próximo fosse visitar o local de trabalho dele. Estou presumindo que já esteve lá antes.

— Uma vez, quando Mike começou a trabalhar lá. Meu pai e eu.

— E sua mãe?

— Alzheimer.

— Lamento ouvir isso.

— Alguma outra informação?

Em resposta, Chandler se levantou, tirou o paletó de um cabide atrás da porta e o vestiu.

— Gostaria de levar você até o carro de seu irmão.

— E depois disso?

Chandler consultou o relógio antes de levantar a cabeça sorrindo.

— Depois teremos exatamente o tempo certo para ir até a Suprema Corte, prezado colega.

22

RUFUS OBSERVOU ENQUANTO A PORTA se abria lentamente. Ele se preparou para a visão de uma massa de homens de fardas verdes avançando para ele, mas então sua apreensão desapareceu quando viu quem era.

— Está na hora de me examinar de novo? — Cassandra se aproximou e parou junto da cama.

— Ora, mas isso não é sempre a obrigação imposta à vida da mulher, estar o tempo todo cuidando dos homens? — As palavras dela eram engraçadas, seu tom de voz não. Ela examinou os monitores e fez algumas anotações na papeleta dele, lançando-lhe um olhar rápido enquanto o fazia.

— Eu acho gostoso. Não estou acostumado com isso. — Tomou cuidado para não fazer ruído com as correntes enquanto sentava-se ligeiramente na cama.

— Eu liguei para seu irmão.

A expressão de Rufus ficou séria.

— É mesmo? O que ele disse?

— Disse que viria visitá-lo.

— Ele disse quando?

— O mais breve possível. Na verdade, hoje.

— Que disse a ele?

— Disse que você estava doente, mas que estava melhorando rapidamente.

— Ele lhe disse mais alguma coisa?

— Achei que ele era um homem de poucas palavras — comentou Cassandra.

— Josh é assim.

— Ele é grande como você?

— Não. É um cara pequeno. Um metro e oitenta e nove, mais ou menos, não pesa mais que oitenta quilos. — Cassandra sacudiu a cabeça e se virou para ir embora. — Está com tempo para sentar e conversar? — perguntou Rufus.

— Eu deveria estar na minha hora de folga. Só vim para lhe falar sobre seu irmão. Tenho de ir. — Ela parecia um pouco hostil.

— Está tudo bem?

— Mesmo se não estiver, não há nada que você possa fazer a respeito. — O tom da voz dela agora estava irritado, áspero.

Rufus a examinou por um momento.

— Tem uma Bíblia por aqui?

Ela se virou de volta, surpreendida.

— Por quê?

— Eu leio a Bíblia todos os dias. Tenho feito isso até onde vai minha memória.

Ela olhou para a mesa ao lado da cama, foi até o outro lado e puxou uma Bíblia na edição Gideon.

— Não posso dar a Bíblia para você. Não posso me aproximar tanto. As pessoas da prisão foram muito, muito claras com relação a este ponto.

— Não precisa me dar. Se quiser, eu apreciaria se pudesse ler uma passagem para mim.

— Ler para você?

— Não tem obrigação de fazê-lo — disse ele rapidamente. — Pode até nem ter nenhum interesse por isso, sabe, a Bíblia, ir à igreja.

Ela olhou para ele com desprezo, uma das mãos no quadril, a outra segurando a Bíblia de capa verde.

— Eu canto no coro. Meu marido, que Deus o tenha, era um ministro leigo.

— Isso é realmente bom, Cassandra. E seus filhos?

— Como sabe que tenho filhos? Por que não sou magricela?

— Hum-hum.

— Como então?

— Bem, parece ser uma pessoa acostumada a amar pequenas coisas.

As palavras dele a apanharam de surpresa, um sorriso rapidamente surgindo através das nuvens sobre seu rosto.

— Vou ter de ficar de olho em você. — Ela percebeu que ele olhava para a Bíblia como se estivesse com sede e precisasse beber alguma coisa, e ela estivesse segurando o copo de água mais fresca, mais gelada na história do mundo.

— O que quer que eu leia?

— O salmo cento e três.

Cassandra hesitou por um instante e depois puxou uma cadeira e sentou-se.

Rufus se recostou na cama.

— Obrigado, Cassandra.

Enquanto lia, lançou um olhar para ele. Os olhos de Rufus estavam fechados. Ela leu mais algumas palavras, levantou a cabeça e viu os lábios dele se movendo. Olhou para a frase seguinte, memorizou rapidamente e leu, enquanto o observava. Rufus estava silenciosamente murmurando cada uma das palavras ao mesmo tempo que ela as dizia. Ela parou, mas ele continuou até o fim da frase. Quando ela não recomeçou, ele abriu os olhos.

— Você sabe o salmo de cor? — ela perguntou.

— Sei a maior parte da Bíblia de cor. Todos os salmos e provérbios.

— Isso é um bocado impressionante.

— Tive muito tempo para trabalhar nisso.

— Por que quis que eu lesse para você, então, se já sabia de cor?

— Me pareceu que estava meio aborrecida. Achei que uma visitinha às escrituras pudesse ajudá-la.

— Me ajudar? — Cassandra baixou o olhar para a página e leu para si mesma. "É Ele quem perdoa todas as tuas iniquidades, e sara todas as tuas enfermidades. Quem redime a tua vida da perdição, e te coroa de benignidade e de misericórdia." O trabalho era deprimente. Os filhos adolescentes estavam cada vez mais escapando ao seu controle todo dia. Estava com bem mais de quarenta anos, vinte e dois quilos acima do peso, e não havia um homem com quem se pudesse casar à vista. Apesar de tudo isso, enquanto observava aquele prisioneiro, aquele assassino acorrentado que iria morrer na prisão, teve vontade de explodir em lágrimas diante da gentileza dele, de sua consideração não solicitada e espontânea pelas dificuldades dela.

O salmo cento e três também tinha um apelo especial para Rufus, uma frase em particular. Ele a murmurou para si mesmo:

— O Senhor faz justiça e juízo a todos os oprimidos.

∞

— Reconhece? — Chandler perguntou enquanto se aproximavam do sedã Honda cinza-prata parado no estacionamento da polícia.

Fiske balançou a cabeça.

— Nós o compramos para ele quando se formou na faculdade. Todos nós contribuímos, meus pais e eu.

— Eu tenho cinco irmãos. Eles nunca fizeram isso para mim.

— Chandler destrancou a porta do lado do motorista e recuou para que Fiske examinasse o interior.

— Onde encontraram as chaves do carro?

— No banco da frente.

— Algum outro objeto pessoal? — Chandler sacudiu a cabeça. Fiske examinou o banco da frente, o painel, o para-brisa e as janelas laterais, sua perplexidade evidente. — O carro foi limpo?

— Não. Está exatamente como o encontramos, exceto pelo ocupante.

Fiske se endireitou e olhou para o detetive.

— Se você põe uma pistola de grosso calibre encostada na têmpora de alguém e aperta o gatilho num espaço confinado como este, terá manchas de sangue no banco, na direção, no para-brisa. Também terá fragmentos de ossos e tecidos lançados para fora. Tudo o que vejo são umas poucas manchas aqui e ali, provavelmente onde a cabeça dele estava encostada no banco.

Chandler fez uma expressão de divertimento.

— É mesmo?

Fiske cerrou os maxilares.

— Não estou lhe dizendo nada que já não soubesse. Imagino que isto seja mais um de seus pequenos testes.

Chandler balançou a cabeça lentamente.

— Poderia ser. Poderia haver outro motivo. Lembra-se que eu disse que tinha cinco irmãos?

— Lembro.

— Bem, eu comecei com seis. Um de meus irmãos foi assassinado há trinta e cinco anos. Estava trabalhando num posto de gasolina e um vagabundo qualquer entrou e atirou nele pelos doze dólares que estavam na caixa registradora. Eu tinha apenas dezesseis anos na época, mas me lembro de todos os detalhes, como se tivesse sido há cinco minutos. De qualquer maneira, a maioria dos familiares que vêm identificar um ente querido não segue direto para meu escritório para me oferecer seus serviços. Eles choram e se consolam uns aos outros, o que é absolutamente adequado. Ah, eles gritam e esperneiam, dizendo que querem apanhar o filho-da-puta que fez aquilo, mas não querem, realmente, se envolver no processo. Quero dizer, quem quereria? E eles geralmente não têm um histórico de ter trabalhado na polícia. Somando tudo isso, achei que você poderia ser alguém que talvez pudesse realmente contribuir. E

acabou de provar isso. Posso compreender a fúria que deve estar sentindo, John, quer gostasse de seu irmão ou não. Alguém tirou alguma coisa de você, uma coisa importante... na verdade, arrancou um pedaço de você. Faz trinta e cinco anos e eu ainda sinto essa fúria.

Fiske olhou em volta para todos os carros civis no estacionamento da polícia. Imaginou que cada pedaço de metal estivesse esperando sua vez para derramar os segredos de uma outra tragédia. Virou-se de volta para Chandler.

— Acho que fúria vai ter de servir. — E acrescentou baixinho, olhando para o chão. — Até que alguma outra coisa apareça. — O tom de sua voz não revelava muita esperança.

— Muito justo. — Chandler continuou com sua análise. — A ausência de todas as evidências físicas que você acabou de mencionar de fato me deixa intrigado.

— Não parece que ele tenha sido morto dentro do carro.

— É isso mesmo. Parece que foi morto em algum outro lugar e depois seu corpo foi posto no banco da frente. Agora, esta única conclusão nos leva a todo um outro reino de possibilidades.

— Então estamos falando de alguma coisa mais deliberada do que um sequestro seguido de homicídio aleatório.

— Possivelmente, embora alguns vagabundos possam tê-lo sequestrado, tirado do carro, talvez para sacar dinheiro num caixa eletrônico. Ele se recusa, eles o matam. Ficam com medo e o jogam de volta no carro.

— Então haveria alguma evidência física no caixa eletrônico. Algum sinal disso?

— Não, mas existem muitos caixas.

— E muita gente os utiliza. Se foi pelo menos um dia atrás, acho que alguém já teria reparado.

— Isso é o que você acha, mas não pode ter certeza. Estamos tentando isolar os movimentos de seu irmão e determinar onde se

encontrava durante as últimas quarenta e oito horas. A última vez em que foi visto em seu apartamento foi há dois dias. Depois disso, nada.

— Se alguém o sequestrou com o carro, como ficam as impressões digitais? A maioria dos bandidos procurando caixas eletrônicos não é sofisticada o bastante para usar luvas.

— Ainda estamos processando isso.

— Gostaria de mais uma observação?

— Mande ver.

Fiske abriu a porta do carro e apontou para a parte interna da ombreira da porta, a parte que não se vê quando a porta está fechada. Chandler procurou os óculos, enfiou no rosto e viu o que Fiske apontava. Chandler enfiou um par de luvas de plástico que tirou do bolso do paletó, delicadamente retirou o pequeno pedaço de adesivo plástico e o segurou na palma da mão, observando-o cuidadosamente.

— Seu irmão mandou fazer uma revisão e abasteceu o carro no Wal-Mart há pouquíssimo tempo.

— Isso aí recomenda que a próxima troca de óleo seja feita daqui a três meses ou dois mil quilômetros, ou o que acontecer antes. Eles põem a data e a quilometragem futuras nesse adesivo como lembrete para você saber quando deve voltar lá. De acordo com a data nesse adesivo, meu irmão mandou fazer o serviço no carro três dias antes de seu corpo ser encontrado. Agora olhe só a quilometragem marcada para quando a próxima troca está recomendada e subtraia dois mil quilômetros dela. Isto lhe dará aproximadamente o que o enômetro deveria estar marcando agora.

Chandler fez as contas.

— Cinco mil e trezentos quilômetros.

— Agora olhe para o que o enômetro está marcando. — Chandler se inclinou de volta para o interior do carro e verificou.

Então olhou de volta para Fiske, os olhos ligeiramente arregalados.

— Alguém rodou cerca de mil e trezentos quilômetros neste carro nos últimos três dias.

— Exato — disse Fiske.

— Que diabo, onde ele foi?

— O adesivo não diz qual foi o Wal-Mart que ele usou, mas provavelmente foi um perto da casa dele. Deveria telefonar para os das vizinhanças, pode ser que possam nos dizer alguma coisa útil.

— Certo. Não consigo acreditar que deixamos passar isso — disse Chandler. Ele enfiou o adesivo plástico numa bolsinha transparente com zíper que tirou do bolso e escreveu algumas informações do lado de fora. — Ah, e John?

— Sim?

Ele levantou a bolsa com zíper.

— Chega de testes, OK?

23

MEIA HORA DEPOIS, Chandler e Fiske estavam passando pela entrada principal da Suprema Corte dos Estados Unidos.

Lá dentro, o lugar era grande e intimidador. O que realmente despertou a atenção de Fiske, contudo, foi o silêncio, tão extremo a ponto de ser perturbador. Parecia beirar a alucinação tentar imaginar um mundo funcionando do lado de fora daquelas portas. Fiske pensou no último lugar extremamente silencioso em que estivera naquele dia: o necrotério.

— Quem devemos encontrar? — perguntou ele.

Chandler apontou para um grupo de homens que caminhava resolutamente na direção deles, mais adiante, no fundo do corredor.

— Eles. — À medida que se aproximavam, o ruído coletivo das passadas tomou-se o troar de um canhão naquele túnel acústico. Um dos homens estava de terno os outros dois usavam uniforme e portavam baionetas.

— Detetive Chandler? — O homem de terno estendeu a mão.

— Sou Richard Perkins, oficial de justiça da Suprema Corte dos Estados Unidos. — Perkins tinha cerca de um metro e setenta e cinco, era magro, com orelhas de abano de menino, e cabelos brancos lisos penteados sobre a testa como uma cascata congelada. Ele apresentou seus companheiros. — Este é o chefe de polícia Leo Dellasandro; e seu assistente, Ron Klaus.

— Prazer em conhecê-los — disse Chandler e observou Perkins olhar curiosamente para Fiske. Acrescentou: — John Fiske. Irmão de Michael Fiske.

Todos apressaram-se em apresentar os pêsames.

— Uma tragédia. Uma tragédia sem sentido — disse Perkins.

— Michael era muito admirado e querido. Sentiremos muito a falta

dele.

Fiske conseguiu apresentar uma expressão de apreço diante de toda aquela demonstração de simpatia.

— Vocês trancaram o escritório de Michael Fiske, conforme pedi? — perguntou Chandler.

Dellasandro balançou a cabeça.

— Foi difícil, porque ele dividia a sala com um outro assistente jurídico. Dois por escritório é a norma.

— Esperamos que não tenhamos que manter a entrada no escritório proibida por muito tempo.

— Podemos nos reunir em meu escritório se quiser vir e conversar sobre seus planos, detetive Chandler — ofereceu Perkins.

— Fica logo ali mais adiante no corredor.

— Vamos lá.

Quando Fiske começou a acompanhá-los, Perkins parou e olhou para Chandler.

— Desculpe. Mas estava presumindo que o Sr. Fiske estivesse aqui por outro motivo não relacionado com a sua investigação.

— Ele está me ajudando com informações sobre o histórico do irmão — explicou Perkins.

Perkins olhou para Fiske com o que Fiske qualificou como olhos de poucos amigos.

— Eu nem sabia que Michael tinha um irmão — disse Perkins.

— Ele nunca falou em você.

— Tudo bem, ele também nunca mencionou seu nome — respondeu Fiske.

O escritório de Perkins ficava à direita no final do corredor que levava à sala de audiências. Era mobiliado em estilo colonial antigo, a arquitetura e a decoração um exemplo de uma época de governo sem preocupações com dívidas nacionais de trilhões de dólares e orçamentos mergulhados no vermelho.

Numa mesa lateral no escritório de Perkins estava sentado um homem de bem mais de quarenta anos. Os cabelos louros eram cortados muito curtos, o rosto comprido e estreito tinha uma expressão de inabalável autoridade. A postura de grande autoconfiança sugeria que ele apreciava o exercício da autoridade. Quando ele se levantou, Fiske reparou que tinha bem mais de um metro e oitenta e que parecia frequentar com regularidade uma academia de ginástica e musculação.

— Detetive Chandler? — O homem estendeu uma das mãos e com a outra apresentou a carteira de identificação. — Agente Warren McKenna do FBI.

Chandler olhou para Perkins.

— Não tinha conhecimento de que o Birô havia sido chamado para este caso.

Perkins começou a dizer alguma coisa, mas McKenna disse rapidamente:

— Como tenho certeza de que sabe, a Procuradoria-Geral da Justiça e o FBI têm direito por lei de investigar plenamente o assassinato de qualquer pessoa empregada pelo governo dos Estados Unidos. Contudo, o Birô não tem a intenção de assumir a investigação ou de pisar nos seus dedos.

— Isto é bom, porque é só eu receber até mesmo um pinguinho de pressão indesejada e fico louco — Chandler sorriu.

A expressão de McKenna permaneceu inalterada.

— Tentarei me lembrar disso.

Fiske estendeu a mão.

— John Fiske, agente McKenna. Michael Fiske era meu irmão.

— Sinto muito, Sr. Fiske. Sei que deve ser terrivelmente duro para o senhor — disse McKenna, apertando a mão dele. O agente do FBI voltou a se concentrar em Chandler. — Se as condições exigirem um papel mais ativo para o Birô, gostaríamos de poder contar com sua plena cooperação. Lembre-se, a vítima era um funcionário do

governo federal. — Ele olhou em volta para a sala. — Funcionário de uma das mais respeitadas instituições do mundo. E talvez uma das mais temidas.

— Medo oriundo da ignorância — observou Perkins.

— Mas ainda assim temida. Depois dos incidentes de Waco, do World Trade Center e de Oklahoma City, aprendemos a ser extremamente cuidadosos — disse McKenna.

— É uma pena que não tenham aprendido isso rápido — disse Chandler em tom seco. — Mas guerras por território são enormes perdas de tempo. Eu realmente acredito em compartilhar informações, mas em compartilhar de igual para igual, cooperação de parte a parte, certo?

— É claro — disse McKenna.

Chandler fez perguntas durante meia hora, tentando basicamente determinar se algum caso em que Michael Fiske estivesse estado trabalhando na Suprema Corte poderia ter levado a seu assassinato. A mesma resposta continuava vindo de cada um dos representantes da Corte:

— Impossível.

McKenna fez muito poucas perguntas, mas ouviu atentamente as perguntas feitas por Chandler.

— Os detalhes de casos a serem julgados pela Corte são mantidos tão isolados do público que não haveria nenhuma maneira de alguém poder saber que assistente jurídico específico está ou não trabalhando neles. — Perkins deu uma palmada no tampo da mesa para enfatizar o ponto.

— A menos que o assistente jurídico contasse a alguém. Perkins sacudiu a cabeça.

— Eu os treino pessoalmente sobre a questão da segurança e da confidencialidade como parte da formação deles. As regras éticas que se aplicam a eles são muito rígidas. Eles recebem inclusive um

manual de instruções sobre o assunto. Não são permitidos vazamentos de informações.

Chandler não pareceu convencido.

— Qual é a idade média dos assistentes jurídicos e escreventes aqui? Vinte e cinco, vinte e seis?

— Alguma coisa assim.

— Eles são garotos, trabalhando no tribunal de mais alta instância do país. Está me dizendo que é impossível que eles possam deixar escapar alguma coisa? Nem mesmo para impressionar um namorado ou namorada?

— Já tenho andado por aqui por tempo suficiente para saber que não se deve usar a palavra impossível para descrever coisa nenhuma.

— Sou um detetive de investigação de homicídios, Sr. Perkins, e creio que o senhor e eu temos o mesmo maldito problema.

— Poderíamos voltar ao início, a partir daqui? — disse Dellasandro. — Pelo que sei sobre o caso, parecia que o motivo era assalto. Ele abriu as mãos e as levantou espalmadas, olhando com uma expressão de expectativa para Chandler. — De que maneira isso envolve a Corte? O senhor já revistou o apartamento dele?

— Ainda não. Estou mandando uma equipe para fazer isto amanhã.

— Como podemos saber que não é alguma coisa ligada à vida particular dele? — perguntou Dellasandro.

Todo mundo olhou para Chandler esperando a resposta. O detetive baixou os olhos, examinando rapidamente suas anotações, sem realmente se concentrar nelas.

— Estou apenas cobrindo todas as possibilidades. Ir ao local de trabalho de uma vítima de homicídio e fazer perguntas não é nem remotamente incomum, cavalheiros.

— Sem dúvida — disse Perkins. — Pode contar com toda nossa cooperação.

— Agora, por que não vamos dar uma olhada no escritório do Sr. Fiske? — sugeriu Chandler.

24

O HOMEM DESLIZOU PELO CORREDOR com a suavidade de um gato. Tinha um metro e noventa de altura, era esguio, mas com a musculatura forte e definida, ombros largos se abrindo como um leque de um pescoço grosso. Tinha um rosto comprido e estreito; a pele escura cor de castanha e lisa, exceto por uma rede de rugas, em sulcos, em volta dos olhos e da boca, como as espirais de uma impressão digital. Usava um boné de beisebol amarrotado, da Virgínia. Uma barba preta salpicada de fios brancos, curta e bem aparada, emoldurava o queixo. Vestia jeans usados e desbotados, uma camisa azul índigo manchada de suor, com as mangas enroladas, deixando à mostra um par de antebraços musculosos e cheios de veias. Um maço de Pall Mall erguia-se no bolso da frente da camisa. Ele se aproximou do final do corredor e virou na curva. Tão logo o fez, o soldado sentado junto à porta da última sala no corredor se levantou e levantou a mão.

— Desculpe-me, senhor, mas esta área está isolada e com circulação proibida para todo mundo exceto para a equipe médica.

— Meu irmão está lá dentro — disse Joshua Harms. — E eu vou visitá-lo.

— Receio que seja impossível.

Harms examinou a plaqueta com o nome do soldado.

— Receio que não seja, soldado Brown. Eu o visito na prisão o tempo todo. Agora, você vai me deixar entrar lá, está ouvindo?

— Eu creio que não.

— Bem, então eu vou procurar o diretor desse hospital e a polícia local e o maldito comandante lá em Fort Jackson e dizer a eles que você se recusou a permitir que um membro da família visitasse um parente à beira da morte. Então eles todos vão se alternar para

chutar o seu rabo para bem longe, soldado. Já mencionei que passei três anos no Vietnã e que ganhei medalhas suficientes para cobrir seu corpo inteiro? Agora vai me deixar entrar ou vamos ter que seguir pelo caminho mais difícil? Eu quero sua resposta e a quero agora, neste exato minuto.

Nervoso, Brown olhou em volta durante um minuto, sem saber o que fazer.

— Eu preciso ligar para uma pessoa.

— Não, você não precisa. Pode me revistar, mas eu vou entrar ali. Não vou demorar. Mas vai ser agora mesmo.

— Qual é o seu nome?

— Joshua Harms. — Ele puxou a carteira. — Aqui está minha carteira de motorista. Estive na prisão uma porção de vezes ao longo de anos, mas não me lembro de ter visto você lá.

— Não trabalho na prisão — disse ele. — Estou aqui numa missão temporária. Sou reservista.

— Reservista? Em posto de guarda de um prisioneiro?

— Os especialistas do presídio que voaram com seu irmão voltaram hoje um pouco mais cedo. Vão trazer substitutos amanhã de manhã para ocupar meu lugar.

— Aleluia para eles. E, agora, estamos prontos para tratar de fazer isso?

O soldado Brown o encarou por mais alguns segundos. — Vire-se — disse finalmente.

Joshua se virou. Brown começou a revistá-lo, apalpando-o. Pouco antes que alcançasse os bolsos da frente das calças, Josh disse:

— Não fique agitado, mas tenho um canivete aí dentro. Pode tirá-lo e guardá-lo para mim. Mas trate de guardar com cuidado, filho. Sou muito apegado a esse canivete.

O soldado Brown concluiu a revista e se levantou.

— Tem dez minutos e é definitivo. E vou entrar com você.

— Se entrar comigo estará desertando de seu posto. Se desertar de seu posto, no Exército ou no corpo de reservistas, vai acabar indo parar onde meu irmão está. — Ele olhou para as jovens feições do homem. Um aspirante a guerreiro de fim de semana. Provavelmente empurrava um lápis de segunda a sexta-feira antes de enfiar a farda e pegar a arma em busca de aventura.

— E permita-me lhe dizer, a prisão não é um lugar onde alguém como você queria estar.

O soldado Brown engoliu nervosamente.

— Dez minutos.

Os dois homens se encararam.

— Muito obrigado pela gentileza — disse Josh Harms, sem nenhuma sinceridade nas palavras.

Ele entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

— Rufus — disse baixinho.

— Não imaginei que fosse conseguir chegar aqui tão rápido, mano. Josh foi até o lado da cama e o examinou atentamente.

— Mas que diabo aconteceu com você?

— Não tenho certeza de que queira saber.

— Tudo isso tem a ver com aquela maldita carta que recebeu, não é? — Josh puxou uma cadeira para junto da cama.

— Quanto tempo o guarda lhe deu?

— Dez minutos, mas não estou preocupado com ele.

— Dez minutos não será tempo suficiente para lhe contar muita coisa. Mas, vou dizer uma coisa. Se eu voltar para Fort Jackson, eles vão me matar assim que eu puser os pés lá dentro.

— Quem são eles?

Rufus sacudiu a cabeça.

— Se eu lhe disser, eles simplesmente vão sair atrás de você.

— Estou aqui com você, não estou? O soldado-bebê lá fora é burro, mas não é burro a esse ponto. Ele vai escrever meu nome no registro de visitantes. Você sabe disso.

Rufus engoliu com dificuldade.

— Eu sei, provavelmente nunca deveria ter feito você vir aqui.

— Agora já estou aqui. De maneira que pode começar a falar.

Rufus pensou nisso por um minuto.

— Olhe, Josh, aquela carta do Exército, quando recebi a carta, eu me lembrei de tudo o que aconteceu naquela noite. E quero dizer tudo mesmo. Era como se alguém tivesse disparado aquilo, lá dentro de minha cabeça.

— Está falando sobre a menina?

Rufus já estava balançando a cabeça.

— Tudo. Eu sei por que fiz aquilo. E o fato é que não foi minha culpa.

O irmão olhou para ele com ceticismo.

— Ora, vamos, Rufus, você matou aquela garotinha. Não há como negar isso.

— Matar e ter a intenção de matar são duas coisas diferentes. De qualquer maneira, chamei meu advogado daquela época...

— Quer dizer aquele incompetente que você tinha como advogado.

— Você leu a carta?

— Claro que li. Veio para minha casa, não foi? Acho que era o último endereço civil que o Exército tinha para você. Aquela grande carcaça idiota não sabia que tinha você dentro de uma de suas próprias malditas prisões.

— Bem, consegui que Rider desse entrada num negócio para mim. Na Suprema Corte.

— Ele deu entrada em quê?

— Numa carta que escrevi.

— Carta? Como conseguiu fazer a carta sair de lá?

— Da mesma maneira que você fez entrar a carta do Exército.

— Os dois sorriram.

Rufus disse:

— Eles têm um equipamento de impressão na prisão. O equipamento é velho, quente e sujo, de maneira que os guardas dão um pouco de espaço. Deixaram que eu fizesse minha mágica.

— Então você acha que a Corte vai examinar seu caso? Eu não apostaria minha vida nisso, irmãozinho.

— Não, parece que a Corte não vai fazer nada.

— Puxa vida, mas que grande surpresa.

Rufus olhou para além do irmão para a porta.

— Quando os guardas vão voltar da prisão?

— O garoto disse que amanhã de manhã.

— Bem, isso significa que tenho que sair daqui hoje à noite.

— A mulher que me ligou disse que você teve uma espécie de ataque do coração. Veja só como você está, todo amarrado nessa porcaria. Até onde acha que pode correr?

— Até onde acha que posso correr morto?

— Realmente acha que eles vão tentar matar você?

— Não vão querer que isso seja revelado. Você disse que leu a carta do Exército.

— E li.

— Bem, eu nunca estive no programa que eles dizem que estive.

Josh o encarou com dureza.

— Como assim?

— Exatamente o que eu disse. Alguém me incluiu nos registros. Eles queriam que parecesse que eu participei, para esconder o que fizeram comigo. Porque eu matei aquela garotinha. Caso alguém verificasse, acho que tinham que fazer isso. Achavam que eu estaria morto.

Josh refletiu a respeito daquilo lentamente, até que a verdade ficou clara para ele.

— Jesus Nosso Senhor Todo Poderoso. Por que fariam aquela merda com você?

— Está me perguntando isso? Eles me odiavam. Achavam que eu era o maior desastre do mundo. Me queriam morto.

— Se eu tivesse sabido que tudo isso estava acontecendo, que diabo, certamente teria voltado e criado um caso, mexido meus pauzinhos.

— Você estava ocupado tentando impedir os vietcongues de acabar como você. Mas se eu voltar para a prisão agora, eles vão cuidar para ter certeza de me apanhar dessa vez.

Josh olhou para a porta e depois para as correntes que prendiam o irmão.

— Preciso de sua ajuda para fazer isso, Josh.

— Pois é, precisa mesmo, Rufus.

— Você não tem que me ajudar. Você pode dar meia-volta e cair fora daqui. Eu ainda amo você. Você me deu força durante todos esses anos. O que estou pedindo não é justo. Eu sei disso. Você trabalhou muito, agora tem uma vida boa. Eu compreenderia.

— Então você não conhece seu irmão.

Rufus lentamente estendeu o braço e segurou a mão do irmão. Eles apertaram a mão um do outro com firmeza, como se tentando transmitir força e determinação um para o outro para enfrentar o que os esperava.

— Alguém viu você entrar?

— Ninguém exceto o guarda. Eu não entrei exatamente pela porta da frente.

— Então posso fingir que derrubei você e sair daqui sozinho. Eles sabem que sou um filho-da-puta maluco. Capaz de matar meu próprio irmão e não pensar duas vezes no assunto.

— Besteira. Isso não vai colar, Rufus. Você não saberia nem para onde ir. Apanhariam seu rabo em dez minutos. Eu trabalhei no setor de consertos desse hospital durante quase dois anos, conheço isso aqui como a palma de minha mão. O caminho por onde entrei deveria estar trancado, só que as enfermeiras prenderam a tranca

com esparadrapo. Elas dão uma escapulida para fumar um cigarro por lá.

— Então como você quer fazer?

— A gente simplesmente volta pelo caminho por onde eu entrei. Fica logo ali, descendo o corredor, à esquerda. Não passa pelo balcão da enfermagem, nem nada. Meu caminhão está bem do lado de fora da porta. Tenho um amigo que mora a uns trinta minutos daqui. Ele me deve um favor. Vou deixar meu caminhão num de seus velhos celeiros e pegar emprestado o carro dele, por uns tempos. Ele não vai fazer perguntas e tampouco vai responder a nenhuma, se a polícia aparecer. A gente mete o pé na estrada e não olha para trás.

— Tem certeza de que quer fazer isso? E os seus filhos?

— Já foram todos embora. Não costumo vê-los muito.

— E a Louise?

Josh baixou o olhar por um momento.

— Louise me deixou há cinco anos e nunca mais a vi.

— Você nunca me contou isso!

— E o que você teria feito se eu tivesse contado?

— Lamento muito.

— Eu também lamento muito uma porção de coisas. Não sou uma das pessoas mais fáceis de se conviver. Não posso dizer que culpe nenhum deles. — Josh encolheu os ombros. — Assim sendo, agora somos só nós dois novamente. Mamãe ficaria contente se estivesse viva.

— Tem certeza?

— Não me faça esta pergunta de novo.

Rufus levantou as mãos algemadas.

— E que fazemos com isto?

O irmão de Rufus já estava deslizando alguma coisa para fora da bota. Quando ele tornou a se endireitar e se levantar estava

segurando um objeto fino de metal com um pequeno gancho numa das pontas.

— Não me diga que aquele garoto não revistou você?

— Merda, até parece que ele saberia onde procurar. Depois que me tomou o canivete, calculou que estivesse com todas as minhas armas perigosas. Nem sequer se deu ao trabalho de examinar minhas botas. — Josh sorriu e depois inseriu o metal na tranca das algemas.

— Acha que consegue abrir?

Josh parou e olhou para o irmão com desprezo.

— Se eu consegui fugir dos malditos vietcongues, é claro que consigo abrir uma porcaria de um par de algemas-padrão, de distribuição do Exército americano.

∞

Do lado de fora no corredor, o soldado Brown examinou o relógio. Os dez minutos tinham passado. Ele entreabriu a porta do quarto.

— Agora vamos, Harms, o tempo está esgotado. — Empurrou a porta, abrindo-a mais um pouco. — Sr. Harms? O senhor me ouviu? O tempo esgotou.

Brown ouviu um pequeno gemido. Sacou a pistola e empurrou a porta, abrindo-a completamente.

— Que está havendo aí dentro?

O gemido ficou mais alto. Brown olhou em volta em busca do interruptor de luz. Foi então que tropeçou em alguma coisa. Ele se ajoelhou e tocou no rosto do homem enquanto sua visão se focalizava.

— Sr. Harms? Sr. Harms, o senhor está bem? — Josh abriu os olhos.

— Eu estou ótimo. E você?

Então uma grande mão desceu com violência sobre a arma de Brown e a arrancou rapidamente. A outra mão deu a volta em seu rosto cobrindo-lhe a boca e ele foi levantado completamente do chão, um punho maciço colidindo com seu queixo e nocauteando-o.

Rufus colocou Brown na cama, cobrindo-o com o lençol. Josh pôs as correntes com as algemas em volta dos braços e das pernas do soldado inconsciente, bem apertadas, e as trancou. Então usou fita adesiva e gaze que encontrou num dos armários para cobrir-lhe a boca e mantê-la fechada. A última coisa que fez foi revistar o soldado e recuperar o canivete.

Quando Josh se virou na direção dele, Rufus envolveu o irmão em seus braços e o abraçou bem apertado. Josh retribuiu o abraço, era a primeira vez, em vinte e cinco anos, que os dois homens tinham podido fazer aquilo. Com os olhos marejados de lágrimas, Rufus tremia ligeiramente quando Josh finalmente se afastou.

— Agora vamos, não vá ficar sentimental demais comigo. Não temos tempo para isso.

Rufus sorriu.

— Mas ainda é bom abraçar você, Josh.

Josh pôs a mão no ombro do irmão.

— Nunca pensei que um dia ainda teríamos a oportunidade de fazer isso. Nunca mais darei isso como certo.

— E agora?

— Não dá para ver o lugar onde o garoto estava sentado do corredor. Mas eles têm guardas de segurança particular aqui. — Josh verificou o relógio. — Quando eu trabalhava aqui eles faziam rondas de hora em hora, a cada hora. Já passaram quinze minutos. Esses caras trabalham em um plano, com uma turma de seis fazendo rondas individuais, de hora em hora, e não dão muita bola para tomar conta de comadres, mas provavelmente em algum ponto acabarão percebendo que ele sumiu. Está pronto?

Rufus já tinha vestido suas calças e os sapatos do uniforme de presidiário. Tinha deixado a camisa, optando por ficar apenas com a camiseta. Apertada na mão levava uma coisa: a Bíblia na edição Gideon. Ainda não se sentia livre, mas estava a apenas segundos disso.

— Pronto há vinte e cinco anos.

CHANDLER OLHOU EM VOLTA EXAMINANDO o escritório de Michael Fiske. Situado no segundo andar do prédio, era grande, com pé direito alto e molduras clássicas de quinze centímetros de largura. Havia duas grandes escrivaninhas de madeira maciça, ambas com uma estação de trabalho de computador, prateleiras cheias de volumes de livros de direito e de relatórios de jurisprudência, e um carrinho portátil com prateleiras de livros. Havia armários de madeira e pilhas de arquivos colocados sobre as escrivaninhas. O lugar era organizado de maneira desordenada, concluiu. Perkins olhou para Chandler.

— Tem de haver alguém da Corte presente enquanto fazem a busca. Existem muitos documentos confidenciais aqui. Minutas de pareceres, ofícios dos juízes e de outros escrivães, coisas desse tipo, relacionadas a casos pendentes.

— Tudo bem. Não retiraremos nada que possa estar relacionado a um caso pendente.

— Mas como poderão saber se está ou não relacionado?

— Eu lhe perguntarei.

— Não sei. Eu não sou nem advogado.

Chandler retrucou:

— Bem, então traga para cá alguém que seja, porque eu vou revistar este escritório.

— Pode não ser possível hoje. Será que pode esperar até amanhã? Creio que todos os assistentes jurídicos já foram para casa. O juiz-presidente Ramsey não achou que deversem trabalhar até tarde considerando o que aconteceu.

— Alguns dos juízes ainda estão aqui, Richard — disse Klaus. Perkins lançou um olhar nada amistoso para Klaus, que olhou para

Dellasandro.

— Eu não queria que os juízes se envolvessem nisso até que fosse absolutamente necessário. Mas deixem-me ver o que posso fazer — disse. — Receio que tenha de trancar a porta até eu voltar.

Chandler deu um passo aproximando-se de Perkins.

— Olhe, Richard, eu sou da polícia. Agora, talvez eu esteja enganado e você não tenha querido dizer o que pensei que tivesse dito com aquele seu comentário muito idiota.

O rosto de Perkins corou, mas ele deixou a porta destrancada, fazendo um gesto para que Klaus o acompanhasse, e os dois se afastaram. Dellasandro permaneceu, conversando com McKenna.

Chandler foi para junto de Fiske.

— Estou com a impressão de que tudo isso foi ensaiado muito antes de chegarmos aqui.

— McKenna sabia seu nome antes de vocês serem apresentados.

— Eles obviamente já andaram levantando informações.

— Bem, creio que não se pode culpá-los.

— Eu vou até lá e vou conversar com McKenna — disse Chandler. — A gente nunca sabe quando pode vir a precisar de um favor dos federais.

Fiske se recostou contra a parede e consultou o relógio. Ainda não tinha conseguido falar com o pai.

A porta pouco mais abaixo no corredor do escritório de seu irmão se abriu e um homem jovem saiu.

Fiske balançou a cabeça.

— Lugar movimentado.

— É da polícia?

Fiske sacudiu a cabeça e estendeu a mão.

— Sou apenas um observador. Sou John Fiske. Mike era meu irmão.

O rapaz empalideceu.

— Ah, meu Deus, é terrível, terrível. Eu lamento muitíssimo. Ele apertou a mão de Fiske. — Sou Steven Wright.

— Conhecia bem o Mike?

— Não realmente. Acabei de começar a trabalhar neste período. Sou assistente jurídico da juíza Knight. Sei que todo mundo o achava extraordinário.

Fiske olhou para a porta de onde Wright havia saído.

— Aquele é seu escritório? — Wright balançou a cabeça. Imagino que tenha havido um bocado de movimento aqui no escritório de meu irmão.

— Não pode imaginar. As pessoas estiveram entrando e saindo o dia inteiro.

— Pessoas como o Sr. Perkins e o chefe Dellasandro?

— E aquele cavalheiro ali.

Fiske olhou para onde ele estava apontando.

— Aquele é o agente McKenna do FBI — disse Fiske.

Wright sacudiu a cabeça com tristeza.

— Nunca conheci ninguém que tivesse sido... — Ele se calou com uma expressão embaraçada.

— Tudo bem. Sei o que está querendo dizer. — De repente toda a atenção de Fiske concentrou-se num par de pessoas que vinham andando em sua direção. O foco de sua atenção, na verdade, estava concentrado em apenas uma. A despeito da beleza óbvia, a mulher parecia, concluiu Fiske, o moleque levado da casa ao lado. Alguém com quem você podia jogar bola ou xadrez. E acabar perdendo.

Sara Evans observou Fiske. Ela o vira entrar no prédio mais cedo e adivinhara para que estava ali. Tinha ficado por perto para o caso de precisarem falar com um dos assistentes jurídicos. Era por isso que Perkins a "encontrara" tão rapidamente. Ela parou bem diante de Fiske, fazendo com que Perkins abruptamente fizesse o mesmo.

— Ah— disse ele —, John Fiske, esta é Sara Evans.

— Você é o irmão de Michael?

— Deixe-me adivinhar, ele nunca falou em mim — disse Fiske.

— Para falar a verdade, ele falou.

Os dois trocaram um firme aperto de mãos. O branco dos olhos de Sara estava manchado de vermelho, bem como a ponta de seu nariz. A voz dela soava cansada. Fiske reparou que ela apertava um lenço na outra mão. Ele teve a sensação de que já tinham se encontrado antes.

— Eu sinto muito, muitíssimo pelo que aconteceu com Michael disse ela.

— Obrigado. Foi um choque tremendo. — Fiske piscou. Houvera alguma coisa nos olhos dela quando ele disse aquelas palavras? Alguma coisa que dizia que não fora assim tão chocante para ela?

Perkins olhou para Wright.

— Não sabia que estava em seu escritório.

— Poderia ter experimentado bater na porta — sugeriu Fiske.

— Perkins lançou-lhe um olhar de poucos amigos e seguiu até onde estavam Chandler e McKenna.

— Oi, Sara — disse Wright, um sorriso se abrindo no rosto.

Pela maneira como Wright olhava para ela, era evidente para Fiske que o rapaz estava caído por ela.

— Alô, Steven. Como vão as coisas?

— Não creio que ninguém tenha conseguido dar conta de muito trabalho hoje. Estava pensando em ir embora daqui a pouco.

Sara olhou para Fiske.

— Todo mundo achava seu irmão extraordinário. Todos nós estamos profundamente abalados, do juiz-presidente para baixo. Mas isso não chega nem perto de se igualar à sua perda, eu sei.

Ela disse isso de maneira tão estranha que Fiske olhou para ela duas vezes. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Perkins veio

juntar-se a eles.

— Está tudo certo, o detetive Chandler do Departamento de Homicídios de D.C. está esperando com o cavalheiro do FBI Perkins — disse para Sara.

— Por que eles querem revistar o escritório de Michael?

O tom de Perkins foi rude.

— Isso não é de sua conta.

— Faz parte da investigação, Srta. Evans — explicou Fiske —, caso haja alguma ligação com o assassinato.

— Pensei que tivesse sido um assalto à mão armada.

— Foi um assalto à mão armada e quanto mais cedo convenceremos o detetive Chandler de que não tem absolutamente nada a ver com a Corte, melhor — disse Perkins em tom ofendido.

— Se este for o caso — disse Fiske.

— É claro, mas é o caso. — Perkins se virou para Sara. — Conforme expliquei, quando vínhamos descendo, sua tarefa é se assegurar de que nenhum documento confidencial seja visto nem levado.

— Por confidencial está se referindo a que, exatamente? — perguntou ela.

— Você sabe, qualquer coisa que tenha a ver com casos pendentes a serem julgados, pareceres, memorandos, esse tipo de coisa.

— Eu não deveria estar tomando parte nessa decisão, Richard, — veio uma nova voz — ou isto está fora de minha jurisdição?

Fiske reconheceu facilmente o homem que se aproximava deles. Harold Ramsey veio andando em passadas largas, como um luxuoso e antigo transatlântico, entrando no porto imponentemente.

— Chefe, não vi o senhor lá — comentou Perkins nervosamente.

— É óbvio que não. — Ramsey olhou para Fiske. — Não creio que tenhamos sido apresentados.

— É o irmão de Michael, John Fiske — explicou Sara. — Ramsey estendeu a mão; a mão comprida de dedos ossudos pareceu dar duas voltas em torno da de Fiske.

— Não posso lhe dizer o quanto lamento. Michael era um rapaz muito especial. Sei que você e sua família devem sentir terrivelmente a sua perda. Se houver alguma coisa que possamos fazer, por favor, nos comunique.

Fiske agradeceu as condolências de Ramsey, sentindo-se como um estranho num velório, recebendo os pêsames por um morto que não podia identificar.

— Farei isso — disse em tom solene.

Ramsey olhou para Perkins e inclinou a cabeça na direção de Chandler e McKenna.

— Quem são esses homens e o que querem?

Perkins explicou a situação de maneira bastante eficiente, embora estivesse claro que Ramsey já tivesse pensado cinco passos adiante quando Perkins finalmente concluiu.

— Poderia pedir ao detetive Chandler e ao agente McKenna para virem até aqui, por favor, Richard?

Depois das apresentações terem sido feitas, Ramsey se virou para Chandler.

— Parece-me que a melhor maneira de abordar o problema é nos sentarmos com o juiz Murphy e seus assistentes jurídicos, e fazermos um inventário oral dos casos em que Michael estava trabalhando. Compreenda que estou tentando equilibrar seu direito de investigar este crime com a responsabilidade da Corte de manter confidenciais suas opiniões, até chegar a hora determinada para que se tornem publicamente conhecidas.

— OK. — E não quero que ninguém venha tentar me culpar por um vazamento de informação, pensou Chandler para consigo mesmo.

Ramsey continuou.

— Não vejo nenhuma razão pela qual não possa examinar os objetos pessoais de Michael, se ele mantinha algum aqui. Peço somente que quaisquer documentos relativos ao trabalho da Corte sejam postos de lado até que tenham tido essa conversa com o juiz Murphy. Depois, caso pareça haver alguma ligação entre um caso em que Michael estivesse trabalhando e sua morte, providências poderão ser tomadas para que possa investigar totalmente qualquer conexão.

— Está certo, Sr. Juiz-Presidente — disse Chandler. — Na verdade já conversei rapidamente com o juiz Murphy.

McKenna rapidamente concordou com essa abordagem. Ramsey se virou para Perkins.

— Richard, por favor, avise ao juiz Murphy e a seus assistentes jurídicos que o detetive Chandler vai querer se reunir com eles tão logo seja possível. Estou presumindo que amanhã, depois da sustentação oral, seria conveniente.

— Isso seria bom — respondeu Chandler.

— Também porei à sua disposição um consultor jurídico da Corte para dar-lhe assistência na coordenação dos trabalhos e para resolver quaisquer questões de confidencialidade que porventura venham a surgir. Sara, estará disponível amanhã, não é? Era próxima de Michael.

Fiske a examinou com atenção. Quão próxima?, se perguntou. Ramsey mais uma vez estendeu a mão para Fiske.

— Eu também apreciaria se me comunicasse dos acertos que forem feitos para o funeral.

Ramsey então se virou para Perkins.

— Richard, depois que falar com o juiz Murphy, por favor, venha até meu gabinete. O significado em seu tom era claro.

Depois que Ramsey e Perkins se foram, Chandler observou enquanto McKenna examinava o escritório de Michael Fiske novamente.

— Chefe Dellasandro — disse Chandler —, procuraremos causar o mínimo de inconveniência que nos for possível. Trarei uma equipe amanhã para fazer a revista do escritório, de maneira que só tenhamos de fazer isso uma vez.

— Ficamos muito gratos por isso — respondeu Dellasandro.

— Contudo, quero que esta porta continue trancada até eu voltar — prosseguiu Chandler. — Ninguém entra, e isto se aplica ao senhor, ao Sr. Perkins ou — ele olhou expressivamente para o agente McKenna — a qualquer outra pessoa.

McKenna lançou um olhar furioso para Chandler enquanto Dellasandro balançava a cabeça concordando.

Fiske olhou em volta e apanhou Wright olhando fixo para Chandler. Wright abruptamente fechou a porta de seu escritório e Fiske ouviu a tranca girar. Homem esperto, pensou.

Quando Fiske e Chandler estavam saindo do prédio, uma voz os fez parar.

— Se importam se eu os acompanhar até a saída? — perguntou Sara.

— Por mim tudo bem — disse Chandler. — John? — Fiske encolheu os ombros sem dizer nada. Chandler sorriu enquanto iam andando.

— Por que tenho a sensação de que acabamos de estar na presença do Todo Poderoso?

Sara sorriu.

— O juiz-presidente costuma provocar esse efeito nas pessoas.

— Então você é assistente jurídica e escrevente da juíza Knight? — perguntou Fiske.

— Estou entrando no meu segundo ano.

Quando iam dobrando numa curva, quase colidiram com Elizabeth e Jordan Knight.

— Ah, juíza Knight, estávamos falando na senhora — disse Sara. Depois fez as apresentações.

— Senador — disse Chandler —, apreciamos muito o que está fazendo pelo Distrito. Sem os recursos especiais que acabou de destinar ao Departamento de Polícia, eu estaria conduzindo investigações de homicídio de bicicleta.

— Temos muito mais coisas a fazer, como sabe. Os problemas foram se acumulando ao longo de muito tempo e vão levar exatamente o mesmo tempo para serem corrigidos — disse Knight, num tom de discurso político. Ele olhou para Fiske e sua voz se suavizou.

— Lamento muito por seu irmão, John. Eu não o conhecia pessoalmente. Não costumo aparecer muito por aqui na Corte. Se almoço com minha esposa com frequência demais, a mídia acha que estou tentando influenciar sua tomada de decisões. Creio que eles se esquecem do fato de que dividimos a mesma casa e a mesma cama. Mas, por favor, aceite minhas sinceras condolências para você e sua família.

Fiske agradeceu e depois acrescentou:

— Sem querer dar um valor indevido, eu votei no senhor.

— Todo voto conta. — Ele olhou para a esposa e sorriu calorosamente. — Exatamente como por aqui, certo, Sra. Juíza? Como foi que Brennan disse? Você precisa de cinco votos para fazer qualquer coisa? Deus, se eu só tivesse que me preocupar com cinco votos, estaria catorze quilos mais magro e meu cabelo ainda seria preto.

Elizabeth Knight não sorriu. Os olhos dela estavam tão vermelhos quanto os de Sara, sua pele mais pálida do que o habitual.

— Sara — disse ela —, gostaria de me reunir com você, depois da sessão da tarde do tribunal, amanhã. — Ela pigarreou. — E gostaria que falasse com Steven sobre o ofício do tribunal no caso Chance. Tenho que tê-lo amanhã no mais tardar. Mesmo se ele tiver que trabalhar a noite inteira, eu preciso do ofício. — A voz dela estava quase estridente.

Sara pareceu abalada.

— Vou avisar a ele imediatamente, juíza Knight.

Knight agarrou uma das mãos de Sara.

— Obrigada. — Ela engoliu com dificuldade. — Por favor, lembre-se também que o jantar para o juiz Wilkinson é amanhã à noite, às sete horas, em minha casa.

— Está na minha agenda — disse Sara um pouco relutantemente. — Elizabeth Knight finalmente olhou para Fiske.

— Seu irmão era um advogado muito talentoso, Sr. Fiske. Sei que pode soar insensível estar discutindo esses detalhes, mas os trabalhos da Corte não param para ninguém. — E acrescentou um tanto cansadamente: — Aprendi esta lição muito tempo atrás. Mais uma vez, sinto muito. — Ela consultou o relógio. — Jordan, você vai se atrasar para sua reunião no Capitólio. Tenho trabalho para terminar.

Knight olhou para Fiske.

— Se nos der licença.

Fiske encolheu os ombros.

— Como disse, a máquina não para por ninguém.

Depois que os Knight foram embora, Sara comentou:

— A juíza Knight é dura, mas é justa. — Ela lançou um rápido olhar para Fiske. — Tenho certeza de que não teve a intenção de falar naquele tom.

Chandler interferiu.

— Bem, ela provavelmente teve de trabalhar três vezes mais duro que um homem para chegar onde está. Esse tipo de experiência nunca se esquece.

— Essa é uma opinião de mentalidade muito liberada.

— Se conhecesse minha mulher, compreenderia.

Sara sorriu.

— Ramsey e Knight têm origens e formação diferentes, embora tenham a tendência de trabalhar juntos em muitas questões. Ele

parece extremamente obsequioso com ela. Talvez não goste de confrontação com mulheres. Ele é de uma outra geração.

— Não creio que a questão do sexo tenha nada a ver com isso — comentou Fiske bruscamente.

— Ela é uma jurista brilhante — disse Sara defensivamente
Todos eles ouviram o som do bip. Chandler levou a mão ao cinto, tirou o pager e olhou o número escrito na telinha.

— Posso usar um telefone? — perguntou a Sara.

Ela seguiu na frente para indicar o caminho.

Chandler juntou-se a eles um minuto depois e sacudiu a cabeça.

— Um novo par de clientes que tenho de entrevistar. Com ferimentos à bala na cabeça. Que sorte a minha.

— Poderia me levar de volta para a delegacia para que eu possa pegar meu carro? — perguntou Fiske.

— Na verdade, estava indo para a direção oposta.

— Eu posso levar você — disse Sara rapidamente. — Os dois homens olharam para ela. — Já encerrei por hoje. Não que tenha conseguido fazer muita coisa. — Ela baixou os olhos e sorriu um pouco melancolicamente. — A coisa irônica é que Michael não aprovaria. Nunca vi ninguém tão dedicado, tão trabalhador. — Sara olhou para Fiske penetrantemente, como se para dar maior força às palavras.

— Por que não saem para jantar ou coisa assim? — sugeriu Chandler. — Vocês dois poderiam encontrar um bocado de coisas para conversar.

Fiske olhou em volta, claramente constrangido com a sugestão, mas finalmente balançou a cabeça.

— Está pronta?

— Só um minuto. — Ela sacudiu a cabeça cansadamente. — Tenho de avisar Steven que ele vai ter de trabalhar a noite inteira — disse e se afastou.

Chandler disse:

— John, descubra o que puder. Ela era muito próxima de seu irmão. — E acrescentou: — Ao contrário de você.

— Não sou muito bom em espionagem — observou Fiske, sentindo-se culpado por estar conspirando daquela maneira pelas costas de Sara. Tinha de se controlar, pensou; nem sequer conhecia a mulher.

Como se lendo os pensamentos de Fiske, Chandler disse:

— John, sei que ela é esperta e bonita, que trabalhou com seu irmão e está abalada com a morte dele. Mas lembre-se de uma coisa.

— Que coisa?

— Isso não é motivo para confiar nela. — Com aquele último comentário, Chandler foi embora.

26

JORDAN KNIGHT FICOU PARADO no vão da porta do escritório de sua esposa e a observou. A cabeça de Elizabeth Knight estava inclinada enquanto sentava com os cotovelos apoiados no tampo da escrivaninha. Vários livros estavam abertos diante dela, mas obviamente não estava lendo nenhum deles.

— Por que não encerra por hoje, querida?

Ela levantou o olhar, espantada.

— Jordan, pensei que tivesse ido para a reunião.

Ele se aproximou e parou ao lado dela, massageando-lhe a nuca e o pescoço com uma das mãos.

— Cancelei a reunião. E agora está na hora de ir para casa.

— Mas ainda tenho trabalho para terminar. Estamos todos muito atrasados. É tão difícil...

Ele enfiou uma das mãos sob o braço dela e a ajudou a levantar-se.

— Beth, não importa o quanto seja importante, não é importante a esse ponto. Vamos para casa — disse com firmeza.

Alguns minutos depois estavam sendo levados num carro oficial, com motorista, para o apartamento onde moravam. Depois de um banho de chuveiro relaxante, algo para comer e um copo de vinho, Elizabeth Knight finalmente começou a se sentir a meio caminho de volta à normalidade, enquanto se deitava na cama. O marido sentou ao lado dela e ela colocou seus pés no colo dele enquanto os esfregava.

— Às vezes creio que somos demasiado duros com os assistentes jurídicos. Fazemos com que trabalhem demais. Esperamos demais deles — disse ela depois de algum tempo.

— É mesmo? — Jordan Knight segurou o queixo de Elizabeth numa das mãos. — O que é, está de alguma forma querendo se culpar pela morte de Michael Fiske? Ele não estava trabalhando até tarde na noite em que provavelmente foi morto. Você me disse que ele telefonou avisando que iria faltar por motivo de doença. O fato de estar numa viela em uma área perigosa da cidade não tem nada a ver com você ou com a Suprema Corte. Alguém, algum bandido vagabundo de rua, o matou. Talvez tenha sido assalto seguido de homicídio, ou talvez ele simplesmente tenha estado no lugar errado, na hora errada, mas você não teve nada a ver com isso.

— A polícia acha que foi assalto seguido de homicídio.

— Tenho certeza de que a investigação ainda está no início, mas terá a mais alta prioridade.

— Um dos assistentes jurídicos perguntou hoje se a morte de Michael Fiske poderia estar de alguma maneira ligada à Corte.

Jordan Knight refletiu a respeito disso por um momento.

— Olhe, suponho que seja possível, mas não vejo como. — Ele de repente pareceu preocupado. — Contudo, se estiver, vou tratar de me assegurar para que você tenha proteção adicional. Vou fazer uma ligação amanhã e você terá seu próprio agente do Serviço Secreto ou do FBI, vinte e quatro horas.

— Jordan, não precisa fazer isso.

— O quê, me assegurar de que um maluco qualquer não tire você de mim? Eu penso muito nisso, Beth. Algumas das decisões da Corte são muito impopulares. Todos vocês recebem ameaças de morte de tempos em tempos. Não pode ignorar isso.

— Não ignoro. Apenas tento não pensar no assunto.

— Ótimo, mas não fique aborrecida se eu pensar.

Ela sorriu, tocou o rosto dele.

— Você cuida bem demais de mim, sabe.

Ele sorriu.

— Quando se tem algo precioso, é a única coisa a fazer.

Eles se beijaram ternamente e então Jordan puxou as cobertas para cobri-la, apagou a luz e saiu para terminar um trabalho em seu estúdio. Elizabeth Knight não adormeceu imediatamente. Ficou olhando fixo para a escuridão, tomada por uma série de emoções. Justo quando todas elas ameaçavam se apoderar dela, agradecida, começou a adormecer.

∞

— Eu não posso nem imaginar o que deve estar passando, John. Sei como estou me sentindo péssima e conhecia Michael apenas há relativamente pouco tempo.

Estavam no carro de Sara e tinham acabado de atravessar o rio Potomac e entrar na Virgínia. Fiske se perguntou se ela estaria querendo induzi-lo a pensar que tinha poucas informações para oferecer.

— Então quanto tempo trabalharam juntos?

— Um ano. Michael me convenceu a continuar por um segundo ano.

— Ramsey disse que você e Michael eram próximos. Em que medida?

Ela lançou um olhar penetrante para John.

— Que está querendo insinuar?

— Só quero reunir informações sobre meu irmão. Quero saber quem eram os amigos dele. Se ele estava namorando alguém. Olhou rapidamente para ela, para avaliar sua reação. Se houve alguma, não estava demonstrando.

— Você morava a apenas duas horas de distância e não sabe nada a respeito da vida dele?

— Esta é sua opinião ou de alguma outra pessoa?

— Eu na verdade posso fazer observações por mim mesma.

— Bem, isso é um caminho que dois podem fazer, tem ida e volta.

— As observações ou as duas horas de distância?

— Ambas.

Eles pararam no estacionamento de um restaurante na Virgínia do norte. Entraram, conseguiram uma mesa e pediram drinques e a comida. Um minuto depois, Fiske tomou um gole de sua Corona; Sara bebericava uma margarita.

Fiske enxugou a boca.

— Então, você vem de uma família de advogados? Costumamos andar em bandos.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Venho de uma fazenda na Carolina do Norte. Com uma cidadezinha de uma rua só. Mas meu pai tinha uma ligação com o direito.

Fiske pareceu ligeiramente interessado.

— Qual era?

— Ele era o juiz de paz daquela área. Oficialmente, sua sala de audiências era um pequeno espaço nos fundos da cadeia. Mas muitas vezes ele ouvia os casos sentado em seu trator John Deere no meio do campo.

— Foi isso que fez com que se interessasse pelo direito?

Ela balançou a cabeça.

— Meu pai parecia mais um juiz quando sentado numa máquina empoeirada de fazenda do que alguns outros que tenho visto nos tribunais mais elegantes.

— Inclusive esse em que está agora?

Sara piscou e repentinamente desviou o olhar. Fiske se sentiu culpado por ter feito o comentário.

— Aposto que seu pai era um bom juiz de paz. Com bom senso, justo em suas decisões. Um homem da terra.

Ela olhou rapidamente para ele para ver se estava sendo sarcástico, mas a expressão de Fiske era sincera.

— Isso é exatamente o que ele era. Na maioria das vezes lidava com caçadores que invadiam a propriedade alheia e com multas de trânsito, mas não creio que ninguém saísse sentindo que havia sido tratado injustamente.

— Você o vê com frequência?

— Ele morreu há seis anos.

— Sinto muito. E sua mãe ainda é viva?

— Ela morreu antes de papai. A vida rural pode ser dura.

— Irmãs ou irmãos?

Ela sacudiu a cabeça e pareceu aliviada ao ver a comida chegar.

— Acabei de me dar conta de que não comi nada hoje — disse Fiske enquanto dava uma grande mordida na tortilha.

— Faço muito isso. Acho que comi uma maçã hoje de manhã.

— Não é bom. — O olhar dele a examinou dos pés à cabeça. — Você não tem nenhum excesso.

Ela também o olhou dos pés a cabeça. A despeito dos ombros largos e das faces arredondadas, ele parecia quase macilento, o colarinho da camisa frouxo em volta do pescoço, a cintura um pouco pequena demais para seu tamanho.

— Nem você.

Vinte minutos depois Fiske afastou o prato vazio e se recostou na cadeira.

— Sei que é uma pessoa ocupada de modo que não vou desperdiçar seu tempo. Meu irmão e eu não nos víamos muito. Existe um vazio de informações que preciso preencher se pretendo encontrar quem fez isso.

— Pensei que isso fosse o trabalho do detetive Chandler.

— Extraoficialmente é meu.

— Sua experiência como policial? — perguntou Sara. Fiske arqueou as sobrancelhas. — Michael me contou muita coisa a seu respeito.

— É mesmo?

— É, é mesmo. Ele se orgulhava muito de você. De policial a advogado de defesa criminal. Michael e eu tivemos algumas discussões interessantes a respeito disso.

— Olhe, me incomoda que uma pessoa que não conheço tenha tido discussões a respeito de minha vida.

— Não há razão para se aborrecer. Nós apenas achamos que era uma mudança de carreira interessante.

Fiske encolheu os ombros.

— Quando eu era policial passava meu tempo inteiro tirando os criminosos das ruas. Agora ganho a vida defendendo-os. Para falar a verdade, estava começando a ficar com pena deles.

— Não creio que jamais tenha ouvido um policial admitir isso.

— É mesmo? Com quantos policiais já lidou?

— Eu tenho o pé pesado. Recebo montes de multas de trânsito. Ela sorriu com uma expressão implicante. — Falando sério, por que fez a troca?

Ele brincou com a faca distraidamente por um momento.

— Dei um flagrante num sujeito que estava levando um tijolo de cocaína. Ele trabalhava como mula para alguns traficantes de drogas, de fato tinha realmente um papel pequeno; apenas transportava a droga do ponto A para o ponto B. Eu tinha outras causas prováveis para detê-lo e revistá-lo. Encontrei o tijolo e então o sujeito, com um vocabulário de criança de primeira série, me diz que pensou que fosse um pedaço de queijo. — Fiske olhou diretamente para ela. — Você consegue acreditar nisso? Ele teria se saído melhor se tivesse dito que não sabia como aquilo tinha ido parar ali. Então o advogado dele poderia pelo menos ter tentado arguir dúvida razoável com relação à acusação de posse de drogas. Se tentar

convencer um júri de que alguém, que tem uma aparência e age e fala como um vagabundo nojento, realmente pensou que um pedaço de merda e infelicidade, valendo dez mil dólares para seus filhos, fosse um pedaço de queijo suíço, bem, você terá problemas. — Ele sacudiu a cabeça. — Você põe dez desses caras na cadeia, e existem mais cem só esperando para ocupar os lugares deles. Eles não têm nenhum outro lugar para onde ir. Se tivessem, iriam. O problema é o seguinte, se você não dá esperança às pessoas, elas não se importam com o que fazem consigo mesmas, nem umas com as outras.

Sara sorriu.

— Qual é a graça? — perguntou ele.

— Você fala de maneira muito parecida com a de seu irmão. —

Fiske fez uma pausa e esfregou a mão num círculo de água sobre a mesa.

— Você costumava passar muito tempo com Michael?

— Costumava sim, bastante.

— Socialmente também?

— Saíamos para tomar drinques, jantar, fazer programas. —

Ela tomou um gole de seu drink e sorriu. — Nunca prestei um depoimento antes.

— Depoimentos podem ser realmente bastante dolorosos.

— É mesmo?

— É, como o seguinte, por exemplo: algo me diz que a morte de Michael não pareceu surpreender você tanto assim. É verdade?

Sara imediatamente abandonou a atitude casual.

— Não. Fiquei horrorizada.

— Horrorizada, sim. Mas surpreendida?

A garçonete parou na mesa deles e perguntou se gostariam de uma sobremesa ou café. Fiske pediu a conta.

Depois voltaram a entrar no carro e seguiram em direção ao Distrito. Uma chuva leve tinha começado a cair. Outubro era um mês imprevisível em termos de meteorologia, naquela área. Podia

fazer calor, ou frio, ou uma temperatura amena durante qualquer dado período de tempo. Agora estava muito quente e úmido do lado de fora e Sara estava com o ar-condicionado ligado no máximo.

Fiske olhou para ela com expectativa. Ela percebeu o olhar dele, respirou fundo, preocupada, e começou a falar lentamente.

— Recentemente, Michael de fato parecia nervoso, distraído.

— Isso era incomum?

— Durante as últimas semanas estivemos produzindo ofícios do tribunal a toque de caixa, como se fôssemos máquinas. Todo mundo estava de pavio curto, mas Michael sempre parecia vicejar sob esse tipo de condições.

— Você acha que o nervosismo dele estava relacionado a alguma coisa na Suprema Corte?

— Michael praticamente não tinha vida fora da Suprema Corte.

— Havia grandes casos controversos pendentes? — perguntou Fiske.

— Todos os casos são grandes e controversos.

— Mas ele nunca mencionou nada específico para você?

Sara olhou fixo para a frente, mas novamente preferiu não responder.

— Qualquer coisa que possa me dizer, ajudará, Sara. — Ela reduziu ligeiramente a velocidade do carro.

— Seu irmão era engraçado. Sabe que ele costumava descer até a sala do funcionário encarregado do serviço de correspondência, ao raiar do dia, para ter chance de examinar em primeira mão quaisquer casos interessantes?

— Não fico surpreso. Ele nunca fez as coisas pela metade. Como as apelações são normalmente processadas?

— A sala do funcionário responsável pelo serviço de correspondência é onde os autos da apelação são abertos e processados. Cada apelação é encaminhada para um analista de

recursos, para assegurar que sejam cumpridos todos os requisitos dos regulamentos da Corte, e assim por diante. Se é manuscrita, como muitas das apelações informa pauperis são, eles até se asseguram de que a letra seja legível. Então as informações são incluídas num banco de dados sob o nome da parte que está dando entrada na apelação. Finalmente, a apelação é copiada e enviada para todos os gabinetes de juízes.

— Mike certa vez me disse quantos recursos a Corte recebe. É impossível que os juízes possam ler todos eles.

— Eles não leem. As petições são divididas entre os gabinetes dos juízes, e os assistentes jurídicos são designados para trabalhar em pool, para preparar os memorandos de avocação de causas para revisão. Por exemplo, podemos receber cerca de cem apelações, mais ou menos, ao longo de uma semana. Existem nove juízes, de maneira que cada gabinete recebe, aproximadamente, doze apelações. Das doze apelações enviadas para o gabinete da juíza Knight, eu poderia escrever um parecer sobre três delas. Esse parecer é enviado para distribuição para todos os gabinetes. Então os assistentes jurídicos dos outros juízes examinam meu parecer e fazem uma recomendação ao juiz para quem trabalham opinando se a Corte deve conceder a revisão do caso ou não.

— Vocês, assistentes jurídicos, têm um bocado de poder.

— Em algumas áreas, mas não, de fato, nos pareceres. A minuta de um assistente jurídico sobre um parecer é, principalmente, uma recapitulação dos fatos do caso e depois a organização em sequência dos precedentes. Os juízes simplesmente usam os assistentes jurídicos para fazer o trabalho grosso, para reunir a papelada. Onde temos maior impacto é na seleção das apelações.

Fiske pareceu pensativo.

— Um magistrado, portanto, pode nem ver os documentos de fato que foram distribuídos com a apelação à Corte antes de decidir

se vai julgar ou não o caso? Ele simplesmente leria o parecer do pool, a recomendação de seu assistente jurídico.

— Talvez nem mesmo o parecer, talvez só a recomendação de seu escrivão. Os juízes realizam conferências para discussão dos casos geralmente duas vezes por semana. É quando todas as petições selecionadas pelos assistentes jurídicos são discutidas e votadas para ver se reúnem pelo menos quatro votos, o mínimo de que se precisa para que o caso seja julgado.

— Sendo assim a primeira pessoa a realmente ver um recurso feito à Corte seria alguém que trabalha na sala de correspondência?

— Normalmente é assim.

— Que está querendo dizer com "normalmente"?

— Quero dizer que não existe nenhuma garantia de que as coisas sempre serão feitas de acordo com as regras.

Fiske pensou a respeito disso por um momento.

— Está sugerindo que meu irmão poderia ter retirado um recurso, antes que os funcionários responsáveis pelo serviço de correspondência pudessem processá-lo?

Sara deixou escapar um gemido abafado, mas rapidamente se recompôs.

— Eu só posso lhe contar isso confidencialmente, John.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não vou lhe prometer uma coisa que não posso cumprir.

Sara suspirou e, em frases concisas, contou a Fiske sobre ter encontrado os documentos na maleta de Michael.

— Eu realmente não tinha a intenção de bisbilhotar. Mas ele vinha agindo de maneira estranha e eu estava preocupada com ele. Encontrei com ele certa manhã saindo da sala de serviço de correspondência. Michael parecia estar realmente transtornado. Acho que tinha acabado de pegar o recurso que encontrei em sua maleta.

— O recurso que você viu era o original ou uma cópia?

— O original. Uma das páginas era manuscrita, a outra datilografada.

— Normalmente os originais são distribuídos?

— Não, somente cópias. E as cópias das apelações certamente não vêm acompanhadas do envelope em que os documentos da petição foram recebidos.

— Lembro-me de Mike me contar que os funcionários às vezes levam arquivos de casos para casa, às vezes até originais.

— É verdade.

— Então talvez tenha sido este o caso.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não estava organizado como um arquivo de caso normal. Não havia endereço de remetente no envelope e a página datilografada não estava assinada. A página manuscrita me fez pensar que era uma petição in forma pauperis, mas não havia moção, pedido, nem declaração jurada de indigência que eu pudesse ver.

— Você viu algum nome nos papéis, alguma coisa que pudesse identificar quem estava envolvido?

— Vi. Foi por isso que soube que Michael tinha retirado um recurso.

— Como?

— Consegui ler rapidamente a primeira linha da frase da página datilografada. A pessoa identificada como apelante era citada pelo nome ali. Logo que saí do escritório de Michael, verifiquei no banco de dados de apelações processadas. Não havia nenhum com aquele nome na lista.

— Qual era o nome?

— O sobrenome era Harms.

— E o nome?

— Não vi.

— Lembra-se de mais alguma coisa?

— Não.

Fiske tornou a se recostar no banco do carro.

— A questão é que, se Michael retirou o recurso, ele tinha de ter certeza de que ninguém iria telefonar para perguntar sobre o desaparecimento dos documentos. Como o advogado que deu entrada nele, se é que foi um advogado.

— Bem, o envelope tinha uma etiqueta de recibo de pedido de aviso de recebimento. A parte que enviou a correspondência teria recebido a notificação de que foi entregue à Suprema Corte.

— Certo. E por que uma página manuscrita e outra datilografada?

— Duas pessoas diferentes. Talvez a pessoa não quisesse ser reconhecida, mas a despeito disso quisesse ajudar Harms.

— De todos os recursos que a Corte recebe, Michael retira este. Por quê?

Ela lançou um olhar rápido e nervoso para ele.

— Ah, Deus, se acabar se revelando que isso teve alguma coisa a ver com a morte de Michael. Nunca pensei... — De repente ela parecia que ia explodir em lágrimas.

— Não vou falar com ninguém a respeito disso. Por enquanto. Você correu um risco por Mike. Tenho consciência disso e agradeço.

Houve um silêncio prolongado até que Fiske disse: — Está ficando tarde.

Enquanto seguiam adiante, Fiske finalmente disse:

— Consegui apurar que Mike rodou cerca de mil e trezentos quilômetros no carro dele nesses dois últimos dias. Alguma ideia de onde ele pode ter ido?

— Não. Não creio que ele gostasse de dirigir. Costumava ir de bicicleta para o trabalho.

— Como era visto pelos outros funcionários?

— Era altamente respeitado. Ele era incrivelmente motivado. Creio que todos os assistentes jurídicos da Corte o são, mas Michael

parecia incapaz de desligar. Eu me considero uma pessoa que dá duro no batente também, mas creio que ter um certo equilíbrio na vida é bom.

— Mike sempre foi assim — disse Fiske num tom um pouco cansado. — Começava com a perfeição e seguia sempre além, em busca de mais que isso.

— Deve ser uma característica da família. Michael me disse que, na adolescência, você trabalhava em dois ou três empregos quase que ao mesmo tempo.

— Gosto de ter dinheiro para gastar.

O dinheiro não tinha permanecido muito tempo no bolso de Fiske. Tinha ido para o pai, que nunca ganhara mais do que a miséria de quinze mil dólares por ano, durante os quarenta anos em que trabalhara como um mouro. Agora ia para a mãe e para suas monstruosas contas de serviços médicos.

— Você também frequentou a faculdade, enquanto trabalhava como policial.

Fiske impacientemente tamborilou com os dedos na janela do carro.

— A boa e velha Virgínia Commonwealth University, a Stanford do próximo século.

— E você se formou em direito. — Fiske olhou para ela irritadamente. — Por favor não fique aborrecido, John. Só estou curiosa.

Fiske suspirou.

— Fiz estágio com um advogado de defesa criminal em Richmond. Apreendi muito. Consegui meu diploma e passei no exame da Ordem. — E acrescentou secamente: — É a única maneira de se tornar um advogado se você é burro demais para obter pontuação alta nos vestibulares para faculdades de direito.

— Você não é burro.

— Obrigado, mas como pode saber?

— Nós assistimos a sua atuação num julgamento. Ele se virou para olhar para ela.

— Como disse?

— Durante o verão, Michael e eu fomos a Richmond, e observamos você atuando num julgamento de comarca. — Ela não ia mencionar a segunda viagem para observá-lo no tribunal.

— Por que não me avisaram que estavam lá?

Evans encolheu os ombros.

— Michael achou que você ficaria aborrecido.

— Por que eu ficaria aborrecido por ver meu irmão?

— Por que está me perguntando? Ele era seu irmão. — Quando Fiske não disse nada, Sara continuou: — Realmente fiquei impressionada. Acho que você pode ter-me motivado a me tornar uma advogada criminalista algum dia. Pelo menos, durante algum tempo, fazer uma experiência, ver como é na realidade.

— Ah, você acha que gostaria de fazer isso?

— Por quê? Exercer direito criminal pode ser uma nobre vocação. Defender os direitos dos outros. Os pobres. Eu adoraria que me falasse sobre alguns de seus casos.

— Gostaria mesmo?

— É claro — disse ela entusiasmamente.

Ele se acomodou, fingiu estar pensando seriamente.

— Vamos ver, houve o caso de Ronald James. Esse era seu nome verdadeiro, mas ele preferia ser chamado de Papai do Portão dos Fundos. Isso se referia à posição sexual de sua preferência com as seis mulheres que estuprou brutalmente. Negocieei a sentença com admissão de culpa, nesse caso, muito embora todas as seis mulheres o tivessem identificado, em meio a uma fileira de outros, durante uma sessão de reconhecimento organizada pela polícia. Entretanto, eu tinha algum poder de barganha. Quatro das mulheres não tinham condições de encarar o Portão dos Fundos no tribunal. Isso é o que o terror será capaz de fazer para você. Ou com você. A quinta vítima

tinha alguns deslizes feios em seu passado que talvez pudéssemos ter usado para atacar sua credibilidade. A última mulher não queria nada menos que crucificá-lo. Mas uma boa testemunha não é a mesma coisa que meia dúzia. Conclusão: O promotor se acovardou e Portão dos Fundos foi condenado a vinte anos com uma possibilidade de redução de pena. Depois veio Jenny, uma garota boazinha, que enfiou um cutelo de açougueiro no crânio da avó, porque, como me explicou em lágrimas, a velha vaca estúpida não queria deixar que fosse ao shopping com suas amigas. A mãe de Jenny, a filha da mulher que Jenny sanguinariamente assassinou, está pagando meus honorários advocatícios em prestações de dois dólares por mês.

— Creio que entendi o que está querendo dizer — comentou Sara sucintamente.

— Olhe, não estou querendo desiludi-la. O sujeito que acabei de livrar de uma acusação de arrombamento e roubo pagou minha conta integralmente, provavelmente com o dinheiro que recebeu ao passar adiante a mercadoria roubada. Aprendi a não fazer perguntas. Dessa forma que meu aluguel está pago este mês e há muito tempo que não tenho de apontar uma arma para um de meus clientes. E amanhã é sempre outro dia. — Fiske se recostou. — Vá em frente, Srta. Evans.

— Você realmente gosta de chocar as pessoas, não é?

— Você pediu.

— Então por que diabo faz isso?

— Alguém tem que fazer.

— Esta não era realmente a resposta que eu estava esperando, mas vamos mudar de assunto—disse ela asperamente. — Contudo, muito obrigada por baixar a minha bola, fico realmente grata.

— Se eu baixe a sua bola, você deveria me agradecer mesmo — retrucou ele em tom irritado. Depois acrescentou mais calmamente: — Olhe, Sara, não sou nenhum galante cavalheiro. A

maioria de meus clientes é culpada. Eu sei disso, eles sabem disso, todo mundo sabe disso. Noventa por cento de meus casos são de negociação sobre a pena, exatamente por este motivo. Se alguém, de fato, viesse me procurar proclamando sua inocência, eu provavelmente morreria de um ataque de coração. Não sou um defensor de ninguém, sou um negociador de sentenças. Meu trabalho é garantir que o tempo de prisão a ser cumprido seja justo em comparação com as penas que o resto dos outros está recebendo. Nas raras ocasiões em que vou a julgamento, o truque é fazer fumaça suficiente de tal forma que o júri simplesmente perca a energia para tentar descobrir tudo e desista. Como se eles, realmente, quisessem ficar sentados debatendo o futuro de alguém que nem sequer conhecem e, de fato, se importassem com isso.

— Puxa vida, o que aconteceu com a verdade?

— Às vezes, a verdade é o maior inimigo de um advogado. Não se pode torcer a verdade. Nove vezes em cada dez, com a verdade, eu saio perdendo. Agora, não sou pago para perder, mas tento ser justo. De maneira que todos nós dançamos de acordo com a música e empurramos a papelada durante o dia, a polícia sai durante a noite, joga suas redes como os pescadores e apanha um bocado de carne fresca, e todos nós tornamos a nos encontrar no dia seguinte para fazer a mesma coisa novamente. E isso continua ininterruptamente.

— É a sua versão da vida como ela é? — perguntou Sara.

— Não se preocupe, você nunca a verá. Vai ser professora em Harvard, ou trabalhar em alguma firma chique de advogados de Nova York. Se eu algum dia aparecer por lá, não deixarei de lhe dar um até logo da lata do lixo.

— Será que você poderia parar, por favor? — exclamou Sara. Eles seguiram em silêncio até que algo veio à mente de Fiske.

— Se você já tinha me visto no julgamento, por que fez aquela encenação de não saber quem eu era, lá na Suprema Corte, quando

Perkins nos apresentou?

Ela deu um pequeno suspiro.

— Não sei. Acho que porque na frente de Perkins não consegui pensar em nenhuma maneira inteligente de lhe dizer que já o tinha visto.

— Por que tinha de ser inteligente?

— Você sabe o que costumam dizer de primeiras impressões.

— Ela sacudiu a cabeça diante da ideia. Cristo!

Enquanto Fiske a observava, o que restava de sua hostilidade desapareceu.

— Não deixe que meu cinismo idiota faça seu entusiasmo esmorecer, Sara. — E acrescentou em voz baixa. — Ninguém tem o direito de fazer isso. Desculpe-me.

Ela o examinou com um olhar rápido.

— Acho que você se importa mais do que deixa perceber. Hesitou por um momento, debatendo consigo mesma se deveria contar a ele ou não. — Você conhece um garotinho chamado Enis, não conhece? — Fiske a encarou. — Vi você falando com ele.

Finalmente Fiske compreendeu.

— O bar. Eu sabia que já tinha visto você antes. Que estava fazendo, me seguindo?

— Estava.

A franqueza de Sara pegou Fiske desprevenido.

— Por quê? — perguntou baixinho.

Ela falou lentamente.

— É meio difícil explicar. Não creio que esteja em condições de fazer isso agora. Não estava espionando você. Pude ver como foi difícil para você falar com Enis e com a família dele.

— Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido com eles. Da vez seguinte o pai poderia ter matado todos eles.

— Apesar disso, perder o pai daquela maneira...

— Ele não era o pai de Enis.

— Desculpe, pensei que fosse.

— Ah, Enis é filho dele. Mas isso não faz com que alguém seja seu pai. Pais não fazem o que aquele cara fez com a família.

— Que acontecerá com eles?

Fiske encolheu os ombros.

— Eu dou mais uns dois anos a Lucas até que seja encontrado em algum beco com uma dúzia de buracos de bala. O que é realmente triste é que ele também sabe disso.

— Talvez ele possa surpreendê-lo.

— É. Talvez.

— E Enis?

— Com relação a Enis, não sei. E não quero mais falar a respeito desse assunto.

Eles permaneceram em silêncio até estacionarem na frente do prédio de Homicídios.

— Meu carro está bem ali na frente. — Sara olhou para ele com surpresa.

— Que sorte. Nos dois anos em que moro nessa cidade, não creio que jamais tenha encontrado uma vaga para estacionar na rua.

Fiske olhou para um ponto.

— Eu teria jurado que estacionei bem aqui. — Sara olhou para fora pela janela.

— Está querendo dizer bem ao lado daquela placa que indica zona sujeita a reboque?

Fiske saltou correndo do carro no exato momento em que a chuva aumentou e olhou para a placa e depois para o local onde seu carro havia estado. Tornou a entrar no carro, apoiou a cabeça contra o encosto do banco e fechou os olhos. Gotículas de água cobriam seu rosto e cabelos.

— Realmente não consigo acreditar nesse dia.

— Eles têm um número que você pode chamar para pedir seu carro de volta. — Sara pegou o celular e teclou os números à medida

que os lia na placa de rua. O telefone tocou dez vezes, mas ninguém atendeu. Ela desligou. — Não me parece que você vai conseguir pegar seu carro de volta esta noite.

— Não posso ir dormir antes de avisar a meu pai.

— Ah. - Ela pensou por um momento. — Bem, eu levo você.

Fiske olhou para fora, para a chuva torrencial.

— Tem certeza?

Ela passou a marcha no carro.

— Vamos lá encontrar seu pai.

— Podemos fazer uma parada antes?

— Claro, é só me dizer onde.

— No apartamento de meu irmão.

— John, não tenho certeza de que seja uma boa ideia.

— Eu acho que é uma ótima ideia.

— Não vamos poder entrar.

— Eu tenho a chave — disse Fiske. — Ela olhou para ele espantada.

— Ajudei na mudança quando ele começou a trabalhar na Suprema Corte.

— A polícia não terá lacrado tudo ou coisa assim?

— Chandler disse que iria fazer a revista amanhã. — Ele olhou para Sara. — Não se preocupe, você fica no carro. Se acontecer alguma coisa, simplesmente vá embora.

— E se talvez a pessoa que matou Michael estiver lá?

— Você tem um macaco no porta-malas?

— Tenho.

— Então é meu dia de sorte.

Sara respirou nervosamente.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

Eu também, pensou Fiske.

QUANDO CHEGARAM AO APARTAMENTO DE MICHAEL FISKE, Sara estacionou numa vaga logo depois da curva.

— Abra o porta-malas— disse Fiske antes de saltar.

Ela o ouviu remexendo no porta-malas durante alguns momentos. Assustou-se por um instante quando ele apareceu junto de sua janela. Baixou o vidro rapidamente.

— Mantenha as portas do carro trancadas, o motor ligado e seus olhos abertos, OK? — Fiske recomendou.

Ela balançou a cabeça, reparando no macaco numa das mãos dele e na lanterna na outra.

— Se ficar nervosa ou alguma coisa, apenas vá embora. Sou um garoto crescido. Conseguirei chegar a Richmond sem problemas.

Sara sacudiu a cabeça teimosamente.

— Vou estar bem aqui.

Enquanto ela o observava seguir para a curva, um pensamento lhe ocorreu. Esperou um minuto ou coisa assim para dar tempo a ele para entrar no prédio, então dobrou na curva, seguiu de volta para a rua de Michael e estacionou o carro do outro lado da rua. Pegou o telefone celular, ligou e ficou com ele na mão. Se visse alguma coisa remotamente suspeita, telefonaria para o apartamento e avisaria Fiske. Era um bom plano de emergência, mas um plano que esperava não ter de usar.

∞

Fiske fechou a porta depois de entrar, acendeu a lanterna e olhou em volta. Não viu nenhum sinal evidente de que alguém tivesse revistado o apartamento.

Entrou na pequena cozinha, que era separada da sala de visitas por um balcão de bar que chegava à altura da cintura. Procurou e encontrou dois sacos plásticos numa das gavetas da cozinha, e cobriu as mãos com eles, de maneira a não deixar impressões digitais. Havia uma pequena porta que dava para a despensa, mas Fiske não deu atenção a ela. Seu irmão não era do tipo que fosse ter fileiras bem arrumadas de milho e ervilhas em lata.

Fiske revistou a sala de visitas, examinou o pequeno armário embutido para casacos, mas não havia nada em nenhum dos bolsos dos casacos. Em seguida se encaminhou para o único quarto, nos fundos do apartamento. Os tacos do assoalho estavam gastos, frouxos, de maneira que os rangidos acompanhavam-no a cada passo. Empurrou e abriu a porta, e examinou o quarto. A cama estava desfeita, havia roupas aqui e ali. Verificou os bolsos — nada. Havia uma pequena mesa de trabalho no canto. Ele a revistou cuidadosamente, mas não encontrou nada. Viu um fio de eletricidade enfiado na tomada na parede e franziu o cenho quando segurou a outra extremidade. Procurou ao lado da mesa de trabalho, mas não viu o que estava esperando encontrar ali: o computador laptop que deveria estar conectado ao fio. E a maleta de trabalho do irmão; Fiske a comprara para Mike e lhe dera de presente por ocasião de sua formatura na faculdade de direito. Ele fez uma anotação mental para perguntar a Sara sobre o computador e a maleta.

Depois de acabar de revistar o quarto, ele seguiu de volta pelo corredor em direção à cozinha. Parou um momento, ouvindo atentamente. Quando o fez, agarrou com força o macaco. Com um movimento repentino, ele deu um puxão, abrindo a porta da despensa, o macaco erguido, a luz da lanterna virada diretamente para o espaço apertado.

O homem irrompeu para fora e acertou Fiske no estômago com o ombro. Fiske grunhiu, a lanterna voou longe, mas ele se

manteve firme e conseguiu acertar o homem, no pescoço, com o macaco. Ouviu um grito de dor, mas o homem se recuperou mais depressa do que Fiske havia calculado, levantou-o do chão e atirou-o sobre o bar. Fiske caiu pesadamente e sentiu o ombro ficar dormente. Apesar disso, conseguiu se torcer lateralmente e chutar as pernas do outro, derrubando-o quando ele passava correndo, indo em direção à porta. Girou o macaco para golpear novamente, mas, na escuridão, errou e acabou batendo no chão. Um punho acertou seu queixo. Fiske golpeou novamente com o macaco e dessa vez acertou carne sólida também.

O sujeito ficou de pé e saiu pela porta poucos segundos depois. Fiske finalmente conseguiu se levantar com um solavanco e correu para a porta, segurando o ombro. Ele ouviu o ruído de pés descendo as escadas rapidamente. Correu atrás do homem e ouviu a porta da frente do prédio se abrir com um estrondo. Dez segundos depois Fiske estava na rua. Olhou para a direita e para a esquerda. Uma buzina soou.

Sara baixou o vidro da janela e apontou para a direita. Fiske correu a toda velocidade, sob a chuva, naquela direção, e dobrou a esquina. Sara engatou a marcha, mas teve de esperar que dois carros passassem e, então, saiu cantando pneus atrás dele. Dobrou a esquina, desceu correndo o quarteirão seguinte, mas não viu ninguém. Deu marcha à ré e virou numa outra rua transversal, e depois numa outra, sentindo-se cada vez mais aflita. Ela deixou escapar um grito de alívio quando viu Fiske parado no meio da rua, arquejando.

Saltou do carro e correu para junto dele.

— John, graças a Deus que você está bem.

Fiske estava furioso porque o homem tinha fugido. Bateu com os pés no chão girando em pequenos círculos.

— Merda! Mas que droga!

— Que diabo foi que aconteceu?

Fiske se acalmou.

— Bandidos um, mocinhos zero.

Sara passou o braço em volta da cintura dele e o apoiou enquanto andavam até o carro. Ela o ajudou a entrar. Depois entrou do lado do motorista e eles deram partida no carro.

— Você precisa de um médico.

— Não! Foi só uma pancada. Você viu o sujeito?

Sara sacudiu a cabeça.

— Não realmente. Ele saiu tão depressa, pensei que fosse você.

— Do meu tamanho? Alguma roupa que possa descrever? Branco, negro?

Evans pensou, concentrando-se o máximo que podia por um momento, tentando visualizar o que havia visto.

— Não tenho muita ideia com relação à idade. Ele era mais ou menos do seu tamanho. Estava usando um pano ou uma máscara escura no rosto, creio. — Ela suspirou. — Aconteceu tão depressa. Onde ele estava?

— Dentro da despensa. Contudo, não o ouvi quando passei pela primeira vez, mas ouvi o assoalho ranger quando passei de volta. Ele esfregou o ombro. — E agora vem a parte mais difícil. — Ele pegou o telefone celular e puxou um cartão de visitas da carteira. Contar para Chandler o que acabou de acontecer.

Fiske enviou uma mensagem para o pager de Chandler e o detetive ligou de volta poucos minutos depois. Quando Fiske contou a ele o que tinha feito, teve de afastar o telefone da orelha.

— Ligeiramente aborrecido? — perguntou Sara.

— Pois é, como o Monte Saint Helens entrou ligeiramente em erupção. — Fiske trouxe o telefone de volta à orelha. — Olhe, Buford...

— Que diabo você estava pensando, na hora em que fez uma coisa tão estúpida? — berrou Chandler. — Você foi policial.

— Era exatamente assim que eu estava pensando. Como se ainda fosse um policial.

— Bem, você não é mais da polícia.

— Você quer a descrição do homem ou não?

— Ainda não acabei de falar com você.

— Eu sei, mas eu ainda estou por aqui.

— Passe logo a droga da descrição — disse Chandler. Depois que Fiske acabou, Chandler disse:

— Vou mandar uma viatura ir até aí agora mesmo para lacrar a cena e vou solicitar uma equipe técnica para examinar o apartamento imediatamente.

— A maleta de trabalho de meu irmão não estava no apartamento. Estava no carro dele?

— Não, eu lhe disse que não encontramos objetos pessoais.

Fiske olhou para Sara.

— A maleta está no escritório? Não me lembro de tê-la visto. Nem o computador laptop.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não me lembro de ter visto a maleta. E ele geralmente não trazia o laptop para o trabalho, uma vez que todos nós temos computadores de mesa.

Fiske tornou a falar ao telefone.

— Parece que a maleta dele está desaparecida. E o computador também; encontrei o fio de conexão na tomada.

— O sujeito, por acaso, estava com algum desses dois objetos?

— Ele estava de mãos vazias. Eu sei. Ele me acertou direitinho com uma dessas mãos vazias.

— OK, então temos uma maleta desaparecida, um laptop desaparecido e um ex-policial burro como uma mula que estou com vontade de meter na cadeia agora, nesse minuto.

— Ora, vamos, vocês já rebocaram o meu carro.

— Passe o telefone para a Srta. Evans.

— Por quê?

— Apenas faça o que estou mandando.

Fiske passou o telefone para Sara, que ficou perplexa.

— Sim, detetive Chandler? — disse ela, nervosamente enroscando uma mecha de cabelo.

— Srta. Evans — começou ele educadamente —, pensei que fosse apenas dar uma carona para o Sr. Fiske até o carro dele e talvez sair para jantar, não iniciar as filmagens de mais uma aventura de James Bond.

— Mas, sabe, o carro dele foi rebocado e...

O tom de Chandler se modificou rapidamente.

— Não me agrada nada vocês dois tornarem meu trabalho mais difícil. Onde está?

— A cerca de mil e seiscentos metros do apartamento de Michael.

— E para onde estão indo?

— Para Richmond. Para dar a notícia da morte de Michael ao pai de John.

— OK, então leve-o para Richmond, Srta. Evans. Não o perca de vista. Se ele quiser brincar de Sherlock Holmes de novo, me telefone e eu irei encontrá-los imediatamente e pessoalmente meterei uma bala nele. Estou sendo claro?

— Sim, detetive Chandler. Claríssimo.

— E espero ver vocês dois de volta em D.C. amanhã. Isto também está compreendido?

— Certo. Estaremos de volta amanhã.

— Ótimo, Tonto, agora passe o telefone para o Policial Solitário.

Fiske pegou o telefone de volta.

— Olhe, sei que foi besteira minha, mas só estava querendo ajudar.

— Faça-me um favor, não tente mais ajudar a menos que eu esteja com você. Certo?

— Certo.

— John, uma variedade de coisas poderiam ter acontecido com você esta noite, a maioria delas ruim. Não apenas com você, mas com a Srta. Evans também.

Fiske esfregou o ombro e lançou um olhar para a mulher.

— Eu sei — disse baixinho.

— Transmita minhas condolências a seu pai.

Fiske desligou o telefone.

— Podemos ir para Richmond agora? — Sara perguntou.

— Sim, podemos ir para Richmond agora.

NA PICAPE DE SEU AMIGO, JOSH HARMS FOI DIRIGINDO por uma estrada deserta no campo. A densa floresta ladeando as pistas estreitas dava-lhe um certo conforto. Isolamento, um tampão entre ele e aqueles que o perseguiram ou molestavam, tinha sido o único objetivo constante da vida de Josh. Como carpinteiro de talento considerável, trabalhava sozinho. Quando não estava trabalhando, estava caçando ou pescando. Ele não desejava ouvir o que outros tinham a dizer e muito raramente oferecia qualquer opinião. Tudo isso tinha mudado agora. A responsabilidade que tinha acabado de assumir ainda não tinha se registrado totalmente em sua consciência, mas sabia que era considerável. E também sabia que sua decisão havia sido correta.

A pикаpe tinha um trailer e seu irmão estava lá atrás, teoricamente descansando, embora Josh tivesse dúvidas de que o homem pudesse realmente estar dormindo. A parte de trás do trailer também estava provida de comida e água para durar um mês, dois rifles de caça e uma pistola semiautomática, além da que ele tinha enfiada no cinto. Aquele arsenal era insignificante, se comparado com o que brevemente estaria saindo no encalço deles, mas Josh já havia enfrentado grandes desvantagens antes e sobrevivido.

Acendeu um cigarro e soprou toda a fumaça para fora pela janela. Eles já estavam a mais de trezentos quilômetros de Roanoke e trataria de estabelecer a maior distância possível entre eles e Roanoke. A fuga já teria sido descoberta àquela altura, sabia. Os bloqueios nas estradas estariam armados, mas não àquela distância, calculava. Tinham conseguido uma boa vantagem na saída, mas aquela distância rapidamente seria coberta. Os rapazes de verde tinham uma grande vantagem em termos de pessoal e de

equipamento. Mas Josh tinha pescado e caçado por toda aquela área durante os últimos vinte anos. Conhecia todas as cabanas abandonadas, todos os vales escondidos, as menores das passagens em meio à floresta sólida e densa. Seus talentos para a sobrevivência tinham sido aprimorados tanto pela luta pela existência na América, como pelas artimanhas que tivera de inventar para escapar da morte do outro lado do mundo, no Vietnã.

Mesmo a despeito de sua franca desconfiança de toda e qualquer autoridade, ele não violava a lei levemente. Nunca tinha imaginado que seu irmão caçula fosse um assassino enlouquecido qualquer. Rufus jamais deveria ter-se alistado no Exército, não era feito para isso. Ironicamente, Josh tinha sido um herói de guerra condecorado e ele fora convocado. Seu irmão se alistara voluntariamente e passara a carreira inteira na prisão militar. Josh não havia ficado muito entusiasmado em pegar um rifle para lutar por um país que, em grande medida, o deixara em falta e a todos os outros de sua cor. Mas, uma vez que estava a serviço das Forças Armadas, havia lutado com grande distinção. Ele o fizera por si mesmo e pelos homens de seu regimento, e por nenhuma outra razão. Não tinha qualquer outra motivação para combater e matar homens com quem não tinha quaisquer diferenças pessoais.

Josh reduziu a velocidade da pica e fez a curva entrando numa estrada de terra batida que levava mais para o interior da floresta. Rufus lhe contara alguns dos detalhes do que havia acontecido vinte e cinco anos atrás, o que aqueles homens tinham feito com ele. Josh sentiu o rosto arder de raiva, enquanto agora ia recordando um incidente que mantivera esquecido. Era o que alimentava a raiva, o ódio dentro de si. O que a cidadezinha, no Alabama, fizera com a família Harms depois de receber a notícia do crime de Rufus. Nessa ocasião ele tentara proteger sua mãe, mas tinha fracassado. Permita que eu me encontre com os homens que

fizeram isso com meu irmão. Ouviu este pedido, Deus? Está me ouvindo?

Seu plano era que ficassem escondidos durante algum tempo e depois meter o pé na estrada de novo, quando a pressão tivesse diminuído. Talvez tentar entrar no México e desaparecer. Josh não estava deixando tanta coisa assim para trás. Uma família desintegrada, um negócio de carpintaria que nunca havia sido lucrativo a despeito de seu talento. Imaginava que Rufus fosse tudo o que lhe restava em termos de família. E ele era certamente tudo o que Rufus jamais teria. Tinham sido separados um do outro por um quarto de século. Agora, na meia-idade, tinham uma chance de se tornarem mais próximos do que irmãos normalmente eram, nessa fase da vida. Se Josh e Rufus conseguissem sobreviver. Ele jogou fora o cigarro e continuou dirigindo.

Na parte de trás do trailer, Rufus, de fato, não estava dormindo. Estava deitado de costas, com um pedaço de lona preta cobrindo-o parcialmente — coisa de Josh, a lona era projetada para combinar e se mesclar com o forro escuro da cama em que estava deitado. Empilhados em volta dele havia caixotes de comida, seguros por cordões elásticos — também obra de Josh, uma parede para impedir qualquer pessoa de ver o interior. Ele tentou se esticar um pouco, relaxar. O balanço da picape era perturbador. Ele não estivera num automóvel civil desde que Richard Nixon tinha sido presidente. Poderia isso realmente ser verdade? Quantos presidentes passados significava isso? O Exército sempre o transportara, de uma prisão para outra, em helicópteros, aparentemente não desejando deixá-lo chegar assim tão perto da estrada, da liberdade. Quando você foge de um helicóptero, não há muito lugar para ir exceto para baixo.

Rufus tentou espiar entre o papelão e a janela, para ver a noite passando lá fora. Estava escuro demais. Liberdade. Com frequência se perguntava como seria tê-la. Ainda não sabia. Estava assustado

demais. Pessoas, montes de pessoas, procuravam por ele. Querendo matá-lo. E agora a seu irmão. Os dedos dele apertaram a textura não familiar da Bíblia do hospital. A que sua mãe lhe dera ficara na cela. Ele a mantivera a seu lado durante todos aqueles anos, voltando-se para as escrituras repetidas vezes em busca de amparo contra tudo que era sua existência. Sentia-se vazio, no cérebro e no coração, sem ela. Agora era tarde demais. Sentiu seu coração começar a se acelerar. Imaginava que aquilo fosse ruim — esforço demais para ele. De memória, recitou as palavras confortadoras da abundância generosa da Bíblia. Quantas noites tinha murmurado os provérbios, todos os trinta e um capítulos, os cento e cinquenta salmos, cada um revelador e vigoroso, cada um com um significado particular, compreensão para os elementos de sua existência.

Quando acabou suas “leituras”, soergueu-se e abriu a janela do trailer. Daquele ângulo podia ver o rosto do irmão no espelho retrovisor.

— Pensei que estivesse dormindo — disse Josh.

— Não consigo.

— Como está o seu coração?

— Meu coração não está me incomodando nada. Se eu morrer não será por causa dele.

— Não, a menos que seja uma bala arrebatando com ele.

— Para onde estamos indo?

— Para um lugarzinho no meio de lugar nenhum. Calculo que devemos ficar por lá pouco tempo, deixando as coisas esfriarem, e depois seguir adiante de novo quando escurecer. Eles provavelmente pensam que estamos indo direto para o sul, tentando chegar à fronteira mexicana. Estamos, portanto, seguindo para o norte, para a Pensilvânia, pelo menos por enquanto.

— Parece bom.

— Hei, você disse que Rayfield e aquele outro filho-da-mãe...

— Tremaine. O velho Vic.

— Isso, você disse que eles têm estado vigiando você durante esse tempo todo. Depois de todos esses anos terem se passado, como é possível que ainda estivessem por lá? Será que não imaginaram que se você se lembrasse do que aconteceu teria dito alguma coisa antes de agora? Como, talvez, durante seu julgamento?

— Estive pensando a respeito disso. Eles talvez tenham pensado que eu não conseguisse me lembrar de nada naquela época, mas que talvez pudesse vir a lembrar um dia. Não que eu pudesse provar nada, mas o simples fato de eu dizer coisas poderia criar problemas para eles ou pelo menos fazer com que as pessoas comesçassem a investigar. A coisa mais fácil era me matar. Acredite, eles bem que tentaram fazer isso, mas não funcionou. Pode ser que tenham pensado que eu estivesse tentando enganá-los, me fazendo de mudo e esperando que eles desistissem de me vigiar, e então eu comesçasse a falar. Com eles na prisão, eu estava quase que completamente sob o domínio deles. Liam minha correspondência, checavam as pessoas que vinham me visitar. Se qualquer coisa parecesse estranha, então simplesmente acabavam comigo. Provavelmente se sentiam melhor fazendo dessa maneira. Depois de tantos anos, contudo, imagino que tenham ficado um pouco preguiçosos. Deixaram Samuel e aquele sujeito da Suprema Corte virem me visitar.

— Imaginei isso. Mas mesmo assim consegui passar com aquela carta do Exército e levar para você. Não sabia que toda essa merda estava acontecendo, mas também não quis que eles tivessem a possibilidade de ver a carta.

Os dois ficaram calados por algum tempo. Josh era naturalmente reservado e Rufus não estava mais habituado a ter alguém com quem conversar. O silêncio era ao mesmo tempo libertador e opressivo para ele. Tinha muita coisa que queria dizer. Durante as visitas, de trinta minutos, a cada mês, que Josh lhe fazia na prisão, ele falava e o irmão ficava ouvindo a maior parte do

tempo, como se percebesse o acúmulo de palavras, de pensamentos na cabeça de Rufus.

— Não creio que jamais tenha perguntado: você alguma vez voltou lá em casa?

Josh se mexeu no assento.

— Casa? Que casa?

Rufus teve um ligeiro sobressalto.

— Onde você nasceu, Josh!

— Por que diabo eu iria querer voltar àquele lugar?

— O túmulo de mamãe está lá, não está? — perguntou Rufus em voz baixa.

Josh refletiu a respeito daquilo por um momento e depois balançou a cabeça.

— Está, está lá mesmo. Ela era dona da terra, tinha o seguro funeral. Eles não podiam não enterrá-la ali, embora, sem dúvida, tenham tentado muito.

— É uma sepultura bonita? Quem está cuidando dela?

— Olhe Rufus, mamãe está morta, certo? Agora, já faz muito tempo. Não existe nenhuma maldita maneira pela qual ela possa saber alguma coisa sobre como está a sepultura dela. E eu não vou me dar ao trabalho de ir até aquele fim de mundo, no Alabama, para varrer algumas folhas do maldito túmulo, não depois do que aconteceu lá. Não depois do que aquela cidade fez com a família Harms. Espero que todos eles ardam no inferno pelo que fizeram, até o último daqueles malditos miseráveis. Se existe um Deus, e eu tenho algumas sérias dúvidas a respeito disso, então isto é o que o Grande Homem deve fazer. Se quiser se preocupar com os mortos, pode ir em frente. Eu vou tratar de me preocupar com o que importa: manter você e eu vivos.

Rufus continuou a observar o irmão. Existe um Deus, queria dizer-lhe. Aquele mesmo Deus que fez com que Rufus continuasse, durante todos aqueles anos em que ele tinha querido apenas se

enroscar e mergulhar no esquecimento. E deve-se respeitar os mortos e seus túmulos, a última morada. Se sobrevivesse a tudo aquilo, Rufus iria visitar e cuidar da sepultura de sua mãe. Eles se reuniriam de novo. Por toda a eternidade.

— Eu falo com Deus todo dia.

Josh grunhiu.

— Isso é muito bom. Fico satisfeito que Ele esteja fazendo companhia a alguém.

Eles ficaram em silêncio até que Josh perguntou:

— Hei, como era o nome daquele sujeito que foi visitar você?

— Samuel Rider?

— Não, não, o sujeito mais jovem?

Harms pensou por um momento.

— Michael alguma coisa.

— Da Suprema Corte, você disse? — Rufus balançou a cabeça.

— Bem, eles o mataram. Michael Fiske. De qualquer maneira, eu imagino que o tenham matado. Vi na TV pouco antes de ir buscar você.

Rufus baixou o olhar cabisbaixo.

— Droga. Imaginei que isso fosse acontecer.

— Coisa idiota o que ele fez, ir até a prisão daquele jeito.

— Ele só estava tentando me ajudar. Droga — disse Rufus de novo e, então, ficou em silêncio enquanto a picafe seguia adiante.

29

COM FISKE EXPLICANDO O CAMINHO, Sara foi dirigindo até o bairro onde morava o pai dele, nos arredores de Richmond, e estacionou na entrada para carros de cascalho. A grama estava queimada em alguns pontos, depois de mais um verão cheio de calor e umidade, mas na frente da casa havia canteiros de flores cuidadosamente tratados, que tinham se beneficiado de regas regulares.

— Você foi criado nesta casa?

— É a única casa que meus pais tiveram. — Fiske olhou em volta, sacudindo a cabeça. — Não estou vendo o carro dele.

— Talvez esteja na garagem.

— Não tem espaço. Ele trabalhou como mecânico quarenta anos e acumulou um monte de quinquilharias. Costuma estacionar na entrada para carros. — Ele examinou o relógio. — Que diabo, onde ele se meteu? — Fiske saltou do carro. Sara fez o mesmo.

Olhou para ela por sobre o teto do carro.

— Você pode ficar aqui se quiser.

— Vou entrar com você — retrucou ela rapidamente.

Fiske destrancou a porta da frente e eles entraram. Acendeu a luz e passaram pela pequena sala de visitas, seguindo para a sala de jantar vizinha, onde Sara examinou com atenção uma coleção de fotos na mesa de jantar. Havia uma de Fiske com o uniforme do time de futebol; um pouco de sangue no rosto, manchas de grama nos joelhos, suado. Muito sexy. Ela se conteve e desviou os olhos, sentindo-se culpada de repente.

Olhou para algumas das outras fotografias.

— Vocês dois praticavam uma variedade de esportes.

— Mike era o atleta nato da família. Todos os recordes que estabeleci ele quebrou. Com facilidade.

— Uma típica família de desportistas.

— Ele também foi o melhor aluno de sua turma, muito acima da média, e obteve uma classificação com média de pontos quase perfeita no vestibular para a faculdade de direito.

— Você parece o irmão mais velho orgulhoso, todo prosa.

— Muita gente se orgulhava dele — disse Fiske.

— E você?

Ele olhou para ela serenamente.

— Eu me orgulhava dele por algumas coisas e não me orgulhava por outras. Certo?

Ela pegou uma foto.

— Seus pais?

Fiske postou-se ao lado dela.

— No aniversário de trinta anos de casamento. Antes de mamãe ficar doente.

— Parecem felizes.

— Eles eram felizes — respondeu rapidamente. Ele estava ficando constrangido com o fato de ela ver aquelas lembranças de seu passado. — Espere aqui. — Fiske foi até o quarto dos fundos, que outrora havia sido o quarto que os irmãos dividiam e agora havia sido transformado numa pequena sala de estar. Verificou a secretária eletrônica. Seu pai não tinha ouvido as mensagens. Estava prestes a sair do quarto quando viu a luva de beisebol na prateleira. Pegou a luva. Era de seu irmão, as costuras dos reforços desfeitas, mas o couro macio bem lubrificado por seu pai, obviamente. Mike era canhoto, mas a família não tinha dinheiro para comprar uma luva especial para ele, de maneira que Mike tivera que aprender a interceptar a bola, tirar a luva e lançá-la. Havia se tornado tão bom nisso que era capaz de fazer tudo aquilo mais depressa que um jogador destro. Fiske se lembrou daquele borrão de eficiência, não

existia obstáculo que seu irmão não pudesse vencer. Ele pôs a luva de volta no lugar e foi se juntar a Sara.

— Ele não ouviu nenhuma das mensagens que deixei, quando telefonei.

— Alguma ideia de onde possa ter ido?

Fiske refletiu por um momento e então estalou os dedos.

— Papai geralmente avisa à Sra. German.

Enquanto ele se afastava, Sara olhou em volta, examinando a sala mais detalhadamente. Viu uma pequena carta emoldurada, colocada num pedestal de madeira. Enrolado nele havia uma medalha. Ela pegou a moldura e leu a carta. A medalha era por bravura, concedida ao policial John Fiske, e a carta celebrava o evento. Olhou para a data em que havia sido concedida. Calculando rapidamente, concluiu que a medalha deveria ter sido dada mais ou menos na mesma época em que Fiske deixara a polícia. Ainda não sabia por que ele havia deixado e Michael nunca quisera lhe contar. Quando ouviu a porta de trás abrir, pôs a carta e a medalha de volta depressa. Fiske entrou na sala.

— Ele está no trailer.

— Que trailer?

— Lá na margem do rio. Costuma ir lá para pescar. Sair de barco.

— Pode telefonar para o trailer?

Fiske sacudiu a cabeça.

— Não tem telefone.

— OK, então vamos de carro. Onde fica?

— Você já fez muito mais do que deveria.

— Não me incomode, John.

— Fica a cerca de mais uma hora e meia daqui.

— De qualquer maneira, a noite já está quase acabada.

— Você se importaria se eu dirigisse? Fica fora dos caminhos mais conhecidos.

Ela jogou as chaves para ele.

— Estava achando que você nunca iria perguntar.

30

— DEIXE-ME ENTENDER ISTO DIREITO: Além de tudo mais que já aconteceu, você deixou que ele fugisse.

— Em primeiro lugar, eu não o deixei fazer coisa nenhuma. Pensei que o sujeito simplesmente tivesse tido uma droga de um ataque de coração. Ele estava acorrentado à maldita da cama. Tinha um guarda armado do lado de fora da porta do quarto dele, e ninguém deveria saber que ele sequer estava lá — retrucou Rayfield ao telefone. — Ainda não sei como o irmão dele descobriu.

— E o irmão dele é um desses heróis de guerra, pelo que soube. Soberbamente bem treinado em todas as formas de evitar ser capturado. Isso é simplesmente fantástico.

— Para nossos objetivos é.

— Por que não me explica isso, Frank?

— Dei ordens a meus homens para atirarem para matar. Eles enfiarão uma bala nos dois assim que tiverem uma oportunidade.

— E se ele contar a alguém antes?

— Contar o quê? Que recebeu uma carta do Exército que diz uma coisa que ele não tem meio de refutar? Agora temos um funcionário da Suprema Corte morto nas mãos. Isto faz apenas com que nossa tarefa seja um bocado mais difícil.

— Bem, deveríamos ter um advogado local morto também, mas, é engraçado, não li o obituário dele em lugar nenhum.

— Rider está fora da cidade.

— Ah, ótimo, simplesmente vamos esperar até que ele volte das férias e ter esperanças de que não esteja mantendo conversas com o FBI.

— Não sei onde ele está — respondeu Rayfield irritadamente.

— O Exército tem uma divisão de serviço de inteligência, Frank. Que você acha de tentar usar alguma coisa dele? Cuide de Rider e depois concentre-se em encontrar Harms e o irmão. E quando o fizer, trate de botá-los uns dois metros debaixo da terra. Espero que isto esteja suficientemente claro para você.

Rayfield bateu o telefone desligando com violência e levantou o olhar para encarar Vic.

— Isto está indo de mal a pior muito rapidamente.

Tremaine encolheu os ombros.

— Vamos liquidar o Rider e depois aqueles dois FDPs, então estaremos livres e limpos — disse numa voz grave bem modulada que parecia perfeitamente calibrada para comandar homens para combaterem.

— Não estou gostando. Não estamos em guerra aqui.

— Estamos em guerra, Frank.

— Matar nunca incomodou você, não é, Vic?

— Tudo que me interessa é o sucesso de minha missão.

— Está querendo me dizer que pouco antes de apertar aquele gatilho para matar Fiske não sentiu nada?

— Missão cumprida. — Tremaine apoiou as palmas das mãos sobre a escrivaninha de Rayfield e se inclinou para a frente. — Frank, já passamos por um bocado de coisas juntos, em combate e fora de combate. Mas deixe-me dizer uma coisa. Passei trinta anos no Exército, os últimos vinte e cinco em várias prisões militares exatamente como esta aqui, quando poderia ter arrumado um emprego civil que pagasse muito mais. Todos nós fizemos um pacto que deveria nos proteger de uma coisa estúpida que fizemos muito tempo atrás. Eu mantive minha parte no trato. Fiquei de babá para Rufus Harms, enquanto os outros foram adiante com suas vidas. Agora, além de minha pensão militar, tenho mais de um milhão de dólares numa conta no exterior. Caso você tenha esquecido, você tem o mesmo pezinho de meia. Isso é nossa compensação por todos

esses anos fazendo esta bosta de trabalho. E, depois de toda a merda por que passei, ninguém e nada vai me impedir de gozar esse dinheiro. A melhor coisa que Rufus Harms jamais fez por mim foi fugir. Porque agora eu tenho uma razão à prova de bala para mandar aquele imbecil infeliz desta para a melhor e ninguém vai fazer nenhuma pergunta. E assim que aquele sacana filho de uma cadela der seu último suspiro, este uniforme que estou usando vai para o armário com naftalina. Para sempre.

Tremaine se endireitou.

— E, Frank, eu destruirei qualquer pessoa que sequer remotamente tentar atrapalhar meus planos. — Os olhos dele se tornaram minúsculos pontos negros quando disse as palavras seguintes: — Qualquer um.

31

NO CAMINHO PARA O TRAILER FISKE PAROU numa loja de conveniência aberta vinte e quatro horas. Sara esperou no carro. Uma placa enferrujada da Esso balançou ruidosamente para trás e para a frente, deslocada pela força de um gigantesco caminhão que passava na estrada, e a fez dar um salto de espanto. Quando Fiske entrou de volta no carro, Sara ficou olhando para as duas embalagens de seis latas de Budweiser.

— Está pretendendo afogar as mágoas?

Ele ignorou a pergunta.

— Depois que chegarmos lá de verdade, não haverá nenhuma maneira de você voltar sozinha. Fica realmente no meio de lugar nenhum; de vez em quando até eu me perco.

— Estou preparada para dormir no carro.

Cerca de trinta minutos depois, Fiske diminuiu a velocidade do carro, entrou numa trilha estreita de cascalho e foi subindo até um pequeno chalé às escuras.

— Normalmente a gente tem de se registrar aqui e pagar uma taxa para convidados, antes de entrar na propriedade — explicou. — Vou fazer isso amanhã antes de irmos embora.

Ele seguiu com o carro passando pelo chalé e entrando no meio do terreno do camping. Sara olhou para os trailers, que estavam arrumados de maneira semelhante a uma grade de rua. A maioria deles estava alegremente delineada com enfeites de luzes de Natal, e tinha mastros presos aos trailers ou ao pórtico ou enfiados no concreto. Com os fios de luzes e o luar, a área estava surpreendentemente bem iluminada. Eles passaram por canteiros de não-me-toques ainda muito floridos a despeito da época do ano e de crisântemos vermelhos e cor-de-rosa. Maços de trepadeiras de

clematites erguiam-se presos aos lados de algumas das casas. Para onde quer que Sara olhasse havia uma variedade de esculturas de jardim de metal, mármore e resina. Havia uma quantidade de churrasqueiras e grelhas e um grande depósito de carvão; os cheiros mesclados de carne assada e de carvão permaneciam tantalizantemente no ar quente e úmido.

— Este lugar parece uma pequenina cidade feita de bolo de gengibre construída por gnomos — comentou Sara. Ela passou os olhos pelos vários mastros e acrescentou: — De gnomos patriotas.

— Muita gente aqui faz parte da Legião Americana e é da turma dos Veteranos de Guerras Estrangeiras. Meu pai tem um dos mastros mais altos. Ele serviu na Marinha durante a Segunda Guerra Mundial. Manter as luzes de Natal acesas o ano inteiro se tornou uma espécie de tradição há muito tempo.

— Você e Michael passavam muito tempo aqui?

— Meu pai só tinha uma semana de férias, mas mamãe costumava nos trazer para passar umas duas semanas durante o verão. Alguns dos homens mais velhos nos ensinaram a velejar, a nadar e a pescar. Coisas que papai nunca teve tempo para fazer. Ele tem aproveitado para compensar isso desde que se aposentou.

Ele estacionou o carro diante de um trailer. Tinha luzes brilhantes de iluminação natalina e era pintado de um azul suave, agradável. O Buick do pai de Fiske, com um adesivo com os dizeres "Apoie a polícia local", estava parado junto ao trailer. Bem em frente ao trailer havia um canteiro de grandes lírios e fúncias. Ao lado do Buick havia um carrinho de golfe. O mastro na frente do trailer erguia-se a uns bons nove metros no ar.

Fiske examinou o Buick.

— Pelo menos ele está aqui. — Bem, agora chegou a hora, John, chega de adiantamentos, pensou.

— Há um campo de golfe por perto?

Fiske lançou um olhar rápido para ela.

— Não, por quê?

— Então para que serve o carrinho de golfe?

— Os donos dessa área de camping os compram, de segunda mão, de campos de golfe. As estradas são bastante estreitas por aqui e; embora você possa vir de carro até seu trailer, não pode circular de carro por toda a área. E as pessoas por aqui são idosas, na maioria. Usam os carrinhos de golfe como meio de transporte.

Fiske saltou do carro com as duas embalagens de seis latas de cerveja. Sara não fez nenhum movimento para acompanhá-lo. Ele olhou para ela interrogativamente.

— Achei que você poderia querer conversar com seu pai a sós.

— Depois de tudo por que passamos esta noite, creio que você merece ter o direito de ver até o fim. Compreendo, se não quiser. Ele olhou para o trailer e sentiu seus nervos lentamente se desintegrarem. Virou-se de volta para ela. —É que acho que vou precisar de companhia.

Ela balançou a cabeça.

— Está bem, me dê um minuto.

Ela baixou o espelho no visor e examinou o rosto e o cabelo. Fez uma careta e pegou a bolsa, fazendo o melhor que podia com um batom e uma pequena escova de cabelos. Estava suada e pegajosa, o vestido grudava no corpo, o cabelo além de qualquer salvação, devido à chuva e à umidade. Por mais que parecesse trivial se preocupar com a aparência naquelas circunstâncias, tinha a sensação de ser tão desnecessária e supérflua que era a única coisa em que conseguia pensar para cuidar.

Com um suspiro, virou o visor de volta para cima, abriu a porta e saltou. Enquanto eles se dirigiam para a varanda de madeira, ela alisou o vestido e novamente ajeitou mais um pouco o cabelo.

Fiske reparou nisso e disse:

— Ele não vai se importar com sua aparência. Não depois que eu contar a ele.

Ela suspirou.

— Eu sei. Acho que eu apenas não queria estar um desastre total.

Fiske respirou fundo e bateu na porta. Esperou e bateu de novo.

— Papai. — Esperou um momento e bateu de novo, dessa vez mais alto. — Papai — gritou e continuou batendo.

Finalmente eles ouviram movimento dentro do trailer e então uma luz se acendeu. A porta se abriu e o pai de Fiske, Ed, espiou para fora. Sara olhou para ele atentamente. Era alto como o filho e muito magro, embora tivesse vestígios da musculatura poderosa que seus dois filhos compartilhavam. Os antebraços eram enormes, como pedaços grossos de madeira queimada pelo sol. Sara pôde observar porque ele estava com uma camiseta sem mangas. Era bem bronzeado pelo sol, o rosto marcado por rugas e começando a ficar flácido, mas podia ver que tinha sido um homem bonito, quando mais jovem. O cabelo estava ficando ralo e era cacheado, quase que totalmente grisalho, exceto por uns fios negros salpicados aqui e ali nas têmporas. Ela fixou os olhos por um momento nas longas costeletas, remanescentes dos anos 70, imaginou. Ele vestia um par de calças com o zíper fechado pela metade, a cintura desabotoada de maneira que as cuecas listradas estavam bem à mostra. Estava descalço.

— Johnny? Que diabo está fazendo aqui? — Um sorriso largo se abriu em seu rosto. Quando ele registrou a presença de Sara, pareceu espantado e rapidamente se virou ficando de costas para eles. Os dois o observaram ajeitar as calças até estarem direitas. Então ele se virou de volta para encará-los.

— Pai, preciso falar com você.

Ed Fiske lançou um olhar para Sara novamente.

— Desculpe... esta é Sara Evans

— Ed Fiske — disse John.

— Alô, Sr. Fiske — disse ela, tentando soar ao mesmo tempo simpática e neutra. Estendeu a mão desajeitadamente.

Ele a apertou.

— Pode me chamar de Ed, Sara, é um prazer conhecê-la. — Olhou de volta para o filho curiosamente. — Então o que está havendo? Vocês dois vão se casar ou coisa assim?

Fiske olhou de relance para Sara.

— Não! Ela trabalhava com Mike, na Suprema Corte.

— Ah, puxa vida, cadê minhas boas maneiras, entre. O ar-refrigerado está ligado, está úmido como o diabo aí fora.

Eles entraram. Ed apontou para um sofá desbotado e Fiske e Sara sentaram-se nele. Ed puxou uma cadeira de metal da mesinha de jantar e sentou-se diante deles.

— Desculpem-me por ter demorado tanto. Acabei de pegar no sono.

Sara olhou em volta para o espaço reduzido. Era revestido de compensado de madeira fino, com manchas escuras. Vários peixes empalhados estavam montados em placas e pendurados na parede. Pendurada numa prateleira numa outra parede estava uma espingarda. Num canto ela viu um caixote redondo alongado com uma ponta de uma vara de pesca e um anzol para fora. Um jornal dobrado estava sobre a mesinha de jantar. Ao lado dela havia uma pequena área de cozinha, com uma pia e uma geladeira pequena. Havia uma velha poltrona de reclinar em um canto, uma TV em frente a ela. Havia uma janela. Embutido no teto estava um aparelho de ar-refrigerado que estava tornando o aposento deliciosamente frio. Ela chegou mesmo a se arrepiar até se ajustar à temperatura. O assoalho era de linóleo barato, desigual, com um tapete cobrindo parte dele.

Sara fungou, depois tossiu. Quase podia ver a fumaça de cigarro pairando no ar. Como se em resposta a seus pensamentos, Ed puxou um maço de Marlboro, de uma mesinha de canto, e

habilmente enfiou um cigarro na boca, demorando-se um momento para acendê-lo e depois soprar a fumaça para o teto manchado de nicotina. Pegou um pequeno cinzeiro na mesma mesinha e bateu a cinza do cigarro nele. Pôs as mãos nos joelhos e se inclinou para a frente. Ela reparou que os dedos dele eram anormalmente grossos, as unhas quebradas e escurecidas em certos pontos com o que parecia ser graxa. Ele havia sido mecânico, lembrou-se.

— Então, o que traz vocês dois aqui tão tarde?

Fiske entregou a embalagem de seis latas de cerveja ao pai.

— Não são boas notícias.

O velho Fiske ficou tenso e apertou os olhos, observando-os através da fumaça.

— Não é sua mãe. Acabei de visitá-la, ela está bem. — Assim que ele disse isso, lançou um olhar para Sara. A expressão no rosto dele era clara: Ela "trabalhava" com Mike.

Ele olhou de volta para John.

— Por que não me diz logo seja lá que diabo tem que me dizer, meu filho?

— Mike morreu, papai. — Quando ele acabou de dizer isso, foi como se estivesse ouvindo a notícia pela primeira vez. Podia sentir o rosto esquentando, como se tivesse chegado perto demais do fogo. Talvez tivesse esperado até ver o pai para poder juntar seu luto ao dele. Podia acreditar nisso, não podia?

Fiske sentiu que Sara estava olhando para ele, mas manteve o olhar fixo no pai. Enquanto observava a devastação se apoderando do homem, Fiske de repente sentiu que mal conseguia respirar.

Ed tirou o cigarro da boca e deixou cair o cinzeiro, os dedos trêmulos.

— Como?

— Assalto seguido de assassinato. Pelo menos é o que acham.

— Fiske fez uma pausa e depois acrescentou o óbvio, uma vez que

seu pai perguntaria de qualquer maneira. — Alguém deu um tiro nele.

Ed arrancou uma das cervejas da embalagem plástica e abriu. Bebeu a cerveja inteira quase que de um só gole, o pomo de adão movendo-se para cima e para baixo.

Ed amassou a lata de cerveja contra a perna e a atirou na parede. Levantou-se e foi até a pequena janela, e olhou para fora, o cigarro pendurado na boca, as mãos grandes se abrindo e fechando, as veias nos antebraços se inchando e depois diminuindo.

— Você o viu? — perguntou sem se virar.

— Fui lá identificar o corpo esta tarde.

O pai dele se virou rapidamente, furioso.

— Esta tarde? Por que diabo esperou tanto tempo para vir me avisar, rapaz?

Fiske se levantou.

— Estive tentando localizar você o dia inteiro. Deixei recados na secretária eletrônica. Só fiquei sabendo que estava aqui porque perguntei à Sra. German.

— Este deveria ter sido a droga do primeiro lugar quando começou a me procurar — retrucou o pai. — Ida sempre sabe onde estou. Você sabe disso. — Ele deu um passo na direção deles, um punho cerrado.

Sara, que tinha se levantado com Fiske, recuou se encolhendo. Ela lançou um olhar rápido para a espingarda e de repente se perguntou se estaria carregada.

Fiske chegou mais perto do pai.

— Papai, assim que eu soube, liguei para você. Então fui até sua casa. Depois disso tive que ir ao necrotério. Não foi nada divertido identificar o corpo de Mike, mas eu fui. E o resto do dia foi praticamente arrasador depois disso. — Engoliu em seco, de repente sentindo-se culpado com o fato de que a reação furiosa de seu pai

fosse mais dolorosa para ele do que a morte do irmão. — Por favor, não vamos discutir a demora, OK? Isso não vai trazer Mike de volta.

Toda a raiva pareceu desaparecer em Ed enquanto ouvia essas palavras. Palavras calmas, racionais, que não faziam nada para explicar ou diminuir a angústia que estava sentindo. As palavras capazes de fazer isso ainda não tinham sido inventadas, nem a pessoa para dizê-las. Ed tornou a se sentar, a cabeça baixa balançando de um lado para outro. Quando tornou a levantar o rosto, havia lágrimas em seus olhos.

— Eu sempre disse que nunca se deve correr atrás de más notícias, elas sempre chegam a você mais rápido do que qualquer coisa boa. Porra, muito mais rápido. — Havia um nó em sua garganta enquanto falava. Distraidamente apagou o cigarro no tapete.

— Eu sei, pai. Eu sei.

— Eles já apanharam quem fez isso?

— Ainda não. Estão trabalhando nisso. O detetive encarregado é de primeira linha. Estou mais ou menos ajudando.

— D.C.?

— Foi.

— Nunca me agradou que Mike morasse lá.

Lançou um olhar furioso para Sara, que ficou completamente paralisada diante do olhar acusador.

Ele apontou um dedo grosso para ela.

— As pessoas matam você por nada lá naquele lugar. Bando de malucos.

— Papai, eles fazem isso em qualquer lugar hoje em dia.

Sara conseguiu encontrar sua voz.

— Eu gostava e respeitava profundamente seu filho. Todo mundo na Suprema Corte o achava maravilhoso. Eu realmente sinto muitíssimo que isto tenha acontecido.

— Ele era maravilhoso — disse Ed. — Era mesmo, porra. Nunca consegui entender como fizemos um filho como Mike.

Fiske baixou os olhos para o chão. Sara percebeu a expressão magoada em seu rosto.

Ed olhou em volta para o interior do trailer, lembranças de bons tempos com sua família aguilhoando-o de todos os cantos.

— Herdou o cérebro da mãe. — O lábio inferior tremeu por um instante. — Pelo menos o que ela costumava ter. — Um soluço baixo escapou de sua boca e ele se ajoelhou encolhido no chão.

Fiske se ajoelhou junto do pai e o tomou em seus braços, os ombros dos dois se sacudindo juntos.

Sara ficou olhando, sem saber o que fazer. Estava constrangida por presenciar um momento tão íntimo e se perguntou se deveria simplesmente se levantar e fugir para o carro. Finalmente ela apenas baixou a cabeça e fechou os olhos, silenciosamente derramando suas próprias lágrimas no tapete vagabundo.

∞

Trinta minutos depois, Sara estava sentada na varanda e bebericando uma lata de cerveja morna. Estava descalça, os sapatos a seu lado. Distraidamente, esfregou os dedos do pé e olhou fixamente para a escuridão que ocasionalmente era quebrada pelo piscar de um vaga-lume. Matou um mosquito e depois limpou uma gota de suor que descia fazendo curvas por sua perna. Encostando a lata de cerveja na testa, contemplou a ideia de entrar no carro, ligar o ar-condicionado no máximo e dormir.

A porta se abriu e Fiske apareceu. Tinha trocado de roupa e agora vestia calças jeans desbotadas e uma camisa de manga curta para fora da calça. Ele também estava descalço. Segurava uma tira de plástico da embalagem com duas cervejas penduradas. Sentou-se ao lado dela.

— Como ele está?

Fiske encolheu os ombros.

— Dormindo, ou pelo menos tentando.

— Ele quer voltar conosco?

Fiske sacudiu a cabeça.

— Ele irá para minha casa amanhã à noite. — Ele examinou o relógio e se deu conta de que o amanhecer não tardaria muito. — Quero dizer, hoje à noite. Preciso dar uma passada em meu apartamento no caminho de volta para poder pegar umas roupas limpas.

Sara baixou a cabeça para olhar para seu vestido.

— Nem me fale nisso, eu também. Onde conseguiu essas?

— Deixei aqui na última vez que vim a uma pescaria.

Ela esfregou a testa.

— Deus, está tão úmido.

Fiske olhou na direção do bosque. — Bem, sopra uma brisa mais fresca lá embaixo, na beira d'água. — Ele a conduziu até o carrinho de golfe. Enquanto iam seguindo pelas estradas silenciosas, de terra batida, Fiske entregou uma cerveja a ela. — Esta está gelada.

Sara abriu a lata. A cerveja desceu bem e conseguiu animá-la um pouco. Ela encostou a lata no rosto.

A estrada estreita os levou pelo meio de uma massa de pinheiros, azevinhos, carvalhos e vidoeiros, com a casca se desenrolando como a madeira de um lápis saindo de um apontador. Então o terreno se abriu e Sara pôde avistar um atracadouro com vários barcos amarrados nele. Ela ficou observando enquanto a estrutura de madeira movia-se para baixo e para cima acompanhando o movimento da água.

— É um deque flutuante; fica apoiado em barris de cinquenta galões — explicou Fiske.

— É, imaginei. Aquilo é uma rampa para barcos? — ela perguntou, apontando para um lugar onde a estrada fazia uma

curva fechada entrando na água.

Fiske balançou a cabeça.

— As pessoas trazem os carros por uma outra estrada até aqui. Papai tem um pequeno barco a motor. Aquele ali. — Ele apontou para um barco branco com listras vermelhas que balançava na água. Eles geralmente os tiram da água durante a noite. Deve ter-se esquecido. Ele o comprou barato; levamos cinco anos fazendo reparos. Não é nenhum iate, mas levará você aonde quiser ir.

— Que rio é este?

— Você se lembra, quando vínhamos descendo pela 95, de ter visto placas de sinalização para o rio Matta, o rio Po e o rio Ni? Sara balançou a cabeça concordando. — Bem, lá nas proximidades de Fort A. P. Hills, a sudeste de Fredericksburg, eles convergem, se juntam e a partir dali são chamados de rio Mattaponi. — Ele olhou para a água. Havia poucas coisas mais capazes de relaxá-lo que ficar boiando na água e aquele era um lugar onde conseguia pensar. — Sara, a lua está cheia, o barco tem luzes de navegação e um farol para orientação, e eu conheço esta parte do rio bastante bem. E é muito mais fresco quando se está na água. — Ele olhou para ela interrogativamente.

Sara não hesitou.

— Parece bom.

Os dois dirigiram-se para o barco e Fiske ajudou-a a embarcar.

— Você sabe como soltar as amarras? — perguntou ele.

— Eu na verdade participei de competições de velocidade em barcos, quando era caloura, em Stanford.

Fiske observou enquanto ela desfazia os nós com destreza e soltava as amarras.

— Então o velho Mattaponi deve parecer um bocado sem graça.

— A graça das coisas está em com quem se faz.

Ela sentou-se ao lado de Fiske, que enfiou a mão num compartimento de depósito ao lado da cadeira do capitão e puxou um jogo de chaves. Ele deu partida no motor e lentamente foram se afastando do deque. Foram até o meio do rio e ele empurrou o acelerador para a frente até estarem navegando a uma velocidade razoável. A temperatura estava cerca de seis graus mais fresca na água. Fiske manteve uma das mãos no leme, a cerveja na outra. Sara encolheu as pernas debaixo do corpo e então se levantou de maneira que o torso ficasse acima do para-brisa semierguido. Abriu os braços afastando-os dos lados do corpo e deixou que o vento a envolvesse.

— Deus, mas que maravilha isso!

Fiske olhou para mais além por sobre a água.

— Mike e eu costumávamos apostar corrida atravessando o rio. É bastante largo em alguns pontos. Algumas vezes achei que um de nós iria se afogar com certeza. Mas uma coisa nos obrigava a continuar.

— E o que era?

— Não conseguíamos suportar a ideia de o outro vencer.

Sara tornou a sentar e virou a cadeira até estar de frente para ele, ajeitando o cabelo enquanto o fazia.

— Você se importaria se eu fizesse uma pergunta realmente pessoal?

Fiske se enrijeceu ligeiramente.

— Provavelmente.

— Não vai me interpretar mal?

— Agora vou.

— Por que você e Michael não eram mais unidos?

— Não existe nenhuma lei que diga que parentes têm de ser unidos.

— Mas você e Michael pareciam ter tanta coisa em comum.

Ele apagou o farol e a lua tornou-se a única fonte de luz. As águas do rio estavam muito calmas e eles estavam num dos pontos

mais largos. Fiske puxou as pernas das calças para cima, foi para um dos lados do barco, sentou-se na beira e girou os pés enfiando-os na água.

Sara sentou ao lado dele, levantou um pouco a saia e enfiou os pés na água.

Fiske olhou para o rio, bebericando sua cerveja.

— John, realmente não estou tentando me meter.

— Eu não estou realmente muito disposto a falar a respeito disso, OK?

— Mas...

Fiske cortou o ar com a mão.

— Sara, este não é o lugar para fazer isso e com certeza não é o momento, OK?

— OK, sinto muito. É só que gosto muito. De todos vocês.

Ficaram sentados ali enquanto o barco seguia à deriva, o ruído das cigarras vindo da margem mal os alcançando. Fiske finalmente se mexeu.

— Você sabe, a Virgínia é um lugar tão bonito. A gente tem água, montanhas, floresta, praias, história, cultura, centros de alta tecnologia e velhos campos de batalha. As pessoas se movem um pouco mais devagar e apreciam um pouco mais a vida aqui. Não consigo conceber viver em nenhum outro lugar. Que diabo, nunca estive em nenhum outro lugar.

— E aqui existem parques para acampamentos de trailers realmente bonitos. — disse Sara.

Fiske sorriu.

— Também tem isso.

— Então esta sua tirada sobre as belezas turísticas significa que o tópico referente a você e seu irmão está oficialmente encerrado? — Sara mordeu a língua quando acabou de falar. Cala-te boca estúpida, disse para si mesma.

— Creio que sim. — Fiske se levantou abruptamente. O barco balançou e Sara quase acabou indo parar dentro do rio. A mão de Fiske se estendeu num movimento rápido e a agarrou pelo braço. Ele a segurou com firmeza e olhou para ela. Ela levantou a cabeça para olhar para ele, seus olhos imensos como a lua acima deles, as pernas abertas, estendidas e flutuando na água, o vestido molhado onde o rio o tocara.

— Que tal darmos uma nadada? — perguntou ela. — Para refrescar?

— Não tenho roupas de banho—disse ele.

— Minhas roupas já estão bem molhadas.

Ele a puxou para cima, de volta para dentro do barco e então foi para a proa e deu partida no motor, destruindo a paz. — OK.

— Por que não nadar aqui?

— A correnteza é um pouco forte demais.

Ele fez meia-volta com o barco e seguiu em direção ao ancoradouro. A três quartos do percurso para chegar lá, fez uma curva e seguiu em direção a terra. Ali a margem descia em declive suave até a água e, à medida que se aproximaram, Sara pôde ver barris de cinquenta galões flutuando em intervalos de cerca de seis metros. Enquanto continuavam seguindo para a margem, ela percebeu que estavam amarrados uns nos outros por uma rede feita de cordas formando uma imensa piscina retangular.

Fiske desligou o motor perto de um dos barris e deixou que o impulso do barco os levasse para junto dele até que pudesse estender o braço e segurar um dos grandes recipientes. Então amarrou um cabo em um gancho encaixado no barril e baixou uma pequena âncora, na verdade um latão de tinta cheio de concreto, sobre a amurada, para maior segurança.

— O ponto de maior profundidade, cercado pelas cordas, tem mais ou menos dois metros. Tem uma cerca de tela de arame em

volta de toda a área e ela vai até o fundo. Portanto, se a correnteza apanhar você, não vai acabar no Atlântico.

Quando Sara começou a tirar o vestido, Fiske se virou rapidamente.

Ela sorriu.

— John, não seja pudico. Meu biquíni deixa mais à mostra do que isso. — De calcinha e sutiã, ela mergulhou sobre a amurada, veio à tona um momento depois, movendo as pernas na água.

Sara gritou.

— Eu viro as minhas costas, se estiver encabulado demais.

— Acho que vou deixar passar esta.

— Ora, venha, eu não mordo.

— Estou meio velho demais para dar mergulhos nu, Sara.

— A água está realmente uma delícia.

— Parece estar mesmo. — Mesmo assim ele não fez nenhum movimento para ir se juntar a ela.

Com uma expressão desapontada no rosto, Sara finalmente se virou e saiu nadando para longe dele, cortando a superfície lisa com poderosas braçadas.

Enquanto Fiske a observava, distraidamente passou o dedo sobre toda a extensão da ferida, tocando as duas saliências de carne queimada onde as balas haviam penetrado em seu corpo. Abruptamente afastou a mão e sentou-se.

O nome Harms continuava reverberando em sua cabeça. Uma petição in forma pauperis provavelmente teria de vir de um presidiário, se isto fosse o que o documento escrito à mão, de fato, representava. Ele se mexeu no assento e mais uma vez olhou na direção de Sara. Sob a luz do luar mal podia distingui-la, na extremidade mais rasa, boiando na correnteza. Se estava olhando para ele ou não, não sabia dizer.

Olhou para o outro lado, para o rio, sua mente levando-o de volta ao passado. Havia barulho de água sendo agitada, os dois

rapazes nadando com toda a velocidade que podiam, um ganhando a dianteira por um momento e depois o outro. Às vezes Mike vencia, outras vezes John. Então apostavam corrida na volta. Dia após dia, ficando cada vez mais bronzeados, mais esguios e fortes. Era tão divertido. Sem nenhuma preocupação verdadeira, sem nenhum motivo para sofrimento. Nadar, explorar a floresta, devorar sanduíches de queijo bolonhês com maionese, na hora do almoço; no jantar cachorros-quentes assados em espetos feitos com arames de cabides esticados e cozidos sobre o carvão até que a carne se partisse. Era tão, tão divertido. Fiske desviou o olhar da água e se obrigou a concentrar-se.

Se Harms era um presidiário, seria fácil encontrá-lo. Por ser expolicial, Fiske sabia que não existiam categorias de humanidade mais bem monitoradas do que a população carcerária, de quase dois milhões de pessoas, da América. O país podia não saber onde todas as suas crianças, ou os sem-teto, estavam, mas religiosamente mantinha registros da localização de seus presos. E a maior parte dessa informação agora estava em bancos de dados. Ele olhou para trás por sobre o ombro e viu Sara nadando para o barco. Não percebeu a brasa de um cigarro aceso enquanto alguém sentado na margem os observava.

Uns dois minutos depois Fiske estava ajudando Sara a subir no barco. Ela sentou no convés, um pouco ofegante.

— Faz muito tempo que não nado tanto.

Fiske estendeu uma toalha que havia tirado da pequena cabina do barco, desviando os olhos ao fazê-lo. Ela rapidamente se enxugou e então enfiou o vestido. Quando devolveu a toalha para ele, seus braços se tocaram. Aquilo fez com que Fiske olhasse para ela. Ainda estava um pouco ofegante por causa do esforço físico, o subir e descer das pálpebras dela era hipnótico.

Ele examinou o rosto de Sara em silêncio por um momento, depois olhou para mais além, para alguma coisa no céu. Ela se virou

para olhar também. Redemoinhos cor-de-rosa lambiam as beiras escuras do céu à medida que o dia começava a raiar. Para onde quer que olhassem, o brilho suave da aurora que vinha chegando era aparente. As árvores, as folhas, a água estavam tingidas, como uma fachada reluzente, enquanto o barco balançava suavemente.

— É lindo — disse ela num sussurro maravilhado.

— É, é mesmo — disse ele.

Quando se virou de volta para ele, Sara levantou a mão estendida, lentamente de início, seus olhos buscando os dele à procura de alguma reação para o que estava fazendo. Os dedos dela tocaram o queixo dele, segurando-o, as pontas da barba ásperas contra sua pele. A mão dela moveu-se para mais acima, desenhando as maçãs do rosto, os olhos e depois fazendo pressão contra os cabelos dele, cada toque suave, sem pressa. Quando Sara segurou a nuca de Fiske e puxou sua cabeça em direção à dela, ela o sentiu se contrair. Os lábios dela tremeram, quando viu o brilho de lágrimas nos olhos dele. Sara afastou a mão e deu um passo para trás.

Fiske de repente olhou para o lado, para a água, como se ainda estivesse vendo os dois meninos nadando com toda a força de seus corações. Virou-se de volta para ela.

— Meu irmão está morto, Sara — disse com simplicidade, a voz ligeiramente trêmula. — Eu realmente estou muito abalado agora. — Ele tentou dizer mais alguma coisa, mas as palavras se recusavam a sair.

Sara foi andando devagar e sentou num dos bancos. Limpou os olhos e, constrangida, segurou a barra da saia, tentando desamassá-la, tirar um pouco da umidade. A brisa tinha ganhado força e o rio os fazia subir e descer. Ela lançou um olhar rápido para Fiske.

— Eu realmente gostava de seu irmão. E estou muitíssimo sentida com a morte dele. — Ela baixou o olhar, como se procurando em seus pés as palavras certas. — E lamento o que acabei de fazer.

Ele desviou o olhar.

— Eu poderia ter dito alguma coisa a você antes disso. —
Levantou a cabeça lançando um olhar rápido para ela, uma expressão de perplexidade em suas feições. Não tenho certeza de por que não o fiz.

Ela se levantou, envolveu os ombros dele com seus braços.

— Estou com um pouco de frio. Agora deveríamos voltar, não acha?

Fiske levantou a âncora, enquanto Sara soltava a amarra e então ele deu partida no motor e seguiram de volta para o deque flutuante, ambos incapazes de olhar para o outro, por medo do que poderia acontecer, do que seus corpos poderiam fazer, a despeito das palavras que haviam acabado de ser ditas.

Na margem, o dono do cigarro aceso tinha partido no instante em que Sara havia se aproximado de Fiske.

32

FISKE E SARA ANCORARAM O BARCO, caminharam em silêncio para o carrinho de golfe e subiram nele. O ruído de passos fez com que Fiske olhasse em volta.

— Papai? Que está fazendo aqui?

O pai dele não respondeu, mas continuou vindo na direção deles. Fiske desceu e foi andando em sua direção com os braços estendidos.

— Papai, você está bem?

Sara observou intrigada do carrinho de golfe.

Os homens estavam a cerca de trinta centímetros um do outro, quando o Fiske mais velho investiu rapidamente e acertou o filho no queixo.

— Seu canalha — gritou Ed.

Fiske caiu para trás com o golpe, enquanto Ed saltava sobre o filho e o esmurrava com os dois punhos.

Fiske empurrou o corpo para trás, se afastando do pai, e levantou cambaleando, andando de costas, o sangue escorrendo de sua boca e do nariz.

— Que diabo há de errado com você? — berrou.

Sara estava a meio caminho de saltar do carrinho de golfe, mas ficou imóvel quando Ed apontou para ela.

— Dê o fora daqui, você e aquela puta! Trate de sumir daqui, está me ouvindo?

— Papai, de que está falando?

Enfurecido, Ed partiu para cima do filho novamente. Dessa vez Fiske se desviou do ataque, agarrando o pai em seus braços e apertando-o com força contra si, enquanto o homem mais velho se

contorcia e movia os braços violentamente, tentando com toda sua força acertá-lo de novo.

— Eu vi vocês, malditos sejam os dois. Seminus, se beijando, enquanto seu irmão está morto estirado numa prateleira. Seu irmão!

— Ele gritou aquelas palavras tão alto que sua voz se partiu.

A voz de Fiske ficou áspera e aguda, quando ele se deu conta do que o pai havia visto. Ou pensara ter visto.

— Papai, não aconteceu nada.

— Seu canalha. — Ele tentou puxar o cabelo do filho, sua roupa, qualquer coisa para machucá-lo de novo. — Seu filho-da-puta sem coração — continuou gritando, o rosto vermelho como um tijolo, a respiração se tornando cada vez mais ofegante, os movimentos mais lentos.

— Pare, papai, pare com isso. Você vai ter um ataque do coração. Os dois homens lutaram ferozmente, enquanto escorregavam, quase caíam e giravam de um lado para o outro no chão de terra e cascalho.

— Meu próprio filho fazendo aquilo. Eu não tenho mais filho. Meus dois filhos estão mortos. — Ed cuspiu essas palavras num crescendo de fúria.

Fiske soltou o pai e o velho deu-lhe as costas e deixou-se cair no chão, completamente exausto. Ele tentou se levantar, mas então caiu novamente, a camiseta manchada de suor devido ao esforço, os odores misturados de álcool e tabaco envolvendo-o. Fiske ficou parado de pé junto dele, o peito arquejante, seu sangue misturado com lágrimas.

Horrorizada, Sara saltou do carrinho de golfe, se ajoelhou ao lado de Ed e colocou a mão delicadamente no ombro dele. Não sabia o que dizer.

Ed a golpeou cegamente com os braços e acertou Sara na coxa. Ela arquejou de dor.

— Sumam daqui, porra. Vocês dois. Agora! — berrou Ed.

Fiske agarrou o braço de Sara e puxou, pondo-a de pé.

— Vamos, Sara. — Ele olhou para o pai. — Papai, leve o carrinho de volta. — Enquanto entravam na floresta, Sara e Fiske ainda podiam ouvir os gritos do velho.

Com a perna doendo, as lágrimas deixando-a semicega, Sara disse:

— Ah, meu Deus, John, isso tudo foi minha culpa.

Fiske não respondeu. Suas entranhas estavam em chamas. A dor nunca tinha sido tão terrível como agora e estava assustado. As advertências imparciais de dúzias de médicos o engoliam. Continuou andando cada vez mais depressa, até que Sara teve de quase correr para acompanhá-lo.

— John, John, por favor, diga alguma coisa.

Ela estendeu a mão para limpar um pouco de sangue do queixo dele, mas rapidamente ele afastou a mão dela. Então, sem nenhum aviso, ele começou a correr.

— John! — Sara começou a correr também, mas nunca havia visto ninguém acelerar como Fiske fizera. — John— gritou — por favor, volte. Pare! Por favor!

No momento seguinte ele havia dobrado uma curva na trilha na floresta e desaparecido completamente de vista.

Sara reduziu a velocidade, o peito agora ardendo. Então ela pisou num torrão de terra solta e caiu pesadamente no chão em meio às agulhas de pinheiro espalhadas. Ficou sentada ali, chorando, a coxa já machucada e doendo no lugar onde Ed a acertara.

Um minuto depois ela se sobressaltou quando alguém tocou seu ombro. Apavorada, levantou, certa de que Ed tinha vindo para surrá-la também, por ter ofendido a memória de seu filho morto.

Fiske estava ofegante, a camiseta encharcada de suor, o sangue já coagulado no rosto.

— Você está bem?

Ela balançou a cabeça e se levantou, rangendo os dentes à medida que a dor em sua perna aumentava. Se o golpe que Ed acertara às cegas em sua perna havia causado tamanho estrago, mal podia imaginar o que John estaria sentindo, depois de ter recebido um murro violento diretamente no rosto. Sara se equilibrou apoiando-se nele enquanto ele se inclinava para baixo, levantava-lhe a saia e examinava sua coxa.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Está bastante machucada. Ele não sabia o que estava fazendo. Sinto muito.

— Eu mereci.

Com a ajuda de Fiske ela conseguiu andar quase que normalmente.

— Eu sinto muito John — disse. — Isto... isto é um pesadelo.

Quando iam se aproximando do trailer, ela o ouviu dizer alguma coisa. De início pensou que estivesse falando com ela, mas não estava.

Ele falou novamente, em voz baixa, os olhos fixos olhando para a frente, a cabeça se virando lentamente com incredulidade.

— Desculpe-me.

O pedido de desculpas não era dirigido a ela, soube instintivamente. Talvez fosse para o homem gritando no ancoradouro. E talvez para o irmão morto.

Quando chegaram ao trailer, Sara sentou no degrau da escada, enquanto ele entrou. Fiske voltou um minuto depois com um pouco de gelo e um rolo de toalha de papel. Enquanto ela mantinha o gelo embrulhado em uma toalha de papel na coxa machucada, usou um dos cubos de gelo e uma outra toalha de papel para limpar o sangue do rosto dele e o corte no lábio. Depois que ela acabou, ele se levantou, desceu a escada e seguiu para a estrada de terra.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Buscar meu pai — ele respondeu sem se virar.

Ela ficou olhando até ele desaparecer na floresta. Depois que Fiske se foi, Sara entrou mancando no trailer e se lavou no pequeno banheiro. Encontrou o terno de Fiske e seus sapatos e os levou para fora até seu carro. Passou a mão na superfície lisa de metal do mastro e se perguntou se Ed conseguiria levantar a bandeira americana naquele dia. Talvez conseguisse, a meio pau, em memória de seu filho. Talvez em sinal de luto pelos dois filhos.

Sara começou a tremer com aquele pensamento, afastou-se do mastro e se apoiou no carro. Observou a floresta nervosamente como se antecipando uma descarga abrupta de todo tipo de terrores que vinham de suas entranhas.

Uma mulher idosa saiu do trailer vizinho e parou quando viu Sara.

Sara sorriu com constrangimento.

— Eu sou, hum, uma amiga de John Fiske.

A mulher balançou a cabeça.

— Bem, bom-dia.

— Bom-dia para a senhora também.

A mulher desapareceu seguindo pela estrada que levava ao chalé. Sara olhou ansiosamente de volta para a floresta, apertando as mãos.

— Vamos, John. Por favor, volte logo.

Quinze minutos depois o carrinho de golfe apareceu. Fiske estava dirigindo. O pai estava caído no banco de trás, aparentemente dormindo.

Fiske estacionou junto do trailer, saltou, cuidadosamente levantou o pai e o colocou sobre o ombro. Subiu os degraus com passos pesados e desapareceu no interior. Saiu alguns minutos depois trazendo a espingarda.

— Ele está dormindo — disse Fiske.

— Para que isto? — Sara apontou para a arma.

— Não vou deixar isto aqui com ele.

— Você não acredita que ele mataria alguém.

— Não, mas também não quero que ele a enfie na boca e aperte o gatilho. Armas, álcool e más notícias não combinam nada bem. Ele colocou a arma no banco de trás do carro. — É melhor você deixar que eu dirija.

— Suas roupas estão na mala.

Os dois entraram no carro e um minuto depois estavam de volta ao chalé do proprietário. Fiske entrou e colocou quatro notas de um dólar sobre o balcão, para pagar a taxa de convidados. Comprou uns doces de massa folheada e duas embalagens de papelão de suco de laranja.

A mulher que havia cumprimentado Sara também estava lá.

— Vi sua amiga, John. É realmente uma garota bonita.

— Hum-hum.

— Já estão indo embora?

— Já.

— Aposto que seu pai queria que ficasse mais tempo.

Fiske pagou a comida e não esperou por uma sacola.

— Aceito essa aposta — disse para a mulher, que o olhou espantada, antes de seguir para a porta e para o carro.

33

SAMUEL RIDER CHEGOU AO ESCRITÓRIO CEDO, depois de ter passado alguns dias fora, em viagem de negócios. Sheila ainda não havia chegado. Melhor assim, uma vez que Rider queria ficar sozinho. Ele pegou o telefone e ligou para Fort Jackson, identificando-se como advogado de Harms, e pediu para falar com ele.

— Ele não está mais aqui.

— Como disse? Ele está cumprindo uma pena de prisão perpétua. Para onde exatamente poderia ter ido?

— Sinto muito, mas não posso lhe fornecer esta informação por telefone. Se quiser vir até aqui, pessoalmente, ou fazer pedido oficial por escrito...

Rider desligou o telefone com violência e desabou na cadeira. Será que Rufus estava morto? Teriam eles de alguma forma descoberto o que estava tramando? Depois de Rider ter dado entrada na apelação na Suprema Corte, Rufus deveria ter sido posto em segurança imediatamente.

Rider apertou com os dedos a beira do tampo da mesa de trabalho. Se o apelo tivesse chegado à Corte. Ele abriu rapidamente a gaveta da escrivaninha e puxou o recibo de papel branco com o número de registro. O recibo verde deveria ter sido enviado de volta para seu escritório. Sheila! Ele levantou-se de um salto e correu para a sala de trabalho de Sheila. Normalmente, quaisquer recibos recebidos teriam sido incluídos na pasta de arquivo específica do caso. Contudo, não havia nenhuma pasta de arquivo para o caso de Rufus Harms. Que poderia ela ter feito com o maldito recibo?

Como se em resposta a seus pensamentos, a mulher entrou pela porta. Ela ficou surpreendida ao vê-lo.

— Ora, mas o senhor chegou tão cedo, Sr. Rider.

Rider assumiu um tom casual.

— Estou tentando pôr em dia algumas coisas. — Ele se afastou da escrivaninha dela; contudo, Sheila havia percebido suas intenções.

— Está procurando alguma coisa?

— Bem, agora que pergunta, na verdade, eu estava sim. Enviei uma carta outro dia, sabe, e tinha enviado com pedido de aviso de recebimento e me ocorreu que não havia dito nada a você a respeito disso. Burrice minha.

As palavras seguintes dela trouxeram um suspiro de alívio interior.

— Então era disso que se tratava. De início, pensei que tivesse me esquecido de abrir uma pasta de arquivo para o caso. Estava pensando em lhe perguntar a respeito quando voltasse.

— Então recebeu o aviso — disse Rider, tentando esconder a ansiedade.

Sheila abriu uma gaveta de sua escrivaninha e retirou um recibo verde.

— A Suprema Corte dos Estados Unidos — ela leu em tom respeitoso, entregando-lhe o recibo. — Lembro-me de ter pensado, será que vamos estar fazendo algum trabalho com eles ou o quê?

Rider exibiu sua melhor máscara de advogado.

— Que nada, Sheila, foi só uma coisa ligada a uma atividade da Ordem. Não precisamos procurar Washington para nosso pão de cada dia.

— Ah, aqui estão os recados de telefonemas que anotei enquanto o senhor esteve fora da cidade. Tentei organizá-los por ordem de prioridade.

Ele lhe deu um aperto de mão em sinal de agradecimento.

— Você é a essência da eficiência — disse galantemente.

Ela sorriu e começou a se ocupar dos documentos em sua mesa.

Rider voltou para seu escritório, fechou a porta e olhou para o recibo. A petição com o apelo havia sido entregue. A assinatura estava bem ali. Mas então onde estava Rufus?

Rider havia planejado passar a maior parte da manhã em reuniões, discutindo a possível incorporação e construção de um centro comercial, numa vasta extensão de terras que tinha sido usada, desde a década de 1940, como depósito de restos de automóveis sinistrados. Um dos homens com quem iria se reunir tinha viajado de avião, de Washington, para Blacksburg, Virgínia, naquela manhã bem cedo, e estaria vindo de carro para o escritório de Rider. Com todas aquelas preocupações ocupando sua mente, Rider teve de se esforçar para agir normalmente quando o homem chegou a seu escritório, pouco depois. O homem tinha trazido consigo um exemplar do Washington Post daquela manhã. Enquanto o homem aceitava uma xícara de café oferecida por Sheila, Rider passou os olhos preguiçosamente nas manchetes do Post. Uma, em particular, chamou sua atenção. O homem percebeu o que Rider estava fazendo.

— Realmente uma lástima — comentou, balançando a cabeça para a história que Rider estava lendo. — Um dos melhores e mais brilhantes — disse enquanto Rider mais uma vez lia silenciosamente a manchete: FUNCIONÁRIO DA SUPREMA CORTE ASSASSINADO.

— Você o conhecia? — perguntou Rider. Não podia haver ligação. Nem no inferno, não havia como ter ligação.

— Não. Mas se ele estava trabalhando lá como assistente jurídico e escrevente, você sabe que tinha de ser o melhor dentre os melhores. E, veja só, foi assassinado também. Isso nos mostra como nossa época se tornou perigosa. Não há mais ninguém que esteja seguro.

Rider ficou olhando fixo para ele por um momento, e então baixou o olhar para o jornal e para a fotografia que acompanhava a notícia. Michael Fiske, trinta anos. Ele fizera doutorado na Columbia University e depois tinha ido para a faculdade de direito da Universidade de Virgínia, onde havia sido o editor-chefe da Law Review. Era o advogado assistente jurídico sênior e escrevente do juiz Thomas Murphy. Não havia suspeitos, não havia pistas, exceto por uma carteira desaparecida. Não há mais ninguém que esteja seguro. Ele apertou com força o jornal enquanto olhava fixo para a fotografia granulada, deprimente, do homem morto. Não podia ser. Contudo, havia uma maneira de descobrir.

Ele pediu licença e escapuliu para seu escritório, de onde telefonou para o gabinete dos assistentes jurídicos da Suprema Corte.

— Não temos nenhum caso com o sobrenome Harms, senhor, nem rol de causas regulares nem nas IFP.

— Mas eu tenho um recibo de aviso de recebimento que confirma que foi entregue a vocês. — A voz do outro lado mais uma vez repetiu a resposta indiferente.

— Vocês não têm alguma forma de manter o registro e localizar a correspondência que recebem aí? — A resposta educada que Rider recebeu não o agradou. Ele gritou ao telefone. — Rufus Harms está apodrecendo na maldita prisão e vocês são incapazes de manter o controle sobre a correspondência que recebem. — Ele bateu o telefone.

Em algum lugar entre sua chegada e o ponto em que um caso era, de fato, incluído no sistema oficial, a petição com o apelo de Rufus Harms aparentemente havia desaparecido. E Rufus Harms também. Rider de repente ficou gelado.

Rider baixou o olhar mais uma vez para o jornal. E um assistente judicial da Suprema Corte havia sido assassinado. Tudo parecia tão forçado, tão absurdo, mas da mesma forma parecera a

história que Rufus lhe havia contado. Então um outro pensamento o abalou ainda mais violentamente: se eles tivessem matado Rufus e o funcionário da Suprema Corte, certamente não parariam por aí. Se estivessem com o que Rider havia enviado para dar entrada na apelação à Corte, então saberiam que Rider tinha desempenhado um papel em tudo aquilo. Isto significava que ele podia ser o próximo da lista.

Mas ora, vamos, disse a si mesmo, você está apenas sendo paranoico. E foi então que finalmente ele se deu conta. A pilha de recados telefônicos que Sheila havia anotado enquanto estivera fora. Ele a examinara distraidamente, retornando os telefonemas que havia considerado os mais importantes. O nome, o maldito nome.

Ele remexeu a mesa de trabalho até que encontrou os papeizinhos cor-de-rosa. Suas mãos voaram folheando-os, examinando, examinando, finalmente arrancando as folhas da pilha, em sua crescente ansiedade, até que finalmente o encontrou. Ele baixou a cabeça, olhando para o nome, o sangue lentamente desaparecendo de seu rosto. Michael Fiske havia telefonado para ele. Duas vezes.

Ah, meu Deus. Numa avalanche de pensamentos, visões de sua esposa, do condomínio na Flórida, de seus filhos adultos, todos os anos de trabalho pago por hora como advogado voaram por sua mente. Bem, de maneira alguma ele iria ficar ali esperando que viessem apanhá-lo. Ele apertou o botão do interfone e disse a Sheila que não estava se sentindo bem, que ela comunicasse isso a seu visitante e aos outros cavalheiros que chegariam dali a pouco, e que os atendesse como fosse possível.

— Eu não vou voltar hoje — informou a ela, enquanto passava apressado pela área de recepção. Espero voltar algum dia. E não dentro de um caixão, acrescentou silenciosamente.

— Está bem, Sr. Rider, trate de se cuidar.

Ele quase deu uma gargalhada diante do comentário dela. Tinha telefonado para casa antes de sair do escritório, mas sua mulher não estava lá. Enquanto ia dirigindo para casa, já tinha tomado uma decisão com relação ao que iria fazer. Os dois tinham discutido a ideia de tirar umas férias no final do outono, talvez ir para as ilhas, para uma última dose de sol e água antes que o gelo chegasse. Só que poderiam ficar por lá algum tempo. Preferia investir suas economias em manter-se vivo, do que em garantir a vista de um pôr de sol na Flórida que poderia nunca ter a oportunidade de ver.

Eles poderiam ir de carro até Roanoke, embarcar num dos voos da ponte aérea e ir para Washington ou Richmond. De lá poderiam ir para qualquer lugar. Explicaria a sua mulher dizendo que estava sendo espontâneo, uma coisa que ela havia dito que ele nunca fora e jamais poderia ser. O bom velho Sam Rider, equilibrado e confiável. Não fizera nada em sua vida além de trabalhar duro, pagar as contas, criar os filhos, amar sua esposa e tentar apanhar alguns fios de felicidade ao longo do caminho. Senhor, eu já estou escrevendo meu obituário.

Ele não estaria em posição de ajudar Rufus, mas imaginava que o homem provavelmente já estivesse morto de qualquer maneira. Perdoe-me, Rufus, pensou. Mas você está num lugar muito melhor, muito melhor do que aquele que esses canalhas o obrigaram a suportar aqui na terra.

Um pensamento repentino quase o fez dar meia-volta com o carro. Tinha deixado as cópias da petição com o recurso que fizera para Rufus no escritório. Será que deveria voltar? Finalmente ele decidiu que sua vida valia muito mais do que algumas folhas de papel. De qualquer maneira, que poderia fazer com elas agora?

Ele se concentrou na estrada. Não havia muita coisa entre seu escritório e sua casa, exceto estradas cheias de curvas, passarinhos e o cervo ou o urso negro ocasionais. O isolamento nunca tinha

incomodado Rider até agora. Naquele momento, o deixava aterrorizado. Tinha uma espingarda que usava para caçar perdizes. Desejou que a tivesse consigo.

Ele entrou numa curva, em forma de cotovelo, na estrada, uma grade de segurança enferrujada era a única coisa que existia entre ele e um precipício de mil e quinhentos metros. Enquanto apertava os freios para diminuir a velocidade, sua respiração ficou presa na garganta. Os freios. Ah, meu Deus, perdi os freios! Ele começou a gritar. Mas então os freios funcionaram. Trate de não perder o controle e o juízo, Sam, advertiu a si mesmo. Poucos minutos mais tarde, dobrou a última esquina e viu sua caixa de correspondência. Um minuto depois disso estacionou o carro na garagem. O carro de sua mulher estava ao lado do seu.

Quando passou pelo carro dela, lançou um olhar rápido para o banco da frente. Os pés de Samuel pareceram se afundar no chão de concreto. Sua mulher estava caída de bruços no banco da frente. Mesmo de onde ele estava, Rider podia ver o sangue jorrando do ferimento na cabeça. Aquela foi a penúltima memória que Rider teria. A mão o agarrou e pressionou contra seu rosto um pano grande que tinha um cheiro enjoativo de remédio. Uma outra mão enfiou uma outra coisa na mão de Rider. Quando o advogado olhou para baixo, com olhos que já estavam começando a se fechar, viu e sentiu a pistola ainda quente, enquanto seus dedos eram posicionados em volta dela por um par de mãos com luvas de borracha. Era a pistola de Rider, a que ele usava para praticar tiro ao alvo. A que ele agora sabia que havia sido usada para matar sua mulher. Pelo calor que ainda restava no metal, deviam tê-lo feito tão logo ele surgira na entrada para carros. Deviam ter estado de tocaia, esperando por ele. Arqueou a cabeça e encarou os olhos frios e límpidos de Victor Tremaine, enquanto seu rosto era empurrado cada vez mais profundamente para as garras da inconsciência. Este homem a matara, mas Rider seria culpado por sua morte. Não que

fosse ter muita importância para ele. Também estaria morto. Quando concluiu este pensamento, os olhos de Samuel Rider se fecharam pela última vez.

DIRIGINDO PELA GEORGE WASHINGTON PARKWAY ao sul da Old Town Alexandria, Fiske viu de relance um ciclista, enquanto ele passava, esvoaçando como um fantasma, entre a fileira de árvores que acompanhava a ciclovia asfaltada paralela ao rio. Fiske deu uma sacudidela em Sara, para acordá-la, e ela disse onde ele deveria sair da avenida arborizada. Sara lançou um rápido olhar de relance para ele. O encontro com o pai dele não havia sido mencionado durante o caminho de volta. Era como se tivessem feito um pacto silencioso para não discutir o assunto.

Com Sara dando as instruções, Fiske desceu por outra rodovia asfaltada e depois virou à direita, numa rua de cascalho que descia em uma ladeira íngreme em direção à água. Estacionou o carro na frente do pequeno chalé de estrutura de madeira, que erguia-se ali, empertigado e teimoso, em meio ao fundo selvagem de árvores, espinheiros e flores silvestres, como a esposa de um pregador em um piquenique que foi organizado pela igreja e saiu fora de controle. As tábuas de madeira, do revestimento externo da casa, tinham cinquenta anos de camadas de tinta branca na superfície; a estrutura também tinha venezianas pintadas de preto e uma ampla chaminé de tijolos cor de terracota. Fiske observou enquanto um esquilo corria pela linha telefônica, saltava sobre o telhado e escalava em círculos a chaminé.

Ancorado em um canto da propriedade havia um frondoso pé de murta carregado de flores, sua casca com a textura e a cor de pele de veado. Apoiado no lado oposto do chalé, havia um azevim com seis metros de altura, com os frutinhos vermelhos surgindo como enfeites em meio às folhas verde-escuras. Entre os dois, havia uma cerca de evônimo-da-américa, o chão abaixo salpicado de folhas

vermelho-cardeal. Atrás da casa Fiske reparou que havia uma escada descendo em ângulo em direção à água. Dali pensou ter visto o balançar de um mastro de veleiro. Ele retirou as roupas limpas, que havia apanhado em seu apartamento, do banco de trás. Os dois saltaram do carro.

— Bonita a sua casa— comentou.

Sara se esticou e deu um grande bocejo.

— Quando consegui o emprego na Corte, tomei um avião e vim procurar um lugar para morar. Pensei apenas em alugar, inicialmente, mas encontrei este lugar e me apaixonei por ele. Então, fui para a Carolina do Norte, vendi a fazenda e comprei isto.

— Deve ter sido duro vender a casa da família.

Sara sacudiu a cabeça.

— As duas razões por que era importante para mim estavam mortas. Tudo o que restava era um monte de terra com que eu não podia fazer nada.

Ainda se espreguiçando, ela seguiu para casa.

— Vou fazer um café. — Consultou o relógio e gemeu. — Vou chegar atrasada para a sustentação verbal. Devia telefonar para lá, mas estou com medo.

— Tenho certeza de que eles vão compreender, dadas as circunstâncias.

— Seria de se imaginar, não é — disse ela em tom de dúvida.

Fiske hesitou.

— Você tem um mapa por aqui?

— De que tipo?

— Da metade leste dos Estados Unidos.

Ela pensou por um momento.

— Dê uma olhada no porta-luvas.

Ele fez isso e retirou o mapa. Enquanto iam entrando na casa, ela perguntou:

— O que está procurando?

— Tenho pensado nos quase mil e trezentos quilômetros que o carro de Mike havia rodado.

— Quer saber o que fica a cerca de mil e trezentos quilômetros daqui?

— Não, o que fica a seiscentos e poucos quilômetros. — Sara pareceu surpreendida. — Seiscentos quilômetros saindo daqui, mas ele, ou alguma outra pessoa, precisou dirigir no caminho de volta para D.C.

— Embora também pudessem ser uma variedade de pequenas viagens, cento e sessenta quilômetros aqui e ali.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Restos mortais humanos, dentro de uma mala de carro, não são algo agradável de se estar por perto. Já encontrei uns dois assim acrescentou ele em tom severo.

Enquanto ela fazia o café, na cozinha, Fiske olhou para fora, pela janela que dava para o rio. Daquele ponto privilegiado, agora, podia ver o atracadouro de madeira especial e o barco a vela amarrado nele.

— Você veleja muito?

— Puro ou com creme?

— Puro.

Ela tirou duas xícaras do armário.

— Não tanto quanto costumava. Onde eu morava na Carolina do Norte havia basicamente só terras. De vez em quando ia pescar com meu pai, ou nadar num lago, alguns quilômetros mais abaixo na estrada. Mas em Stanford, realmente tomei gosto. A gente nunca sabe o quanto alguma coisa pode ser grande até ver o Oceano Pacífico. Supera tudo que eu já havia visto e experimentado.

— Nunca estive lá.

— Avise-me se algum dia resolver ir. Poderia levá-lo para conhecer alguns lugares. — Ela afastou o cabelo dos olhos, serviu o café dele e entregou a xícara.

— Porei isso na minha lista — Fiske respondeu secamente.

— Eu só tenho um banheiro, portanto teremos que tomar banho um de cada vez.

— Pode ir primeiro. Quero examinar este mapa.

— Se eu não descer dentro de vinte minutos, esmurre a porta, provavelmente terei adormecido no chuveiro.

Fiske estava olhando o mapa, bebericando o café, e não fez comentários. Sara parou na escada.

— John? — Ele levantou a cabeça. — Espero que possa me perdoar por ontem à noite. — Ela parou, como se refletindo sobre o que acabara de dizer. — O problema é que não creio que eu mereça ser perdoada.

Fiske colocou a xícara na mesa e ficou olhando fixo para ela. A luz do sol entrava pela janela em um ângulo gracioso, caindo diretamente sobre o rosto dela, acentuando o brilho de seus olhos, os contornos sensuais de seus lábios. O cabelo de Sara estava lambido por causa da água do rio, do suor e de ter dormido. A pouca maquiagem que ela usava há muito tempo já tinha perdido a vida, manchando suas pálpebras e faces, seu corpo inteiro levado até o ponto de exaustão. Aquela mulher havia sido a fonte de um desentendimento enorme, talvez cataclísmico, entre ele e seu pai, um homem a quem ele adorava. E no entanto Fiske teve de lutar contra o impulso de tirar-lhe as roupas e deitar com ela bem ali, no chão.

— Todo mundo merece ser perdoado — disse finalmente e depois olhou de volta para o mapa.

Enquanto Sara estava no chuveiro, Fiske foi para um aposento a certa distância da cozinha. Ela obviamente o usava como uma espécie de escritório, uma vez que tinha uma mesa de trabalho, um computador, uma estante cheia de livros de direito e uma impressora. Ele abriu o mapa sobre a escrivaninha. Encontrou a escala no canto inferior, que convertia centímetros em quilômetros, e remexeu a gaveta da escrivaninha até encontrar uma régua. Usando

Washington como o epicentro, desenhou linhas para fora nas direções norte, oeste e sul e depois desenhou uma linha unindo os pontos finais. Ele ignorou a direção leste porque seiscentos e poucos quilômetros o deixariam em pleno Atlântico. Fez uma lista dos vários estados dentro daquele círculo aproximado, pegou o telefone e pediu assistência ao serviço de informações. Um minuto depois estava no telefone com alguém do Birô Federal de Prisões. Deu o sobrenome Harms à pessoa do outro lado, juntamente com o raio geográfico dentro do qual ele poderia estar. Havia ocorrido a Fiske que seu irmão pudesse ter ido visitar Harms na prisão. Assim, o telefonema que seu irmão lhe dera, pedindo ajuda, faria sentido. John Fiske sabia muito mais a respeito de prisões do que seu irmão caçula.

Quando o representante do Birô voltou à linha com os resultados, o rosto de Fiske abateu-se.

— Tem certeza de que não existe nenhum prisioneiro com esse sobrenome num presídio federal dentro da área geográfica que lhe dei?

— Cheguei até a examinar um par de quilômetros mais além.

— Bem, e prisões estaduais?

— Posso lhe dar os números de telefone para cada estado. Você terá que entrar em contato com cada um separadamente. Sabe quais estão na área?

Fiske olhou para o mapa e foi dando os nomes. Havia mais de uma dúzia. Fiske escreveu os números de telefone que lhe foram dados e desligou.

Pensou por um instante e então decidiu verificar as mensagens telefônicas em sua casa e no escritório. Uma fora de uma agente de seguros. Fiske retornou o telefonema dessa agente, que ficava localizada na área metropolitana de D.C.

— Fiquei muito sentida ao saber da morte de seu irmão, Sr. Fiske — disse a mulher.

— Eu não sabia que meu irmão tinha algum tipo de seguro de vida.

— Às vezes os beneficiários não têm conhecimento. De fato, não é obrigação da companhia seguradora notificar os beneficiários, mesmo que tenhamos conhecimento da morte do segurado. Falando francamente, as seguradoras não saem de seu caminho para pagar prêmios.

— Então por que me telefonou?

— Porque fiquei horrorizada com a morte de Michael.

— Quando foi que ele fez o seguro?

— Há cerca de seis meses.

— Ele não tinha mulher nem filhos. Para que precisava de um seguro?

— Bem, foi por isso que telefonei. Ele disse que queria que o senhor recebesse o dinheiro, caso alguma coisa lhe acontecesse.

Fiske sentiu um nó na garganta e afastou o telefone por um momento.

— Nossos pais estão precisando de dinheiro, muito mais do que eu — finalmente conseguiu dizer.

— Ele me disse que provavelmente o senhor daria o dinheiro a eles, mas queria que usasse parte dele para si mesmo. E achava que o senhor saberia administrá-lo melhor do que seus pais.

— Compreendo. Bem, de quanto estamos falando?

— Meio milhão de dólares. — Ela leu o endereço dele para confirmar se ainda estava correto. — Digo-lhe isto com reserva, faço muitas apólices de seguros para um bocado de gente, por uma variedade de diferentes motivos, nem todos eles bons, mas, caso não tenha se dado conta, seu irmão o amava muito. Gostaria de ser próxima assim de meu irmão.

Quando Fiske desligou o telefone, se deu conta de que não estava à beira das lágrimas. Estava prestes a enfiar o punho numa parede.

Ele se levantou, pôs a lista no bolso e saiu da casa, descendo pela escada, passando pela parede vertical de amentilhas de um lado, com a extensão de samambaias do outro, seus pés conduzindo-o até o pequeno cais. O céu estava de um azul profundo, com pinceladas de nuvens, a brisa encorajadora, a umidade havia desaparecido por enquanto. Olhou para o norte, para a extensão de casas de quatro andares, de um milhão de dólares, no círculo externo da área de Old Town Alexandria e então para a forma alongada e serpenteante da ponte Woodrow Wilson. Na margem oposta da água podia avistar a costa de Maryland, uma imagem espelhada das fileiras de árvores da margem de Virgínia. Um jato passou rugindo, o trem de aterrissagem descendo, enquanto seguia para o National Airport, a poucos quilômetros de distância. A fuselagem estava tão próxima da terra que Fiske quase poderia tê-la acertado com uma pedra.

Depois que o avião passou e o silêncio retornou, subiu para a proa do barco à vela. A embarcação balançou suavemente sob o seu peso; o sol acariciou-lhe o rosto. Ele sentou e apoiou a cabeça contra o mastro, cheirou a lona da vela enrolada e fechou os olhos. Estava tão terrivelmente cansado.

— Parece estar muito confortável.

Despertando sobressaltado, Fiske olhou em volta antes de se virar e ver Sara de pé ali. Ela estava com um *tailleur* preto formal, uma blusa de seda branca, com a gola sobre o colarinho do paletó. Em volta do pescoço usava um pequeno fio de pérolas, o cabelo preso num coque simples, um toque de maquiagem e batom vermelho-claro colorindo seu rosto.

Ela sorriu.

— Lamento ter tido de acordá-lo. Estava dormindo tão tranquilamente.

— Esteve me observando por muito tempo? — perguntou Fiske e então se perguntou por que havia feito a pergunta.

— Bastante tempo. Pode ir tomar seu banho de chuveiro agora.
Ele se levantou e pulou de volta para o cais.

— Belo barco.

— Tenho sorte de que a margem do rio aqui seja bem íngreme.
Não preciso mantê-lo em uma das marinas. Posso levá-lo para dar uma volta se quiser. Temos tempo antes que tenha de ser tirado da água para o inverno.

— Talvez.

Ele passou por ela e seguiu para o chalé.

— John? — Ele se virou. Ela colocou uma das mãos no corrimão e olhou para o barco à vela, como se na esperança de tirar uma fatia de calma de sua estrutura tranquila. — Ainda que seja a última coisa que venha a fazer na vida, vou me explicar com seu pai.

— Isso é problema meu. Não precisa fazer isso.

— Preciso, John, preciso sim — disse com firmeza.

∞

Trinta minutos depois, Fiske estava dirigindo o carro, saindo pela estrada particular que levava à avenida arborizada. Os dois sedãs pretos com giroscópios que surgiram na frente do carro deles fizeram Fiske enfiar o pé no freio. Sara gritou. Fiske saltou correndo do carro. Parou assim que viu as armas apontadas para ele.

— Mãos ao alto — berrou um dos homens.

Fiske imediatamente levantou as mãos.

Sara saltou do carro a tempo de ver Perkins emergir de um veículo e o agente McKenna do outro. Perkins avistou Sara.

— Baixem as armas — disse para os dois homens de terno. A voz de McKenna ecoou muito alta.

— Estes homens estão sob meu comando, não seu. Eles baixarão as armas quando somente eu ordenar. — McKenna parou bem na frente de Fiske.

- Você está bem, Sara? — perguntou Perkins.
- É claro que estou bem. Que diabo está acontecendo?
- Deixei um recado urgente para você.
- Não ouvi minhas mensagens. Que há de errado?

Os olhos de McKenna perceberam a espingarda no banco de trás do carro. Então ele puxou sua própria arma e a apontou para Fiske. Examinou o rosto ferido de Fiske.

— Este homem está mantendo a senhora sob seu controle contra sua vontade? — McKenna perguntou a Sara.

— Quer parar com a porcaria desse drama? — disse Fiske. Ele baixou as mãos e levou um tremendo de um murro no estômago de McKenna. Fiske caiu de joelhos, arquejando. Sara correu para ele, ajudando-o a se reclinar para trás apoiado no pneu do carro.

— Mantenha as mãos levantadas até que a senhora responda à pergunta. — McKenna estendeu a mão e, com um puxão, levantou as mãos de Fiske. — Mantenha as mãos erguidas.

Sara gritou.

— Não, pelo amor de Deus, ele não está me mantendo contra minha vontade. Pare com isso. Deixe-o em paz! — Ela empurrou McKenna afastando suas mãos.

Perkins deu um passo à frente.

— Agente McKenna — começou, mas McKenna o interrompeu com um olhar frio.

— Ele tem uma espingarda no carro — disse McKenna. — Quer se arriscar com seus homens, tudo bem. Eu não trabalho assim.

Um outro sedã se aproximou e Chandler e dois policiais uniformizados da polícia da Virgínia saltaram, de armas na mão.

— Todo mundo parado! — urrou Chandler.

McKenna olhou em volta.

— Diga a seus homens para baixarem as armas, Chandler. A situação está sob nosso controle.

Chandler seguiu diretamente para junto de McKenna.

— Diga a seus homens para guardarem suas armas agora, nesse instante, McKenna. Imediatamente ou eu mandarei estes policiais prenderem você em flagrante por lesões corporais. — McKenna não se moveu. Chandler se inclinou diretamente para o rosto dele. — Já, imediatamente, agente Warren McKenna, caso contrário vai ter de telefonar para o departamento jurídico do Birô de uma cadeia da Virgínia. Você quer realmente ter isso em sua ficha?

Finalmente o homem recuou.

— Guardem as armas — McKenna ordenou a seus homens.

— Agora trate de cair fora e ficar longe dele — ordenou Chandler.

Muito lentamente, McKenna foi se afastando de Fiske, que continuava caído, os olhos lançando faíscas contra os de Chandler a cada passo que dava para trás.

Chandler se ajoelhou e apertou o ombro de Fiske.

— John, você está bem?

Fiske balançou a cabeça com dificuldade, os olhos cravados em McKenna.

— Será que alguém, por favor, poderia nos dizer o que está acontecendo? — gritou Sara.

— Steven Wright foi encontrado, assassinado — disse Chandler.

35

A CABANA FICAVA NO CENTRO DE UMA DENSA FLORESTA, em uma parte remota do sudoeste da Pensilvânia, onde se enfiava como um entalhe no oeste da Virgínia. Uma faixa de terra enlameada, com profundas marcas de pneus era a única maneira de chegar ali ou sair. Josh entrou pela porta da frente, a nove milímetros se projetando para fora de sua cintura, barro vermelho e agulhas de pinheiro coladas em suas botas. A picape estava estacionada debaixo do escudo protetor das folhas de uma imensa nogueira, mas Josh havia tomado a precaução adicional de cobrir o veículo com uma rede de camuflagem. Sua maior preocupação era ser localizado do alto. Por sorte as noites ainda estavam quentes. Não queria correr o risco de acender uma fogueira; não se podia controlar para onde iria a fumaça.

Rufus estava sentado no chão, as costas largas descansando contra a parede, a Bíblia no colo. Estava bebendo um refrigerante, com o resto de seu almoço ao lado. Tinha se trocado, vestindo roupas que o irmão trouxera para ele.

— Tudo bem?

— Só nós e os esquilos. Como está se sentindo?

— Feliz à beça e assustado como o diabo. — Rufus sacudiu a cabeça e sorriu. — É bom estar livre, sentado aqui bebendo uma Coca, sem ter de me preocupar com alguém tentando dar o bote em mim a cada segundo de minha vida.

— Os guardas ou os presidiários?

— Que você acha?

— Acho que ambos. Também estive preso durante algum tempo, sabe. Provavelmente poderíamos escrever um livro.

— Quanto tempo vamos ficar aqui?

— Uns dois dias. Para deixar as coisas se acalmarem um pouco. Então seguiremos adiante, iremos descendo até o México. Para viver bem por um décimo do que custa aqui. Fui lá algumas vezes depois da guerra. Tenho alguns velhos amigos do Exército que vivem lá. Eles nos ajudarão a entrar e depois a arrumarmos a vida. Encontrar um barco, pescar um pouco, viver na praia. Que tal lhe parece?

— Até viver no esgoto me soaria bem. — Rufus se levantou. — Tenho uma pergunta para você.

O irmão se apoiou contra a parede e começou a descascar uma maçã com o canivete.

— Estou ouvindo.

— Seu carro estava cheio de comida, duas carabinas e essa pistola que você tem aí, além das roupas que estou vestindo.

— E daí?

— E daí, foi só por acaso que você estava carregando toda aquela tralha quando foi me visitar?

Josh engoliu uma fatia de maçã.

— Tenho de comer. Isso significa que tenho de ir fazer compras, não acha?

— Certo, mas você não comprou nada que pudesse estragar, nenhum leite ou ovos, ou coisas desse tipo. É tudo em lata ou em caixa.

— Comi comida enlatada no Exército. Acho que me apaixonei por comida pronta para comer.

— E você sempre anda por aí com todas aquelas armas?

— Talvez ainda esteja meio ruim da cabeça por causa do Vietnã, talvez tenha alguma síndrome ou coisa assim.

Rufus puxou a camisa, que era do tamanho de um cobertor.

— Meu tamanho não costuma exatamente ser encontrado nas prateleiras. Você veio pronto para me tirar de lá, não foi, Josh?

Josh acabou de comer sua maçã e então jogou o miolo pela janela aberta. Limpou o sumo da fruta das mãos nas calças jeans antes de encarar o irmão.

— Olhe, Rufus, nunca soube por que você matou aquela garotinha. Mas sabia que não estava batendo bem da cabeça quando fez aquilo. Quando recebi aquela carta do Exército, me passou pela cabeça que havia alguma coisa ali. Agora, eu não sabia se era algum disfarce o que eles tinham feito com você. Mas o fato é que, atualmente, quando as pessoas ficam malucas e fazem coisas ruins, elas são enfiadas no manicômio e, quando estão melhores, deixam que saiam. Você esteve na prisão por vinte e cinco anos por uma coisa, que sei com certeza que nem sequer teve a intenção de fazer. Vamos dizer apenas que assumi a responsabilidade de decidir que era tempo suficiente. Você cumpriu sua pena, sabe como é, pagou sua dívida com a sociedade e esse tipo de merda. Estava na hora de você sair, e eu ia trazer a chave. Se não tivesse querido vir, eu ia fazer você mudar de ideia. Pode achar que estou certo ou errado, pouco me importa. Isto era o que tinha decidido fazer.

Os dois irmãos ficaram olhando um para o outro por pelo menos um minuto antes de falar.

— Você é bom irmão, Josh.

— É isso mesmo, eu sou.

Rufus sentou no chão de novo e pegou a Bíblia, suas mãos virando as páginas delicadamente até que encontrou a parte que queria. Josh lançou um olhar de esguelha para ele.

— Ainda está lendo esse negócio depois de todo esse tempo?

Rufus levantou o olhar para ele.

— Vou continuar lendo a minha vida inteira.

Josh fungou.

— Faça o que quiser com o seu tempo. Mas desperdiçá-lo não é uma boa ideia se me perguntar.

Rufus olhou para ele impassível.

— A palavra do Senhor me manteve vivo durante todos esses anos. Isto não é perda de tempo.

Josh sacudiu a cabeça, olhou para fora pela janela e depois de volta para Rufus. Tocou no punho da pistola.

— Isto é Deus. Ou uma faca ou um bastão de dinamite, ou uma atitude de bateu, levou. Não um livro religioso cheio de gente se matando entre si, homens tomando as mulheres de outros homens, praticamente todo tipo de pecado em que você puder pensar...

— Pecados dos homens, não de Deus.

— Não foi Deus quem tirou você de lá. Fui eu.

— Deus enviou você para mim, Josh. A vontade Dele está por toda parte.

— Então está dizendo que Deus me fez ir lá soltar você?

— Por que você foi?

— Já disse. Para soltar você.

— Por que você me ama?

Josh pareceu um pouco espantado.

— Claro — respondeu.

— Esta é a vontade de Deus, Josh. Você me ama, você me ajuda. Isto é a vontade de Deus se realizando.

Josh sacudiu a cabeça e desviou o olhar. Rufus retomou a leitura.

Um som estridente veio do rastreador portátil de frequência de polícia, que havia colocado no chão junto com o rádio. Josh tinha conseguido sintonizar uma estação de rádio do sudoeste da Virgínia para ouvir quaisquer notícias locais sobre a fuga de Rufus.

— Ouviu seu nome novamente na frequência de polícia? — perguntou Josh.

Rufus Harms havia sido mencionado nas notícias no dia anterior. As autoridades militares diziam apenas que Harms era um assassino condenado que tinha antecedentes de violência dentro da

prisão. Ele havia fugido com a ajuda do irmão, um homem igualmente perigoso. O linguajar padrão havia sido usado, ou seja, acreditava-se que os dois homens estivessem armados e que fossem perigosos. Tradução: Ninguém deveria ficar surpreso ou fazer quaisquer perguntas quando as autoridades trouxessem de volta seus cadáveres.

— Poucas vezes — respondeu Rufus. — Estão procurando no sul, como você pensou.

Justo naquele momento o jornal da tarde começou no rádio. As primeiras duas histórias não significaram nada para nenhum dos dois. A terceira era uma notícia recente e fez com que os dois irmãos ficassem olhando fixo para o rádio. Josh correu até lá e aumentou o volume. A história durou apenas um minuto e quando acabou Josh desligou o rádio.

— Rider e a esposa — comentou.

— Fizeram com que parecesse que ele a matou e depois se matou — acrescentou Rufus, a cabeça sacudindo lentamente com incredulidade. — Dois homens vieram me ver e agora ambos estão mortos.

Josh ficou olhando fixo para o irmão. Sabia exatamente o que ele estava pensando.

— Rufus, você não pode trazê-los de volta, não pode trazer nenhum deles de volta.

— É por minha culpa que eles estão mortos. Por tentarem me ajudar. E a esposa de Rider, ela não sabia nada a respeito de tudo isso.

— Você não pediu àquele garoto Fiske que fosse até a prisão.

— Mas pedi a Samuel. Ele estaria vivo se não fosse por mim.

— Ele estava em dívida com você, Rufus. Por que acha que foi lá, para começar? Sentia-se culpado. Sabia que não tinha lutado seriamente por você no julgamento. Estava tentando compensar isso.

— Mas mesmo assim está morto, não está? Por minha causa.

— Suponhamos que isso seja verdade, não há nada que possa fazer a respeito.

Rufus voltou os olhos para ele.

— Eu posso me assegurar de que não tenham morrido por nada. Aqueles camaradas tomaram a maior parte de minha vida. E agora tiraram a vida dessas outras pessoas. Você diz que estaremos bem no México, mas eles nunca vão parar de procurar por nós. Vic Tremaine é louco varrido. É preciso apenas olhar nos olhos dele para ver isso. O velho Vic vem tentando me apanhar durante todos esses anos. Provavelmente acha que vai ter sua oportunidade agora. De encher nós dois de chumbo.

— Se o Exército nos apanhar antes da polícia, com certeza vão continuar atirando até os pentes estarem vazios — concordou Josh.

— Ele puxou o maço de Pall Mall e acendeu um, soprando a fumaça para outro lado da sala. — Bem, eu também sei atirar para matar. Vão saber que estiveram num combate dos diabos se não aprenderem mais nada.

Rufus sacudiu a cabeça teimosamente.

— Ninguém deveria poder escapar impunemente depois do que eles fizeram.

Josh bateu a cinza do cigarro no chão e o encarou.

— Bem, exatamente o que você vai fazer? Marchar até uma delegacia de polícia e dizer: Escutem, rapazes, tenho uma história incrível para contar. Agora, vocês todos virão ajudar um irmão negro a botar na cadeia esse bando de caras brancos muito importantes? — Josh tirou o cigarro da boca e cuspiu no chão de terra batida. — Merda, Rufus.

— Eu preciso ir buscar aquela carta do Exército.

— Onde foi que a deixou?

— Escondi lá na minha cela.

— Bem, nós não vamos voltar à prisão. Se tentar fazer isso, eu mesmo mato você.

— Não vou voltar para Fort Jackson.

— O quê, então?

— Samuel era advogado. Advogados fazem cópias das coisas.

Josh arqueou as sobrancelhas.

— Você quer ir ao escritório de Rider?

— Temos de ir, Josh.

Josh fumou o Pall Mall até chegar ao filtro antes de responder.

— Eu não vou fazer nada, Rufus. O maldito do Exército dos Estados Unidos inteiro está procurando pelo seu rabo. E pelo meu também. Você não pode exatamente se misturar na multidão sem que ninguém perceba. Que diabo, você faria até o George Foreman parecer uma mocinha!

— Mesmo assim precisamos fazer isso, Josh. Se eu conseguir pegar aquela carta, então talvez possa mandá-la para alguém que possa ajudar. Talvez escrever outra carta para a Corte.

— Certo, olhe só todo o bem que lhe fez da última vez. Aqueles juízes metidos a besta saíram correndo para ajudar você, não foi?

— Não importa se você não quiser vir, Josh. Mas eu tenho de fazer isso.

— E o México? Que droga, Rufus, você está livre. Por enquanto. Se tentarmos mexer nesse negócio, eles vão levar você de volta para a prisão ou mais provavelmente fuzilar você primeiro. Temos de ir enquanto temos a oportunidade, homem.

— Eu quero ser livre. Mas não posso deixar as coisas como estão. Se eu for para o México agora, vou morrer de culpa, se o Senhor não acabar comigo antes disso.

— Culpa? Você cumpriu vinte e cinco anos de pena por nada. Quando morrer vai para o céu e vai sentar no colo de Deus. Com certeza absoluta.

— Não adianta, Josh. Não vai me fazer mudar de ideia.

Josh cuspiu de novo e olhou para fora pela janela suja, com a vidraça quebrada.

— Seu maluco filho-da-mãe. A prisão fez você pirar definitivamente. Merda!

— Talvez eu esteja louco.

Josh olhou para ele, furioso.

— Inferno, onde fica a droga do escritório de Rider?

— A cerca de meia hora, saindo de Blacksburg. Isso é tudo que eu sei. Não deve ser difícil descobrir onde fica exatamente.

— Provavelmente tem polícia saindo pela janela.

— Talvez não, se eles acreditarem que Samuel fez tudo.

— Merda. — Josh chutou violentamente a parede e então se virou para o irmão. — Está certo, vamos esperar até o anoitecer e então saímos daqui.

— Obrigado, Josh.

— Não me agradeça por ajudar a conseguir que nós dois sejamos mortos. Desse tipo de agradecimento eu sinceramente não preciso.

A BANDEIRA DA SUPREMA CORTE DOS ESTADOS UNIDOS esvoaçava a meio pau. Reportagens de jornais, estações de TV e de rádio, de distribuição nacional, estavam cheias de relatos dos homicídios dos dois funcionários da Corte. Os telefones no escritório de Assessoria de Imprensa da Corte não paravam de tocar. As redes de rádio davam boletins ao vivo de cabines no andar térreo da Corte. A polícia da Suprema Corte, reforçada por cinquenta policiais de D.C., da Guarda Nacional e agentes do FBI, cercava o perímetro da Corte.

Os corredores privativos do lado de fora dos gabinetes dos juízes estavam cheios de grupos de pessoas falando nervosamente. A maioria dos juízes estava isolada em seus gabinetes, mal tendo conseguido ouvir as sessões de sustentação oral, suas mentes distantes das defesas de posição e das questões que lhes haviam sido apresentadas. Os rostos jovens dos assistentes jurídicos também revelavam o terror inspirado pelas mortes.

A pequena sala no primeiro andar, normalmente utilizada para as conferências dos juízes, estava cheia. As paredes eram revestidas com painéis de madeira escura e cheias de prateleiras que continham volumes encadernados com duzentos anos de decisões da Corte. Numa outra parede havia uma lareira, apagada, naquele dia bastante quente. Um lustre em forma de grande candelabro descia elegantemente do teto. Ramsey estava sentado na cabeceira da mesa. Os juízes Knight e Murphy ocupavam suas cadeiras habituais.

Enquanto o olhar de Knight movia-se rapidamente, de um lado para o outro, em volta da mesa, Murphy, manuseando um velho relógio de bolso, pendurado numa corrente em sua cintura

balofa, mantinha os olhos baixos. Também presentes estavam Chandler, Fiske, Perkins, Ron Klaus e McKenna. Fiske e McKenna ocasionalmente trocavam olhares, mas Fiske havia mantido seu temperamento sob controle.

Wright tinha sido encontrado em um parque, a cerca de doze quarteirões de seu apartamento em Capitol Hills, com um único ferimento à bala na cabeça. Sua carteira de notas, como a de Michael Fiske, estava desaparecida. Assalto era o motivo superficial, embora ninguém na sala acreditasse que a resposta pudesse ser tão simples. As indicações preliminares eram de que Wright havia sido morto entre meia-noite e duas da manhã.

Durante o percurso até a Corte, Chandler pusera Fiske ao corrente dos recentes acontecimentos. Ele havia mandado apressar a necropsia de Michael Fiske, embora ainda estivesse esperando pelo relatório oficial e a hora exata da morte. A causa da morte de Michael Fiske, contudo, havia sido, definitivamente, um único tiro na cabeça. Chandler havia conseguido localizar o posto Wal-Mart no norte da Virgínia onde Fiske havia mandado fazer a revisão do carro, mas ninguém lá pudera dar nenhuma informação útil.

Fiske tivera uma outra ideia que o levava a convencer Chandler a fazer um curto desvio no caminho para a Corte: eles tinham voltado ao local onde ficavam os carros sob custódia, para dar mais uma olhada no Honda de Michael. Fiske havia revistado os bolsos atrás dos bancos da frente.

— Ele mantinha um mapa aqui, sempre. Tinha um medo meio estranho de se perder. Tinha de planejar qualquer viagem inteira antes de botar o pé na estrada. Não há mapa aqui, mas achei isto. Ele levantou um par de papéis adesivos amarelos que havia encontrado enfiados no fundo do bolso do banco. Havia anotações escritas neles, nomes de rodovias e estradas interestaduais; orientações, dadas as condições desbotadas da tinta, possivelmente para alguma viagem feita há muito tempo.

Chandler examinou os pedaços de papel amarelo.

— Então por que tirar o livro de mapas?

— Ele teria anotado nele instruções para chegar aonde quer que estivesse indo.

— Então os quilômetros a mais tinham alguma coisa a ver com sua morte.

Fiske hesitou por um momento, debatendo se deveria contar a Chandler sobre a petição de Harms. Revelar aquela informação seria criar uma série de problemas com os quais não queria ter de lidar naquele momento.

— Talvez — disse finalmente.

Depois disso ele e Chandler seguiram para a Corte.

Agora estavam todos na sala de conferências, encarando uns aos outros. Sem revelar como havia obtido a informação, Chandler relatou que havia sido registrada a presença de um intruso no apartamento de Michael Fiske na noite anterior.

— Estamos em suas mãos, detetive Chandler — disse Ramsey. Embora, agora, eu pense que seja muito mais provável que tenhamos um maníaco com algum ressentimento contra a Corte em ação, em vez de ser relacionado a algum assunto em que Michael estivesse trabalhando.

McKenna disse:

— Quero que saiba que o Birô designou cem agentes para cuidar deste caso. Também organizamos um esquema de proteção vinte e quatro horas para os juízes.

— E para os assistentes? — perguntou Fiske. — São eles que estão sendo mortos.

Chandler interrompeu.

— Compilei os nomes e endereços de todos os assistentes dos juízes. Reforcei o policiamento nessas áreas. A maioria deles mora em Capitol Hills, perto da Corte. Oferecemos acomodações para qualquer dos assistentes que desejar, em um hotel local, onde

segurança em tempo integral estará disponível. Também dei instruções a um de nossos especialistas para conversar com os assistentes a respeito de maneiras para se manterem em segurança, para estarem alertas com relação a pessoas suspeitas, evitem sair sozinhos à noite, coisas desse tipo. — Ele olhou em volta por um momento. — A propósito, onde está Dellasandro?

— Ele está tentando coordenar todas as novas medidas de segurança — respondeu Klaus. — Nunca o vi tão preocupado. Acho que está levando isto pessoalmente.

— Estou na Corte há quase trinta e três anos e nunca pensei que veria algo semelhante a isto — disse o juiz Murphy com tristeza.

— Nenhum de nós pensou, Tommy — disse Knight em tom enfático. Ela olhou diretamente para Chandler. — Não tem nenhuma pista?

— Eu não iria tão longe. Temos várias coisas que devemos seguir. Estou falando sobre a morte de Michael Fiske. Com relação ao assassinato de Wright ainda é demasiado cedo para dizer.

— Mas acredita que estejam ligados? — disse Ramsey.

— Ainda é cedo demais para dizer.

— Que recomenda que façamos?

Chandler sacudiu a cabeça.

— Que cuidem de seus negócios da maneira habitual. Se isto for o trabalho de um maníaco querendo impedir o funcionamento da Corte, então estarão fazendo o que ele quer se cancelarem o rol das causas.

— Ou poderíamos correr o risco de enfurecer quem quer que esteja fazendo isto, com o resultado de que voltará a atacar — disse Knight.

— Esta é sempre uma possibilidade, juíza Knight — concordou Chandler. — Mas não estou convencido de que o que a Corte fizer ou deixar de fazer terá algum efeito sobre isso. Se os casos estiverem relacionados. — Ele olhou para Ramsey. — Creio que realmente vale

a pena examinar os casos nos quais ambos os assistentes jurídicos estavam envolvidos, apenas para cobrir esta hipótese. Sei que é uma hipótese remota, mas poderia acabar me censurando depois se não cuidar disso agora.

— Compreendo.

Chandler se virou para o juiz Murphy.

— O senhor e seus outros assistentes estarão disponíveis hoje para examinar os casos de que Michael Fiske estava cuidando?

— Sim — respondeu Murphy rapidamente.

— E agradeceria se consultassem os outros juízes para tentar determinar se algum caso que julgaram, recentemente, nos últimos anos, poderia ter provocado alguma reação como esta — disse Chandler.

Knight olhou para ele e sacudiu a cabeça.

— Detetive Chandler, muitos dos casos com que lidamos despertam emoções inacreditáveis nas pessoas. Seria impossível saber por onde começar.

— Compreendo seu ponto de vista. Creio que todos vocês tiveram a sorte de que ninguém tenha tentado fazer algo assim antes.

— Bem, se quer que continuemos com nossas rotinas habituais, então suponho que o jantar em homenagem ao juiz Wilkinson esteja confirmado e será realizado esta noite — comentou Knight.

Murphy se enrijeceu na cadeira em sinal de protesto.

— Beth, se não por nenhum outro motivo, creio que os assassinatos de dois funcionários da Corte ditariam que o jantar fosse cancelado.

— Isto é fácil dizer, Tommy, mas não foi você quem organizou o evento. Fui eu. Kenneth Wilkinson tem oitenta e cinco anos e está com câncer no pâncreas. Não vou correr o risco de cancelar, por mais infeliz que seja a ocasião. Isso é muito importante para ele.

— E para você também, correto, Beth? — disse Ramsey.

— É isso mesmo. Vamos ter mais um debate a respeito de ética jurídica, Harold? Na frente de todas essas pessoas?

— Não — retrucou ele. — Já sabe quais são meus sentimentos a respeito do assunto.

— Sei sim e o jantar está confirmado.

Fiske ficou fascinado com a discussão. Pensou ter visto a sombra de um sorriso passar pelo rosto de Ramsey enquanto o homem dizia:

— Muito bem, Beth. Longe de mim tentar mudar sua opinião em qualquer assunto de alguma importância, quanto mais assuntos como esse, que beiram o trivial.

TREMAINE POUSOU O HELICÓPTERO DO EXÉRCITO no campo gramado. Enquanto as hélices giratórias do helicóptero iam perdendo velocidade, ele e Rayfield olharam para um sedã estacionado próximo à fileira de árvores que delimitava o campo. Eles abriram os cintos de segurança dos assentos, desceram da aeronave e, com os torsos inclinados enquanto passavam sob as hélices, seguiram em direção ao carro. Quando o alcançaram, Rayfield sentou no banco da frente enquanto Tremaine entrava no banco de trás.

— Fico contente que tenham conseguido vir — disse o homem no banco do motorista, virando-se para Rayfield.

O queixo do coronel caiu.

— Que aconteceu com você?

Os hematomas estavam arroxeados no centro, descolorindo-se e tomando-se amarelos em volta das beiras. Um acompanhava a parte lateral de seu olho direito, os outros dois subiam de seu colarinho.

— Fiske — respondeu ele.

— Fiske? Ele está morto.

— O irmão dele, John — disse o homem impacientemente. — Ele me apanhou no apartamento do irmão.

— Ele reconheceu você?

— Eu estava de máscara.

— O que ele estava fazendo no apartamento do irmão?

— A mesma coisa que eu. Procurando por alguma coisa que a polícia pudesse usar para descobrir a verdade.

— Ele descobriu alguma coisa?

— Não havia nada para descobrir. Já tínhamos retirado o laptop de Fiske— ele olhou para Tremaine. — E você tirou a pasta de trabalho do carro antes de matá-lo, certo? — Tremaine balançou a cabeça.

— Onde está? - perguntou o homem.

— Uma pilha de cinzas.

— Bom.

— Esse irmão vai criar problema? — Rayfield quis saber.

— Talvez. É um ex-policia. Ele e uma das outras assistentes da Corte estão metendo o nariz na história. Ele está ajudando o detetive a investigar os assassinatos dos assistentes jurídicos.

Rayfield teve um sobressalto.

— Assassinatos? Mais de um?

— Steven Wright.

— Que diabo está havendo? — perguntou Rayfield.

— Wright viu alguém saindo do escritório de Michael Fiske. Ele também ouviu alguma coisa que não deveria ter ouvido. Não podíamos confiar que fosse manter a boca fechada, então tive de enganá-lo para fazer com que saísse do prédio e matá-lo. Estamos seguros com esse.

— Você está maluco? Esta história está totalmente fora de controle — disse Rayfield furioso.

O homem olhou para Tremaine.

— Hei, Vic, diga a seu superior para ficar frio. Acho que o Vietnã tirou um naco de sua coragem, Frank. Você nunca mais foi o mesmo depois.

— Quatro homicídios e você me diz para ficar frio? E Harms e o irmão ainda estão soltos por aí.

— Portanto ainda estão faltando mais dois corpos. Os dois mais importantes. Você compreende isso, não é, Vic?

— Compreendo — respondeu Tremaine.

O homem examinou Rayfield com um par de olhos muito frios.

Rayfield engoliu nervosamente.

— Acho que agora não temos como voltar atrás.

— Você está certo com relação a isso.

— John Fiske e essa assistente: que vão fazer a respeito deles?

Se Fiske estiver em algum tipo de missão para encontrar o assassino do irmão, pode se tornar um problema.

— Ele já é um problema. Estão com uma rédea bem curta. E ficarão com ela até que decidamos o que fazer com eles.

— E isso quer dizer? — perguntou Rayfield.

— Quer dizer que talvez tenhamos de produzir mais quatro corpos em vez de dois.

∞

Sara estava sentada em seu novo escritório. Chandler havia declarado que a sala que ela dividia com Wright estava interditada, mas tinha permitido que os empregados da Corte transferissem seu computador e seus arquivos de trabalho para aquele espaço transbordante. Sara tinha passado a mão na lista de prisões estaduais que Fiske lhe dera e começado a telefonar. Ao final de meia hora, desligou o telefone, deprimida. Não havia ninguém, com o sobrenome Harms, em nenhuma prisão em nenhum daqueles estados. Tentou se lembrar de alguma outra palavra ou frase que tivesse visto nos documentos, mas finalmente desistiu disso. Levantou-se e foi então que algo chamou a atenção de seus olhos. Simplesmente havia agarrado uma pilha de arquivos com um movimento abrupto e não tinha reparado naquilo até agora. Era o processo do tribunal sobre o caso Chance. O caso no qual havia dito a Wright que ficasse trabalhando, na noite anterior, até que tivesse

terminado. Um bilhete escrito à mão estava anexado, pedindo a Sara que fizesse a revisão.

Ela se sentou e sua cabeça afundou sobre o tampo da mesa. E se realmente houvesse algum psicopata escolhendo assistentes jurídicos como alvos? Teria sido pura sorte o fato de que Wright fora morto e não ela? Por um minuto ficou sentada ali, paralisada. Ora, vamos lá, Sara, você pode superar isso. Você tem de superar isso, insistiu consigo mesma. Lançando mão de cada migalha de determinação que conseguiu reunir, ela se levantou, foi até a porta e saiu.

Um minuto depois, entrou no gabinete dos assistentes jurídicos e foi até um funcionário que operava um dos terminais de computador do banco de dados da Corte. A pergunta que estava prestes a fazer era uma das que já tinha feito antes, mas queria ter certeza absoluta.

— Poderia verificar e ver se existe algum caso na Corte com o nome Harms como uma das partes?

O funcionário balançou a cabeça e começou a teclar os botões. Depois de cerca de um minuto ele sacudiu a cabeça.

— Não estou encontrando nada. Quando deu entrada?

— Recente. Durante as últimas duas semanas ou coisa assim.

— Pesquisei até seis meses atrás... não consta nada. Você não tinha me perguntado isso algum tempo atrás?

Antes que Sara pudesse responder, uma outra voz falou.

— Você disse Harms?

Sara ficou olhando fixo para o outro funcionário.

— Disse. Harms era o sobrenome.

— Isso é estranho.

A pele de Sara começou a se arrepiar.

— O quê?

— Recebi um telefonema, esta manhã, de um homem perguntando sobre um recurso e ele usou este nome. Disse a ele que

não tínhamos nenhum registro de caso em que constasse este nome.

— Harms? Tem certeza? — O funcionário balançou a cabeça confirmando. — E o nome de batismo? — Perguntou Sara, tentando esconder sua agitação.

O funcionário pensou por um momento.

— Talvez começando com r? — estimulou Sara. O funcionário estalou os dedos.

— É isso mesmo. Rufus, Rufus Harms. Parece um nome caipira.

— A pessoa que ligou se identificou?

— Não. Ele ficou bastante aborrecido.

— Mais alguma coisa de que possa se lembrar? — O homem pensou um pouco mais.

— Ele disse alguma coisa a respeito do sujeito estar apodrecendo numa prisão, seja lá o que isso quer dizer.

Os olhos de Sara se arregalaram e ela começou a correr para a saída.

— De que se trata, tudo isso, Sara? Tem alguma coisa a ver com os homicídios? — perguntou o funcionário. Sara continuou indo sem responder. O funcionário hesitou por um momento e depois olhou em volta para ver se alguém estava observando. Então, pegou o telefone e discou um número. Quando foi atendido, falou baixinho no fone.

Sara subiu as escadas quase correndo. A referência à prisão tinha lhe mostrado que havia um grande buraco na lista de Fiske. Chegou a seu escritório, agarrou um cartão de seu Rolodex e discou o número. Estava ligando para o Setor de Operações da Polícia Militar. Fiske havia coberto as populações carcerárias de prisões federais e estaduais, mas não havia pensado nas militares. O tio favorito de Sara tinha passado para a Reserva do Exército como general de brigada. Ela sabia muito bem o que era uma prisão: Rufus Harms era um prisioneiro do Exército dos Estados Unidos.

Ela foi transferida para o primeiro-sargento Dillard, o especialista penitenciário de plantão.

— Não tenho o número de sua identidade penitenciária, mas creio que ele está encarcerado em um estabelecimento militar a cerca de seiscentos e poucos quilômetros de Washington — disse ela.

— Não posso lhe dar esta informação. O procedimento oficial é enviar uma solicitação escrita ao vice-chefe do Estado-maior de Operações e Planejamento. Então esse departamento, por sua vez, enviará sua solicitação para o pessoal da Lei de Liberdade de Informações. Eles poderão responder ou não à sua solicitação, dependendo das circunstâncias.

— Mas o negócio é que realmente preciso da informação agora.

— A senhora é da imprensa?

— Não. Estou telefonando da Suprema Corte dos Estados Unidos.

— Certo. E como posso confirmar isso? Sara pensou por um momento.

— Ligue para o serviço de assistência à lista e peça o número geral da mesa da Suprema Corte. Então ligue para o número que lhe derem e peça para falar comigo. Meu nome é Sara Evans.

A voz de Dillard assumiu um tom cético.

— Isto é altamente irregular.

— Por favor, sargento Dillard, é realmente importante. Houve um silêncio do outro lado da linha durante alguns segundos.

— Dê-me alguns minutos.

Depois de cinco minutos muito longos, a ligação foi passada para o telefone de Sara.

— Sabe, sargento Dillard, já obtive informações de seu departamento antes, sobre prisioneiros militares, sem ter de passar pelo processo da Lei de Liberdade de Informações.

— Bem, de vez em quando as pessoas por aqui são um pouco generosas com as informações.

— Só quero saber onde Rufus Harms está, só isso.

— Na verdade, não seria de fato um problema com nenhum outro prisioneiro.

— Não compreendo. Por que Rufus Harms é tão especial?

— Não tem lido o jornal?

— Hoje não, por quê?

— Talvez não seja uma notícia realmente importante, mas o público deveria saber, para sua própria segurança.

— O público deveria saber o quê?

— Rufus Harms está foragido. — Em frases concisas, Dillard a informou dos detalhes.

— Onde ele estava encarcerado?

— Fort Jackson.

— Onde fica isso?

Dillard disse a ela e Sara escreveu a localização.

— Agora eu tenho uma pergunta para a senhora, Sra. Evans. Por que a Suprema Corte está interessada em Rufus Harms?

— Ele fez um recurso à Corte.

— Que tipo de recurso?

— Sinto muito, sargento Dillard, mas isto é tudo que posso lhe dizer. Também tenho regras que devo respeitar.

— Certo, mas vou lhe dizer uma coisa. Se fosse a senhora, suspenderia o trabalho referente ao recurso dele. Os tribunais não atendem mortos, atendem?

— Na verdade podem atender. O que exatamente o homem fez?

— Terá de verificar na folha de serviço militar dele.

— Como faço isso?

— É advogada, não é?

— Sim, mas não trabalho muito com militares.

Ela podia ouvi-lo resmungando um pouco no telefone.

— Uma vez que ele é um preso militar, Rufus Harms, tecnicamente não está mais no Exército dos Estados Unidos. Junto com sua condenação teria recebido expulsão desonrosa ou expulsão por má conduta. Sua ficha e os registros devem ter sido mandados para o Departamento de Registro de Pessoal Militar de St. Louis. Os originais dos documentos são mantidos lá. Não ficam num banco de dados ou coisa assim. Harms foi condenado há cerca de vinte e cinco anos, de modo que os registros devem ter sido microfilmados, embora o pessoal do registro de pessoal ande meio atrasado nesse processo. Se a senhora ou alguma outra pessoa que não seja Harms quiser os registros dele, terá de apresentar uma ordem judicial. Ela escreveu tudo isso.

— Obrigada, mais uma vez, sargento Dillard, foi de enorme ajuda. Ela tinha um software de mapas no computador. Sara chamou a tela e, usando o mouse, desenhou uma linha cobrindo a distância de Washington até a localização aproximada de Fort Jackson.

— Quase que exatamente seiscentos e quarenta quilômetros disse para consigo mesma. Subiu apressadamente para a biblioteca da Corte que ficava no terceiro andar e entrou on-line por intermédio de um dos terminais de computador ali existentes. Nenhum dos terminais do gabinete dos assistentes jurídicos estava conectado a modems telefônicos por motivos óbvios de segurança e necessidade de sigilo. Os terminais da biblioteca, contudo, tinham acesso à rede. Usando um programa de busca da Internet, ela teclou o nome de Rufus Harms. Olhou em volta para os painéis de carvalho com trabalho de entalhe feito à mão, enquanto esperava que o computador aspergisse seu pó de pirlimpimpim tecnológico.

Alguns minutos depois estava lendo todas as últimas notícias sobre Rufus Harms, sua história e a de seu irmão. Ela imprimiu todas. Uma das histórias tinha uma declaração do editor do jornal da cidade natal de Harms. Usando uma lista telefônica da Internet, ela

procurou o número do telefone do homem. Ainda morava na mesma pequena cidade perto de Mobile, no Alabama, onde os dois irmãos haviam crescido.

O telefone foi atendido depois de tocar três vezes. Sara se apresentou ao homem, George Barker, que ainda era o editor-chefe do jornal local.

— Já falei com os jornais a respeito disso — declarou secamente. O forte sotaque sulista fez Sara pensar em cães de caça treinados para caçar guaxinins zurrando e jarras de álcool destilado ilegalmente.

— Agradeceria se pudesse responder a algumas perguntas para mim, é só isso.

— Para quem trabalha mesmo?

— Para uma agência de notícias independente. Sou free lancer.

— Bem, exatamente o que quer saber?

— Li que Rufus Harms foi condenado por ter matado uma menina na base militar onde estava lotado. — Ela lançou um olhar rápido para os relatos de jornal que havia impresso. — Fort Plessy.

— Matou uma garotinha branca. Ele é negro, sabe.

— Sim, eu sei — Sara respondeu laconicamente. — Sabe o nome do advogado que o defendeu no julgamento?

— Não foi realmente um julgamento. Ele negociou a pena. Mesmo assim eu cobri a matéria, porque Rufus era daqui, uma espécie de inverso da história do rapaz da cidade do interior que é bem-sucedido.

— Então sabe o nome do advogado dele?

— Bem, eu teria de procurar. Dê-me seu número de telefone e ligo de volta mais tarde.

Evans deu o telefone de sua casa.

— Se eu não estiver lá, pode deixar o recado na secretária eletrônica. Que mais pode me dizer sobre Rufus e o irmão?

— Bem, a coisa mais digna de nota com relação a Rufus era o tamanho dele. Já devia ter um metro e oitenta e nove de altura aos catorze anos. E não era magricela, esguio ou coisa assim. Ele já tinha corpo de homem.

— Bom aluno? Mau aluno? Tinha problemas com a polícia?

— Pelo que me lembro, não era bom aluno. Nunca chegou a se formar na escola secundária, embora fosse muito hábil em trabalhos manuais. Trabalhava com o pai numa pequena gráfica quando era garoto. O irmão também. Ora, me lembro de uma ocasião em que a máquina de impressão de meu jornal quebrou. Eles mandaram Rufus para consertá-la. Ele não devia ter mais de dezesseis anos. Dei a ele o manual do equipamento, mas ele não quis nem olhar. Palavras só fazem me confundir, Sr. Barker, disse, ou alguma coisa assim. Ele entrou lá e em menos de uma hora tinha conseguido consertar a maldita da máquina e colocá-la para funcionar como se fosse nova.

— Isso é bastante impressionante.

— E nunca teve problemas com a polícia. A mãe dele não teria deixado. Precisa compreender, esta é uma pequena cidade, nunca teve mais de mil almas morando aqui, hoje em dia tem ainda menos. Estou com mais de oitenta anos, ainda controlo o jornal. Ninguém vive aqui há mais tempo do que eu. Pois bem, a família Harms morava no bairro da gente de cor da cidade, é claro, mas mesmo assim nós os conhecíamos. Agora, eu não recebo negros em minha casa, mas eles pareciam ser gente direita. Ela trabalhava na fábrica de processamento de carne aqui, como a maioria das outras pessoas. No setor encarregado da limpeza, que não é um emprego que pague bem. Mas cuidava dos filhos.

— Que aconteceu com o pai?

— Ele era um bom homem, não costumava beber, nem fazer estripulias como muitos homens de cor fazem. Trabalhava duro,

duro demais, tanto que um dia ele simplesmente não acordou. Ataque de coração.

— O senhor tem boa memória.

— Escrevi o obituário dele.

— E o irmão?

— Bem, Josh Harms era uma outra história. Por aqui, ele é o que chamamos de um negro mau. Era cabeça quente, arrogante, tentava ser melhor do que era. Veja, não tenho preconceitos, nem nada disso, e não tolero que se usem palavras como negro ou crioulo metido em minha presença, mas se eu fosse usar esse tipo de palavras seria para descrever Josh Harms. Ele irritou muita gente por aqui.

— Eu li que ele lutou no Vietnã e que na verdade foi um herói de guerra.

— Claro, isto é verdade — Barker admitiu rapidamente. — Ele foi o herói de guerra mais condecorado que algum dia saiu desta cidade, de longe. As pessoas ficaram um bocado surpreendidas com isso, tenho de lhe dizer. Mas ele sabia lutar, isso tenho que reconhecer nele.

— Que mais?

— Bem, Josh de fato até se formou no secundário. — A voz de Barker mudou. — Mas onde ele realmente se destacou de todo mundo foi nos esportes. Faço tudo nesse jornal e cubro todo tipo de notícias. Josh Harms foi o mais completo e o maior atleta que um dia tive o privilégio de ver. Branco, negro, verde ou roxo, aquele rapaz conseguia correr mais depressa, saltar mais alto, ser mais forte e mais rápido do que quaisquer outros. Pois bem, eu sei que as pessoas de cor, de qualquer maneira, em geral são capazes de fazer tudo isso realmente muito bem, mas Josh era verdadeiramente especial. Ele ganhou prêmios em praticamente todos os esportes que existiam. Sabe que ele ainda detém cerca de meia dúzia de recordes

atleticos estaduais? — Acrescentou orgulhosamente. — E você sabe que o Alabama tem um belo quinhão de grandes atletas.

Sara suspirou.

— Ele chegou a participar em competições de nível universitário?

— Bem, ele recebeu uma porção de ofertas de bolsa de estudos para jogar futebol americano e basquete. Bear Bryant até o queria no Bama, para você ter uma ideia de como ele era bom. Provavelmente teria sido um astro na NBA ou na NFL. Mas foi desviado desse caminho.

— De que maneira?

— Bem, você sabe como. O governo pediu a ele que defendesse seu país na guerra contra o comunismo.

— Em outras palavras, ele foi convocado e embarcado para o Vietnã.

— Exato.

— Ele voltou para casa depois disso?

— Ah, claro. A mãe dele ainda estava viva, mas não por muito tempo. Sabe, foi exatamente nessa época que Rufus se meteu naquela encrenca. Eu na verdade acredito que Rufus tenha se alistado voluntariamente no Exército por causa de Josh. Talvez quisesse ser como o irmão mais velho, sabe, um herói. Realmente acho que ele só queria que alguma coisa desse certo em sua vida, para variar. Depois que seu pai morreu, não havia nada para ele aqui nesta cidade. É claro, acabou dando tudo tão errado quanto era possível. De qualquer maneira, Josh veio me procurar, para ver se havia alguma coisa que eu pudesse fazer. Sabe, o poder da imprensa, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

— O fato de Rufus ter assassinado a menina o surpreendeu? Quero dizer, ele alguma vez havia sido violento, que o senhor tivesse conhecimento?

— Ele nunca fez mal a ninguém, que eu saiba. Era um verdadeiro gigante gentil. Quando soube da garotinha, não consegui acreditar. Agora, se tivesse sido Josh, não teria nem piscado duas vezes, mas Rufus não. Mas, apesar de tudo isso, as provas eram tão claras quanto podiam ser.

— Josh continuou vivendo aí?

— Bem, agora está me levando a uma parte especialmente desagradável da história desta cidade.

— E qual é?

— Prefiro não dizer.

Sara pensou rapidamente. Qual era a expressão usada pelos jornalistas?

— Pode ser confidencial.

— Tem certeza? — Barker parecia desconfiado.

— Absoluta. É confidencial.

— Quero que saiba que acabei de gravar o que me disse. Portanto, se eu ler em algum jornal o que vou lhe contar, vou processar você e seu jornal e fazer com que me paguem até o último centavo que tiverem — disse severamente. — Sou um jornalista, sei como estas coisas funcionam.

— Sr. Barker, eu prometo que o que quer que o senhor vá me contar não será usado de forma alguma em uma matéria.

— Está bem. Na verdade, acho que já se passou tanto tempo que não tem mais importância... legalmente, quero dizer. Mas nunca se pode ser cuidadoso demais neste mundo. — Ele pigarreou. — Bem, a história do que Rufus havia feito se espalhou pela cidade, não havia como não se espalhar. Um bando de rapazes começou a beber, se reuniu e decidiu fazer alguma coisa. Bem, eles não podiam fazer nada com Rufus, ele estava sob custódia do Exército dos Estados Unidos. Mas podiam fazer alguma coisa com o outro membro da família Harms que morava aqui.

— O que fizeram?

— Tocaram fogo na casa da Sra. Harms, destruindo-a completamente.

— Meu Deus! Ela estava dentro da casa?

— Estava, até que Josh a tirou de lá. E deixe-me lhe contar o que aconteceu: Josh foi atrás daqueles rapazes. Eles brigaram bem aqui nas ruas da cidade. Assisti a tudo de meu escritório. Sabe, devem ter sido dez contra um, mas Josh botou a metade deles no hospital, até que o resto acabou dando uma surra feia nele. Nunca vi nada igual e espero não ver nunca mais.

— Isso parece quase uma revolta. A polícia não apareceu?

Barker tossiu de maneira constrangida.

— Bem, por coincidência os boatos eram de que uns dois dos rapazes que participaram daquilo, sabe, que tinham incendiado a casa...

— Eram da polícia — Sara concluiu a frase para ele. Barker não disse nada. — Espero que Josh Harms tenha processado a cidade e recebido uma grande indenização.

— Bem, na verdade, ele foi o processado. Quero dizer, os rapazes que ele pôs no hospital. Josh não podia provar nada com relação ao incêndio. Quero dizer, eu tinha minhas especulações, mas era só isso. E a polícia de certa maneira arrumou uma história de que ele havia resistido à prisão e coisa e tal. Eram as palavras de dez contra um, e, além disso, a palavra de um negro. Bem, resumindo, ele passou algum tempo na cadeia e eles tomaram tudo o que ele e sua mãe tinham, o pouco que era. Ela morreu logo depois. Creio que o ocorrido com seus dois filhos foi demais para ela.

Sara teve de se esforçar para não começar a gritar com o homem.

— Sr. Barker, esta é a história mais repugnante que eu já ouvi em minha vida — declarou. — Não conheço muita coisa a respeito de sua cidade, mas sei com certeza que nunca desejaria que ninguém de quem gostasse vivesse nela.

— Tem suas qualidades.

— É mesmo... como dar esse tipo de boas-vindas a um herói de guerra?

— Eu sei. Também pensei a respeito disso. Você luta por seu país, leva tiros e depois volta para casa para uma coisa como aquela, provavelmente faz com que se pergunte por que diabo estava lutando.

— O senhor fala como se soubesse da verdade. O senhor não usou o poder da imprensa na ocasião?

Barker suspirou profundamente.

— Isto aqui sempre foi meu lar, Srta. Evans, e só se pode ofender as autoridades constituídas um número limitado de vezes, mesmo que elas mereçam. Pois bem, não posso dizer que eu seja um grande amigo dos pretos, porque não sou. E não lhe mentiria dizendo que defendi a causa de Josh Harms, porque francamente não defendi.

— Bem, creio que isto seja, em parte, para que existam tribunais: para impedir gente como essa da sua cidade de prejudicar pessoas como Josh Harms. Por favor, me ligue de volta com o telefone do advogado de Harms.

Ela desligou o telefone. Seu corpo inteiro estava tinindo de raiva pelo que acabara de ouvir. Por outro lado, quantos negros, invasores de terras, ela havia conhecido quando garota na Carolina? As gerações de invasores de terras mais adiante na estrada? Ou durante a época da colheita quando seu pai trazia trabalhadores temporários para ajudar? E ela havia observado aqueles homens da varanda, com o suor encharcando o tecido fino de suas camisas, a pele deles ficando ainda mais escura sob o sol escaldante. Ela e sua mãe levavam limonada e comida para eles. Eles balbuciavam agradecimentos, sem nunca levantar o olhar, comiam a refeição e labutavam até o escurecer. A escola de Sara tinha sido exclusivamente para brancos, a despeito da série de casos da

Suprema Corte que exigiam o contrário. Esses casos tinham sido os campos de batalha do século XX da igualdade racial, substituindo os Antietams, Gettysburgs e Chickamaugas do século anterior. E, alguns argumentariam, igualmente fúteis. E aqui na Corte havia um juiz negro, que ocupava o lugar conhecido como o assento Thurgood Marshall, e, atualmente, entre os trinta e seis assistentes jurídicos só havia um negro. Muitos dos juízes nunca tinham escolhido uma pessoa de minoria para ser seu assistente jurídico. Que tipo de mensagem aquilo passava? Na mais alta Corte de justiça do país?

Enquanto corria pelo corredor à procura de Fiske, Sara se perguntou se eles algum dia realmente descobririam a verdade. Se o Exército apanhasse os irmãos Harms antes de qualquer outra pessoa, a verdade poderia muito bem morrer com eles.

FISKE ESTAVA DE PÉ, EM SILÊNCIO, do lado de fora do escritório do irmão, enquanto Chandler supervisionava o progresso de sua equipe de coleta de provas, sob severa observação do advogado do quadro de funcionários da Corte. Contudo, agora, com dois assistentes jurídicos mortos, as preocupações com relação à confidencialidade tinham passado para segundo plano e a prioridade era descobrir o assassino ou os assassinos. Quando terminassem no escritório de Fiske, seguiriam para um pouco mais adiante, no mesmo corredor, e começariam a trabalhar no de Wright.

Fiske olhou para a porta do escritório do irmão e depois de volta para a de Wright. Fez isso mais umas duas vezes enquanto uma ideia começava a passar por sua cabeça. Foi para junto de Chandler.

Exatamente onde o corpo de Wright foi encontrado? Chandler abriu seu bloco de anotações e começou a procurar, folheando.

— A propósito, tirei seu carro do depósito de custódia. Está em meu escritório, numa boa vaga de estacionamento permitido.

— Obrigado por fazer isto por mim.

— Não me agradeça. Com o preço do reboque, a multa e coisa e tal, vai lhe custar cerca de duzentos dólares.

— Duzentos dólares? Não tenho esse tipo de dinheiro para gastar com uma porcaria de multa por estacionamento proibido.

— É mesmo? Bem, talvez eu possa mexer uns pauzinhos, sabe, fazer um favor para você. Mas vai ter de retribuir. Preciso fazer uma pintura lá em casa. — Chandler abriu um sorriso e então parou de folhear o bloco. — OK, aqui estamos nós. Wright morava a cerca de um quarteirão da estação de metrô de Eastern Market. O corpo dele

foi encontrado no Garfield Park. Isso fica entre a rua F e a Segunda. Fica a cerca de meia dúzia de quarteirões da Corte.

— Como Wright costumava vir e voltar do trabalho?

— De acordo com várias pessoas aqui, ele vinha a pé, tomava um táxi ou ocasionalmente usava o metrô.

— Esse Garfield Park fica no caminho para a casa dele?

Chandler inclinou a cabeça enquanto consultava suas anotações.

— Não realmente. Normalmente, ele deveria ter entrado à esquerda na Segunda e seguido para a E, para ir para casa. Não teria continuado até o parque.

— Ele tinha um cachorro ou coisa assim? Talvez tenha ido para casa e saído para dar uma volta no parque.

— Ele de fato tinha um cachorro, mas não tinha passado em casa. Pelo menos não acreditamos que tenha. E, se ia sair para passear com o cachorro, o Marion Park fica muito mais perto da casa dele.

— Isso é estranho.

Os olhos de Chandler se estreitaram enquanto pensava em alguma coisa.

— Mas o Marion Park tem uma coisa que o Garfield não tem.

— O que é?

— Uma delegacia de polícia bem do outro lado da rua.

— Quem quer que o matou devia saber disso.

— A delegacia não é exatamente um grande segredo. Queremos que nossa presença seja conhecida por lá para desestimular crimes.

— Pelo jeito você acha que ele foi morto no parque ou que talvez tenha sido morto em outro lugar e largado lá?

— Havia sangue na grama. Não recuperamos os cartuchos de bala... pelo menos por enquanto. O assassino deve ter usado um silenciador, provavelmente, a menos que tenha sido um assalto

casual, seguido de morte. Usar silenciador em um revólver é muito arriscado. Se ele usou uma semiautomática, então deveríamos encontrar um cartucho, a menos que tenha sido recolhido.

— A bala ainda está no corpo?

Chandler balançou a cabeça.

— Espero que ponhamos a mão numa arma para poder comparar.

— Considerando o que aconteceu no apartamento de Michael, você provavelmente deveria ter alguém guardando o apartamento de Wright.

— Puxa, mas que coisa, por que não pensei nisso.

— Desculpe. Alguma ideia de quando Wright saiu da Corte ontem à noite?

— Ainda estamos verificando isso. Depois da hora de expediente normal, só uma porta fica aberta para entrada e saída. Esta porta tem segurança de plantão o tempo todo e fecha às duas da manhã. Depois disso você precisa de um guarda para abrir para poder sair. Pode sair pela garagem também, mas também é guardada. Contudo Wright não dirigia, portanto a garagem é irrelevante.

— Então alguém deve tê-lo visto sair.

— Meu pessoal está verificando com os guardas de plantão ontem à noite.

— Este lugar não tem câmeras de vigilância?

— Quer dizer na sala de audiências? — perguntou Chandler com um sorriso. — A resposta é sim, mas não em todos os lugares e, infelizmente, não ao longo desta parte do corredor. Mas estamos examinando as fitas agora para ver se há alguma coisa de relevante nelas. — Chandler consultou as anotações mais uma vez. — Naquela hora da noite, realmente a única atividade neste andar teria sido um funcionário trabalhando até tarde.

— Alguma coisa útil no passado de Wright?

Chandler sacudiu a cabeça.

— Não encontramos nenhum esqueleto escondido até agora. Descobrir o motivo vai ser difícil neste caso.

— Mas a carteira dele tinha sumido.

— Sim, eu pensei nisso. Um pouco conveniente demais.

— Como se alguém estivesse querendo nos fazer pensar que os dois assassinatos estão relacionados?

— Você sabe, na verdade, poderia ser um maluco querendo se vingar da Corte.

— Eu acredito que os assassinatos estejam relacionados, mas não pelos motivos que todo mundo provavelmente está pensando.

— Como assim?

— Se Mike foi morto por um motivo que alguém não quer que descubramos, então matar um outro assistente jurídico, fazendo com que pareça relacionado, seria uma ótima maneira de desviar nossa atenção.

Chandler pareceu ficar intrigado.

— Então qual é o verdadeiro motivo por que alguém matou seu irmão e está querendo esconder?

Fiske hesitou de novo. Manter o recurso roubado em segredo estava começando a ficar muito difícil.

— Não sei, mas eu poderia ter uma ideia de por que Wright foi morto.

— Além de uma pista falsa?

— Vamos dizer que sua morte poderia ter servido a um propósito duplo.

Naquele momento Sara veio se juntar a eles, tentando, com grande dificuldade, esconder sua agitação.

— John, poderíamos conversar um instante?

— Srta. Evans — disse Chandler com um largo sorriso —, espero que seu passeio até Richmond tenha sido agradável e sem percalços.

— Vamos dizer apenas que foi diferente — respondeu ela rapidamente. — John, eu realmente preciso falar com você.

— Posso encontrá-lo depois, Buford?

— E pode me contar sua teoria.

Enquanto eles se afastavam juntos, o sorriso de Chandler se apagou. Estava se perguntando se teria acabado de perder seu parceiro não oficial para Sara Evans.

∞

Minutos depois que Sara saiu de seu escritório, a juíza Knight passou para falar com ela. Começou a deixar um recado escrito quando viu o processo no tribunal do caso Chance com a mensagem de Wright anexa. Sentou-se na cadeira de Sara e leu o bilhete. Depois que terminou, de repente Knight se deu conta do que havia feito. Tinha dado instruções a Wright para trabalhar até tarde, a noite inteira, se fosse necessário. Ele fizera o serão, e, quando saíra tarde da noite do prédio, alguém o matara. Seu precioso processo do tribunal. Um jato de ar saiu de seus pulmões tão violentamente que ela quase sufocou. Largou o processo sobre a mesa e saiu correndo da sala.

Um minuto depois passou correndo por sua equipe deixando todos espantados e trancou a porta de seu gabinete. Olhou em volta para o aposento bonito e espaçoso, que tinha até sua própria lareira. Ali, ela ficava sentada e refletia sobre suas pequenas estratégias, suas filosofias de vida. E aquilo custara a vida de um homem jovem. Ela tirou os sapatos fechados de salto alto, deixou-se cair num canto, cobriu o rosto e chorou.

39

DE VOLTA A SEU ESCRITÓRIO, Sara passou os trinta minutos seguintes pondo Fiske a par de tudo o que havia descoberto.

— Quando Barker telefonar de volta com o nome do advogado, poderemos falar com ele e talvez realmente começar a chegar em algum lugar.

— Isto seria bom.

— Você acredita que Michael foi visitar Harms na prisão?

— O que realmente complica as coisas é o fato de o sujeito ter fugido.

Sara, de repente, teve um pensamento aterrador.

— Você não acha que Michael estava de alguma forma metido nisso, acha?

— Meu irmão não faria parte de nada que fosse ilegal.

— Não quero dizer intencionalmente.

— De acordo com os jornais, Harms fugiu de um hospital, em Roanoke, depois que o corpo de Mike foi encontrado. Mas não estou dizendo que o paralelo entre os dois acontecimentos tenha sido pura coincidência.

— Fez alguma dedução brilhante?

— Acho que sei por que Wright foi morto.

— Por quê? Por que ele sabia a respeito de Harms? Sobre o que Michael havia feito?

— Não, ele foi morto porque viu alguma coisa. Alguma coisa que não deveria ter visto.

Sara puxou a cadeira para mais perto da dele.

— Que está querendo dizer?

— O escritório de Wright... seu antigo escritório fica logo adiante no corredor, depois do de Mike. Wright deveria trabalhar a noite inteira.

Sara se encolheu na cadeira.

— Certo. Porque eu disse a ele que tinha de fazê-lo.

— Não, porque Knight disse a você para dizer a ele que teria de fazê-lo. Bem, o corpo dele foi encontrado num parque que sequer ficava no caminho de casa dele. Chandler me disse que ele foi morto entre meia-noite e duas da madrugada da noite passada. Se deveria estar trabalhando aqui a noite inteira, o que estava fazendo no parque?

— Acredita que alguém o levou para lá e o matou?

— Mais precisamente, que alguém o tirou de dentro da Suprema Corte, o levou para o parque e o matou.

Sara ficou boquiaberta.

— Quer dizer que o assassino estava aqui? Fiske balançou a cabeça, concordando.

— Não sei se a pessoa trabalha aqui, mas creio que esteve fisicamente presente, aqui, ontem à noite.

— Que poderia Steve ter visto que lhe custou a vida?

— Creio que ele viu alguém entrar no escritório de Mike. Ontem, Wright ouviu Chandler dizer a todo mundo que a entrada de qualquer pessoa no escritório estava proibida. Quem quer que tenha entrado no escritório de Mike pode não ter sabido que Wright estava em seu escritório. Presumo que vocês não comuniquem ao mundo quando vão trabalhar até tarde.

— Como ontem à noite, com frequência nós nem sabemos até o último minuto.

— Certo. De maneira que alguém entra no escritório procurando por alguma coisa...

— Tipo o quê?

— Quem sabe? Cópias que Mike tivesse feito da apelação. Recados telefônicos, alguma coisa no computador dele.

— Mas isso seria um risco terrível. Aqui há segurança vinte e quatro horas por dia.

— Bem, se a pessoa soubesse que a polícia ia revistar o escritório inteiro na manhã seguinte, teria apenas uma quantidade de tempo limitada para fazê-lo.

— Isto faz sentido.

— De maneira que Wright ouve alguma coisa, ou ele acabou de despachar seu processo, sai da sala e dá de cara com quem quer que seja.

— Se sua teoria estiver correta, acha que Steve conhecia a pessoa que o matou.

Fiske respirou fundo e se recostou na cadeira.

— Acho que tinha de conhecer. Caso contrário, ele teria dado um sinal de alarme imediatamente. E eu vi Dellasandro trancar a porta do escritório de Mike. Não há sinal de entrada forçada. A pessoa tinha a chave.

— Mas então alguém deve ter visto alguma coisa.

— Não necessariamente. Se o assassino estivesse familiarizado com a planta da Corte, então saberia como evitar ser visto com Wright, até estarem fora do prédio.

— Então poderia ser alguém em quem ele confiasse.

Fiske olhou para ela.

— Como um dos juízes?

Sara o encarou, horrorizada.

— Sou capaz de aceitar muita coisa, mas isso não posso aceitar. Uma ideia repentina ocorreu-lhe. — Talvez tenha sido McKenna. Steve teria confiado nele, sendo do FBI e tudo.

— Como McKenna poderia estar envolvido nisso?

— Não sei. Ele foi o primeiro que me ocorreu.

— Por que não é funcionário da Corte e me esmurrou?

Sara suspirou.

— Provavelmente. — Então ela se lembrou de uma coisa e revirou os papéis em sua mesa até encontrá-la. — Posso lhe dizer a que horas Steve saiu. — Pegou o processo que Wright havia deixado para ela. No alto da página do processo havia uma data e o horário carimbados. Ela virou os papéis para que Fiske visse.

— O sistema de processamento de texto imprime automaticamente a data e o horário nos documentos, porque fazemos muitas revisões e rascunhos. Dessa forma você pode dizer rapidamente qual é o último.

Fiske olhou para o carimbo com o horário.

— Isto foi impresso à uma e quinze da manhã de hoje.

— Exato. Steve acabou de despachar o processo, o imprimiu, colocou sobre minha mesa e depois provavelmente foi embora.

— E viu seja lá o que for.

Ela de repente pareceu ficar perplexa.

— Espere um minuto. Alguma coisa não faz sentido aqui. Quando um assistente trabalha até tarde, geralmente o que acontece é que um dos policiais da Corte dá uma carona para ele, se morar por perto. — Ela olhou para Fiske. — Os policiais daqui são realmente gentis conosco.

— E à uma e quinze o metrô não está mais funcionando, está?

— Não. Além disso, Steve morava a menos de quinze minutos de carro daqui. Várias vezes antes já tinha pegado caronas.

— Portanto são muito boas as probabilidades de que Steve tenha pegado uma carona, para ir para casa, com alguém da Corte?

— Tendo saído à uma e quinze da manhã, eu diria que é uma possibilidade segura.

— E quanto a um táxi? Talvez naquela hora não houvesse guardas disponíveis para que um o levasse em casa.

Ela pareceu em dúvida.

— Acho que é possível.

— Se um policial de fato o levou em casa, isso deveria ser bastante fácil de confirmar. Vou dizer a Chandler.

— Então, onde ficamos com isso?

Fiske encolheu os ombros.

— Precisamos ver a folha de serviço militar de Harms. Tenho um velho amigo no Gabinete do Comissariado das Forças Armadas do Exército. Vou telefonar e ver se ele pode ajudar a apressar o processo. Enquanto não soubermos quem está envolvido em tudo isso, quero que o mínimo possível de pessoas saibam que estamos investigando.

Sara estremeceu e se envolveu com seus próprios braços.

— Sabe de uma coisa? — disse. — Estou começando a ficar apavorada com qual pode ser a verdade.

ENQUANTO SARA VOLTAVA AO TRABALHO, Fiske telefonou para seu amigo advogado no Comissariado das Forças Armadas do Exército, Phil Jansen, e passou para ele sua solicitação. Entre outras coisas, pediu a Jansen que lhe conseguisse uma lista do pessoal aquartelado em Fort Plessy durante o período em que Rufus Harms estivera lá.

Quando Fiske foi se juntar a Chandler, relatou sua teoria sobre o motivo por que Wright fora morto. Chandler ficou impressionado.

— Nós verificaremos as companhias de táxi também. Esperemos que alguém tenha visto ou ouvido alguma coisa.

Chandler fitou atentamente o homem mais jovem.

— E, então, descobriu alguma coisa interessante com a Srta. Evans durante o tempo que passaram juntos ontem à noite?

— Creio que ela é boa pessoa. Um pouco impulsiva, mas uma boa pessoa. Muito esperta.

— Alguma outra coisa? Em nossa primeira reunião, Ramsey disse que ela e seu irmão eram muito próximos. Ela conhece algum motivo para a morte dele?

— Você poderia querer perguntar isto a ela.

— Bem, estou perguntando a você, John. Pensei que fôssemos uma equipe. — Ele chegou ainda mais perto de Fiske. — Já existem realmente coisas demais que não compreendo me pegando pela frente, neste caso, sem ter de ficar de olho nas minhas costas. Você foi um policial, deveria compreender o que significa guardar a retaguarda de alguém.

Fiske respondeu zangado.

— Eu nunca deixei um parceiro na mão.

— Bom saber. Então conte-me o que aconteceu ontem à noite. Fiske desviou o olhar, pensando em qual seria a melhor maneira de lidar com aquilo. Negar as informações não seria o melhor caminho. Então, como poderia agir corretamente com Chandler e ao mesmo tempo evitar destruir a vida de Sara e a reputação de seu irmão?

— Podemos ir tomar um café por aqui?

— Na cafeteria. Eu até pago.

Alguns minutos depois estavam na cafeteria no andar térreo. A sessão da tarde da Corte estava em curso, e a cafeteria, portanto, estava quase vazia.

Fiske bebericou o café enquanto Chandler o observava.

— John, não pode ser assim tão mau, a menos que me diga que você é o sujeito que anda por aí matando gente.

— Buford, se eu lhe contar alguma coisa, depois, você tem regras muito específicas com relação ao que deve fazer com esta informação e quem mais toma conhecimento dela.

— Isto é verdade. E estas regras são o que está impedindo você de abrir o jogo?

— O que você acha?

— Eu acho que vamos falar em hipóteses, certo? Pois bem, meu trabalho é coletar os fatos e usar esses fatos para finalmente prender alguém por um crime. Se não estivermos falando de fatos, mas apenas de teorias... como a sua teoria sobre o motivo por que Wright foi assassinado... então posso investigar essa teoria, mas não tenho obrigação de comunicá-la em relatório a ninguém, até que seja provado que está correta por meio da descoberta de fatos para corroborá-la.

— Assim sendo podemos falar teoricamente e ficará entre você e eu?

Chandler sacudiu a cabeça.

— Não posso prometer que ficará entre você e eu. Não se vier a se tornar um fato.

Fiske baixou o olhar para sua xícara de café. Ao perceber que o estava perdendo, Chandler bateu com a colher na xícara de Fiske.

— John, a coisa essencial aqui é descobrir quem matou seu irmão e Wright. Pensei que isto fosse o que você queria.

— E é. É tudo o que quero.

Realmente? Chandler de repente duvidou daquilo.

— Então qual é o problema?

— O problema é que a gente pode prejudicar as pessoas ao mesmo tempo que está tentando ajudá-las.

— Só seu irmão? Ou mais alguém?

Fiske sabia que já havia falado demais. Decidiu partir para a ofensiva.

— OK, Buford, vamos discutir teorias por um minuto. Vamos supor que alguém aqui da Corte retirou um recurso antes que fosse incluído no sistema da Corte.

— Por quê e como?

— Aparentemente o como é fácil. O porquê não é.

— OK, continue.

— Agora, vamos supor que uma outra pessoa, na Corte, tenha visto este recurso, descoberto que não estava no sistema, mas não tenha dito nada sobre isso.

— Imagino que o porquê disso também seja complicado.

— Talvez não. Vamos presumir ainda que a pessoa que tirou o recurso o tenha feito por um bom motivo. E que esta pessoa foi a algum lugar, para visitar a pessoa que tinha entrado com o recurso.

— Os mil e duzentos quilômetros no carro de seu irmão?

Fiske encarou o detetive com uma expressão dura, impassível.

— Isto é um fato, Buford. Não estou discutindo fatos.

Chandler tomou um gole de café.

— Continue.

— E vamos supor que a pessoa que havia feito o recurso era um prisioneiro.

— Isto é um fato ou apenas especulação?

— Não estou preparado para dizer.

— Bem, eu estou preparado para perguntar. Onde está o prisioneiro?

— Eu não sei.

— Que quer dizer com você não sabe? Se ele é um prisioneiro, tem de estar em alguma prisão em algum lugar, não tem?

— Não necessariamente.

— Que diabo isto... — Chandler abruptamente fechou a boca e olhou fixo para o outro lado da mesa. — Está dizendo que esta pessoa escapou da prisão? — Fiske não respondeu. — Por favor não me diga que seu irmão foi enganado por uma porcaria de pedido de socorro de algum condenado e foi à prisão, ajudou na fuga e o cara o matou. Droga, por favor, não me diga isto. — A voz de Chandler ficou mais alta em sua agitação.

— Não estou lhe dizendo isso. Não foi isso o que aconteceu.

— Tudo bem. Este recurso... você sabe o que diz?

Eles agora já tinham ido muito além de teorias, Fiske sabia. Sacudiu a cabeça.

— Eu nunca, nem sequer o vi.

— Então como sabe que existe?

— Buford, não vou responder esta pergunta.

— John, posso fazê-lo responder a esta pergunta.

— Então vai ter de me obrigar.

— Você sabe que está assumindo um risco aqui.

— Sei. — Fiske acabou de beber o café e se levantou. — Vou tomar um táxi para ir buscar meu carro.

— Eu levo você. Tenho outros casos em que estou trabalhando, ainda que este seja o único com que o mundo se importa agora.

— Acho que seria melhor para nós dois se não me levasse.

Chandler franziu os lábios.

— Como quiser. Seu carro está no estacionamento dos fundos. As chaves estão no banco da frente.

— Obrigado.

Chandler observou Fiske sair da cafeteria.

— Espero que ela valha a pena, John— disse o detetive em voz baixa.

∞

Chandler havia mandado que algumas sindicâncias fossem feitas e pedido algumas informações e, quando voltou a seu escritório, encontrou uma pilha de documentos sobre a mesa. Uma linha de investigação padrão havia sido obter os registros de telefonemas dados do escritório e da casa de Michael Fiske. Os resultados estavam catalogados na resma de papel. O telefonema para seu irmão estava lá. Havia outros para a família. Uma dúzia deles para um número que havia sido identificado como sendo o telefone de Sara Evans. Aquilo era interessante, pensou. Teriam os dois irmãos caído pela mesma mulher? Quando Chandler chegou ao fim da lista, seu pulso se acelerou. Depois de todos os anos trabalhando na polícia, aquilo agora raramente acontecia. Michael Fiske havia telefonado para Fort Jackson, no sudoeste da Virgínia, várias vezes, as últimas, apenas três dias antes de seu corpo ser descoberto. Fort Jackson, Chandler sabia, abrigava uma prisão militar. E aquilo não era tudo. Chandler espalhou as pilhas sobre a mesa até que encontrou o que estava procurando. O telex havia sido distribuído em âmbito nacional pedindo assistência na captura do homem. Quando o viu antes, Chandler não dera muita importância.

Agora examinou atentamente a foto de Rufus Harms. Pegou o telefone e fez uma chamada rápida. Chandler precisava de uma informação e a obteve em menos de um minuto. Fort Jackson ficava a aproximadamente seiscentos quilômetros de Washington D.C.

Teria Harms sido o preso a fazer o recurso que John Fiske havia mencionado? E se havia sido ele, por que, de acordo com a teoria de Fiske, seu irmão o retirara?

Chandler olhou de volta para a lista de telefonemas. Os olhos dele passaram por um número sem registrá-lo, talvez porque fosse para um escritório de advocacia e havia várias chamadas relacionadas com advogados na lista. Mas o nome Samuel Rider não teria significado nada para o detetive mesmo se tivesse se concentrado nele por algum motivo. Chandler colocou a lista sobre a mesa e contemplou a possibilidade de mandar conduzir Fiske e Sara Evans e obrigá-los a lhe contar o que estava acontecendo. Mas então os instintos apurados ao longo de trinta anos entraram em ação com um preceito emergindo claramente: Você não pode confiar em ninguém.

∞

— Vamos, John — Sara implorou. Eles estavam no escritório dela, quase no final do horário do expediente.

— Sara, eu nem sequer conheço o juiz Wilkinson.

— Mas você não vê? Se alguém na Corte está envolvido, esta seria uma oportunidade perfeita para descobrir informações porque praticamente todo mundo da Corte vai estar lá.

Fiske estava prestes a protestar de novo, mas então se calou. Esfregou o queixo.

— A que horas começa?

— Às sete e meia. A propósito, já teve notícias de seu amigo do Comissariado das Forças Armadas?

— Já. Na verdade existem dois arquivos que se pode solicitar. A folha de registro de serviço de Harms, que contém não somente os registros de seu tempo de serviço militar mas também avaliações, informações pessoais, contrato de alistamento, soldo e histórico

médico. O segundo arquivo, o registro do julgamento em corte marcial, estaria com ele, em Fort Jackson. Os documentos relativos ao trabalho de seu advogado seriam mantidos no Gabinete do Comissariado das Forças Armadas, que cuidou da defesa de Harms. Isto é, se é que ainda o guardam depois de todos estes anos. Jansen está verificando. Vai mandar o que puder.

Enquanto Sara começava a reunir suas coisas para ir embora, Fiske permaneceu sentado.

— Então, que pode me dizer sobre o casal Knight? O passado deles e tudo mais.

— Por quê?

— Bem, vamos a uma festa em que eles são os anfitriões. Ela é uma pessoa importante na Corte e ele é um VIP por direito próprio. Isto os qualifica a fazer parte da investigação, você não acha?

— Você provavelmente sabe mais a respeito do passado de Jordan Knight do que eu. Ele vem de sua cidade natal.

Fiske encolheu os ombros.

— É verdade. Jordan Knight é um figurão de peso em Richmond. Pelo menos era, até entrar para a política. Ganhou um bocado de dinheiro.

— E muitos inimigos?

— Não, creio que não. Ele deu muita coisa para a Virgínia. Além disso, é um sujeito simpático, discreto.

— Então ele é um par estranho para Elizabeth Knight.

— Pude ver como ela deve ter machucado alguns egos no caminho para o topo.

— Mais do que alguns. Fazia parte do território. Procuradora federal durona, transformada em juíza togada durona. Todo mundo sabia que ela estava sendo preparada para um assento na Suprema Corte. Ela é o voto que decide a maioria dos casos mais importantes, uma coisa que deixa Ramsey louco. Tenho certeza de que é por isso

que ele a trata da maneira como trata. Luvas de pelica na maior parte do tempo, mas de vez em quando não consegue resistir a bater duro.

Fiske recordou o confronto entre os dois magistrados na conferência. Então era isso.

— Você também conhece bem os outros juízes? Parece conhecê-los suficientemente bem para acreditar que não poderiam cometer homicídios.

— Como em qualquer outra grande organização, eu conheço a maioria deles superficialmente.

— Qual é a formação e o histórico de Ramsey?

— Ele serviu nas Forças Armadas. No Exército ou no Corpo de Fuzileiros, talvez. — Ela percebeu o olhar de Fiske. — Nem pense nisso, John. Ramsey não anda por aí matando gente. Exceto por isso, conheço apenas o que consta na biografia oficial.

Fiske pareceu espantado.

— Eu teria imaginado que você soubesse de tudo a respeito dos outros juízes a partir de conversas com os outros assistentes jurídicos.

— Os assistentes jurídicos de um juiz costumam se manter unidos até certo ponto, embora toda quinta-feira à tarde haja um happy hour, quando todos nos reunimos. E periodicamente os assistentes jurídicos de um juiz convidam um outro juiz para almoçar, para uma coisa tipo "vamos nos conhecer". Tirando isso, cada gabinete é bastante fechado, independente dos outros — ela fez uma pausa —, exceto pela famosa rede de informações dos assistentes jurídicos.

—Mike mencionou alguma coisa a respeito disso logo depois de começar a trabalhar na Corte.

Sara sorriu.

— Tenho certeza que sim. Os assistentes jurídicos são os porta-vozes de seus juízes. Estamos o tempo todo soltando balões de ensaio, tentando descobrir, uns através dos outros, a posição de um

juiz. Por exemplo, Michael costumava me perguntar do que Knight precisava num parecer majoritário para votar com Murphy.

— Mas se Murphy já está redigindo o parecer majoritário, por que precisa conquistar outros votos?

— Você realmente não sabe nada sobre a maneira como trabalhamos.

— Sou um simples advogado de tribunal.

— Certo. Sr. Simples Advogado de Tribunal, o fato é que se eu recebesse dez dólares por cada vez que um parecer majoritário se transformasse numa divergência, porque não conseguiu reunir apoio suficiente, seria rica. O segredo é que você tem de preparar um parecer que receba cinco votos. Um ou mais pareceres divergentes podem estar circulando simultaneamente. O uso dos pareceres divergentes, ou até mesmo a ameaça deles, é uma arte difícil.

Fiske olhou para ela curiosamente.

— Pensei que os divergentes estivessem no lado que está perdendo. Que tipo de influência poderiam ter?

— Digamos que um juiz não gosta da forma ou da direção em que o parecer da maioria está sendo elaborado. Então, ele põe em circulação uma minuta, apresentando violenta divergência que faz com que a corte inteira fique em má posição se for publicado ou que até tire a sustentação do parecer da maioria. Ou, melhor ainda, e mais fácil, o juiz torna conhecido o fato de que pretende redigir esta minuta de divergência, a menos que o parecer da maioria seja alterado ou mais moderado. Todos eles fazem isso. Ramsey, Knight, Murphy. Trabalham assim furiosamente.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Como em uma longa campanha política, sempre brigando por cada voto. A versão jurídica de doadores de fundos de campanha eleitoral. Você me dá isso e terá meu voto.

— E saber quando partir para a batalha. Digamos que um ou mais juízes não gostem de como um caso foi decidido há cinco anos.

Pois bem, a Corte não derruba um precedente seu com facilidade, de maneira que você tem de pensar estrategicamente. Aqueles juízes poderiam usar um caso atual para começar a construir as bases para derrubar o precedente de que não gostaram daqui a anos. Isso também se aplica na seleção de casos. Os magistrados estão sempre à procura do caso certo para usar como veículo para mudar um precedente de que não gostam. É como um jogo de xadrez.

— Vamos esperar que uma coisa não se perca em todo esse jogo.

— E o que é?

— Justiça. Talvez isto seja o que Rufus Harms quer. O motivo por que fez o recurso. Acha que ele pode obter justiça aqui?

Sara baixou o olhar.

— Não sei. O fato é que as partes individuais envolvidas em casos deste nível realmente não são assim tão importantes. Os precedentes estabelecidos por intermédio de seus casos, isso é o que conta. Tudo depende do que ele está pedindo. Que impacto terá sobre os outros.

— Bem, isso realmente é desprezível. - Fiske sacudiu a cabeça e lançou um olhar penetrante para ela. — Um lugarzinho de fato interessante, essa Suprema Corte.

— Então você vai à festa?

— Não perderia por nada.

41

JOSH HARMS HAVIA PRESUMIDO QUE A POLÍCIA agora estivesse vigiando as estradas secundárias, portanto escolhera a tática oposta de seguir pela rodovia interestadual. Contudo, estava anoitecendo, e, com as janelas fechadas, estavam em segurança; uma viatura policial teria imensa dificuldade de ver o interior da picape. Mas a despeito de todas as suas precauções, sabia que estavam seguindo rumo a um desastre.

Engraçado, pensou, depois de todo o inferno pelo qual seu irmão havia passado, que ele pudesse sequer pensar em querer fazer a coisa certa, mesmo correndo o risco de morrer, de perder a liberdade que nunca lhe deveria ter sido tomada para começar. Ele tinha vontade de amaldiçoar e ao mesmo tempo elogiar Rufus. A visão de mundo de Josh com relação à vida não era complicada: era ele contra todo mundo. Não saía procurando encrencas, mas tinha um gatilho que respondia à mínima pressão quando enfrentava alguém disposto a abusar dele. Era um espanto realmente que tivesse vivido tanto tempo, sabia.

Mesmo assim, era preciso admirar uma pessoa como Rufus, que podia lutar até o fim contra tudo aquilo, contra pessoas que não queriam ver o mundo mudar nem um pouquinho desde que elas estivessem por cima, no comando. Talvez a verdade vá realmente libertá-lo, Rufus, pensou. De repente, pelo canto do olho viu uma coisa no espelho lateral retrovisor que o fez baixar a mão e agarrar o cabo da arma.

— Rufus — gritou para trás através da janela aberta ligando a cabine ao trailer — temos um problema aqui.

O rosto de Rufus apareceu na janela.

— Qual é?

— Esconda-se! Fique abaixado, esconda-se! — advertiu Josh. Seu olhar mais uma vez fixou o carro de polícia, que era um ponto fixo, constante, no espelho retrovisor lateral da picape. O carro de polícia passou por nós duas vezes e agora está nos seguindo.

— Você está em excesso de velocidade?

— Cinco quilômetros abaixo.

— Alguma coisa errada com a picape, lanterna traseira apagada?

— Não sou burro a esse ponto. O carro está direito.

— Então o quê?

— Olhe, Rufus, só porque você passou esse tempo todo na prisão não quer dizer que o mundo tenha mudado coisa nenhuma. Sou um homem preto num carro que é realmente um belo veículo, na autoestrada à noite. Os tiras acham ou que eu roubei o carro ou estou traficando drogas. Merda, ir a uma loja para comprar leite pode ser uma verdadeira aventura. — Ele olhou para o espelho lateral de novo. Parece que ele está pronto para acender o giroscópio.

— Que vamos fazer? Não posso me esconder aqui atrás.

Josh não tirou os olhos do espelho mesmo quando enfiava a arma debaixo do assento.

— É, rapaz, a qualquer segundo ele vai acender aquele giroscópio e estamos fritos. Deite no chão e se cubra com aquela lona, Rufus. Faça isso agora. — Josh puxou o boné de beisebol para baixo, enfiando-o de tal maneira na cabeça que somente os cabelos brancos em suas têmporas ficavam à vista. Esticou o queixo para a frente e empurrou o lábio inferior para fora, dando a impressão de que não tinha dentes. Inclinou-se para o lado, abriu o porta-luvas e tirou uma lata de fumo de mascar e pôs um pedaço grande na boca, que fez com que a bochecha ficasse saliente. Deixou que seu corpo forte se encolhesse. Então, baixou o vidro da janela e enfiou o braço para fora, fazendo sinal em movimentos lentos e ondulados para que a viatura policial encostasse no acostamento da estrada. Josh foi

encostando a picape lentamente no acostamento e parou. O carro de polícia rapidamente estacionou atrás da picape, as luzes do giroscópio lançando um reflexo azul surpreendente e assustador na escuridão.

Josh esperou na picape. Você deixa que os rapazes de uniforme azul venham até onde está, sem movimentos apressados. Ele se encolheu quando o foco das luzes de busca da viatura policial se refletiram no pequeno espelho lateral. Uma tática policial para desorientar as pessoas, que ele conhecia muito bem. Josh ouviu o ruído das botas pisando no trecho de cascalho. Podia imaginar o policial se aproximando, com a mão na arma, os olhos cravados na porta.

Três vezes, anteriormente, havia sido obrigado pela polícia a parar, e depois Josh sempre ouvia o tilintar de vidro quebrando quando o cassete por acaso colidia com a lanterna traseira, com o resultado de que recebera multas por infração de manutenção de equipamento. Aquilo era feito unicamente com o intuito de aborrecê-lo, para ver se faria alguma coisa que pudesse lhe render algum tempo na cadeia. Nunca funcionara.

Sim, senhor, não, senhor policial, senhor, dizia ao mesmo tempo que tinha vontade de esmurrar o homem até deixá-lo inconsciente.

Pelo menos nunca tinham posto drogas em seu carro e depois tentado dar-lhe um flagrante. Tinha vários amigos passando temporadas na cadeia agora, depois de terem sido falsamente acusados em armações com aquele tipo de merda.

— Lute contra isso — sua ex-mulher Louise sempre dizia.

— Lute contra o quê? — retrucava. — Seria melhor estar lutando com Deus por todo o bem que isso me trará.

Quando as passadas pararam, Josh olhou para fora pela janela. O policial estadual olhou de volta para ele. Josh reparou que era latino.

— Qual é o problema, senhor? — perguntou o policial.

Com a massa de fumo fazendo volume contra a bochecha a cada sílaba, Josh disse.

— Eu quero ir na Luzzana. — Ele apontou para a estrada. — Aqui tá certo?

O policial cruzou os braços confuso.

— Agora, diga de novo para onde quer ir?

— Luzzana. Bat Rouge.

— Baton Rouge, Louisiana? — O policial deu uma gargalhada. Está muito longe de lá.

Josh coçou o pescoço e olhou em volta.

— Meus filho tão lá e faz muito tempo que num viro o pai. A expressão do policial ficou séria.

— Certo.

— O homem disse que eu chego lá por essa estrada aqui.

— Bem, o homem não explicou isso direito.

— Hum, o sinhô sabe como eu chego lá?

— Sei, pode me seguir, mas não posso indicar o caminho inteiro. Josh ficou olhando para o homem.

— Meus filho, eles são bão, querem ver o pai. Vai me ajudar?

Está bem, vou lhe dizer o que vamos fazer. Estamos perto da saída em que tem de entrar para pegar a estrada na direção certa. O senhor me segue até lá e depois fica por sua conta. Pare e pergunte a outra pessoa. Que tal?

— Tudo bem. — Josh tocou a aba do boné.

O policial estava prestes a voltar para sua viatura quando lançou um olhar para o trailer. Direcionou a luz da lanterna para a janela lateral e viu as caixas empilhadas.

— Senhor, se importa se eu der uma olhada no trailer?

Josh se manteve impassível, embora sua mão tivesse deslizado para a frente do banco onde estava a arma.

— Claro que não. — O policial foi até a traseira do trailer e abriu a porta de vidro superior. A parede de caixotes o encarou. Atrás das pilhas, Rufus estava encolhido debaixo da lona na escuridão do trailer.

— O que o senhor tem aqui? — gritou o policial.

— Comida — Josh gritou de volta, se inclinando para fora pela janela.

O policial abriu um caixote, sacudiu uma lata de sopa, abriu o caixote de biscoito e depois botou de volta, fechou o caixote e então fechou a janela do trailer. Andou de volta até a janela do lado do motorista.

— Tem muita comida. A viagem não é assim tão longa.

— Eu perguntei prós meus filho que qui eles queria. Eles dissero comida.

O policial piscou.

— Ah. Bem, o senhor é generoso. Realmente generoso.

— Tem filhos?

— Dois.

— Então, tudo bem.

— Faça boa viagem. — O policial caminhou de volta para sua viatura.

Josh entrou de volta na estrada depois que o carro de viatura o ultrapassou.

Rufus apareceu na janela do trailer.

— Eu estava suando rios lá atrás.

Josh sorriu.

— A gente tem que ficar frio. Se você responde com mau humor, eles batem em você. Se age de maneira educada demais, eles imaginam que está querendo levá-los na conversa e batem em você. Agora, se age como se fosse velho e burro, eles não dão a mínima.

— Mesmo assim foi por um triz, Josh.

— Demos sorte de pegar um mexicano. Eles dão muita importância para família, filhos. Você fala esse tipo de merda e eles são legais com você. Se ele fosse branco, poderíamos ter tido um grande problema. Depois de decidir que iria revistar, um branquela teria tirado tudo de dentro daquele trailer até encontrar você. Agora, se tivesse sido um irmão de cor, poderia ter me dado um refresco, mas a gente nunca sabe. Às vezes, depois que eles vestem aquele uniforme, começam a agir como se fossem brancos.

Rufus encarou o irmão com uma expressão de desagrado.

— Agora, os asiáticos, esses são os piores — continuou Josh. Não se pode dizer nada a eles. Ficam simplesmente parados ali e olham para você, sem ouvir uma maldita palavra, e então saem e fazem o que vão fazer. É melhor meter bala nos bandidos, antes que eles metam kung fu no seu rabo. Pois é, foi realmente bom que tivéssemos encontrado o policial Pedro. — Josh cuspiu o fumo de mascar pela janela.

— Você sabe tudo de todo mundo? — perguntou Rufus zangado.

Josh lançou um olhar para ele.

— Tem algum problema com isso?

— Talvez.

— Bem, você vive sua vida da maneira que você quer, eu vivo a minha da maneira que eu quero. Vamos ver quem vai mais longe. Eu sei que você enfrentou uma dureza na cadeia, mas aqui fora não é nenhum piquenique. Tenho minha prisão particular bem aqui fora. E ninguém me condenou por coisa nenhuma.

— Deus fez a todos nós, Josh. Não é certo tentar nos dividir. Já vi muitos brancos surrados e derrotados na prisão. O Mal vem sob todas as formas, de todas as cores. A Bíblia diz isso. Eu não vou julgar ninguém exceto pelo que fazem a si mesmos. É a única maneira.

Josh fungou.

— Olhe só você, dizendo isso. Depois de tudo que o Tremaine e os outros lhe fizeram. Você está me dizendo que não os odeia, que não quer matá-los?

— Não. Se me sentisse assim, isto significaria que Vic tirou o amor de meu coração. Tirou meu Senhor de mim. Se ele faz isso, significa que está me controlando. Não existe ninguém aqui na terra forte o bastante para tirar meu Deus de mim. Nem o velho Vic, nem você, nem ninguém. Eu não sou burro, Josh. Sei que a vida não é justa. Sei que os negros não estão com as rédeas na mão, no comando do mundo. Mas não vou tornar o problema ainda pior odiando as pessoas.

— Merda. Você recebeu o cartão de ouro de Deus para odiar todas as pessoas brancas que um dia nasceram.

— Você está errado. Se eu os odiar, será como odiar a mim mesmo. Eu já segui por este caminho logo que fui para a prisão. Odiava todo mundo. O Diabo era meu dono, mas o Senhor me chamou de volta. Não posso fazer isso. Não vou fazer isso.

— Bem, este é seu problema. Quanto antes conseguir superá-lo melhor.

∞

— Isto foi uma terrível negligência de sua parte, Frank. Você apagou o Rider e a mulher, mas não revistou o escritório dele? A mão de Rayfield se contraiu em volta do fone.

— Bem, diga-me exatamente quando deveria ter feito isso. Se tivesse feito antes que o tivéssemos matado, ele teria ficado desconfiado e talvez conseguisse fugir. Se tivéssemos sido apanhados revistando o escritório agora, haveria perguntas para as quais não tenho resposta.

— Mas acabou de me dizer que eles consideraram o caso homicídio seguido de suicídio. Os policiais não vão investigar mais

nada.

— Provavelmente é verdade.

— Então pode ir revistar o escritório. Tipo hoje à noite.

— Se a costa estiver livre.

— Você encontrou a carta que Harms recebeu do Exército?

— Ainda não... - Ele se interrompeu quando Tremaine irrompeu porta adentro de seu escritório, balançando uma folha de papel na mão. — Um momento.

Tremaine colocou o papel na frente de Rayfield, que empalideceu enquanto o lia. Ele olhou para o rosto sombrio de Tremaine.

— Onde o achou?

— Aquele filho-da-puta fez um buraco num dos suportes da cama. Muito bem feito. — Tremaine acrescentou a contragosto.

Rayfield falou ao fone. Em frases concisas transmitiu o conteúdo da carta.

— Isto foi coisa sua, Frank?

— Olhe, se o sujeito tivesse morrido na prisão da maneira como planejamos, eles teriam feito uma necropsia, certo? Bem, esta era a única maneira de cobrir aquele buraco. Todos nós concordamos.

— Mas, Cristo, Harms não morreu. Por que não excluiu do sistema mais tarde?

— Eu excluí! Você não acha que se eu não tivesse sumido com isso, não teria aparecido durante a investigação? Rider não era burro, ele teria martelado nisso como defesa.

— Então se você o tirou dos registros naquela época, por que o Exército mandou aquela carta para ele depois de todos esses anos?

— Quem sabe? Algum burocrata idiota poderia ter encontrado um pedaço de papel e posto de volta, naquela época entravam num banco de dados. Uma vez constando dos registros oficiais do Exército, você nunca sabe se alguma coisa não vai tornar a aparecer,

não importa o quanto tente enterrá-la. É a maior maldita burocracia do mundo. Não se pode controlar tudo.

— Mas era sua função ficar atento quanto a isso.

— Não me diga qual é minha função. Tentei ficar atento, mas isso não quer dizer que pudesse verificar toda merda, todo santo dia, durante os últimos vinte e cinco anos.

A voz suspirou.

— Então agora sabemos o que despertou a memória de Harms.

— Qualquer estratégia sempre traz riscos.

— Bem, talvez Rider tenha uma cópia desta carta.

— Não sei como Rufus Harms poderia ter tido acesso a uma copiadora, e a carta não estava com os documentos que faziam parte do recurso que deu entrada na Corte, sabemos disso com certeza.

— Mas não podemos ter certeza de que ele não o fez. Isso é mais uma razão para você ir ao escritório de Rider esta noite.

Rayfield olhou para Tremaine e disse ao telefone.

— Está bem, iremos lá esta noite. Vamos agir depressa e com eficiência.

O SENADOR KNIGHT CUMPRIMENTOU FISKE E SARA calorosamente quando entraram pelo vestibulo. Atrás dele podiam ver que o local estava repleto, cheio de membros da elite do mundo de negócios e da política da capital da nação.

— Que bom que tenha podido vir, John — disse Jordan Knight, apertando sua mão. — Sara, você está radiante como sempre. — Ele deu-lhe um abraço e trocaram beijinhos nas faces.

Fiske lançou um olhar para Sara. Ela havia trocado as roupas de trabalho por um vestido de verão, de suaves cores pastel, que realçava lindamente o bronzeado de sua pele. O coque havia desaparecido e os cabelos, soltos, emolduravam atraentemente seu rosto.

Ela pegou Fiske observando-a e ele rapidamente desviou os olhos, constrangido, antes de aceitar o drinque oferecido por um dos garçons. Sara e Jordan Knight fizeram o mesmo.

Jordan olhou em volta, parecendo ligeiramente embaraçado também.

— Sei que a ocasião para esta maldita festa é atroz. — Ele observou Sara atentamente ao dizer isso. — Sei que Beth sente o mesmo, embora não admita.

Claro que sim, pensou Fiske.

Jordan inclinou o copo na direção de um homem idoso e disse em voz baixa:

— Kenneth Wilkinson infelizmente não deverá estar entre nós por muito mais tempo. Contudo, ele é duro na queda e poderia enganar todos nós. Mas viveu uma vida longa e inspiradora. É meu mentor e meu amigo. Sou um homem melhor por tê-lo conhecido.

— Não foi ele quem o apresentou a sua esposa? — perguntou Sara.

— É mais um motivo por que devo tanto a ele.

Fiske observou Elizabeth Knight circular pela sala metodicamente, tão educada e elegantemente quanto qualquer político experiente. Examinou a sala de novo, mas não viu sinal de Ramsey, nem de Murphy. Ele se perguntou se os dois teriam boicotado o evento. Reparou, contudo, que vários dos juízes pareciam nervosos e pouco à vontade. O medo de que um maníaco quisesse ter a cabeça de um deles na parede como troféu era capaz de fazer isso.

Seus olhos passaram por Richard Perkins, posicionado no fundo da sala. Havia guardas armados por toda parte e Fiske sabia que o assunto quente da noite eram os dois assistentes jurídicos assassinados. Os olhos de Fiske se estreitaram enquanto ele observava Warren McKenna movendo-se em meio aos convidados como um tubarão em busca de carne para devorar.

— Vocês dois fazem um belo time — disse Sara.

Jordan Knight encostou seu copo no de Sara.

— Também acho que sim.

— Sua esposa alguma vez já pensou em se candidatar a um cargo político? — perguntou Fiske.

— John, ela é juíza da Suprema Corte. É um cargo vitalício exclamou Sara.

Fiske manteve os olhos em Jordan.

— Não seria a primeira vez que alguém deixou a Suprema Corte em busca de outro cargo, seria?

Jordan olhou para ele com interesse.

— Não, não seria, John. De fato, ao longo dos anos, Beth e eu já conversamos a respeito disso. Não vou estar no Senado para sempre. Tenho um rancho de dois mil e oitocentos hectares no Novo México. Posso me ver facilmente cuidando dele até o fim de meus dias.

— E quem sabe se sua esposa se torna a senadora da Virgínia da casa?

— Nunca tenho a pretensão de saber o que Beth vai fazer. Na verdade, isso aumenta o nível de excitação de nosso casamento que, creio, é incrivelmente saudável. — Ele sorriu de seu comentário e Fiske viu-se sorrindo de volta.

Sara estava levantando o copo quando um pensamento lhe ocorreu.

— Senador, posso usar o telefone?

— Use o de meu escritório, Sara. Terá mais privacidade.

Ela lançou um olhar para Fiske, mas não disse nada. Depois que ela se foi, Jordan comentou:

— É uma moça extraordinária.

— Eu não discordaria disso — respondeu Fiske.

— Durante esse período em que venho trabalhando com Beth, passei a conhecê-la bastante bem. Tenho sido quase uma espécie de figura paterna, creio que se poderia dizer. Ela tem um futuro brilhante pela frente.

— Bem, ela tem em sua esposa um magnífico exemplo a seguir. — Fiske quase engasgou com seu drinque ao dizer isso.

— Sem dúvida, o melhor dos exemplos. Beth não faz nada pela metade.

Fiske pensou nesse comentário por um momento.

— Sei que sua esposa é uma pessoa realmente vigorosa e eficiente, mas talvez devesse diminuir suas atividades até o caso estar resolvido. Não vai querer que seja um alvo fácil para um maníaco.

Jordan observou Fiske por sobre a borda do copo por um instante.

— Realmente acha que os juízes podem estar correndo perigo?

Fiske na verdade não pensava assim, mas não estava disposto a dizer isso a Jordan. Se ele e Sara estivessem enganados em suas

conclusões, não queria que ninguém baixasse a guarda.

— Digamos de outra forma, senador, se alguma coisa acontecer com sua esposa, ninguém vai se interessar em saber qual é minha opinião.

O rosto de Jordan empalideceu lentamente.

— Compreendo seu ponto de vista.

Fiske percebeu que uma fileira de pessoas estava se formando para falar com o homem.

— Não tomarei mais seu tempo. Continue com o belo trabalho que vem fazendo.

— Obrigado, John, pretendo continuar.

O senador Knight começou a receber os outros convidados. Não precisava se preocupar em circular pela sala, Fiske pensou. Sua esposa provavelmente já havia feito as honras a todas as personalidades importantes.

∞

No escritório de Knight, Sara discou o número de sua casa para pegar as mensagens. Tinha se esquecido de checar antes e esperava ansiosamente por um retorno de George Barker, o editor de jornal da cidade natal de Rufus Harms. Suas esperanças foram recompensadas quando ouviu a voz grave do velho em sua secretária eletrônica. Ele parecia um tanto contrito, achou.

Pegou um pedaço de papel do bloco sobre a escrivaninha e escreveu o nome Samuel Rider. George Barker havia deixado apenas o nome do homem; aparentemente, depois de vinte e cinco anos, aquela era a única informação que seus arquivos continham. Precisava descobrir o endereço do escritório de Rider e o número do telefone imediatamente. Quando levantou a cabeça, viu a maneira de fazê-lo. Nas prateleiras de livros na parede oposta do escritório havia uma coleção completa e atual do Martindale-Hubbell, o

registro oficial dos profissionais de direito, que significava que deveria conter o nome, endereço do escritório e número de telefone de virtualmente todo advogado com licença para advogar nos Estados Unidos. Era dividido por estados e territórios e ela decidiu optar pelas jurisdições locais primeiro. Enquanto procurava no índice a Commonwealth da Virgínia, sua busca foi recompensada quando localizou o nome Samuel Rider. Ao folhear até chegar à página indicada, encontrou uma breve biografia de Rider. Ele havia trabalhado no Comissariado das Forças Armadas do Exército no início da década de 1970. Este tinha de ser o homem.

Ela discou o número do escritório dele, mas não houve resposta. Discou para a telefonista de informações pedindo o número de casa mas não constava do catálogo. Desligou sentindo-se totalmente frustrada. Tinha de falar com o homem. Pensou por um momento. O tempo seria muito curto, portanto só havia uma maneira de fazê-lo. Havia um catálogo telefônico sobre a mesa e ela o usou para procurar um número. Levou apenas alguns minutos para acertar as coisas. Ela e Fiske teriam umas duas horas antes de poderem ir. Com alguma sorte, estariam de volta bem cedo na manhã seguinte.

Quando Sara abriu a porta do escritório, Elizabeth Knight estava bem ali.

— Jordan me disse que você poderia estar aqui.

— Tinha de dar um telefonema.

— Compreendo.

— Acho que vou voltar para a festa.

— Sara, preciso falar com você em particular um momento. —

Elizabeth Knight fez um gesto indicando que voltasse para o escritório e fechou a porta depois de entrar. A juíza estava com um vestido branco simples, pouquíssima maquiagem e um elegante colar de safiras. O vestido branco fazia com que sua pele parecesse ainda mais pálida. Contudo estava com os cabelos soltos e as mechas

escuras contrastavam com o branco. Quando se dava ao trabalho, pensou Sara, Elizabeth Knight podia ser uma mulher muito atraente. Ela aparentemente escolhia essas ocasiões com grande cuidado. Naquele momento, Elizabeth Knight parecia muito pouco à vontade.

— Alguma coisa errada? — perguntou Sara.

— Eu não gosto de me intrometer na vida pessoal de meus assistentes, Sara, realmente não gosto, mas quando se reflete na imagem da Corte, sinto que é meu dever dizer alguma coisa.

— Não tenho certeza de que compreendo.

Knight organizou seus pensamentos por um momento. Desde que se dera conta de que havia, ainda que involuntariamente, condenado Steven Wright à morte, seus nervos estavam em frangalhos. Estava com vontade de descontar em alguém, ainda que injustamente. Não era um hábito seu fazer esse tipo de coisa, mas a verdade era que estava de fato aborrecida com Sara Evans. E tinha carinho por ela. Assim sendo, a jovem iria sentir o gosto da raiva da juíza.

— Você é uma moça muito inteligente. Uma moça muito atraente e inteligente...

— Lamento, mas creio que ainda não...

O tom de Knight mudou.

— Estou falando a respeito de você e John Fiske. Richard Perkins relatou que viu você e Fiske saindo de sua casa juntos hoje de manhã.

— Juíza Knight, com todo o devido respeito, isto é assunto pessoal meu.

— É certamente mais do que assunto pessoal seu, Sara, se reflete negativamente na imagem da Corte.

— Não vejo como poderia ser o caso.

— Deixe-me ver se posso tornar mais claro para você. Acha que macularia a reputação da Corte caso se tornasse fato de conhecimento público que uma de suas assistentes jurídicas estava

dormindo com o irmão de seu colega assassinado no dia depois que o assassinato foi descoberto?

— Não estou dormindo com ele — disse Sara em tom enérgico.

— Isto absolutamente não interessa. A opinião pública é formada por percepção e não por fatos, especialmente nesta cidade. Se um repórter de jornal tivesse visto você e Fiske saindo de sua casa esta manhã, qual manchete supostamente teria lido? Ainda que se restringisse apenas a relatar os fatos observados pelo repórter, qual acha que teria sido a percepção provável do público leitor? — Quando Sara não respondeu, Knight continuou. — Agora não precisamos de quaisquer complicações adversas adicionais, Sara. Já temos uma quantidade mais do que suficiente delas para resolver.

— Creio que não havia pensado nisso.

— É exatamente o que deve fazer se quiser ter algo além de uma carreira medíocre de advogada.

— Desculpe-me, não vou repetir o erro.

Knight a encarou com o olhar duro, então abriu a porta.

— Por favor, trate de não fazê-lo.

Enquanto Sara passava por ela, Knight acrescentou:

— Ah, Sara, até que a identidade do assassino seja definitivamente determinada, se eu fosse você não poria minha fé e completa confiança em ninguém, uma grande percentagem de homicídios são cometidos por membros da família.

Estarrecida, Sara se virou para encará-la:

— Não está insinuando...

— Não estou insinuando nada — disse Knight abruptamente.

— Estou apenas comunicando um fato. Faça com ele o que quiser.

∞

Entediado, Fiske estava circulando pelo apartamento quando sentiu alguém em seu ombro.

— Há uma pergunta que venho querendo lhe fazer. — Fiske olhou para trás. O agente McKenna o encarava.

— McKenna, estou considerando seriamente entrar com uma ação contra você, assim sendo trate de sair de junto de mim.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho. E agora neste momento quero saber onde você estava na hora em que seu irmão foi assassinado.

Fiske acabou de beber seu copo de vinho e então olhou para fora pela ampla extensão de janelas.

— Você não se esqueceu de alguma coisa?

— E o que é?

— A hora da morte ainda não foi determinada.

— Está um pouco desatualizado com relação à investigação.

— É mesmo? — respondeu Fiske, um pouco surpreso.

— Entre três e quatro da manhã de sábado. Onde estava durante este período?

— Eu sou suspeito neste caso?

— Se e quando você se tornar um suspeito, eu o avisarei.

— Eu estava trabalhando em meu escritório, em Richmond, até cerca de quatro da manhã de sábado. Agora vai me perguntar se alguém pode confirmar isso, certo?

— Alguém pode?

— Não. Mas eu fui ao Laundromat por volta das dez naquela manhã.

— Richmond fica a apenas duas horas de carro de Washington. Teria tempo de sobra.

— De maneira que sua teoria é que vim para Washington, matei meu irmão a sangue-frio, larguei seu corpo no meio de uma área basicamente negra, com tamanha perícia que ninguém me viu fazer isso, dirigi de volta para Richmond e lavei minha roupa de baixo. E o motivo? — Tão logo disse a última frase Fiske sentiu sua

respiração ficar presa na garganta. Ele tinha o motivo perfeito: quinhentos mil dólares de seguro de vida. Merda!

— Motivos podem sempre aparecer depois. Você não tem álibi, o que significa que teve a oportunidade de cometer o homicídio.

— Então acha que matei Wright também? Lembre-se, você disse aos juízes que achava que os dois homicídios estavam ligados. Eu tenho um álibi para este.

— Só porque eu disse alguma coisa não quer dizer que seja verdade.

— Fascinante. Costuma seguir a mesma filosofia quando está depondo no banco de testemunhas?

— Ao longo do curso de uma investigação descobri que nem sempre é bom mostrar todas as cartas. Os homicídios podem perfeitamente não ter nenhuma ligação entre si, o que significa que o álibi que tem para o assassinato de Wright não significa nada.

Enquanto Fiske observava McKenna se afastar, uma sensação muito desagradável percorreu sua coluna. Mesmo McKenna não seria burro o bastante para tentar acusá-lo do assassinato de seu irmão, seria? E por que Fiske não soubera do resultado da necropsia determinando a hora da morte do irmão? Fiske imediatamente respondeu aquela pergunta: o fluxo de informações de Chandler havia secado.

— John?

Fiske se virou e viu Richard Perkins.

— Tem um minuto? — perguntou o homem nervosamente. Os dois foram até um canto. Perkins olhou para fora pela janela por um momento como que se preparando para o que iria dizer. — Só faz dois anos que sou o meirinho-mor e oficial de justiça chefe da Suprema Corte. É um emprego magnífico, prestigioso, não muito estressante e paga muito bem. Eu supervisiono quase duzentos empregados, todo mundo, de barbeiros a policiais. Trabalhava no

Senado antes disso, pensei que provavelmente fosse me aposentar lá, mas então surgiu esta oportunidade.

— Bom para você — disse Fiske, mas se perguntou por que Perkins estaria lhe contando tudo aquilo.

— Muito embora a morte de seu irmão não tenha ocorrido na Suprema Corte, eu sentia uma verdadeira responsabilidade pela segurança dele, por todo mundo que trabalha na Corte. Agora, com a morte de Wright, estou simplesmente cambaleante. Não estou habituado a lidar com coisas assim. Sou muito melhor resolvendo questões de folha de pagamento e supervisionando o funcionamento de burocracias do que sou no meio de uma investigação de homicídio.

— Bem, Chandler é realmente competente em seu trabalho e é claro que tem o FBI investigando o caso também. — Fiske quase mordeu a língua quando disse isso. Perkins percebeu.

— O agente McKenna parece ter algum ressentimento contra você. Já conhecia o homem antes?

— Não.

Perkins baixou o olhar para suas mãos.

— Realmente acha que há algum louco aí fora querendo se vingar?

— Não está fora do reino das possibilidades.

— Mas, por que agora, dentre todas as ocasiões? E por que os assistentes jurídicos são os alvos? Por que não os juízes?

— Ou outros funcionários da Corte.

— Que quer dizer?

— Também poderia estar correndo perigo, Richard.

Perkins pareceu ficar espantadíssimo.

— Eu?

— Você é o chefe da segurança. Se esta pessoa quer mostrar que pode escolher as pessoas a seu bel-prazer, então está zombando da segurança da Corte. Está zombando de você.

Perkins pareceu refletir a respeito do comentário.

— Então acredita que as mortes definitivamente estão relacionadas?

— Se não estiverem, será uma enorme coincidência. Francamente, não acredito em grandes coincidências assim.

— E Chandler também?

— Talvez. Tenho certeza de que ele o manterá informado.

Enquanto Perkins se afastava, Elizabeth Knight passou majestosamente ao largo. Era como se as pessoas automaticamente abrissem caminho para ela.

Uma mão apertou seu ombro.

— Encontre-me do lado de fora do prédio dentro de dez minutos. — Era a voz de Sara, mas, quando Fiske deu meia-volta, pôde vê-la apenas desaparecendo em meio ao salão cheio.

Visivelmente frustrado, olhou em volta e recomeçou a acompanhar os movimentos de Elizabeth Knight. Ela provavelmente havia esquecido que Kenneth Wilkinson sequer estivesse ali, pensou. E também em sua própria festa. Assim, ficou muito surpreso quando Elizabeth foi até junto de Wilkinson e conversou brevemente com ele. Observou enquanto ela empurrava a cadeira de rodas até o terraço iluminado e vazio, onde pôde vê-la ajoelhar-se junto da cadeira de rodas, segurando uma das mãos de Wilkinson e falando com ele.

Fiske circulou um pouco mais e depois não conseguiu evitar ir até o terraço. Elizabeth Knight levantou a cabeça e então, rapidamente, levantou-se da posição ajoelhada.

— Desculpe interromper, mas tenho de ir e queria cumprimentar o juiz Wilkinson.

Knight deu um passo para trás e Fiske seguiu adiante e se apresentou. Apertou a mão de Kenneth Wilkinson e transmitiu suas congratulações pela longa carreira do homem idoso no serviço público.

Quando ia voltando para o salão, Knight o deteve.

— Presumo que esteja indo embora com Sara.

— Isso é algum problema?

— Creio que lhe caiba decidir.

— Que está querendo dizer com isso?

— Sara tem um futuro maravilhoso diante de si. Mas pequenas coisas às vezes podem atrapalhar carreiras de grande potencial.

— Sabe, juíza Knight, creio que a senhora realmente tem algum problema comigo e não tenho certeza do motivo.

— Eu não o conheço, Sr. Fiske. Se for uma pessoa parecida com seu irmão, então talvez eu não tenha nenhum grande problema.

— Não sou parecido com ninguém. Tento não comparar as pessoas e não fazer suposições agradáveis e convenientes. Elas raramente demonstram ser verdadeiras.

Knight pareceu ficar confusa com o comentário, mas disse:

— Na verdade, concordo com o senhor.

— Fico satisfeito que possamos concordar em alguma coisa.

— Contudo, eu conheço bem Sara, e me preocupo muito com ela. Se certas atitudes que o senhor tomar refletirem negativamente sobre ela, e em consequência sobre a Corte, então está certo, tenho um problema com isso.

— Olhe, tudo que me interessa é descobrir quem matou meu irmão.

Ela olhou para ele penetrantemente.

— Tem certeza de que isso é tudo?

— Se não tivesse certeza, bem, sabe de uma coisa, este é um país livre. — Fiske pensou ter visto uma expressão de divertimento passar pelo rosto dela.

Knight cruzou os braços.

— O senhor não parece nem um pouco intimidado por uma juíza da Suprema Corte, Sr. Fiske.

— Se soubesse alguma coisa a meu respeito compreenderia por quê.

— Talvez eu devesse fazer questão de saber mais a respeito do senhor. Talvez já o tenha feito.

— Creio que este pode ser um caminho de mão dupla.

A expressão de Knight ficou sombria.

— Confiança é uma coisa, Sr. Fiske, desrespeito é outra bem diferente.

— Também descobri que isso é um caminho de mão dupla.

— Espero que aprecie minhas preocupações com Sara. Elas são sinceras.

— Tenho certeza de que são.

Ela começou a se virar para se afastar e então olhou de volta para ele.

— Seu irmão era uma pessoa muito especial. Extremamente inteligente, um analista legal consumado.

— Ele era uma pessoa única.

— Isto dito, não tenho certeza de que fosse o advogado mais talentoso de sua família.

Knight se afastou, deixando Fiske para trás completamente surpreso. Ele ficou parado ali por um minuto, tentando analisar as palavras dela. Então saiu do terraço e foi abrindo caminho até o elevador, e desceu para o vestíbulo. Olhou em volta e não viu Sara. Uma buzina tocou e ele viu o carro dela se aproximar do meio-fio da porta da frente. Entrou no carro e olhou para ela.

— Para onde estamos indo?

— Para o aeroporto.

— De que está falando?

— Vamos fazer uma visita a Samuel Rider, advogado.

— E quem é Samuel Rider, advogado?

— O advogado de Rufus Harms. George Barker ligou de volta com o nome. Localizei Rider. Ele tem um escritório nos arredores de

Blacksburg, a apenas algumas horas a leste da prisão. Tentei ligar para o escritório, mas ninguém atendia. O telefone de sua casa não consta do catálogo, é reservado.

— Então por que vamos tomar um avião até lá?

— Temos o endereço do escritório. Vai ser tarde quando chegarmos lá e assim sendo é remota a possibilidade de que esteja no escritório. Mas também não é uma cidade grande. Devemos conseguir encontrar alguém que possa nos dar o endereço da residência ou pelo menos o número do telefone. E, se estivermos certos com relação ao envolvimento dele, pode estar correndo perigo. Se alguma coisa acontecer com ele, poderíamos nunca descobrir a verdade.

— Então você realmente acha que foi ele quem telefonou para a Corte? Quem deu entrada na apelação?

— Eu não apostaria contra isso.

43

VINTE E CINCO MINUTOS DEPOIS FISKE E SARA chegaram ao Aeroporto Nacional e Sara entrou numa das garagens de estacionamento. Depois disso se encaminharam para o terminal geral de aviação.

— Você tem certeza de que podemos pegar um voo para lá? Fiske perguntou.

— Eu aluguei um avião particular para nos levar lá.

— Você fez o quê? Sabe quanto custa isso?

— E você sabe quanto custa?

Fiske pareceu envergonhado.

— Não, quero dizer, nunca aluguei uma droga de um avião antes. Mas não pode ser barato.

— Custa cerca de dois mil e duzentos dólares para uma viagem de ida e volta para Blacksburg. Estourei o limite máximo de meu cartão de crédito.

— Então eu lhe pagarei de alguma forma.

— Não precisa fazer isso.

— Não gosto de ficar devendo aos outros.

— Ótimo, tenho certeza de que posso inventar várias maneiras para você me pagar. — Ela sorriu.

Poucos minutos depois, eles se aproximaram de um jato Falcon 2.000 de dois motores, parado na pista. Fiske observou enquanto um 737 de linhas retas movia-se lentamente em direção à cabeceira da pista principal de decolagem e depois levantava voo subindo graciosamente no ar. Por toda parte havia o cheiro nauseante de combustível de jato e o gemido irritante das turbinas.

Sara e Fiske subiram as escadas do elegante Falcon, onde foram recebidos por um homem de seus cinquenta anos, com

cabelos brancos curtos e um corpo magro, mas musculoso. Ele se apresentou como o piloto, Chuck Herman.

Herman olhou para cima examinando os céus.

— Já dei entrada no plano de voo, mas estamos um pouco atrasados no horário previsto para a decolagem. Tiveram alguns atrasos, mais cedo, por causa de um problema técnico de computador na torre de controle e tudo está pagando por isso.

— Estamos com o tempo bastante apertado, Chuck — disse Sara. Quanto mais tarde chegassem ao escritório de Rider, menos provável seria que encontrassem alguém para ajudá-los. Além disso, ela não podia chegar atrasada no trabalho de novo no dia seguinte.

Herman olhou orgulhosamente para seu jato.

— Não se preocupe. Vamos fazer uma viagem de apenas setenta minutos e posso pisar no acelerador se for necessário.

Todos eles entraram na cabine e Herman indicou confortáveis poltronas para se sentarem.

— Lamento, mas não consegui arranjar um comissário de bordo tão em cima da hora. Querem beber alguma coisa?

— Uma taça de vinho branco — disse Sara.

— E você, John? Posso lhe oferecer alguma coisa? — Fiske declinou. — A geladeira está bem sortida de comida. Por favor, sirvam-se.

Dez minutos depois da decolagem, o voo tornou-se muito tranquilo, como deslizar em um lago de águas calmas numa canoa. Sara soltou o cinto e olhou para Fiske. Ele estava olhando fixo pela janela para o sol que se punha.

— Que tal se eu preparar alguma coisa para comermos? Tenho umas coisas interessantes para lhe contar.

— Eu também. — Fiske soltou o cinto, seguiu Sara até o fundo da cabine e sentou à mesa, onde observou Sara preparar alguns sanduíches.

— Café?

Fiske balançou a cabeça.

— Alguma coisa me diz que vai ser uma longa noite.

Sara acabou de preparar a comida e serviu duas xícaras de café. Sentou-se defronte a Fiske e consultou o relógio.

— O voo é tão curto que não temos mais tanto tempo assim. Não existem agências de aluguel de automóveis no aeroporto de Blacksburg. Contudo, podemos tomar um táxi até uma agência de aluguel na cidade e pegar um carro lá.

Fiske deu uma mordida no sanduíche e engoliu com um gole de café.

— Você mencionou coisas que aconteceram na festa.

— Tive um desentendimento com a juíza Knight. — Ela relatou a história a Fiske. Ele então contou-lhe sua própria experiência com Knight.

— Uma mulher difícil de compreender — comentou Fiske.

— Mais alguma coisa?

— McKenna me perguntou se eu tinha um álibi para o horário em que meu irmão foi morto.

— Está falando sério?

— Eu não tenho álibi, Sara.

— John, ninguém acredita na possibilidade de que possa ter matado seu próprio irmão. E como isto poderia se ligar à morte de Steven?

— Se as duas estiverem relacionadas.

— Então McKenna tinha uma teoria com relação a qual teria sido o seu motivo?

Fiske pôs a xícara sobre a mesa. Poderia ser bom ouvir o ponto de vista de uma outra pessoa, pensou.

— Não, mas o fato é que eu tenho um motivo perfeito. Surpreendida ela largou sua xícara.

— Qual?

— Descobri hoje que Mike tinha feito um seguro de vida de meio milhão de dólares e me nomeado como beneficiário. Isto se classifica como um motivo de primeira ordem, não acha?

— Mas você disse que só descobriu hoje.

— Você pensa seriamente que McKenna acreditaria nisso?

— Isso é estranho.

Fiske inclinou a cabeça para ela.

— O que é estranho?

— A juíza Knight disse alguma coisa relativa ao fato de que a maioria dos homicídios são cometidos por membros da família e que eu não deveria confiar em ninguém... referindo-se, tenho certeza, a você.

— Ela alguma vez serviu no Exército, que tenha conhecimento? Sara quase deu uma gargalhada.

— Não, por quê?

— Estava apenas me perguntando se ela poderia ter alguma coisa a ver com Rufus Harms.

Sara sorriu.

— Mas agora que abordamos o assunto, que tal o senador Knight? Ele poderia ter servido no Exército.

— Não serviu. Lembro-me de ter lido nos jornais de Richmond, durante sua primeira campanha para o Senado, que foi considerado fisicamente incapacitado para o serviço nas Forças Armadas. O candidato político que se opunha a ele na época era um herói de guerra e tentou atribuir grande importância ao fato de Knight não ter servido seu país. Mas ele o fez, num cargo de inteligência, com uma boa ficha de serviço e tudo mais e a coisa inteira foi posta de lado. Fiske sacudiu a cabeça com frustração. — Isto é tolice. Estamos tentando encaixar o que não se encaixa. — Ele respirou fundo. — Espero que Rider possa nos ajudar.

Vestindo um macacão, o homem empurrou o pesado carrinho de limpeza pelo corredor e então parou do lado de fora de um escritório, reparando nas letras estampadas na porta de vidro fosco: Samuel Rider, Advogado. O homem inclinou a cabeça para o lado e olhou em volta, ouvindo atentamente. O prédio de escritórios era pequeno e o escritório de Rider era apenas um, dentre meia dúzia de salas comerciais, no segundo andar. Naquela hora, a cidade e o prédio estavam praticamente desertos.

Josh Harms bateu na porta e esperou por uma resposta. Bateu novamente, desta vez um pouco mais alto. Josh havia deixado Rufus na picape estacionada na rua lateral, enquanto fazia o reconhecimento do terreno. Havia encontrado o armário do material de limpeza e criado seu plano para o caso de alguém aparecer. Bateu na porta do escritório de Rider mais uma vez, esperou mais uns dois minutos, franziu os lábios e deu um assobio baixo. Em menos de trinta segundos Rufus, que se mantivera mais para trás, na escuridão do corredor, veio juntar-se a ele. Rufus não estava usando um uniforme de limpeza; não havia nenhum no armário do depósito que chegasse perto de seu tamanho.

Josh puxou seu equipamento de arrombamento de portas e poucos segundos depois estavam do lado de dentro da porta do escritório, na área de recepção.

— Temos de andar depressa. Alguém poderia aparecer. — Enfiada em seu cinto estava sua pistola, carregada, com uma bala na câmara.

— Eu procuro aqui e você vai para o escritório de Samuel e começa a procurar por lá.

Rufus já estava revistando um armário de arquivo usando a lanterna que tinha trazido consigo do carro. Josh entrou no escritório de Rider. A primeira coisa que fez, depois de examinar a rua em busca de sinais de atividade, foi fechar as cortinas. Puxou uma

lanterna também e começou a procurar. Chegou a uma gaveta trancada na escrivaninha e a arrombou com um pé-de-cabra. Deu um assobio baixo quando sua mão se fechou em volta de um pacote que havia sido colado na parte inferior interna da gaveta. Foi até a porta.

— Rufus, achei.

Seu irmão entrou correndo e pegou os papéis. Ele os examinou sob o foco da lanterna.

— Você ainda não me disse como ter esses papéis vai ajudar a livrar seu rabo seja lá como for.

— Ainda não pensei nisso até o final, mas prefiro ter os papéis comigo do que não ter.

— Bem, vamos dar o fora daqui antes que alguém nos apanhe. Eles mal tinham chegado à área da recepção quando ambos ouviram ruídos de passos de duas pessoas. Os dois se entreolharam rapidamente. Josh puxou a pistola e soltou a trava de segurança.

— Polícia. Eles sabem que estamos aqui. — Rufus olhou para ele e sacudiu a cabeça.

— Não é a polícia. E não é o Exército. O prédio está vazio. Se fossem eles teriam vindo com sirenes ligadas e o próximo som que estaríamos ouvindo seria de vidro quebrado quando as bombas de gás lacrimogêneo entrassem pela maldita janela. Venha. — Rufus seguiu na frente de volta para o escritório de Rider e suavemente fechou a porta. Agora, tudo o que podiam fazer era esperar.

CHANDLER ANDOU PELO APARTAMENTO DE MICHAEL FISKE. Ajoelhou-se e examinou a marca escavada no chão, causada pelo golpe de John Fiske com o macaco. Se o golpe tivesse acertado seu alvo, aquele mistério poderia ter sido resolvido. Chandler se levantou e sacudiu a cabeça. Nunca era fácil assim. Seus homens estavam dando os toques finais no apartamento. O pó negro de carvão, para recolher impressões digitais, espalhava-se por toda parte em pilhas como borrifos mágicos, que de certa maneira eram. Tinham colhido as impressões digitais de Michael Fiske para propósitos de eliminação. Também teriam de fazer o mesmo com as de seu irmão. Uma vez que John Fiske era um advogado com licença para advogar na Virgínia, suas impressões digitais estariam nos arquivos da Polícia Estadual da Virgínia. Ele também deveria recolher amostras das impressões de Sara Evans, refletiu. Ela sem dúvida também estivera ali. Olhou para o corredor. No quarto, talvez? Contudo suas investigações haviam revelado que os dois tinham sido apenas bons amigos.

Chandler havia se reunido com Murphy e seus assistentes jurídicos. Tinham repassado todos os casos em que Michael estivera trabalhando. Nada, realmente, chamara a atenção. Aquela linha de investigação simplesmente levaria tempo demais. E havia gente morrendo.

A falta de disposição de John Fiske para se abrir com Chandler lhe trouxera prejuízos. Como Fiske deduzira, Chandler lhe havia interrompido o fluxo de informações. Contudo, Chandler tinha jogado limpo com os federais e passara tudo o que tinha para McKenna, inclusive a informação recém-descoberta sobre a fuga de Rufus Harms da prisão e os telefonemas anteriores de Michael Fiske

para o presídio, a despeito do fato de não gostar do sujeito. Também tinha informado McKenna sobre o recurso desaparecido, a respeito do qual Fiske lhe contara. McKenna havia agradecido, mas fora incapaz de acrescentar qualquer nova informação de seu lado. Como se respondendo à deixa, ele ouviu um ruído na porta da frente e o agente do FBI entrou no aposento — depois de mostrar sua identificação ao guarda uniformizado do lado de fora e ter seu nome incluído na lista de presentes na cena do crime, presumia Chandler. Cena do crime. Bem, de certa forma era uma espécie de cena do crime, disse Chandler para consigo mesmo.

— Está trabalhando até tarde hoje, agente McKenna.

— Você também. O olhar do agente do FBI varreu a área, começando pelo centro e marchando implacavelmente para fora, grade por grade.

— Então, o diretor do FBI está bufando um pouco ou muito em seu pescoço para conseguir solucionar logo esta coisa?

— Está igualzinho ao seu chefe. No Birô, você recebe crédito duplo se soluciona o crime a tempo de entrar no primeiro jornal da noite, na televisão. — McKenna exibiu um raro sorriso, embora fosse como se sua boca não soubesse muito bem como fazê-lo, porque o efeito resultante era meio assimétrico, caído para um lado.

Chandler perguntou a si mesmo se o homem o fazia de propósito, para afastar as pessoas. Como tivera um sentimento estranho com relação ao sujeito, Chandler discretamente havia investigado Warren McKenna. A carreira dele no Birô era de primeira classe sob todos os aspectos. Havia sido nomeado para o Departamento Metropolitano de Investigações de Campo de Washington, em Buzzard Point, há oito anos, depois de se transferir do Departamento de Operações de Campo de Richmond. Antes de sua carreira no FBI, tinha servido durante um breve período nas Forças Armadas e depois concluído a faculdade. Desde essa ocasião, McKenna não fizera nada além de dar a seus superiores impressões

positivas. Uma coisa curiosa que Chandler havia descoberto: McKenna havia recusado várias promoções que o teriam obrigado a abandonar as operações de campo.

— Você tem sorte de que John Fiske ainda não tenha lhe enfiado um processo judicial. Talvez ele ainda o faça.

— Talvez deva fazê-lo — foi a resposta surpreendente de McKenna. — Eu provavelmente teria, se fosse ele.

— Não deixarei de dizer isso a ele — disse Chandler lentamente.

O olhar de McKenna dardejou de lado a lado, por todo o apartamento, durante uns dois minutos, aparentemente absorvendo todos os detalhes como uma folha de Polaroid, antes que olhasse de volta para Chandler.

— O que você é, afinal, o mentor dele?

— Nem conhecia o homem até dois dias atrás.

— Então, você faz amigos muito mais depressa do que eu. — McKenna inclinou a cabeça para Chandler. — Se importa se eu der uma olhada por aí?

— Vá em frente. Tente não tocar em nada que não pareça ter meio quilo de pó para impressões digitais em cima.

McKenna balançou a cabeça e foi pisando com cuidado pela sala de visitas. Ele reparou na marca no chão.

— Fiske tentando apanhar seu pretenso agressor?

— Isso mesmo. Só que eu não sabia que ele era pretenso.

— Mas é, até que tenhamos um depoimento confirmando. Pelo menos é assim que eu trabalho.

Chandler desembulhou um chiclete e o enfiou na boca, mascando lentamente, tanto as palavras do agente, como a goma de mascar.

— Sara Evans também me relatou ter visto um homem fugindo do prédio e que Fiske o estava perseguindo. Isto é bom o bastante para você?

— Isto é uma corroboração conveniente. Fiske é um sujeito de sorte. Ele deveria sair correndo agora mesmo e jogar na loteria enquanto está numa maré boa assim.

— Eu não diria que perder um irmão é estar com sorte. — McKenna parou de andar e olhou para a porta da despensa, que estava aberta e coberta de pó para impressões digitais. — Creio que isto depende de ponto de vista, não acha?

— Que diabo você tem contra ele? Você nem sequer conhece o sujeito.

Os olhos de McKenna soltaram faíscas em sua direção.

— É isso mesmo, detetive Chandler, e sabe do que mais? Nem você.

Chandler queria dizer alguma coisa em resposta, mas não conseguiu pensar em nada. De certa maneira o homem tinha razão. Este pensamento foi interrompido por um de seus homens.

— Detetive Chandler, encontramos uma coisa que achamos que gostaria de ver.

Chandler pegou o maço de papéis da mão do técnico e o examinou.

— Parece uma apólice de seguro — disse McKenna.

— Nós a encontramos numa das prateleiras da despensa. Não havia comida nenhuma por lá. O cara a usava como arquivo. Declarações de imposto de renda, contas e coisas assim também estão lá.

— Michael Fiske era o segurado.

O dedo de McKenna de repente bateu com violência no final da página. Chandler empalideceu um pouco enquanto lia a linha que o homem havia indicado tão energicamente.

— E John é o principal beneficiário.

Os dois homens se entreolharam.

— Gostaria de dar uma volta e escutar uma teoria minha? — perguntou McKenna.

Chandler não tinha certeza do que deveria fazer exatamente.

— Não vai levar muito tempo — acrescentou McKenna. — Na verdade, parte dela provavelmente é o que está pensando agora mesmo, imagino.

Chandler finalmente encolheu os ombros.

— Você tem cinco minutos.

Os dois homens saíram até a calçada defronte à casa. McKenna aproveitou um momento para acender um cigarro e então ofereceu um a Chandler. O detetive estendeu seu pacote de chicletes.

— Posso estar acima de meu peso ou posso fumar. Gosto de comer, de maneira que é isso.

Os dois foram caminhando pela rua escura enquanto McKenna começava a falar.

— Descobri que Fiske não tem um álibi para a hora provável em que seu irmão foi assassinado.

— Poderia ser algo a favor dele. Se tivesse matado o irmão, teria cuidado de se esforçar para estabelecer um álibi.

— Eu discordo por uns dois motivos. Primeiro, ele provavelmente nunca, imaginou que se tornaria um suspeito.

— Com uma apólice de seguro de vida de meio milhão de dólares em seu benefício?

— Poderia ter pensado que não descobriríamos. Poderíamos ter seguido um outro curso de investigações e pronto. Ele só precisava esperar e depois receber o dinheiro.

— Isso não me convence. Qual é seu segundo motivo?

— Se ele tivesse um álibi perfeito... que é uma coisa que não existe quando se é culpado... então um furo teria surgido em algum lugar, de alguma forma. De maneira que, para que se dar ao trabalho? Ele foi policial e agora é advogado. Conhece tudo a respeito de álibis. Diz que não tem um álibi e então não precisa se preocupar com a possibilidade de que venha a explodir na sua cara. E então, conta com o fato de que todo mundo venha a chegar à

mesma conclusão que você acabou de chegar, ou seja, que se ele fosse culpado teria inventado um bom álibi.

McKenna deu uma longa tragada em seu cigarro e levantou a cabeça para olhar para as poucas estrelas visíveis no céu.

— Portanto, que ele tem motivo e, de acordo com sua própria admissão, teve oportunidade. Eu o investiguei. Ele tem um escritório de advocacia idiota, com uma clientela vagabunda, em Richmond, defendendo a escória da terra. O sujeito nem sequer frequentou uma faculdade de direito. É um tipo de terceira categoria, na melhor das hipóteses. Trinta e poucos anos, solteiro, sem filhos, vive em um pardieiro. É um solitário de verdade. Ah, e deixou a polícia de Richmond sob circunstâncias bastante duvidosas e negativas.

— Como assim? — perguntou Chandler bruscamente.

— Digamos apenas que houve um incidente envolvendo um tiroteio, que nunca foi totalmente explicado, exceto pelo fato de que, como resultado, um civil e um outro policial acabaram mortos.

Chandler pareceu ficar abalado, mas se recuperou.

— Então por que ele aparece e se oferece para dar assistência na investigação?

— Mais uma vez, como disfarce. A posição de Fiske seria: como poderia ter acionado o gatilho? Estou aqui trabalhando como um louco para descobrir a pessoa que matou meu irmão.

— Como isto explica a morte de Wright?

— Quem disse que tem de explicar? Como você disse, os dois homicídios poderiam não estar relacionados. Se não estiverem, então se eu fosse Fiske, imediatamente me agarraria nisso e defenderia a hipótese de que são relacionados. Você compreende, ele tem um álibi para o assassinato de Wright.

Evans de novo, pensou Chandler.

McKenna continuou:

— Então se acreditarmos que são relacionados um com o outro, ele está limpo e livre.

— E Sara Evans? Lembra-se? Ela disse que viu o sujeito sair correndo do apartamento de Michael Fiske. Você acha que também está mentindo?

McKenna parou de caminhar e Chandler fez o mesmo. McKenna deu uma última tragada em seu cigarro e depois o apagou na calçada com vários esfregões com o pé.

— Sara Evans também está mentindo. — McKenna repetiu as palavras de Chandler, observando o detetive atentamente.

Chandler sacudiu a cabeça.

— Ora vamos, McKenna.

— Não estou dizendo que esteja metida na coisa inteira. Estou dizendo que talvez tenha um fraco por Fiske e que esteja fazendo o que ele lhe diz para fazer.

— Eles acabaram de se conhecer.

— É mesmo? Tem certeza disso?

— Na verdade, não.

— Certo, ele a convence de que não fez nada de errado, mas que algumas pessoas poderiam tentar incriminá-lo.

— Por que você tem essa birra toda contra Fiske?

Naquele instante McKenna explodiu.

— Ele é esperto quando fala. Sempre acaba parecendo o maior dos inocentes, o defensor da memória do irmão, só que eles pareciam não ter nenhum contato um com o outro recentemente. Ele e Evans passaram a noite na casa dela, fazendo Deus sabe o que, no dia seguinte que o corpo do irmão dele foi encontrado. Por algum motivo ele tem uma espingarda. Ele veio se imiscuindo e meteu o nariz nesta investigação, o que significa que sabe de praticamente tudo que nós sabemos. Não tem álibi para a noite do homicídio e, cinco minutos atrás, descobrimos que ficou meio milhão de dólares mais rico porque o irmão está morto. Que diabo acha que devo pensar? Está dizendo que seu radar de policial não está nem sequer tinindo um pouquinho com isso?

— OK, seu ponto de vista está devidamente registrado. Talvez eu tenha sido demasiado descuidado com ele. Regra número um: Não confie em ninguém.

— É uma boa regra para se seguir na vida. — McKenna fez uma pausa e então acrescentou: — Ou pela qual morrer. — E afastou-se deixando um Chandler muito abalado, olhando fixo para suas costas.

45

FISKE BATEU NA PORTA DO ESCRITÓRIO DE RIDER. Apertou os olhos esforçando-se para ver o interior.

— Está escuro lá dentro.

— Provavelmente ele está em casa. Precisamos descobrir onde fica.

— Bem, o sujeito também poderia ter saído para jantar, ou estar fora da cidade a negócios. Poderia até estar de férias. Ou...

— Ou alguma coisa poderia ter acontecido com ele— disse Sara.

— Não seja demasiado dramática. —Fiske segurou a maçaneta e ela girou com facilidade. Ele e Sara trocaram um olhar significativo. Fiske olhou para um lado e para o outro do corredor. Foi então que ele viu o carrinho de limpeza e relaxou ligeiramente.

— O pessoal da limpeza?

— E estão fazendo a limpeza no escuro, num breu total por quê? — Sara perguntou.

— Era exatamente isso que eu estava pensando. — Ele puxou Sara, afastando-a da porta e na direção do carrinho. Remexeu o interior antes de puxar um par de alicates Vise-Grips de uma caixa de ferramentas.

Sussurrando, disse:

— Vá ficar junto da escada da saída. Se ouvir alguma coisa, corra para o carro e chame a polícia.

Ela agarrou o braço dele e sussurrou de volta:

— Tenho uma ideia muito melhor. Vamos chamar a polícia juntos, agora mesmo, e dar queixa de um assalto.

— Não temos certeza de que seja um assalto.

— Também não temos de que não é.

— Se formos embora, eles poderiam fugir.

— E se você entrar aí e for morto, o que, exatamente, isso vai resolver? Você nem sequer tem uma arma... só tem aquele negócio, seja lá o que for.

— Vise-Grips.

— Ótimo, eles poderiam ter armas e você tem uma ferramenta.

— Talvez tenha razão.

— A senhora certamente tem razão. Uma pena que não a tenha ouvido.

Fiske e Sara viraram-se rapidamente.

Josh Harms estava ali, com a pistola apontada para eles.

— A parede é muito fina. Imaginei, quando ouvimos a porta começar a se abrir e depois todos aqueles sussurros, que vocês dois iriam chamar a polícia. Não posso deixar que façam isso.

Fiske o examinou. Era grande, mas não corpulento. A menos que tivessem cruzado com um assalto rotineiro, aquele homem tinha de ser Josh Harms. Ele olhou para a arma e depois estudou as feições de Josh, tentando avaliar rapidamente se ele seria capaz de puxar o gatilho. Fiske sabia que Josh havia matado no Vietnã, pela leitura dos relatos de jornais. Mas matá-los teria de ser a sangue-frio, e Fiske simplesmente não via aquilo nos olhos de Josh Harms. Mas essas coisas sempre podiam mudar. Boca, faça sua mágica, disse a si mesmo.

— Alô, Josh, meu nome é John Fiske. Esta é Sara Evans, que trabalha na Suprema Corte dos Estados Unidos. Onde está seu irmão?

Atrás dele, através da porta aberta que levava ao escritório de Rider, apareceu um homem de proporções tão imensas que tanto Sara quanto Fiske tiveram certeza de que só poderia ser Rufus Harms. Ele obviamente escutara as palavras de Fiske.

— Como sabe de tudo isso? — perguntou Rufus, enquanto seu irmão mantinha a pistola firme apontada para o casal.

— Ficaria satisfeito em lhe contar. Mas por que não conversamos dentro do escritório? Vocês têm um mandado de prisão circulando em todo território nacional.

Ele fez um gesto para Sara.

— Por favor, Sara. — Fora da linha de visão dos irmãos Harms, deu uma piscadela de olho tranquilizadora para ela. Só desejava que pudesse se sentir tão confiante intimamente. Eles estavam diante de um assassino condenado, que estivera dentro de uma cadeia infernal durante vinte e cinco anos, o que provavelmente não o tornara nem um pouco mais gentil, e de um ardiloso veterano do Vietnã, cujo dedo no gatilho parecia ficar mais inquieto a cada segundo que se passava.

Sara entrou no escritório, com Fiske logo atrás dela. Josh e Rufus olharam um para o outro, curiosamente. Então seguiram o casal e fecharam a porta depois de entrarem.

∞

O jipe voava pelas estradas secundárias a caminho do escritório de Samuel Rider. Tremaine estava dirigindo, com Rayfield sentado a seu lado. O jipe de dois assentos era o veículo particular de Tremaine. Agora, ambos estavam fora do horário de serviço e tinham decidido contrarregistrar a saída de um veículo militar do pool. Caso alguém cruzasse com eles, enquanto estavam procurando o escritório de Rider, tinham combinado uma história para servir de cobertura: Sam Rider, o antigo advogado militar de Rufus Harms, tinha sua banca naquela área e recentemente havia visitado Harms na prisão por um motivo desconhecido. Rider e sua esposa haviam sido mortos. Harms e seu irmão podiam ter cometido os homicídios; talvez Rider tivesse mencionado para Harms que mantinha dinheiro vivo ou objetos de valor em casa ou no escritório. Tremaine olhou de relance para Rayfield.

— Algum problema? — perguntou Tremaine. Rayfield continuou olhando fixo para a frente.

— Isto é um grande erro. Estamos assumindo todos os riscos aqui.

— Pensa que não sei disso?

— Se conseguirmos pegar a carta que Harms incluiu no recurso, junto com a carta de Rider, talvez possamos nos esquecer de Harms.

Tremaine virou-se e olhou bruscamente para ele.

— De que diabo você está falando?

— Harms escreveu aquela carta porque queria sair da prisão. Ele matou a garotinha, mas na verdade não a assassinou, certo? Bem, ele está fora da prisão. Ele e o irmão, agora, provavelmente estão esperando para embarcar num avião para a América do Sul. Isto é exatamente o que eu estaria fazendo.

Tremaine sacudiu a cabeça.

— Não podemos ter certeza disso.

— Que mais ele vai fazer, Vic? Escrever outra carta para a Corte e dizer o quê? Meritíssimo, eu escrevi a Vossa Excelência antes, com esta história que não posso provar, mas alguma coisa aconteceu com meu recurso, e meu advogado e o assistente jurídico que o recebeu agora estão mortos. Assim, fugi da prisão, sou um fugitivo e quero meu dia no tribunal. Isto é besteira pura, Vic. Ele não vai fazer isso. Vai correr e cair fora o mais rápido que puder. Já está correndo.

Tremaine refletiu a respeito disso.

— Talvez. Mas se aceitarmos a possibilidade remota de que não seja esperto como pensa que é, vou fazer tudo o que puder para acabar com ele. E com o irmão dele. Não gosto de Rufus Harms. Jamais gostei do sujeito. Enquanto estive levando tiros no Vietnã ele estava aqui, nos Estados Unidos, seguro e ileso, comendo três refeições por dia. Deveríamos simplesmente ter deixado que

apodrecesse na prisão, mas não o fizemos — acrescentou Tremaine com amargura.

— Tarde demais para isso agora.

— Bem, vou fazer um grande favor a ele. Quando o encontrar, sua próxima cela vai ter dois metros de comprimento, um metro e vinte de largura e vai ser feita de pinho. E ele não vai receber uma maldita bandeira para cobri-la. — Tremaine pisou ainda mais fundo no acelerador.

Rayfield sacudiu a cabeça e acomodou-se, recostando-se no banco. Examinou o relógio de pulso e então olhou para mais adiante na estrada. Estavam quase chegando ao escritório de Rider.

∞

Sara e Fiske sentaram no sofá de couro enquanto os irmãos Harms ficavam de pé diante deles.

— Por que simplesmente não os amarramos e damos o fora daqui? — disse Josh para o irmão.

Fiske interrompeu rapidamente.

— Creio que vai descobrir que estamos do mesmo lado.

Josh fez uma carranca para ele.

— Olhe, não vá me levar a mal, mas você é um imbecil pretensioso.

— Ele está certo — disse Sara. — Estamos aqui para ajudar vocês.

Josh fungou, mas não se deu ao trabalho de responder.

— John Fiske? — perguntou Rufus. Ele estudou as feições de Fiske, lembrando-se de onde tinha visto feições semelhantes. — Aquele funcionário que eles assassinaram era seu parente, não era? Irmão?

Fiske balançou a cabeça.

— Sim, era. Quem o matou?

Josh interrompeu.

— Não conte nada, Rufus. Não sabemos quem eles são, nem o que querem.

— Viemos aqui para falar com Sam Rider — disse Sara.

Josh lançou um olhar para ela.

— Bem, a menos que vá realizar uma sessão espírita ou coisa assim, vai ter muita dificuldade para fazer isso.

Fiske e Sara se entreolharam e depois olharam de volta para os irmãos.

— Ele está morto? — perguntou Sara.

Rufus balançou a cabeça.

— Ele e a esposa dele. Fizeram com que parecesse suicídio.

Fiske percebeu o arquivo que ele apertava na mão.

— Foi isto o que você enviou à Corte?

— Se importa se eu fizer as perguntas? — retrucou Rufus.

— Estou lhe dizendo, Rufus, nós somos seus amigos.

— Desculpe-me, mas não faço amigos com essa facilidade toda, de jeito nenhum. A respeito de que queria falar com Samuel?

— Ele deu entrada nisso para você na Corte, não deu?

— Não vou responder a nenhuma pergunta.

— Tudo bem, eu simplesmente vou lhe contar o que sabemos e depois você continua. Que tal lhe parece?

— Estou ouvindo.

— Rider deu entrada na apelação. Meu irmão o recebeu e o retirou do sistema de registro da Corte. Ele foi à prisão visitar você. Então acabou morto numa viela em Washington. Eles fizeram com que parecesse assalto seguido de morte. Agora você nos disse que Rider está morto. Um outro assistente jurídico da Corte também foi morto. Eu acho que sua morte está ligada à de meu irmão, mas não tenho certeza do motivo. — Fiske parou de falar e examinou os dois homens. — Isto é tudo o que sabemos. Agora, creio que vocês sabem

de muito mais. Como, por exemplo, por que tudo isso está acontecendo.

— Você sabe de tanta coisa. É da polícia? — perguntou Josh.

— Estou ajudando o detetive encarregado da investigação.

— Está vendo, Rufus, eu lhe disse. Temos de dar o fora daqui.

A polícia provavelmente está a caminho agora mesmo.

— Não, não está — disse Sara. — Vi seu nome nos documentos que Michael tinha, Sr. Harms, mas foi tudo o que vi. Não sei por que fez o recurso ou o que ele continha.

— Por que um prisioneiro dá entrada num recurso a uma Corte? — perguntou Rufus.

— Porque quer sair — respondeu Fiske. Rufus balançou a cabeça concordando. — Mas tem de ter fundamentos legais para isso.

— Tenho o melhor de todos os fundamentos legais: a pura verdade — disse Rufus, vigorosamente.

— Conte-me qual é — disse Fiske.

Josh começou a se virar para a porta.

— Rufus, tenho um mau pressentimento com relação a tudo isso. Estamos parados aqui, conversando com eles, e a polícia está se aproximando. Você já falou demais.

— Eles mataram o irmão dele, Josh.

— Você não sabe se era realmente irmão dele.

Fiske puxou a carteira de notas com a carteira de motorista.

— Isto pelo menos vai provar que temos o mesmo sobrenome.

Rufus afastou a carteira com um aceno.

— Não preciso ver isto. Você tem a mesma cara, o mesmo jeito dele.

— Mesmo que eles não estejam metidos na armação, que diabo podem fazer para ajudar? — perguntou Josh.

— Eu trabalho na Suprema Corte, Sr. Harms — disse Sara. — Conheço todos os juízes. Se tiver provas que demonstrem que é

inocente, então lhe prometo que será ouvido. Se não for pela Suprema Corte, então por outro tribunal, creia-me.

Fiske acrescentou:

— O detetive encarregado do caso sabe que alguma coisa não bate, nem cheira muito bem. Se nos disser o que está havendo, podemos ir procurá-lo e pedir a ele que investigue esse aspecto.

— Eu conheço a verdade — disse Rufus de novo.

— Isto é ótimo, Rufus, mas o fato é que num tribunal ela não é a verdade, a menos que possa prová-la — disse Fiske.

Sara perguntou:

— Então, o que havia em seu recurso?

— Rufus, não responda isso, droga! — berrou Josh.

Rufus o ignorou.

— Uma coisa que o Exército me enviou.

— Você matou a garotinha, Rufus? — perguntou Fiske.

— Matei — disse ele, baixando o olhar. — Pelo menos minhas mãos o fizeram, o resto de mim não sabia que diabo estava acontecendo. Não depois do que eles tinham feito comigo.

— Que quer dizer com isso? Quem fez o que com você?

— Rufus, eles estão querendo enganar você — advertiu Josh.

— Mexeram na minha cabeça, foi o que fizeram — disse Rufus.

Fiske olhou para ele atentamente.

— Está alegando algum tipo de insanidade? Porque se estiver, não tem nenhuma chance, nem aqui, nem no inferno. — Ele observou Rufus com atenção. — Mas é mais do que isso, não é?

— Por que diz isso? — perguntou Rufus.

— Porque meu irmão levou muito seriamente seja lá o que for que estivesse naquela apelação. Levou tão a sério, que chegou a violar a lei ao retirá-la e perdeu a vida tentando ajudá-lo. Ele não teria feito isso por uma alegação de insanidade qualquer, depois de já passados vinte e cinco anos. Diga-me, o que foi que custou a vida de meu irmão?

Josh pôs uma mão enorme no peito de Fiske e o empurrou com força contra o encosto do sofá.

— Olhe aqui, Sr. Espertinho, Rufus não pediu a seu irmão que fizesse porra nenhuma para ele. Seu irmão foi quem detonou esta história inteira pelos ares. Ele tinha de ir visitar Rufus para se certificar, porque ele era um velho crioulo qualquer enfiado numa prisão por um velho crime qualquer. Portanto não fique aí sentado, cantando esse lero, sobre seu irmãozinho virtuoso.

Fiske afastou a mão com violência.

— Por que não vai para o inferno, seu filho-da-puta!

Josh moveu a pistola para mais perto do rosto de Fiske e disse em tom ameaçador:

— Por que não mando você para lá antes? Encontro-me com você mais tarde. Que tal lhe parece, seu branquela?

— Por favor, não — implorou Sara. — Por favor, ele só está tentando ajudar.

— Não precisamos de nenhuma porcaria de ajuda de gente como vocês.

— Nós só estamos tentando conseguir que a justiça seja feita para seu irmão num tribunal.

Josh sacudiu a cabeça.

— Posso conseguir sozinho que a justiça seja feita num tribunal. Nós entupimos os rabos de vocês brancos. As prisões estão cheias de crioulos e vocês são pães-duros demais para construir mais. De maneira que posso conseguir mais do que justiça num tribunal. O problema é que não posso conseguir nenhuma, quando estou aqui do lado de fora e, porra, me diga se não é aqui que passo a maior parte do tempo.

— Essa não é a maneira de resolver as coisas — disse Rufus.

— Ah, então agora você sabe a maneira de resolver tudo, assim, de repente? — disse Josh.

Fiske estava ficando mais nervoso. Pelo tom de voz, Josh Harms parecia estar chegando a um ponto em que nem seu irmão teria mais nenhum controle sobre ele. Será que deveria tentar pegar a arma? Josh provavelmente era quinze anos mais velho que ele, mas o homem parecia forte como um touro. Se Fiske tentasse tomar a arma e acabasse baleado na cabeça, provavelmente estaria engolindo várias descargas da pistola nove milímetros.

O cantar de pneus no asfalto fez com que todos eles olhassem para a janela. Rufus correu para junto dela e, cautelosamente, olhou para fora. Quando se virou de volta da janela, todos eles podiam ver o medo estampado em seus olhos.

— É o Vic Tremaine com o Rayfield.

— Merda! — exclamou Josh. — Que tipo de armamentos estão trazendo?

Rufus respirou profundamente.

— Vic está com uma metralhadora.

— Merda! — disse Josh de novo, enquanto todos eles ouviam o ruído das botas pesadas entrando com estrépito no prédio. Mais uns dois minutos, talvez menos, eles estariam ali.

Josh de repente olhou com raiva para Fiske e Sara. — Eu disse a você. Eles armaram essa para nos apanhar. Estávamos aqui de conversa fiada com os dois, enquanto o Exército cercava este lugar.

— Caso não tenha reparado, não estamos de uniforme — disse Fiske. — Talvez tenham seguido vocês.

— Não viemos da direção da prisão. Quando eles virem nós dois, vão atirar e ponto final.

— Não se vocês se entregarem, não atirarão.

— Esta não é uma opção — disse Josh levantando a voz.

— Não é uma opção — repetiu Rufus. — Não vão me deixar vivo, sabendo o que sei.

Fiske olhou para Rufus Harms. Os olhos do homem dardejavam à esquerda e à direita. Ele havia admitido que tinha

matado a menina. Isso não deveria ser o fim da história? Por que não deixar que o Exército o pusesse de volta em sua jaula? Mas Mike tinha querido ajudá-lo.

Fiske levantou-se de um salto.

Josh o cobriu com a pistola.

— Não tome isso mais difícil do que já é.

Fiske nem sequer olhou para ele; seus olhos estavam cravados em Rufus.

— Rufus? Rufus!

Rufus finalmente pareceu sair de sua inércia e olhou para ele.

— Talvez eu possa tirar você dessa, mas tem de fazer exatamente o que eu disser.

— Nós podemos muito bem sair dessa sozinhos, droga — retrucou Josh.

— Dentro de cerca de trinta segundos esses dois sujeitos vão entrar por aquela porta e tudo estará acabado. Você não tem condição de enfrentar o poder de fogo deles.

— Que tal se eu enfiar uma de minhas balas em você agora mesmo? — disse Josh.

— Rufus, vai confiar em mim? Meu irmão foi ajudar você. Deixe que eu acabe o que ele começou. Vamos lá, Rufus. Dê-me uma chance. — Uma gota de suor escorreu pela testa de Fiske.

Sara não conseguia nem falar. Tudo o que conseguia ouvir eram aquelas botas, tudo que conseguia ver era a metralhadora, chegando mais perto, cada vez mais perto.

Finalmente, quase que imperceptivelmente, Rufus balançou a cabeça concordando.

Fiske partiu direto para a ação.

— Entrem no banheiro, vocês dois — ordenou.

Josh começou a protestar, até que Rufus o fez se calar e o empurrou em direção ao banheiro particular contíguo ao escritório.

— Sara, você vai com eles. Ela olhou para ele, atordoada.

— O quê?

— Simplesmente faça o que estou dizendo. Se me ouvir chamar seu nome, puxe a descarga da latrina e depois saia. Vocês dois — ele balançou a cabeça para os dois irmãos — fiquem atrás daquela porta. Se não me ouvir chamar seu nome, Sara, fique quieta.

— E você não acha que eles, os garotões do Exército, não vão querer ir dar uma olhadela no banheiro, especialmente se a porta estiver fechada? — perguntou Josh com sarcasmo.

— Deixe que eu me preocupe com isso.

— Está bem - disse Josh lentamente. — Mas deixe eu lhe dar mais uma coisa com que se preocupar, garoto esperto. Se você nos entregar, a primeira bala vai acertar você mais ou menos bem por aqui. Josh encostou a pistola contra a base do crânio de Fiske. — Mas não vai nem ouvir minha pistola disparar. Estará morto antes que suas malditas orelhas avisem à porcaria de seu cérebro.

Fiske balançou a cabeça para Josh, como se aceitando seu desafio, o que, de fato, estava fazendo. Olhou para Sara; o rosto dela estava pálido. Ela se apoiou nele, tremendo violentamente, tentando, sem sucesso, recuperar o fôlego, enquanto o martelar de passadas se aproximava.

— John, não consigo fazer isso.

Ele agarrou os ombros dela e apertou com força.

— Sara, você pode fazer isso. Agora vá. Vá. — Ele apertou a mão dela e então Sara e os irmãos Harms entraram no banheiro, e Sara fechou a porta. Fiske olhou em volta para o escritório, lutando duramente para recuperar a compostura. Avistou uma maleta encostada contra uma parede, a agarrou e abriu o fecho. Estava vazia. Enfiou as pastas de arquivos sobre a mesa de trabalho de Rider na maleta. Enquanto as botas ecoavam como explosões no corredor, ele correu para a pequena mesa de conferências posicionada num dos cantos. Enquanto se sentava, ouviu a porta externa se abrir. Enquanto puxava uma pasta de dentro da maleta e

a abria, ouviu a porta interna começar a abrir. Ele se reclinou na cadeira e fingiu estar estudando alguns dos documentos à medida que a porta se abria. Levantou a cabeça e olhou para os rostos dos homens.

— Que diabo — começou a dizer, até que viu a metralhadora apontada para ele e se calou.

— Quem é você? — perguntou Rayfield imperiosamente.

— Estava a ponto de lhe fazer a mesma pergunta. Estou aqui para uma reunião com Sam Rider. Já estou esperando há dez minutos e ele não se deu ao trabalho de aparecer.

Rayfield avançou para mais perto.

— Você é cliente dele?

Fiske balançou a cabeça.

— Vim de avião de Washington, no final da tarde, num avião alugado. A reunião já estava marcada há várias semanas.

— Um pouco tarde para uma reunião, não é? — Os olhos de Tremaine se cravaram em Fiske.

— Tenho uma agenda muito carregada. Este era o único horário em que podia marcar o encontro—Ele olhou severamente para os dois homens. — E por que o Exército está entrando aqui de supetão, com metralhadoras, para começar?

O rosto de Tremaine corou, tomado de raiva, mas Rayfield assumiu um tom mais diplomático.

— Não é assunto nosso, Sr...

Fiske começou a dizer seu sobrenome verdadeiro, mas então decidiu não fazê-lo. Rufus conhecia aqueles homens, os identificara pelo nome. Isto significava que eles estavam de alguma forma envolvidos no que quer que tivesse acontecido com Rufus. Se isto fosse verdade, poderiam ter matado Mike.

— Michaels, John Michaels. Controlo uma companhia de incorporação e desenvolvimento de projeto de imóveis e Rider é meu advogado especialista em direito imobiliário.

— Bem, vai ter de arranjar um outro advogado — disse Rayfield.

— Estou satisfeito com o trabalho de Sam.

— Não é essa a questão. A questão é que Rider está morto. Cometeu suicídio. Primeiro matou a esposa e depois se matou.

Fiske se levantou, tentando tornar sua expressão tão horrorizada quanto possível. Não foi muito difícil, dado o fato de que estava tentando enganar dois homens armados, com mais dois homens armados no aposento ao lado. Se fracassasse, seria a primeira vítima, se Josh Harms tivesse alguma escolha com relação a isso.

— De que diabo estão falando? Conversei com ele recentemente. Parecia bem.

— Certo, tudo bem, mas o fato é que ele está morto— disse Rayfield.

Fiske sentou-se abruptamente, olhando atordoadado para as pastas diante de si.

— Não posso acreditar — disse, sacudindo a cabeça lentamente. Estou me sentindo como se fosse um idiota. Sentado no escritório do homem esperando para realizar uma reunião. Mas eu não sabia. Ninguém me avisou. A porta deste escritório estava destrancada. Cristo! — Ele empurrou as pastas para longe, então levantou a cabeça abruptamente. — Então que estão fazendo aqui? Por que o Exército está envolvido?

Tremaine e Rayfield trocaram olhares.

— Houve uma fuga de uma prisão militar próxima.

— Deus do céu, vocês acham que o fugitivo está por aqui?

— Não sabemos. O fato é que Rider era o advogado do fugitivo. Pensamos que ele poderia vir aqui, em busca de dinheiro ou alguma coisa, quem sabe, o fugitivo poderia ter assassinado Rider, pelo que sabemos.

— Mas disse que foi suicídio.

— Isto é o que a polícia pensa. É por isso que estamos aqui. Para dar uma busca, apanhar o sujeito se estiver por aqui.

Fiske olhou com o coração apertado enquanto Tremaine se dirigia para a porta do banheiro.

— Susan, por favor, pode sair e vir até aqui? — Fiske gritou bem alto.

Tremaine encarou Fiske duramente, enquanto todos eles ouviam a descarga da latrina ser dada. E então a porta se abriu parcialmente e Sara saiu, tentando o melhor que podia parecer espantada. Ela fez um excelente trabalho, pensou Fiske, provavelmente porque estava morta de medo.

— John, o que está acontecendo?

— Eu falei com esses cavalheiros sobre nossa reunião com Sam Rider. Não vai acreditar nisso, mas ele está morto.

— Ah, meu Deus.

— Susan é minha assistente.

Ela balançou a cabeça para cumprimentar os dois homens.

— Não ouvi seus nomes — disse Fiske.

— É isso mesmo — disparou Tremaine de volta.

Fiske continuou apressadamente:

— Estes homens são do Exército. Estão procurando por um prisioneiro fugitivo. Achem que a pessoa pode ter tido alguma coisa a ver com a morte de Sam.

— Ah, meu Deus. John, vamos tomar logo o avião de volta e sair daqui.

— Não é uma má ideia — disse Tremaine. — Podemos revistar este lugar muito mais rápido com vocês dois fora do caminho. — Ele mais uma vez olhou para a porta do banheiro. Segurando a arma com uma das mãos, estendeu a outra para abrir a porta totalmente.

— Bem, posso lhe dizer que não tem ninguém se escondendo aí dentro — disse ela, mantendo a expressão tão séria quanto podia.

— Se não se importar, senhora, gosto de ver essas coisas por mim mesmo — disse Tremaine ríspidamente.

Fiske observou Sara. Tinha certeza de que ela ia começar a gritar. Vamos, Sara, aguente firme. Não perca o controle.

Atrás da porta do banheiro às escuras, Josh Harms estava com a pistola apontada diretamente para a cabeça de Tremaine através da pequena fenda entre a porta e a ombreira da porta.

Josh já havia calculado as vantagens táticas que tinha, por mínimas que fossem. Primeiro Vic Tremaine e depois Rayfield, a menos que Rayfield o apanhasse primeiro, o que era uma boa possibilidade, dado o campo de visão muito limitado de Josh. Bem, não havia como ele pudesse errar o pequeno tanque Sherman que Vic Tremaine representava. Sua mão segurou mais firme o gatilho, enquanto seu irmão pairava acima de seu ombro, pressionando o corpo de gigante tanto quanto podia contra a parede. Assim que Tremaine tocasse na madeira, tudo estaria acabado.

Naquele momento Fiske começou a enfiar as pastas dentro da maleta.

— Não consigo acreditar. Primeiro dois crioulos quase nos atropelam e agora isso.

Tremaine e Rayfield viraram-se bruscamente e o encararam.

— Que dois crioulos?

Fiske interrompeu o que estava fazendo e olhou para ele.

— Quando estávamos entrando no prédio e passaram correndo por nós, quase derrubaram a Susan.

— Como eram os dois? — perguntou Rayfield, com a voz tensa, enquanto avançava lateralmente para mais perto de Fiske. Tremaine rapidamente se afastou da porta do banheiro.

— Bem, eram pretos, como eu disse. Agora um deles parecia um ex-jogador da NFL ou coisa assim. Lembra-se de como ele era grande, Susan? — Ela balançou a cabeça e então começou a respirar novamente. — Quero dizer, o sujeito era imenso. E o homem que

estava com ele também era bem grande, um metro e noventa, um metro e noventa e dois no mínimo, mas muito mais esguio. Estavam correndo como o diabo e também não eram jovens. Quarenta e cinco, cinquenta anos, no mínimo.

— Viu para que lado foram?

— Eles entraram correndo num carro velho e saíram pela estrada principal, em direção ao norte. Mas não sou bom com carros, não sei dizer qual a marca ou o modelo, mas era velho. Verde, acho.

— Ele de repente pareceu assustado. — Não acha que era o prisioneiro fugitivo, acha?

Tremaine e Rayfield não responderam porque estavam saindo correndo pela porta. Tão logo eles ouviram a porta exterior se abrir e as botas correndo pelo corredor, Fiske e Sara olharam um para o outro e então ambos, como se estivessem amarrados por um barbante, desabaram sobre o sofá. Eles se abraçaram e ficaram agarrados um no outro.

— Fico feliz por não ter tido que atirar em você. Sabe pensar depressa.

Os dois olharam para cima, para o rosto sorridente de Josh Harms enquanto ele enfiava a pistola na cintura da calça.

— Nós dois somos advogados — disse Fiske com a voz rouca, ainda abraçando Sara bem apertado.

— Bem, ninguém é perfeito — disse Josh.

Rufus apareceu atrás do irmão.

— Obrigado — disse baixinho.

— Espero que agora acredite em nós — disse Fiske.

— Acredito, mas não vou aceitar sua ajuda.

— Rufus...

— Todo mundo que tentou me ajudar até agora, todos eles estão mortos. Exceto pelo Josh, e nós quase dançamos esta noite. Não quero ter isso na minha consciência. Vocês dois voltem para seu avião e tratem de ficar fora disso, droga.

— Não posso fazer isso. Ele era meu irmão.

— Faça o que quiser, mas vai ter que fazer sem mim. — Ele foi para a janela e observou enquanto o jipe saía em disparada, seguindo para o norte. Ele fez um gesto para Josh. — Vamos tratar de ir andando. Ninguém pode dizer quando eles sentirão vontade de voltar.

Enquanto os dois homens começavam a se virar para ir embora, Fiske enfiou a mão no bolso e tirou alguma coisa que estendeu para Rufus.

— Este é meu cartão de visitas. Tem os números de telefone de meu escritório e de casa. Rufus, pense a respeito do que está fazendo. Sozinho, não vai chegar a lugar nenhum. Quando finalmente se der conta disso, me ligue.

Fiske ficou surpreso quando Sara tomou o cartão de sua mão e escreveu alguma coisa no verso. Ela o estendeu de volta para Rufus.

— Estes são meus números de telefone de casa e do carro, aqui atrás. Pode ligar para qualquer um de nós dois, de dia ou de noite.

Lentamente, a mão enorme se estendeu, aceitou os cartões. Rufus os enfiou no bolso da camisa. Mais um minuto e Sara e Fiske estavam sozinhos. Mais uma vez olharam um para o outro, completamente exaustos. Um minuto inteiro se passou antes que Fiske quebrasse o silêncio.

— Bem, tenho de admitir, foi realmente por muito pouco.

— John, eu nunca, jamais quero fazer isso de novo. — Sara foi andando meio cambaleante para o banheiro.

— Onde você vai?

Ela não se deu sequer ao trabalho de se virar para olhar para ele.

— Ao banheiro, a menos que queira que eu vomite aqui mesmo.

UMA HORA DEPOIS DE SUA CONVERSA COM WARREN McKENNA, Chandler estava subindo lentamente pela entrada para carros que levava a sua casa. Era uma confortável casa de tijolos, construída em três níveis sobre uma encosta, situada numa área de construções semelhantes. Era um lugar agradável e seguro para criar os filhos pelo menos havia sido, vinte anos atrás. Não era mais nem tão seguro nem tão agradável hoje em dia, mas também, que lugar o era?, pensou.

Há muitos anos, quando queria se descontraír depois do trabalho, costumava jogar bola ao cesto com os filhos no fundo da entrada para carros, usando a cesta de basquete que havia colocado acima das portas da garagem. Desde então, aquela rede tinha apodrecido há muito tempo, e o arco e a tabela tinham sido retirados. Em vez disso, ele foi para o jardim nos fundos da casa, onde sentou-se em um banco de cedro acinzentado, desbotado pelo tempo, que ficava junto de uma frondosa magnólia e de frente para uma pequena fonte escavada no terreno. Sua esposa o havia infernizado para que fizesse a fonte e ele tinha reclamado o tempo todo. Somente depois de ter terminado o projeto, havia compreendido a insistência dela. Construir aquilo fora um processo de catarse para Chandler: o planejamento, as medidas, a escolha dos materiais. Fora muito semelhante ao trabalho de detetive, como se fosse um quebra-cabeça em que tinha-se que ter a mesma quantidade de competência que de sorte.

Depois de dez minutos de silêncio, finalmente levantou-se com um movimento brusco, o paletó atirado por sobre o ombro, e foi andando em passadas lentas até a casa. Olhou em volta para a cozinha silenciosa, às escuras. Era bem decorada, a casa inteira o era,

graças inteiramente aos esforços de sua esposa, Juanita. Criar os filhos, levá-los às consultas médicas, pagar as contas, manter as flores bem cuidadas, a grama aparada e com as ervas daninhas arrancadas, as camas feitas, as roupas lavadas e passadas, as refeições preparadas, a louça lavada — ela fazia todas essas coisas, enquanto ele trabalhava turnos longos de horários horripilantes a caminho do topo de sua carreira. Aquela havia sido a parceria deles. Depois que os filhos saíram de casa, ela havia retomado os estudos, formando-se em enfermagem, e trabalhava em um hospital local na ala pediátrica. Agora estavam casados há trinta e três anos e ainda continuavam apaixonados.

Chandler não tinha ideia de quanto mais tempo conseguiria continuar sendo um detetive. Tudo aquilo estava começando a afetá-lo. O fedor do trabalho, a sensação das mãos enfiadas em luvas de borracha, o dar passos minúsculos, medidos, por temor de pisar em algum fragmento de prova que poderia custar a vida a alguém ou permitir que um açougueiro escapasse impune. A papelada burocrática, os advogados de defesa espertos, escorregadios, fazendo as mesmas perguntas, planejando as mesmas armadilhas verbais, os juízes entediados lendo em voz alta as normas da condenação como se estivessem comunicando resultados de testes escolares. As expressões de robôs dos réus que não diziam nada, não demonstravam nenhuma emoção, iam para a prisão com seus camaradas, a instituição de ensino superior deles, para saírem criminosos muito mais consumados.

O telefone tocando interrompeu bruscamente aqueles pensamentos deprimentes.

— Alô? — Ele ouviu por uns dois minutos, deu uma série de instruções e desligou. Uma bala havia sido encontrada na viela onde o corpo de Michael Fiske fora localizado. Aparentemente havia ricocheteadado numa parede e ficado enfiada no lixo acumulado atrás de uma grande caixa coletora de lixo. Pelo que haviam dito a

Chandler, a bala estava em excelentes condições, com muito pouca deformidade do projétil. O laboratório teria de confirmar se era realmente a bala que matara o jovem assistente jurídico. Isto seria bastante fácil de determinar por um motivo nauseante: a bala teria resíduos de sangue, ossos e tecido cerebral que poderiam ser vinculados de maneira bastante conclusiva com os da cabeça de Michael Fiske. Com a bala na mão, eles agora poderiam procurar seriamente pela arma do crime. A balística poderia comparar a bala com a arma que a disparara, identificando-a, com a mesma confiabilidade com que se comparava impressões digitais com a mão humana.

Chandler se levantou e foi até a sala de visitas, propositadamente deixando sua própria arma para trás. Sentou-se numa poltrona espreguiçadeira que combinava com seu físico grande e corpulento. A sala estava às escuras e ele não se moveu para acender a luz. Ele tinha luzes demais em torno de si quando estava trabalhando. Luzes em seu escritório que o abatiam todos os dias. Luzes mais intensas na sala de necropsias que tornavam cada pedaço de carne enorme, ameaçadoramente cru, memorável a ponto de, repetidamente, porém em largos intervalos, levar Chandler a pedir licença e se retirar para ir até o banheiro masculino, onde seu estômago demonstrava seu apreço pela arte e perícia requintada do desmembramento oficial. As luzes pipocantes dos fotógrafos, numa cena do crime ou em um tribunal. Demasiadas malditas luzes. A escuridão era silenciosa, a escuridão era tranquilizadora. Exatamente como ele desejava que fosse sua aposentadoria. Fresca e escura. Como a fonte no fundo do quintal.

As palavras de Warren McKenna o haviam perturbado, embora tivesse realmente tentado muito não demonstrar. Não conseguia convencer a si mesmo a aceitar que John Fiske pudesse ter assassinado o próprio irmão. Mas, para falar a verdade, não seria nisso exatamente que Fiske queria que Chandler acreditasse? Mas,

além disso, ele tinha outra coisa em que pensar. Os telefonemas de Michael Fiske para Fort Jackson. E agora a fuga de Rufus Harms. Haveria ligação entre eles? Fiske estava protegendo Sara Evans, isto era evidente. Chandler sacudiu a cabeça. Ele teria de meditar a respeito daquilo porque seu velho cérebro não estava chegando a lugar nenhum.

Começou a se levantar e então parou abruptamente. Os braços, de repente, envolveram seu pescoço, assustando-o. Suas mãos agarraram os antebraços da pessoa, enquanto seus olhos se arregalavam. A arma — que inferno, onde estava sua arma?

— Trabalhando duro ou praticamente não trabalhando?

Ele imediatamente relaxou e olhou para cima, para o rosto de Juanita. Os cantos de seus lábios estavam ondulados, nos esboços iniciais de um sorriso. O rosto dela sempre tinha aquela mesma expressão, como se estivesse prestes a contar ou a rir de uma piada.

Aquela expressão nunca deixava de alegrá-lo, pouco importando o quanto seu dia tivesse sido ruim, não importando quantos corpos ele tivesse examinado e explorado.

Ele pôs a mão no peito ofegante.

— Mas que inferno, mulher, se você me pegar assim de surpresa de novo, a única coisa em que vou estar trabalhando vão ser em minhas asas de anjo.

Ela sentou no colo dele. Estava vestindo um robe branco comprido, com os pés descalços.

— Ora vamos, um sujeito grande e forte como você? E não está sendo um pouco presunçoso com relação a essas asas de anjo?

Ele deslizou um braço em volta da cintura de Juanita, que, depois de três filhos, não era mais tão fina como fora na noite de casamento dos dois, mas, também, tampouco era a dele. Tinham crescido juntos, com frequência gostava de dizer. O equilíbrio era essencial na vida. Um gordinho e um magricela significaria simplesmente estar a caminho de um desastre.

Não existia ninguém vivo que o conhecesse melhor do que Juanita. Talvez este fosse realmente o único produto importante de um casamento bem-sucedido: a consciência de que existia uma outra alma no mundo com o mesmo número que o seu, inteiro, até o último ponto de fração decimal possível, lá fora com o pi, talvez até mais; se isto fosse possível, Juanita tinha o dele.

Ele retribuiu o sorriso dela.

— Claro, sou um sujeito grande e forte, mas sensível, querida. Conosco, os tipos sensíveis, nunca se sabe o que seria capaz de nos derrubar. E depois de uma vida passada lutando contra o crime, pensei que o Senhor estaria lá no alto, agora mesmo, costurando um belo e elegante par de asas de anjo para mim, de tamanho extragrande, é claro. Ele sabe de tudo, e assim sendo terá conhecimento de que alarguei um pouco na velhice. — Ele deu um beijo no rosto dela e se deram as mãos. Ela passou a mão pelos cabelos dele que começavam a escassear. Podia sentir que o tom brincalhão era forçado.

— Buford, por que não me conta o que está incomodando tanto você, para que possamos conversar a respeito do assunto e então você possa ir para a cama. Está ficando um bocado tarde. Amanhã é sempre outro dia.

Chandler sorriu do comentário dela.

— Hei, que aconteceu com meu rosto impassível de jogador de pôquer? Aquele com que eu olho o culpado olho no olho e o desarmo sem nunca revelar o que realmente estou pensando?

— Você é péssimo jogador de pôquer. Portanto, converse comigo, querido.

Ela lhe esfregou o pescoço tenso e ele retribuiu massageando-lhe os pés finos.

— Você se lembra do rapaz a respeito de quem estive lhe falando? John Fiske? O irmão dele era um assistente jurídico na Suprema Corte.

— Lembro. E agora um outro assistente jurídico também está morto.

— Exato. Bem, estive no apartamento do irmão dele, hoje à noite, revistando em busca de provas para serem recolhidas. McKenna, aquele agente do FBI, apareceu.

— O tal que você disse que era tenso e parecia uma granada pronta para explodir? Que você não conseguia compreender?

— É esse mesmo.

— Hum-hum.

— Bem, descobrimos uma apólice de seguro de vida que dá a John Fiske meio milhão de dólares em caso da morte do irmão.

— E daí, eles eram uma família, não eram? Você tem seguro de vida, não tem? Eu fico rica se você morrer, certo? — Ela bateu de leve no topo da cabeça dele. — É melhor que você tenha, de qualquer maneira. Andou me prometendo todas essas coisas boas minha vida inteira e nunca me deu. É melhor que eu fique rica quando você bater as botas.

Os dois caíram na gargalhada e trocaram abraços prolongados.

— Fiske nunca me falou sobre o seguro de vida. Isto é, ora vamos, é um clássico motivo para homicídio.

— Bem, talvez ele não saiba que a apólice existe.

— Talvez — Chandler concordou. — De qualquer maneira, McKenna expôs toda uma teoria segundo a qual Fiske teria matado o irmão pelo dinheiro, fazendo com que uma outra assistente jurídica o ajudasse, porque ela tem uma queda por ele e, então, nos atirando todas essas informações equivocadas, se oferecendo para ajudar na investigação e outras coisas mais. Chegando até a mentir sobre ter apanhado um intruso no apartamento do irmão. Tenho que admitir, ele apresentou uma argumentação bastante convincente, pelo menos aparentemente.

— Então John Fiske esteve no apartamento do irmão?

— Esteve. Diz que um sujeito o derrubou e fugiu. Talvez tenha roubado algumas coisas do apartamento, algo que estivesse ligado ao crime.

— Bem, se John Fiske esteve no apartamento do irmão e inventou a história sobre esse tal intruso, e ele tinha conhecimento da existência da apólice de seguro de vida, por que não revistou o apartamento do irmão? Por que a deixaria lá para que você a encontrasse e começasse a ter suspeitas?

Chandler ficou olhando fixo para ela de olhos arregalados.

— Buford, você está passando bem?

— Mas que droga, meu amor, pensei que eu fosse o detetive da família. Agora me diga, que diabo, como foi que deixei passar isso?

— Porque está trabalhando demais e não recebe reconhecimento e estima suficientes, é por isso. — Ela se levantou e estendeu a mão para ele. — Mas se subir agora mesmo, vou mostrar a você reconhecimento e estima extraespeciais. Mas deixe seu lado sensível aqui embaixo, querido, e traga apenas as suas outras partes para cima. Ela olhou para ele com uns olhos semicerrados que ele sabia que não indicavam sono.

Chandler se levantou rapidamente, segurou a mão dela e juntos subiram a escada.

ENQUANTO O JIPE CORRIA, DESCENDO A ESTRADA, Tremaine examinava os passageiros de cada carro que por eles passava.

— Que maldita falta de sorte — gemeu Rayfield. — Nós os perdemos por não mais do que uns poucos minutos.

Tremaine o ignorou, concentrando-se em vez disso no carro na frente deles. A luz no interior do carro se acendeu enquanto eles passavam, revelando o motorista e o passageiro. O passageiro estava desdobrando um mapa.

Enquanto Tremaine olhava fixo para o interior do carro, enfiou o pé no freio, virou o jipe bruscamente para a esquerda e atravessou a faixa divisória rebaixada separando as pistas da estrada. O veículo sacolejou e chocou-se aos solavancos na vala coberta de grama antes que os pneus encontrassem o asfalto novamente e eles estivessem seguindo de volta em direção ao escritório de Rider.

Rayfield agarrou o ombro de Tremaine.

— Que diabo você está fazendo?

— Eles nos enganaram. O sujeito e a garota. A história deles era pura conversa fiada.

— Como sabe disso?

— A luz no banheiro.

— A luz? O que tem a luz?

— Não estava acesa. A vaca estava lá dentro no escuro. Só me toquei quando vi a luz do teto do carro se acender ali atrás. Não havia luz passando por baixo da porta do banheiro quando ela estava lá dentro. Quando abriu a porta, ela não apertou o interruptor de luz, porque o banheiro já estava no escuro. Ela não estava usando

a latrina. Estava de pé no banheiro totalmente escuro. E adivinhe por quê?

O rosto de Rayfield empalideceu. ,

— Porque Harms e o irmão estavam lá dentro também— Enquanto ele olhava para a estrada adiante, um outro pensamento lhe ocorreu. — O sujeito que disse que o nome dele era John Michaels. Poderia ter sido John Fiske?

— E a garota era Sara Evans. É isso que estou pensando. É melhor você ligar e avisar aos outros.

Rayfield pegou o telefone celular.

— Agora nunca vamos alcançar Harms.

— Vamos sim.

— Como, porra, como vamos conseguir?

Tremaine lançou mão de seus trinta anos de treinamento no Exército, estudando o que o outro lado faria em um determinado cenário.

— Fiske disse que os viu entrar num carro. O oposto de um carro é um caminhão ou uma picape, um utilitário. Ele disse que era um carro velho. O oposto disso é uma picape ou caminhão novo. Disse que eles estavam seguindo para o norte, de maneira que vamos para o sul. Só se passaram cinco minutos. Vamos apanhá-los.

—Deus queira que você esteja certo. Se eles estavam no escritório de Rider... — Ele se calou e olhou com ansiedade pela janela.

Tremaine virou e olhou para ele.

— Então isso significa que os irmãos Harms não estão fugindo. Isso significa que estavam procurando por alguma coisa que Rider tinha. E, porra, com certeza não é uma boa notícia para nós. — Ele balançou a cabeça na direção do telefone. — Faça logo essa ligação. Cuidaremos de Harms e de seu irmão. Eles terão de cuidar de Fiske e da mulher.

Por causa do perfil de natureza de grande interesse público do caso, o FBI havia oferecido o uso de seu laboratório para realizar a análise do projétil encontrado na viela. Depois de comparar amostras do tecido retirado dos restos mortais de Michael Fiske, a conclusão foi que o projétil havia sido disparado através de seu cérebro. A bala era uma nove milímetros de um tipo habitualmente utilizado por pessoal das forças de segurança.

Com esta informação o agente McKenna se sentou diante de um terminal de computador no Hoover Building e redigiu uma solicitação de alta prioridade para a polícia do estado de Virgínia. Poucos minutos depois ele tinha sua resposta. John Fiske tinha uma SIG-Sauer nove milímetros registrada em seu nome, um remanescente de seus dias de policial. Dentro de minutos McKenna estava em seu carro. Duas horas depois fez a curva para sair da Interestadual 95 e seguiu pelas ruas escuras do centro de Richmond. Seu carro rodou com um barulho surdo e contínuo pelas ruas antigas e de pavimentação irregular de Shockoe Slip. Ele estacionou numa área isolada próximo à estação de trens.

Dez minutos depois estava dentro do escritório de Fiske, após ter aberto com uma gazua as fechaduras da porta de entrada do prédio e do escritório do advogado com notável facilidade. Examinou o espaço escuro usando uma pequena lanterna. Havia decidido primeiro dar uma busca no escritório de Fiske em vez de no seu apartamento. Foram precisos apenas uns dois minutos até que a encontrasse. A pistola nove milímetros era relativamente leve e compacta. Usando luvas, McKenna a empunhou por um momento e depois a enfiou no bolso.

Levantou a lanterna e examinou o resto do escritório. O fecho de luz se refletiu em alguma coisa e ele foi até a prateleira de livros. Pegou a fotografia no porta-retrato. A luz da lanterna criava

demasiado reflexo no vidro e cobria a foto, de maneira que McKenna a levou até a janela e a examinou sob a luz do luar.

Os irmãos Fiske se pareciam com quaisquer outros irmãos, de pé lado a lado. Michael Fiske era mais alto e mais bonito do que seu irmão mais velho, mas o fogo nos olhos de John Fiske ardia com maior intensidade. John estava com seu uniforme de policial, de maneira que aquela foto havia sido tirada algum tempo atrás, McKenna sabia. O irmão mais velho tinha visto muita coisa em sua vida vestindo aquele uniforme, exatamente como McKenna vira em sua carreira no FBI. Algumas vezes essas experiências lhe davam esse fogo, ou então o tomavam de você cruelmente.

Ele colocou a fotografia de volta no lugar e saiu do escritório. Cinco minutos depois o carro do agente do FBI estava seguindo em direção ao norte novamente. Duas horas mais tarde, de volta a sua casa num bairro elegante na zona norte de Virgínia, McKenna estava sentado em seu pequeno estúdio e, alternadamente, bebericando uma cerveja e apertando os lábios em volta de um cigarro. Ele apanhou a pistola que havia tirado do escritório de Fiske. Estava muito bem cuidada, era uma bela e sólida arma aquela P226. Fiske havia feito uma boa escolha em termos de artilharia. Como policial ele teria contado com aquela arma para sobreviver. Anos atrás os policiais raramente tinham de sacar suas armas. Isto havia mudado.

Fiske tinha matado um homem com esta arma, McKenna sabia. Disparado o tiro que tirara a vida de um outro. McKenna compreendia as complexidades desse tipo de passagem ou jornada — uma jornada que tipicamente era comprimida dentro do espaço de uns poucos segundos. O calor do metal, o cheiro nauseante de pólvora explodida. Ao contrário do que mostrava o cinema, uma bala não explodia um homem, atirando-o metros para trás. Um homem caía onde a sua bala acertava nele; fazia com que cagasse e mijasse nas calças, fazia com que mergulhasse no chão sem uma palavra. McKenna também havia matado um homem. Fora rápido,

um reflexo; ele tinha visto os olhos se projetarem para fora, o corpo se contorcer. Então McKenna tinha voltado ao ponto de onde havia disparado e percebido dois buracos de bala na parede, de cada um dos dois lados de onde havia estado. O homem morto tinha conseguido disparar seus próprios tiros. Eles haviam passado miraculosamente de um lado e de outro do agente do FBI. Mais tarde, McKenna descobriria que o homem morto tinha um olho doente atacado por ambliopia; o problema afetava sua percepção de profundidade. McKenna tinha seguido em frente, vivido para ver sua mulher e seus filhos porque o homem morto tinha uma pupila oscilante. Dirigindo a caminho de casa, McKenna havia borrado as calças.

Ele largou a pistola e voltou seus pensamentos para o presente. Seu informante no gabinete dos assistentes jurídicos havia apresentado bons resultados. Amanhã, tanto Fiske quanto Sara teriam de enfrentar um duro interrogatório. Ele entraria em contato com Chandler bem cedo, exporia os fatos e deixaria que o combativo detetive de homicídios cumprisse seu dever. McKenna se levantou e andou pelo aposento. Nas paredes havia fotos suas emolduradas em companhia de uma série de pessoas importantes. Cuidadosamente arrumados sobre uma mesa lateral estavam os numerosos prêmios e condecorações que Warren McKenna recebera por mérito com sua inteligência e coragem como agente do FBI. Ele tivera uma carreira longa e produtiva trabalhando para as forças de segurança, mas isso não havia compensado o único evento que lhe causara enorme vergonha desde então. Acontecera há muitos anos e no entanto ainda era uma das mais nítidas recordações que possuía. O que havia feito, naquela ocasião, hoje o estava compelindo a forjar provas para acusar John Fiske de um crime.

Apagou o cigarro e foi andando silenciosamente pela casa. Sua esposa há muito tempo já fora para a cama. Os dois filhos estavam crescidos e não moravam mais ali. Tinha se saído bem

financeiramente, embora agentes do FBI nunca ganhassem muito dinheiro, a menos que abandonassem o distintivo. Mas sua esposa, sócia de um importante escritório de advocacia de Washington, ganhara. Assim sendo, a casa era grande, luxuosamente mobiliada e basicamente vazia. Olhou para trás na direção do estúdio. Sua carreira notável, meticulosamente registrada naquela mesa, duradouramente capturada naquelas fotografias. Ele respirou fundo, enquanto a escuridão o abraçava. A penitência era uma responsabilidade para toda uma vida.

∞

O avião aterrissou e taxiou até parar. Poucos minutos depois Fiske e Sara estavam seguindo em direção à garagem de estacionamento do National Airport.

— Tomamos um avião para ir até lá, quase fomos massacrados e voltamos de mãos vazias — resmungou Sara. — Brilhante ideia a que eu tive.

— É nisso que você está enganada — disse Fiske.

Eles chegaram ao carro e embarcaram.

— Então, o que exatamente descobrimos? — perguntou ela.

— Uma porção de coisas. Primeira, vimos Rufus Harms cara a cara. Eu acho que ele está dizendo a verdade, seja lá o que for a verdade.

— Você não pode ter certeza disso.

— Ele foi ao escritório de Rider, Sara, quando o que deveria estar fazendo era o que fosse possível para sair do país. Ele foi até lá para apanhar o apelo que havia escrito. Por que faria isso, a menos que acreditasse que era verdade?

— Não sei — admitiu Sara. — Se era o apelo dele, por que simplesmente não escrevê-lo de novo?

— Rider tinha dado entrada no documento original dele junto com o recurso. Você viu isso na maleta de meu irmão. Agora que Rider está morto, aquilo era algo que Harms não podia duplicar. Ele também mencionou alguma coisa que recebeu do Exército. Uma carta. Talvez tenha pensado que isso ajudaria, e, portanto, voltou para apanhar os dois.

— Isto faz mais sentido.

— Os caras do Exército estavam lá para buscar e destruir pistas. Não foram ao escritório para procurar Rufus Harms. Foram lá para revistar o escritório de Rider.

— Como sabe disso?

— Porque nem sequer nos perguntaram se tínhamos visto alguém suspeito, alguém que se parecesse com Rufus. Eu tive de oferecer a informação. E não estavam fazendo aquilo oficialmente, de acordo com as regras. No meio da noite, com metralhadoras. Não eram policiais, nem nada parecido. Tinham patente bastante alta, a julgar pela idade e pela atitude deles. Irromper em escritórios de civis, com metralhadoras em punho, à meia-noite, não é assim que o Exército faz as coisas.

— Talvez você tenha razão.

— De maneira que estou pensando que o que quer que estivesse naquela apelação tinha alguma coisa a ver com aqueles dois sujeitos, pessoalmente.

— Mas não sabemos nem quem eles são.

— Sim, sabemos sim. Rufus nos disse os nomes deles no escritório de Rider. Tremaine, Vic Tremaine, e o nome do outro cara é Rayfield. Eles são do Exército, o que significa que, de alguma maneira, devem estar ligados a Fort Jackson. Rufus disse que eles fizeram alguma coisa com ele. Tenho certeza de que estava se referindo àquela ocasião na prisão.

— John, mesmo se de alguma forma o tenham encorajado a matar aquela garotinha, ou até tenham-lhe ordenado que o fizesse

por algum motivo diabólico, o máximo que lhes aconteceria seria serem condenados por algum tipo de cumplicidade. E depois de todos esses anos? Se isto é tudo o que Harms tem, ele não tem nada, você sabe muitíssimo bem disso.

— O problema é que não sabemos o suficiente sobre os eventos que de fato ocorreram naquela ocasião. Se alguém visitou Harms na prisão na noite em que a garotinha foi morta, deveria haver um registro disso.

Sara demonstrou ceticismo.

— Depois de vinte e cinco anos?

— E depois existe a carta do Exército que Harms mencionou. Que tipo de carta o Exército estaria enviando a um condenado por Corte Marcial?

— Você acha que a carta de alguma maneira fez deslanchar tudo isso?

— Poderia ter algum tipo de informação de que Harms não tinha conhecimento antes. Não sei o que poderia ser nem por que ele não teria conhecimento antes.

— Espere um minuto. Se Tremaine e Rayfield são de Fort Jackson, por que eles deixariam que este tipo de carta chegasse às mãos de Harms? A correspondência de presos não é censurada?

— Talvez não tenha sido enviada para a prisão, para começar. Josh Harms parece saber de tudo a respeito da carta; talvez ele tenha recebido a carta, juntado as coisas e contado a Rufus.

— E então Rufus talvez tenha de alguma forma fingido ter um ataque de coração, sendo levado para o hospital mais próximo e de lá Josh o tenha ajudado a fugir?

— Isto faz sentido.

— Eu queria apenas que nós soubéssemos o que aconteceu em Fort Jackson naquele dia. Fica bastante claro a partir do que Josh e Rufus disseram que meu irmão o visitou na prisão.

— Por que não ligar para a prisão? Assim poderemos descobrir se Michael esteve lá.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Se aqueles dois sujeitos servem na prisão eles terão ocultado tudo isso, talvez até transferido qualquer pessoa que tivesse visto Mike saindo de lá. E não podemos procurar Chandler com essas informações, o que iríamos dizer? Dois sujeitos do Exército estão procurando por um prisioneiro foragido que estava sob a custódia deles. E daí?

— Bem, se Rayfield e Tremaine trabalham na prisão, então Michael entrou direto no covil do leão. Mesmo que vocês dois não fossem muito próximos, fico realmente surpreendida que Michael não tenha tentado ligar para você para pedir ajuda. Ele poderia estar vivo se tivesse feito isso.

Fiske gelou diante das palavras dela e então fechou os olhos. Não disse mais nada enquanto seguiam no carro.

∞

Quando chegaram ao chalé de Sara, Fiske foi direto para a geladeira e pegou uma cerveja.

— Você tem cigarros?

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Pensei que você não fumasse.

— Não fumo há anos. Mas realmente preciso de um cigarro agora.

— Bem, está com sorte. — Ela puxou a cadeira e a colocou junto ao balcão da cozinha. Tirou os sapatos de salto e subiu no assento da cadeira. — Descobri que se eu tornar tão difícil quanto for possível alcançar minha pequena reserva, tenho menos vontade de fumar. Acho que tenho um traço de caráter realmente preguiçoso.

Fiske observou enquanto ela ficava na ponta dos pés e se esticava para alcançar o topo do armário mais alto, os dedos mal chegando à borda de cima.

— Sara, vamos, deixe que eu faça isto. Vai acabar se arrebrandando.

— Eu tenho, John. Está por aqui. — Ela esticou o corpo o máximo que podia e Fiske se apanhou admirando o alto de suas coxas que haviam ficado descobertas à medida que o vestido subia. Ela começou a balançar um pouco, de maneira que ele pôs a mão em sua cintura para apoiá-la. Na parte de trás da coxa direita havia uma pequena marca de nascença, quase que perfeitamente triangular em forma e de um tom de cor vermelho-opaco. Parecia pulsar com cada um de seus movimentos. Ele olhou de relance para os pés dela, enquanto continuava a segurá-la, a base de sua mão apoiando ligeiramente o macio de seus quadris. Os dedos dos pés de Sara eram compridos e abertos, como se ela andasse descalça com frequência. Ele desviou o olhar.

— Peguei. — Ela levantou o maço. — Camel, tudo bem?

— Desde que se possa acender uma ponta, na verdade não me importo. — Ele a ajudou a descer, tirou um cigarro e então olhou para ela. — Você quer um? Depois de ter esse trabalho todo. — Ela balançou a cabeça e ele ofereceu um cigarro a ela. Levaram um minuto para acender e Sara acompanhou Fiske pegando uma cerveja. Os dois saíram para o pequeno deque dos fundos, que dava para o rio, e sentaram num sofá de balanço desbotado.

— Você fez uma bela escolha com esta casa — comentou ele.

— Na primeira vez em que a vi, podia me ver morando aqui para sempre. — Ela encolheu as pernas embaixo do corpo, bateu a cinza do cigarro contra o corrimão do deque e observou enquanto a brisa levava a cinza para longe. Arqueou o pescoço longo e tomou um grande gole de cerveja.

— Impulsivo de sua parte.

Ela colocou a cerveja no chão e estudou o rosto dele.

— Você nunca se sentiu assim com relação a alguma coisa?

Ele pensou naquilo por um momento.

— Na verdade não. E então, qual será o próximo passo? Marido, filhos? Unicamente o desenvolvimento da carreira profissional? — Ele deu uma tragada e esperou que Sara respondesse.

Ela deu mais um gole na cerveja e observou as luzes dos carros passando sobre a ponte Woodrow Wilson na distância. Então se levantou.

— Quer sair para velejar?

Fiske levantou a cabeça para olhar para ela surpreendido.

— Está meio tarde para isso, não acha?

— Não está mais tarde do que quando fizemos nosso último passeio de barco. Tenho a licença e as luzes de navegação no barco. Faremos apenas um círculo bem tranquilo e então voltaremos. — Antes que ele pudesse responder, ela desapareceu no interior da pequena casa de campo. Poucos minutos depois voltou vestindo calças jeans cortadas nos joelhos, uma camiseta curta, sem mangas, e sapatos de lona para navegação, os cabelos presos, puxados para trás num coque.

Fiske olhou rapidamente para sua camisa social, calças e mocassins.

— Não trouxe minhas roupas de marujo.

— Tudo bem. Você não é o velejador, eu sou.

Ela havia trazido mais duas cervejas geladas. Os dois desceram para a doca. Estava extremamente úmido e Fiske rapidamente começou a suar enquanto ajudava Sara a preparar as velas.

Enquanto estava na proa para equipar a vela de popa, Fiske escorregou e quase despencou dentro da água.

— Se tivesse caído no Potomac, não precisaríamos da lua para velejar, você estaria brilhando sozinho — comentou Sara rindo.

A água estava lisa, nenhum vento soprava vindo da costa, de maneira que Sara ligou o motor auxiliar e eles foram navegando até o meio do rio, onde as velas finalmente balançaram com a brisa e se inflaram com o ar quente. Durante a hora seguinte eles velejaram, cortando a água em movimentos circulares lentos ovais, de um lado a outro do rio. O barco tinha uma luz de navegação, a lua estava com três quartos, quase cheia, e não havia nenhuma outra embarcação no rio.

Fiske assumiu o comando do leme para uma volta, com Sara orientando-o na cana do leme, até que ele se sentisse à vontade. Cada vez que bordejavam a bolina cerrada, a vela mestra estremecia e caía, Fiske se abaixava e Sara virava o botaló para o lado oposto, e observava enquanto a vela tornava a se enfunar, impulsionando-os mais uma vez.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Parece mágica capturar algo invisível e ao mesmo tempo tão poderoso, e obrigá-lo a fazer a sua vontade, não acha? — A maneira como ela disse aquilo, tão infantil, com tanto encantamento, fez com que ele não pudesse conter um sorriso. Beberam mais cerveja e ambos fumaram mais um cigarro depois de várias tentativas divertidas de acender o cigarro de frente para um vento forte. Conversaram a respeito de coisas sem nenhuma relação com os atuais acontecimentos e ambos sentiram-se aliviados por poder fazê-lo mesmo que por um breve período de tempo.

— Você tem um sorriso simpático —comentou Sara. — Deveria usá-lo com mais frequência.

Quando afinal tomaram o rumo de volta, Fiske tinha uma bolha na parte interna do polegar de agarrar o cabo do botaló.

Atracaram o barco e baixaram e amarraram as velas. Sara subiu para o chalé e voltou trazendo mais cerveja e um saco de batatas fritas temperadas.

— Que não se diga que não dou de comer a meus convidados.

Os dois sentaram no barco e beberam, beliscando as batatas fritas. O vento começou a ganhar força e a temperatura caiu de repente, à medida que uma tempestade de fim de noite se aproximava. Eles observaram enquanto as nuvens iam adquirindo beiras escuras e clarões de raios surgiam no horizonte. Em sua camiseta decotada e sem mangas, Sara tremeu ligeiramente de frio e Fiske passou o braço em volta dela. Sara se apoiou nele. Então algumas gotas de chuva começaram a cair e Sara levantou-se de um salto. Com a ajuda de Fiske ela puxou a cobertura de vinil e a prendeu nos ganchos sobre os compartimentos abertos do barco.

— É melhor entrarmos — disse ela.

Eles subiram para o chalé, correndo os últimos metros, enquanto a chuva começava a cair pesada.

— Amanhã vai ser um longo dia — disse Sara, olhando para o relógio da cozinha, enquanto enxugava o cabelo molhado com uma toalha de papel.

— Especialmente depois de não termos dormido a noite passada— acrescentou Fiske, bocejando. Eles apagaram as luzes e seguiram para o segundo andar.

Sara disse boa-noite e foi para o seu quarto. Fiske observou pela porta, enquanto ela abria a janela deixando entrar a brisa junto com um pouco de chuva. O clarão de um raio rasgou e iluminou o céu, e se conectou com a terra em algum lugar. O estrondo foi ensurdecedor. Tanta energia, pensou Fiske. Ele seguiu pelo corredor para o outro quarto e tirou a roupa. Sentou-se na cama de cuecas e camiseta, escutando a chuva. O quarto estava abafado, mas não fez nenhum movimento para abrir a janela. A casa era demasiado antiga para ter ar-condicionado central, mas também não tinha aparelhos embutidos nas janelas. Aparentemente Sara preferia que a brisa do rio a refrescasse. Um relógio pendurado na parede tiquetaqueava os segundos para ele. Fiske se apanhou medindo o pulso com o ruído

do relógio. Seu coração batia rápido, galões de sangue sendo bombeados através dele.

Ele vestiu as calças, se levantou e foi até o fim do corredor. O quarto dela estava escuro agora, mas a porta continuava aberta. As cortinas balançavam subindo e descendo com as rajadas de vento. Ele ficou parado na porta e a observou deitada na cama, coberta apenas por um lençol.

Sara o estava observando observá-la. Ele podia ver as bordas de suas pupilas. Estaria esperando por ele? Deixando que ele se aproximasse dela dessa vez? Ele entrou no quarto, hesitante, como se aquela fosse a primeira vez em que entrava num quarto de mulher. Ela não se moveu nem falou, não encorajou, nem desencorajou.

Ele se deitou ao lado dela e imediatamente Sara se moveu para junto dele, como se negando-lhe a oportunidade de reconsiderar sua decisão, de fugir dela. Estava nua. Seu corpo estava quente, a pele sedosa; os seios macios e cheios de calor, o perfume da atmosfera lá fora espesso sobre eles. O cabelo de Sara estava em desalinho e cobria seu rosto. Os lábios dela se cerraram depois se abriram; os dedos o acariciaram com delicadeza, por toda parte. Juntos eles despiram as calças dele e as deixaram cair no chão.

Beijaram-se suavemente de início e depois mais profundamente. Ela se moveu para levantar a camiseta dele, para roçar o peito e a barriga dele contra a sua. Ele afastou a mão de Sara e puxou a camiseta de volta para baixo. Enquanto a chuva batia no telhado e tamborilava nas janelas, Fiske tirou a cueca, levantou o corpo e o acomodou sobre o corpo de Sara.

∞

Sara acordou cedo, os primeiros raios de luz do sol acabavam de cair sobre o parapeito da janela. Depois da tempestade tinham vindo ondas de ar deliciosamente frio e um céu que se transformaria

de totalmente rosado e cinza em um azul profundo dentro de mais uma hora. Ela estendeu o braço para tocar nele e sentiu o espaço vazio a seu lado. Rapidamente se sentou e olhou em volta. Enrolando-se no lençol, correu pelo corredor para olhar o quarto de hóspedes. Em pânico alcançou o alto da escada e parou, um sorriso começando a se abrir em seu rosto.

Observou Fiske enquanto ele se servia de uma xícara de café e depois recomeçava a quebrar ovos numa tigela, e então acrescentava queijo cheddar ralado. Sara ficou parada ali, o aroma de cebolas sendo fritas em fogo baixo alcançando suas narinas. Fiske estava completamente vestido, o cabelo úmido do chuveiro. Quando ia se virando para abrir a porta da geladeira, ele a viu.

Sara enrolou-se mais no lençol.

— Pensei que você poderia ter ido embora.

— Pensei em deixar você dormir mais. Foi uma noite longa.

Uma noite maravilhosa, ela queria dizer, mas não disse.

— Tudo bem com você? — ela perguntou tão casualmente quanto pôde, ainda incapaz de compreender totalmente as mensagens sutis por trás das palavras, dos movimentos e das expressões dele. Especialmente a respeito de algo tão recente quanto o fato de terem feito amor. Seria a escolha de preparar os ovos, em vez de ficar deitado ao lado dela, até que ambos acordassem, um mau sinal?

— Tudo ótimo, Sara — ele sorriu, como se para mostrar a ela que isso era realmente verdade.

Ela sorriu de volta.

— Seja lá o que está preparando, o perfume é delicioso.

— Nada muito chique. Uma omelete à moda do oeste.

— Geralmente como apenas uma torrada seca com café feito com água da torneira. É uma mudança agradável. Será que tenho tempo para um banho de chuveiro?

— Se for rápido.

— Não como ontem à noite. — Ela sorriu, arqueou as sobranceiras e se virou. O lençol estava completamente aberto nas costas.

Fiske a observou ir, excitado de novo diante da visão de seu corpo nu, a delicada e sensual tensão de suas costas, pernas e nádegas. Ele sentou à mesa da cozinha e olhou em volta para o ambiente acolhedor. Tinha ficado parado, de pé no deque nos fundos durante algum tempo, e observado o sol nascer e subir lentamente. O amanhecer sempre parecia tão mais puro sobre a água, como se aqueles dois elementos essenciais da vida, calor e água, produzissem uma performance quase espiritual. Olhou de relance para a escada mais uma vez, enquanto o ruído da água do chuveiro começava. Tinha ficado observando Sara depois que ela adormecera. Na escuridão da noite, com os seus odores misturados como uma segunda pele, parecera-lhe que seu lugar era ali, junto dela, e o dela junto dele. Mas, em seguida, a claridade rude da manhã chegara. Fiske levou a xícara aos lábios, mas então a recolocou sobre a mesa rapidamente. Se tivesse ligado de volta para seu irmão imediatamente, Mike estaria vivo agora. Não havia como Fiske pudesse jamais se esquivar dessa verdade. Teria de viver com ela para sempre.

ELIZABETH KNIGHT TAMBÉM ACORDOU AO RAIAR DO DIA, tomando um banho de chuveiro e se vestindo rapidamente. Jordan Knight ainda dormia profundamente e ela não fez nenhum movimento para acordá-lo. Preparou o café, serviu-se de uma xícara, pegou seu livro de anotações e foi sentar lá fora no terraço para ver o sol subir. Ela revisou cada página de seus textos que continham os fundamentos para a sustentação oral daquele dia, incluindo o último processo do tribunal que Steven Wright jamais redigiria. Seu sangue pareceu substituir a tinta na página. Enquanto ela pensava isso, teve de lutar contra as lágrimas novamente. Jurou para si mesma que ele não morreria em vão. Ramsey não venceria naquele dia, aquele caso. Knight já tinha um grande incentivo para se assegurar de que Barbara Chance e mulheres como ela pudessem processar o Exército por danos por, essencialmente, tolerar o comportamento ilegal, cruel e sádico de seu pessoal de sexo masculino. Ainda não havia sido inventada uma organização que merecesse imunidade por tais ações. Mas agora sua motivação, sua vontade de vencer, de derrotar Ramsey, tinha crescido milhares de vezes. Ela acabou de tomar o café, arrumou a maleta de trabalho e tomou um táxi para a Suprema Corte.

∞

Fiske esfregou os olhos vermelhos e tentou apagar da memória a noite anterior e as desconcertantes complexidades de sua mente. Estava sentado na área especial reservada para membros da ordem da Suprema Corte. Observou Sara, que estava sentada, com os

outros assistentes jurídicos, numa área de assentos perpendicular aos magistrados. Ela olhou para ele e sorriu.

Quando os juízes apareceram, saindo de trás da cortina, e ocuparam seus lugares, Perkins concluiu seu breve discurso e todo mundo se enrijeceu assumindo uma postura de atenção. Fiske examinou Knight. Seus movimentos sutis, um cotovelo descansando ligeiramente aqui, um dedo folheando os papéis ali eram características de uma quase que incontrolável energia pura. Ela parecia, pensou, com um foguete lutando contra as rédeas, desesperadamente querendo explodir. Então observou Ramsey. O homem estava sorrindo, parecendo calmo e no comando. Contudo, se Fiske fosse homem de fazer apostas, suas fichas estariam na extrema direita da mesa dos magistrados, diretamente na frente de Elizabeth Knight.

O caso *Chance versus Estados Unidos* foi chamado.

O advogado de Chance, um profissional importante, peso pesado da faculdade de direito de Harvard, que tinha sua banca calçada em casos apresentados à Suprema Corte com muito sucesso, iniciou a sustentação oral de seus argumentos com vigor. Até que Ramsey o interrompeu.

— O senhor conhece a Doutrina Feres, Sr. Barr? — perguntou Ramsey, referindo-se ao voto judicial de 1950, da Suprema Corte, que pela primeira vez concedia imunidade contra processos judiciais às Forças Armadas.

Barr sorriu.

— Infelizmente, sim.

— Não está nos pedindo que modifiquemos cinquenta anos de precedentes da Corte? — Ramsey olhou para a bancada dos juízes de uma extremidade à outra, enquanto dizia isso. — Como podemos decidir este caso a favor de sua cliente sem virar de cabeça para baixo as Forças Armadas e este tribunal?

Knight não permitiu que Barr respondesse.

— A Corte não permitiu que este argumento a dissuadisse de derrubar o sistema de segregação nas escolas neste país. Se a causa é justa, os meios são justificáveis e o precedente não pode impedi-la de seguir este caminho.

— Por favor, responda à minha pergunta, Sr. Barr — persistiu Ramsey.

— Creio que este caso é distinguível.

— É mesmo? É inquestionável que Barbara Chance e seus superiores homens estavam de uniforme, em área de propriedade do governo e no cumprimento de seus deveres oficiais quando os episódios sexuais ocorreram?

— Eu dificilmente qualificaria sexo sob coação como deveres oficiais. Não obstante, o fato é que seu superior usou seu posto para coagi-la a ceder ao que acabou por significar um estupro e...

— E — interrompeu Knight, aparentemente incapaz de ficar calada — os oficiais superiores na base em questão e o comando regional tinham conhecimento de que esses eventos tinham ocorrido... tinham sido comunicados por escrito de sua ocorrência, inclusive, e não tinham tomado nenhuma providência para sequer investigar o assunto exceto de maneira superficial. Foi Barbara Chance quem chamou a polícia local. Eles fizeram uma investigação que teve como resultado trazer a verdade à tona. A verdade claramente estabelece uma causa de ação, que resultaria em indenização, por parte de qualquer outra organização neste país.

Fiske olhou fixamente de Ramsey para Knight. De repente, era como se, em vez de nove juízes, houvesse apenas dois. Na mente de Fiske, a sala de audiências tinha sido transformada num ringue de boxe, com Ramsey, o campeão, e Knight, o desafiante talentoso, mas ainda assim um provável perdedor.

— Aqui, estamos falando sobre militares das Forças Armadas, Sr. Barr — disse Ramsey, mas ele olhou para Knight. — Esta Corte já decidiu que os militares são sui generis. Este é o precedente que o

senhor está confrontando. Seu caso envolve questões de hierarquia de comando. Um membro menos graduado de uma guarnição para com seu oficial superior. Esta é exatamente a questão que esta Corte já, em várias ocasiões no passado, debateu e inequivocamente decidiu que não usurparia a imunidade presumível dos militares. Esta era a lei ontem, e esta é a lei hoje. O que me leva de volta a minha declaração original. Para que nós opinemos sobre sua cliente, esta Corte tem de reverter sua posição em uma longa e gravemente seguida linha de precedentes. Isto é o que o senhor está nos pedindo para fazer.

— E, conforme mencionei antes, *stare decisis* claramente não é infalível — disse Knight, referindo-se à prática da Corte de observar e manter suas decisões anteriores.

De um lado e de outro Knight e Ramsey foram ao combate. Para cada salva disparada por um, havia uma resposta disparada pelo outro.

Os outros juízes, e o Sr. Barr, pensou Fiske, estavam reduzidos a espectadores interessados.

Quando o advogado representando a União, James Anderson, se levantou para apresentar seus argumentos, Knight nem sequer o deixou começar uma frase.

— Por que permitir que um processo indenizatório seja movido contra o Exército por tolerar que um ambiente hostil para mulheres interferiria com a ordem de hierarquia de comando? — perguntou a ele.

— Isto claramente tem um impacto negativo sobre a integridade do relacionamento entre pessoal superior e inferior — respondeu Anderson prontamente.

— Então deixe-me ver se eu compreendo seu raciocínio. Mediante a permissão para que militares, ao longo de anos, envenenem, mutilam, matem e estuprem seus soldados com impunidade, e, destituindo as vítimas de qualquer recurso legal, o

senhor afirma que isto, de alguma forma, tornará melhor o relacionamento, a integridade, dos militares com seu pessoal de baixo escalão? Lamento, mas não compreendo muito bem qual é a ligação.

Fiske teve de se conter para não rir alto. Seu respeito por Knight como advogada e juíza aumentou dez vezes enquanto ela concluía sua declaração. Em duas frases, ela havia reduzido toda a argumentação do caso a favor do Exército ao nível do absurdo. Ele olhou para Sara. O olhar dela estava cravado em Knight, com, Fiske pensou, um imenso orgulho.

Anderson enrubescou ligeiramente.

— As Forças Armadas, conforme o juiz-presidente sublinhou, são uma entidade singular e especial. Permitir que processos judiciais comecem a ser julgados sempre que se quiser poderá somente inibir e destruir aquele elo especial entre os membros das corporações.

— Sendo assim as Forças Armadas são especiais?

— Exato.

— Porque servem para nos defender e nos proteger?

— Exatamente.

— Portanto temos as quatro armas das Forças Armadas que já são cobertas por esta imunidade. Por que não estendemos essa imunidade a outras organizações especiais? Como o Corpo de Bombeiros? O Departamento de Polícia? Eles nos protegem. O Serviço Secreto? Eles protegem o presidente, defensavelmente a pessoa mais importante do país. E que dizer de hospitais? Eles salvam nossas vidas. Por que não permitir que hospitais sejam imunes a processos no caso de médicos estuprarem membros do pessoal de sexo feminino?

— Estamos indo para muito além dos limites deste caso — disse Ramsey com severidade.

— Creio que estes limites sejam precisamente o que estamos tentando determinar — disparou Knight de volta.

— Creio que E.U.A. versus Stanley... — começou Anderson.

— Fico satisfeita que o tenha mencionado. Permita-me relatar brevemente os fatos desse caso — disse Knight. Ela queria que aquilo fosse ouvido. Por seus companheiros juízes, vários dos quais estavam na Corte quando o caso havia sido julgado, bem como pelo público. Para Knight, o caso Stanley era uma das piores injustiças já cometidas na história e representava tudo o que havia de errado na Corte. Esta também havia sido a conclusão de Steven Wright em seu processo no tribunal. E Knight tinha a intenção de fazer com que aquelas conclusões fossem ouvidas tanto hoje, como quando chegasse a hora de vencer um voto majoritário naquele caso.

Quando Knight falou, sua voz soou forte e ressonante.

— Stanley estava alistado no Exército nos anos 50 e foi voluntário para um programa que, lhe disseram, tratava de testar vestes protetoras contra operações de guerra com uso de gás. Os testes foram conduzidos em Maryland, na Base de Provas de Aberdeen. Stanley se inscreveu para isso, mas nunca lhe pediram que usasse nenhuma roupa especial, ou fizesse testes com máscaras para gases ou qualquer outra coisa. Ele apenas conversou com alguns psicólogos durante longos períodos de tempo, a respeito de uma variedade de assuntos, deram-lhe água para beber durante estas sessões e isso foi tudo. Mais ou menos vinte anos depois, Stanley, cuja vida tinha ido por água abaixo — divórcio, baixa do Exército, comportamento inexplicável —, recebeu uma carta do Exército pedindo-lhe para participar de um exame de avaliação e acompanhamento posterior para membros do Exército a quem havia sido dado LSD, em 1959, porque o Exército queria estudar os efeitos a longo prazo da droga. Sob o pretexto de testar vestes de proteção contra gases, o Exército o fizera ingerir LSD sem seu conhecimento.

Um suspiro coletivo de horror subiu dos assentos do público em geral quando ouviu aquilo, e os espectadores começaram a falar uns com os outros. Perkins teve que realmente bater forte com seu pequeno martelo, um evento quase que extraordinário.

Enquanto Fiske continuava sentado ali e ouvia, ocorreu-lhe como era importante aquele caso. Rufus Harms tinha dado entrada num recurso àquela Corte. Estaria ele também tentando processar o Exército? Alguma coisa terrível acontecera com ele enquanto estava nas Forças Armadas. Certos homens tinham feito alguma coisa com ele que arruinara sua vida e resultará na morte de uma garotinha. Rufus queria sua liberdade, queria justiça. Tinha a verdade a seu lado, Rufus proclamara. E no entanto, mesmo com a verdade, de acordo com a lei em vigor, isso não importava. Exatamente como o sargento Stanley, o soldado Rufus Harms perderia.

Knight continuou, secretamente bastante satisfeita com a reação da audiência.

— O psicólogo era empregado da CIA. A CIA e o Exército tinham empreendido um esforço conjunto para o estudo dos efeitos da droga, se seria útil para interrogatórios, esse tipo de coisas. Stanley, que corretamente culpava o Exército por ter destruído sua vida, promoveu ação judicial. Seu caso finalmente chegou à Suprema Corte. — Ela fez uma pausa. — E ele perdeu.

Um outro suspiro subiu do público.

Fiske olhou em volta para Sara. Os olhos dela ainda estavam cravados em Knight. Fiske observou atentamente Ramsey. Ele estava lívido.

— Na verdade, o que está pedindo é que esta Corte negue a Barbara Chance e outros pleiteantes de ações similares um dos mais bem guardados e queridos direitos constitucionais que possuímos como povo: o direito de um julgamento justo num tribunal. Não é isso o que está pedindo? Que deixemos que os culpados permaneçam impunes?

— Sr. Anderson — Ramsey interrompeu. — Que aconteceu com os homens que cometeram essas agressões sexuais?

— Pelo menos um foi julgado por Corte Marcial, considerado culpado e cumpre pena de prisão — mais uma vez Anderson respondeu prontamente.

Ramsey sorriu triunfante.

— Portanto não se pode afirmar que esteja impune.

— Sr. Anderson, o registro abaixo demonstra claramente que as ações pelas quais o homem foi preso vinham acontecendo, repetidamente, por muito tempo, e eram conhecidas por seus superiores no Exército, que declinaram de tomar qualquer providência. Na realidade, somente quando Barbara Chance foi à polícia local seguiu-se uma investigação. Assim sendo, diga-me, os culpados foram punidos?

— Eu diria que isso depende de sua definição de culpa.

— Quem está policiando os militares, Sr. Anderson, para assegurar que o ocorrido com o sargento Stanley não volte a acontecer novamente?

— Os militares policiam a si mesmos. E fazem um excelente trabalho.

— Stanley foi decidido em 1986. Desde aquela ocasião tivemos Tailhook, os incidentes ainda não explicados na Guerra do Golfo, e agora o estupro de mulheres servindo no Exército. O senhor chama a isto fazer um excelente trabalho?

— Bem, toda grande organização sempre terá pequenas áreas problemáticas.

Knight encrespou-se.

— Eu duvido muito que as vítimas desses crimes os descreveriam como pequenas áreas problemáticas.

— É claro, não tive a intenção...

— Quando fiz alusão a estender a imunidade à polícia, bombeiros e hospitais o senhor não concordou com isso, concordou?

— Não. Demasiadas exceções à regra invalidam a regra.

— O senhor se lembra da explosão da Challenger, é claro? — Anderson balançou a cabeça. — Os sobreviventes dos civis a bordo tinham o direito de entrar com ação indenizatória contra o governo e o fabricante contratado que construiu a nave. Contudo, as famílias do pessoal militar a bordo tiveram esse direito negado por causa da imunidade concedida às Forças Armadas por esta Corte. O senhor considera isto justo?

Anderson lançou mão do velho e batido argumento.

— Se permitirmos ações judiciais contra as Forças Armadas complicará desnecessariamente a segurança nacional deste país.

— E isto é realmente tudo — disse Ramsey, satisfeito por Anderson ter levantado a questão. — É uma questão de equilíbrio e esta Corte já determinou onde está o equilíbrio.

— Precisamente, Sr. Juiz-Presidente — disse Anderson. — É a lei fundamental.

Knight quase sorriu.

— É mesmo? Pensei que a lei fundamental fosse o direito constitucional dos cidadãos deste país de buscar reparações para as injustiças de que são vítimas diante dos tribunais. Nenhuma imunidade contra ações judiciais foi concedida às Forças Armadas por nenhuma lei deste país. O Congresso não considerou correto fazê-lo. De fato, foi esta Corte, em 1950, que inventou, sabe-se lá como e com que base, um tratamento tão especializado. Eu dificilmente chamaria isso de fundamental.

— Contudo, é o precedente dominante agora — sublinhou Ramsey.

— Precedentes mudam — retrucou Knight. As palavras de Ramsey verdadeiramente a irritavam, uma vez que o juiz-presidente não tinha nenhum problema em derrubar precedentes há muito estabelecidos quando lhe convinha.

Anderson disse:

— Com toda a devida vênia, creio que as Forças Armadas estão melhor preparadas para lidar com este assunto internamente, juíza Knight.

— Sr. Anderson, o senhor está contestando a jurisdição ou autoridade desta Corte para ouvir e decidir este caso?

— É claro que não.

— Esta Corte tem de determinar se o fato de prestar serviço a seu país nas Forças Armadas ironicamente traz embutido o preço de despir-se virtualmente de todas as proteções que um indivíduo tem na qualidade de cidadão.

— Eu não o diria exatamente dessa maneira.

— Contudo, eu diria, Sr. Anderson. É realmente uma questão de justiça. — Ela e Ramsey se encararam. — E se não pudermos fazer justiça aqui, então eu verdadeiramente me desespero ao pensar em onde se poderia encontrá-la.

Enquanto Fiske ouvia aquelas palavras apaixonadas, olhou novamente para Sara. Como se ela de alguma maneira soubesse que estava olhando, voltou o olhar para ele.

Fiske tinha uma forte impressão de que ela estava pensando a mesma coisa que ele: Ainda que eles de alguma forma conseguissem solucionar todo o mistério, e a verdade finalmente fosse revelada, será que Rufus Harms algum dia realmente encontraria justiça?

JOSH HARMS TERMINOU SEU SANDUÍCHE E ENTÃO, preguiçosamente, fumou um cigarro, enquanto observava seu irmão cochilando no banco da frente da picape. Estavam estacionados numa velha estrada de terra batida, de madeireiros, em meio a uma densa floresta. Dirigindo durante a noite inteira, finalmente tinham parado porque Josh mal conseguia manter os olhos abertos e não confiava no irmão para dirigir, uma vez que Rufus não estivera atrás do volante de um veículo durante quase trinta anos. Além disso, quando estavam na estrada, Rufus, por motivos óbvios, tinha que estar na parte de trás da camionete. Rufus ficara de vigia enquanto o irmão dormia, e agora Josh assumira o posto de sentinela.

Durante o percurso tinham conversado a respeito do que iriam fazer. Para sua grande surpresa, Josh viu-se argumentando que não deveriam ir para o México.

— Que diabo está acontecendo com você? Não pensei que quisesse participar em nada disso. Você disse que não queria — Rufus dissera espantado.

— Eu não queria. Mas depois que tomamos uma decisão, que diabo, depois que eu tomei minha decisão, de maneira que tudo que estou dizendo é que deveríamos mantê-la. Não gosto de agir como um covarde diante de situações de merda como essa. Se você vai fazer alguma coisa, então deve tratar de fazê-la.

— Olhe, Josh, se Fiske não tivesse pensado, realmente, muito depressa, nós dois estaríamos mortos agora, neste momento. Não quero ter você na minha consciência.

— Você vê, é nisso aí que você não está pensando direito. Que diabo, a situação não vai ficar pior do que já está. Por que não procuramos ver o que podemos fazer para ajudar a melhorar as

coisas? Você estava certo: Eles merecem o que vai acontecer com eles. Quando vi aqueles dois moleques no escritório de Rider, quase os executei a sangue-frio, e eu nunca fiz nada desse tipo em minha vida inteira. Fiske e aquela mulher, eles tomaram uma posição e nos defenderam. Talvez eles estejam agindo da maneira correta.

Rufus o encarou.

— E você não tem nenhum problema com relação a eles?

— Mas que diabo, você acha que eu sou racista? — Josh tinha puxado um cigarro, enquanto dizia isto, com um sorriso iluminando seu rosto.

— Não consigo entender você, Josh.

— Você não precisa me compreender. Você não me compreendeu até hoje, e eu tive muito tempo para fazê-lo. Tudo o que tem que fazer é decidir se quer ir para o México ou se quer continuar. E não se preocupe comigo. Se existe alguém que é capaz de cuidar de si mesmo, você está olhando para ele.

Aquilo havia decidido as coisas e, tão logo seu irmão acordasse, iriam seguir de volta para Virgínia, entrar em contato e juntar forças com Fiske, e ver o que podiam fazer. Se o que era necessário eram provas, então poderiam obter provas, Josh acreditava, de alguma forma, de alguma maneira. Tinham a verdade a favor deles, e se isso, a despeito de tudo, não valesse alguma coisa, então tanto fazia, poderiam muito bem ir em frente e deixar que os matassem.

Josh observou atentamente as árvores da floresta que os cercava. As folhas já tinham começado a mudar de cor ali e, da maneira como o sol cortava e penetrava através da folhagem, apresentavam uma bonita combinação de cores e texturas. Com frequência ele ficava sentado, em meio à floresta, quando estava caçando; costumava buscar um velho tronco caído e descansar os ossos, absorvendo a beleza simples da paisagem, uma maravilha que não lhe custava um tostão. Depois de voltar do sudeste da Ásia,

tinha evitado as florestas durante vários anos. No Vietnã, as árvores, a terra, tudo o que estivesse à sua volta significava a morte por meio de alguns dos métodos mais engenhosos que os vietnamitas conseguiam arquitetar. Consultou o relógio. Mais dez minutos e estariam a caminho.

Olhou de volta para fora, pela janela, e apertou os olhos quando a luz do sol refletiu em alguma coisa e machucou seus olhos. Ele engoliu a tragada seguinte, em vez de exalá-la, cuspiu o cigarro para fora pela janela, deu partida no motor e pôs a picape em marcha.

— Que diabo — disse Rufus enquanto acordava com um tranco.

— Pegue sua arma e mantenha a porra da cabeça abaixada — Josh berrou para ele. — É Tremaine.

Rufus agarrou a pistola e se encolheu para baixo.

Tremaine partiu para o ataque vindo da floresta e abriu fogo. Os primeiros tiros da metralhadora atingiram a traseira da picape, espatifando uma das lanternas e crivando a lataria de buracos de bala. Um cone de terra saltou para o alto na esteira da picape e momentaneamente cegou Tremaine, que parou de atirar e correu para a frente, desesperadamente tentando encontrar uma linha de fogo limpa para atirar no caminhão.

Percebendo o que Tremaine estava tentando fazer, Josh girou bruscamente o volante para a esquerda e a picape saiu da estrada e entrou no que pareciam ser os restos ressequidos de um leito raso de um riacho. Foi uma boa manobra por um outro motivo, pois Rayfield veio voando descendo pela estrada no jipe, vindo da outra direção, tentando fechar a picape.

Rayfield parou para deixar Tremaine subir no jipe e saíram atrás da picape.

— Que diabo, como foi que eles nos alcançaram? — Rufus perguntou em voz alta.

— Não faz nenhum sentido perder tempo pensando nisso. Eles estão aqui — retrucou Josh. Ele olhou rapidamente pelo espelho retrovisor e seus olhos se estreitaram. O jipe era mais ligeiro e melhor construído para manobrar através da floresta do que a pesada picape.

— Eles vão atirar nos pneus e então terão nos apanhado como alvos idiotas imobilizados — disse Rufus.

— É, pois bem, Vic deveria ter atirado logo nesses pneus para começar. Este foi o segundo erro dele.

— Qual foi o primeiro?

— Deixar que a luz do sol refletisse nas lentes dos binóculos. Eu vi isso muito antes de ter avistado aquele pequeno canalha.

— Vamos esperar que eles continuem cometendo erros.

— Temos que confiar em nós mesmos e isto é esperança suficiente.

Lá atrás no jipe, Tremaine se debruçou para fora, pendurando-se no lado do carro e disparou sua arma. A metralhadora, na verdade, não valia nada a longa distância, embora de perto pudesse acabar com um pelotão inteiro de homens em poucos segundos; ele queria apenas dois. Retirou a alça da metralhadora do ombro e sacou a arma do coldre no cinturão.

— Chegue o mais perto que puder — berrou para Rayfield, que parecia muito nervoso. — Se eu puder acertar um dos pneus deles, vão derrapar, bater direto numa árvore, e nossos problemas estarão terminados.

Rufus olhou para trás, através da janela na cabine do trailer, e viu o que Tremaine estava tentando fazer. Ele abriu o vidro que separava a cabine da picape do interior do trailer e pôs o jipe na mira. Não havia tocado numa arma durante quase trinta anos, treinamento básico com uma carabina fora sua última experiência com uma arma de fogo. Quando disparou, a explosão fez doer seus ouvidos, a cabine da picape imediatamente se encheu das emanções

nauseantes de metal queimado, pólvora chamejante. A bala espatifou o vidro de trás do trailer e então voou para o jipe como um marimbondo furioso, revestido de metal. Tremaine enfiou-se de volta, abaixando-se em seu veículo, e o jipe derrapou ligeiramente.

— Acertou alguma coisa? — perguntou Josh.

— Ganhei algum tempo para nós — a mão de Rufus estava tremendo e esfregou as orelhas. — Esqueci de como essas coisas fazem barulho.

— Experimente disparar um M-16 durante três anos. Esses sim fazem barulho pra valer, especialmente quando explodem na sua cara. Segure-se.

Josh virou o volante bruscamente para a direita e depois para a esquerda, para desviar de várias árvores que haviam desabado sobre o leito do riacho. Mais além havia uma massa de pinheiros raquíticos, carvalhos mirrados e arbustos espinhosos. Com o jipe se aproximando, Tremaine estava novamente assumindo sua posição de tiro. Josh virou a picape bruscamente para a direita e passou através de uma estreita reentrância nas árvores e no matagal, as folhas e galhos finos batendo, se agarrando e se dobrando contra a picape. Mas a manobra teve o efeito desejado, porque Tremaine teve que se enfiar de volta dentro do jipe para evitar ter a cabeça arrancada por um galho de árvore.

O jipe reduziu a velocidade. O caminho estreito adiante se abria um pouco e Josh decidiu aproveitar a vantagem, na esperança de que Rayfield estivesse perdendo um pouco a coragem.

— Segure a direção — gritou para o irmão.

Rufus agarrou o volante com força, alternativamente olhando para o irmão e controlando atentamente para onde a picape estava indo.

Josh sacou a pistola e examinou as árvores adiante. Eles agora estavam num terreno razoavelmente regular, de maneira que a picape não sacudia tanto quanto antes. Empunhou a pistola com as

duas mãos, esforçando-se ao máximo para calcular a distância e a velocidade, e então selecionou o que queria: um galho grosso de carvalho lá no alto numa árvore de mais de doze metros. O galho tinha pelo menos seis metros de comprimento e uns dez centímetros de grossura, com outros galhos, menores, crescendo e se abrindo a partir dele, e inclinava-se diretamente sobre a passagem estreita. O que havia atraído a atenção de Josh era o fato de que o galho era tão comprido e pesado que tinha começado a se partir onde estava preso ao tronco.

Josh deslizou o braço para fora da janela, mantendo-o paralelo à picape, fez mira e começou a atirar. A primeira bala acertou o tronco da árvore imediatamente acima de onde o galho se unia ao tronco. Agora, tendo calculado a trajetória, Josh continuou a atirar, e depois disso cada bala acertava exatamente a junção entre o galho e o tronco enquanto a picape aproximava-se rapidamente. Para ele aquilo não era nenhuma extraordinária demonstração de boa pontaria. De brincadeira, ele costumava atirar em galhos de árvores desde que tivera idade suficiente para portar uma carabina calibre vinte e dois. Assustando guaxinins e esquilos, se divertindo. Contudo, nunca havia tentado fazê-lo num veículo em movimento, em um leito de córrego seco, com dois homens atirando nele.

Tremaine viu o que ele estava fazendo.

— Pise fundo, pise fundo. — Rayfield enfiou o pé no acelerador.

Josh nem tirou os olhos do galho enquanto continuava atirando. O galho inclinou-se um pouco mais para baixo e finalmente a gravidade assumiu o comando e ele se partiu e balançou para baixo. Uma camada de casca de árvore continuou presa ao tronco, então o galho bateu com força contra o tronco, partiu-se completamente e começou a despencar. Josh meteu o pé no acelerador e retomou o volante, passando ao lado da árvore ao fazê-lo.

— Vamos, vamos — berrou Tremaine para Rayfield.

Contudo, Rayfield enfiou o pé no freio enquanto cerca de quatro mil e quinhentos quilos de galhos de árvore se espatifavam no meio da passagem estreita diretamente diante deles. Tremaine quase foi lançado para fora do veículo.

— Merda, por que diabo você parou? — Tremaine parecia pronto para virar a pistola para o homem.

Rayfield estava ofegante.

— Se eu não tivesse parado, aquela merda toda teria nos esmagado. Este jipe não tem capota dura, Vic.

Josh olhou adiante atentamente e então para a direita, onde o caminho se abria um pouco. Ele freou violentamente, derrapou para a esquerda, virou a picape ao contrário e então virou para a direita e acelerou o motor a toda velocidade. A picape saiu fora do matagal, saiu um pouco do chão, voando, enquanto passava sobre um barranco pouco profundo, e aterrissou numa clareira. A cabeça de Rufus bateu no teto do interior da cabine quando a picape voltou à terra.

— Que diabo você está fazendo?

— Trate de se segurar.

Josh acelerou fundo de novo e Rufus olhou para cima a tempo de ver a pequena choupana de madeira na frente deles que seu irmão tinha avistado segundos antes.

Josh olhou para trás e viu o que esperara ver. Nada. Mas não levaria muito tempo para que Tremaine e Rayfield conseguissem contornar o obstáculo com o jipe.

Josh olhou para além da choupana para um canto adiante em ângulo e pôde ver a estrada que ficava mais além. Ele estivera certo. Onde havia uma choupana na floresta, geralmente havia uma estrada. Fez a volta com a picape até chegar ao lado oposto da velha construção. O coração dos dois irmãos se contraiu. Havia uma estrada ali, sem dúvida. Mas havia uma grande barricada de aço que

impedia qualquer acesso. E de cada lado da barricada havia uma massa impenetrável de árvores. Josh olhou para trás. Estavam sem saída. Talvez ele conseguisse escapar correndo, mas Rufus não tinha físico para ter velocidade, e Josh não deixaria o irmão para trás.

Os olhos de Josh se estreitaram novamente enquanto ele olhava para a choupana. O jipe os alcançaria dentro de mais um minuto ou coisa assim. Agora mesmo já podia ouvir a metralhadora eficientemente arrebetando os galhos de árvore para que o jipe pudesse empurrá-los para o lado.

Um minuto depois o jipe escalou o barranco e abriu caminho até a clareira. Rayfield diminuiu a velocidade enquanto eles examinavam o terreno adiante e imediatamente viam a choupana.

— Para onde eles foram? — perguntou.

Tremaine vasculhou a área com os binóculos e avistou a estrada que serpenteava em meio à floresta.

— Naquela direção — gritou, apontando para a frente. Rayfield acelerou e o jipe disparou contornando o canto da choupana. Imediatamente ambos os homens viram que a estrada estava bloqueada e Rayfield freou o jipe até parar. Com um rugido, a picape, que estivera escondida no canto oposto da choupana, explodiu seguindo adiante e acertou o jipe na lateral, virando-o de lado e lançando Rayfield e Tremaine para fora do veículo.

Rayfield aterrissou sobre uma pilha de cotos de árvore apodrecidos, sua cabeça num ângulo estranho. Ele permaneceu imóvel.

Tremaine buscou cobertura atrás do jipe virado e abriu fogo, forçando Josh a recuar com a picape, a cabeça abaixo do painel. Finalmente o motor da picape morreu, com vapor jorrando do capô, os pneus da frente arriados.

Josh saiu do lado do motorista, enquanto Rufus lhe dava cobertura. Josh mergulhou, caiu de joelhos e rolou até alcançar a traseira da picape e então examinou o terreno. Tremaine não havia

se movido de sua posição. Josh podia ver a ponta do cano da metralhadora. Tremaine provavelmente estava colocando mais um pente no carregador exatamente como Josh estava fazendo, e tirando um momento para estudar a situação tática.

O coração de Josh estava disparado e esfregou os olhos para limpar a terra e o suor acumulados. Estivera em muitas batalhas tanto em solo estrangeiro, como em solo americano, mas a última fora há quase trinta anos. Porém, nada disso importava: Toda vez, você ficava aterrorizado de que fosse morrer. Quando alguém estava atirando em você, isso não contribuía exatamente para que se pensasse mais claramente. Você reagia, mais do que qualquer outra coisa.

Josh tinha uma vantagem, contudo. Eles eram dois e Tremaine era um só. Josh olhou para fora do esconderijo mais uma vez e então correu de trás da picape e alcançou o canto da choupana.

— Rufus — berrou. — Quando eu contar três.

— Pode começar a contar — Rufus gritou de volta, com tremores de medo na voz.

Três segundos depois Josh abriu fogo contra Tremaine, as balas ricocheteando ruidosamente contra a carroceria do jipe. Rufus arrastou-se até a parte de trás da picape. Foi imobilizado ali, contudo, quando Tremaine conseguiu disparar uma rajada entre a picape e a choupana. O ar recendia a pólvora e ao suor de homens assustados.

Josh e Rufus olharam um para o outro e então Josh abriu um largo sorriso, percebendo o pânico crescente em seu irmão.

— Hei, Vic — Josh gritou bem alto —, que tal você jogar fora essa maldita fazedora de viúvas e sair com as mãos para cima?

Tremaine respondeu explodindo um pedaço de madeira da choupana pouco acima da cabeça de Josh.

— OK, OK, Vic, estou ouvindo você. Agora, fique calmo, está me ouvindo, meu chapinha? Não se preocupe, nós enterraremos

você e Rayfield. Não vamos deixar vocês para que os ursos e outras merdas mastiguem. Isso é coisa ruim. Animais comendo os corpos dos mortos. Você viu isto no Vietnã, não viu, Vic? Ou talvez estivesse correndo depressa demais na direção oposta para ter visto isso. Enquanto falava, Josh estava gesticulando para que Rufus ficasse onde estava e então apontando em volta da choupana para mostrar ao irmão o que ia fazer.

Rufus balançou a cabeça para mostrar que compreendia. Josh ia tentar forçar o homem a sair para o campo de visão do irmão e deixar que Rufus o abatesse. Rufus agarrou a arma e enfiou outro pente, grato por seu irmão ter dedicado o tempo necessário a ensiná-lo como fazer isso. Ele estava tendo dificuldade para respirar; seus braços pareciam pesados segurando a arma. Estava com medo de que não fosse ter a coragem, o instinto assassino, e ainda menos a capacidade para abater o homem com uma bala, mesmo se Tremaine partisse para cima dele, disparando aquela maldita metralhadora. Rufus havia lutado com muitos homens na prisão para poder sobreviver com as suas mãos apenas, a despeito do fato de que seus oponentes sempre haviam estado armados com uma faca ou um pedaço de cano. Mas uma arma era diferente. Uma arma podia matar a distância. Mas, se ele não disparasse, seu irmão morreria. E pela primeira vez não podia rezar para que Deus o ajudasse. Não podia falar com seu Senhor pedindo ajuda para matar outro homem.

Semiagachado, Josh foi seguindo adiante até a frente da choupana, parando em intervalos para ouvir atentamente. Uma vez ele ousou levantar a cabeça até uma das janelas, para talvez ver através dela e pela janela de trás até onde o jipe estava, mas o ângulo estava errado e sua visão bloqueada. Josh estava totalmente concentrado agora. O medo ainda estava lá, estava mais do que presente, mas ele fizera o melhor que podia para transformá-lo em adrenalina, para aguçar todos os sentidos que possuía. Apontou sua arma diretamente à sua frente, sabendo muito bem que se Tremaine

tivesse descoberto qual era o seu plano, seu melhor curso de ação seria esgueirar-se de trás do jipe e dar a volta na choupana pelo outro lado, com o resultado de que encontraria Josh cara a cara, em algum lugar, no meio do caminho. Metralhadora contra pistola, cem descargas contra uma, significavam que Josh morreria e depois Rufus também.

Ele se moveu adiante mais trinta centímetros. Então ouviu a metralhadora abrir fogo novamente e ficou escutando enquanto as balas penetravam arrebatando na carroceria da picape. Seguiu adiante correndo e aproximou-se para dar a volta no canto. Enquanto Tremaine estivesse ocupado atirando em Rufus, Josh poderia flanqueá-lo em situação vantajosa e silenciar o filho-da-mãe para sempre.

Este plano desapareceu quando ele fez a volta, pois Tremaine estava de pé ali, com a pistola apontada para a cabeça de Josh. Estarrecido, Josh parou tão abruptamente que seus pés escorregaram no cascalho e, desequilibrando-se, ele começou a cair. Aquilo foi uma sorte, uma vez que a bala o acertou no ombro em vez de no coração. O impulso com que vinha correndo o levou adiante e suas pernas golpearam rapidamente as de Tremaine e ambos caíram pesadamente, suas pistolas voando longe, para fora de alcance.

Tremaine levantou-se primeiro; Josh, segurando o ombro ensanguentado, foi mais lento ao se levantar. Tremaine puxou uma faca do cinto. Ao fundo a metralhadora parou de disparar. Josh gritou quando Tremaine partiu para cima dele e os dois homens bateram na parede da choupana, sacudindo a estrutura primitiva até seus alicerces de madeira. Josh conseguiu bloquear o braço de Tremaine com o antebraço. O lado inteiro de seu corpo doía infernalmente. Qualquer que fosse o tipo de peça de artilharia que o havia atingido penetrara além de seu ombro e estava explorando outras partes de seu corpo.

Ele conseguiu chutar Tremaine e o atingiu uma vez na barriga, mas o homem se levantou e tornou a cair em cima de Josh um instante depois. Josh sentiu a faca cortar sua camisa e penetrar no lado de seu corpo, e começou a perder a consciência. A dor desse novo ferimento mal foi sentida, tamanha a intensidade do primeiro. Ele mal conseguia distinguir a imagem de Tremaine puxando a faca para fora, para um golpe final. Provavelmente em sua garganta, pensou Josh indistintamente, à medida que seu cérebro começava a se apagar. A garganta era rápida e sempre fatal. Era isso o que ele faria, pensou enquanto a escuridão começava a cercá-lo e a envolvê-lo.

A faca jamais chegou a fazer o mergulho para baixo. Ela parou no ponto mais alto e não se aproximou mais de Josh Harms. Tremaine chutou e se debateu, enquanto era arrancado de cima do homem ferido. Rufus estava diretamente atrás dele. Uma das mãos agarrava o punho que segurava a faca. Ele o bateu violentamente contra a parede da choupana até que o aperto cerrado dos dedos finalmente se partiu e a faca caiu no chão. Tremaine tinha músculos sólidos e era soberbamente bem treinado em luta corpo a corpo. Tinha, contudo, a metade do tamanho de Rufus. Em combate individual, corpo a corpo, existiam muito poucos homens capazes de enfrentar Rufus. O homenzarrão era como um urso pardo depois que segurava alguém. E ele havia apanhado e segurado Vic Tremaine de jeito, o homem que tornara sua vida um pesadelo que ele havia pensado que jamais acabaria.

Quando Tremaine tentou introduzir à força o antebraço contra a traqueia de Rufus, Rufus mudou de tática e levantou Tremaine completamente, tirando-o do chão, batendo com o rosto dele uma vez depois da outra na parede, até que Tremaine ficou tonto com o impacto das pancadas, o rosto ensanguentado. Finalmente Rufus enfiou a cabeça de Tremaine pela janela, o vidro estilhaçado cortando profundamente o rosto do homem, e tentou ao máximo

desacordá-lo. Então Josh gritou de dor, por causa dos ferimentos, e Rufus olhou para ele, afrouxando um pouco seu controle. Tremaine, ao perceber isso, chutou o joelho de Rufus e golpeou repetidamente seus rins com o cotovelo, derrubando o homenzarrão no chão. Tremaine rolou livre, agarrou a faca e investiu contra o homem indefeso. A bala o acertou bem no meio da parte de trás da cabeça e o derrubou onde estava.

Rufus levantou-se ofegante e olhou para o irmão, fiapos de fumaça ainda saindo do cano da nove milímetros que Josh empunhava. Então ele largou a pistola e tornou a se deitar no chão. Rufus correu para ele e se ajoelhou a seu lado.

— Josh! Josh?

Josh abriu os olhos e olhou para o corpo contorcido de Tremaine, ao mesmo tempo aliviado e nauseado com o que havia feito. Mesmo o pior inimigo do mundo não parecia tão aterrador depois de morto. Ele olhou de volta para Rufus.

— Você se saiu bem, irmãozinho. Merda, melhor do que eu.

— Estaria morto se você não o tivesse matado.

— Não ia deixar ele apanhar você. Não ia deixar ele...

Rufus rasgou a camisa do irmão, abrindo-a, e examinou os ferimentos. A faca havia cortado apenas um pedaço de carne no lado dele. Provavelmente não atingira nenhum órgão vital, Rufus concluiu, mas estava sangrando muito. A bala, contudo, era outra história. Ele viu o sangue pingando da boca do irmão, o olhar vidrado subindo em seus olhos. Rufus podia conter o sangramento externo, mas não podia fazer nada a respeito do que estava acontecendo internamente. E era aquilo que poderia matá-lo. Rufus tirou a camisa e a usou para cobrir o irmão que, agora, estava tremendo a despeito do calor.

— Aguenta firme, Josh. — Rufus correu para o jipe e rapidamente o vasculhou. Encontrou o estojo de primeiros socorros e correu de volta para o irmão.

Os olhos de Josh agora estavam fechados e ele não parecia estar respirando.

Rufus o sacudiu com delicadeza.

— Josh, Josh, não faça isso, mantenha os olhos abertos. Não vá dormir e me deixar. Josh!

Finalmente Josh abriu os olhos e pareceu estar lúcido.

— Você tem que dar o fora daqui, Rufus. Com todos esses tiros, pode ter gente vindo. Você tem que ir. Agora.

— Nós temos que dar o fora daqui... é isso mesmo.

Rufus levantou Josh um pouco e examinou suas costas. A bala não havia saído; ainda estava dentro dele em algum lugar. Rufus começou a limpar os dois ferimentos.

A certo ponto Josh agarrou o braço dele.

— Rufus, trate de dar o fora daqui — disse de novo.

— Se você não for, eu não vou, de maneira que é assim que estamos.

— Você ainda é maluco.

— É, sou muito maluco mesmo, vamos deixar as coisas assim. Ele acabou de limpar e em seguida proteger os ferimentos com curativos, depois os envolveu com ataduras bem justas. Delicadamente levantou o irmão, mas o movimento provocou um espasmo de tosse em Josh, o sangue saindo de sua boca acumulando-se na camisa. Rufus o carregou até a picape e o deitou ao lado dela.

— Merda, Rufus, esta coisa não vai chegar a lugar nenhum — disse Josh desesperadamente, olhando para o veículo arrebentado.

— Eu sei disso. — Rufus tirou uma garrafa de água do trailer, girou a tampa, abriu e a levou aos lábios de Josh.

— Você consegue segurar a garrafa? Está precisando botar um pouco de líquido para dentro.

Josh respondeu agarrando a garrafa com a mão boa e bebendo um pouco.

Rufus se levantou e foi até o jipe virado. Puxou a metralhadora, soltando-a de onde Tremaine a enfiara, entre o assento e o metal da lateral do jipe. O homem havia usado arame, um pedaço de metal e um barbante para armar o gatilho de modo a ficar disparando automaticamente, enquanto preparava a emboscada para Josh. Rufus examinou a situação por um momento e então tentou empurrar a capota para colocar o veículo de volta na posição correta, mas não conseguia ter nenhum ponto de apoio daquela maneira, e seus pés escorregavam no cascalho solto. Ele estudou a situação mais um pouco. Só havia uma maneira que ele pudesse ver.

Pôs as costas contra a beira superior do assento do motorista e então ficou de cócoras. Enfiou os dedos na terra misturada com cascalho até que eles penetraram abaixo da lateral do jipe e então agarrou o metal com força. Deu um bom puxão para avaliar o esforço que teria de fazer. O jipe era pesado, pesado como o diabo. Há trinta anos aquilo não teria sido tão difícil para ele. Quando era jovem havia levantado a parte da frente de um grande Buick de tamanho padrão, com motor e tudo, tirando-o do chão uns bons noventa centímetros. Mas não tinha mais vinte anos. Puxou mais uma vez e pôde sentir o jipe se levantar um pouco antes de voltar a se assentar no chão. Puxou novamente, fazendo esforço e grunhindo, enquanto os músculos em seu pescoço se tensionavam rigidamente sob a pele.

Josh pôs a garrafa no chão e até conseguiu se levantar parcialmente do chão, apoiando-se no pneu esfarrapado da picape.

Rufus já estava cansado. Seus braços e pernas não estavam mais habituados a fazer aquilo, não por muito tempo. Ele sempre havia sido forte, mais forte do que qualquer outra pessoa. Agora quando realmente precisava disso, quando seu irmão certamente morreria se não conseguisse virar aquele maldito jipe para cima, será que ele não seria suficientemente forte?

Ele se agachou de novo, fechou os olhos e então os abriu. Olhou para cima, para o céu, onde um grande corvo negro voava em círculos preguiçosos. Sem um problema no mundo, apenas dando longas e lentas pinceladas contra a tela azul ao fundo.

Enquanto o suor jorrava do rosto de Rufus ele cerrou os olhos novamente e fez o que sempre fazia quando estava angustiado, quando achava que não ia conseguir. Ele rezou. Rezou por Josh. Pediu ao Senhor que por favor lhe concedesse a força de que precisava para salvar a vida do irmão.

Agarrou os lados do jipe de novo, tensionou os ombros e as pernas maciços. Seus braços longos começaram a empurrar, as pernas dobradas a se esticar. Por um instante, jipe e homem ficaram suspensos num equilíbrio precário, sem se mover nem para cima nem para baixo, o jipe não querendo ceder e Rufus igualmente teimoso. Mas então Rufus lentamente começou a ceder um pouco à medida que o peso tornava-se demasiado para ele. Percebeu que não teria uma outra chance. Justo no momento em que o jipe começava a vencer a batalha, ele abriu a boca e deixou escapar um grito terrível que obrigou lágrimas a saírem à força de seus olhos. Enquanto Josh assistia àquela coisa impossível que seu irmão estava tentando fazer por ele, as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto cansado.

Os olhos de Rufus se abriram de novo, à medida que sentiu o jipe se levantar, centímetro por centímetro torturante. Suas articulações e os tendões estavam ardendo com o que estava conseguindo fazer. Rufus grunhiu e empurrou e arfou, e ignorou a dor enquanto ela lançava sinais perigosos através de seu corpo trêmulo. O jipe lutou com ele cada doloroso centímetro. Estalou e gemeu, amaldiçoando-o. Mas então Rufus estava de pé, ereto, e deu um último empurrão no grande pedaço de metal. Como uma onda, prestes a quebrar sobre uma praia, o jipe ultrapassou o ponto em que teria sido possível o retorno e caiu pesadamente na terra, sacudindo-se com o impacto e então parando sobre as quatro rodas.

Rufus sentou no jipe, o corpo inteiro tremendo violentamente devido ao enorme esforço.

Josh ficou olhando maravilhado com silenciosa admiração.

— Porra—foi tudo que pôde encontrar para dizer sobre o que acabara de testemunhar.

O coração de Rufus batia tão violentamente agora, que ele se preocupou que seu sucesso pudesse demonstrar ser inútil. Apertou o peito, respirou fundo.

— Por favor —disse baixinho — , por favor, não.

Um minuto depois Rufus se levantou lentamente, foi andando arrastando os pés até o irmão e cuidadosamente o levou no colo até o jipe. Rearrumou a lona da capota, que havia se desprendido, quando Tremaine e Rayfield tinham sido lançados para fora do veículo. Recolheu o máximo de mantimentos que pôde na picape, incluindo sua Bíblia, e os colocou na parte de trás do jipe junto com as armas. Subiu para o assento do motorista do jipe e então parou, e olhou para Tremaine e Rayfield. Depois olhou fixo para o alto mais uma vez, para o corvo que continuava voando em círculos, mas que agora estava acompanhado por vários outros, grandes o bastante para serem urubus. Em menos de um dia os dois homens mortos seriam consumidos até restarem apenas os ossos, se fossem deixados a céu aberto.

Rufus desceu do jipe e foi até Rayfield. Não precisou verificar o pulso do homem. Os olhos não mentiam. Aquilo e o fedor da descarga dos intestinos. Primeiro arrastou o corpo de Rayfield e depois o de Tremaine para dentro da choupana. Disse algumas palavras simples, de oração, sobre os corpos de ambos os homens, antes de se levantar e fechar a porta. Um dia ele os perdoaria por tudo o que tinham feito, mas não hoje. Rufus tornou a entrar no jipe, lançou um olhar tranquilizador para Josh e deu partida no jipe. O motor não pegou da primeira vez, mas pegou na segunda. A engrenagem das marchas rangendo, enquanto Rufus aprendia uma

rápida lição sobre como dirigir um carro com câmbio manual duro. O jipe deu um solavanco para a frente e os irmãos deixaram para trás aquele campo de batalha improvisado.

OS MAGISTRADOS TRADICIONALMENTE FAZIAM UM ALMOÇO em separado no salão de jantar do segundo andar da Suprema Corte. Fiske tinha deixado Sara em seu escritório para pôr em dia o trabalho. Decidiu aproveitar a oportunidade para colher algumas informações sozinho. Se seu fluxo de informações havia sido cortado por parte do Departamento de Homicídios de D.C., Fiske decidiu que seria melhor tentar compensar a perda de alguma forma. Uma fonte possível era o chefe de polícia Leo Dellasandro.

Enquanto ia caminhando pelo corredor, pensou a respeito da sustentação oral que acabara de ouvir. Mesmo como advogado, ele nunca realmente havia compreendido quanto poder era exercido a partir daquele prédio. A Suprema Corte, ao longo de sua história, havia tomado algumas posições muito impopulares em uma miríade de questões significativas. Muitas haviam sido corajosas e, pelo menos na opinião de Fiske, corretas. Mas era exasperante se dar conta de que se um voto ou dois tivessem seguido o caminho oposto em algumas ou todas essas decisões anteriores, o país hoje poderia ser muito diferente. De acordo com qualquer definição, aquele parecia ser um estado de coisas precário, senão perigoso.

Fiske também pensou em seu irmão e em quanto bem ele sem dúvida trouxera àquele lugar. Mesmo no papel de assistente jurídico, Mike Fiske sempre havia sido imparcial e justo em suas opiniões e ações. E quando tomava uma decisão, um indivíduo não poderia desejar um amigo mais leal. Michael Fiske era bom para aquele lugar. A Corte realmente sofrera uma grande perda quando alguém lhe tirara a vida. Mas não uma perda tão grande quanto a da família Fiske.

Fiske seguiu até o escritório de Dellasandro, no andar térreo, bateu na porta e esperou. Bateu novamente e então abriu a porta e espiou o interior. Estava olhando para a antessala do escritório de Dellasandro, onde sua secretária trabalhava. O espaço estava vazio. Provavelmente saíra para almoçar, presumiu Fiske. Ele entrou no escritório.

— Chefe Dellasandro? — Queria saber se alguma coisa fora descoberta nos vídeos da segurança. Também queria saber se algum dos policiais havia levado Wright em casa.

Ele se aproximou da porta interna do escritório.

— Chefe Dellasandro, é John Fiske. Queria saber se poderíamos conversar. — Nenhuma resposta ainda. Fiske decidiu deixar um bilhete para o homem. Mas não queria deixá-lo na mesa da secretária.

Entrou discretamente no escritório de Dellasandro e foi até sua escrivaninha. Pegou um pedaço de papel e, usando uma caneta do estojo na mesa, escreveu uma breve mensagem. Depois de terminar e posicionar o bilhete proeminentemente no meio da escrivaninha, olhou em volta, examinando o escritório por um momento. Havia muitas lembranças e insígnias cerimoniais nas prateleiras, testemunhos de uma carreira de distinção. Numa parede havia uma foto de um Dellasandro muito mais moço em seu uniforme.

Fiske se virou para ir embora. Pendurado atrás da porta estava um paletó. Tinha que ser de Dellasandro, obviamente parte de seu uniforme na Corte. Quando Fiske passou junto dele, reparou em várias manchas no colarinho. Esfregou com o dedo e examinou o resíduo: maquiagem. Saiu para a antessala e olhou para as fotografias na escrivaninha ali. Ele tinha visto a secretária de Dellasandro uma vez antes. Era uma morena jovem e alta, com feições bastante marcantes. Na escrivaninha da moça havia uma foto dela com o chefe Dellasandro. O braço dele estava em volta do ombro dela; ambos estavam sorrindo para a câmera. Provavelmente

muitas secretárias tinham uma fotografia com seu chefe. Havia alguma coisa nos olhos deles, na maneira como estavam de pé bem junto um do outro, contudo, que poderia sugerir alguma coisa mais que um relacionamento platônico de trabalho. Ele se perguntou se a Corte teria regras específicas sobre confraternização. E havia um outro motivo pelo qual Dellasandro deveria cuidar de manter as calças vestidas e as mãos longe de sua secretária: Fiske olhou rapidamente para trás, para o escritório de Dellasandro com a foto no aparador de sua esposa e seus filhos. Uma família feliz, aparentemente. Apenas na superfície, obviamente. Enquanto saía do escritório, ele concluiu que aquilo resumia muito bem como aquele lugar e o mundo, de maneira geral, operavam: aparências superficiais podiam ser muito enganadoras; era preciso que se cavasse mais fundo para alcançar a verdade concreta.

∞

Rufus parou o jipe.

— Vou fazer sinal para o primeiro policial que aparecer. Conseguir ajuda para você — disse Rufus.

Com esforço, Josh sentou-se direito.

— Não vai droga nenhuma. Se os policiais apanharem você, encontrarão Tremaine e Rayfield e você estará morto e enterrado.

— Você precisa de um médico, Josh.

— Não preciso de merda nenhuma. — Com uma investida agarrou a pistola. — Nós começamos isto e vamos terminar. — Ele enfiou o cano da pistola no cinto apontando para seu estômago. — Se você parar para qualquer pessoa, eu vou enfiar uma bala bem aqui.

— Você está maluco. Que diabo quer que eu faça? — Josh tossiu sangue.

— Quero que encontre Fiske e aquela garota. Não posso mais ajudar você, talvez eles possam. — Rufus olhou para a arma. — Nem pense nisso... uma bala é rápida como o diabo.

Rufus engatou a marcha no jipe e tornou a entrar na estrada. Josh o observou, os olhos entrando e saindo de foco.

— Pare com esta merda.

— O quê?

— Estou vendo você fazendo aquela merda de ficar murmurando. Não reze por mim.

— Não existe ninguém que vai me dizer quando posso falar com o Senhor.

— Só quero que me deixe fora disso.

— Estou rezando para Ele para que proteja você. Para manter você vivo.

— E por acaso lhe parece que isto está me preocupando? Está apenas desperdiçando seu fôlego.

— Deus me deu a força para levantar este jipe.

— Você levantou este maldito pedaço de metal. Nenhum anjo desceu de nenhum céu para ajudar você a fazer porra nenhuma.

— Josh...

— Dirija, ande. — A intensidade da dor forçou Josh a repentinamente se dobrar para a frente. — Estou cansado de falar.

∞

Enquanto estava em seu escritório, Sara recebeu um chamado urgente de Elizabeth Knight. Ficou surpreendida com isso, porque nas tardes de quarta-feira os juízes geralmente estavam em conferência, examinando e revisando os casos que tinham sido ouvidos na segunda-feira. Cada juiz tinha duas secretárias e um assistente pessoal. Quando entrou no gabinete de Knight, Sara cumprimentou a secretária de longa data de Knight, Harriet, que

havia acompanhado a juíza no curso de várias carreiras. Normalmente alegre e simpática, Harriet falou em tom frio:

— Pode entrar imediatamente, Srta. Evans.

Sara passou ao lado da mesa de Harriet e fez uma pausa diante da porta do escritório de Knight. Ela se virou e apanhou Harriet olhando-a fixamente. Harriet rapidamente retomou o trabalho. Sara respirou fundo e abriu a porta.

Dentro do escritório, de pé ou empoleirados em cadeiras, estavam Ramsey, o detetive Chandler, Perkins e o agente McKenna. Sentada atrás de sua bela mesa de trabalho antiga, Elizabeth Knight estava nervosamente revirando um abridor de cartas quando viu Sara.

— Por favor, entre e sente-se. — Seu tom estava no limite da cordialidade, pensou Sara.

Sentou-se numa poltrona estofada que havia sido, pensou ela, cuidadosamente posicionada, porque permitia que todo mundo no aposento a encarasse bem de frente. Ou a confrontasse?

Ela olhou para Knight.

— Queria me ver?

Ramsey deu um passo adiante.

— Todos nós queríamos vê-la, e, mais precisamente, ouvi-la, Srta. Evans. Contudo, deixarei que o detetive Chandler faça as honras. Ramsey estava mais severo do que nunca, até onde Sara se lembrasse. Ele se apoiou contra a cornija da lareira e continuou olhando fixo para ela, suas grandes mãos abrindo e fechando nervosamente.

Chandler sentou-se defronte a ela, os joelhos quase tocando os dela.

— Tenho algumas perguntas que preciso lhe fazer e quero a verdade como resposta — disse baixinho.

Sara olhou em volta para a sala. Não exatamente brincando, disse:

— Preciso de um advogado?

— Não, a menos que tenha feito algo de errado, Sara — Knight sublinhou rapidamente. — Contudo, creio que deve tomar a decisão se deseja ter um advogado presente ou não.

Sara engoliu com dificuldade e então olhou de volta para Chandler.

— O que quer tanto saber?

— Alguma vez ouviu o nome Rufus Harms?

Sara fechou os olhos por um momento. Ah, merda.

— Deixe-me explicar...

— Sim ou não, por favor, Srta. Evans — disse Chandler. — Explicações podem vir mais tarde.

Ela balançou a cabeça, então disse: — Sim.

— Exatamente como tomou conhecimento desse nome?

Ela se remexeu na cadeira.

— Sei que é um prisioneiro militar que fugiu. Li isso nos jornais.

— Esta foi a primeira vez que ouviu falar nele? — Quando ela não respondeu, Chandler continuou: — Tem andado fazendo perguntas no gabinete dos assistentes jurídicos a respeito de um recurso presumivelmente feito por Rufus Harms. De fato, fez isso antes que ele escapasse da prisão, não foi? O que estava procurando?

— Eu pensei... quero dizer...

— Foi John Fiske que a convenceu a fazer isso? — Knight perguntou bruscamente. Ela olhou inquisitivamente para Sara, o desapontamento em suas feições fazendo com que Sara se sentisse ainda mais culpada.

— Não. Fiz por iniciativa própria.

— Por quê? — perguntou Chandler. A partir de sua conversa um tanto vaga com Fiske, na cafeteria da Corte, ele já tinha uma noção de qual era a verdade. Mas precisava ouvi-la de Sara.

Sara deixou escapar um profundo suspiro e mais uma vez olhou para o exército alinhado contra ela. Desejou que Fiske aparecesse de repente para ajudá-la, mas aquilo não iria acontecer.

— Certo dia, eu por acaso vi o que parecia ser um recurso com o nome de Rufus Harms escrito. Verifiquei no gabinete de registro dos assistentes jurídicos e escreventes, porque não me lembrava de tê-lo visto no rol de causas. O gabinete dos escreventes não tinha qualquer registro dele.

— Onde foi que viu este recurso? — Ramsey interrompeu, antes que Chandler pudesse fazer a mesma pergunta.

— Em algum lugar — disse Sara, parecendo miserável.

— Sara — disse Knight rispidamente —, não adianta nada tentar encobrir outra pessoa. Apenas diga-nos a verdade. Não jogue fora sua carreira por causa disso.

— Eu não me lembro onde o vi, apenas vi. Durante talvez uns dois segundos. E só vi o nome de Rufus Harms, não o que estava escrito no recurso — disse Sara teimosamente.

— Mas se suspeitou que fosse uma apelação que não estava registrada no sistema — disse Perkins —, então por que não a levou para o gabinete dos escreventes e não mandou que fosse registrada?

Como poderia ela responder àquela pergunta?

— Na verdade, não era conveniente na ocasião e não tive outra oportunidade.

— Não era conveniente? — Ramsey parecia pronto para explodir.

— É de meu conhecimento que bastante recentemente estive perguntando no gabinete dos escreventes a respeito da apelação desaparecida. Ainda não era conveniente para você tê-la devidamente registrada nessa ocasião?

— Nessa ocasião eu não sabia onde estava.

McKenna falou em tom incisivo.

— Escute, Srta. Evans, ou nos conta logo ou descobriremos de outra fonte.

Sara se levantou.

— Seu tom não me agrada e como também não me agrada ser tratada desta maneira.

— Creio que é de seu interesse cooperar — disse McKenna — e parar de tentar proteger os irmãos Fiske.

— De que está falando?

— Temos motivos para suspeitar que Michael Fiske retirou aquela apelação por propósitos pessoais e que de alguma maneira está envolvida em tudo isso — Chandler a informou.

— Se ele o fez e a senhora tinha conhecimento disso, mas permaneceu em silêncio, trata-se de uma infração ética muito grave, Srta. Evans — disse Ramsey.

— Tem andado fazendo todas essas voltas, fazendo perguntas, porque John Fiske lhe pediu, não pediu?

— Isto pode ser um tremendo choque para o senhor, mas eu sou perfeitamente capaz de pensar e de agir por mim mesma, agente McKenna — ela respondeu furiosa.

— Sabe que Michael Fiske tinha uma apólice de seguro de meio milhão de dólares designando o irmão como beneficiário?

— Sei, ele me contou.

— E também sabe que Fiske não tem álibi para o horário da morte de seu irmão?

Sara sacudiu a cabeça e deu um sorriso firme.

— Está perdendo um tempo valioso tentando atribuir a autoria do assassinato de Michael ao irmão dele. Ele não teve nada a ver com isso e está tentando com grande empenho descobrir quem realmente assassinou Michael.

McKenna enfiou as mãos nos bolsos e a estudou por um momento, mudando de tática.

— Diria que os irmãos Fiske eram próximos?

— Que quer dizer com a palavra próximos? — McKenna revirou os olhos.

— Apenas o significado habitual da palavra, só isso.

— Não, não creio que fossem particularmente próximos. E daí?

— Descobrimos a apólice de seguro no apartamento de Michael Fiske. Diga-me por que ele fez um seguro de vida por todo aquele dinheiro e nomeou seu irmão, não tão próximo, como beneficiário. Por que não seus pais? Pelo que descobri, eles certamente precisam do dinheiro.

— Não sei o que Michael estava pensando quando fez isso. Imagino que nunca saberemos.

— Talvez não tenha sido Michael Fiske quem fez coisa alguma.

— Sara ficou momentaneamente atordoada.

— Que está querendo dizer?

— Sabe como é fácil fazer uma apólice de seguro de vida usando o nome de uma outra pessoa? Não é necessário apresentar foto de identificação. Uma enfermeira vem à sua casa, faz algumas medições e pega algumas amostras de fluidos. Você falsifica algumas assinaturas, paga os prêmios por meio de uma conta fantasma e pronto.

Os olhos de Sara se arregalaram.

— Está insinuando que John se fez passar pelo irmão para fazer o seguro de vida em nome dele?

— Por que não? Deixaria muito mais claro por que dois irmãos distantes teriam um pacto financeiro grande.

— O senhor obviamente não conhece John Fiske.

McKenna olhou para ela de uma maneira que Sara achou irritante.

— A questão é, Srta. Evans, que a senhora também não conhece. — As palavras seguintes de McKenna quase a derrubaram no chão.

— Também sabe que Michael Fiske foi morto por um projétil disparado por uma nove milímetros? — Ele fez uma pausa para causar sensação. — E que John Fiske tem uma nove milímetros registrada em seu nome? E que este recurso, tenho certeza de que ele andou lhe dizendo, está ligado ao assassinato de seu irmão, não andou?

Sara olhou para Chandler.

— Não posso acreditar nisso.

— Bem, nada disso também foi provado ainda — declarou Chandler.

Perkins balançou a cabeça pensativamente, os braços cruzados.

— Recebemos um telefonema do Departamento de Operações Militares Especiais, Srta. Evans. De um senhor chamado sargento quartel-mestre Dillard. Ele disse que a senhora havia telefonado a respeito de Rufus Harms, e disse-lhe que havia uma apelação registrada na Corte e que estava verificando o histórico de Harms.

— Não existe nenhuma lei que diga que eu não posso dar um telefonema para esclarecer alguma coisa, existe?

— Então admite ter ligado para ele — disse Perkins triunfantemente, olhando primeiro para Ramsey e depois para Knight. — Isto significa que admite ter usado as facilidades da Corte e o horário de serviço para uma investigação particular qualquer a respeito de um fugitivo condenado qualquer. E por acaso calhou de mentir para as Forças Armadas, uma vez que não existe tal apelação nos registros aqui, conforme assinalou.

— Suas infrações estão rapidamente se acumulando — acrescentou McKenna.

— Não admito nada disso. No que me diz respeito, tratava-se de questões relacionadas à Corte e eu tinha todo direito de fazer o que fiz.

— Srta. Evans, vai nos contar exatamente quem estava com aquele recurso? — Ramsey estava olhando fixo para ela exatamente

como tinha olhado para os advogados durante a sustentação oral naquela manhã. — Se alguém nesta Corte roubou um recurso antes que fosse registrado... a simples ideia é inconcebível... e se sabe quem foi, tem um dever a cumprir para com esta instituição dizendo-nos quem foi. Todos eles conheciam a resposta para aquela pergunta, Sara se deu conta, ou pelo menos achavam que conheciam. Contudo ela não iria fornecer nenhum esclarecimento. Lançando mão de uma reserva de força que não sabia que possuía, ela se levantou lentamente.

— Creio que respondi a perguntas suficientes, Sr. Juiz-Presidente.

Ramsey lançou um olhar para Perkins e depois para Elizabeth Knight. Sara pensou ter visto um ligeiro balançar de cabeça de assentimento entre eles.

— Então, Sara, eu terei que lhe pedir para voluntariamente pedir demissão de seu cargo de assistente jurídica, a demissão será efetivada imediatamente — disse Knight, a voz se embargando ao fazer a declaração.

Sara olhou para ela quase sem nenhuma surpresa.

— Compreendo, juíza Knight. Lamento muito que tenha resultado nisso.

— Não lamenta tanto quanto eu. O Sr. Perkins a acompanhará até a saída. Pode retirar seus pertences e objetos pessoais de seu escritório. — Knight abruptamente desviou o olhar.

Quando Sara se virava para ir embora, a voz de Ramsey ribombou novamente.

— Srta. Evans, saiba que se suas ações causarem qualquer prejuízo a esta instituição, todas as medidas e ações apropriadas serão tomadas contra a senhora e quaisquer outras pessoas responsáveis. Contudo, se estou analisando a situação corretamente, creio que o prejuízo já ocorreu e pode muito bem ser irreversível. — A voz dele se elevou dramaticamente. — Se isto for verdade, que sua

consciência a persiga por este fato abominável pelo resto de sua vida!

O rosto de Ramsey estava vermelho de indignação; seu corpo magro parecia pronto para explodir através do terno. Sara podia ver tudo revelado em seus olhos ardentes: Um escândalo durante sua guarda. Na única instituição que estivera acima de escândalos, numa cidade constante e infimamente mergulhada nesse lodaçal. Seu lugar na história, sua carreira conquistada ao longo de anos de jurisprudência sendo maculados pelos erros crassos de uma insignificante assistente jurídica; a história de sua vida profissional reduzida a uma série de notas de rodapé explicativas. Se ela tivesse eliminado a família dele inteira, diante de seus olhos, Sara Evans não poderia ter causado ao homem tamanha devastação. Ela fugiu do aposento antes que explodisse em lágrimas.

51

FISKE ESTAVA ESPERANDO POR SARA EM SEU ESCRITÓRIO. Quando ela apareceu na soleira da porta ele se levantou e começou a falar, mas então Perkins apareceu atrás dela. Sara foi até sua escrivaninha e começou a esvaziá-la, enquanto Perkins observava da porta.

— Sara, que aconteceu?

— Isto não é absolutamente de sua conta, Sr. Fiske— disse Perkins. — Contudo, avisarei ao detetive Chandler e ao agente McKenna que está aqui. Eles têm algo a lhe perguntar.

— Bem, por que não sai correndo e vai fazer mexericos a meu respeito, para que eu possa falar com Sara em particular?

— Vou acompanhar a Srta. Evans até sair do prédio.

Sara continuou a enfiar suas coisas numa grande sacola de compras e então pegou a bolsa e a colocou em cima da sacola. Quando passou por Fiske, sussurrou:

— Encontro você na garagem.

Quando ela passou por Perkins, ele disse:

— Também precisarei que me entregue todas as chaves que tem deste prédio.

Sara colocou a sacola no chão, enfiou a mão na bolsa, tirou as chaves do chaveiro e as atirou para Perkins.

— Não pense que nada disso me agrada— disse Perkins com indignação. — A Corte está em ruínas, estamos cercados por um exército da mídia, há gente sendo assassinada, há enxames de policiais por toda parte. Eu não queria que perdesse seu emprego.

Sara passou por ele sem dizer uma palavra.

Na descida a caminho do vestíbulo principal, o grupo parou à medida que Chandler e McKenna se aproximavam vindos da

direção oposta.

— Preciso conversar com você, John— disse Chandler.

Fiske olhou para Sara.

— Eu me encontro com você daqui a pouco, Sara.

Ela e Perkins seguiram adiante.

— Você quer me perguntar alguma coisa? — disse Fiske.

— É isso mesmo.

— Por acaso seria a respeito do seguro de vida de meu irmão?

— Sim, seria— disse Chandler em tom severo. — McKenna acredita que você teria feito o seguro em nome de seu irmão sem o conhecimento dele e que depois o matou.

— Você encontrou a apólice no apartamento de meu irmão? — Chandler balançou a cabeça. — Bem, então ele obviamente tinha conhecimento dela.

Chandler olhou para McKenna com um olhar indagador. Contudo McKenna permaneceu em silêncio.

— Olhe, eu não sabia que meu irmão tinha feito o seguro. A agente de seguros conversou comigo. Vou lhe dar o nome dela. Ela de fato se encontrou com meu irmão, se está realmente pensando que eu armei esta coisa inteira. — Ele olhou para McKenna e viu o rosto do homem se enfurecer. — Desculpe-me por ter estourado seu balão, McKenna. O dinheiro vai para nossos pais, Mike sabia que isto é o que eu faria com ele. Fale com a agente de seguros, ela pode confirmar isso. A menos que ache que também estou agindo em parceria com ela. Por que parar por aí? Provavelmente tenho todos os nove juízes no bolso. Certo?

— Então você convenceu seu irmão a fazer um seguro de vida para ajudar seus pais. Mas você e somente você é o beneficiário. Isto continua sendo uma tremenda motivação para matá-lo— disse McKenna. Ele se virou para Chandler. — Quer perguntar a ele ou prefere que eu pergunte?

Chandler olhou para Fiske.

— Seu irmão foi morto por um projétil de nove milímetros.

— É mesmo?

— Você tem uma pistola nove milímetros, não tem?

Fiske olhou para os dois homens.

— Tem andado falando com a polícia do estado da Virgínia?

— Apenas resposta à pergunta — disse McKenna.

— Por que responder, se você já conhece a resposta?

— John... — começou Chandler.

— Está bem, sim, eu tenho uma SIG-Sauer P226, para ser específico, com pente para quinze tiros.

— Onde está?

— No meu escritório, em Richmond.

— Eu gostaria que me entregasse.

— Para exame de balística?

— Entre outras coisas.

— Buford, isto é uma perda de tempo...

— Temos sua permissão para ir a seu escritório e apanhar a arma?

— Não.

McKenna disse:

— Bem, terei um mandado de busca pronto em cerca de uma hora.

— Você não precisa de um mandado. Eu lhe darei a arma.

McKenna pareceu atordado.

— Mas pensei que tivesse acabado de dizer...

— Não quero aquela gente arrombando meu escritório para apanhá-la. Sei como podem ser os policiais de vez em quando. Não são as mais gentis das almas e eu levaria uma eternidade para receber o reembolso pelo custo do conserto de minha porta. — Fiske olhou para Chandler. — Presumo que não faça mais parte da equipe extraoficial, mas duas coisas: Conseguiu falar com os guardas de

plantão na noite em que Wright foi assassinado, e as fitas de vídeo das câmeras foram verificadas?

— Eu o aconselharia a não dizer nada a ele, Chandler— disse McKenna.

— Seu conselho está devidamente anotado. — Chandler olhou para Fiske. — Em homenagem aos velhos tempos. Falamos com os guardas. A menos que um deles esteja mentindo, nenhum deles deu carona a Wright até em casa. Um deles ofereceu, mas Wright recusou.

— A que horas foi isso?

— Por volta da uma e meia da madrugada. O filme das câmeras de vídeo foi verificado e não mostrou nada de extraordinário.

— Wright deu algum motivo para não querer a carona?

— O guarda disse que apenas o acompanhou até a porta e que não o viu mais depois disso.

— Certo, vamos voltar à questão da arma — disse McKenna. Vou com você até seu escritório.

— Eu não vou a lugar nenhum com você.

— Quis dizer que o seguiria até lá.

— Faça o que quiser, mas eu quero um policial uniformizado de Richmond aqui e quero que ele leve a arma sob custódia e que depois a transfira para o Departamento de Homicídios de D.C. Não permitirei que você chegue perto ou interfira nas regras de procedimento probatório de maneira nenhuma.

— Realmente não me agrada o que está insinuando.

— Ótimo, mas é assim que vai ser ou então pode ir buscar seu mandado. A escolha é sua.

Chandler interveio.

— Alguém em particular?

— O policial William Hawkins. Eu confio nele e você também pode confiar.

— Fechado. Quero que saia agora mesmo, John. Vou acertar as coisas com Richmond.

Fiske olhou para o final do corredor.

— Dê-me uma meia hora. Preciso falar com uma pessoa.

Chandler pôs a mão no ombro de Fiske.

— OK, John, mas se a polícia de Richmond não estiver com sua arma dentro de cerca de três horas mais ou menos, você estará numa séria encrenca com seu amigo aqui, entendido?

Fiske saiu apressadamente para a garagem atrás de Sara.

Uns dois minutos depois Dellasandro veio se juntar a Chandler e a McKenna.

— Gostaria de saber que diabo está acontecendo por aqui— disse Dellasandro furioso. — Dois assistentes jurídicos assassinados e agora mais uma despedida por causa de um recurso desaparecido qualquer.

McKenna encolheu os ombros.

— Um bocado complicado.

— Isto é realmente encorajador — comentou Dellasandro.

— Não sou pago para ser encorajador — disparou McKenna de volta.

— Não, você é pago para descobrir quem está fazendo isso. E o senhor também, detetive Chandler — retrucou Dellasandro.

— E é isso o que estamos fazendo — respondeu Chandler ríspidamente.

— OK, OK — disse Dellasandro em tom cansado. — Perkins me pôs a par do que houve mais cedo. Vocês realmente acham que John Fiske matou o irmão? Quero dizer, está bem, ele tinha o motivo, mas que diabo. Quinhentos mil dólares parece muito dinheiro, mas na verdade não é nos dias de hoje.

McKenna respondeu:

— Quando você não tem nada em sua conta no banco, qualquer coisa parece muito. Ele tem o motivo, não tem álibi e,

dentro de poucas horas, veremos se tem a arma do crime.

Dellasandro não pareceu convencido.

— E como fica a morte de Wright? De que maneira se encaixa nisso?

McKenna abriu as mãos com as palmas para cima.

— Veja desta maneira. Sara Evans pode de alguma forma ter sido enganada e levada a ajudar Fiske. Evans e Wright dividiam um escritório. Não está fora do reino das possibilidades que Wright tenha ouvido ou visto alguma coisa que o tenha deixado desconfiado com relação aos outros dois.

— Mas pensei que Fiske tivesse um álibi para a hora da morte de Wright — disse Dellasandro.

— Sim, tem, Sara Evans — retrucou McKenna.

— E toda esta história sobre o tal fugitivo condenado, Harms, e as perguntas que Evans estava fazendo?

Chandler encolheu os ombros.

— Não posso afirmar que tenhamos solucionado tudo, mas isto poderia ser apenas mais uma pista falsa.

McKenna disse:

— Eu não apenas acho que seja. Sei com certeza que é. Se houvesse alguma verdade nisso, eles teriam contado a alguém. Evans não conseguiu sequer nos dizer de que tratava o recurso. Talvez Michael Fiske tenha dado sumiço em algum recurso, mas e daí? John Fiske o mata pelo dinheiro e usa esse recurso desaparecido como um monte de mentiras para enganar Evans e todo mundo mais.

— Bem, não vou baixar a guarda com ele até que saibamos com certeza — comentou Dellasandro. — As pessoas neste prédio são minha responsabilidade e já perdemos duas delas. — Ele olhou para McKenna. — Espero que saiba o que está fazendo com Fiske.

— Sei exatamente o que estou fazendo com ele.

Fiske se encontrou com Sara na garagem do estacionamento. Ela não precisou de muito tempo para explicar o que havia acontecido.

— Sara, eu esperava que nunca tivesse que lhe dizer isso, mas Chandler me deixou num beco sem saída outro dia. Tenho certeza de que sou o motivo por você ter perdido seu emprego.

Sara pôs a sacola de compras na mala do carro.

— Sou uma moça crescida. Responsável por minhas próprias ações.

Fiske se apoiou contra o carro.

— Talvez eu possa ir falar com Ramsey e com Knight, quem sabe tentar explicar as coisas para eles?

— Explicar agora? O que eles estão me acusando de ter feito, eu fiz. — Sara fechou a mala e foi juntar-se a ele. — Presumo que já tenham lhe falado sobre a sua arma?

Fiske balançou a cabeça.

— McKenna vai me acompanhar com uma escolta armada até meu escritório para que eu possa entregá-la. — Ele a olhou atentamente. — E então que vai fazer agora?

— Não sei. Mas de repente tenho um bocado de tempo livre nas mãos. Vou tentar descobrir mais a respeito de Tremaine e Rayfield.

— Tem certeza de que ainda quer ajudar?

— Pelo menos não terei arruinado minha carreira em vão. E você?

— Não tenho escolha nessa questão. Ele consultou o relógio. — Que tal se eu for até sua casa por volta das sete hoje à noite?

— Acho que consigo preparar um jantar. Fazer umas compras de mercado para comer, uma boa garrafa de vinho. Eu poderia até dar uma de ambiciosa e sacudir a poeira. Poderíamos comemorar

meu último dia na Corte. Talvez sairmos para velejar novamente. — Ela fez uma pausa e tocou no braço dele— E encerrar o dia da mesma maneira?

— Posso deixar de lado Richmond e ficar com você. Sei como deve estar se sentindo.

— Mas e Chandler e McKenna?

— Não tenho de fazer o que eles dizem.

— Se você não for, McKenna provavelmente vai pedir cadeira elétrica. Além disso, para dizer a verdade, estou me sentindo muito bem.

— Tem certeza?

— Tenho certeza, John, mas obrigada. — Ela acariciou o rosto dele. — Hoje à noite você vai poder ficar comigo.

Depois que Fiske foi embora, Sara estava prestes a entrar no carro, quando se deu conta de que havia deixado a bolsa, com as chaves do carro, dentro da sacola na mala do carro. Ela abriu a mala e puxou a sacola para pegar a bolsa. Quando a levantou, puxando-a para fora, a foto logo em cima chamou sua atenção. Ela a tirara do escritório de Michael Fiske antes que a polícia o revistasse. De repente lhe ocorreu que, de fato, tinha algo de muito importante para resolver. Entrou no carro e o tirou da garagem.

Havia acabado de ser despedida de seu emprego de assistente jurídica da Suprema Corte. Curiosamente não sentia nenhuma vontade de explodir em lágrimas, nem de enfiar a cabeça num forno. Estava com vontade de dar um passeio de carro. Ir até Richmond. Ela precisava ver uma pessoa. E hoje seria um dia tão bom como outro qualquer.

Quando passou dirigindo pela fachada guarnecida de colunas de seu antigo local de trabalho, uma enorme onda de alívio a envolveu, foi tão repentina que a deixou sem fôlego. Então, pouco a pouco, sentiu-se melhor. Ela acelerou descendo pela Avenida Independence e não olhou para trás.

FISKE SEGUIU APRESSADO PARA O GABINETE DE KNIGHT E, surpreendentemente, foi recebido. Knight estava sentada atrás de sua mesa de trabalho. Ramsey ainda estava lá, caído numa cadeira com a expressão deprimida. Levantou-se rapidamente quando Fiske entrou.

Fiske foi direto ao ponto.

— Quero que saibam que qualquer coisa que Sara tenha feito ou deixado de fazer não foi para proteger meu irmão. Tudo o que ela está tentando fazer agora é me ajudar a descobrir quem o matou.

— E tem certeza de que esta pergunta não seria respondida pelo senhor simplesmente se olhando num espelho? — retrucou Ramsey em tom vigoroso.

Fiske empalideceu.

— O senhor está muito mal informado com relação ao assunto.

— Estou? As autoridades não parecem pensar assim. Se é um assassino, espero que passe o resto de sua vida na cadeia. Quanto às ações de seu irmão, elas não se encontram muito abaixo na escala de tirar a vida de alguém, pelo menos, de acordo com meus padrões.

— Meu irmão fez o que achava que era correto.

— Em minha opinião esta declaração é positivamente risível.

— Harold... — Knight começou, mas ele a interrompeu com um gesto largo da mão.

— E eu quero que o senhor — ele apontou para Fiske — saia deste gabinete e deste prédio, antes que eu mande prendê-lo por invasão ilegal de domicílio.

Fiske olhou para os dois. A raiva que estava sentindo naquele exato momento era a culminação dos últimos três dias de puro

inferno. Era como se tudo de mau que jamais houvesse lhe acontecido tivesse sido causado por Harold Ramsey.

— Eu vi aquela bela plaquinha em cima da porta da frente deste lugar: "Igualdade de Justiça de Acordo com a Lei"? Eu acho aquilo risível.

Ramsey parecia pronto para atacar Fiske.

— Como ousa!

— Tenho um cliente no corredor da morte agora neste momento. Se eu algum dia tiver a "honra" de me apresentar diante do senhor, pode me dizer se realmente se importará se meu cliente viver ou morrer? Ou se o senhor apenas estará usando a ele e a mim para derrubar um precedente que o irritou dez anos atrás?

— Seu intolerável...

— Pode me dizer isso? — gritou Fiske. — Porque se não puder, então não sei o que o senhor é, mas, com certeza mais do que absoluta, não é um juiz.

Ramsey estava lívido.

— O que você sabe a respeito de qualquer coisa? O sistema...

Fiske bateu no peito.

— Eu sou o sistema. Eu e as pessoas que represento. Não o senhor. Não este lugar.

— Você se dá conta da magnitude das questões de que tratamos aqui?

— Quando foi a última vez que o senhor sentou e "julgou" uma esposa espancada? Ou uma criança vítima de abusos? Alguma vez viu um homem morrer na cadeira elétrica? Já viu? O senhor fica sentado aqui e nunca nem sequer vê uma pessoa de verdade. Não ouve depoimentos de testemunhas vivas, de carne e osso, nunca ouve ninguém, exceto um punhado de advogados de alta estirpe e poder, que atiram um monte de papéis para o senhor. Não tem nenhuma ideia dos rostos, das pessoas, do sofrimento e da dor que existem atrás de cada elemento de tudo isso. Para o senhor é um jogo

intelectual qualquer. Um jogo! Nada mais. — Fiske encarou o homem. Sua voz tremia quando disse: — Se pensa que as grandes questões são tão difíceis, tente lidar com as pequenas.

— Creio que o senhor devesse ir embora — disse Knight, quase que suplicante. — Agora mesmo.

Fiske continuou encarando Ramsey por mais alguns segundos e então, acalmando-se, olhou para a mulher.

— Sabe, este é um bom conselho, senhora advogada, creio que vou segui-lo. — Fiske se virou para a porta.

— Sr. Fiske — ribombou a voz de Ramsey. Fiske lentamente se virou de volta. — Tenho vários bons amigos na Ordem dos Advogados do estado da Virgínia. Creio que eles devem ser informados desta situação. Creio que as medidas punitivas apropriadas devem ser tomadas contra o senhor, talvez resultando em suspensão ou perda da licença para advogar.

— Culpado até que se prove a inocência? Esta é sua ideia de como o sistema de justiça criminal deve funcionar?

— É minha opinião convicta de que trata-se apenas de uma questão de tempo para que se prove que o senhor é culpado.

Fiske começou a dizer alguma outra coisa, mas Knight, com uma mão sobre o telefone, disse:

— John, eu preferiria muitíssimo se você se retirasse sem a assistência de guardas.

∞

Depois que Fiske se foi, Ramsey sacudiu a cabeça.

— Não resta qualquer dúvida de que o homem seja um psicopata. Ele se virou e olhou para Knight. Ela ficou sentada ali, olhando fixo para a frente.

— Beth, eu só queria que você soubesse que pode dispor de um de meus assistentes até encontrar quem substitua Sara.

Ela olhou para ele. O oferecimento de um assistente parecia muito gentil. Na superfície. Mas sob a superfície não seria ter um espião em seu território?

— Eu me viro. Apenas teremos de trabalhar mais.

— Você se saiu muito bem durante a sustentação oral hoje, embora eu desejasse que você não levasse as coisas tão pessoalmente. É um pouco inconveniente quando ficamos trocando golpes em público daquela maneira.

— Como posso não levar os casos pessoalmente, Harold? Diga-me como? — Os olhos dela estavam inchados, a voz de repente rouca.

— Você tem de fazê-lo. Eu nunca perco meu sono por causa de um caso. Mesmo um caso de pena de morte. Nós não decidimos a culpa ou a inocência. Nós interpretamos palavras. Você tem de pensar nesses termos. De outra forma vai acabar se consumindo.

— Talvez me consumir logo de início seja uma alternativa preferível a ter uma longa e distinta carreira que desafia apenas meu intelecto. — Ramsey lançou um olhar penetrante para ela. — Eu quero sofrer, quero sentir a dor. Todo o resto do mundo sente. Por que nós somos uma exceção? Droga, deveríamos estar nos angustiando com estes casos.

Ramsey sacudiu a cabeça.

— Então receio que você não conseguirá persistir. E tem de fazê-lo se quiser fazer uma diferença verdadeira aqui.

— Veremos. Pode ser que eu o surpreenda. A começar por hoje.

— Você não tem nenhuma chance de derrubar Stanley. Mas admiro sua tenacidade, muito embora tenha sido desperdiçada hoje.

— Os votos não foram contados ainda, que eu me lembre.

Ramsey sorriu.

— É claro, é claro. Apenas uma formalidade. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e parou diante dela. — E apenas para seu

conhecimento, também estou sabendo de seus planos para reexaminar a questão dos direitos dos pobres...

— Harold, acabamos de perder nosso terceiro assistente. Um terceiro ser humano. Uma pessoa de quem gosto muitíssimo. O lugar está em ruínas. Não tenho nenhuma vontade de falar a respeito de assuntos da Corte agora. Pode ser que nunca mais tenha vontade de novo, na verdade.

— Beth, temos de seguir adiante. É verdade, tem sido uma crise depois da outra, mas vamos persistir.

— Harold, por favor!

Ramsey se recusou a recuar.

— A Corte continua. Nós...

Knight se levantou.

— Saia.

— Como disse?

— Saia de meu escritório.

— Beth...

— Saia! Saia!

Sem dizer mais uma palavra, Ramsey se foi, Knight ficou ali por mais um minuto mais ou menos. Então rapidamente saiu de seu gabinete.

∞

Depois de seu confronto com Ramsey, Fiske entrou na garagem subterrânea e foi diretamente para seu carro. Sentia-se entorpecido. Tinha feito com que Sara fosse demitida, estava sendo falsamente acusado de ter assassinado seu irmão e acabara de dizer um monte de desaforos ao juiz-presidente dos Estados Unidos.

Tudo em menos de uma hora. Em qualquer reino, que não o da insanidade total, aquilo seria considerado um dia ruim. Ele sentou no carro. Não tinha nenhuma vontade de dirigir até Richmond e

observar McKenna tentar dar os retoques finais na destruição de sua vida.

Apertou os punhos contra os olhos. Deixou escapar um gemido e então teve um sobressalto quando ouviu o som. Seus olhos se arregalaram quando viu Elizabeth Knight batendo na janela do carro.

— Gostaria de falar com você.

Ele se recompôs na medida do possível.

— A respeito de quê?

— Podemos sair e dar uma volta de carro? Não creio que deva me arriscar a trazer você de volta para o prédio. Não tenho certeza de já ter visto Harold tão furioso.

Fiske pensou ter visto uma sobra de sorriso no rosto da mulher quando fez aquele comentário.

— Quer sair para dar uma volta em meu carro? — perguntou ele.

— Eu não tenho um carro aqui. Algum problema com o seu?

Fiske olhou para o vestido caro.

— Bem, o interior de meu carro é, basicamente, ferrugem coberta por um verniz de fuligem.

Knight sorriu.

— Eu cresci num rancho no leste do Texas. Quando minha família saía para ir ao amontoado de barracos que constituía a cidade próxima de onde morávamos, nós o fazíamos na caçamba de uma máquina escavadeira, comigo e meus seis irmãos e irmãs nos agarrando como podíamos e adorando cada minuto. E eu gostaria mesmo de conversar com você.

Fiske finalmente balançou a cabeça e Knight sentou no banco da frente.

— Para onde? — perguntou Fiske enquanto eles deixavam a garagem.

— Vire à esquerda no sinal. Espero que não tenha nada de urgente. Foi indelicadeza minha não perguntar.

Fiske pensou em McKenna esperando por ele.

— Nada de importante.

Depois que ele fez a curva, Knight começou a falar.

— Você não deveria ter voltado e dito aquelas coisas, sabe.

— Espero que não tenha vindo aqui só para me dizer isso — retrucou Fiske bruscamente.

— Eu vim para lhe dizer que sinto muitíssimo por Sara.

— Junte-se à torcida. Ela tentou ajudar meu irmão e depois a mim. Tenho certeza de que simplesmente adora o dia em que cruzou com os irmãos Fiske.

— Bem, pelo menos um de vocês com certeza.

— Que quer dizer com isso?

— Sara gostava e respeitava muito seu irmão. Mas ela não o amava, embora, falando muito francamente, creio que ele estivesse apaixonado por ela. Mas o coração dela está em outro lugar.

— É mesmo? E ela lhe contou isso?

— John, eu realmente não gosto de admitir qualquer preconceito de gênero, mas também me recuso a ignorar algumas realidades básicas: duvido que meus oito colegas do sexo masculino tenham a mais remota ideia, mas para mim é evidente que Sara Evans está perdidamente apaixonada por você.

— É sua intuição feminina?

— Alguma coisa semelhante. Eu também tenho duas filhas. — Ela percebeu o olhar curioso dele. — Meu primeiro marido morreu. Minhas filhas são adultas e independentes. — Knight pôs as mãos no colo e olhou para fora pela janela. — Contudo, não é exatamente por isso que eu queria conversar com você — disse ela. Vire à direita aqui.

Enquanto Fiske o fazia, perguntou:

— Então o que está em sua pauta? Vocês sempre parecem ter uma.

— E você acha que isto de alguma forma é errado?

— Cabe à senhora me dizer. Depois de ver os jogos que a sua turma gosta de disputar não me sinto muito acalentado.

— Eu posso respeitar este ponto de vista.

— Não estou em posição para realmente julgar o que fazem. Mas, para mim, não são realmente juízes, são orientadores de política. E qual vai ser essa política, depende de quem faz mais e melhor o lobby para obter cinco votos. O que isto tem a ver com os direitos de um autor da ação e de um acusado?

Seguiram dirigindo por um minuto em silêncio até que Knight o quebrou:

— Comecei trabalhando como promotora. Depois me tornei uma juíza togada. — Ela fez uma pausa. — Não posso lhe dizer que seus sentimentos estejam errados. — Fiske pareceu ligeiramente surpreso. — John, poderíamos debater isso até nós dois estarmos fartos, mas o fato é que existe um sistema instituído em funcionamento e que devemos trabalhar dentro desse sistema. Se isto significa jogar de acordo com suas regras e, ocasionalmente, violá-las, assim seja. Mas talvez isto seja uma filosofia ultrassimplificada para uma situação complexa, mas às vezes você tem de seguir seu instinto. — Ela olhou para ele. — Compreende o que estou querendo dizer?

Ele balançou a cabeça concordando.

— Meus instintos são bastante bons.

— E o que dizem seus instintos a respeito das mortes de Michael e de Wright? Existe algo de concreto nesta história do recurso desaparecido? Se houver, eu realmente gostaria de saber.

— Por que me perguntar?

— Porque você parece saber mais do que qualquer outra pessoa. Era por isso que eu queria conversar com você a sós.

— Realmente tem esperança de que eu tenha matado meu irmão e que esteja usando este recurso como pista falsa? Se for assim a Corte sai imaculada.

— Eu não disse isso.

— Disse praticamente isso para Sara, em sua festa.

Knight suspirou e se recostou no assento.

— Não tenho certeza de por que o fiz. Talvez quisesse assustá-la e fazer com que se afastasse de você.

— Eu não matei meu irmão.

— Acredito em você. Assim sendo, o recurso desaparecido pode ser importante?

Fiske balançou a cabeça, concordando.

— Meu irmão foi morto porque sabia o que dizia o recurso. Creio que Wright foi morto porque estava trabalhando até tarde, saiu do escritório e viu alguém na Corte revistando o escritório de meu irmão.

Ela empalideceu.

— Você acredita que alguém da Corte matou Steven? — Fiske concordou, balançando a cabeça. — Pode provar isto?

— Espero que sim.

— Não pode ser, John. Por quê?

— Existe um sujeito que passou metade da vida na prisão que gostaria de saber a resposta para sua pergunta.

— O detetive Chandler sabe de tudo isso?

— Sabe de parte. Mas o agente McKenna praticamente o convenceu de que eu sou o bandido.

— Não tenho certeza de que o detetive Chandler acredite nisso.

— Veremos.

Quando Fiske ia deixando Knight de volta na Corte, ela disse:

— Se tudo de que você suspeita for verdade e alguém na Corte estiver envolvido nisso... — Ela parou, incapaz de continuar por um

instante. — Você se dá conta do que isto poderia fazer com a reputação da Suprema Corte?

— Não tenho certeza de muita coisa na vida, mas tenho certeza de uma coisa. — Ele fez uma pausa e então disse: — A reputação da Suprema Corte não vale a morte de um homem inocente na prisão.

RUFUS OLHOU ANSIOSAMENTE PARA SEU IRMÃO, que acabara de ter uma exaustiva crise de tosse. Josh tentou sentar um pouco melhor, pensando que ajudaria sua respiração. Suas entranhas, ele sabia, estavam praticamente destruídas. Alguma coisa importante para mantê-lo vivo poderia explodir a qualquer momento. Ainda mantinha a pistola contra a barriga. Mas não parecia que uma bala seria necessária para acabar com sua vida.

Felizmente para eles, Tremaine e Rayfield não tinham vindo em um veículo militar. Mas o jipe tinha uma lateral amassada por ter sido abalroado pela picape, e isto chamaria atenção indesejada. Pelo menos a capota estava no lugar, o que impedia qualquer pessoa de ver claramente o que estava no interior do veículo.

Rufus não sabia para onde estava indo, e Josh tinha demasiados períodos de inconsciência, alternados por momentos de lucidez, para poder realmente ajudá-lo. Rufus abriu o porta-luvas e retirou um mapa. Ele puxou os pequenos cartões do bolso de sua camisa e olhou rapidamente os nomes e números de telefone. Agora ele simplesmente precisava encontrar um telefone.

∞

Quando Fiske e McKenna chegaram ao escritório de Fiske, o agente do FBI disse:

— Vamos resolver logo isto.

— Vamos esperar pela polícia — disse Fiske com firmeza. Exatamente quando acabava de dizer aquilo, um carro de polícia se aproximou, estacionando junto ao meio-fio, e o patrulheiro Hawkins saltou.

— Que diabo está acontecendo aqui, John? — perguntou Hawkins, perplexo.

Fiske apontou para McKenna.

— O agente McKenna acha que matei Mike. Ele está aqui para pegar minha arma a fim de fazer um teste de balística.

Hawkins olhou para McKenna com hostilidade.

— Se este não for o maior monte de merda que já ouvi na vida...

— Certo, obrigado por sua avaliação profissional... policial Hawkins, é isso? — disse McKenna se adiantando.

— É isso mesmo — respondeu Hawkins rudemente.

— Bem, policial Hawkins, o senhor tem o consentimento do Sr. Fiske para revistar seu escritório em busca de uma pistola nove milímetros registrada em nome dele. — Olhou para Fiske. — Estou presumindo que ainda esteja dando seu consentimento. — Quando Fiske não respondeu, McKenna olhou de volta para Hawkins. — Bem, se tiver alguma objeção contra fazer isto, vamos conversar com seu chefe e pode começar a planejar uma outra carreira fora da polícia.

Antes que Hawkins fizesse alguma tolice, Fiske agarrou a manga de sua camisa e disse:

— Vamos acabar com isso logo de uma vez, Billy.

Enquanto iam entrando no prédio, Fiske comentou:

— Seu rosto parece estar muito melhor.

Hawkins sorriu, constrangido.

— Está sim, obrigado.

— Que aconteceu? — perguntou McKenna.

Hawkins olhou para ele com uma expressão pouco sociável.

— Um sujeito decidiu fazer uma viagem com drogas. Foi um pouco difícil prendê-lo.

Havia uma pilha de correspondência e de embrulhos diante da porta do escritório de Fiske. Ele a recolheu e destrancou a porta.

Todos entraram e Fiske foi direto para sua escrivaninha e largou a pilha de correspondência sobre o tampo. Abriu a gaveta superior e examinou o interior. Enfiou a mão dentro dela e revirou o conteúdo antes de levantar a cabeça para olhar para os dois homens.

— Estava bem aqui, dentro dessa gaveta. Eu de fato a vi no dia em que veio me dar a notícia da morte de Mike, Billy.

McKenna cruzou os braços e olhou severamente para Fiske.

— OK, mais alguém tem acesso a seu escritório? Pessoal de limpeza, secretária, entregadores, limpadores de janelas?

— Não, ninguém. Mais ninguém tem a chave exceto o proprietário.

Hawkins disse:

— Você esteve fora, o que, dois dias ou coisa assim?

McKenna olhava para a porta.

— Mas não há sinal de arrombamento.

Hawkins retrucou:

— Isto não significa nada. Qualquer um que conheça o ofício poderia abrir aquela fechadura e você jamais perceberia.

— Quem sabia que você mantinha a arma aqui? — perguntou McKenna.

— Ninguém.

— Talvez um dos clientes a tenha levado para ter uma peça de artilharia para assaltar um banco com ela — disse McKenna.

— Não entrevisto clientes no escritório, McKenna. Eles geralmente estão na prisão quando recebo a chamada.

— Bem, parece que temos um pequeno problema aqui. Seu irmão foi morto por um projétil de uma nove milímetros. Você tem uma nove milímetros Sig registrada em seu nome. Admite que de fato estava com ela até alguns dias atrás. Agora a pistola está desaparecida. Você não tem álibi para o horário da morte de seu irmão e está meio milhão de dólares mais rico por causa da morte dele.

Hawkins lançou um olhar rápido para Fiske.

— Um seguro de vida que Mike fez—explicou Fiske. — Foi para mamãe e papai.

— Pelo menos esta é a sua história, certo? — acrescentou McKenna.

Fiske chegou mais perto de McKenna.

— Se pensa que tem o suficiente para me acusar do crime, então faça isso. Se não, trate de dar o fora de meu escritório.

McKenna não se abalou.

— Creio que o policial Hawkins tem sua permissão para revistar seu escritório inteiro em busca da arma, não apenas a gaveta em que disse que estava. Agora, amigo ou não, espero que ele cumpra com seu dever de policial.

Fiske recuou e olhou para Hawkins.

— Vá em frente, Billy. Vou descer até o bar da esquina para beber alguma coisa. Quer que eu lhe traga alguma coisa? — Hawkins sacudiu a cabeça.

— Eu gostaria de tomar uma xícara de café — disse McKenna, seguindo Fiske em direção à porta. — Isso nos dará uma oportunidade para uma conversinha.

∞

Sara entrou e estacionou na entrada para carros. Ela respirou fundo. O Buick estava lá. Quando ia saindo do carro o cheiro de grama recém-cortada a envolveu. Era confortador, levando-a de volta para os jogos de futebol da escola secundária, verões preguiçosos na paz das Carolinas. Quando bateu à porta, foi aberta tão rapidamente que ela quase caiu do degrau. Ed Fiske devia ter estado observando enquanto se aproximava com o carro. Antes que ele pudesse bater a porta em sua cara, ela estendeu a fotografia para ele.

Havia quatro pessoas na foto: Ed e Gladys Fiske e seus dois filhos. Todos exibiam largos sorrisos.

Ed olhou interrogativamente para Sara.

— Michael mantinha esta foto em seu escritório. Eu queria que o senhor ficasse com ela.

— E por que isso? — O tom de voz dele ainda era frio, mas pelo menos não estava berrando obscenidades para ela.

— Porque me pareceu a coisa correta a fazer.

Ed tomou a foto de sua mão.

— Não tenho nada a lhe dizer.

— Mas eu tenho muita coisa a lhe dizer. Prometi uma coisa a alguém e gosto de cumprir minhas promessas.

— A quem? Johnny? Bem, pode dizer a ele que não adianta mandar você aqui para tentar consertar as coisas.

— Ele não sabe que estou aqui. Pediu-me que não viesse.

Ed pareceu surpreendido.

— Então por que está aqui?

— Aquela promessa. O que o senhor viu naquela noite não foi culpa de John. Foi minha culpa.

— Quando um não quer dois não fazem e não adianta querer me convencer do contrário.

— Posso entrar?

— Não vejo por quê.

— Eu realmente gostaria de conversar com o senhor a respeito de seus filhos. Creio que precisa tomar conhecimento de algumas coisas. Algumas informações que poderiam tornar as coisas um pouco mais claras. Não vai levar muito tempo e lhe prometo que, depois que eu acabar, nunca mais tornarei a incomodá-lo. Por favor?

Depois de um longo momento, Ed finalmente se moveu para o lado para deixá-la passar. Fechou a porta barulhentemente.

A sala de visitas estava mais ou menos do mesmo jeito que estivera da primeira vez em que ela a vira. O homem gostava de

manter as coisas limpas e arrumadas. Ela imaginou que sua garagem cheia de ferramentas fosse mantida da mesma maneira. Ed fez um gesto na direção do sofá e Sara sentou-se. Ele foi até a sala de jantar e cuidadosamente colocou a foto entre as outras que estavam lá.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou a contragosto.

— Só se o senhor for beber também.

Ed sentou-se numa cadeira diante dela.

— Não vou beber nada.

Sara olhou para ele atentamente. Agora podia ver mais claramente os traços de ambos os filhos no rosto dele, em sua constituição. A mãe também estava lá, embora mais em Michael do que em John. Ed começou a acender um cigarro, então parou.

— Pode fumar se quiser. A casa é sua.

Ed recolocou o maço de cigarros no bolso da camisa e enfiou o isqueiro de volta no bolso das calças.

— Gladys não permitia que eu fumasse dentro de casa, só lá fora. Velhos hábitos são difíceis de abandonar. — Ele cruzou os braços, esperando que ela começasse a falar.

— Michael e eu éramos amigos muito íntimos.

— Não tenho certeza de quanto podem ter sido íntimos depois do que vi naquela noite. — O rosto de Ed começou a enrubescer.

— O fato é, Sr. Fiske...

— Olhe, me chame apenas de Ed — disse asperamente.

— Está bem, Ed, o fato é que éramos amigos íntimos. Era assim que eu via as coisas, mas Michael queria mais que isso.

— Que está querendo dizer?

Sara engoliu com dificuldade, seu próprio rosto corando.

— Michael me pediu em casamento.

Ed pareceu chocado.

— Ele nunca me contou nada a respeito disso.

— Tenho certeza de que não. O senhor vê... — ela hesitou por um momento, muito nervosa com relação a qual seria a reação dele

às palavras seguintes — o senhor compreende, eu disse a ele que não. — Ela se encolheu para trás um pouco, mas Fiske apenas permaneceu sentado ali, tentando digerir a informação.

— É mesmo? Imagino que não o amasse.

— Não... pelo menos não dessa maneira. Não tenho certeza de por que não o amava. Ele parecia perfeito. Talvez tenha sido isso o que me assustou, compartilhar minha vida com alguém assim, tentar manter meus padrões àquela altura pelo resto da vida. E ele era tão apaixonado pelo trabalho. Mesmo se eu o amasse, não tenho certeza de que tivesse havido espaço para mim.

Ed baixou os olhos.

— Foi difícil criar aqueles dois rapazes. Johnny era bom em quase tudo, mas Mike... Mike era pura e simplesmente fantástico em qualquer coisa que quisesse fazer. Eu trabalhava a droga do tempo todo e não compreendia as coisas realmente muito bem, enquanto eles estavam crescendo. Hoje compreendo tudo muito melhor. Eu me gabava um bocado a respeito de Mike. Demais. Mike me contou que John não queria mais conversa com ele e nunca me contou exatamente por quê. Johnny é realmente muito reservado. É difícil fazer com que ele fale.

Sara olhou para além dele, para fora, pela janela, onde um cardeal passou voando e foi pousar num galho de salgueiro chorão.

— Eu sei. Tenho passado um bocado de tempo com ele durante esses últimos dias. Sabe, sempre pensei que seria capaz de dizer, quase que instantaneamente: esta é a pessoa com quem quero passar o resto de minha vida. Creio que esta ideia parece tola. É injusta. Não é?

Um minúsculo sorriso marcou o rosto do homem.

— Na primeira vez em que vi Gladys, ela trabalhava como garçonete, naquela pequena lanchonete, em frente ao lugar onde eu trabalhava. Certo dia, entrei pela porta com uma porção de meus companheiros, e a partir do momento em que a vi, não ouvi uma

palavra do que eles disseram. Foi como se só existíssemos eu e ela no maldito do mundo inteiro. Voltei para o trabalho e fiz uma imensa trapalhada com um motor Cummins a diesel. Não conseguia tirá-la da cabeça.

Sara sorriu.

— Conheço muito bem a teimosia de John e de Michael Fiske. De maneira que duvido que tenha deixado as coisas como estavam.

Ed sorriu também.

— Voltei à lanchonete para tomar café, almoçar e jantar durante os seis meses seguintes. Começamos a sair. Então consegui reunir coragem para pedi-la em casamento. Juro por Deus que o teria feito no primeiro dia, mas achei que ela iria pensar que eu era maluco ou coisa assim. — Ele fez uma pausa por um momento e depois disse em tom decisivo. — E tivemos uma vida muito boa juntos. — Ele estudou o rosto de Sara. — Foi isso o que aconteceu com você quando viu Johnny? — Sara balançou a cabeça. — Mike sabia?

— Acho que ele compreendeu isso. Quando finalmente conheci John, perguntei se ele tinha alguma ideia de por que os dois não pareciam ser próximos. Achei que eu pudesse ter contribuído para isso, mas eles pareciam ter se afastado bem antes. — Sara ficou tensa. — De maneira que naquela noite no barco, o que o senhor viu foi eu me oferecendo a seu filho. Ele havia passado o dia mais infernal que se possa imaginar e tudo em que eu podia pensar era em mim mesma. — Ela o encarou francamente. — Ele me rejeitou na hora. Sara pensou na noite anterior, na ternura que ela e John Fiske haviam trocado, na cama e fora dela. E depois na manhã seguinte. Ela havia pensado que tinha compreendido tudo. Havia sido um bom sentimento. Agora estava quase esmagada pela impressão de que não conhecia nada a respeito do homem ou de seus sentimentos. Deixou escapar uma risada nervosa. — Foi uma experiência que me ensinou humildade. — Ela puxou um lenço de papel do bolso e

enxugou os olhos. — Isto é tudo o que vim lhe dizer. Se quiser odiar alguém, odeie-me, não seu filho.

Ed ficou olhando para o tapete durante um minuto e então se levantou.

— Eu acabei de aparar a grama. Estou com vontade de tomar um chá gelado, e você? — Com uma expressão surpreendida Sara balançou a cabeça concordando.

Poucos minutos depois, Ed voltou com copos cheios de gelo e uma jarra de chá. Enquanto enchia os copos, disse:

— Andei pensando a respeito daquela noite. Não me lembro de tudo que aconteceu. Estava com uma ressaca terrível no dia seguinte. Por mais furioso que estivesse, nunca deveria ter batido em Johnny. Não no estômago.

— Ele é bastante forte.

— Não é isso que quis dizer. — Ed tomou um gole de chá e se recostou na cadeira, mordendo o lábio. — Johnny alguma vez lhe contou por que saiu da polícia?

— Ele disse que prendeu um moleque qualquer por porte de drogas. Que o garoto era tão patético e coisa e tal que resolveu começar a ajudar pessoas como ele.

Ed balançou a cabeça.

— Bem, ele na verdade não o prendeu. Aquele rapaz morreu na cena do crime. Da mesma forma que morreu o policial, que era parceiro de Johnny, naquela chamada.

Sara quase derramou o chá.

— O quê?

Ed pareceu ficar ligeiramente constrangido agora que havia abordado o assunto, mas continuou.

— Johnny nunca realmente falou a respeito do assunto, mas eu soube da história por intermédio de um dos policiais que chegaram depois de tudo ter acontecido. Johnny parou o carro por algum motivo. Era roubado, eu acho. De qualquer maneira, ele pediu

reforços pelo rádio. Fez os dois garotos saírem do carro. Encontrou as drogas. Foi quando seu parceiro chegou. Justo no instante em que se preparavam para revistá-los, um dos rapazes caiu no chão como se estivesse tendo uma convulsão. Johnny tentou ajudá-lo. Seu parceiro deveria ter mantido a arma apontada para o outro, mas não o fez e o outro garoto puxou uma arma e o matou. Johnny conseguiu disparar, mas o garoto ainda enfiou duas daquelas balas nele. Os dois caíram, de frente um para o outro. O outro garoto estivera apenas fingindo. Se levantou correndo e fugiu no carro. Foi apanhado um pouco depois. O outro sujeito e Johnny estavam a cerca de trinta centímetros um do outro, os dois sangrando loucamente.

— Ah meu Deus!

— Johnny enfiou um dedo em um dos buracos. Isso conteve um pouco a hemorragia. Bem... e eu ouvi parte disso contado por ele, enquanto estava no hospital, meio fora de si... o garoto disse algumas coisas para Johnny. Não tenho muita certeza do que, Johnny jamais quis contar, mas eles encontraram o garoto morto e Johnny a seu lado, com o braço em volta dele. Deve ter se arrastado até lá ou coisa assim. Alguns dos policiais não gostaram muito daquilo, pois havia um deles ali, morto por causa do garoto. Mas verificaram tudo e Johnny foi inocentado. A culpa fora do outro policial. De qualquer maneira, Johnny quase morreu a caminho do hospital. E finalmente acabou passando quase um mês internado. Não sei que munição o garoto estava usando naquela pistola, mas esstraçalhou as entranhas de Johnny.

Sara de repente se lembrou de Fiske puxando a camiseta para baixo, antes de eles fazerem amor.

— Ele tem uma cicatriz?

Ed olhou com estranheza para ela.

— Por que pergunta?

— Alguma coisa que ele disse.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Da base do estômago ao pescoço.

Velho demais para tomar banho nu — Sara disse baixinho para si mesma.

— Creio que poderiam ter feito uma cirurgia plástica, mas Johnny estava cansado de hospitais. Além disso, acho que ele pensou que se eles não conseguiam consertá-lo por dentro, que diabo importava a aparência externa?

O rosto de Sara exibiu uma expressão abalada.

— Que está querendo dizer? Ele se recuperou totalmente, não?

Ed sacudiu a cabeça com tristeza.

— Aquelas balas o rasgaram seriamente, ficaram batendo de um lado para o outro dentro dele, como uma bola de pingue-pongue. Eles o remendaram, mas praticamente cada um de seus órgãos sofreu uma lesão irreversível. Talvez pudessem consertar direito se Johnny quisesse passar alguns anos no hospital, fazer transplantes e coisas desse tipo. Mas isso não é coisa para o meu filho. Os médicos dizem que com o tempo as coisas dentro dele simplesmente vão parar de funcionar. Disseram que era como na diabetes, sabe, como os órgãos da pessoa simplesmente vão ficando exaustos e param? — Sara balançou a cabeça enquanto seu próprio estômago começava a se revirar. — Bem, os médicos disseram que aquelas duas balas acabarão custando a Johnny vinte anos de vida, talvez mais. E não havia realmente nada que pudessem fazer a respeito disso. Naquela ocasião, pouco nos importava. Que diabo, ele estava vivo, isso era o bastante. Mas sei que ele se preocupa com isso. Fez musculação e exercícios com pesos, corria como um demônio, conseguiu ficar em excelente condição física, pelo menos na aparência. Abandonou a polícia. Nem sequer aceitou a droga da pensão por incapacidade física, embora com certeza absoluta tivesse direito a ela. Tornou-se advogado, trabalha como uma mula para ganhar uma merdinha, e dá para mim e para sua mãe a maior parte

do que ganha. Eu não tenho pensão de aposentadoria e as despesas médicas de Gladys chegavam a mais do que eu jamais ganhei em toda minha vida. Que diabo, tivemos de hipotecar esta casa novamente, depois de termos passado trinta anos pagando por ela. Mas você faz o que tem de fazer.

Enquanto Ed fazia uma pausa, Sara lançou um olhar para a mesa onde estava a medalha de John por bravura. Um pedacinho de metal por todo aquele sofrimento.

— Estou lhe contando tudo isso para que compreenda que Johnny não tem realmente as mesmas metas que você e eu poderíamos ter. Ele nunca se casou, nunca fala a respeito de ter filhos. Tudo é acelerado para ele. Acha que se conseguir chegar aos cinquenta anos, será o homem de mais sorte na Terra. Ele me disse isso pessoalmente. — Ed Fiske olhou para baixo, a voz ficando embargada. — Nunca imaginei que viveria mais do que Mike. Deus, espero não viver mais do que meu outro menino.

Sara finalmente recuperou a voz.

— Agradeço muito o senhor ter me contado isso. Compreendo que deve ter sido difícil para o senhor. Afinal, na verdade não me conhece.

— Dependendo da situação, às vezes a gente pode conhecer melhor uma pessoa em dez minutos do que alguém com quem seu caminho cruzou a vida inteira.

Sara se levantou para ir embora.

— Muito obrigada por seu tempo. E John realmente precisa que fale com ele.

Ed balançou a cabeça concordando com uma expressão séria.

— Eu vou fazer isto.

Quando a mão de Sara tocava na maçaneta da porta, Ed falou uma última vez.

— Ainda ama meu filho?

Sara foi embora sem responder.

No pequeno café a pouca distância do prédio de seu escritório, Fiske comprou um café e sentou a uma mesa ao ar livre. McKenna fez o mesmo. De início, Fiske escolheu ignorar completamente o agente do FBI, que o seguia sem dar trégua, e descontraidamente ficou observando as pessoas que passavam pela rua, enquanto tomava o café. Enfiou os óculos escuros quando o sol surgiu sobre o topo do prédio do outro lado da rua e lançou as sombras dos dois sobre a parede de tijolos. McKenna silenciosamente mastigou alguns biscoitos que havia comprado e virou com os dedos o copo de isopor de café.

— Como vai o estômago? Lamento ter tido que lhe dar um soco como aquele.

— A única coisa que você lamenta é não ter me acertado com mais força.

— Não, sinceramente. Eu vi a espingarda e fiquei preocupado. Fiske olhou para ele.

— Imagino que tenha pensado que eu fosse capaz de abrir a porta do carro, puxar a espingarda, apontá-la e conseguir dar um tiro, antes que pudesse me mandar para o espaço de uma distância de, quanto, quinze centímetros?

McKenna encolheu os ombros.

— Para sua informação, andei lendo os registros do histórico de sua carreira na polícia. Você foi um bom policial. Quase que até o final, de qualquer maneira.

— Que diabo isso quer dizer?

McKenna veio sentar-se à mesa.

— Nada, exceto que existem algumas questões pendentes com relação àquele último incidente na sua folha de serviço. Gostaria de me esclarecer?

Fiske tirou os óculos e encarou o homem.

— Por que não enfia uma bala na minha cabeça em vez disso? Acho que seria mais divertido para mim.

McKenna apoiou o encosto da cadeira contra a parede do prédio e acendeu um cigarro.

— Sabe, se está assim tão ansioso para provar sua inocência, então poderia começar a cooperar mais um pouco.

— McKenna, você está convencido de que matei meu irmão, portanto, por que me incomodar?

— Trabalhei em muitos casos ao longo dos anos. Na metade das ocasiões minha teoria original acabou demonstrando não estar correta. Minha filosofia é: Nunca diga nunca.

— Puxa, mas você realmente parece sincero.

McKenna assumiu um tom mais amistoso.

— Olhe, John, tenho feito esse tipo de trabalho por muito tempo, OK? Casos fáceis, bonitos e bem arrumadinhos não são a norma. Nesse aqui, existem esquisitices e não as estou ignorando. — Ele parou e então acrescentou tão casualmente quanto pôde. — Então, por que seu irmão estava interessado em Rufus Harms, e o que exatamente havia no recurso?

Fiske tornou a colocar os óculos escuros.

— Isto não se encaixa em sua teoria de eu ter matado meu irmão.

— Esta é apenas uma de minhas teorias. Estou aqui acompanhando isto, enquanto procuro sua nove milímetros, repentinamente desaparecida. Enquanto espero por isso, estou examinando o caso de um outro ângulo: Rufus Harms. Seu irmão retirou o recurso, parece que ele visitou a prisão.

— Chandler lhe disse isto?

— Tenho muitas fontes de informação. Você e Evans têm andado investigando o histórico de Harms. Ele fugiu da prisão no sudeste da Virgínia. E vocês dois tomaram um avião alugado para

aquela área ontem à noite. Por que não me conta a respeito disso? Onde vocês foram e por quê?

Fiske se recostou na cadeira, atordoado. McKenna os havia posto sob vigilância. Isto não era algo de incomum, contudo, de alguma forma Fiske não havia pensado nessa possibilidade.

— Você parece já saber de tanta coisa, por que me perguntar?

— Poderia ter alguma informação que me fosse útil para solucionar o caso.

— Antes de Chandler?

— Quando pessoas estão sendo mortas, que importância tem quem consegue pôr um fim a isso antes?

Aquela afirmação fazia muito sentido, Fiske sabia. Pelo menos aparentemente. Mas é claro que importava muito quem poria fim àquilo. As pessoas ligadas às forças de segurança ficavam atentas e registravam os resultados, exatamente como as pessoas em outras atividades.

Fiske se levantou.

— Vamos verificar como estão as coisas com Billy. A esta altura, ele provavelmente já encontrou aqueles dois corpos que eu escondi nos meus arquivos na semana passada.

Hawkins estava quase acabando quando eles voltaram.

— Nada — disse ele em resposta ao olhar de McKenna. — Pode revistar você mesmo se quiser — acrescentou em tom de desafio.

— Tudo bem, confio em você — McKenna disse em tom amistoso.

Fiske estava olhando fixo para Hawkins.

— O que é isso, Billy? — Fiske apontou para o pescoço e para o colarinho dele.

— O que é o quê?

Fiske tocou o colarinho de Hawkins com o dedo e então o mostrou para que o homem visse. Hawkins corou um pouco.

— Ah, que droga, isto foi uma ideia de Bonnie para esconder os hematomas. É por isso que meu rosto não parece tão marcado. Eu nunca apanhei com tanta violência em minha vida. Quero dizer, o sujeito era grande, mas eu também sou.

McKenna disse:

— Eu teria esvaziado o pente inteiro no cara.

Fiske ficou olhando boquiaberto para McKenna ao ouvir aquilo. Hawkins balançou a cabeça.

— Fiquei tentado. Mas de qualquer maneira, a turma iria curtir com a minha cara e me infernizar se descobrissem, mas está fazendo tanto calor lá fora e você começa a suar, e esse negócio simplesmente derrete e mancha as roupas. Não sei como as mulheres conseguem.

— Então está dizendo que é...

— Estou, é maquiagem — disse ele envergonhado.

A despeito da revelação que acabara de lhe ocorrer, Fiske se esforçou ao máximo para parecer calmo. Inconscientemente esfregou o ombro ainda dolorido.

McKenna estava olhando fixamente para ele.

Exatamente naquele instante o telefone tocou. Fiske atendeu. Era da clínica onde sua mãe estava internada.

— Eu li a notícia sobre Michael no jornal. Lamento muitíssimo, John. — A mulher trabalhava na clínica há anos e Fiske a conhecia muito bem.

— Obrigado, Anne. Olhe, agora estou bastante atrapalhado...

— Queria lhe dizer, Michael esteve aqui há tão pouco tempo e agora está morto. Não consigo acreditar que tenha acontecido.

Fiske ficou tenso.

— "Aqui", quer dizer na clínica?

— Sim. Na semana passada. Na quinta, não... na sexta-feira. No dia em que ele desapareceu. Eu me lembro porque ele geralmente costuma vir no sábado.

Fiske sacudiu a cabeça para clareá-la.

— De que você está falando? Michael não costumava visitar mamãe.

— É claro que visitava. Quero dizer, mas não tão frequentemente quanto você.

— Você nunca me contou isso.

— Não? Bem, acho que se você tem que saber, Michael não queria que soubesse.

— Por que diabo ele não queria que eu soubesse? Estou começando a ficar realmente cansado dessa história de as pessoas não me contarem as coisas a respeito de meu irmão.

— Sinto muito, John — disse a mulher —, mas ele me pediu que não lhe contasse e respeitei o pedido dele. Foi apenas isso. Mas agora que ele se foi, eu... eu não pensei que fizesse mal que você soubesse.

— Ele viu mamãe na sexta-feira? Também conversou com você?

— Não, na verdade não. De fato, ele parecia estar um pouco nervoso. Quero dizer, meio ansioso. Ele veio muito cedo e só ficou cerca de uma meia hora.

— Então eles conversaram?

— Eles se encontraram. Não sei quanto eles realmente conversaram. Gladys pode ser difícil de vez em quando. Quando você acha que pode vir vê-la? Quero dizer, ela simplesmente não poderia saber o que aconteceu com Michael, mas apesar disso parece muito deprimida por algum motivo.

Ficou claro para Fiske que a mulher acreditava que a ligação de uma mãe com os filhos podia ser mais forte até do que a destruição causada pelo mal de Alzheimer.

— Estou realmente ocupado agora... — Fiske interrompeu o que estava dizendo. Seria um milagre se sua mãe conseguisse se lembrar de alguma coisa de qualquer conversa que pudesse ter tido

com Mike que possivelmente pudesse ajudá-los. Mas e se ela se lembrasse?

— Passo por aí daqui a pouco.

Fiske desligou o telefone, pegou a maleta e enfiou a pilha de correspondência nela.

— Seu irmão visitou sua mãe no dia em que desapareceu? — perguntou McKenna. Fiske balançou a cabeça. — Então ela poderia ser capaz de nos dizer alguma coisa.

— McKenna, minha mãe sofre do mal de Alzheimer. Ela pensa que John Kennedy ainda é presidente.

— OK, e com relação às pessoas que trabalham lá?

Fiske escreveu um endereço e um número de telefone no verso de um de seus cartões de visita.

— Mas deixe minha mãe em paz.

— Você vai lá visitá-la, não vai? Por quê?

— Ela ainda é minha mãe. — Fiske desapareceu saindo pela porta.

Hawkins olhou para McKenna.

— Está pronto para ir? Porque eu quero trancar tudo. Não quero mais ninguém entrando aqui e roubando mais alguma coisa.

A maneira como Hawkins disse aquilo fez McKenna parar um instante. O sujeito não podia saber que ele havia levado a arma, podia? Contudo, McKenna se sentia culpado com relação àquilo. Mas tinha coisas mais graves com relação às quais se sentia culpado. Muito mais graves.

SARA ESTAVA PARADA NUM SINAL VERMELHO, a caminho do escritório de Fiske, quando o viu passar pelo cruzamento seguindo em direção oeste. Ela não teve tempo para tocar a buzina. Pensou em fazer algum sinal, para que ele parasse, mas um olhar de relance para seu rosto tenso a deteve. Virou à direita e o seguiu.

Trinta minutos depois ela reduziu, quando o carro de Fiske entrou no estacionamento de uma clínica de repouso e asilo para idosos, situada no West End de Richmond. Sara já estivera ali antes uma vez, com Michael, para visitar a mãe dele. Ela manteve o carro escondido atrás de um arbusto de folhagens largas, próximo da entrada, e observou, enquanto Fiske saltava do carro e entrava apressado.

Fiske se encontrou com Anne, a mulher que acabara de lhe telefonar, que se desculpou novamente e o levou até o salão de visitantes, onde Gladys estava sentada docilmente em seus pijamas e chinelos. Quando Fiske apareceu, ela levantou a cabeça e silenciosamente bateu palmas.

Fiske sentou diante dela e Gladys estendeu as mãos, e carinhosamente tocou no rosto dele. O sorriso dela se alargou, os olhos muito abertos e não apreendendo absolutamente nada da realidade.

— Como vai o meu Mike? Como vai o bebê da mamãe? — Delicadamente ele acariciou as mãos dela.

— Estou bem. Muito bem. Papai também está muito bem — ele mentiu. — Teve uma visita simpática outro dia, não foi?

— Visitas são tão divertidas. — Ela olhou para trás dele com um sorriso. Fazia aquilo com frequência. Era difícil prender a

atenção dela. Agora era uma criança pequena, o ciclo estava completo.

Ela tocou a face dele novamente.

— Seu pai esteve aqui.

— Quando foi isso?

Ela sacudiu a cabeça:

— No ano passado. Ele estava de licença. O navio dele afundou. Foram os japoneses.

— É mesmo? Mas ele está bem, não está?

Ela deu uma gargalhada longa e alta.

— Ah, mas é claro, aquele homem está sempre mais do que bem. — Ela se inclinou para a frente e sussurrou em tom conspirador. — Mike, querido, você é capaz de guardar um segredo?

— Claro, mamãe — disse Fiske hesitantemente.

Ela olhou em volta, corando.

— Estou grávida de novo.

Fiske respirou fundo. Esta era novidade.

— É mesmo? Quando foi que descobriu?

— Agora não se preocupe, meu querido, mamãe tem amor bastante para dar para todos vocês. — Ela beliscou a face dele e beijou-lhe a testa.

Ele apertou a mão dela e conseguiu dar um sorriso.

— Tivemos uma boa conversa no outro dia, não foi? — Ela balançou a cabeça distraidamente. Aquilo era loucura, mas já que estava ali, não custava nada tentar. — Eu fiz uma boa viagem. Você se lembra para onde fui?

— Você foi para a escola, Mike, exatamente como faz todo dia. Seu pai levou você no navio dele. — Ela franziu o cenho. — Trate de ter cuidado quando estiver por lá. Há muitos combates acontecendo. Seu pai está combatendo agora. — Ela deu um soco no ar. — Acabe com eles, Eddie.

Fiske se recostou na cadeira e ficou olhando fixo para ela.

— Terei cuidado. — Olhar para ela era como olhar para um quadro, um retrato pintado que desbotava a cada dia, sob um sol implacável. Finalmente, um dia quando ele viesse visitá-la, toda a tinta teria se apagado, a única imagem que restaria viria de sua memória. E assim a vida continua. — Tenho de ir embora. Estou, hum, estou atrasado para a escola.

— Tão bonita. — Ela olhou para além dele e acenou. — Olá, como vai. — Fiske se virou e ficou gelado ao ver Sara parada ali. — Estou grávida, querida — Gladys disse a ela.

— Meus parabéns — foi tudo que Sara conseguiu pensar para dizer.

∞

Fiske saiu andando furioso pelo corredor em direção à saída, Sara seguindo atrás dele. Abriu a porta com tanta força que ela bateu violentamente na parede.

— John, você quer parar e falar comigo?

Ele virou-se repentinamente.

— Como você ousa vir me espionar?

— Eu não estava espionando.

— Nada disso é da sua conta. — Ele puxou as chaves do carro, abriu e entrou. Ela entrou junto. — Droga, trate de sair de meu carro.

— Não vou me mexer enquanto não conversarmos a respeito disto.

— Merda!

— Se você quiser que eu saia vai ter de me empurrar para fora.

— Dane-se, mulherzinha infernal! — berrou Fiske antes de saltar do carro.

Sara o seguiu.

— Dane-se você, John Fiske. Por favor, quer parar de fugir e falar comigo?

Ele apontou um dedo trêmulo para ela.

— Por que diabo está fazendo isto comigo, Sara?

— Porque gosto de você.

— Eu não preciso de sua ajuda.

— Eu acho que precisa. Sei que precisa. — Os dois ficaram parados se encarando.

— Não poderíamos ir a algum lugar e conversar a respeito disso? Por favor. — Ela lentamente deu a volta no carro e parou ao lado dele. Tocando no braço dele, disse: — Se ontem à noite significou para você a metade do que significou para mim, deveríamos no mínimo ser capazes de conversar. — Ela ficou parada ali, convencida de que a resposta dele seria entrar no carro e sumir da vida dela.

Fiske olhou para ela por um momento, baixou a cabeça e se apoiou cansadamente contra o carro. A mão de Sara deslizou até a dele e a apertou. Fiske olhou para além dela, para um carro estacionado na rua e para os dois homens dentro dele.

— Teremos a companhia dos federais no passeio. — A atitude e o tom de voz dele agora estavam resignados. Pelo menos não era McKenna que estava ali.

— Ótimo, vou me sentir muito segura — disse Sara, seu olhar se recusando a abandonar o dele, até que finalmente ela viu que não o tinha perdido, pelo menos por enquanto.

Os dois entraram em seus carros e Sara seguiu Fiske até um pequeno centro comercial a pouco mais de um quilômetro e meio de distância, onde sentaram a uma mesa ao ar livre e beberam limonada no calor do final da tarde.

— Posso compreender como isto faz com que você tenha esse ressentimento contra seu irmão, embora não seja por culpa dele — disse Sara.

— Nada nunca foi culpa de Mike — disse Fiske com amargura.

— Não se pode dizer que sua mãe saiba o que está fazendo. Da mesma maneira poderia ser perfeitamente possível que ela chamasse Michael pelo seu nome.

— É, sei. Ela escolheu não se lembrar de mim.

— Talvez ela o chame assim porque você a visitava muito mais do que Michael e esta seja a maneira de ela reagir a isso.

— Não engulo esta.

Sara ficou zangada.

— Bem, se quer continuar sentindo ciúmes de seu irmão, mesmo agora que ele está morto, então creio que é um direito seu.

Fiske lançou um olhar muito frio para ela. Sara ficou esperando que ele fosse explodir. Em vez disso, ele disse:

— Eu sinto, sentia, escolha como quiser, ciúmes de meu irmão. Quem não sentiria?

— Mas isso não faz com que seja correto.

— Talvez não — disse Fiske, com a voz cansada. Ele desviou o olhar. — Na primeira vez em que visitei mamãe e ela me chamou de Mike, pensei que fosse uma coisa temporária, sabe, ela estava tendo um dia realmente ruim. Depois de dois meses disso... — Ele fez uma pausa. — Bem, foi quando eu me afastei de Mike. Definitivamente. Tudo o que sempre havia de alguma forma me irritado nele, não importa o quanto fosse idiota, simplesmente ampliei e transformei numa imensa imagem desse grande filho-da-mãe, mau, sem coração, sem nada de bom. Ele tinha tirado minha mãe de mim.

— John, no dia em que fomos ver você no julgamento, fui com Michael visitar sua mãe.

Ele ficou tenso.

— O quê?

— Sua mãe nem sequer falava com ele. Mike trouxe um presente para ela, ela se recusou a receber. Ele me disse que era sempre assim. Ele presumia que fosse porque ela amava tanto você, e que não gostasse dele.

— Você está mentindo — disse Fiske em voz baixa.

— Não, não estou. Isso é a verdade.

— Você está mentindo! — disse ele de novo, em tom mais vigoroso.

— Pergunte às pessoas que trabalham lá. Elas sabem.

Alguns minutos de silêncio se passaram. A cabeça de Fiske estava baixa. Quando ele levantou o olhar novamente, disse:

— Eu nunca realmente pensei no fato de ele também perder a mãe dele.

— Tem certeza disso? — perguntou Sara baixinho.

Fiske olhou para ela, as mãos cerradas.

— Que está querendo dizer? — perguntou com a voz trêmula.

— O que o impedia de falar com seu irmão? Michael me disse que você tinha se afastado dele, e acabou de admitir isso. Mesmo assim, não consigo acreditar que nunca tenha sabido de como ela o tratava.

Durante um minuto inteiro Fiske não disse nada. Ficou olhando fixo para Sara, talvez sem vê-la; seus olhos não revelavam nada do que estava pensando. Finalmente, ele fechou os olhos e disse num tom quase inaudível:

— Eu sabia.

Ele olhou para ela. O terrível sofrimento em suas feições a fez tremer.

— Eu simplesmente não queria me importar — disse Fiske. Sara apertou o ombro dele com força. — Acho que usei isso como desculpa para não ter mais nada a ver com meu irmão. — Ele respirou fundo novamente. — E tem mais uma outra coisa. Mike me ligou sim, pouco antes de ir até a prisão. Eu não liguei de volta. Não, até ser tarde demais... eu o matei.

— Você não pode se culpar por isso. — As palavras de Sara não tiveram nenhum efeito, ela podia ver isso, e portanto mudou de tática. — Se quiser se culpar, então faça-o pelo motivo certo. Você

injustamente afastou seu irmão de sua vida. Foi errado fazer isso. Realmente errado. Agora ele se foi. Isto é uma coisa com a qual vai ter de viver para sempre, John.

Então ele olhou para ela. O rosto dele foi ficando mais calmo.

— Acho que já tenho vivido com isso.

Uma vez que ele havia confiado nela, Sara decidiu que seria apenas uma questão de justiça fazer o mesmo.

— Fui visitar seu pai hoje. — Antes que Fiske pudesse dizer alguma coisa, ela prosseguiu apressadamente. — Eu tinha prometido a você que o faria. Contei a ele o que realmente havia acontecido.

— E ele acreditou em você? — retrucou Fiske com ceticismo.

— Eu estava dizendo a verdade. Ele vai telefonar para você.

— Obrigado, mas gostaria que você tivesse ficado fora disso.

— Ele preencheu algumas lacunas para mim.

— Que tipo de lacunas? — perguntou Fiske asperamente.

— Contou o que aconteceu para fazer com que deixasse de ser policial.

— Mas que droga, Sara, você não precisava saber disso.

— Sim, eu precisava. Tinha o maior dos motivos.

— Qual é?

— Você sabe qual!

Nenhum dos dois falou durante vários minutos. Fiske também ficou olhando para a mesa, virando e revirando o canudo. Finalmente se recostou na cadeira e cruzou os braços.

— Então meu pai lhe contou tudo?

Sara levantou o olhar de relance para ele.

— A respeito do tiroteio, sim. — O tom dela era cauteloso.

— Então sabe que não vou estar vivo e tocando flauta, quando chegar aos sessenta ou talvez aos cinquenta anos.

— Acho que você pode vencer qualquer desvantagem que alguém lhe impuser.

— E se não vencer?

— Se não vencer, isso não tem importância para mim.

Ele se inclinou para a frente.

— Mas tem importância para mim, Sara.

— Então você desiste da vida que tem?

— Creio que estou vivendo minha vida exatamente da maneira como quero.

— Talvez esteja — ela concordou baixinho.

— Nunca daria certo, você sabe.

— Então você pensou no assunto?

— Pensei no assunto sim. E você? Como sabe que isto não é mais uma decisão impulsiva? Como comprar sua casa?

— É o que sinto.

— Sentimentos mudam.

— E é tão mais fácil admitir a derrota do que se esforçar para conseguir alguma coisa.

— Quando quero alguma coisa, eu me esforço muito para conseguir. — Fiske não tinha ideia de por que havia dito aquilo, mas viu a expressão desolada no rosto de Sara.

— Compreendo. E imagino que eu não tenha escolha neste caso?

— Você não quer, realmente, ter de fazer este tipo de escolha.

— Ela não disse nada e Fiske permaneceu calado por um momento.

— Você sabe, meu pai não lhe contou tudo, porque ele não sabe de tudo.

— Ele me contou como você quase morreu, como o outro policial morreu. E o homem que atirou em você também. Eu compreendo como aquilo pode ter mudado sua vida. Como pode ter levado você a fazer o que faz. Creio que é muito nobre, se é que esta é a palavra correta.

— Nem sequer chega perto. Você realmente quer saber por que eu faço o que faço?

Sara podia perceber a mudança repentina de humor.

— Conte-me.

— Porque estou com medo. — Ele balançou a cabeça para ela.

— O medo é o que me impulsiona. Quanto mais tempo eu passava na polícia, mais se tornava uma questão de "nós contra eles". A postura de jovem, zangado, com pose de durão e numa das mãos a pistola para dar apoio a tudo. — Fiske parou de falar e observou, através da vidraça, enquanto as pessoas lá dentro compravam refrescos. Pareciam despreocupadas, alegres, em busca de algum objetivo tangível em suas vidas; eram tudo o que ele não era, não podia ser.

Fiske olhou de volta para Sara.

— Eu vivia prendendo os mesmos sujeitos, uma vez depois da outra, e parecia que, antes que eu conseguisse acabar de preencher a papelada, eles estavam de volta às ruas. E eles seriam capazes de detonar você como se estivessem pisando numa barata. Você compreende, eles também viviam o jogo do "nós contra eles". Você junta as pessoas e as trata como sendo parte de grupos. Jovens e negros, apanhe-os se puder. Os azuis estão atrás de você? Mate-os se puder. É rápido e você não precisa fazer escolhas a respeito de indivíduos. É como estar viciado numa droga.

— Nem todo mundo faz isso. O mundo inteiro não é feito de pessoas assim.

— Eu sei disso. Sei que a maioria das pessoas, negras, brancas ou seja lá de que cor, são boas pessoas, levam vidas relativamente normais. Realmente quero acreditar nisso. É só que enquanto fui policial jamais vi nada disso. Embarcações normais não passavam velejando pelo meu cais.

— Então o tiroteio fez você repensar as coisas?

Fiske não respondeu imediatamente. Quando ele o fez, falou lentamente.

— Eu me lembro de cair de joelhos para examinar o sujeito, que depois descobri, estava encenando uma convulsão. Ouvi a arma disparar, meu parceiro gritar. Puxei minha pistola ao mesmo tempo

que me virava. Não sei como consegui disparar, mas disparei. A bala o acertou bem no peito. Nós dois caímos. Ele perdeu a arma, mas eu fiquei com a minha. Apontada para ele. Ele não estava a mais de vinte centímetros de mim. Cada vez que ele respirava, o sangue jorrava do buraco da bala, como um gêiser vermelho. Fazia um som estranho, sibilante, que ainda ouço quando durmo. Os olhos dele começaram a ficar vidrados, mas a gente nunca sabe. Tudo o que eu sabia era que ele tinha acabado de baleiar meu parceiro e que tinha acabado de me baleiar. Minhas entranhas pareciam estar se dissolvendo. — Fiske deixou escapar um longo suspiro. — Eu ia apenas esperar que ele morresse, Sara. — Fiske parou de falar, enquanto se lembrava de quanto estivera perto de ser mais um policial num caixão, enterrado e na maioria das vezes esquecido.

— Seu pai disse que você foi encontrado com o braço em volta dele — Sara delicadamente o incentivou a continuar.

—Pensei que ele estivesse tentando tomar minha arma. Eu estava com um dedo no gatilho e um outro enfiado no buraco em meu estômago. Mas ele nem sequer estendeu a mão. Então, eu o ouvi falando. Mal conseguia compreender o que dizia, no início, mas ele continuou repetindo até que compreendi.

— O que ele disse? — perguntou Sara gentilmente.

Fiske deixou escapar um suspiro, meio na expectativa de ver sangue jorrar de seus velhos ferimentos, seus órgãos velhos, traídos, abandonando-o quarenta anos antes da hora.

— Ele me pedia que o matasse. — Como se em resposta para a pergunta que ela não fez, Fiske disse: — Eu não consegui. Eu não o fiz. Não teve a menor importância, contudo, pois ele parou de falar poucos segundos depois.

Sara lentamente se recostou na cadeira, sem conseguir dizer nada.

— Na verdade, eu acho que ele estava aterrorizado de que não fosse morrer. — Fiske sacudiu a cabeça lentamente, as palavras se

tornando mais difíceis de concatenar. — Ele só tinha dezenove anos. Eu já sou um velho, perto dele. O nome dele era Darnell, Darnell Jackson. A mãe dele era viciada em crack, e quando ele tinha oito ou nove anos ela o prostituía para conseguir dinheiro para comprar a droga.

Ele olhou para ela.

— Isto lhe soa horrível?

— É claro que soa. Claro!

— Para mim, era a mesma velha merda. Eu via isso o tempo todo. Tinha me tornado imune a isso, ou pelo menos pensei que tivesse. — Ele lambeu os lábios secos. — Não pensei que ainda me restasse alguma compaixão. Mas depois de Darnell, consegui recuperar alguma. — Ele deu um sorriso desgostoso. — Eu chamo isso de minha epifania revestida de aço. Duas balas no meu corpo, um garoto morrendo na minha frente, querendo que eu acabasse com ele. É difícil imaginar um acontecimento ter força suficiente para fazer com que você questione tudo em que sempre acreditou. Mas aconteceu comigo naquela noite. — Ele balançou a cabeça pensativamente. — Agora eu penso no futuro inteiro do mundo, unicamente no contexto de Darnell Jackson. Ele é a minha versão do holocausto nuclear, só que não acabará em poucos segundos. — Fiske olhou para ela. — Este é o terror que me impulsiona.

— Eu acho que você realmente se importa. Você faz muita coisa boa.

Fiske sacudiu a cabeça, os olhos marejados.

— Não sou um advogado rico, brilhante e branco, correndo por aí nobremente para salvar os pequenos Enis do mundo. E foi preciso que um garoto perdido me explodisse as entranhas com um canhão para fazer com que eu me importasse. Quantas pessoas você acha que realmente se importam?

— Você não pode ser assim tão cínico, pode?

Fiske a encarou por um momento antes de responder.

— Na verdade, eu sou o cínico mais esperançoso que você conhecerá na vida.

— VOCÊ FEZ A COISA CERTA, BETH. Por mais doloroso que seja e a faça sofrer. Contudo, ainda não consigo acreditar que Sara tenha sido capaz disso. — Jordan Knight sacudiu a cabeça. Estavam no assento traseiro da limusine de placa oficial que o servia, que avançava com dificuldade em meio ao grande engarrafamento de tráfego a caminho do apartamento deles, no conjunto Watergate. — Talvez simplesmente os nervos dela não tenham suportado mais. As pressões são enormes.

— Eu sei — disse Elizabeth Knight baixinho.

— Tudo isso parece tão bizarro. Um assistente jurídico rouba um recurso. Sara sabe disso, mas se mantém em silêncio. O assistente, então, é assassinado. Em seguida o irmão do assistente torna-se suspeito do crime. John Fiske simplesmente não me parece um tipo assassino.

— A mim também não parece. — A conversa dela com John Fiske havia apenas intensificado seus temores.

Jordan Knight bateu de leve na mão da esposa.

— Andei me informando sobre Chandler e McKenna. Ambos são de total confiança. McKenna tem uma excelente reputação no Birô. Se alguém pode solucionar esta história, creio que são esses dois.

— Eu acho Warren McKenna rude e antipático.

— Bem, na profissão dele suponho que às vezes tenha de ser — comentou.

— Não se trata disso. Simplesmente é que há alguma coisa com ele. É tão intenso, mas parece quase estar — ela fez uma pausa, procurando a palavra exata — representando um papel.

— No meio de uma investigação de homicídio?

— Eu sei que parece loucura, mas é exatamente a impressão que tenho.

O senador encolheu os ombros e alisou o queixo pensativamente.

— Sempre disse que a intuição de uma mulher vale mais do que a melhor avaliação de um homem. Imagino que nesta cidade todos nós estejamos num palco. Às vezes a gente se cansa disso.

Ela o olhou atentamente.

— O rancho no Novo México o está atraindo?

— Eu sou doze anos mais velho do que você, Beth. Cada dia se torna um pouco mais precioso.

— Não é como se nunca estivéssemos juntos.

— O tempo que passamos juntos em Washington não é realmente a mesma coisa. Nós dois estamos tão ocupados aqui.

— Minha nomeação para a Suprema Corte é um cargo vitalício, Jordan.

— Eu apenas não quero que você venha a ter arrependimentos. Estou fazendo o melhor que posso para não ter nenhum.

Os dois ficaram em silêncio e olharam para fora pela janela enquanto o carro seguia pela Avenida Virgínia.

— Ouvi dizer que você e Ramsey tiveram uma discussão com unhas e dentes hoje. Você acha que tem uma chance?

— Jordan, você sabe que não me sinto à vontade e que me incomoda conversar com você a respeito dessas coisas.

Jordan corou.

— Esta é uma coisa que eu detesto com relação a esta cidade e a nossos empregos. O governo não deveria interferir na aliança do casamento.

— Uma afirmação curiosa, vinda de um político.

Jordan deu uma gostosa gargalhada.

— Bem, como político de vez em quando tenho de dar vazão e tornar conhecidas as minhas opiniões, não acha? — Gostei muito

que você tivesse ido em frente e mantido o jantar para Kenneth. Mas sei que deve ter recebido críticas.

Elizabeth encolheu os ombros.

— Harold aproveita qualquer oportunidade, não importa quão idiota seja, para me dar um puxão de orelha, Jordan. Já desenvolvi uma resistência muito forte. — Ela deu-lhe um beijo na face, enquanto ele acariciava seus cabelos carinhosamente.

— Nós realmente vencemos, a despeito de todas as desvantagens, não vencemos? Temos uma vida agradável, não acha?

— Temos uma vida maravilhosa, Jordan. — Ela o beijou de novo e ele pôs um braço protetor em volta dela.

— Acho que esta noite deveríamos cancelar todos os compromissos e simplesmente ficar em casa. Jantar, assistir a um filme. E conversar. Ultimamente não temos feito muito isso.

— Receio que eu não vá ser uma boa companhia.

Jordan a abraçou apertado.

— Você é sempre boa companhia, Beth. Sempre.

Quando os Knight chegaram a seu apartamento, Mary, a governanta, entregou um recado telefônico para Elizabeth. Uma expressão curiosa cruzou seu rosto quando leu o nome no papel.

Jordan apareceu no corredor esfregando as mãos. Ele olhou para Mary.

— Espero que tenha alguma coisa gostosa planejada para o jantar.

— O seu prato favorito. Lombo de boi.

Jordan sorriu.

— Acho que vamos jantar mais tarde. Esta noite a madame e eu vamos relaxar completamente. Sem interrupções. — Ele olhou para a esposa. — Alguma coisa errada? — Reparou no papel na mão dela.

— Não. Assuntos da Corte. Não acabam nunca.

— Não precisa me dizer isso — Jordan disse em tom seco. — Bem, eu vou entrar num chuveiro quente. — E seguiu pelo corredor. — É bem-vinda se quiser me acompanhar — disse por sobre o ombro.

Mary saiu para a cozinha, com um sorriso nos lábios por causa do comentário do senador.

Elizabeth aproveitou a oportunidade para entrar rapidamente em seu estúdio e discou o número no recado.

— Estou retomando sua chamada — disse no fone.

— Precisamos conversar, juíza Knight. Que tal agora mesmo?

— De que se trata?

— O que vou lhe dizer será um choque bastante forte. Está preparada para isso?

Por algum motivo, Elizabeth Knight percebeu que o homem estava se divertindo com aquilo.

— Eu realmente não tenho tempo para a retórica de capa e espada que evidentemente o diverte.

— Bem, vou lhe dar um cursinho relâmpago sobre ela.

— De que está falando?

— Apenas ouça.

E ela ouviu. Vinte minutos depois ela bateu o telefone, saiu correndo do aposento e quase derrubou Mary, que vinha andando pelo corredor. Elizabeth correu para o banheiro, onde molhou o rosto com água. Agarrou as bordas da pia, se recompôs, abriu a porta e foi andando lentamente pelo corredor.

Ainda podia ouvir Jordan no chuveiro. Consultou o relógio. Saiu para o vestíbulo e desceu no elevador até a área de recepção do prédio e esperou perto da entrada principal. O tempo pareceu passar lentamente. Na verdade, apenas dez minutos tinham se passado desde que dera o telefonema. Finalmente, um homem que não reconheceu, mas que claramente a conhecia de vista, apareceu e lhe entregou alguma coisa. Ela baixou o olhar para ver. Quando olhou

para cima de novo o homem já havia desaparecido. Ela enfiou o que ele lhe tinha entregue no bolso e voltou rapidamente para o apartamento.

— Onde está Jordan? — perguntou a Mary.

— Creio que está no quarto se vestindo. A senhora está se sentindo bem, Sra. Knight?

— Sim, eu... meu estômago estava meio indisposto, mas agora estou bem. Decidi esticar as pernas e olhar as vitrines lá embaixo, tomar um pouco de ar. Por favor, pode preparar uns coquetéis e servir no terraço?

— Está começando a chover.

— Mas o toldo está aberto. E eu estou me sentindo muito claustrofóbica, de repente. Preciso de ar. Tem andado tão quente e úmido ultimamente e a chuva deixou as coisas tão frescas. Tão frescas realmente — ela disse em tom melancólico. — Prepare o drinque favorito de Jordan, está bem?

— Martini de gim Beefeater com uma rodela, sim, madame.

— E o jantar, Mary... por favor cuide para que esteja absolutamente maravilhoso. Simplesmente perfeito.

— Pode deixar, madame. — Mary seguiu para a cozinha com uma expressão perplexa no rosto.

Elizabeth Knight apertou as mãos uma na outra para lutar contra as ondas de pânico. Precisava parar de pensar a respeito daquilo. Se fosse resistir e sobreviver, ela simplesmente teria de atuar, não pensar. Por favor, Deus, me ajude, rezou.

FISKE FICOU OLHANDO MELANCOLICAMENTE PELA JANELA do carro para as nuvens escuras. Ele e Sara estavam a meio caminho de Washington e nenhum dos dois tinha dito muita coisa durante o percurso.

Sara ligou os limpadores de para-brisa enquanto a chuva começava a cair. Olhou para ele e franziu o cenho.

— John, temos uma porção de informações com as quais trabalhar. Poderíamos aproveitar esta próxima hora para tentar fazer algum sentido de tudo isso.

Fiske olhou de relance para ela.

— Acho que você tem razão. Tem uma caneta e papel em algum lugar?

— Você não tem isso na maleta de trabalho?

Ele soltou o cinto de segurança, puxou a maleta do banco de trás e a abriu. Virou e revirou a pilha de correspondência até que suas mãos se fecharam em torno de um embrulho volumoso.

— Cristo, como isso foi rápido!

— O quê?

— Eu acho que isto aqui é o registro da folha de serviços de Harms. — Fiske rasgou, abriu e começou a ler. Dez minutos depois, ele olhou para Sara. — Está dividido em duas partes diferentes. A folha de serviço nas Forças Armadas, trechos dos registros da transcrição da Corte Marcial e a lista da guarnição que servia em Fort Plessy, durante o tempo em que Harms esteve aquartelado lá.

— Fiske puxou uma seção intitulada registros médicos. Estudou as páginas e então parou. — Você gostaria de adivinhar por que Rufus Harms era tão insubordinado, por que não aceitava ordens, estava sempre com problemas?

— Ele era disléxico — respondeu Sara imediatamente.

— Que diabo, como sabia disso?

— Duas coisas. Apesar do pouco que vi do recurso, a letra e a ortografia de quem o escreveu eram realmente muito ruins. Isto é um sinal de dislexia, embora não seja conclusivo. Mas quando conversei com George Barker, lembra-se de que ele me contou a história sobre Rufus ter consertado a máquina de impressão do jornal dele?

Fiske balançou a cabeça.

— Bem, ele se lembrava de Rufus dizendo que não queria olhar para o manual da máquina de impressão, que as palavras só iriam atrapalhar. Eu frequentei a escola com uma garota que tinha dislexia. Ela uma vez me disse mais ou menos a mesma coisa. É como se você não conseguisse se comunicar com o mundo. Embora, pelo que vi em nosso encontro na outra noite, pareça que Rufus conseguiu dominar seu problema.

— Se ele conseguiu sobreviver na prisão, durante todos esses anos, com gente tentando matá-lo, ele pode fazer qualquer coisa que enfie na cabeça fazer. — Fiske olhou de volta para os registros. Parece que isso foi diagnosticado depois do assassinato. Provavelmente, durante os procedimentos da Corte Marcial. Talvez Rider é que tenha descoberto isso. Preparar uma defesa requer alguma cooperação por parte do cliente.

— A dislexia não é uma defesa para homicídio.

— Não, mas eu sei o que é.

— O quê? — perguntou Sara ansiosamente. — O quê?

— Primeiro uma pergunta: Leo Dellasandro, por acaso ele está tendo um caso com a secretária?

— Por que está perguntando isto?

— Ele estava com marcas de maquiagem no colarinho do paletó.

— Talvez fosse da esposa dele.

— Talvez, mas eu acho que não.

— Realmente duvido que ele esteja tendo um caso, porque a secretária dele acabou de se casar.

— Não imaginei que estivessem tendo um caso.

— Então por que me perguntou?

— Estava apenas cobrindo todas as possibilidades. Não creio, tampouco, que Dellasandro tenha pegado aquilo da esposa. Acho que ele estava usando maquiagem.

— Mas por que um homem — e nada menos que um chefe de polícia — iria usar maquiagem?

— Para esconder os hematomas que ele recebeu quando bati nele no apartamento de meu irmão. — Sara prendeu a respiração enquanto Fiske continuava. — Não vejo Dellasandro desde aquela noite. Ele não estava na reunião na Corte depois que Wright foi assassinado. Estive com Chandler uma porção de vezes e o homem nunca apareceu para saber como ia a investigação. Pelo menos enquanto eu estivesse lá. Acho que ele estava me evitando. Talvez com receio que eu pudesse reconhecê-lo de alguma forma.

— Por que motivo no mundo Leo Dellasandro teria estado no apartamento de seu irmão?

Em resposta, Fiske levantou um maço de papéis.

— A lista da guarnição aquartelada em Fort Plessy. Por sorte, está em ordem alfabética. — Ele virou as páginas em direção ao final da lista. — Sargento Victor Tremaine. — Virou uma outra página. — Capitão Frank Rayfield. — Rapidamente, virou de volta algumas páginas e parou. — Soldado Rufus Harms. — Então foi virando de volta até chegar perto do começo, fez um círculo com a caneta em volta de um nome e disse, em tom triunfante: — E cabo Leo Dellasandro.

— Deus do Céu. Então Rayfield, Tremaine e Dellasandro eram os homens na prisão naquela noite?

— Creio que sim.

— Como você soube que Dellasandro tinha servido nas Forças Armadas?

— Vi uma foto de Dellasandro no escritório dele. Era muito mais jovem, usando um uniforme. O uniforme do Exército. Creio que os três foram lá para dar uma lição em Rufus Harms. Creio que descobriremos que todos eles combateram no Vietnã e que Rufus não combateu. Ele não cumpria ordens, estava sempre encrencado.

— Mas que diabo eles fizeram com Rufus Harms?

— Creio que eles...

O telefone do carro tocou. Sara lançou um olhar rápido para Fiske e depois atendeu. O rosto dela empalideceu de repente enquanto ouvia.

— Sim, eu aceito a chamada. Alô? O quê? OK, fique calmo. Ele está bem aqui. — Sara passou o fone para Fiske. — Rufus Harms, e pela voz ele não me parece bem.

Fiske agarrou o fone.

— Rufus, onde você está?

Rufus estava dentro do jipe, estacionado ao lado de um telefone público. Com uma das mãos estava segurando o fone e com a outra, segurando Josh, que agora estava passando por períodos cada vez mais longos de inconsciência, mas que ainda mantinha a pistola enfiada contra o lado do corpo.

— Richmond — ele respondeu. — Estou a dois minutos do endereço no cartão que você me deu. Josh está seriamente ferido. Preciso de uma droga de um médico e preciso dele rápido.

— Está bem, conte-me o que aconteceu.

— Rayfield e Tremaine nos alcançaram.

— Onde eles estão agora?

— Estão mortos, que diabo, e meu irmão está praticamente pronto para ir se juntar a eles. Você disse que me ajudaria. Bem, preciso de ajuda.

Fiske olhou rapidamente pelo espelho retrovisor. O sedã preto ainda estava lá atrás. Ele pensou depressa.

— OK, vou me encontrar com você em meu escritório dentro de duas horas.

— O Josh não aguenta duas horas. Ele está todo furado de bala.

— Vamos cuidar do Josh agora mesmo, Rufus. Vou me encontrar com você, não com o Josh.

— De que diabo você está falando?

— Vou telefonar para um amigo meu que é policial. Ele vai conseguir uma ambulância. Eles cuidarão dele. O hospital MCV fica a poucos minutos do meu escritório.

— Nada de polícia!

Fiske berrou no fone:

— Você quer que o Josh morra? Quer? — Fiske interpretou o silêncio como uma concordância de Rufus para qualquer tipo de ajuda que Fiske pudesse lhe dar. — Descreva o carro e me dê o nome das ruas do cruzamento em que você está agora. — Rufus o fez. — Meu amigo terá ajuda aí em poucos minutos. Deixe o Josh no carro. Assim que você desligar, vá andando até o prédio de meu escritório. Está aberto. Entre pela porta da frente e desça o lance de escadas, à sua esquerda. Você vai passar por uma outra porta. Logo à direita tem uma porta com uma placa que diz Depósito de Suprimentos. Está destrancada. Entre lá e me espere. Estarei lá o mais rápido que puder. Também quero que você pegue a carteira de seu irmão, porque não quero que ele tenha nenhum documento de identidade. Se souberem que é Josh, vão começar a procurar por você nas redondezas. Isto inclui meu escritório. Se a polícia isolar a área vai estragar meu plano inteiro.

— E se alguém me vir? Quem sabe me reconhecer?

— Nós não temos muita escolha agora, Rufus.

— Estou confiando em você. Por favor, ajude meu irmão, por favor, não me deixe na mão.

— Rufus, também estou confiando em você. Não me deixe na mão.

Quando Rufus desligou, ele olhou para Josh. Enfiou uma arma debaixo da camisa e esticou a mão para tocar o irmão. Pensou que Josh agora estivesse completamente inconsciente, mas quando Rufus alisou o ombro dele delicadamente com o dedo, Josh abriu os olhos.

— Josh...

— Eu ouvi. — A voz estava fraca; tudo nele agora estava fraco.

— Ele quer que eu tire sua carteira, para que não saibam quem você é por enquanto.

— No meu bolso de trás. — Rufus puxou a carteira. — Agora trate de ir andando.

Rufus refletiu a respeito disso por um momento.

— Posso ficar com você. Vamos juntos.

— Não dá. — Josh cuspiu um pouco mais de sangue. — Os médicos vão me costurar. Já estive ferido muito pior do que isso. — Josh estendeu uma das mãos trêmulas, tocou no rosto do irmão, limpou as lágrimas que molhavam seus olhos.

— Vou ficar com você, Josh.

— Se você ficar, tudo isso vai ter sido por nada.

— Não posso deixar você sozinho. Não desse jeito. Não depois de todos esses anos longe.

Com uma careta de dor, Josh se endireitou sentando mais ereto.

— Você não está me deixando sozinho. Dê para mim.

— Dar para você o quê? Josh disse:

— A Bíblia.

Sem tirar os olhos do irmão, Rufus lentamente esticou o braço atrás do banco e entregou o livro a ele. Em troca, Josh ofereceu a

pistola que tinha estado enfiada contra suas costelas durante todas aquelas horas. Rufus olhou para ele interrogativamente.

— Uma troca justa— disse Josh com a voz rouca.

Rufus pensou ter visto um esboço de sorriso tremeluzir nos lábios do irmão, antes que Josh fechasse os olhos, a respiração fraca, mas regular. Uma mão enorme agarrou a Bíblia, apertando com tanta força que a lombada do livro se retorceu.

Enquanto Rufus saltava do jipe, ele olhou de volta mais uma vez e então deixou o irmão para trás.

∞

Fiske finalmente conseguiu falar com Hawkins em casa.

— Não me pergunte por que ou como, Billy. Não posso lhe dizer quem é. Por enquanto ele é um Fulano de Tal. Esquive-se da papelada e dirija o jipe até o hospital.

— John, como vamos nos encontrar com Rufus, com o FBI aí atrás na nossa cola? — perguntou Sara.

— Eu vou me encontrar com Rufus, você não.

— Espere um minuto...

— Sara...

— Eu quero ver esta história resolvida.

— Acredite em mim, você verá. Você tem de dar um telefonema para mim, para o meu amigo no Gabinete do Comissariado das Forças Armadas.

— A respeito de quê? E você ainda não me disse o que acha que aconteceu naquela prisão vinte e cinco anos atrás.

Ele pôs uma das mãos sobre a dela.

— E.U.A. contra Stanley. Um soldado inocente e LSD. — disse Fiske, observando os olhos dela se arregalarem. — Só que pior — acrescentou.

Depois de fazer uma parada rápida na casa de Sara, eles seguiram com o carro até o National Airport e estacionaram. Fiske enfiou a capa de chuva, abotoou e puxou o chapéu enfiando-o bem na cabeça enquanto a chuva começava a cair mais forte. Ele abriu um grande guarda-chuva e cobriu Sara com ele. Foram para o terminal geral de aviação e então saíram pelo outro lado, para a área de embarque, onde entraram num sedã com vidros escuros espelhados. Uns dois minutos depois o carro se afastou do meio-fio na esquina.

Atrás deles estavam dois agentes do FBI, um dos quais já estava comunicando o andamento da situação a seus superiores. Então ele foi até o balcão de serviço para se informar sobre qual o destino do voo em que Fiske e Sara estavam prestes a embarcar. O outro agente saiu e observou enquanto o sedã estacionava junto do Falcon 2.000.

Dentro do sedã, Fiske e o motorista, o copiloto de Chuck Herman, estavam ocupados trocando de lugar. O motorista vestiu a capa e pôs o chapéu. De longe ele pareceria ser Fiske. O plano era fazer Sara ficar dentro do avião por uma hora e durante esse tempo ela tentaria entrar em contato com o amigo de Fiske no Gabinete do Comissariado das Forças Armadas, Phil Jansen. Então ela iria embora. Eles sabiam que o FBI a interrogaria sobre o desaparecimento de Fiske, mas não teriam justificativas para detê-la.

O agente do FBI ficou observando enquanto um homem magro, de cabelos brancos, desceu a escada do avião e cumprimentou Sara e o homem que presumiu que fosse Fiske, enquanto eles desciam do carro. O grupo subiu as escadas e embarcou no avião. O sedã se afastou. O agente do FBI manteve os olhos no avião enquanto o sedã passava por ele e continuava adiante até a estrada principal que seguia para fora do terminal.

Dirigindo o sedã, Fiske deixou escapar um longo suspiro enquanto entrava na George Washington Parkway. Em menos de dez minutos estava seguindo para o sul, na Interestadual 95, em direção a Richmond. O tráfego estava pesado; passaram-se quase três horas até que ele se aproximasse com o carro junto do meio-fio defronte ao prédio de seu escritório. Já havia entrado em contato com Billy Hawkins. Josh Harms estava na sala de operações no MCV. As coisas não pareciam boas, Hawkins lhe dissera. Fiske estacionou o carro e deu a volta até a entrada dos fundos do escritório, por via das dúvidas.

Ele seguiu até o nível inferior e se aproximou do depósito. Por favor, esteja aí, implorou a Rufus. Fiske bateu de leve na porta.

— Rufus? — disse baixinho. — É John Fiske.

Cautelosamente, Rufus abriu a porta.

— Vamos dar o fora daqui.

Rufus agarrou o braço dele.

— Como está o Josh?

— Está sendo operado. Tudo o que você pode fazer é rezar.

— Isto é tudo o que tenho feito.

Os dois saíram pela portaria dos fundos, caminharam rapidamente até o carro de Fiske e embarcaram.

— Você quer me falar sobre a carta do Exército?

— Que é que tem a carta?

— Eles queriam manter contato para atualizar a monitoração sobre os efeitos de testes com fenciclidina, certo?

Harms se enrijeceu.

— Fen-quê?

— Você sabe, PCP.

— Como soube disso?

— A mesma coisa aconteceu com um outro sujeito no Exército, chamado Stanley, que participou de um programa de tapeação. Com ele usaram LSD.

— Eu não estava em nenhuma droga de programa de PCP, mesmo que eles tenham dito que eu estava. — Ele puxou a carta e a entregou a Fiske.

Harms se recostou o quanto foi possível. Ele era tão grande que seus joelhos encostavam no painel e a cabeça roçava no teto do carro.

— Eles vinham querendo me pegar já fazia algum tempo. Tremaine e Rayfield.

— E Dellasandro? O cabo Dellasandro?

— É, ele também. Acho que eles não gostavam muito do fato de eu ficar sentado agasalhado e tranquilo nos Estados Unidos, mesmo estando preso na prisão.

— Eles não sabiam que você tinha dislexia?

— Você parece saber de muita porcaria.

— Continue.

— Eu tinha tido muitos desentendimentos com aquele grupo antes. Tremaine arranjou para ficar preso na prisão comigo, uma noite, por bebedeira. Ele me disse com franqueza total o que pensava a meu respeito. Acho que eles planejaram essa coisa toda. Eles entraram na prisão uma noite. Leo estava com a arma. Eles me obrigaram a fechar os olhos, me deitar no chão. A coisa seguinte que descobri, tinham enfiado uma coisa em mim. Abri os olhos e vi a agulha saindo do meu braço. Todos eles estavam lá parados em volta de mim, rindo, esperando que eu morresse. Eu sabia pelo que eles tinham dito que esse era o plano deles. Me matar com uma overdose do negócio.

— Que diabo, mas como você conseguiu sair depois de levar uma dose maciça de PCP e fugir da prisão?

— Meu corpo inteiro pareceu inchar, como se alguém estivesse bombeando ar para dentro de mim. Eu me lembro de me levantar e de ter a sensação de que aquele lugar não era grande o bastante para me conter. Atirei todos eles longe como se fossem feitos de palha.

Eles tinham deixado a porta destrancada. O guarda de plantão veio correndo, mas bati nele como um caminhão e então saí correndo, estava livre. — A respiração dele havia se acelerado, as mãos enormes se cerrando e se abrindo, como se estivesse revivendo o que haviam feito com ele tanto tempo antes.

— E você cruzou com Ruth Ann Mosley?

— Ela estava lá, visitando o irmão. — Rufus bateu violentamente com o punho sobre o painel. — Se ao menos Deus tivesse me derrubado antes que eu tocasse naquela garotinha. Por que teve de ser uma criança? Por quê? — As lágrimas escorriam pelo rosto do homem.

— Não foi sua culpa, Rufus. O PCP é capaz de levar você a fazer qualquer coisa, qualquer coisa. Não foi culpa sua.

Em resposta Rufus levantou as mãos com as palmas viradas para cima e gritou.

— Estas mãos é que fizeram aquilo. Não importa que merda eles injetaram em mim, nada vai mudar o fato de que eu matei aquela garotinha linda. Não existe nada nesse mundo que possa fazer isso desaparecer. Existe? — Os olhos de Rufus encararam os de Fiske, falseando, mas então ele os fechou e se deixou cair para trás como se sem vida.

Fiske tentou manter a calma.

— E você não se lembrava de nada, até que recebeu a carta?

Finalmente Rufus se recuperou.

— Que diabo, durante todos esses anos a única coisa de que me lembrava daquela noite era de estar sentado na prisão lendo a Bíblia que minha mãe me deu. A coisa seguinte que me vinha à memória era estar ao lado daquela garotinha morta. Isto é tudo. — Ele limpou as lágrimas com a manga da camisa.

— O PCP pode fazer isso também. Confundir sua memória. Provavelmente por causa do choque de tudo o que aconteceu também.

Rufus suspirou pesadamente.

— Às vezes eu penso que aquela merda ainda está dentro de mim.

— Mas você se declarou culpado do crime de qualquer maneira?

— Havia um monte de testemunhas. Samuel Rider disse que se eu não aceitasse o acordo, eles me condenariam e então me executariam. Que diabo eu deveria fazer?

Fiske pensou a respeito daquilo por um momento e então disse baixinho:

— Eu acho que teria feito a mesma coisa.

— Mas quando recebi a carta, foi como se alguém tivesse acendido uma grande lâmpada dentro de minha cabeça e parte do meu cérebro que tinha estado completamente escura ficasse muito clara e a lembrança de tudo me voltou. Cada maldito pedacinho.

— E assim você escreveu a carta para a Corte e pediu a Rider que desse entrada no recurso em seu nome?

Rufus balançou a cabeça.

— E então seu irmão veio me ver. Ele disse que acreditava na justiça, que queria me ajudar se eu estivesse contando a verdade. Ele era um homem bom.

— Sim, era — disse Fiske com a voz embargada.

— O problema foi que ele tinha trazido junto a minha carta. Rayfield e o velho Vic não iam deixar que ele fosse embora. De jeito nenhum. Fiquei maluco quando descobri. Eles me levaram para a enfermaria, tentaram me matar lá. Fui para o hospital e Josh me tirou de lá.

— Você disse que Tremaine e Rayfield estão mortos.

Rufus balançou a cabeça, confirmando. Respirou fundo novamente, observou a chuva caindo sobre o horizonte escurecido de Richmond e então olhou para Fiske.

— Agora você sabe de tudo que eu sei. Portanto, o que vamos fazer?

— Não tenho certeza— foi tudo o que Fiske conseguiu dizer.

CHUCK HERMAN SORRIU QUANDO PASSOU POR SARA no corredor do avião.

— Esta é primeira vez em minha vida em que sou pago para não voar.

— Isto aqui é Washington, Chuck. Eles pagam aos fazendeiros para não plantar safras também — disse Sara em tom irônico.

Ela pegou o telefone celular pela décima vez e discou o número da casa de Phil Jansen. No escritório já haviam dito a Sara que ele tinha encerrado o expediente e ido embora. Por sorte, Fiske também tinha dado a ela o telefone da casa de Jansen. Sara ficou aliviada quando Jansen finalmente atendeu. Rapidamente se apresentou e explicou sua ligação com Fiske.

— Não disponho de muito tempo, Sr. Jansen, de maneira que talvez fosse melhor ir direto ao ponto. Em alguma ocasião no passado o Exército esteve envolvido em programas de experiências com PCP?

A voz de Jansen ficou tensa.

— Por que exatamente está me perguntando isto, Srta. Evans?

— John acha que Rufus Harms involuntariamente recebeu uma dose de PCP quando estava em uma prisão do Exército, em Fort Plessy, há vinte e cinco anos. Ele acredita que a exposição ao PCP fez com que Harms ficasse louco furioso e matasse uma garotinha. Ele esteve na prisão por causa do crime desde então.

Sara relatou tudo o que ela e Fiske tinham deduzido juntamente com o que haviam ficado sabendo, por intermédio de Rufus, no escritório de Rider.

E depois prosseguiu:

— Rufus Harms recebeu recentemente uma carta do Exército pedindo-lhe que participasse de um teste de atualização e monitoração sobre os efeitos de longo prazo do PCP. Isto foi exatamente o que aconteceu com o sargento James Stanley, certo? O Exército enviou uma carta a ele. A carta foi o único motivo por que ele teve conhecimento de que o Exército lhe havia administrado LSD. Bem, nós acreditamos que um grupo de guarnição do Exército administrou PCP em Harms, à força, na prisão, mas não como parte de nenhum programa de experiências. Achamos que eles tinham a intenção de usar a droga para matá-lo. Em vez disso ele conseguiu fugir e cometeu um homicídio.

Jansen disse:

— Espere um minuto. Por que o Exército enviou uma carta a ele dizendo que Harms participava do programa se ele não participava?

— Acreditamos que quem quer que tenha dado o PCP a Harms o inscreveu no programa.

— E por que faziam isso?

— Se eles o matassem com o PCP e houvesse uma necropsia, presumivelmente a substância teria sido encontrada em sua corrente sanguínea.

— Sim, teria sim — disse Jansen lentamente. — Então eles o matricularam no programa para esconder isso. O legista teria atribuído a morte a uma reação adversa à droga. Não consigo acreditar nisso.

— Exato. Então existiu um programa desse tipo?

— Existiu — admitiu Jansen. — Atualmente é informação de conhecimento público. Não é mais classificada como secreta. O programa era administrado conjuntamente pelo Exército e pela CIA, na década de 1970. Eles queriam determinar se o PCP podia ser usado para criar supersoldados. Se Harms estava incluído nos registros do programa, recentemente ele teria recebido uma carta de

atualização e monitoração. — Jansen fez uma pausa por um momento. — O que você e John vão fazer agora?

— Eu gostaria de saber. — Sara agradeceu a Jansen e desligou.

Ela esperou mais algum tempo e então saiu do avião e foi andando pela pista até o terminal. Imediatamente foi detida pelos dois agentes do FBI.

— Onde está Fiske? — perguntou um deles imperiosamente.

— John Fiske? — ela perguntou inocentemente.

— Ora, vamos, Srta. Evans.

— Ele foi embora algum tempo atrás.

Os agentes pareceram ficar sobressaltados.

— Foi embora. Como?

— Presumo que tenha ido de carro. Agora se me derem licença. — Ela sorriu enquanto os homens atordoados saíam em disparada, correndo como loucos para o avião. Eles não tinham motivos para detê-la. Sara aproveitou a oportunidade para embarcar no ônibus de serviço interno até a garagem e pegou o carro. Foi dirigindo até sair do aeroporto e seguiu para o sul. Um pensamento repentino lhe ocorreu e ela reduziu a velocidade, entrou no acostamento e parou num posto de gasolina. Mantendo o motor ligado, abriu a maleta de Fiske e tirou o pacote de documentos que ele havia recebido de St. Louis. Não tinha certeza de quão atentamente Fiske os havia examinado, mas havia lhe ocorrido que era possível que o Exército pudesse ter posto uma cópia da carta que tinham enviado para Rufus Harms em seus registros oficiais com a folha de serviço embora tecnicamente estes tivessem sido encerrados por ocasião da Corte Marcial. Valia a pena dar uma olhada.

Meia hora depois ela se recostou, desapontada. Começou a colocar os papéis de volta na maleta quando sua mão segurou a lista do pessoal aquartelado em Fort Plessy. Ela foi virando as páginas, reparando nos nomes de Victor Tremaine e de Frank Rayfield. Então

seu olhar percorreu tristemente o nome de Rufus Harms. Tantos anos de sua vida tinham sido perdidos.

Enquanto estava pensando nisso, continuou virando as páginas percorrendo com o olhar a lista de pessoal; tão logo viu o nome, gelou, paralisada. Quando finalmente conseguiu sair do transe, ela o fez com tanta força que bateu com a cabeça contra a janela. Sara jogou no chão a pasta de documentos, pôs o carro em marcha e, acelerando, saiu, cantando pneu no asfalto liso, enquanto se afastava em alta velocidade do posto de gasolina. Olhou de relance para baixo, para o carpete do carro, onde a lista de pessoal tinha ido parar, onde o nome Warren McKenna parecia estar olhando fixo para ela, zombando dela. Em nenhum momento Sara olhou para trás, de maneira que nem reparou no carro que a havia seguido desde o aeroporto.

HAROLD RAMSEY SE RECOSTOU NA CADEIRA, com uma expressão grave no rosto.

— Nunca imaginei que nada semelhante algum dia pudesse ter acontecido aqui.

McKenna e Chandler estavam sentados no gabinete dele. McKenna observava o juiz-presidente atentamente. Eles pareceram fazer contato visual por um momento e então McKenna desviou os olhos e lançou um olhar rápido para Chandler.

— Bem, nós não temos nenhuma prova concreta capaz de confirmar que Michael Fiske de fato roubou um recurso ou não, ou até mesmo se existia um recurso — disse Chandler.

Ramsey sacudiu a cabeça discordando.

— Depois da discussão com Sara Evans, pode haver alguma dúvida?

Discussão? Inquisição seria um termo mais adequado, pensou Chandler.

— Mesmo assim ainda é especulação. E eu aconselharia a não tornar pública esta informação.

— Eu concordo — disse McKenna. — Poderia complicar a investigação.

— Pensei que estivesse convencido de que John Fiske estivesse por trás de tudo — disse Ramsey. — Se agora está mudando sua posição, não vejo em que medida avançamos alguma coisa com relação ao que estávamos há dois dias atrás.

— Homicídios não se solucionam simplesmente por si sós. E este é um pouco mais complexo do que a maioria. E eu nunca disse que havia mudado minha posição — disse McKenna. — A arma de Fiske havia desaparecido de seu escritório. Nenhuma grande

surpresa nisso. Não se preocupe, as coisas estão começando a se encaixar.

Ramsey não pareceu convencido.

— Eu realmente não vejo por que esperar um pouco iria ser prejudicial — disse Chandler. — E se as coisas se revelarem da maneira como esperamos, talvez o público nunca tenha de saber.

— Não vejo como isto seria possível — disse Ramsey furioso. — Mas suponho que aceitar seu conselho não possa tornar este desastre ainda mais horroroso. Por enquanto. E que foi feito de Fiske e Evans? Onde estão eles?

— Nós os pusemos sob vigilância — respondeu McKenna.

— De maneira que sabe onde estão agora? — perguntou Ramsey. McKenna manteve o rosto impassível. Não estava disposto a admitir que tanto Fiske como Sara tinham conseguido escapar de sua equipe de vigilância. McKenna tinha acabado de receber este recado um minuto antes de entrar naquela reunião.

— Sei — respondeu McKenna.

— Onde eles estão? — perguntou Ramsey.

— Receio não poder lhe dar essa informação, Sr. Juiz-Presidente. — E acrescentou rapidamente. — Por mais que eu quisesse responder a sua pergunta. Realmente precisamos manter esta informação confidencial.

Ramsey olhou severamente para ele.

— Agente McKenna, o senhor prometeu manter a Corte informada sobre o progresso do caso.

— Prometi. É por isso que estou aqui agora.

— A Corte tem sua própria força policial. O chefe Dellasandro e Ron Klaus estão lá fora, neste exato minuto, tentando solucionar esta história. Temos nossa própria investigação em curso e é do interesse de todos que tenhamos uma exposição completa das informações. Agora, por favor, responda à minha pergunta. Onde estão eles?

— O que o senhor diz faz muito sentido, mas receio que mesmo assim não possa divulgar esta informação — respondeu ele.
— É uma questão de política do FBI, o senhor compreende.

Ramsey arqueou as sobrancelhas.

— Então creio que eu deveria falar com alguma outra pessoa no Birô — disse. — Não gosto de passar por cima das pessoas, agente McKenna, mas esta é uma situação única.

— Ficaria satisfeito em lhe dar alguns nomes para chamar no Birô, a começar pelo próprio diretor — ofereceu McKenna em tom simpático.

— O senhor tem alguma coisa de real importância a relatar — perguntou Ramsey secamente — ou isto é tudo?

McKenna se levantou.

— Estamos tentando com o maior empenho esclarecer tudo isso completamente. E estou convencido de que, com um pouco de sorte, conseguiremos.

Ramsey se levantou também, elevando-se com imponência acima deles.

— Permita-me lhe dar um conselho, agente McKenna. Nunca deixe nada por conta da sorte. Qualquer pessoa que o faz geralmente vive para se arrepender de tê-lo feito.

∞

Sara destrancou a porta de seu chalé e entrou apressadamente. Do carro, havia tentado telefonar para casa e para o escritório de Fiske; depois tinha tentado falar com Ed Fiske também, mas ele não tivera nenhuma notícia do filho. Ela atirou a bolsa sobre a mesa da cozinha, foi para o andar de cima, tirou as roupas molhadas e vestiu calças jeans e uma camiseta. Sara estava à beira do pânico, mas não tinha certeza do que deveria fazer. Se Dellasandro estava envolvido naquela história, isso já era bastante mau. Ele estava inteirado do

que estava acontecendo na investigação. O fato de que o agente do FBI, Warren McKenna, também estivesse envolvido, era potencialmente catastrófico. Ele estava praticamente comandando a maldita investigação. Ela agora podia perceber as manipulações sutis que o agente do FBI fizera em todos os momentos oportunos durante o caso. Fazer com que Fiske fosse implicado, com que ela fosse forçada a se demitir da Suprema Corte; tudo aquilo constituindo e reforçando o motivo para John ter assassinado o irmão. Era tudo falso e no entanto, para alguém que estivesse simplesmente olhando apenas para os fatos, faria sentido.

Ela tentou ligar para o escritório de Chandler. Queria saber definitivamente se o agente McKenna estivera aquartelado em Fort Plessy ou se havia sido apenas alguém com o mesmo nome. Não conseguia acreditar que dois McKenna pudessem estar envolvidos naquela história, mas precisava ter certeza. Infelizmente, Chandler não estava. Quem mais ela poderia chamar que tivesse aquela informação? Jansen poderia conseguir descobrir, mas provavelmente precisaria de algum tempo. De repente a resposta lhe ocorreu. Ela discou o número. Depois de três toques uma mulher atendeu. Era a governanta.

— Ele está? É Sara Evans.

Um minuto depois a voz de Jordan Knight soou na linha.

— Sara?

— Eu sei que o momento é terrivelmente inoportuno, senador.

— Eu soube do que aconteceu hoje. —O tom de voz dele estava gelado.

— Sei o que o senhor deve estar pensando e tenho certeza de que nada que eu pudesse dizer mudaria sua opinião.

— Você provavelmente está certa com relação a isto. Contudo, se vale alguma coisa, saiba que Beth está extremamente sentida com o que aconteceu. Ela era uma de suas maiores admiradoras.

— Fico muito agradecida. — Sara afastou o telefone da orelha enquanto se esforçava para controlar os nervos. Agora, cada segundo era importante. — Preciso de um favor.

— Um favor? — Jordan perguntou, perplexo.

— Uma informação sobre uma pessoa.

— Sara, realmente não acho que isto seja apropriado.

— Senador, eu nunca mais voltarei a telefonar para o senhor, mas realmente preciso saber a resposta para uma pergunta e, com todas as fontes de informações que o senhor tem, é a única pessoa em que posso pensar para perguntar. Por favor? Pelos velhos tempos.

Jordan refletiu a respeito daquilo por um momento.

— Bem, não estou em meu escritório neste momento. Na verdade, estava me preparando para sentar para jantar com Beth.

— Mas o senhor poderia ligar para seu escritório, ou talvez para o FBI.

— Para o FBI? — ele levantou a voz.

Ela prosseguiu depressa.

— Um telefonema seria o bastante. Estou em casa. O senhor pode até mandar a pessoa ligar diretamente para mim com a resposta. O senhor e eu nem precisaremos nos falar de novo.

Finalmente Jordan cedeu.

— Está bem, qual é a pergunta?

— É a respeito do agente McKenna.

— Que é que tem o agente McKenna?

— Preciso saber se ele em alguma ocasião serviu no Exército. Especificamente, em Fort Plessy, durante a década de 1970.

— Mas por que você precisa saber disso?

— Senador, eu levaria tempo demais para explicar.

Ele suspirou.

— Está bem. Vou ver o que posso fazer. Vou mandar alguém em meu escritório verificar e depois ligar para você. Vai ficar em

casa?

— Vou.

— Sara, espero que saiba o que está fazendo.

— Se puder acreditar, senador, eu sei muitíssimo bem.

— Se tem certeza — ele respondeu, não parecendo muito convencido.

Quando ele voltou para a sala de jantar, cerca de quinze minutos depois, Elizabeth levantou o olhar para ele.

— Mas o que era que Sara queria?

— Uma coisa estranhíssima. Sabe aquele sujeito que é agente do FBI? O tal de quem você estava se queixando?

Ela ficou tensa.

— Warren McKenna? Que tem ele?

— Ela queria saber se ele tinha servido no Exército.

Elizabeth Knight deixou cair o garfo.

— Por que ela haveria de querer saber disso?

— Não sei. Ela não quis me dizer. — Jordan olhou para ela com curiosidade, percebendo sua tensão. — Você está se sentindo bem?

— Estou sim. É que hoje foi realmente um dia infernal.

— Eu sei, querida, eu sei — ele disse em tom consolador. Jordan olhou para seu prato com a comida fria. — Acho que nossa noite de relaxamento acabou de sair pela janela.

— O que você disse a ela?

— Que disse a ela? Eu disse que iria verificar. E que mandaria alguém ligar para ela. Era isso que estava fazendo, ligando para meu escritório. Imagino que eles possam verificar no computador ou coisa assim.

— Onde está Sara?

— Em casa, esperando pela resposta para a pergunta. — Elizabeth se levantou, com o rosto pálido.

— Beth, você está se sentindo bem?

— Uma dor de cabeça acabou de começar. Preciso tomar uma aspirina.

— Posso pegar para você.

— Não, pode deixar. Acabe seu jantar. Então talvez possamos finalmente relaxar.

Com uma expressão preocupada Jordan Knight observou sua esposa seguir pelo corredor. Elizabeth Knight de fato precisava tomar uma aspirina, uma vez que realmente estava com uma verdadeira dor de cabeça. Então ela se esgueirou pelo corredor até seu quarto, pegou o telefone e discou um número.

— Alô — disse a voz.

— Sara Evans acabou de telefonar. Ela fez uma pergunta a Jordan.

— Qual era a pergunta?

— Ela queria saber se você tinha estado no Exército.

Warren McKenna afrouxou a gravata e tomou um gole de água do copo sobre a escrivaninha. Tinha acabado de voltar da reunião na Suprema Corte.

— E o que ele disse a ela?

— Disse que iria verificar e que voltaria a ligar. — Elizabeth lutou para controlar as lágrimas.

McKenna balançou a cabeça para consigo mesmo.

— Onde ela está?

— Ela disse a Jordan que estava em casa.

— E John Fiske?

— Não sei. Aparentemente ela não disse. — McKenna agarrou o casaco.

— Obrigado pela informação, juíza Knight. É possível que acabe sendo mais valiosa do que um de seus pareceres.

Elizabeth Knight lentamente pôs o fone no gancho e então o pegou de novo. Não podia deixar que ficasse assim. Ligou para a

telefonista de informações e conseguiu o número. A chamada foi atendida.

— O detetive Chandler, por favor. Diga a ele que é Elizabeth Knight e que é urgente.

Chandler veio atender.

— Que posso fazer pela senhora, juíza Knight?

— Detetive Chandler, por favor não me pergunte como eu sei, mas tem de ir até a casa de Sara Evans. Creio que ela está correndo grave perigo. Por favor, vá depressa.

Chandler não perdeu tempo fazendo perguntas. Saiu correndo do escritório sem nem sequer desligar o telefone.

Elizabeth Knight lentamente pôs o fone no gancho. Havia pensado que seu trabalho na Suprema Corte fosse cheio de pressões, mas isso... Ela sabia que não importava qual fosse o resultado final daquilo, sua vida iria ser devastada. Para ela, não havia nenhuma saída. Que ironia, pensou, que logo a justiça fosse acabar por destruí-la.

∞

O vulto estava vestido com roupas escuras, uma máscara de esqui cobrindo-lhe o rosto. Ele havia seguido Sara até Richmond e depois tinha ido atrás dela, de Fiske e dos agentes do FBI de volta até Washington. Estava muito grato por ela ter conseguido se livrar dos agentes do FBI; aquilo tornaria seu serviço muito mais fácil. Agachando-se, ele se esgueirou até o carro e abriu a porta do lado do motorista. A luz do teto se acendeu quando o fez e ele rapidamente girou o botão para apagá-la. Olhou para as janelas da casa. Viu Sara passar uma vez, mas ela não olhou para fora. Tirou uma pequena lanterna do bolso e varreu o interior do carro com o fecho de luz. Ele viu os papéis no chão, lançou um olhar rápido para eles e reparou no nome marcado por um círculo. Juntou os documentos de arquivo e

os enfiou numa mochila que estava carregando. Puxou uma pistola do coldre e colocou um silenciador na boca do cano. Levantando a cabeça para olhar para a casa novamente, não viu nenhum sinal de Sara desta vez. Mas ela estava lá dentro. Sozinha. Ele apagou a luz e seguiu em direção à casa.

∞

Sara estivera andando nervosamente, de um lado para o outro na cozinha, repetidamente consultando o relógio e esperando por um telefonema do escritório de Jordan Knight. Ela saiu para o deque nos fundos e ficou observando enquanto um jato passava deslizando sob o dossel de nuvens escuras. Então olhou para seu barco à vela que esbarrava contra os pneus que estavam afixados no embarcadouro para servir como para-choques entre a fibra de vidro sedosa e a madeira áspera. Ela teve de sorrir enquanto recordava os acontecimentos da noite anterior. O sorriso desapareceu quando se lembrou do que ela e Fiske tinham conversado depois do encontro na clínica de idosos. Ela pressionou os dedos dos pés descalços contra a madeira úmida e se permitiu um momento para respirar os aromas relaxantes da paisagem molhada e rústica.

Sara entrou na casa e subiu a escada, parando na porta do quarto e olhando para dentro. A cama ainda estava desfeita. Ela sentou no colchão e pegou uma ponta do lençol, enquanto recordava os dois fazendo amor. Pensou em como Fiske tinha puxado a camiseta de volta para baixo. A cicatriz ia do umbigo até o pescoço, Ed lhe dissera. Como se aquilo algum dia realmente pudesse fazer alguma diferença para ela. E no entanto Fiske obviamente acreditava que sim.

Ficou ouvindo enquanto um outro jato sobrevoava e então o silêncio voltou. Um silêncio tão profundo que ela pôde ouvir

claramente a porta lateral do chalé se abrir. Ela se levantou de um salto e correu até a escada.

— John? — Não houve resposta e, quando a luz do andar de baixo se apagou, um calafrio de medo percorreu sua espinha. Ela correu para dentro do quarto, fechou e trancou a porta. Estava com o peito ofegante, o pulso explodindo nos tímpanos, olhou em volta, desesperadamente procurando uma arma, porque não havia por onde fugir. A janela era pequena e, mesmo se conseguisse se contorcer e sair, o quarto ficava a dois andares do chão, com uma calçada de concreto logo abaixo — e fraturar as duas pernas não lhe parecia uma boa ideia.

Sua sensação de desespero se transformou em pânico quando os sons de passadas chegaram a seus ouvidos. Ela agora se amaldiçoou por não ter um telefone no quarto. Prendeu a respiração quando viu o trinco da porta girar lentamente, até que a tranca interrompeu o movimento, mas tanto a tranca como a porta eram muito antigas. Quando alguma coisa acertou a porta com uma pancada sólida, ela instintivamente saltou para trás, um pequeno grito escapando dos lábios. Sara vasculhou o quarto até que seu olhar se deteve na cama de quatro colunas. Correu até ela e agarrou um dos remates com formato de abacaxi de uma das colunas. Graças a Deus que acabara por nunca mandar colocar o dossel na cama. O remate era de madeira sólida e pesava no mínimo quatrocentos e cinquenta gramas.

Ela o segurou com uma mão levantada e se moveu depressa para junto da porta. A porta tremeu quando mais um golpe a acertou, a tranca se dobrando sob a força da pancada; as guarnições de madeira do umbral da porta começaram a se despedaçar. Depois daquele impacto ela estendeu a mão, silenciosamente destrancou a porta e recuou. Com a porta destrancada, o golpe seguinte lançou a porta e o homem atrás dela voando quarto adentro. O braço de Sara desceu rapidamente e o remate acertou em cheio. Ela saiu correndo

pela porta e pelo corredor. O homem que havia golpeado estava caído no chão segurando o ombro e gemendo.

Sara sabia que Rayfield e Tremaine estavam mortos. Portanto o sujeito que ela acabara de golpear era Dellasandro ou — ela estremeceu diante da simples ideia do homem estar dentro de sua casa — Warren McKenna. Ela desceu a escada voando, em dois saltos, agarrou as chaves do carro que estavam em cima da mesa e abriu a porta para sair em direção ao carro. Então Sara deixou escapar um grito de terror.

O segundo homem a encarou de volta, calma e friamente. Enquanto dava um passo adiante, Leo Dellasandro apontou a pistola diretamente para ela. O homem de negro veio correndo pela escada, segurando o ombro, a arma também apontada para ela. Dellasandro fechou a porta. Sara olhou para o homem atrás dela. Tinha de ser McKenna. Mas então sua expressão se modificou. Aquele homem não era nem de perto tão grande o bastante para ser o agente do FBI.

A máscara de esqui foi retirada e Richard Perkins lançou um olhar furioso para ela. Então ele sorriu diante do evidente espanto de Sara e tirou alguns papéis da mochila.

— Deve ter deixado passar meu nome na lista de aquartelados de Fort Plessy, Sara. Que descuidada você é.

Ela o encarou furiosa.

— O oficial de justiça chefe da Suprema Corte e o chefe de polícia da Corte, cúmplices de um crime vil.

— Harms matou aquela menina, não eu — disse Dellasandro.

— Consegui convencer a si mesmo a acreditar nisto, Leo? Você a matou, não Rufus, exatamente como se suas mãos estivessem em volta do pescoço dela.

O rosto de Dellasandro se congestionou.

— Aquele filho-da-mãe. Se tivesse podido impor minha vontade, eu o teria enchido de chumbo em vez de uma porcaria de

uma droga qualquer. Ele era uma desgraça para o uniforme que vestia.

— Ele era disléxico — Sara gritou para ele. — Ele não cumpria as ordens porque não conseguia compreendê-las, seu idiota. Vocês destruíram a vida dele e daquela menina por nada.

Um sorriso cínico surgiu no rosto de Dellasandro.

— Não vejo as coisas dessa maneira. De jeito nenhum. Ele recebeu o que merecia.

— Como vai seu rosto, Leo? John realmente lhe acertou uma bela pancada. Ele sabe de tudo, é claro.

— Nós teremos apenas que ir visitá-lo também.

— Vocês, Vic Tremaine e Frank Rayfield?

— Está absolutamente certa — disse Dellasandro com um sorriso desdenhoso.

— Seus cupinchas estão mortos — o sorriso de Sara se alargou, enquanto o de Dellasandro desaparecia. — Eles emboscaram Rufus e o irmão dele, mas, exatamente como da última vez, não conseguiram acabar o serviço — ela acrescentou em tom provocador.

— Então espero ter a oportunidade de fazer isso por eles.

Sara o olhou de alto a baixo e finalmente sacudiu a cabeça enojada.

— Me diga uma coisa, Leo. Como foi que um verme como você conseguiu chegar a ser chefe de polícia de alguma coisa?

Ele deu um tabefe no rosto de Sara e teria batido nela de novo se Perkins não o tivesse impedido.

— Nós não temos tempo para essas bobagens, Leo. — Ele agarrou Sara pelo ombro. Foi então que o telefone tocou.

Perkins olhou para Dellasandro.

— Fiske? — Ele olhou de novo para Sara. — Fiske está com Harms, não está? Foi por isso que vocês tiveram que se separar, não foi? Sara virou o rosto enquanto o telefone tocava de novo. Perkins enfiou a pistola debaixo do queixo de Sara e seu dedo puxou o

gatilho. — Vou perguntar mais uma vez. O Fiske está com Rufus Harms? — Ele apertou a arma com mais força contra a pele dela. — Dentro de dois segundos sua cabeça vai desaparecer, eu juro por Deus. Responda!

— Está sim! Está, está com ele sim — ela respondeu com a voz estrangulada enquanto o metal fazia pressão contra sua garganta.

Ele a empurrou para o telefone.

— Atenda. Se for Fiske, marque um lugar para se encontrar com ele. Escolha alguma coisa aqui perto, mas um lugar sem movimento. Diga a ele que descobriu mais informações. Se disser qualquer coisa para avisá-lo, estará morta. — Ela hesitou. — Faça agora! Senão você morre! — Sara agora podia ver que Perkins, a despeito das boas maneiras e delicadeza, era, na verdade, o mais perigoso de seus captores. Ela lentamente pegou o fone. Perkins postou-se a seu lado, ouvindo, mantendo a arma apertada contra a têmpora de Sara. Ela respirou fundo para tentar se acalmar. — Alô?

— Sara — era Fiske.

— Estive tentando encontrar você por toda parte.

— Eu sei. Acabei de verificar minhas mensagens. Estou com Rufus.

Perkins apertou a arma contra a cabeça dela enquanto ouvia.

— Onde você está? — ela perguntou.

— Estamos no meio do caminho para Washington. Numa parada para descanso.

— Qual é seu plano?

— Creio que está na hora de procurarmos Chandler. Rufus e eu já conversamos sobre o assunto.

Perkins sacudiu a cabeça e apontou para o fone.

— Não acho que seja uma boa ideia, John.

— Por que não?

— Eu... eu descobri umas coisas que você precisa saber. Antes de procurar Chandler.

— O quê, por exemplo?

— Não posso contar pelo telefone. Pode estar grampeado.

— Ora vamos, duvido muito disso, Sara.

— Olhe, vamos fazer o seguinte, me dê o número do telefone onde você está e eu ligo de volta do carro. — Ela olhou para Perkins.

— Podemos combinar de nos encontrar em algum lugar. Depois poderemos ir procurar Chandler. O FBI tem o número da placa do carro em que você está. Vai ter de se livrar dele de qualquer maneira.

Ele deu o número a ela e Sara o escreveu num bloco ao lado do telefone e arrancou a folha.

— Tem certeza de que não pode me dizer por telefone?

— Falei com seu amigo no Comissariado das Forças Armadas disse Sara, murmurando uma prece silenciosa para o que iria dizer a seguir. Se Fiske reagisse da maneira errada, estaria morta. Ela tinha de confiar nele. — Darnell Jackson me contou tudo a respeito dos testes com o PCP.

Fiske se enrijeceu e olhou para Rufus, que estava sentado no carro na parada para descanso às escuras. Darnell Jackson. Ele respondeu rapidamente.

— Darnell nunca me decepcionou antes.

Sara deixou escapar um inaudível suspiro de alívio.

— Ligo de volta para você dentro de cinco minutos. — Ela desligou e olhou para os dois homens.

Perkins sorriu malevolamente.

— Bom trabalho, Sara. Agora vamos ver seus amigos.

DEPOIS QUE SARA LIGOU DE VOLTA COMBINANDO o lugar de encontro, Fiske deu mais um telefonema. A notícia não era boa. Não era nada boa. Então tornou a entrar no carro e olhou para Harms.

— Ele pegou Sara.

— Quem pegou Sara? — perguntou Harms.

— Seu velho companheiro. Dellasandro. Ele é o único que sobrou.

— De que você está falando, o único que sobrou?

— Rayfield e Tremaine estão mortos. Assim sendo, o único que resta é Dellasandro. Sara me deu uma dica, sem que ele percebesse...

— Fiske parou de falar e ficou olhando para Rufus, que o estava encarando curiosamente. Fiske falou hesitantemente. — Rufus, quantos homens estavam na prisão naquela noite?

— Cinco.

Fiske se jogou para trás encolhido no banco.

— Eu só sabia dos três de quem acabei de falar. Quem são os outros dois?

— Perkins. Dick Perkins.

Fiske teve a sensação de que ia vomitar.

— Richard Perkins é o oficial de justiça chefe da Suprema Corte.

— Eu não o vejo desde aquela noite e fico muito satisfeito por isso. Exceto pelo Tremaine, ele era o pior do grupo. Costumava vir e me bater com o maldito cassetete. Foi ele que me injetou o PCP.

— E o quinto homem?

— Eu não o conhecia. Nunca o tinha visto antes.

— Tudo bem. Eu acho que sei quem ele é. — Sara não lhe falara sobre ter descoberto o nome do homem na lista de pessoal de Fort Plessy, mas Fiske finalmente tinha chegado à conclusão sozinho. A imagem de Warren McKenna apareceu nitidamente em seus pensamentos. Era por isso que o agente do FBI queria forjar provas para culpá-lo a qualquer custo. Tudo fazia sentido. Fiske deu partida no carro.

— Para onde estamos indo?

— Sara acabou de ligar de volta. Ela... querem que nos encontremos com eles em um lugar perto da GW Parkway em Virgínia. Tentei falar com Chandler, mas ele tinha saído. Deixei um recado dizendo onde estaríamos. Espero apenas que ele o receba a tempo.

— E nós vamos para lá?

— Se não formos eles matam Sara. Se você quiser ficar fora, pode ficar.

Em resposta, Rufus puxou uma pistola do bolso e a entregou a Fiske.

— Você sabe usar uma coisa dessas?

Fiske aceitou a pistola, puxou o pente para trás e se certificou de que havia uma bala na agulha.

— Acho que sei me virar — disse.

∞

Era bem mais de meia-noite e agora a grande avenida ladeada por parques arborizados estava deserta. Em vários pontos havia áreas ajardinadas com espaços para piqueniques e praças onde, durante o dia, as famílias se reuniam para fazer churrascos e se divertir. Mas naquela hora, enquanto Fiske entrava com o carro na avenida, a área estava escura e isolada e, ele sabia, era mortal. Ele examinou as placas que indicavam as saídas, até encontrar a que

queria. No mesmo instante em que viu a placa, avistou o carro de Sara, parado no estacionamento vazio. Grandes árvores serviam de fundo para a área gramada para piqueniques. Além delas Fiske podia distinguir a escuridão mais profunda que era o rio Potomac.

Rufus estava agachado no banco de trás, os olhos no nível da parte inferior da janela. Seu olhar varreu a paisagem sombria.

— Tem alguém no carro. Mas não sei dizer se é homem ou mulher.

Fiske apertou os olhos e balançou a cabeça em sinal de confirmação. Ele havia arquitetado uma espécie de plano. Agora que tinham feito o reconhecimento do terreno, podiam colocá-lo em prática. Seguiu adiante até que passaram por uma curva na estrada que os levou para além da linha de visão do carro de Sara. Fiske freou e parou. A porta de trás do carro se abriu e Rufus rapidamente desapareceu em meio às árvores circundantes, seguindo, em meio ao bosque, na direção do estacionamento.

Fiske seguiu adiante, entrou no estacionamento e parou o carro a umas duas vagas de distância do carro de Sara. Olhou para o carro e ficou aliviado ao vê-la no banco do motorista. Ele sacou a arma e saltou do carro lentamente. Olhou por sobre a capota do carro.

— Sara?

Ela olhou para ele, balançou a cabeça e deu um sorriso tenso. O sorriso desapareceu quando o homem ao lado dela apareceu e encostou a arma apontada contra sua cabeça. Os dois saltaram do carro pelo lado do motorista. Dellasandro passou um braço em volta do pescoço de Sara, a mão livre mantendo a arma bem apertada contra a cabeça dela.

— Por aqui, Fiske — disse Dellasandro. Fiske fez o melhor que pôde para parecer chocado. — Onde está Harms? — perguntou Dellasandro.

Fiske fez um pouco de cena esfregando o queixo.

— Ele mudou de ideia na última hora. Não queria procurar a polícia. Me deu um soco e se mandou.

— E lhe deixou o carro? Não acredito. Trate de me dar a resposta que quero, senão sua namorada vai levar chumbo nos miolos.

— Estou lhe dizendo a verdade. Você sabe que ele esteve na prisão durante todos esses anos. Ele não levou o carro porque nem sequer sabe dirigir.

Dellasandro refletiu a respeito disso por um momento.

— Trate de vir para cá. Quero suas mãos levantadas, bem levantadas.

Fiske enfiou a pistola na parte de trás da cintura e levantou as mãos bem alto no ar. Foi andando devagar, dando a volta no carro, e se encaminhou na direção deles. Quando chegou perto, viu o feio hematoma no rosto de Sara.

— Você está bem, Sara?

Ela balançou a cabeça

— Desculpe-me, John.

— Certo, certo... olhe, cale a boca, está bem — disse Dellasandro.

— Exatamente onde Harms fugiu de você?

— Quando saímos da rodovia interestadual. Viemos pela Route One.

— Foi uma grande besteira dele fugir desse jeito. Não vai conseguir chegar muito longe.

— Bem, como costumam dizer, pode-se dar de beber a um cavalo, mas não se pode obrigá-lo...

— Por que não acredito em uma palavra do que você está dizendo?

— Talvez porque tenha sido um tamanho mentiroso sua vida inteira e imagine que todo mundo seja como você.

Dellasandro apontou a arma para a cabeça de Fiske.

— Vai ser tão divertido estourar seus miolos.

— É meio difícil se livrar de dois corpos.

Dellasandro lançou um olhar rápido para o rio.

— Não quando se tem o melhor da Mãe Natureza para dar uma ajuda.

— E você não acha que Chandler suspeitará de alguma coisa?

— Suspeitar de quê? Os policiais pensarão que você matou seu irmão pelo dinheiro do seguro. A garota aqui foi despedida hoje por sua causa e do idiota de seu irmão. Teve sua carreira inteira completamente arruinada. Vocês dois se encontram, as coisas ficam violentas. Talvez você apague a garota e então se mate. Talvez seja ao contrário. Quem se importa? Eles encontrarão o carro dela e, alguns dias ou semanas depois, encontrarão seu corpo boiando em algum lugar... ou o que restar dele, de qualquer maneira. Caso encerrado.

— Realmente é um bom plano. E uma vez que eu sei que não existe nenhuma possibilidade de você ter inventado isso sozinho, onde estão seus parceiros?

— De que você está falando?

— Dos outros dois sujeitos que estavam na prisão naquela noite.

— Perkins é um deles — disse Sara apressadamente. — Ele está aqui também.

— Cale a boca! — berrou Dellasandro.

— Na verdade eu já sabia desse. E creio que posso adivinhar quem seja o outro.

— Vá apresentar sua teoria para os peixes. Vamos andando. — Todos eles começaram a caminhar em direção à margem do rio.

Fiske lançou um olhar rápido para trás, para Dellasandro.

— Nem pense nisso, Fiske. Eu poderia detonar você a uma distância de quarenta e cinco metros, de meio metro então... E se seu plano é que aquele brutamontes estúpido venha me atacar de

surpresa, saindo do meio das árvores, bem, então trate de fazer sinal para que ele apareça logo.

Uma vez que aquele era o plano deles, o coração de Fiske se contraiu. Então uma bala acertou a terra ao lado da perna de Dellasandro. Ele gritou e afastou a pistola da cabeça de Sara.

Fiske bateu nele, com violência, na barriga, fazendo com que se dobrasse para a frente e então acertou-lhe a cabeça com o punho cerrado. Antes que Dellasandro pudesse se recuperar, Rufus explodiu, saindo de trás de uma árvore e o acertou com a força de um tanque em fuga. O homem saiu voando pela margem abaixo e foi lançado na água pelo impacto. Fiske sacou sua arma, Rufus estava pronto para ir atrás de Dellasandro quando mais tiros passaram zunindo por eles e todo mundo se atirou no chão.

Fiske tinha passado um dos braços sobre Sara para protegê-la.

— Está vendo alguma coisa, Rufus?

— Estou, mas você não vai gostar disso. Acho que esses tiros vieram de dois lugares diferentes.

— Que maravilha, os dois cúmplices dele estão aqui. Merda! Ele cerrou a mão em volta da pistola. — Olhe, Rufus, o plano é o seguinte. Vamos disparar dois tiros cada um e atrair o fogo deles de volta, para que possamos ver de onde os clarões dos canos das armas estão vindo. Então eu dou cobertura a você e você pega a Sara e trata de dar o fora daqui. Corra para o carro dela e vá embora. — Antes que Sara pudesse dizer qualquer coisa, ele acrescentou: — Alguém tem de sair e chamar o Chandler.

Rufus disse:

— Eu posso ficar por aqui. Devo muito mais a estes canalhas do que você.

— Acho que você já tomou a linha de frente e tocou a bola tempo suficiente. — Fiske apontou a arma. — Você atira para a esquerda e fica de olho no lado esquerdo, um, dois, três e já! — Sara

cobriu as orelhas enquanto os tiros eram disparados. Poucos segundos depois o fogo deles recebeu retorno.

Fiske e Rufus rapidamente analisaram os clarões das bocas das armas.

Fiske disse:

— Um deles está apontando e atirando a esmo. Talvez nós o tenhamos acertado. OK, vou atirar nas duas direções. Mantenha a arma apontada, mas não atire. Vou me mover para a direita, cerca de uns nove metros. Vou atrair o fogo em minha direção. Me dê o tempo de contar até vinte e então, quando ouvir a primeira descarga de tiros, corra, tire o time.

Fiske começou a se afastar, mas Sara agarrou a mão dele, não querendo deixá-lo ir.

Fiske queria dizer alguma coisa confiante, até impertinente para mostrar que não estava com medo. Mas estava.

— Eu sei o que estou fazendo, Sara. E creio que cinquenta anos de vida é melhor que nada.

Ela ficou olhando fixo para ele, enquanto Fiske se afastava, se arrastando no chão, convencida de que aquela seria a última vez em que o veria vivo.

Um minuto depois os tiros começaram. Rufus meio que carregou Sara, enquanto corriam para o carro. Conseguiram chegar lá e Rufus abriu a porta e empurrou Sara para dentro antes de entrar.

Fiske foi se movendo lentamente, em meio aos arbustos e plantas rasteiras, envolvido pelo cheiro de metal quente e pólvora queimada. Seu ânimo havia desaparecido, não restando nada. Ele tinha contado seus disparos cuidadosamente, mas, sem que soubesse, o pente de sua arma não estivera cheio para começar; não tinha mais munição. Quando ouviu o carro acelerar, esboçou o esgar de um sorriso. Com os pensamentos distraídos, por um momento, os ouvidos ainda zumbindo com o ruído dos tiros que havia disparado, não ouviu o som às suas costas até que fosse tarde demais.

Dellasandro, pingando com a água imunda do rio, estava apontando a arma para ele. Fiske não conseguia falar, sua boca estava seca demais. Também não conseguia respirar, como se seus pulmões tivessem avaliado a situação e decidido parar de funcionar alguns segundos antes que a bala os obrigasse a fazê-lo definitivamente. Já tinha dois buracos de bala, o terceiro acabaria o serviço. Darnell Jackson estivera encarando a arma de Fiske, numa situação de desequilíbrio, depois de matar o parceiro de Fiske; Dellasandro não teria problemas daquele tipo. Fiske olhou na direção do rio. Uma semana passada naquela água e nem mesmo seu pai seria capaz de identificá-lo. Olhou de volta para Leo Dellasandro: sua última imagem antes de morrer.

Quando o tiro veio, Fiske observou em silêncio, atordoado, enquanto Dellasandro era lançado para a frente e caía, imóvel.

Fiske levantou o olhar. O que viu o fez desejar que Dellasandro tivesse sido capaz de disparar sua última descarga de tiros. McKenna estava ali, de pé, olhando para ele no chão. Fiske conseguiu apenas sacudir a cabeça. Por que não podia ter sido Chandler? Por que ele não podia ter tido um maldito pinga de sorte pelo menos daquela vez? E então ele viu a pistola de Dellasandro onde havia caído muito perto dele.

— Não tente, Fiske — disse McKenna asperamente.

— Seu filho-da-puta!

— Na verdade, pensei que iria querer me agradecer.

— Por quê? Por ter matado seu cúmplice antes de me matar?

— Em resposta, McKenna puxou uma outra pistola do bolso.

— Aqui está sua pistola. Por acaso a encontrei.

— Certo. De alguma maneira, algum dia, você vai ter o que merece.

McKenna lançou um olhar rápido para Dellasandro.

— Na verdade, de certa forma, acabei de receber.

As ações seguintes do homem deixaram Fiske absolutamente estarrecido.

McKenna girou a arma e a entregou, com o punho virado para Fiske.

— Agora, por favor, trate de não atirar em mim. — Ele estendeu a mão e ajudou Fiske a se levantar. — Chandler está a caminho. Consegui apanhá-lo na casa de Evans. Cheguei lá no exato momento em que Perkins e Dellasandro estavam saindo com Sara. Imaginei que estivessem tentando usá-la para atrair você. Eu os segui como seu parceiro extraoficial. Um pouco melhor do que o último que você teve. Eu nunca baixo a guarda.

Fiske apenas o encarou, sem conseguir falar.

— Perkins fugiu. Ele era o outro sujeito atirando. Tentei acertá-lo, mas estava longe demais. Também disparei o tiro que distraiu Leo. Imaginei que Rufus estivesse por aqui, em algum lugar.

— Pensei que você fosse um dos homens na prisão naquela noite — disse Fiske.

— E era.

— Então o que está fazendo? Procurando limpar a consciência? Se está, é o único dos cinco a fazer isso.

— Eu não era um dos cinco.

— Mas acabou de dizer que estava na prisão naquela noite.

— Havia seis homens lá, naquela noite, além de Rufus. Fiske ficou perplexo.

— Eu não compreendo.

— Eu era a sentinela de plantão naquela noite, John. Levei vinte e cinco anos para descobrir o que tinha acontecido, mas não poderia tê-lo feito sem você e Sara. Creio que o detalhe do uso do PCP só me ocorreu, logo depois de ter ocorrido a você, em seu escritório. Eu nunca, nem sequer tive conhecimento da existência da droga em Forte Plessy, embora imagine que não fosse algo que eles quisessem anunciar ao mundo.

— De qualquer forma, se mais alguém sabia ou não, não creio que ninguém, naquela época, se importasse com o que fosse acontecer com Rufus Harms.

— Na verdade, eu me importava. — McKenna baixou os olhos. Mas eu, simplesmente, não tive os colhões para fazer alguma coisa a respeito do assunto até que fosse tarde demais. Eu poderia ter impedido que toda essa maldita história acontecesse. — O corpo dele pareceu se vergar por um segundo, enquanto seus pensamentos voltavam ao passado. — Mas não impedi.

Fiske estudou o homem por um momento, ainda estonteado com aquelas últimas revelações.

— Bem, você está fazendo alguma coisa agora.

— Com vinte e cinco anos de atraso.

— Rufus vai ser libertado, não vai? Isto é tudo o que interessa a ele.

McKenna levantou o olhar.

— Rufus está livre agora, John. Ninguém, jamais, o porá de volta na prisão. Mesmo se tentarem, eles terão de passar por mim antes. E creia-me, não vão conseguir.

Fiske olhou na direção da estrada.

— E o que você me diz do Perkins?

McKenna sorriu.

— Sei exatamente para onde o Perkins está indo. Nós podemos ligar para Sara no carro e avisá-la. Assim que Chandler chegar aqui, vamos para lá.

— Vamos? Vamos para onde?

— Perkins está indo ver a quinta pessoa que estava na prisão naquela noite.

— Quem? Quem era?

— Você vai descobrir. Logo vai saber de tudo.

60

QUANDO A MULHER ABRIU A PORTA, Richard Perkins entrou, empurrando-a.

— Onde está ele?

— No estúdio.

Perkins seguiu às carreiras pelo corredor e abriu a porta violentamente. O homem alto retribuiu seu olhar com uma expressão calma nos olhos.

Perkins fechou a porta.

— Foi tudo para o inferno e eu vou dar o fora daqui.

Jordan Knight se recostou na cadeira e sacudiu a cabeça.

— Se você fugir, eles vão saber que é culpado.

— Eles agora já sabem que sou culpado. Eu sequestrei Sara Evans. Leo provavelmente está morto agora.

— Você a seguiu desde que ela deixou a Suprema Corte hoje. Eu esperava, quando contatei você, que tudo tivesse sido resolvido. Mas ainda é apenas a palavra dela contra a sua.

— Por que ela iria inventar uma coisa como essa?

Jordan esfregou o queixo.

— Pense a respeito disso. Ela foi demitida hoje. Você a acompanhou até a porta. Ela faz acusações infundadas contra você; talvez você possa inventar algumas outras para reforçar sua posição.

— Rufus Harms ainda está lá fora, solto. Eu o vi.

O rosto de Jordan se enfureceu.

— Ah, o famoso Sr. Harms.

— Ele matou Frank e Vic.

— Então são menos duas pessoas com quem nos preocupar.

— Isto é de um sangue-frio terrível de sua parte. Foi você quem disse a eles para matarem Michael Fiske. Você começou tudo

isso.

Jordan ficou pensativo.

— Ainda não sei como Rufus Harms conseguiu me identificar naquele apelo. Ele conhecia todos vocês. Eu nem sequer estava no Exército.

— Ele não identificou você.

Knight pareceu ficar chocado; então houve um brilho de esperança em seus olhos. Perkins explicou:

— Eu falei com Tremaine. Rayfield mentiu para você. Você não foi citado pelo nome no recurso. Só nós quatro fomos.

— Então eu sou o único desconhecido. — Jordan se levantou e olhou para Perkins. Deus, aquilo significava que ele ainda tinha uma saída. Mais uma coisa apenas, somente mais uma pessoa de quem deveria cuidar e aquele pesadelo estaria encerrado. Ele quase tremeu diante do pensamento.

— Quem sabe por quanto tempo? Meu Deus, tudo isso por quê? Nós injetamos uma superdose de PCP no brutamontes e é nisso que tudo se resume.

— Na verdade, você injetou nele, Richard.

— Não me venha com essa conversa de todo-poderoso agora. Foi ideia sua usar o PCP, Senhor CIA.

— Bem, naturalmente... eu estava lá realizando os testes. E ouvindo todos vocês reclamando de Harms. Estava apenas tentando fazer um favor a vocês. — Ele olhou atentamente para Perkins, com uma calma irritante. — Eu agora sou radicalmente antidrogas, é claro.

— Fazendo campanha até o fim? Que tal ser antiassassinato? Como se sente com relação a isso, senador?

— Eu nunca matei ninguém.

— Que dizer daquela garotinha, Jordan? O que tem a dizer a respeito dela?

— Rufus Harms se confessou culpado daquele crime. No que me diz respeito, isto não mudou.

— Bem, muito brevemente mudará se não fizermos alguma coisa.

— Você tem certeza de que quer fugir?

— Não vou ficar esperando que caia o cadafalso.

— Imagino que vá precisar de dinheiro.

Perkins balançou a cabeça.

— Eu não tenho um belo arranjo de aposentadoria como o que nós preparamos para Vic e Frank. Tenho o mau hábito de viver acima de minhas posses.

Jordan tirou uma chave do bolso e destrancou a gaveta da escrivaninha.

— Tenho algum dinheiro aqui. O resto vai ter de ser em cheque. Posso lhe dar cinquenta mil, para começar.

— Parece bom, para começar.

Jordan se virou e apontou uma pistola para Perkins.

— Que diabo está fazendo, Jordan?

— Você irrompe em minha casa de repente, claramente fora de si, falando desses crimes absurdos que cometeu, inclusive o sequestro de Sara Evans, não sei com que propósito. Você me ameaça. Eu consigo pegar minha arma e mato você.

— Você está maluco. Ninguém vai acreditar nisso.

— Ah, vão acreditar, Richard. — Jordan apertou o gatilho e Perkins caiu no chão. Ele ouviu um grito vindo do corredor. Foi depressa para junto do corpo, revistou Perkins rapidamente, encontrou a arma dele, colocou-a na mão do homem morto e disparou um tiro na parede. — Está tudo bem — gritou, levantando-se do chão e baixando a arma. — Eu estou bem. — Ele abriu a porta e gelou ao dar de cara com Rufus Harms, que o encarava. Atrás de Rufus estavam Chandler, McKenna, Fiske e Sara.

Jordan finalmente se obrigou a tirar os olhos de Rufus e olhou para Chandler.

— Richard Perkins apareceu aqui de supetão, fazendo acusações insensatas. Ele estava armado. Felizmente tive melhor pontaria.

McKenna deu um passo adiante.

— Senador, o senhor não se lembra de mim, não é? Quero dizer, de antes do FBI? — Jordan ficou olhando fixo para ele, sem qualquer sinal de reconhecimento. McKenna chegou mais perto do homem. Perkins e Dellasandro também não se lembravam de mim. Foi há muito tempo e todos nós mudamos muito. Além disso, todo mundo estava bastante bêbado naquela noite. Todo mundo exceto o senhor.

— Não tenho ideia de que está falando.

— Eu era a sentinela de plantão, na noite em que o senhor e seus amigos vieram fazer uma visita a Rufus, em Fort Plessy. Foi a primeira e a última vez em que estive de serviço como sentinela na prisão. Provavelmente o motivo por que ninguém se lembrou de mim.

Jordan Knight se contraiu.

— Por acaso devo saber a respeito de que está falando?

— Eu permiti que o senhor entrasse para ver Rufus porque era um soldado novato assustado e tinha um capitão me ordenando que o fizesse. E então Rufus saiu como um foguete de sua cela, me derrubou e mudou a vida de todo mundo para sempre. Durante vinte e cinco malditos anos fiquei me perguntando o que realmente havia acontecido lá dentro. Eu me mantive calado a respeito de todos vocês porque estava com medo. Rayfield era o mais graduado. Ele acertou as coisas para que eu não tivesse problemas, mas deixou claro que seria melhor eu manter a boca fechada a respeito do fato de todos vocês terem estado lá. E, de qualquer maneira, eu nunca soube o que havia acontecido. E, quando finalmente reuni coragem

para dizer alguma coisa, estava tudo acabado, Rufus estava na prisão. Vivi com esta culpa durante todos esses anos. Mas o que passei foi pouco. — McKenna olhou para Rufus. — Desculpe-me, Rufus. Eu fui fraco, um covarde. Provavelmente não faz nenhuma diferença para você, mas não se passou um dia, desde então, em que eu não odiasse a mim mesmo pelo que fiz.

Jordan pigarreou.

— Muito tocante, agente McKenna. Contudo, se pensa que me viu na prisão naquela noite, está enganado.

— Os registros dos arquivos da CIA mostrarão que estava em Fort Plessy realizando testes com PCP em soldados aquartelados lá — contrapôs McKenna.

— Se puder obter esses registros, apresente-os. Mas mesmo que eu estivesse lá, e daí? Eu trabalhava para o serviço secreto naquela época. Isto não é segredo. O público tem conhecimento disso.

— Eu me pergunto se seus eleitores não ficariam incomodados com o fato de que estava administrando PCP a soldados — disse Chandler furioso.

— Mesmo que eu o tivesse feito, e não estou admitindo coisa nenhuma, o programa era perfeitamente honesto e legal, como minha esposa certamente lhe dirá.

— E. U.A. versus Stanley? — perguntou Sara com amargura.

O olhar de Jordan continuou cravado em McKenna.

— É uma grande coincidência que afirme ter estado na prisão e que agora esteja envolvido neste caso — comentou.

— Não foi nenhuma coincidência — foi a resposta surpreendente de McKenna. — Depois que saí do Exército, terminei a faculdade e então entrei para a academia do FBI. Mas me mantive informado a respeito do senhor e dos outros. A culpa é uma motivação muito forte. Rayfield e Tremaine foram sendo transferidos de posto em posto junto com Rufus. Isto eu achei

suspeito, mas não conclusivo. Perkins e Dellasandro foram se mudando junto com o senhor. Eles tinham empregos em seus vários negócios. Pedi para ser transferido para o escritório de Operações de Campo de Richmond, para que pudesse ficar perto do senhor. Quando foi para Washington, o senhor conseguiu empregos para Dellasandro e Perkins no Senado. Sendo assim, me transferi para Washington. Quando o senhor conseguiu um assento no Comitê Judiciário do Senado, alguns anos atrás, o senhor conseguiu para eles os postos na Suprema Corte. Realmente muito gentil de sua parte. Devia ser parte da recompensa, do acordo que todos vocês fizeram. Rayfield e Tremaine ficaram de babá cuidando de Rufus. Você cuidou de Perkins e de Leo. Aposto que se nós verificarmos suas contas, descobriremos alguns belos fundos para aposentadoria em algum lugar. Quando tomei conhecimento do assassinato de Michael Fiske, corri para pegar a investigação porque era na Corte. Quando descobri que Rufus de alguma maneira tinha ligação com o caso, rezei para que todos esses anos seguindo vocês fossem ter algum resultado. Agora a verdade finalmente veio à tona.

— Uma especulação absurda é o que está querendo dizer — argumentou Jordan Knight. — De acordo com suas próprias palavras, é óbvio que tem alguma vingança insana armada contra mim. Acho ultrajante que tenha vindo à minha casa, fazendo todas essas acusações, especialmente depois de um homem ter tentado me assassinar, forçando-me a matá-lo. E, exceto pelo detetive Chandler, que tem de investigar este ato de evidente legítima defesa, quero que o resto de vocês trate de sair imediatamente de minha casa.

McKenna puxou um telefone celular do bolso, falou nele e ouviu a resposta.

— Estou lhe dando voz de prisão, senador Jordan. Tenho certeza de que o detetive Chandler fará o mesmo.

— Trate de dar o fora daqui. Agora!

— Agora vou ler os seus direitos.

— Vou mandar você para o equivalente do FBI da Sibéria, antes do amanhecer. Você não tem prova de nada.

— Na verdade, estou baseando minha prisão em suas próprias palavras. — Enquanto todo mundo observava, McKenna se ajoelhou debaixo da fechadura da escrivaninha, procurou um momento e puxou um aparelho de escuta. — Suas declarações foram ouvidas alta e claramente no caminhão de vigilância estacionado lá fora. — Ele olhou para Fiske. — Knight foi quem deu a ordem para que Rayfield matasse seu irmão.

Jordan estava furioso.

— Isto é completamente ilegal. Não existe um juiz nesta cidade que teria lhe dado uma autorização para isso. Eu não vou para a prisão, você vai.

— Nós não precisamos de uma autorização. Tínhamos consentimento.

— Porra nenhuma! — rugiu Jordan. Ele parecia estar prestes a agredir o agente. — Exijo que me entregue essas fitas imediatamente. Você é um imbecil, se pensa que alguém vai acreditar que eu dei tal consentimento.

— Você não deu, Jordan. Eu dei.

O sangue desapareceu do rosto de Jordan, quando sua esposa entrou no aposento. Ela nem olhou para o corpo de Perkins. Seu olhar permaneceu fixo em seu marido.

— Você?

— Eu também moro aqui, Jordan. Eu dei o consentimento.

— Pelo amor de Deus, por quê?

Elizabeth enfrentou o olhar dele por um momento, então tocou na manga de Rufus Harms.

— Este homem é o porquê, Jordan. Este homem é o único motivo forte o bastante para me levar a fazer o que fiz.

— Por ele? É o assassino de uma criança.

— Não adianta Jordan. Eu sei qual é a verdade. E maldito seja você pelo que fez.

— Que foi que fiz? Tudo o que sempre fiz foi servir a meu país.

— Ele apontou um dedo para Rufus. — Este homem nunca fez merda nenhuma para ninguém. O canalha merece morrer.

Movendo-se mais rapidamente do que seu corpanzil pareceria ter podido permitir, Rufus agarrou Jordan, suas mãos enormes em volta do pescoço do senador, enquanto o empurrava violentamente contra a parede.

— Maldito seja! — gritou Rufus. Suas mãos se apertaram e Jordan começou a ficar vermelho.

McKenna e Chandler apontaram suas armas, mas não conseguiram se obrigar a atirar. Eles pareciam impotentes. Agarraram Rufus, mas era como tentar puxar uma montanha.

— Jordan! — Elizabeth gritou.

— Rufus, pare! — gritou Sara. Jordan estava quase inconsciente. Fiske deu um passo adiante.

— Rufus, Rufus? — Fiske tomou fôlego rapidamente e então disse com simplicidade. — Josh não resistiu. — Rufus imediatamente afrouxou o aperto na garganta de Jordan e encarou Fiske. — Ele está morto, Rufus. Nós dois perdemos nossos irmãos. — Fiske tremia visivelmente e Sara pôs a mão sobre o ombro dele. — Se você o matar, voltará para a prisão e Josh terá morrido inutilmente. — Rufus afrouxou o aperto enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. — Você não pode fazer isso, Rufus. — Fiske deu mais um passo, não muito firme, para a frente. — Você não pode.

Enquanto os dois homens consternados olharam um para o outro, Rufus simplesmente deixou cair as mãos e, arquejante, Jordan Knight desabou no chão acarpetado.

Jordan não olhou para a esposa, enquanto era levado algemado por McKenna. Uma hora depois a equipe de medicina legal já havia completado seu trabalho e o corpo de Perkins foi removido. Chandler, Rufus, Sara e Fiske ficaram lá. Elizabeth Knight estava em seu quarto.

— Então, em que medida tinha conhecimento da verdade, Buford? — perguntou Fiske.

— Eu conhecia parte dos fatos. McKenna e eu tivemos conversas. No início, eu creio que ele realmente acreditasse que você estivesse envolvido, ou que, no mínimo, sinceramente não gostasse de você. — Chandler sorriu. — Mas depois que ele soube que Rufus estava de alguma forma ligado ao caso, a opinião dele mudou. Contudo, não gostei da ideia de ele incriminar você falsamente para levar a culpa. E ele apertou os botões para que Sara fosse demitida.

— Por quê? — perguntou Sara.

— Vocês dois estavam chegando perto da verdade. Isto significava que ambos estavam em perigo. McKenna sabia que as pessoas envolvidas eram capazes de muita coisa. Mas não tinha nenhuma prova. Ele tinha de fazer com que eles acreditassem que vocês dois eram os principais suspeitos. E toda vez que estávamos com Perkins e Dellasandro, McKenna deixava claro que achava que a apelação de Rufus era uma invencionice e que John era o assassino. Ele pegou sua arma e se certificou de que Perkins e Dellasandro soubessem que havia desaparecido. Esperava que isto fizesse com que se sentissem seguros e que pudessem cometer um deslize. Também tinha a intenção de manter vocês dois em segurança.

— Não creio que tenha conseguido esta última parte — disse Sara com um calafrio.

— Bem, ele também não contava que você despistasse a equipe de vigilância que a seguia. Depois que McKenna conseguiu que a juíza Knight concordasse com o aparelho de escuta, precisava apenas

montar a armadilha. McKenna já tinha dito à juíza Knight que conhecia o marido dela de Fort Plessy, de maneira que, quando o senador disse a ela que tinha de telefonar para obter esta informação, a juíza sabia que estava mentindo.

— Portanto o raciocínio rápido da juíza Knight provavelmente salvou minha vida — comentou Sara.

Chandler balançou a cabeça concordando.

— Quando tudo foi por água abaixo, McKenna sabia que Perkins iria tentar fugir e que precisaria da ajuda de Jordan. Isso funcionou direitinho. Embora Jordan matar Perkins não fizesse parte do plano. Mas não vou perder o sono por causa disso. — Chandler lançou um olhar para Rufus Harms. — Eu preciso pôr você sob custódia, mas não vai ser por muito tempo.

— Quero ver o meu irmão.

— Eu posso acertar isso — afirmou Chandler.

— Vou com você, Rufus — disse Fiske.

Quando eles se encaminhavam para a porta, Elizabeth Knight veio encontrá-los no vestíbulo.

— Juíza Knight, a senhora praticou um ato de grande coragem esta noite. Eu sei o quanto deve ter sido doloroso — disse Chandler.

Elizabeth estendeu a mão para Rufus Harms.

— É impossível que isto valha alguma coisa para o senhor, depois de tudo o que sofreu, Sr. Harms, mas quero lhe dizer que lamento muitíssimo por tudo. Realmente lamento muito, muito mesmo.

Ele tomou a mão dela com gentileza.

— Vale muito, senhora. Para mim e para meu irmão.

Quando se dirigiam para a porta Elizabeth Knight olhou para todos eles e disse com determinação.

— Adeus.

O grupo seguiu para o elevador. Quando os três homens entraram, Sara hesitou.

— Eu me encontro com vocês mais tarde — disse. Enquanto as portas do elevador se fechavam, ela correu de volta para o apartamento. Mary abriu a porta.

— Onde está ajuíza Knight?

— Ela foi para o quarto. Por quê?

Sara passou por ela voando e irrompeu no quarto. Sentada na cama, Elizabeth Knight levantou a cabeça para olhar para sua antiga assistente. A mão da juíza estava cerrada num punho; um vidro de remédio estava vazio a seu lado.

Sara foi andando devagar até junto dela, sentou-se e segurou sua mão. Ela abriu a mão da juíza e as pílulas caíram.

— Elizabeth, esta não é a maneira lidar com isso.

— Lidar com isso? — disse Elizabeth histericamente. — Minha vida acabou de sair por aquela porta e de algemas.

— Jordan Knight acabou de sair por aquela porta. A juíza Elizabeth Knight está sentada bem aqui, ao meu lado. A mesma juíza Knight que estará presidindo a Suprema Corte, na virada do século.

— Sara... — As lágrimas escorreram pelo rosto dela.

— É um cargo vitalício. E ainda tem muita vida pela frente para viver. — Sara apertou a mão dela. — Gostaria de ajudá-la em seu trabalho, seu trabalho tão importante. Se me aceitar de volta.

Sara pôs os braços em volta dos ombros trêmulos da mulher.

— Não sei se posso fazer isso... sobreviver a isto.

— Tenho certeza de que pode. E não estará fazendo isso sozinha. Eu prometo.

Elizabeth agarrou o ombro da mulher mais jovem.

— Você ficaria comigo esta noite, Sara?

— Ficarei o tempo que você quiser.

TENDO EM VISTA O FATO DE POSSUIR A SILVER STAR, a Purple Heart e a Distinguished Service Medal, as mais altas condecorações por bravura em combate, Josh Harms tinha o direito de ser enterrado com honras militares especiais — a mais alta homenagem que um soldado do Exército podia receber — no Cemitério Nacional de Arlington. Contudo, o representante do Exército que tinha vindo falar com Rufus a respeito das providências parecia determinado a dissuadi-lo disso.

— Ele foi baleado, salvou um bando de homens da subdivisão de seu regimento, ganhou, por merecimento, uma caixa cheia de medalhas — disse Rufus, examinando o uniforme do homem e a única fileira de metal colorido nele. — Muito mais do que você tem.

O homem torceu os lábios.

— A folha de serviço dele também não era a mais limpa do mundo. Tinha um problema sério com autoridade. Pelo que pude compreender, não gostava, nem respeitava uma única coisa na instituição que representava.

— Então acha que enterrá-lo por lá com todos aqueles generais e companhia seria desrespeitoso?

— O cemitério está ficando sem espaço. Creio que seria um gesto simpático reservar aqueles espaços para soldados que de fato se orgulhavam de vestir o uniforme, isto é tudo o que estou dizendo.

— Apesar do fato de ele ter o direito por merecimento e por serviços prestados? — perguntou Rufus.

— Não estou pondo isso em questão. Mas não posso acreditar, tampouco, que seu irmão fosse querer ser enterrado lá.

— Imagino que ele iria passar a eternidade inteira dizendo àqueles figurões mortos exatamente o que pensa a respeito deles.

— É mais ou menos isso — disse o homem secamente. — Quer dizer então que estamos de acordo? Você tomará as providências para que ele seja enterrado em outro lugar?

Rufus encarou o homem.

— Eu tomei minha decisão.

Assim, num dia frio e ensolarado de outubro, o sargento Joshua Harms, da reserva do Exército dos Estados Unidos, foi enterrado no Cemitério Nacional de Arlington. Visto a partir de um determinado ângulo, o terreno estava tão coberto de cruzeiros brancos que parecia que uma neve prematura havia caído. Enquanto a guarda de honra disparava a salva de tiros e o corneteiro dava os toques de cometa, o caixão simples foi baixado à sepultura. Rufus e um dos filhos de Josh receberam a bandeira, dobrada em três pontas, de um sombrio e respeitoso oficial do Exército, enquanto Fiske, Sara, McKenna e Chandler assistiam.

Mais tarde, enquanto Rufus rezava sobre o túmulo de seu irmão, ele pensou a respeito de todos os corpos enterrados ali, a maioria em nome da guerra. Havia tanto homens quanto mulheres que tinham ali seu último repouso; eles eram os peões sacrificados em conflito armado. Para aqueles que haviam seguido o curso de sua história através do Livro da Gênesis e mais além, como Rufus fizera, os corpos enterrados ali podiam atribuir a culpa de guerras ao homem chamado Caim e ao golpe mortal que ele desferiu contra seu irmão Abel.

Quando Rufus terminou sua prece, sua conversa com seu Deus e com seu irmão, ele se levantou e pôs um braço em volta do sobrinho que nunca tinha visto até aquele dia. Seu coração estava triste, mas seu espírito confortado. Ele sabia que o irmão tinha ido para um lugar melhor. E enquanto Rufus vivesse, Josh Harms nunca seria esquecido. E quando Rufus fosse se unir a seu Senhor, ele também, mais uma vez, abraçaria seu irmão.

DOIS DIAS DEPOIS, MICHAEL FISKE FOI ENTERRADO, em um cemitério particular, nos arredores de Richmond. O serviço fúnebre, muito concorrido, incluiu cada um dos juízes da Suprema Corte dos Estados Unidos. Ed Fiske, vestindo um terno antigo, o cabelo cuidadosamente penteado, ficou parado desajeitadamente ao lado do filho sobrevivente e recebeu as condolências de cada um dos juristas, bem como de muitos membros da elite política e social da Virgínia.

Harold Ramsey dedicou um minuto adicional a consolar o pai e então se virou para o filho.

— Agradeço muito por tudo o que você fez, John. E pelo sacrifício de seu irmão.

— O supremo sacrifício — Fiske respondeu em um tom pouco amigável.

Ramsey balançou a cabeça.

— Saiba que eu também respeito suas opiniões. Espero que, igualmente, possa respeitar as minhas.

Fiske apertou a mão do homem.

— Creio que isto seja o que faz o mundo girar.

Olhar para Ramsey fez com que Fiske pensasse no que o futuro reservava para Rufus. Fiske o havia encorajado a processar todo mundo em quem pudesse pensar, inclusive o Exército e Jordan Knight. Não havia prazo de prescrição para homicídio, e a operação de encobrimento orquestrada por Jordan e os outros havia violado numerosas outras leis.

Rufus, contudo, havia recusado o conselho de Fiske.

— Todos eles, com exceção de Knight, estão em um lugar muito pior do que qualquer juiz nesta terra os poderia mandar —

havia comentado. — Este é o verdadeiro castigo deles. E Knight terá de viver com o que fez. Isto é o suficiente para mim. Não tenho mais nenhuma razão para me meter com tribunais e juízes. Quero apenas viver como um homem livre e passar bastante tempo com os filhos de Josh. Ir visitar o túmulo de minha mãe. Isso é tudo.

Fiske havia tentado fazê-lo mudar de ideia, até que se deu conta de que o homem estava certo. Além disso, pensou Fiske, de acordo com os precedentes estabelecidos pela Suprema Corte, de qualquer maneira Rufus não podia acionar o Exército. Não, a menos que Elizabeth Knight pudesse usar o caso de Barbara Chance para dar aos militares os mesmos direitos básicos que o resto dos cidadãos do país tinham. Para fazer isso, ela precisava derrotar Ramsey. Enquanto pensava a respeito daquilo, contudo, Fiske concluiu que se alguém fosse capaz de fazê-lo, seria Elizabeth Knight. Ele gostaria de ser uma mosca na parede da Suprema Corte durante os anos vindouros.

Mas havia duas coisas que Fiske — com a assistência do advogado do Comissariado das Forças Armadas, Phil Jansen — ia conseguir para Rufus: uma dispensa do serviço militar com honras e pensão completa com todos os benefícios. Rufus Harms não teria de passar dificuldades para sobreviver, não depois de tudo pelo que já havia passado.

Enquanto Fiske concluía esse pensamento, Sara se aproximou com Elizabeth Knight. Sara tinha voltado para a Corte como assistente de Knight. O lugar lentamente estava voltando à normalidade. Ou tanta normalidade quanto poderia ter com Knight e Ramsey no mesmo prédio.

— Eu me sinto profundamente responsável por tudo isso — disse Knight.

Ela e o senador estavam se divorciando, Fiske sabia. O governo, e o Exército, em particular, queriam manter tudo aquilo em segredo. Influências importantes estavam sendo exercidas em

Washington. Isso significava que Jordan Knight poderia não ir para a cadeia por tudo que fizera. Mesmo com o consentimento de Elizabeth Knight, a legalidade da escuta eletrônica do homem já havia sido posta seriamente em questão pelos advogados muito ardilosos do senador. Em uma reunião privada com McKenna, o agente do FBI dissera a Fiske que a escuta eletrônica havia sido uma estratégia arriscada, uma vez que eles não tinham o consentimento de uma das partes sendo gravadas, mas fora a única maneira em que McKenna havia conseguido pensar para incriminar Jordan Knight. Mas sem a gravação, Chandler e McKenna realmente não tinham nada para apresentar em juízo. O pensamento de que Jordan escaparia impune fez com que Fiske tivesse vontade de visitar o homem tarde da noite com sua nove milímetros. Mas o homem havia sofrido e continuaria sofrendo. A gravação havia exercido alguma pressão. Jordan tinha renunciado a seu cargo no Senado e, mais devastadoramente, perdido a mulher que adorava. Contudo, ainda tinha seu rancho no Novo México. Que seja a sua prisão de dois mil e oitocentos hectares, pensou Fiske.

— Se algum dia houver alguma coisa que eu possa fazer por você... — disse Elizabeth Knight.

— Tem a mesma oferta de minha parte — disse Fiske.

Trinta minutos depois dos últimos acompanhantes do velório terem ido embora, Fiske, seu pai e Sara ficaram observando enquanto as cadeiras e o carpete verde eram retirados. O caixão foi baixado à sepultura e a laje colocada sobre a cripta funerária. Então a terra foi lançada com pás até cobri-la. Fiske falou com o pai e com Sara por poucos minutos, e disse-lhes que os encontraria na casa do pai. Ele os observou se afastando no carro. Quando olhou de volta para a corcova de terra fresca, ficou surpreso. Agora, os funcionários do cemitério já tinham ido embora, mas ajoelhado ao lado da nova sepultura, de olhos fechados, com a Bíblia apertada numa das mãos, estava Rufus Harms.

Fiske foi andando até junto dele e pôs a mão no ombro do homem.

— Rufus, você está bem? Eu nem sabia que ainda estava aqui.

Rufus não abriu os olhos, e não disse nada. Fiske observou enquanto os lábios dele se moviam ligeiramente. Finalmente Rufus abriu os olhos e levantou a cabeça para Fiske.

— Que estava fazendo?

— Rezando.

— Ah.

— E você?

— E eu, o quê?

— Já rezou sobre o túmulo de seu irmão?

— Rufus, eu não vou à missa desde meus tempos de colégio.

Rufus agarrou a manga da camisa de Fiske e o puxou para baixo ao lado dele.

— Então está na hora de começar de novo.

Com o rosto repentinamente pálido, Fiske olhou para o túmulo.

— Ora vamos, Rufus, isto não tem graça.

— Não há nada de engraçado em dizer adeus. Fale com seu irmão, e depois fale com o Senhor.

— Não me lembro de nenhuma oração.

— Então não reze. Apenas fale, palavras simples.

— O que exatamente devo dizer?

Rufus já havia fechado os olhos e não respondeu.

Fiske olhou em torno para ver se alguém estava observando. Então se virou de volta, olhou para Rufus, desajeitadamente juntou as mãos e então, constrangido, apenas as deixou cair ao lado do corpo. De início, nem sequer fechou os olhos, mas depois eles simplesmente pareceram fazê-lo por vontade própria. Ele sentiu a umidade do chão penetrar através das pernas das calças, mas não se

moveu. Sentia a presença confortadora de Rufus a seu lado. Não sabia se teria conseguido permanecer ali sem ela.

Ele se concentrou em tudo o que havia acontecido. Pensou em sua mãe e em seu pai. O dinheiro do seguro tinha proporcionado a Gladys Fiske sua primeira visita a um salão de beleza, em anos, e algumas roupas novas para vestir e admirar. Para ela, ele ainda era Mike, mas pelo menos ela se lembrava de um deles. Ed Fiske brevemente estaria dirigindo uma picape Ford nova, a hipoteca da casa já estava quitada. Ele e o pai estavam planejando fazer uma viagem de pescaria no ano seguinte, indo ao lago Ozarks. Havia muito o que agradecer.

Com um sorriso, Fiske pensou em Sara, agradecido, mesmo com todas as complexidades que vinham com a mulher. Cinquenta, sessenta, talvez setenta anos? Por que não dar a si mesmo o benefício da dúvida? Tinha uma vida a ser vivida. Potencialmente uma vida muito satisfatória. Especialmente quando incluía Sara. Então inclinou a cabeça para cima e cheirou o ar molhado, percebeu o aroma de folhas queimando em algum lugar. O ar também trouxe para ele o grito de uma criança pequena, seguido pelo silêncio dos mortos à sua volta. Ficando mais à vontade, ele se agachou sobre os calcanhares e se apoiou no chão, entregando-se mais firmemente ao abraço do solo, o toque frio da terra agora, de alguma forma, bem-vindo.

Finalmente, com dificuldade, pensou no irmão. Estava tão cansado dos ressentimentos passados. Naquele momento concentrou-se na realidade. Na verdade. Em seu irmão caçula, uma pessoa por quem teria feito qualquer coisa. Lembrou-se do orgulho que havia compartilhado com a mãe e o pai pelo ser humano excepcional que eles haviam criado juntos. Pelo bom homem que Mike Fiske crescera para ser, com seus pequenos defeitos e tudo mais, exatamente como todo mundo. Um irmão que havia demonstrado, por suas ações, que respeitava John Fiske, que gostava

dele. Que o amava. Através do metro e oitenta de terra, para além das coroas de flores no topo, dentro do caixão de bronze, ele podia ver claramente o rosto do irmão, o terno escuro com que havia sido enterrado, o cabelo repartido do lado, as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos fechados. Em repouso. Em paz. Os membros aquietados demasiadamente cedo. A mente excepcional emudecida muito longe de realizar seu potencial.

Não demorou muito para que os tremores comessem. O vazio de dois anos que John Fiske havia imposto artificialmente, à força, sobre os dois, não era nada, se comparado com o vazio que agora, repentinamente, se abatia sobre ele. Era como se Billy Hawkins tivesse acabado de entrar pela porta e dito a ele que Mike, a outra metade de sua vida durante a fase crescimento, estava morto. Só que ele não teria de identificar o corpo. Não teria de procurar e falsamente compartilhar a dor da perda com seu pai. Não teria de ficar olhando, enquanto sua mãe o chamava pelo nome de um outro. Não teria que arriscar a vida para descobrir os assassinos do irmão. Mas teria de fazer uma outra coisa. A única tarefa que restava a cumprir era a mais dura de todas.

Ele sentiu a ardência no peito, mas não era a área vulnerável de sua cicatriz fazendo-lhe uma visita. Esta dor não era capaz de matá-lo, mas era legiões de vezes pior do que a infligida a ele pelas duas balas. As coisas que havia descoberto sobre seu irmão ultimamente só ressaltavam o quanto Fiske havia sido injusto em mantê-lo a distância. Mas se tivesse tentado, Fiske teria se dado conta de todas aquelas coisas enquanto Mike ainda estava vivo. Agora seu irmão estava morto. John Fiske estava ajoelhado diante de seu túmulo. Mike não iria voltar. Ele o havia perdido. Ele tinha de dizer adeus e ele não queria fazê-lo. Desesperadamente, queria o irmão de volta. Tinha tanta coisa que queria fazer com ele, de repente, tanto amor que queria expressar. Sentiu que seu coração iria explodir se não pusesse aquilo para fora.

— Ah meu Deus — disse, deixando escapar o ar. Ele não podia fazer isso. Sentiu seu corpo começar a ceder independente de sua vontade. As lágrimas jorraram com tamanha força que pensou que o nariz estava sangrando. Ele começou a cair, mas uma mão forte o agarrou, com facilidade o levantou; o corpo de Fiske parecia leve, frágil, como se tivesse deixado uma parte de si em algum outro lugar. Através do borrão das lágrimas ele olhou para Rufus. O homem tinha uma das mãos sob o braço de Fiske, empurrando-o para cima. Contudo, seus olhos ainda estavam fechados, a cabeça virada para o céu; os lábios ainda subindo e descendo nas extensões mais estreitas, enquanto ele continuava suas orações.

Naquele momento John Fiske invejou Rufus Harms, um homem que havia perdido seu próprio irmão, um homem que, de fato, não tinha nada. E no entanto, da maneira que era mais importante, Rufus Harms era o homem mais rico da terra. Como podia alguém acreditar tanto assim em alguma coisa? Sem dúvidas, sem debate, com todo seu substancial coração?

Enquanto Fiske olhava para o rosto calmo do amigo a seu lado, pensou em como devia ser realmente belo saber, com certeza, que seu ente querido está em um lugar melhor, recebido e acolhido para sempre pelo fenômeno do bem inexpugnável. Uma noção tão confortadora no momento exato em que você precisava senti-la. Com que frequência essa oportunidade ocorria na vida? Ver a morte como alegria. Ver a morte como o começo. Significando que a vida era, ao mesmo tempo, mais e menos preciosa por causa disso.

Fiske desviou os olhos de Rufus e fixou o olhar no túmulo, a imagem da mão pálida sob um lençol branco voltando à sua mente, e então partindo, como um passarinho em busca de alimento. Ele enterrou os joelhos na terra, fechou os olhos, baixou a cabeça, juntou as mãos com firmeza e começou a fazer as pazes. Com seu irmão debaixo da terra. E com o que quer que existisse acima.

FIM

Este livro foi corrigido com a colaboração da Fabiana e revisado por Sueli.

epub ro--*